# ANNAES

DA

# BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

# RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO

DO DIRECTOR

**DR. MANOEL CICERO PEREGRINO DA SILVA**

BIBLIOTHECA NACIONAL
SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS
RIO DE JANEIRO

*Litterarum seu librorum negotium concludimus hominis esse vitam.*

(PHILOBIBLION. CAP. XVI).

1902

## VOLUME XXIV

SUMMARIO:

I.—Introducção . . . . . V
II.—Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco . . . . 1
III.—Relatorio do Director — 1901 . . . . . 357

RIO DE JANEIRO

Officina Typographica da Bibliotheca Nacional

1904

# ANNAES
DA
# BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
# RIO DE JANEIRO

# ANNAES

DA

# BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

# RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO

DO DIRECTOR

**DR. MANOEL CICERO PEREGRINO DA SILVA**

*Litterarum seu librorum negotium concludimus hominis esse vitam.*

(PHILOBIBLION. CAP. XVI)

BIBLIOTHECA NACIONAL
SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS
RIO DE JANEIRO

## 1902

## VOLUME XXIV

SUMMARIO:

I.—Introducção . . . . . V
II.—Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco . . . . 1
III.—Relatorio do Director—1901 . . . . . 357

RIO DE JANEIRO

Officina Typographica da Bibliotheca Nacional

1904

# INTRODUCÇÃO

BIBLIOTHECA NACIONAL
SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS
RIO DE JANEIRO

Constituem, quasi exclusivamente, o presente volume dos Annaes os quatro primeiros livros da obra inedita de D. Domingos do Loreto Couto, intitulada—Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco.

Tendo feito copiar o manuscripto existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, cumpria á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro dar publicidade a esse extenso repertorio de curiosas e interessantes informações, escripto sem pretenção ao apuro da forma, mas recommendavel aos estudiosos da historia patria pela grande copia de subsidios que fornece, historicos, biographicos e bibliographicos e pelo tom de sinceridade que o auctor imprime ao seu trabalho e com que desempenha o seu papel de chronista.

Os outros quatro livros, que completam a Parte Primeira, unica existente, serão insertos no proximo volume dos Annaes, seguindo-se uma noticia a respeito da obra, escripta pelo illustrado Professor Capistrano de Abreu, cuja competencia é de todos reconhecida.

Fecha o presente volume o relatorio dos trabalhos effectuados e do movimento occorrido na Bibliotheca durante o anno de 1901.

Apparelhado como está este estabelecimento com uma officina typographica, onde são pela primeira vez impressos os seus Annaes, é de crer que não mais se atrazará semelhante publicação, devendo sahir ainda no correr d'este anno os volumes correspondentes a 1903 e 1904.

Fevereiro de 1904.

M. C.

# DESAGRAVOS
# DO BRAZIL
E
# GLORIAS
DE
# PERNAMBUCO

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
2ª. SECÇÃO

Anais 24-25
II-32,35-36

BIBLIOTECA NACIONAL
SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS
RIO DE JANEIRO

# DESAGRAVOS

## DO BRAZIL

E

# GLORIAS DE PERNAMBUCO

## DISCURSOS

BRASILICOS, DOGMATICOS, BELICOS, APOLOGETICOS, MORAES E HISTORICOS

## REPARTIDOS

Em oito livros, nos quaes se descrevem, o descobrimento do Brazil, e conquistas das capitanias de Pernambuco, com varias noticias Historicas, e Geograficas do mesmo Paiz, memorias dos seus principaes habitadores, acçoiñs illustres de seus naturais, sem razão de varias Calumnias, nascidas de menos verdadeiras noticias, e outras couzas dignas de atenção

**TOMO I**

OFFERECIDO

**A Sempre Augusta, e Fidelissima Magestade, de El Rey**

D. JOZE I.

NOSSO SENHOR

POR MÃO

Do Exm.º Senhor Sebastião Joze de Carvalho e Mello, do Concelho de Sua Magestade, e seu Secretario de Estado de repartição dos Negocios do Reyno, e Merces; oriundo de Pernambuco

POR SEU AUTHOR

D. Domingos do Loreto Couto

**Presbytero Profeço da Ordem do Principe dos Patriarchas S. Bento, na congregação de Santa Maria de Crudacio, da Diocese vivarience, do Reino de França, natural do Recife de Pernambuco, e Visitador Geral que foi d'este Bispado**

SENHOR

A incomparavel clemencia, e piedade verdadeiramente Regia, de que Deus adornou o elevado espirito de Vossa Magestade, me animou a offerecer aos Reaes pes de Vossa Magestade este livro, que o Amor da minha Patria emprendeo, e ordenou o meu trabalho; sem outro fim mais, que mostrar ao Mundo, que em Pernambuco tem Vossa Magestade vassallos, de espiritos tão animosos, que não contentes com a gloria herdada de seos mayores (porque a querem a força de seos brios adquirida) souberão com a sua espada sojugar o furor dos inimigos; desterrar com a sua doutrina, as trevas da Gentilidade; e assombrar com a sua constancia, a crueldade dos Tiranos. E se a Vossa Magestade que nos governa, se devem attribuir os illustres progressos de seos vassallos, assim como ao sol que lhes preside devem os Astros todo o Ser de seu luzimento, tambem a Vossa Magestade se devem consagrar estas memorias, mas que por obsequio, por restituição. Se ao Principe que rege hum Imperio, pertence patrocinar-lhe a Historia, sirva-se Vossa Magestade de tomar a conta de sua Soberana protecção esta obra, que parece se faz digna da Real attenção de Vossa Magestade, por comprehender a sublimidade de tantos espiritos, que ennobrecerão a Patria com os nomes, dilatarão a Fama com as proezas, acreditarão a nação com as façanhas, e com igual decoro, illustrarão o Estado Ecclesiastico, Politico, e Militar. A Real Pessoa de Vossa Magestade goarde Deos por tantos annos, quantos são os vassallos, que em Pernambuco obedecem a Vossa Magestade, com promptissima obediencia, fidelissimo Amor, e exemplarissima lialdade.

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
2ª. SECÇÃO

D. DOMINGOS DO LORETO COUTTO.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

# Sebastião Jose de Carvalho e Mello

ILLUSTRISº

e

Exm̃ Senhor

O motivo que me persuadio a offerecer a ElRey Nosso Senhor este livro, por mão de Vossa Excelencia, foy julgar, que era facil absurdo por na presença de Sua Magestade, hũa obra, que posto que muito grande pela materia, era muito humilde por minha, sem primeiro procurar, que da benefica Sombra do Soberano asylo de Vossa Excellencia se dirivem as luzes, com que fiquem lustrosos os borrões com que saem da minha mão. A esta razão accompanha o alto interece, que aspiro para a minha Patria, qual he, que conheça todo o Mundo, que Vossa Excª he oriundo de Pernambuco. E se as causas para este atrevimento que tomey, são tão justas, espero seja recebido para o patrocinio com aquella afabilidade propria de hum sogeito, a quem Deus foy Servido enriquecer de tantas honorificas qualidades, e de prendas tão relevantes. Os raros talentos de Vossa Excª tão acreditados no Mundo, a todo Mundo persuadem hũa grande veneração a Pessoa de vossa Excª e a Pernambuco hũa gloria, e hũa grande confiança. E se como disse S. Ambrosio, quem da valor as couzas, e lhe poem o devido preço, he o affecto, este deve suppor em vossa Exçª hum livro que trata das heroicas acçoẽs de muitos parentes de Vossa Exçª. Aqui desejava eu dilatar-me em referir as proezas dos inclitos Avos maternos de Vossa Exçª, mas basta dizer que Vossa Exçª he neto dos senhores Jeronimo de

Albuquerque, Filipe Cavalcante, João Gomes de Mello, Dom Filipe e Dom Paulo de Moura Rolim, e Francisco de Mendonça Furtado, cujas esclarecidas calidades, e virtudes, são tão reconhecidas, que não sey haja quem as ignore. Destes tão exclarecidos, e augustissimos troncos recebeu V. Exçª, pela parte materna em Pernambuco o ser, empenhados os illustres Avos de V. Exçª. em tirarem successivamente a luz do Mundo hum luzido traslado, servindolhes como de ensayo *para obra tão alta, outros netos, Tios de V. Exç.ª, varoens certamente* emminentes, como testemunhão sem algum hyperbole os annaes da Fama, que no Militar, Politico, e Eclesiastico, occuparão sublimes empregos, e que com a felicidade de suas memoraveis façanhas, darião larga materia a dilatados volumes. Desta verdade podera duvidar somente aquelle, que não tiver noticia, de que muitos forão os Tios que pelo tronco materno teve V. Exç.ª naturaes de Pernambuco, que não só forão celebrados na America, mas na Europa, Asia, e Africa; pelos eminentes postos, e estados a que os sublimarão seus gloriosos merecimentos; e pelo generoso valor com que forão o terror dos inimigos, e a dessolação dos contrarios da Monarchia Portugueza. E se não digam os noticiosos em que volume cabem as heroicidades do senhor Jorge de Albuquerque Coelho, Primo da Senhora D. Catherina de Albuquerque, quinta Avo de V. Exc.ª, e Pay dos Exm.os senhores Mathias de Albuquerque, Conde de Alegrete, Governador de Pernambuco, e Bahia, General do Exercito do Alentejo; e de Duarte de Albuquerque, Governador destas Provincias, e Marquez de Basto; que, acompanhando a ElRey D. Sebastião na memoravel batalha de Alcacere-Quibir, a não ser tanta a fatalidade daquelle infausto dia ecclypsara com os rayos da sua Espada as luas de Mafoma; não sendo bastantes onze penetrantes feridas que recebeo, para a largar das mãos; nem poderoso, o horror da morte, e perigo em que estava a sua vida, para não dar mayor preço a de seo Principe, largandolhe o seo cavallo, para que nelle se salvase; ficando-se cahido no campo, entregue ao furor dos barbaros. Que escrito podera cabalmente referir as proezas do senhor Duarte de Albuquerque seo Irmão, que na mesma batalha assistindo a ElRey na primeira fileira, se deo por obrigado a desafiar o inimigo, alentando aos nossos, pondo-se deante dos soldados, para que a vista do seo sangue gloriozamente derramado o seguissem, e o seu generozo exemplo imitassem. Que Livro pode comprehender as façanhas do senhor Jeronimo de Albuquerque, Governador, e Capitão General do Maranhão Irmão da dita Senhora D. Catherina, Avo de V. Exç.ª, que com a bizarria das suas armas abateo o orgulho da nação Franceza, tirando por duas vezes do seu dominio aquelle grande Estado. Em que annaes cabem as façanhas do senhor Dom Francisco de Moura Ro-

lim, Governador Geral da Bahia, Irmão do senhor Dom Paulo de Moura Rolim, terceiro Avo de V. Exç.ª, sendo o primeiro, que nas campanhas da India, Flandes e Brasil se expunha intrepidamente aos mais arriscados conflictos, e a quem deveo a Bahia a sua restauração. Finalmente em que volume cabem as heroicas acçoens dos senhores Affonso de Albuquerque, Governador do Rio de Janeiro; Lourenço Cavalcante de Albuquerque Governador de Cabo Verde, Alexandre de Moura, Governador de Portalegre, Nuno de Mello e Albuquerque, General da Frota de Indias, e Marquez em Castella. Alvaro Fragoso de Albuquerque, Commissario Geral da Cavalaria, no Reyno. Pedro, e Antonio de Albuquerque, Governadores, e Capitaens Generaes do Maranhão. Antonio de Albuquerque Coelho, Governador, e Capitão General do mesmo Estado. Antonio, e Mathias de Albuquerque Governadores da Paraiba, todos muito conjunctos por parentesco com a senhora D. Maria de Mello, e Moura Avo de V. Exc.ª, cujas insignes, e illustres proezas se podem ter por fidelissimas testemunhas as quatro partes do Mundo, não podem caber em muitos volumes. Não bastando porem para producção tão maravilhoza arvore tão fecunda de heroes, se enxertou a que nacera em Pernambuco, na que existia em Portugal, para que tão bem fossem progenitores de tão admiravel fruto, os melhores Carvalhos, Ataydes, Coutinhos, Sás, Souzas, Azevedos e outros, que por seos Ascendentes pegão em conhecido grao com as primeiras nobrezas de Portugal. Aqui tambem se me offerecia largo campo para me estender largamente em referir as insignes acçoens de V. Exçª., mas nem sei o que calle, nem o que escreva, quando por todos os lados reconheço huâ tão crecida multidão de virtudes em V. Exc.ª, que pela menor merecia a primazia dos maiores cargos, e a honra dos mais illustres Titolos; e juntamente he razão o deixe para outras mais bem aparadas pennas, que com mais eloquente estylo as fação patentes. Queira a Magestade Divina, que neste Reyno sejão muy prolongados os annos de V. Exç.ª para que nelle se acrescentem as felecidades, e tenha Portugal um Menistro, que com solicito disvelo trate dos seus intereces, e augmentos. E eu minimo capellão de V. Exç.ª receba o favor que da sua benevolencia espero, que he patrocinar esta obra, parto do mais inculto engenho, para que da Soberana Magestade delRey Nosso Senhor consiga o agrado, que por ser minha não merece. Recife 26 de Março de 1757 annos

Excellentissimo Senhor

B. A. M. de V. Exc.ª

Seu mais humilde Capellão

D. Domingos do Loreto Coutto.

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO 2ª. SECÇÃO

# Prologo ao Leitor

Não compus esta obra com os olhos no lucro, nem com a pertenção de dar documentos, nem com esperança de applauzos, porq̃ o primeiro motivo seria vileza, o segundo orgulho, o terceiro vangloria; fui somente levado da justa magoa de ver o grande descuido, q̃ teve Pernambuco em perpetuar as virtudes de seus filhos, q̃ com ellas o illustraram; e que insensivelmente hia o tempo consumindo a noticia de tantos exclarecidos Heroes, por faltar quem se rezolvesse a escrevellas. Por esta razão, mais attento a gloria da Patria que a reputação do meu nome, pertendi romper o tenebrozo cahos, em q̃ estavão sepultadas tantas glorias illustres, para fazer patentes aquellas noticias, q̃ o Mundo ignorava. Acrescentando-se ao motivo referido outro mayor estimolo, q̃ foi avaliar como obrigação preciza, refutar alguns erros, e calumnias, com q̃ alguns Autores, que tem escrito do Brazil, mancharão a opinião dos nossos Indios, e de alguãs pessoas benemeritas, sem mais fundamento, q̃ o de huãs tradições tão suspeitozas, como mal nascidas, e falsas. Estes forão os motivos, q̃ me persuadirão a tão difficultozo empenho, e para poder conseguir o fim deste illustre argumento, q̃ emprendi com algúa satisfação dos leitores discretos, e com menos reparo dos criticos me foi necessario hũ particular estudo, e aquelle trabalho, q̃ fez precizo a distancia de mais de dous secolos; por q̃ não podendo colher da lição dos Livros as noticias, por não haver athe agora algũ impresso, q̃ trate desta materia com bastante individuação, e copia, e somente algũas escaças memorias, q̃ andão por varios Autores introduzidas em diversos assumptos, não tive materiaes, de que formar este edificio, mais q̃ de memorias de Archivos, e de noticias particulares, q̃ certamente logrão o privilegio de seguras, constantes, e verdadeiras; húas por serem extrahidas de documentos livres de suspeita e outras por serem dadas por pessoas fidedignas; sendo tão bem muitos os factos modernos de q̃ trato q̃ podem contar hoje por milhares as testemunhas. Bem quizera fazer em hũ sò tomo memoria das esclarecidas virtudes dos naturaes de todas as provincias do

Brazil, porem hè tanto o q̃ se pode dizer de suas heroicas acçoens, q̃ me não foi possivel escrever tudo em hũ sò volume ; e sendo este primissas do meu trabalho, entendi estava obrigado a escrevello em obsequio dos meus Patricios ; e sem q̃ me assuste a mordacidade do Leitor malevolo o offereço a luz do Mundo. Se alguã satisfação entender o Leitor pio, q̃ mereço pelo meu trabalho, não quero outra recompensa, q̃ o conhecimento, de q̃ despendi largos disvelos com o fim de q̃ sahissem fieis, e verdadeiras as noticias q̃ escrevo.

# PROTESTAÇÃO

## DO AUTOR

Obedecendo aos Decretos do Santissimo Padre Urbano oitavo publicado em 13 de Março de 1625, na Sagrada Congregação de Ritos, aprovado em 25 de Junho de 1634, e modificado pelo mesmo Pontifice em 5 de Junho de 1631, protesto, e com o animo mais ingenuo e expressivo declaro, que tudo que relato, e escrevo neste volume, e que pareção milagres ou successos sobrenaturaes, não he meu intento que tenhão mais credito, ou authoridade, que aquella que merecem as mesmas em si, e cabe na Fé meramente humana, deixando ao juizo rectissimo da Igreja o discernir os verdadeiros milagres, e santidade. Declaro mais, que todos os elogios que faço a algũas pessoas conteudas neste Livro, não he minha intenção, que sobrecayão nellas immediatamente, mas sim nas virtudes que exercitarão: e de que assim o affirmo, e protesto, firmo aqui de meu proprio nome, em Fe de que me sugeito em tudo, como filho obediente, ao parecer da Santa Igreja.

BIBLIOTHECA NA... DE RIO DE JANEIRO
2ª. SECÇÃO

D. DOMINGOS DO LORETO COUTTO.

# TABOA

## DOS CAPITULOS QUE CONTEM ESTA OBRA

## LIVRO PRIMEIRO

### PERNAMBUCO CONQUISTADO


Cap. I—Trata do descobrimento do Brazil, e das conquistas das Capitanias de Pernambuco. N. 1.

Cap. II—Trata da conquista da Capitania de Tamaracá, N. 22.

Cap. III—Trata da conquista da Capitania da Parayba. N. 27.

Cap. IV—Trata da conquista das Capitanias do Rio Grande, e Ceará. N. 31.

Cap. V—Trata da conquista das Capitanias do Pianco, Pianhas, e Cariri. N. 37.

Cap. VI—Mostrão-se menos verdadeiras as notas, com que são informados os nossos Indios. N. 66.

Cap. VII—Mostra-se como os Indios não são privados das virtudes intellectuaes. N. 82.

Cap. VIII—Mostra-se como na lingua Brazilica não he defeito faltarem no seo alfabeto algúas letras. N. 94.

Cap. IX—Mostra-se ser falço que os Indios conservão resabios da Gentilidade. N. 100.

Cap. X—Trata-se do captiveiro dos Indios. N. 143.

Cap. XI—Mostra-se que a cor vermelha dos Indios do Brasil, não constitue diversa casta. N. 148.



BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
2ª. SECÇÃO


## LIVRO SEGUNDO

### PERNAMBUCO VENCIDO, E GLORIOSAMENTE RESTAURADO


Cap. I—Mostra-se o estado, em que estava Pernambuco quãdo foy vencido pelos Olandezes, e reprovão-se os juizos, que fizerão alguns Autores sobre a causa da sua perda. N. 1 et sequentibus.

Cap. II e III—Tratão da mesma materia. Ns. 13 et sequent.

Cap. IV—Trata da conquista de Pernambuco pelos Olandezes. N. 20.

Cap. V—Trata da mesma materia. N. 26.

Cap. VI—Valor, com que os Pernambucanos restaurarão sua patria. N. 32.

Cap. VII—Continua a mesma materia. N. 49.

Cap. VIII e IX—Constancia com que continuarão na restauração da Patria. N. 52 e n. 57.

Cap. X—Alcanção os Pernambucanos gloriosas victorias. N. 70.

Cap. XI e XII—Conseguem a restauração destas Provincias. N. 75.

Cap. XIII—Conclusão deste segundo livro. N. 89.

## LIVRO TERCEIRO

### PERNAMBUCO RENASCIDO


Cap. I—Mostra-se Pernambuco renascido das cinzas da sua ruina. N. 1.
Cap. II—Descrição da cidade de Olinda. N. 5.
Cap. III—Noticia das fundaçoẽns dos conventos da dita Cidade. N. 13.
Cap. IV—Descripção da villa do Recife. N. 27.
Cap. V—Descripção da Cidade Mauricea, alias parte de S. Antonio. N. 32.
Cap. VI—Noticia das fundaçoens dos conventos do Recife. N. 57.
Cap. VII—Descripção dos termos da cidade de Olinda e villa do Reciffe. N. 62.
Cap. VIII—Descripção das villas da parte do Sul. N. 64.
Cap. IX—Descripção das cidades da Parayba e Rio grande e mais villas da parte do Norte. N. 69.
Cap. X—Relação das Aldeas povoadas de Indios, que estão situadas na Capitania de Pernambuco. N. 76.
Cap. XI—Descripção de hum Engenho de fazer assucar. N. 80.
Cap. XII—Bondades do assucar. N. 86.
Cap. XIII—Reprova-se a severa sentença, que condemna por culpa grave trabalhar nos Domingos, e festas na fabrica do assucar. N. 91.
Cap. XIV—Trata da Igreja de Pernambuco. N. 101.
Cap. XV—Memorias dos Illustrissimos Bispos da Igreja de Pernambuco. N. 107.
Cap. XVI—Trata do Estado militar. N. 116.
Cap. XVII—Memorias dos Governadores, e Capitaens Generaes de Pernambuco depois da sua restauração. N. 117.
Cap. XVIII—Memorias dos governadores da Parayba depois da restauração. N. 145.
Cap. XIX—Trata do Estado Politico de Pernambuco. N. 154.
Cap. XX—Trata dos Filhos legitimos de Jeronimo de Albuquerque cunhado de Duarte Coelho Pereyra, primeiro Donatario de Pernambuco. N. 160.
Cap. XXI—Trata da Plebe de Pernambuco. N. 166.
Cap. XXII—Catalogo dos Ouvidores Geraes, Auditores da Gente de Guerra. N. 168.


## LIVRO QUARTO

### PERNAMBUCO ILLUSTRADO COM VIRTUDES


Cap. I—Trata de muitos Pernambucanos, que padecerão illustres martirios em odio da Religião Catholica, e defença da fé. N. 1.
Cap. II—Trata da mesma materia. N. 10.
Cap. III—Illustre martirio de settenta Pernambucanos. N. 13.
Cap. IV—Admiravel valor com que alguns moços sofrem incriveis tormentos. N. 14.
Cap. V—Noticia de outros que padecerão martirio. N. 19.
Cap. VI—De muitos Pernambucanos que florecerão em virtude. N. 22.
Cap. VII—Acçoens louvaveis de outros servos do Senhor. N. 33.
Cap. VIII—De outros servos do Senhor, que authorisarão a Patria com virtudes preclaras. N. 46.

Cap. IX—Santas operaçoẽns do virtuoso Padre Caetano Pereira de Lima. N. 54.
Cap. X—Memorias de outros muitos sacerdotes, que illustraram a Patria com santos procedimentos. N. 64.
Cap. XI—Santa memoria do Conego João de Torres, a quem acompanhão outros dous sacerdotes de nome louvavel. N. 72.
Cap. XII—Santa vida, e preciósa morte do veneravel Padre Anastacio de Britto Goes N 76.
Cap. XIII—Veneraveis memorias de muitos naturaes de Pernambuco, que na sagrada religião da Companhia de Jesus florecerão em virtude e doutrina. N. 79.
Cap. XIV—Naturaes de Pernambuco que na Religião Benedictina florecerão em virtude e doutrina. N. 110.
Cap. XV—Naturaes de Pernambuco, que na Religião de S. Bernardo e S. Domingos florecerão em virtude e doutrina. N. 114.
Cap. XVI—Naturaes de Pernambuco, que na Religião Serafica florecerão em virtude e doutrina. N. 117.
Cap. XVII—Dos Religiosos naturaes de Pernambuco que na Religião do Carmo florecerão em virtude, e doutrina. N. 134.
Cap. XVIII—Dos que na Congregação do Oratorio florecerão em virtude e doutrina N. 145.
Cap. XIX—Santos custumes e virtuosas obras do Illustre Jorge de Albuquerque Coelho. N. 161.
Cap. XX—Memorias de outros Pernambucanos que illustrarão a Patria com santos procedimentos. N. 162.
Cap. XXI—Acçoens louvaveis e santas obras de dous homens pardos, e de dous pretos. N. 168.
Cap. XXII—De muitos Indios naturaes de Pernambuco que florecerão em santidade. N. 174.
Cap. XXIII—De outros Indios, que florecerão em santidade. N. 178.
Cap. XXIV—Acçoens louvaveis de outros Indios Pernambucanos. N. 185.
Cap. XXV—Memorias de muitos varoens illustres em virtude, que tendo tempo e habitação em Pernambuco se constituirão rigorosamente naturaes d'esta Provincia. N. 190.
Cap XXVI—Continuam as memorias de outros varoens illustres em santidade, que pela habitação se fizerão naturaes de Pernambuco. N. 209.
Cap. XXVII—Memorias de alguns varoens muito illustres em santidade, que sendo educados em Pernambuco, e habitando n'elle muitos annos, forão morrer em outra Provincia. N. 225.

## LIVRO QUINTO

### PERNAMBUCO ILLUSTRADO COM AS LETRAS

Cap. I—Memorias de alguns naturaes de Pernambuco, que compuzerão e imprimirão. N. 1
Cap. II—Pessoas naturaes de Pernambuco que compuzerão e não imprimirão. N. 42.
Cap. III—Dos que pela sua rara habilidade sem terem mestres, de quem aprendessem, forão insignes em alguas Artes. N. 61.
Cap. IV—Pessoas oriundas de Pernambuco, que compuzerão e imprimirão. N. 66.

Cap. V—Dos que pelas letras merecerão e alcançarão Dignidades Eclesiasticas de maior graduação na Patria e fora della. N. 72.
Cap. VI—Dos que ao presente logrão Dignidades, nas cathedraes de alguns Bispados. N. 78.
Cap. VII—Dos que merecerão, e alcançarão Dignidades seculares. N. 83.
Cap. VIII—Dos que forão Provedores, e Juizes da Alfandega de Pernambuco, Tamaraca, e Parayba. N. 86.
Cap. IX—Noticia de muitos Lentes de Theologia, que ao prezente existem. N. 102.

## LIVRO SEXTO

### PERNAMBUCO ILLUSTRADO PELAS ARMAS

Cap. I—Naturaes de Pernambuco que florecerão em armas fora da Patria. N. 1.
Cap. II—Continua a mesma materia. N. 10.
Cap. III—Trata do mesmo argumento. N. 14.
Cap. IV—Continua o mesmo assumpto. N. 21.
Cap. V—Continua a mesma materia. N. 38.
Cap. VI—Pessoas naturaes de Pernambuco, que occuparão na Patria depois da restauração, postos de maior graduação. N. 66.
Cap. VII—Dos mestres de campo de Auxiliares, e Coroneis de cavallaria naturaes de Pernambuco, que servem no tempo presente. N. 73.
Cap. VIII—Pessoas naturaes de Pernambuco, que neste tempo se achão com o Governo de Provincias, Cidades, Villas e Capitanias da Patria, e dos Coroneis de Cavallaria do Certão. N. 83.

## LIVRO SETIMO

### PERNAMBUCO ILLUSTRADO PELO SEXO FEMININO

Cap. I—De algũas Heroinas Pernambucanas que padecerão martirio em defença da castidade. N. 1
Cap. II—Continua a mesma materia. N. 11.
Cap. III—Das que se matarão por suas proprias mãos para se conservarem castas. N. 16.
Cap. IV—De algumas illustres donzellas, e Matronas, que sendo castas, e virtuosas, falços testemunhos lhe agenciarão mortes violentas. N. 23.
Cap. V—Continua a mesma materia com a narração de semelhantes casos. N. 30.
Cap. VI—Trata do mesmo assumpto. N. 39.
Cap. VII—Vida, e virtudes da Veneravel Madre Soror Angela do Sacramento, e de sua irmãa Soror Margarida da Trindade, que florecerão no convento de Santa Clara de Coimbra. N. 44.
Cap. VIII—De outras Heroinas Pernambucanas, que florecerão no Estado Religioso. N. 59.
Cap. IX—De sinco illustres Donzellas, e hua insigne Matrona, que no recolhimento de Nossa Senhora da Conceição de Olinda florecerão em virtudes. N. 67.
Cap. X—Vida e preciosa morte da penitente Joanna de Jesus que florecco no novo convento da Villa de Igarassû. N. 71.

Cap. XI—De vinte e duas Donzellas, que por falta de conventos, onde vivessem em perpetua clausura, fiserão das suas cazas recolhimento. N. 75.
Cap. XII—Louvaveis procedimentos de algũas Terceiras de S. Francisco, e outras do Carmo que vestirão o habito descoberto. N. 90.
Cap. XIII—Santas obras de muitas matronas, que no estado de cazadas, e veuvas florecerão em virtudes. N. 95.
Cap. XIV—De duas mulheres peccadoras convertidas ao caminho da verdade. N. 114.
Cap. XV—De algũas Indias naturaes de Pernambuco, que nestes ultimos annos florecerão em virtude. N. 117.
Cap. XVI—De muitas heroinas Pernambucanas que florecerão em letras e armas. N. 124.
Cap. XVII—Das que florecerão em armas. N. 133.

## LIVRO OUTAVO

### PERNAMBUCO CONSTANTE, VALEROSO E FIEL NAS CALAMIDADES

Cap. I—Trata das Bexigas chamadas do Xumberga. N. 1.
Cap. II—Da peste a que chamam Bixa. N. 9
Cap. III—Perturbaçoẽns causadas pelas demazias de alguns Governadores. N. 19.
Cap. IV—Das guerras civis do Palmar. N. 21.
Cap. V—Das guerras civis com o nome de Camaroens e nobres. N. 30.
Cap. VI—Continua a mesma materia. N. 49.

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
2ª. SECÇÃO

# LIVRO PRIMEIRO

## PERNAMBUCO CONQUISTADO

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
2ª. SECÇÃO

### CAPITULO 1º

DESCREVE O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL, E AS CONQUISTAS DAS CAPITANIAS DE PERNAMBUCO

1. A America, toma o seu nome de Americo Vespucio Florentino, que em nome do glorioso Rey de Portugal D. Manoel, tomou posse della no anno de 1497, posto que fora primeiro descoberta por Christovão Colon. Para melhor dizer, a hum Portugues se deve o descobrimento deste novo mundo: Por que navegando para as Indias Orientaes hua Caravella Portugueza foy levada dos ventos, e das correntes, ao Poente, e a vista daquellas terras ate então desconhecidas. De fome, e trabalhos do mar pereceo toda a equipagem, excepto um Piloto, e tres ou quatro marinheiros, os quaes pouco depois de arribados a hum porto da Ilha da Madeira, morrerão em caza de Christovão Colon Piloto Genovez, que de Genova sua Patria passara aquella Ilha, e nella cazara.

2. Foy este Colon tão venturoso, que em seu poder ficarão cõ a relação da viagem do Portugues as alturas das terras descubertas, e dezejoso de se aproveitar das noticias, que tinha, se offereceo a ElRey D. Affonço de Portugal, e a Henrique VIII de Inglaterra, os quaes ouvindo a preposição do descobrimento de hum novo mundo, a despresarão, como delirio. Na corte de Castella lhe socedera o mesmo se o Thesoureiro mor Affonço Quintavilla, e o Arcebispo de Toledo D. Gonçalo de Mendonça, não persuadissem a Raynha, e a ElRey, que não desprezassem o alvitre. Prometerão-lhe as Magestades Catholicas, que acabada a guerra que tinhão com os Mouros, lhe darião o necessario para execução da Empresa.

3. Foy finalmente Colon despachado com 160 crusados, que se lhe derão da fazenda real, para que aprestasse navios, e com promessa da decima parte de tudo, quanto descobrisse. Animado com esta merce

sahio da Corte, fez companhia com Martim Fernandes Pinçon; e seu Irmão Affonço Pinçon. Armarão tres caravellas, de duas erão capitaens os dous Irmãos, e da terceira Bertholameu Colon, Irmão de Christovão Colon. Derão principio a sua viagem saindo de hum porto de Castella chamado Pallos de Mugel, com 120 companheiros, a 3 de Agosto do anno do Senhor de 1492. Chegando a Gomeira hua das Ilhas Fortunadas, a que hoje chamão Canarias, e daly no primeiro de Setembro tomarão a derrota, caminho do Poente, e a 11 de Outubro descobrirão hua das Ilhas Lucayas, e logo a Ilha de Cuba. Corridas estas Ilhas, e communicada a gente dellas, edificou Colon um castello, e presidiado cõ quarenta soldados, voltou para Espanha, levando em sua companhia dez homens naturaes da terra, Papagayos, Aves e frutos nunca vistos na Europa.

4. A tres de Abril do anno de 1493, entrou Colon na Corte de Castella, foy recebido com aplausos e feito Almirante das Indias, e a seu Irmão Adiantado das mesmas; derão-lhe armas de cavalleiros, e poz nellas Colon por Orla = Por Castilla, i Aragon, nuevo mundo hallo Colon = e desta Casa descendem hoje os Almirantes das Indias de Castella, com titulo de Duques de Peragua. Com dezoito navios bem esquipados fez outra viagem, em que descobrio a Jamaica, e outras Ilhas, e na terceira viagem fez outros muitos descobrimentos, dos quaes se seguio toda a noticia, que hoje temos da America, mas sempre com obrigação ao Piloto Portuguez, que deu as primeiras luzes deste descobrimento.

5. O Brazil foy descoberto por Pedro Alves Cabral, que hia por Capitão mor da segunda armada, que ElRey D. Manoel de felice memoria mandou a India, e partio de Lisboa em nove de Março de 1500, do nascimento de Christo. Correndo tormenta, por descair muito al oeste da Equinocial para o Sul, avistou no mez de Abril prayas incognitas. Em 3 de Mayo surgio com a armada em hum porto, ao qual por lhe parecer seguro dos perigos do mar chamou = Porto Seguro.

6. Tem o Brazil o principio da sua parte maritima da foz do Rio das Amazonas, em cuja fronte, que fica ao Norte, tem sua maior Latitud em dous graos da Equinocial, e dahi se vay estreitando, e dilatando com differentes gyros em forma quase triangular por mais de mil e duzentas legoas de Costa, ate rematar quaze em ponta no cabo de Santa Maria e boca do Rio da Prata em quarenta e sinco graos ao meyo dia.

7. Divide-se o Brazil pela costa maritima em quatorze Capitanias ou Provincias: a saber, Tamaracá, que he a mais antiga de todas; Bahia, aonde reside o Vice Rey do Estado; Pernambuco, Para,

Maranhão, Ciarà, Rio grande, Parahyba, Sergipe, Ilheos, Porto seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente.

8. O Bispado de Pernambuco tem principio no Ciarâ, que corre athe o Rio grande, por distancia de 160 legoas: continua do Rio grande por espaço de quarenta, e sinco legoas athe a Parayba. Da Parayba athe Tamaraca, por vinte e sinco; Tamaraca tem sette legoas. E de Igarassû termina a Capitania de Pernambuco no Rio de S. Francisco, com noventa e sinco legoas de costa. E vem a ter este Bispado, que comprehende sinco Capitanias, trezentas e trinta e duas legoas pela costa maritima, e da parte do certão assentado em campinas, e cortado com bosques, se estende tanto que penetra o interior da America, onde se poderião bem fundar grandes Reynos, e dilatados Imperios.

9. Fez merce da Capitania de Pernambuco, ElRey D. João o 3º, a Duarte Coelho, em remuneração dos muitos, e grandes serviços, que lhe havia feito na India, e na tomada de Malaca. Preparado Duarte Coelho de tudo, que lhe pareceo necessario para invadir e povoar esta terra, em hua armada de sinco navios sahio de Lisboa no anno de *1530*, trazendo em sua companhia a Senhora D. Brites de Albuquerque, muitos fidalgos seus parentes, e amigos; e outra muito e nobre gente, de q̃ procedem muitas familias illustres destas Capitanias.

10. Com prospera viagem chegou ao Brazil; avistou terra em 27 de Setembro, e entrando pelo Rio de Santa Crûz, vio hûa grande povoação, e fora d'ella multidão de Gentios, que valentes correrão a disputar-lhe a entrada. Travou-se a briga porfiando os nossos para tomar terra, e os Gentios para lhes impedirẽ o desembarque, durou igual largo espaço, sem inclinar-se a victoria a parte da multidão, nem a do esforço.

11. O Capitão mor vendo a constancia com que aquelles barbaros despresadas as vidas, defendião o logar, que occupavão, foy refrescando os nossos com outros descançados; os quaes, tendo por affronta achar valor em gente barbaramente disciplinada, accometterão por entre hûa nuvem de setas, e tomarão terra, ferindo e matando os inimigos; que não podendo sofrer golpes tão pesados, nos forão cedendo o lugar, deixando tendidos na terra o principal, e outros dos melhores; que, companheiros na sorte, comprarão o nome á custa das proprias vidas, que offerecerão em beneficio da Patria, e por sacrificio da honra.

12. Attribuirão os nossos a victoria aos Inclytos martyres Santos Cosme e Damião; em cujo dia ã alcançarão: e em reconhecimento do beneficio levantarão aly um Templo, que consagrarão ao nome dos gloriosos Martyres; onde são muito venerados, pelos muitos milagres, e repetidos prodigios, que obrão; e no mesmo lugar foi situada a

villa de Igarassú, tomando o nome que naquella occasião lhe deo a admiração dos naturaes, vendo a grandeza das nossas embarcações, sendo o mesmo em seu idioma Igarassũ, que nao grande em Portugues.

13. Neste lugar se deteve Duarte Coelho todo ô tempo, que lhe foy necessario para povoar, e guarnecer a nova villa ; daqui partio com ô grosso da sua gente, correndo a terra para a parte do Sul, sempre a vista do mar, dezejoso de achar sitio conveniente *para nelle* edificar huã povoação, que servisse de cabeça da sua Capitania.

14. Avistou hum ameno, e aprasivel monte vesinho ao mar em altura de oito graus da Equinocial para o Polo Austral com a comodidade do Porto, que aly fàz ô mar, abrindo a natureza em huã dilatada corda de serrania, que metida pelo mar cinge muita distancia de terra, hũa abertura a qual chamão os naturaes Pernambuco, que na lingoa Brazilica val o mesmo que mar furado, ou Rio fuoado. Por que como os Arabes, dizem : Guada, a todos os Rios ; dizem, Parâ, os Indios do Brazil ; a que ajuntando a palavra Nambuco, dirá Rio furado ; o que se tomou dos Rios Beberibe e Capiberibe que são as mais vezinhas correntes do seu destrito.

15. Foy Duarte Coelho recebido dos Topinambás (que assim se chamavão os Gentios que habitavão este monte, e suas ribeiras) com demonstrações gratas, respondendo n'elles o contentamento a grandeza do beneficio para que os convidava o Capitão Mor, offerecendo se-lhes companheiro, se invadidos de outras nações, necessitassem da assistencia das nossas armas. Como os nossos forão tratados do mayoral com mimos de hospedes, e dos mais com agasalho de companheiros, pode sem contradição levantar Duarte Coelho huã torre, ou castello de pedra e cal, (de que ainda aparessem ruinas), para nelle viver com a sua familia, e ao pê delle huã povoação em que assestisse a sua gente. Algum tempo se conservou em boa correspondencia, e paz com os Topinambás, que alterou a desconfiança dos Gentios, parecendo lhes que mais que sociedade, era industria, com que os Portuguezes pertendião, com aparencias de amigos, não só apoderar-se de suas terras mas violentar lhes a liberdade ; suspeita, que fomentavão os Francezes, que naquelle tempo arribarão em alguns portos, levados da cobiça. Com este receyo tomarão as armas, e de repente assaltarão a nossa povoação. Os nossos, creando alentos nos brios, forças na desesperação, se avançarão a encontrar a vanguarda do inimigo, aonde o estrago igualou o valor com que nos receberão firmes, sustentando a peleja com esforço, não so natural, mas adquirido nos affectos do odio, e no receio da escravidão.

16. Por muito tempo durou este primeiro conflicto, athe que,

BIBLIOTHECA NACIONAL
SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS
RIO DE JANEIRO



perdidos muitos dos seos, nos forão abandonando o campo. Repetirão por muitas vezes os assaltos, e investidas, athe que acautelados se abstiverão delles, vendo que para derrotar aos Portuguezes não era necessario investillos, senão sustentarse inteiros, por terem com os caminhos tomados, impedida a retirada, e tolhidos os bastimentos. *Com este cerco puzerão a Duarte Coelho em tão grande aperto* de fome e sede, que era o pior inimigo; porque contra este não valião balas; e ainda que os de dentro espalhavão muitas nos de fora, de que morrião muitos Gentios e Francezes seos auxiliares, não erão bastante para fazer com que os Topinambas desistissem do empenho, apostados a acabar com todos os Portuguezes.

17. Nesta grande consternação, e perigo em que os nossos se vião, ferido o Capitão, e morta muita gente, Deos, que excitou o animo de Raab, para que escondesse as espias do seu povo, e fosse o instrumento da victoria, que alcançou contra os de Jericó, excitou tambem o coração de huã moça filha de hum principal dos Topinambas, que se havia affeiçoado a Vasco Fernandes de Lucena, para que com outras mulheres, que venceo com seos rogos, e persuações valessem aos sercados. Com muito segredo, e cautela trasião mantimentos, e agoa a fortaleza, com que os sitiados poderão conservar a vida, e resistir aos assaltos.

18. Era Vasco Fernandes estimado entre os Gentios. O principal se honrava de ô ter por seu genro, e os mais o temião, porque o supunhão feiticeyro. Como virão que os Portuguezes, apezar do cerco mais apertado, se conservavão mais vigorosos se resolverão a darlhes hum forte asalto. Temerão os nossos a sua ultima ruina, o que vendo Vasco Fernandes sahio fora, e na lingoa Brasilica, que entendia, e fallava bem, lhes disse que os apertos do cerco os não tinha posto *em fraqueza, antes sim com mais força para a resistencia. Que soubessem* que os Francezes que o persuadião, erão os que os enganavão, e os trasião aly para serem mortos, e destruidos, para assim ficarem senhores das suas terras. Que sò cuidassem em serem amigos dos Portuguezes, pois os Portuguezes o erão seos. E logo fes um risco na terra com o bordão que trazia; dizendo lhes que aquelle que temerario intentasse passar aquella raya para acometer a Fortaleza, infalivelmente morreria. Zombarão os Indios do ameaço, e oito se lançarão sobre ô Lucena para o matarem; mas apenas derão os primeiros passos alem daquelle sinal cahirão mortos. O que visto pelos mais levantarão o cerco, e se puzerão em fugida.

19. Naquelle lugar onde Vasco Fernandes fes aquelle risco se edificou depois hum sumptuoso Templo dedicado ao Salvador do mundo, *que foy Igreja Matriz da Villa, e hoje é a cathedral de Olinda, aonde*

se celebrão os officios divinos com muita pompa e solenidade. E assim sò se deve atribuir este cazo a divina providencia, que quiz com este prodigio sinalar o sitio, e immunidade do seu Templo, e acodir por este modo aos apertos em que se vião aquelles sitiados.

20. Com esta e outras muitas victorias, alcançadas mais por milagres divinos, do que por forças humanas, cobrou Duarte Coelho tanto animo, esforço e valor, que se resolveo a continuar a conquista da sua capitania. Navegou pela costa abaixo, arribou a seus portos, e foy lançando fora delles aos Francezes, que achou nos resgates do pau Brazil, e outras drogas, pondo fim a sua navegação e conquista no Rio de S. Francisco, termo da Capitania de Pernambuco.

21. O Rio de S. Francisco é o terceiro na grandesa dos que regão os Estados que os Portuguezes tem no Brasil. Nasce das vertentes das grandes serranias do Chili e Perû, donde tambem o Rio da Prata, e ô das Amasonas toma a sua origem. Passa por junto da villa do seu nome, e com uma foz de duas legoas, aberta em duas abras dezemboca no mar, dez gráos e meyo para o Sul. De hũa e outra parte o habitão os Caetes e Tupinambas; e pelo Rio assima Tupinães, Amoigpyras, Ibyraras, e outras muitas nações. No meyo da sua corrente faz muitas Ilhas todas povoadas: quarenta legoas pela terra dentro se despenhão juntas todas as suas agoas de huã grande rocha com grande estrondo; e não satisfeito d'esta e de outras famosas catadupas, chamadas vulgarmente cachoeyras, dez jornadas mais ao certão, lanca se na boca de outra rocha medonha, que o sorve, e neste sumidouro desaparesse com curço subterraneo pelo espaço de dose legoas, donde novo Alfeo rebenta de novo, e continua o seu curço. Demarcadas as terras vencidos perigos, conseguidas victorias, se recolheo Duarte Coelho a sua Fortaleza de Olinda, para daly melhor ordenar o que convinha a conservação, e augmento da sua Capitania.

## CAPITULO 2º

### DESCRIPÇÃO, E CONQUISTA DA FAMOSA ILHA, E CAPITANIA DE TAMARACA

22. Fez ElRey D. Joao o 3º merce a Pedro Lopes de Souza de sincoenta legoas de terras no Brazil; e por nova graça lhas concedeo repartidas. Vinte e sinco legoas na Capitania de S. Vicente, e outras vinte e sinco em Tamaracà. Desta ilha de Tamaracà se tinhão os Francezes apoderado, e levantado n'ella huã Fortaleza, que, guarnecida de muitas municões, e artilharia, lhes servia de abrigo, e defença. Por esta cauza assim neste porto, como nos mais comerciavão com os

Gentios, e os alteravão contra os Portuguezes, induzindo-os para que lhes fizessem em todas as partes cruel guerra.

23. Sendo ElRey informado destes procedimentos, ordenou hũa armada bem provida de todo necessario e mandou nella a Pedro Lopes de Souza para que viesse a esta Ilha, e lancasse della os Francezes, demolindo suas Fortalezas e Feytorias; levantando outras, aonde lhe carregassem o Páo Brazil por sua conta, droga que somente reservava para si.

24. Partio de Lisboa esta armada, e prosperamente navegando arribou a Ilha Tamaracà a tempo que de seu porto sahia hũa náo Franceza carregada para a França. Seguio-a huã ligeira caravella, de que era capitão João Gonçalves, da Casa de Pedro Lopes, e a rendeu, depois de lhe matar algũa gente, e a desarvorar com um pelouro de cadea que ã colheo de popa a proa. Tendo noticia o Capitão mor de outra náo que vinha de França com monições, e resgates, à mandou esperar por duas caravellas, de que erão capitães Alvaro Nunes de Andrade, Fidalgo Galego, da familia dos Andrades, e Gamboas, e Sebastião Gonçalves Alvelos; os quaes ã tomarão e entrarão com ella na mesma maré em que João Gonçalves entrou com ã outra.

25. A vista da nossa armada, e da tomada das duas náos desmayarão os Francezes, que presidiavão a Fortaleza; e tomarão animo alguns Portuguezes seos prizioneiros para se levantarem, e amotinarem *os Gentios contra elles*; *de tal modo* embravecidos, que se Pedro Lopes lho não impediria, serião todos mortos, e destruidos. Rendida a Fortaleza, despejada da artilharia, e do mais que nella havia, foy demolida, e se fez outra em lugar mais conveniente para defença da Feitoria de ElRey, que depois o mesmo Senhor deu a Duarte Coelho. Carregados de Páo Brazil os navios da Armada, voltarão para Portugal, e Pedro Lopes continuou a empresa de lançar fora dos mais portos os Francezes, que nelles estavão ao resgate do páo Brazil, e outras drogas.

26. Chama-se esta Capitania Tamaracà, de hua Ilha que tem este nome, e dista do Porto de Reciffe oito legoas, tem dez de circuito; em sette graos e meyo da Equinocial para o Sul. Ao redor della dezaguão sinco rios, que tem o seu principio no certão, dos quaes o primeiro é o Rio Igarassu, que demarca e divide esta Capitania da de Pernambuco, alaga a ponta da Ilha da parte do Sul, donde esta situada a Villa, e o porto dos navios; os quaes para entrarem tem por baliza, e sinal, certas barreiras vermelhas, com as quaes, pondosse Nordeste, Sudoeste, entrão pela barra sem algum impedimento. Tem outra barra da parte do Norte, pela qual entrão embarcações da costa. Os outros Rios que vem da terra firme, de que se divide a Ilha por um

pequeno canal, vem a desembocar ao redor da mesma Ilha, e são, Araripe, Tapirema, Tujucupapo, e Gucena ; e tão bem dão entrada a embarcações ligeiras. Nesta Ilha se demorou Pedro Lopes de Souza todo tempo, que lhe foy necessario para segurar esta sua Capitania das invasões dos Gentios, que com repetidos assaltos ô troxerão inquieto ; e depois de concluidas as principaes dependencias se retirou para Portugal.

## CAPITULO 3º

### DESCRIPÇÃO E CONQUISTA DA FAMOSA CAPITANIA DA PARAYBA DO NORTE

27. Do cabo de S. Roque, que fica em quaze tres graos da linha Equinocial para a parte do Sul, corre a costa para este Polo em gyro convexo por espaço de noventa legoas athe o cabo de S. Agostinho, que fica alem de Pernambuco sete, e na distancia destas legoas, cujas prayas são de areyas brancas, e limpas entre cabo e cabo, correm ao mar treze caudalosos Rios. Entre estes fermosos Rios, Reyna, e he o Principe entre elles o Rio Parayba, e he chamado do Norte, porque ao Sul ha outro Rio Parayba, chamado do Sul, entre o Rio de Janeiro e Cabo Frio. A este Rio chamão tambem de S. Domingos, por ser descuberto em dia deste glorioso Patriarcha ; porem pelo nome de Parayba, que na lingoa Brazilica (quer dizer, Rio caudaloso) he mais conhecido. Estâ este grande Rio em seis graos e tres tercos. Vem do interior do certão onde tem seu nascimento, e se vay engroçando com aguas de muitas ribeiras, e fontes, que nelle entrão. A foz, que faz, tem de largo hũa grande legoa, e o canal que vay pelo meyo, a que chamão barra, tem mais de hum quarto. O fundo deste Rio he area limpa, e clara, assim o seo porto he excellente e capas de grandes embarcações. Dista da barra de Pernambuco vinte e seis legoas por costa para a parte do Norte. Pelo Rio assima hũa legoa distante tem hua fermosa, e aprasivel Ilha, com hũa legoa de comprido, e mais de hum terço de largura, ornada de arvoredos, coqueiros, e outras arvores de fruto, marinhas de sal, e bons edificios ; o que tudo a faz muito agradavel. Defronte della está o surgidouro das nâos, capaz de hũa immensa quantidade dellas, abrigado de todos os ventos, e a marê chega pelo Rio asima mais de sinco legoas por onde podẽ navegar grandes caravelloẽs. Tem hũa varzea de mais de quatorze legoas de comprido, e de largo quaze tres mil braças, toda retalhada de esteyros, e copiosos rios de agua doce, povoada de quintas, e engenhos reaes, para os quaes daõ os mangues do salgado muita lenha para se cozer o assucar, e cinza para a decoada com que se alimpa.

28. Neste Rio entravão os Francezes a carregar de Páo Brazil com ajuda que lhe davão os Gentios Potiguares, que senhoreavão toda aquella terra, e fazião guerra aos Portuguezes. Teve o Capitão João Tavares meyos de fazer pazes com esta nação e em sinco de Agosto de *1581* deu principio a huã povoação em huã planicia 5 legoas pelo Rio asima, e por ser em dia de Nossa Senhora das Neves se pôz esse nome a povoação, e tomarão a Senhora por sua patrona, e he o Orago da Matriz. Debaixo do amparo desta Senhora se sustentou a nova povoação, que pouco depois se honrou com a prerogativa de cidade, com o nome de Parayba, que lhe deo o mesmo Rio. No tempo da uzurpação dos Olandezes, foy chamada: Frideriestad, que val tanto como Frederica; de Frederico Principe de Orange, e Reynando Phelipe em Portugal, lhe chamarão: Philippea.

29. Os seus primeiros povoadores ordenarão hum forte de madeira para a sua defença, que depois o Ouvidor Geral Martim Leitão, mandado de Pernambuco fez de pedra e cal. Este Ministro que não só era bom letrado, mas hum grande soldado, com oitenta e sinco Portuguezes, e cento e oitenta Indios da mesma nação Braço de peixe, sahindo da Povoação, passarão o Rio Tibiri, e no seguinte dia chegarão ao campo das hortas, aonde se ajuntarão com os Gentios confederados. Deste lugar marcharão em boa ordem, e caminhadas alguãs legoas, se encontrarão com hum grande troço de Gentios, que furiosamente acometerão aos nossos. Passada a primeira nuvem de frechas, que Deus desviou sem offender a algum dos nossos, serrados em hum esquadraõ, deraõ húa forte carga nos contrarios, de que cahirão muitos, e entrando com os inimigos os carregarão com tanto vigor, que, cortado do nosso ferro, ouve de retirar se, e deixar a marcha livre.

3o. Passou o Ouvidor adiante, e arribando ao Rio Maranguape, o passou com grande trabalho, o que feito passarão a noute com boa vigia, e ao romper da menhãa asaltarão de repente hum forte que aly tinhão os inimigos: e matando muitos dos que o defendião, o entrarão, e levarão a escalla. Os que puderão fugir se recolherão a hua náo Franceza, anchorada naquelle porto. Varejava a náo a sua artilharia sem dãno nosso, antes sim ô recebião grande dos arcabuzeyros, que passandosse para o Arrecife, que forma o porto, não perdião tiro. Vendo se apertados os Francezes, sem lhes poder valer a sua artilharia, temendo que por mar viesse algũa esquadra levantarão ferro, e se fizerão a vela na volta de França. Assegurado o porto da Bahia da Treição, e o que pareceo necessario para boa defenção daquella costa, se retirarão os nossos para a Parayba, onde Christovão Lins havia dado a ultima perfeição a fortaleza, e outros reparos, o que feito se recolheo o Ouvidor geral a Pernambuco no fim de Janr° de *1586*.

## CAPITULO 4°

### DESCRIPÇÃO E CONQUISTAS DAS CAPPITANIAS DO RIO GRANDE, E CEARÁ

31. A Cappitania do Rio grande, chamado Potaengi dos Gentios, tomou o nome do mesmo Rio (grande já no seu nascimento) por que nasce em huã notavel Lagoa, que se estende a vinte legoas de circuito, onde se achão perolas finas. Fica em trez gráos da Equinocial para o Sul, pouco mais ou menos. Informado ElRey das couzas da Parayba, e de que todos os progressos, e augmentos desta capitania lhos impedia o Rio grande aonde os Francezes mais livremente comerciavão com os Potigares, que daly sahião a roubar os navios, que vinhão, e hião para Portugal, ordenou a Manoel Mascarenhas Homem, e ao Capitão mor Feleciano Coelho, fossem ao Rio grande, e nelle fizessem uma fortaleza, e que o Governador Geral D. Francisco de Souza assestiria com toda â despeza da sua Real fazenda. Assim se poz em execução com hûa armada de seis náos, e sinco caravellas, e por terra com o Capitão mor de Pernambuco forão tres companhias de pé, e hûa de cavallo. Na armada hia o Pe Gaspar de S. Pero da companhia, com o seu companheiro o Pe Lemos, e o Pe Fr. Bernardino das Neves, Religioso Franciscano do Brazil por ser muito perito na lingoa Brasilica, e na particular dos Potigares, e dos mesmos amado pelas suas grandes virtudes.

32. Chegou a armada em *17* de Dezembro de *1597*, que na viagem teve vista de sete náos Francezas, que estavão no porto dos Buzios contratando com os gentios, e vendo a nossa armada picarão as amarras, e se fizerão na volta do mar. No dia seguinte se juntou com os da armada Hyeronimo de Albuquerque com a gente de Pernambuco, e foi mandado Manoel Mascarenhas descobrir o Rio, e descuberto se intrincheyrarão com hûa estacada de páo a pique para se defenderem dos gentios, que não tardarão em vir em hûa madrugada infinitos, acompanhados de sincoenta Francezes, que havião ficado no porto dos Buzios. Rodeando a cerca, a acometerão por todas as partes, lançando dentro innumeraveis armas de arremeço; foy terrivel o asalto, e ouverão de hûa e outra parte muitos mortos e feridos. Os Portuguezes com valor, e constancia sustentarão o peso do combate, e saindo fora da serca offenderão aos inimigos tão animosamente, que os obrigarão a levantar o serco e retirar-se.

33. Trabalhando assim Portuguezes, como os Indios Tabayares nossos amigos levantarão hûa boa Fortaleza, da qual se encarregou

Hyeronimo de Albuquerque; e Manuel Mascarenhás com a gente da armada se retirou para a Parayba. Conciderando Hyeronimo de Albuquerque quanto era conveniente para concervação, e augmento daquella capitania fazer pazes com os Potigares, se valeo de hum principal d'esta nação, que em hum choque ficara prisioneyro. Depois de o *tratar com urbanidade, e o prender com* algũas galantarias, que lhe deo, o mandou tratar com os seus pazes com os Portuguezes; obrigado o Indio do bom tratamento, e agasalho, que achou em Hyeronimo de Albuquerque, restituido aos seos, taes cousas lhes disse, e tanto os soube persuadir, que os reduzio a fazer pazes com os Portuguezes, que se fizerão com toda solenidade, e assistencia de todos os cabos, e pessoas principaes sendo interprete o Pe Fr. Bernardino das Neves, no anno de *1599*. Feytas as pazes se deo principio a Povoação, hũa legoa retirada da Fortaleza, a que derão o nome da cidade do Natal, que brevemente logrou as preeminencias de cidade e se povoou de muitos moradores que ahy acodirão de diversas partes.

34. Na Capitania do Ceara, que fica distante de Pernambuco mais de duzentas legoas, e em altura de dous graos e meyo para a parte do Norte da Linha Equinocial, e no mesmo continente, e terra firme, asima do Rio grande, mandou ElRey D. Pedro 2º levantar hũa villa dedicada a S. Jose de Ribamar, e fazer hũa Fortaleza para defença dos piratas, que continuamente infestavão aquelles mares, e com ella se remediarão os roubos, e damnos que causavão. Esta Fortaleza he guarnecida com a Infantaria que todos os annos sae de Pernambuco para este presidio.

35. *Desenganados os Topinambas Pernambucanos, que eraõ os* mais valentes gentios do Brazil, e resistirão por muitos annos a dominação Portugueza, que não podião prevalecer contra os Portuguezes, auxiliados dos Tabayares; alguns se sujeitarão ficando em suas proprias terras, outros com mais generosa resolução, e determinados a não servir, se meterão pelo certão, onde ficarão muitos, outros cahindo para a parte do mar forão sahir as terras do Maranhão, e aly como soldados exercitados com o mais poderoso inimigo, fizerão facilmente a seos habitadores, o que os Portuguezes tinhão feito a elles.

36. *Desta perigrinação, e desta guerra se seguirão naquella gente* os dous effeitos, que sinala Isaias no celebradissimo Texto do Capitulo 18. o qual foy sempre julgado por hum dos mais dificultosos, e escuros de todos os Profetas, e sobre o qual trabalhavão muito os Interpretes antigos por acharem a verdadeira applicação; mas nem atinarão, nem podião atinar com ella, porque não tiverão notticia, nem da terra, nem das gentes, de que fallava o Profeta. O Texto he este: *Væ terræ cymbalo alarum, quæ est trans flumina Æthiopiæ, qui mittit in mare legatos,*

*et in vasis papyri super aquas. Ite Angeli veloces ad gentem convulsam et dilaceratam, ad populum terribilem post quem non est alius; ad gentem expectantem, et conculcatam cujus diripuerunt flumina terram ejus.* E como se mostra, ficou hũa, e outra gente arrancada, e despedaçada. Os Topinambás arrancados, por que os lançarão de suas terras os Portuguezes, e tambem despedaçados; assim porque forão ficando a pedaços em vario sitios, como porque depois da victoria lhes foi necessario para conservarem o seu dominio dividirem se em colonias, muy distantes huns dos outros. Os vencidos tambem ficarão arrancados, porque os Pernambucanos Topinambás os arrancarão das suas Patrias, e tambem, e com muito mayor razão despedaçados, porque não podendo resistir, muitos delles fugirão em magotes pelos matos, e pelos rios tomando diferentes caminhos, onde fizerão assento, não sem novos inimigos, que ainda mais os despedaçassem. Assim que huns, e outros ficarão gente arrancada e despedaçada.

## CAPITULO 5º

### DESCRIPÇÃO, E CONQUISTA DA CAPITANIA DO PIANCO, PIRANHAS E CARIRY NO CERTÃO DE PERNAMBUCO

37. Retirados os Topinambás das terras maritimas de Pernambuco, fizerão muitos delles assento em varias partes do certão. Desde a serra da Burburema athe o Rio do peixe, que comprehende setenta e oito legoas formarão muitas aldeas. He terra dilatada em fertilisśimos campos, vistosos oiteiros, e cortada de altissimas serras, e por isso acomodada habitação para muitos milhares de homens. Sofrião mal que os Portuguezes cada dia fizessem entradas por aquellas terras, fazendo-se senhores do mesmo certão, em que hiaõ fundando sitios, e fazendas de criar gados vacuns, e cavallares. Como conservavão o odio contra os Portuguezes que lhes havião tomado os lugares maritimos, confederados com os Xacurús, Panatís, Icos, Icosinhos, e Coremas, levantarão se, e pondo se em armas davão de repente em diversas partes, matando e roubando nellas, e pelos caminhos tudo quanto achavão, com confusão desordenada dos moradores, que em nenhum lugar se davão por seguros das suas hostilidades. Soberbos com as victorias, que no certão alcançavão, descião em tropas, e acometião as nossas povoaçoẽns, que asolavão a fogo, e ferro. Chegavão aos Governadores as noticias de tantos estragos, e logo se renovavão outras encarecidas na dor dos miseraveis, que na invasão daquellas gentes sem piedade, perdidas as familias, fazendas e escravos, choravão com húas mesmas

lagrimas a falta dos bens, mulheres e filhos. Porque como aquelles barbaros ainda que por natureza homens, erão por costume feras, sem perdoar a oppostos, ou rendidos, fazião passar pelo rigor do ferro athe os que ou a idade, ou o sexo izentava das leys da espada.

38. Ouvidas as queixas pelos Governadores procuravão por muitas vezes emendarlhes o orgulho, e castigarlhes a ouzadia, fazendo entradas com gente armada, mas ainda que conseguissem hũa, e outra vez a destruição de algũas partidas, ou com a morte ou com o captiveiro, não era suficiente o remedio para tamanho mal, porque sendo inumeraveis os gentios, senhores do campo, praticos nos terrenos, so hum grande poder, e hum capitão de valor, e experiencia, poderia conseguir a conquista daquellas terras, cuja amenidade tributando regalos, e segurança aos naturaes, convidava aos estranhos com intereces.

39. Crecião os insultos por que não havia opposição, q̃ lhes fizesse as empresas arriscadas, e os sucessos perigosos. Descerão sobre os moradores de Pajaû, e com deshumanidade estranha ainda ao furor barbaro os acometerão. Os nossos como erão no valor soldados, na resolução promptos, sem perderem o acordo no repente, tomarão as armas, se oppuzerão aquella multidão tumultuaria, detendo-os emquanto se formarão, e unirão em hum esquadrão serrado para melhor fazerem rosto a todo campo inimigo. Disparadas as bocas de fogo cahirão alguns, que investirão primeiro. Infurecidos com a morte dos companheiros, lanção hum cerco para acometerem ao pequeno corpo dos nossos por todas as partes, sobre o qual descarregão hũa dença nuvem de frechas com tanto estrondo de vozes, e alaridos medonhos, que causarião pavor ao peito mais destemido. Eys que de repente condensando-se as nuvens se formou hum espantoso diluvio com muitas torrentes de agoa, que precipitando-se das montanhas vezinhas na planicia arrastavão pela violencia tudo que encontravão. Os Gentios tomarão logo as montanhas, e deixarão a peleja. Os nossos quasi de nado se retirarão para a parte contraria, e se salvarão fugindo, declinando o golpe com menos honra, que fortuna.

40. Avisarão logo ao Governador Geral D. João de Alencastre dando-lhe relação do attrevimento com que os Gentios descorrendo com absoluto imperio por todos aquelles certoens tratavão nossas cousas com desprezo. O Governador Geral que vivia escandalisado da liberdade, com que aquelles barbaros descorrião soltos por todo certão, sentindo como injuria da pessoa que em seu tempo continuasse a baixa da nossa opinião, a que dava calor a falta de castigo, resolveo dar lhes a conhecer como erão pesadas nossas mãos, mostrando-lhes que a nossa paciencia daquelle tempo, mais era disciplina, que temor.

41. E como os males, que exprimentavamos necessitavão de

remedio não so prompto, mas applicado por mão de pessoa de respeito, authoridade, valor, e zelo, na escolha da pessoa se dilatava o soccorro. Os moradores daquelle lugar conhecendo o motivo da tardança, pedirão ao Governador Geral mandasse em sua defença o coronel Manoel de Araujo de Carvalho, a quem os Indios temião, e respeitavão pelas muitas occasioens em que havia mostrado ser hum fulminante rayo contra os rebeldes, e para com os rendidos hum benigno Astro. O Governador a quem não erão occultas ao proezas com que Manoel de Araujo havia por muitas vezes refreado os violentos impetos dos Gentios lhe escreveo hũa carta honroza, convidando-o para aquella empreza, que só fiava da sua actividade e valor.

42. O coronel Manoel de Araujo, que neste tempo residia em hũa sua fazenda no Rio de S. Francisco, recebida a carta do Governador Geral, respondeo a ella com attençoens de subdito, e agradecido. E sem interpor dilações na obediencia, se dispoz para a empreza. Porem como faltavão meyos proporcionados para a execução, julgava temeridade arrojar-se a tão grande empenho, sem forças, e disposiçõens, que assegurassem o bom sucesso, so com o qual grandes acçoens se qualificão. Parecendolhe menos decoroso pedir contribuiçõens a fazenda Real; com despeza da sua propria armou cento e sincoenta homens, e com elles marchou pela ribeira assima do Rio de S. Francisco, fiado mais no valor, que no poder que levava.

43. A poucos dias de jornada chegarão a distancia, em que ou sendo acaso, ou avizado dos vigias, que sobidas em sima de troncos mais levantados, occultos entre as ramas espião os caminhos, que guião a seos quarteis, se achou a nossa gente metida em hũa emboscada artificio Marcial, de que muito uzão os Indios do Brazil; mas sendo a tempo conhecida, ainda que nos ferirão alguns soldados dos que avançados marchavão diante a descobrir o campo, o coronel vendo-se de subito acomettido, animando aos seos com o exemplo acometteo ao inimigo com tanto vigor, que com o mesmo repente, com que o assaltarão, com o mesmo se puzerão em fugida, deixando no campo muitos mortos e feridos.

44. Desembaraçado deste primeiro encontro continuou a marcha vencendo perigos e alhanando dificuldades. Em varias partes lhe sahirão partidas de Indios rebeldes, que cortados sempre do nosso ferro, levavão no castigo a pena da sua ouzadia. Chegou finalmente ao Pajaú, onde tiverão os mayores ataques, porque sendo aly mayor o poder, foy mais vigorosa a resistencia. Hum anno foy necessario para asegurar aquelle destrito das invasões dos inimigos, o que conseguido a custa de repetidas vitorias, passou Manoel de Araujo ao destrito das Pinharas, donde se achava o Capitão mor Theodoro de

Oliveira Ledo posto em campo contra os Panatís, que asolavão aquella campanha com barbaras hostilidades. Com este gentio tiverão continuados choques, até que feitas pazes, respirarão os moradores da oppreção com que vivião.

45. Continuou Manoel de Araujo a conquista do Pianco, e Rio do peixe, para a qual lhe forão necessarios tres annos. Era a nação Corema sobre valerosa, tão encaprichada em sua opinião, que nem forças a abalavão, nem razoens a movião; despresava partidos e zombava das nossas armas. Tinhão por gloria e honra morrer na campanha, quantos mais lhe matavamos, tanto mais se metião nos conflitos.

46. O coronel, que desejava de hũa vez acabar aquella guerra, sabendo que os inimigos se achavão juntos nas cabeceiras do Rio, resolveo ir buscallos dentro de seus mesmos alojamentos; mas como aquella empreza tinha de gloriosa, o que lhe sobrava de arriscada, e não respondendo o sucesso a seos pençamentos, virião a ser julgados demazia os intentos, o valor culpa. Propoz aos cabos e soldados o seu intento, como o perigo, e a honra havia ser de todos, os não quiz privar da melhor parte da victoria, que conseguia cada hum aconcelhando os meyos de a conseguir. Ouvida a proposta, no rosto de huns se estava lendo a grandeza do coração, cuja alegria presaga da victoria promettia o triunfo; no semblante porém de outros se estava vendo a fraqueza do animo, cuja tristeza, anuncio da covardia, profetisava o máo sucesso.

47. Não quiz Manoel de Araujo emprender aquella empreza, que conheceo não ser da aprovação de todos, mas para não malograr os pençamentos hũa vez concebidos de ir buscar o inimigo em seu proprio arrayal, emprendeo, e conceguio hũa das mayores facanhas, que publica a fama. Sem o fazer saber a algum dos officiaes, e soldados, pega de um principal e tres Coremas prizioneiros, e atravessado pela meya noute o Rio Pianço chega ao romper da menhaã aos alojamentos inimigos. *Alterão se estes julgando ter sobre si o nosso poder*; socega os Manoel de Araujo, e pede audiencia ao seu Mayoral. Avizado este tinhão por hospede o seu mayor contrario, sahio a recebello com cortezia alhea da sua barbaridade.

48. Recolhidos ambos a tenda do mayoral, com tanta efficacia e valentia lhe propoz as conveniencias da paz, lhe segurou cabal satisfação dos partidos, que o Corema se deo por obrigado, e rendido. Enquanto Manoel de Araujo, tentava estas couzas com o Mayoral, os prisioneyros não cessavão de encarecer a seos parentes, e amigos as revelantes qualidades deste cabo. De comum parecer acceitarão as pazes, que no terceiro dia se celebrarão com festejos e aplausos de ambos partidos, e por penhor da sua conservação entregou Manoel de Araujo

o seu bastão ao Mayoral dos Coremas, e deste recebeo uma grinalda de vistosas penas, diadema com que ornão as cabeças os principaes de cada nação, que respondem a Regulos feitos por eleição do povo, dominando, ainda que com imperio enfermo, hum em cada Aldeya, sem dependencia, ou subordinação a outro superior, e sugeitos a coroa de Portugal, recebem aquella dignidade por patente dos Capitaes Generaes.

49. O coronel deleitandose como intereçado n'aquellas glorias, ajudava aos aplausos com que todos aplaudião aquellas pazes, pelo muito que todos nellas intereçavão. E para melhor render aquelles corações endurecidos em nosso odio, repartio entre elles varios dixes de sua estimação, hermanandose tanto com elles, que totalmente depuzerão as suas custumadas desconfianças. Levou a fama athe aos lugares mais remotos d'aquelles certões a bondade com que erão tratados deste cabo, o que moveo aos Icosinhos a nos convidarem com a paz, que nos offerecerão voluntarios, exemplo que seguirão outras muitas aldeyas daquelles contornos onde chegou a notticia das pazes feitas com os valerosos Coremas, entre os mais, respeitados por ajuizados e valentes.

50. O Coronel que pratico no estillo do certão conhecia com a experiencia dos annos a natureza daquelles barbaros, a q̃ a falta da Religião faz não admittir mais fe, que a que lhes entra pelos olhos; poz toda diligencia para que nenhum dos Portugueses obrasse acção de que podessem tomar motivo para a desconfiança. E tendo disposto tudo que lhe pareceo necessario pª quietação daquella Capitania, fez viagem para a cidade de Olinda, trazendo em sua companhia dous Coremas dos principaes da sua nação. Foy recebido do Bispo, e Governador com especiaes honras, deferindolhe sem demoras, a todos os requerimentos que fez em utilidade dos Indios.

51. Voltou para o certão, e levou em sua companhia trez sacerdotes seculares, que pedio ao Exmo Bispo, para que tratassem da converção daquella Gentilidade, aos quaes acompanhou com veneração e asestio com grandeza, sinco annos que se occuparão naquelle santo exercicio, em que a Deus e a Patria fizerão grandes serviços.

52. Via Manoel de Araujo que os moradores occupados ate aquelle tempo em guerras licenciosas, sem Pastores, que lhes pudessem ir á mão, crescia nelles a corrupção da sensualidade, e depravação dos costumes, e faltos do uzo dos sacramentos, não tinham de christãos mais do que o nome. Levado do zelo de tantas almas perdidas, pedio ao Exmo Prelado, hum sacerdote que Pastor, e Parocho daquellas perdidas ovelhas, as encaminhasse para o rebanho do Ceo, e offereceo fazer-lhe de sua fazenda por seis annos suficiente congrua para sua honesta sustentação. Conseguida

esta graça, tratou de levantar no Cariry hûa fortaleza para o ceo e deu principio a hûa Igreja, que em breve tempo poz capaz de se poder nella dizer missa, e administrar os sacramentos aos fieis. Desde seos principios foy a Igreja do Cariry, que erigio Manoel de Araujo, parochia, e a primeira dos certõens do Cariry, Piranhas e Piancó.

53. Livres os moradores destes certões das hostilidades, que exprimentavão no furor dos Indios, se vião combatidos de grande chusma de gente atrevida, e dissoluta, que procurando naquellas terras hûa vida livre, e licenciosa, cometião roubos, homicidios, e outros enormes peccados, porque não havia Tribunal, onde pedissem satisfação dos agravos, nem Justiça que castigasse os seus insultos. O comercio era a medida de suas vontades, e dividas só as pagava quem queria, e muitas vezes o pagamento era hûa balla, porque o matar e ferir mais que culpa, era bizarria.

54. De todas as mizerias, e fatalidades referidas teve notticia o Fidellissimo Rey D. João 5º de gloriosa memoria, e para acudir com o remedio a tanto daño, ordenou a João da Maya da Gama, Governador da Parayba, que ouvido o Ouvidor Geral, nomiasse hum Juiz com alçada naquelles certões, em pessoa de authoridade, valor, e zelo, que bem a podesse introduzir, em lugares tão remotos, e rebeldes á Justiça, para conservação, e paz de seus vassallos. Fez o Governador, e Ouvidor Geral eleyção do Coronel Manoel de Araujo de Carvalho, entendendo que nenhum outro, mais do que elle, poderia vencer as grandes dificuldades que se offerecião na introdução, e administração de justiça, em povo somente acostumado as leys de seu apetite. Faltando a Manoel de Araujo pretexto com que pudesse desviar-se do cargo, sem que parecesse intentava poupar-se com receyo dos trabalhos, ou temor dos riscos, asseitou o cargo mais grato à memoria, que ao beneficio. Nove annos exerceo aquella occupação com a prudencia, e rectidão, que se deve supor em quẽ soube e pode criar de novo hum lugar que a todos se fazia odioso.

55. Não damos aqui a ler todas as acções illustres com que este famoso capitão debelados muitos gentios em repetidos conflitos recuperou neste estado o credito das nossas armas, porq̃ não cabem em hum so livro, que deve tratar de outras materias, todos os feytos de homem tamanho. Baste lhe para elogio saber se que não lograrão seos grandes serviços mais premio que a gloria de merecellos. O R. P.e M.e Fr. João de S. Angela Alagoas com bem aparada pena em verso heroyco na lingoa latina, trata a este capitão como hum dos Heroes digno da Fama immortal q̃. soube adquirir valente, merecer facil em arriscar pela Patria a vida, a pessoa pela opinião. Escrito que dedicou a seu filho o R. P.e Manoel de Araujo Carvalho Gondim, Mestre em Artes, e Doctor em Canones pela Universidade de Coimbra.



Fundação Biblioteca Nacional
Manuscritos
Rio de Janeiro - Brasil

56. Conquistadas estas capitanias, metidas de paz todas as naçoẽs, que habitavão Pernambuco, poderão sem contradição os Portuguezes fazer suas habitaçoẽs em todas as partes assim maritimas, como do certão, augmentarão-se as fazendas de gados vacuns, e cavalares, crescerão as povoações, multiplicarão-se as freguezias, e cada dia se augmenta mais esse povo, riquezas, e edificios.

57. As terras que constituem o bispado, e Governo Geral de Pernambuco erão habitadas pelos Indios que entre todas as naçoẽs do Brazil lográvão a preminencia de primeiros senhores, e povoadores destas terras. Os principaes, entre todos erão os Tobayares, cujo nome mostra a sua primazia, porque, yára, quer dizer senhor, e Toba, significa rosto, e vem a dizer senhores do rosto da terra, que entendem pelas terras maritimas de toda costa. Em segundo lugar, erão habitadas pelos Topinambas, que entre as mais nações erão respeitados pelos mais valerosos, e destemidos. Em terceiro lugar pelos Potigoaras sempre opostos aos Tobayares, e com quem trazião continuada guerra. Os Topinambás habitavão o lugar em que hoje está situada a cidade de Olinda, estendião-se pelas ribeiras dos rios Beberibe, e Capibaribe, e por mais de oitenta legoas para o Sul. Esta nação se opoz rigorosamente aos Portuguezes, e não conceguindo lançallos fora destas terras, se retirarão muitos para o Maranhão, outros para os certões, e alguns ficarão entre os nossos, de que se compoem muitas aldeas, q̃ hoje existem. O certão era povoado de varias naçoẽs, e os chamados Tapuyas vivião nas entranhas das brenhas, e na parte mais occidental de Pernambuco.

58. Sendo os Tobayarás, Topinambás, e Potigoarás as naçoẽs mais afamadas, e principaes, escolherão para suas situaçoẽs as terras mais deliciosas, e aprasiveis. Sem controversia he Pernambuco o mais deliciozo Paiz de toda America Portugueza. O seu clima he por excellencia o melhor entre os bons. He hum segundo Parayso em ares vitaes, e benignos. O terreno he outra nova terra de promissão. Logra huã continua Primavera, com que se enfeyta a terra, alegra a vista, recrea o olfato, sustenta o gado, cura os homens, e enriquece aos pobres. Treze generos se contão de erva que serve de pasto aos animaes, por cuja bondade he em Pernambuco tão grande a copia de gado vacum, e cavallar, que destes consumindose infinitos no serviço destas capitanias, saem para fora todos os annos mais de quarenta mil, são ligeiros na carreira, doceis ao ensino, e tão fortes no trabalho, que sahindo de Pernambuco para as minas geras com a carga de seis arrobas, andão seis centas legoas desferrados, e chegão sem diminuição nos alentos. Do gado vacum ha tanta abundancia, que pobres, e ricos, brancos, e pretos se sustentão das suas carnes que são as mais saborosas de todo

Brazil; fora da que se gasta na terra; para Bahia, e Minas saem todos os annos mais de trezentos mil boys. Os mais generos de Ervas mayores floridas, cheirosas e medicinaes não se podem reduzir a numero, e no presente anno de 1757 se descobrio huã semelhante ao cravo da India, tendo nas folhas, e fruto, o mesmo sabor, e gosto.

59. No anno de *1742*, se descobrio a prodigiosa erva chamada do chumbo, por hum caso socedido na fasenda do Brejo no certão do Rio do peyxe, que hoje he do R.$^{do}$ D.$^{or}$ Manoel de Araujo de Carvalho Gondim. Com duas ballas de clavina foy passado de parte a parte pelo ventre um Indio da nação Icozinho. No campo o deixarão como morto. No seguinte dia teve notticia deste suceço o Then$^{te}$ Coronel Manoel Alves Correa, assistente na dita fasenda, sahio com alguns escravos para mandar sepultar aquelle que supunha defunto; não o achou no lugar, nem procurado por outras partes o descobrirão. Passados oito dias aparecco o Indio são e robusto, somente com sinaes das feridas, que de todo não estavam cicatrisadas. Admirados da cura, que parecia milagrosa, lhe perguntavão porquem, e com que fora curado. Repugnou declarar o segredo, mas veyo a descobrir que esta erva fora o seu remedio, porque o era para qualquer penetrante ferida, que não privasse da vida executivamente. Em hum cão se fez logo a experiencia, e mostrou ser verdade. Accontecendo ferir certo marido a sua mulher com o tiro de hũa espingarda, passada pelo ventre com duas ballas dando se lhe a erva, em poucos dias se vio livre da morte, tendo abortado uma criança que trazia no ventre. Está esperimentada varias vezes, e he remedio infalivel. Toma se pela boca em quantidade de huã oitava, ou em pó subtilissimo, ou posta de enfusão, e da mesma erva se forma emplasto, q̃ se poem na chaga. Logo que se toma, faz lançar pela ferida quanto sangue se acha extravasado, alenta os espiritos, correbora as forças, e restitue os sentidos.

60. Nasce esta erva na terra, sobe pelas arvores, e tanto que está enlaçada suspende a raiz, contra a ordem natural de todas as mais ervas. Faz um galante texido entre as ramas da arvore, que abraça, lança um delgado talo acompanhado de miudissimas, e estreitas folhas, nas extremidades brota huãs quase imperceptiveis flores, que exalão cheiro agradavel. Todo o viandante pelos certões não anda hoje sem o provimento desta erva, que em muitos cazos tem mostrado a sua prodigiosa efficacia.

61. A bondade dos arvoredos de Pernambuco he singular pela sua formusura, prestimo, e preço, de que ha matas immensas, gloria e coroa de todos os bosques do mundo. Produz todas as arvores que produz o Brazil, e muitas outras que se não achão em outras partes. Os violétes, Jatubás, condurús, Rabuge, e Gonçallo Alz, os mais

estimados para obras sò nas terras destes Paizes se achão. O páo Brazil he o melhor, e em muita quantidade. Os Balçamos sò esta Capitania, e a do Espirito Santo os produz, sendo o nosso o mais precioso, e mais extimado.

62. Os seos frutos não tem inveja aos das outras Provincias, na cor, no cheiro, fermosura, e sabor excedem aos mais extimados em outras partes. O cajueiro que emquanto arvore hé a mais aprasivel, e graciosa quando nos mezes de Julho, e Agosto se veste da gala de suas flores, e nos de Novembro, Dezembro, e Janeiro da pompa de seos frutos; em Pernambuco ha legoas, e legoas cobertas destas arvores, que com seos maravilhosos frutos servem de regalo, e sustento, o que se não acha nas Provincias do Sul, por que fora de Pernambuco, não ha estas arvores, e se outra terra produz algũa, he degenerando da pompa das suas ramas, e da bondade de seos frutos. O mesmo socede com as Mangabeyras, arvores que dispostas pela natureza em terreno de huã, duas, e mais legoas, parece um pomar bem concertado pela arte. So as prayas desta Provincia verem-se cobertas do vistoso arvoredo que compoem os coqueiros, o que se não ve em outras capitanias. As sapucayas são tantas que se poderão carregar muitos navios com as suas saborosas, e medicinaes castanhas. As Pitombeyras arvores tambem proprias deste Paiz, com os seus frutos em cachos, á maneyra de uvas, são innumeraveis, como são todas as mais arvores de frutos cultivados, e agrestes, e que exalão suavissimos balçamos, preciosos aromas, e medicinaes oleos sendo o nosso bejuim melhor, que o da Ilha de Somatra.

63. Seriamos muy difusos se quizessemos referir individualmente a facilissima produção, e quantidade immensa dos frutos, e flores da nossa terra, so genericamente dizemos que de frutos e flores tem mayor copia, e com menos cultura que a que logrão as mais partes do mundo. Todo anno he geral pelos campos a abundancia de flores, que ou se desvanessem no vistoso das folhas, ou se qualificam com o suave da fragancia. Entre todas sobresae magestosa huã prodigiosa Rosa, que sendo toda folhas faz o mais sezudo papel da gentilesa, trajando pela menhãa de neve, ao meyo dia se veste de purpura. Se S. Ambrosio diz, que no Paraiso terreal a Rosa fora creada sem espinhos, e que estes sahirão na sua planta depois do peccado, parece que está Rosa concervando a bellesa, e inocencia com que fora creada. As plantas medicinaes, aromaticas e exquisitas não tem numero, não se sae ao campo, que senão sinta logo algum genero de fragancia, porque ha flores que exalão ambares, outras balçamos, outras almiscares, e todas com suaves exalações, fazem agradavel impressão no olfato.

64. Para a montaria tem os nossos matos onças, Tigres, gatos

sylvestres, raposas, e outros muitos animaes. Para a caça; Antas, veados, porcos montezes, capivairas, Pacas, Tatus, Cotias, Tamanduás, Lebres, Coelhos, e Quatis. Para o gosto; Monos, Macacos, Bugios, Guaribas, Saguins, Preguiças, Parigues, e Maritacas. Em nenhũa parte do mundo passeão seos ares, nem mais em numero, nem mais fermosas aves, logrão as mais finas, e engraçadas cores, e tem o mais doce, e suave canto. So nas nossas prayas arroja o mar com abundancia o precioso Ambar. Finalmente os rios abundantissimos de peixes, e mariscos, os campos de gados, os matos de animaes, e os ares de passaros, constituem as nossas terras hum segundo Parayso terreal.

65. No seo destrito estão situadas as rendosas minas do Paracatú, e proximamente se tem descuberto as dos Cariris Novos com ouro de vinte e quatro quilates, finissima prata, e pedras de mayor preço; as do Ceará Grande, e de outras partes; que parece he Pernambuco hum monte de ouro, e productor de metaes, e pedras preciosas; de frutos, e plantas raras, de aromas, e oleos suaves, com o que fica superior a todas as mais Provincias do Brazil.

## CAPITULO 6º

### MOSTRAN-SE MENOS VERDADEIRAS AS AFFRONTOSAS NOTAS COM QUE SÃO INFAMADOS OS INDIOS NATURAES DA AMERICA PORTUGUEZA

66. Assim como são felices os embustes, que dão lustre a hũa nação, assim são infelices os que lhes servem de affronta. Para esta desgraça, ou fortuna basta, que hum autor Autor escreva apaixonado, ou falto de verdadeiras notticias, porque sendo muitos a transcrever o que achão por outros escrito, em pouco tempo passão as falcidades, a verdades inconcussas. Lastima causa ver que Authores de boa notta deixassem em seos escritos pintados os Indios do nosso Brazil com a mais escura tinta. Não suspeito que os movesse principio vicioso, ou reprehensivel, mas sim que forão faceis em escrever noticias mal comprovadas. Pintam-nos os seos defeitos com os mais negros borrões. Huns homens que apenas podemos crer sejam na natureza homens, supondo-os nas acções tão brutos; mais feras que as mesmas feras, selvagens que vivem ao som da natureza, sem fê, nem Ley, nem Rey, que em sinal da sua brutalidade lhes negou o Autor da natureza as letras F. L. R. na sua lingoagem. Mais brutos em pé, que racionaes humanados, sem arte, nem politica, sem prudencia, e sem humanidade, preguiçosos, covardes, comiloens, medrosos, mentirosos, cubiçosos, e dados a vinhos. Finalmente huns Faunos, huns semicapros, huns satyros dos antigos Poetas.

67. Provarão a Justiça da nossa cauza contra tantas calumnias, os feitos dos mesmos Indios, e as Historias que escreverão esses mesmos Autores. Todas as virtudes que ennobrecem hum homem se dividem em intelectuaes e moraes. Aquellas illustrão o entendimento, estas rectificão a vontade. Em ordem as segundas comprobaremos com ditos, e feitos, não tudo que se poderia dizer, mas o que baste para conciderar a esta nação dotada de valor nas armas, de amor a Patria, de humanidade, lealdade, nobreza de animo, e de outras partes de que constão os homens illustres. Emquanto aos feitos dos Indios da America Portugueza serâ preciso propor sô os mais insignes, pois não há campo para mostrar, nem ainda para reduzir ao mais compendioso Epitome, tantas historias. Faremos o que fazem os Geografos que para dibuxar hûa região grande em pouco papel, somente apontão com breves caracteres as povoações mayores. Ou imitaremos aquelle celebre pintor, que para pintar a grandeza de um Elefante, lhe pintou um so dedo.

68. Os Indios Brasilianos a quem hoje despreza o vulgo da nossa nação Portugueza, são altamente celebrados de valentes, valerosos, constantes, e liaes por aquelles mesmos Authores que em seos escritos os infamão de covardes, medrosos, infieis, e desleaes. Não negão, nem podem negar que para os prosperos sucessos das conquistas do Brazil, forão os mesmos Indios de grande adjutorio. Talvez não se conceguiria a conquista de Pernambuco, tendo os Portuguezes contra si os valentes Topinambás, se da sua parte se não puzessem os Indios da nação Tobayar. Foy esta nação a primeira que se poz da nossa parte apezar dos Topinambás, Caietes, Potiguaras, e outros muitos. Em defenção dos Portuguezes obrarão maravilhas debaixo da conducta do famoso Tabyra, capitão de valor, esforço, e arte. Assombro dos nossos inimigos, venceu batalhas, matou innumeraveis, fez tantas proezas, e era tão timido, que o mesmo era saber se, que vinha no Exercito Tabira, para dar a empreza por perdida. Dispunha ciladas, asaltos nocturnos, e repentinos, trazendo com elles os seos contrarios sempre inquietos, assustados e temerosos. Rondava disfarçado os arrayaes do inimigo, e ouvia quanto entre si tratavão, e no seguinte dia lhes descobria suas imaginadas traças, como por elle advinhadas, com o que os metia em espanto, confusão, e medo.

69. Desesperadas as nações contrarias de tantos estragos quantos cada dia recebião do valor, e arte do famoso Tabyra. Apellidarão suas gentes, e formarão um tão numeroso Exercito, que os campos se virão cobertos de ferozes guerreiros, e com tão grande obstentação de poder, que causaria terror ainda aos mais esforçados; ajuramentados todos a morrer, ou acabar de hûa vez com este assoute comum de todos. Fizerão se fronteiros ao arrayal de Tabyra, e por hum valente Indio lhe mandarão

intimar desafio. Com desenfado ouvio ao mensageiro, alegrando se de ver seos inimigos juntos, imaginando lhos trazia aly a fortuna para de hum golpe acabar com todos.

70. Com o desejo de ver aquella empreza rematada, toca a recolher, e posto de hum alto falla a seos soldados neste sentido. Este he o dia parentes, amigos e companheiros, que com ancia, e trabalho procuravamos, no qual havemos de dar a nossos inimigos o castigo que merece a sua obstinação; ou havemos de receber hũa affronta, que não poderão extinguir as idades. Se vos não esqueceis das injurias que delles tem recebido a nossa nação, dos parentes, e amigos, que nos tem morto, tempo he este em que nos podemos satisfazer dos daños recebidos. Para este effeito procuray desempenharvos, imitay o que virdes que faço, e vereis hoje acabados todos esses inimigos, que a fortuna nos pôz diante dos nossos olhos.

71. Disse, e com hũa exalação entra pelo exercito contrario com tanto impeto, ruido de vozes, bater de pes, som de barbaros instrumentos, que parecia fundir-se a terra, arruinar-se o mundo. Ferirão-se primeiro com setas, paos de Juncar e outras armas de arremeço. Porem não sofrendo a ira o menor intervallo, investem furiosos, e com as mãos, e dentes como raivosa feras se despedassão, e matão No primeiro fervor do conflicto descarregarão os inimigos sobre o valeroso Tabyra hum diluvio de frechas, e huã se lhe pregou em hum olho, porem Tabyra arrancando a frecha e com ella o olho; Brama como Touro, ruge como Leão, silva como Serpente, morde como perro, desgarra como Urso, mata como Basilisco e esgrime como cobra; pisa, aterra, atroa os ares, e scintilando faiscas de fogo pelos olhos, e boca, concebe tanto ardor, que como trovão, e corisco, asola, e poem por terra o que mais lhe resiste. Animados os seus soldados com a voz do seu capitão, excitados com seu exemplo, carregarão com tanto impeto aos inimigos, que inda que se valerão estes das ultimas reservas, não podendo jà resistir a tanto valor, começarão pouco a pouco a ceder, e carregados cada vez mais, ultimamente voltarão as costas os que ainda tiveram vigor para a retirada. Os mortos, e feridos foram tantos, que se lhe não soube dar numero; antes que o sol se puzesse ficarão os nossos senhores do campo, e de hũa victoria das mais famosas, que andão nos annaes da Fama.

72. Não foy inferior no valor, arte, e disciplina militar o grande Piragibá que voltando como braço de peixe, taes façanhas obrou em defença dos Portuguezes, que mereceo ser apremiado com habito de Christo, e hũa boa tença. O mesmo obrou o afamado Itagiba Braço de ferro; os valerosos e nunca asáz louvados Piragiba, Exuig (?), Jucuguaçú, Taperiry, Tapiroaba, Tarapagong, Aparaitiçabuçú, Aparaitiçamiri, Pindaguaçú, Ibitinga, Ibitingapeba, todos capitães da

nação Tobayaras afamados em proesas, em armas, em fe e lealdade christãa.

73. Da mesma sorte o grande Potigoaçú, o famoso Guiraopina, o valente Araruné, o destemido Corobabe, o esforçado Meiruguaçú, o arrojado Ibatatá, o famosissimo Abaiguijà, todos Principes de grandes povos punhão em campo cada hum delles de vinte athe trinta mil arcos em defença dos Portuguezes contra muitas outras nações que lhes erão contrarias.

74. Que façanhas pode Roma, ou Grecia pôr em paralelo com as proesas dos famosissimos Potiguaçus D. Antonio, e D. Diogo Pinheiro Camarão? assombro que forão dos Olandezes. ElRey os premiou com Habitos de Christo, tença, Dom, foro de fidalgos da sua casa, Governadores, e Capitaẽs Generaes. E se para escrever suas proesas não bastavão muitos livros, bastou o apertado lugar da enchovia do Reciffe, para ecclipsar tantas glorias, para escurecer tantas luzes em seu netto D. Domingos Pinheiro Camarão, que imitando o valor e lealdade de seu Pay, e Tio, nas sublevações, e guerras civis de Pernambuco, foy a redempção desta villa do Reciffe nos apertos do seu cerco, provendo-o de mantimentos, posto em campo em sua defença. Se nos escandalisou vermos em tão injuriosa prisão hum homem merecedor de immortal gloria, e tão abatido aquelle Heroe que viramos ser recebido nesta mesma praça como em triunfo; muito mais nos escandalisou o motivo de exceço tão extraordinario. Dizia o Governador, que o prendeo, que o castigava para que tratasse melhor do que tratava a sua mulher. Na cadeya acabou a vida opprimido da sua afronta, sem lhe podermos valer mais que com o sentimento.

75. Não com menos generosidade, e valor procederão nas guerras as Indias em favor, e defença dos Portugueses. Debaixo da conducta e vanderas de seos maridos destroçavão varias vezes os nossos contrarios. Sem os hyperboles da fama, sem os defeitos das fabulas virão as nossas terras Marthesias, Lampedos, Antiopes, Menalipes, Orythias, e Pantasileas, verdadeiras Amazonas.

76. Não ficarião enteramente satisfeitos os nossos Indios se os Authores que delles escreverão não lhes concedessem outra prerogativa que o valor nas armas, porque he muito limitado elogio o que se estreita a só hũa prenda. Porque a ousadia do coração, a intrepidez nos perigos da guerra, separada de outras qualidades nobres que illustrão a natureza racional, não he tão propria de homens, como de brutos, e mais deve chamar-se ferocidade que valor. A animosidade intrepida com que os nossos indios se metião entre os perigos parece que os coloca entre os brutos, se erão como os pintão intrataveis, feroses, e desaprasiveis, dã motivo pª crer que o que nelles chamo valor, he

somente fereza, porem dá a conhecer muito bem que as notas de covardes, e temerosos são tambem falças.

77. A pintura porem que dos nossos Indios fazem os Authores, representa nelles todos aquelles nobres attributos; que fermoseando a parte racional dão as suas valentias todo lustre de hum verdadeiro valor. De sua indole benevola, aprasivel, e urbana se deve julgar que quanto esforço mostravão nas campanhas era filho legitimo da fortaleza. O Pe Simão de Vasconsellos na sua Chronica do Brazil, L. 1. § 10. f. 9. escreve que arribando Pedro Alves Cabral ao Brazil, e entrando pela barra de Porto Seguro, ao estrondo da artelharia se aballarão immensos Indios, descendo das serras a praya ao som de guerra, que aos Portuguezes pôz em grande cuidado verense cercados da immensa multidão daquelles Gentios. Mas logo depuzerão o seu receyo vendo que com sinaes, asenos, e dadivas erão hospedados. Traçarão em sua presença mostras de alegria a seu modo gentilico, galanteados elles, e ellas de tintas de varias cores, e pennas de passaros, fazendo festas, bailhes, e jogos, lançando frechas ao ar em sinal de amisade, e prazer. Que asestindo entre os nossos a missa e mais habitos christãos dos Religiosos de N. Seraphico Padre S. Francisco, estiverão decentemente compostos, pondose de joelhos, batendo nos peitos, e levantando as mãos ao ceo. Antes que voltasse a armada regalarão aos Portuguezes com quantidade de animaes, Aves, e frutas. Acompanharão ao General quando se embarcava com mostras de prazer, metendose huns pela agoa, outros em Jangadas, e outros nadando athe a náo, mostrarão quanto lhes fora grata a sua vinda, e quanto sentião a sua auzencia.

78. Com as mesmas caricias, agasalho, e mostras de amisade, forão os Portuguezes tratados dos nossos Indios em todos os portos, que arribarão. Achavão-nos liberaes, benignos, e obsequiosos, em tanto que não conceberão aquella desconfiança, que lhes ministrou a suspeita, e fomentou a oposição Franceza. Em quanto entenderão que os Portuguezes *pacificos e desarmados querião a sua sociedade, tudo era ex*primentar humanidade, carinho, e bizarria. Mas quando se vem acometidos com mão armada, tudo nelles era ira, furor, corage, e raiva.

79. A sua fidelidade se acha altamente acreditada com a experiencia. Desde que o Brazil se descobrio, e povoou de Portuguezes, sempre se servirão dos Indios não so para condução dos gados, mas tambem para escolta dos que descem das minas carregados de ouro. Tem acontecido innumeraveis, em que a cobiça de alguns, tem tirado a vida a outros, para senhorearem suas riquezas; mas não se acha Indio, que cometesse semelhante delicto. As naçoẽs que se puzerão pela parte dos Portuguezes assim na conquista destas capitanias como nas guerras com naçoẽs estrangeiras, nunca conceguirão Francezes, e Olandezes se

rebelassem contra nos, observando inviolavelmente aquella lialdade que a principio nos prometerão. Os titulos ou brazoẽs da sua nobreza consistem em ossadas dos inimigos, que matão, e guardão com cuidado, em colares de dentes que trazem a tiracolo, em Grinaldas, e fraldoẽs compostos de varias pennas; nas pedras preciosas, ouro, ou prata, que trazem nos furos das orelhas ou beicos. Dada huã caveira destas, dente, ou pedra da orelha em penhor da sua palavra, não faltarão com ella ainda que lhes custe a mesma vida. Vasc.s L. 1. n. 136. f. 79.

80. He verdade, não o negamos, que entre as innumeraveis nações, de que se compunha o nosso Brazil, tantas que se julgou ter o Brazil no tempo de seu descobrimento, mais gente que toda Europa; havião então alguãs nações que mais irracionaes que as mesmas feras, fazião o que não faz bruto algum, que era alimentar se dos individuos da sua propria especie. A este uzo destinavão commumente os prizioneyros de guerra. A crueldade de outras nações não se saciava com dar morte aos prizioneiros, senão que a fazião mais dilatada, e dolorosa com quantos generos de tormentos lhe dictavão o odio, e a vingança. Mas tambem hé certo, que infinitas nações abominavão esta crueldade, que aborrecião, e detestavão fortemente.

81. Nem nos deve admirar a barbaridade destes povos, quando sabemos que aos descendentes de Tubal e de outras naçoens politicas, com que se povoou Portugal, se reduzirão muitos de seos descendentes a tanta brutalidade, que matavão, e comião aos que dos povos vezinhos apanhavão, ou em guerra ou em ciladas. Esta mesma ferocidade se vio entre os Russianos, Alemaẽs e outros povos da Europa; e ainda se exprimenta em alguns gentios de Africa e Azia.

## CAPITULO 7º

### MOSTRA SE COMO OS INDIOS DO BRAZIL NÃO SÃO PRIVADOS DAS VIRTUDES INTELECTUAES

82. Temos celebrado aos nossos Indios pela parte do coração, agora os veremos pela parte da cabeça. O conceyto que desde o descobrimento da America se fez de seos habitadores (e ainda hoje dura não so entre a plebe, mas entre os que se conciderão fora da Esfera do vulgo) he que esta gente não tanto se governa pela razão, quanto por instinctos. Como se algũa Circe os ouvesse transformado em brutos. Mas muito pelo contrario está não só o que daquelles primeiros Indios nos contão os Estoriadores, mas a nossa quotidiana experiencia. O Illm.º Palafoz, não se contenta com a igualdade da sua, a

nossa capacidade, pois no memorial que apresentou a ElRey em favor dos Americanos das Indias de Castella, intitolado Retrato natural dos Indios, diz que excedem aos Europeos. Aly conta de hum Indio que chamavão Seis officios, porque outros tantos sabia com perfeição. De outro que aprendeo a organista em poucos dias; de outro que com quinze dias soube tocar bem esse instrumento. Refere alguãs subtilesas, em que mostrão a sua rara habilidade. Mas para que he buscar exemplos em Authores, nem dos Indios do Peru, e Mexico se os temos nos nossos do Brazil.

83. Não sofro a enorme equivocação com que se confunde o defeito da habilidade, com a falta de aplicação; a possibilidade com o facto. He certo que são poucos os Indios, que vemos exercitar officios ou artes, mas he evidente que por se lhes não permittir a aplicação, não mostrão habilidade. Esses poucos que se aplicarão, sahirão excellentes. Vive hoje na Bahia hum Indio tão famoso escultor que parecem as suas obras feitas por mãos Angelicas. Neste Reciffe houverão dous entalhadores que obravão maravilhosamente. Em casa de hum meu cunhado se educou huma India da nação Tobayar que em seis mezes soube coser, bordar e fazer rendas de todo primor. Tenho presente um rapaz da nação Gramacio, de doze annos de idade, que aplicando se a ler, e escrever em menos de dous mezes lê bem, e não escreve mal. Alguãs Igrejas das aldeas dos Indios deste Bispado tem organos, para com mais solenidade se celebrarem as suas festas. Os Indios são os organistas, e musicos, que beneficião as missas. Em todas as missoens se cantão as ladainhas officio da Senhora e Jaculatorias, que a devoção tem inventado, o que fazem os Indios, e Indias com bem concertadas vozes.

84. Por mais que nos queirão pintar nos nossos Indios hũa torpe estupidez, sabemos que suposto que os Portuguezes quando entrarão nestas Capitanias os achassem ignorantes na arte de guerrear ao modo de Europa, nem por isso deixava de sugerir lhes seu discurso tão agudos estratagemas, que forão admirados dos mesmos Portuguezes. O Grande Tabyra se valia do que ouvia disfarçado, a seos contrarios, para lhes fazer supor alcançava por via extraordinaria as suas resoluções mais secretas, traça de que uzarão outros famosos Caudilhos.

85. Havia entre elles hum Concelho de guerra. Elegião por votos quatro, ou sinco dos mais afamados em valentias. Eleitos se sentavão em roda, em lugar separado, o mais velho propunha a materia que se tratava, e cada hum dos concelheiros dava o seu parecer livremente. Emquanto estavão neste conclave não era licito a pessoa alguã fallarlhes, nem ainda chegar a avistallos. O que aly se resolvia sem alguã fallencia se executava ainda que soubessem que a execução lhes havia custar a propria vida. nem era permittido reclamar, ou contradizer as resoluções deste

veneramdo consistorio. Por este conselho era eleyto o General das armas, que governava a guerra emquanto não cometia alguã cobardia, mas se dava mostra de fraco era deposto e privado para sempre dos officios honrrosos. Na sciencia da medicina sem as lições de Avicena, Hypocrates, ou Galeno são peritissimos, aplicando com grande destreza os remedios. A sangria descoberta como por milagre na Europa, della uzavão os Indios, servindo se de agudos e subtis dentes de peixe, em lugar de lancetas. Das nossas frutas sabem estrahir generosos vinhos. Nas suas caças são tão destros no modo de prender feras, e enlaçar aves, que admira a subtileza, e habilidade com que o fazem. Finalmente para tudo que se aplicão mostrão genio, e capacidade.

86. Dirão os que são de contraria opinião, que a carencia de Religião, que se observou nos Indios do nosso Brazil, preciza a fazer hum baixissimo juiso de seos talentos. Responde-se que ainda que os erros em materia de Religião são os peyores de todos, não provão absolutamente rudeza nos homens. Ninguem ignora que os antigos Gregos e Romanos erão muy habiles para sciencias, e artes, com tudo que gente mais fora de caminho emquanto ao culto. Em começando o homem a buscar a Deidade fora de si mesma não ha que fazer conta da mayor, ou menor capacidade, porque anda tambem fora de si mesma a razão. Emquanto a dizerem que os nossos Indios carecião totalmente de Religião he engano dos que assim o publicarão por falta de suficiente trato, e por lhes não entender bem o idioma não penetrarão bem a sua mente. Clama toda a natureza a existencia do Creador com tão sonoros gritos, que seria impossivel que ainda que tivessem a razão mais adormecida não despertassem a suas vozes, esta não só seria injuriosa aos Indios, mas a mesma Divindade, porque he querer que faltasse o Criador de imprimir em hũas Criaturas dotadas de razão algum conhecimento da sua grandeza. Conhecião hua excellencia superior a que chamavão Tupã, que quer dizer Excellencia espantosa, pela qual rasão tinhão grande medo dos trovões. Tinhão conhecimento da immortalidade da alma, notticia do diluvio universal, crião haver espiritos malignos, de que tinhão grãdissimo medo, e chamavão com varios nomes, lhes offerecião sacrificios, não como a Deoses, mas como a mensageiros da morte para que os não empecesse. De tudo se colhe que nelles não havia carencia de Religião, e sim huã gentilidade sem simulacros, e infinidade de falças Deidades. O conceyto pois que dos nossos Indios devemos fazer, he, que entre os Gentios erão os mais avisados, e entendidos em materia de Religião, porque se adoravão a Deos com hum temor servil, que declara o nome de Tupã, com que o reconhecião, a que he incomparavelmente superior o temor filial com que chamamos ao Criador, e arbitro

do mundo Deos da palavra grega Theos, que val o mesmo que temor, e nas criaturas racionaes com o amor de Deos se deve unir aquelle temor do mesmo Deos, que he o principio da verdadeira sabedoria: Initium sapientiæ timor Domini; tambem não adoravão como os Romanos Deoses aduteros, perfidos, e malignos; nem como os Egypcios vis sevandijas, e ainda os alhos, e cebollas das suas hortas; nem, como os gentios antigos moradores da Beira, e marinha de Setubal, que a huã baleya que o mar arrojou a suas prayas tributarão adorações como a Deidade. Ao abrir aquelle monstro a boca, boqueijos de morte, a que se via exposto fora do seu centro, entenderão selvagens, lhes pedia sacrificios, que aly logo mulheres, e homens liberalmente offerecerão em suas vidas. Sacrificio que continuarão até muito depois da vinda de Christo com huã donzella, e hum moço, a quem permitião todo o anno gosar-se livremente. Se os erros muy repugnantes aos principios naturaes em materia de Religião provão barbaridade, he preciso declarar por barbaros aos Inglezes, Dinamarquezes, Suevos, e muitos Alemães, pois em todas estas naçoẽs está muito dominante o erro, de que não pecamos por eleição, senão por necessidade, que Deos nos obriga a peccar, e nos he impossivel evitar o peccado.

87. Pela experiencia que tenho destes homens estou tão longe de assentir as vantagens de capacidade em outras naçoẽs, que vivo persuadido que se lograrão igual cultura, lograrião vantagens sobre muitas. Forão, e ainda são os Alemaẽs notados de genios tardos, e grosseiros, em tanto gráo, que houve Author que poz em questão se desta nação poderia sair algum espirito revelante. Entre os Romanos para expressar hum entendimento tardo, era proverbio: Auris Batava: orelhas de Inglez. O discurço dos Moscovitas estava pouco hà tão desacreditado, que delles se dizia não terem de homens mais que a exterior figura. Os Scythas erão reputados pelos mais selvages, e barbaros de todos os homens. Os Turcos, Persas e Japoens se representavão como congregaçoẽs de satyros, ou homens meyos brutos. No nosso Reyno de Portugal entre Celorico e Trancoso habitavão povos tão brutos, e silvestres como animaes indomitos, tão rudos que huã familia não entendia a lingoa de outra com menos de duas legoas de distancia, pelo que erão julgados pelos povos confinantes como bestas mais feras, que as mesmas feras.

88. Mas apenas entre estas naçoẽs e cultivarão as letras mostrarão que não ha gente alguã, que possa com justiça ser capitulada de barbara. Dos Alemaẽs se admirão na Republica das letras como Gigantes das sciencias hum Rabano Mauro, e hum Alberto o Grande, gloria o primeiro da Religião Benedictina, o segundo da Dominicana, Trithemio,

o Abbade Ruperto, Athanasio, Scioppio, Kircher, Gaspar Schoti, e outros muitos. Entre os Olandezes apenas ha arte que não cultivem com primor. Tanto que o ultimo Czar Pedro Alexowitz introduzio entre os Moscovitas as sciencias, e artes se vio que são os Moscovitas habeis para todas as letras, e artes. Tanto que no Cairo ouverão profeçores, que ensinão a Astronomia, a Geometria, a Arithmetica, a Poesia, a lingoa Arabica, e Persiana, mostrarão a sua capacidade, e na Policia apenas ha nação que os iguale, nem subtilesa, que se lhes occulte. Tanto que entre os Persas se levantarão colegios, e universidades, donde estudassem Arithmetica, Geometria, Astronomia, Philosophia natural, e Moral, Medicina, Jurisprudencia, Rhetorica, e Poesia, mostrarão que estavão muito fora da rusquitez, e ferocidade que delles concebiamos. Tanto que se introduzirão em Portugal as escollas, e universidades, corresponderão os descentes daquelles povos, que seos vesinhos julgavão salvages, com igual numero de homens doutissimos aos que sahirão das naçoens mais cultas. Se os Iroqueses, Lapoens, Troglodytas, e Garamantes, a quem hoje mal admittimos por membros da nossa especie, se empregarem no exercicio das sciencias, e letras, lhes succedera o mesmo, pois he certo que se não dà perceptivel desigualdade, em ordem ao uzo do discurso.

89. Por se não examinar na pedra do toque do estudo està certatamente occulto o preciso metal do entendimento dos Indios do nosso Brasil. Entre elles não se achão letras mas sim grande capacidade para ellas, pois vemos que se se applicão, adiantão mais em seis mezes, que outros, em hum anno. O certo he, que em tão severa censura não se reprehende hoje, o que se julga que he, se não o que muitos apaixonados querem que seja. Estas verdades os incommodão, e ninguem està mal co huã verdade, que lhe não chame mentira. Como se interecem particulares conveniencias, não haverá contradição, a que não venha logo hum ruido de vozes, que sufoque a voz. Para ahy he ponderar gravemente a sabedoria dos que julgão, e rustiquez dos julgados.

90. He certamente muito para reparar aquelle grande empenho, que mostrão muitos dos Regentes das Aldeas para que estes homens se conservem empantanados na ignorancia, rudeza, e impericia. Provarey este pençamento com caso succedido a poucos annos em hũa das Aldeas desta Provincia.

91. Era esta Aldea da administração de outros Religiosos Estrangeiros. Entrou na residencia della hum Religioso, que esquecido da paciencia, com que devia tolerar a huns, reprehender a outros, e sofrer a todos, mostrou que o genio lhe não deixava liberdade para dissimular faltas ligeiras, julgando excesso athe o que não chegava a descuido.

Rigor que os Indios interpretavão satisfação a queixa de lhe não corresponderem com os emulentos, que elle quizera, avaliando o procedimento por indignação, e o castigo por vingança. Alguns casaes se resolverão antes a largar suas casas, e meter se pelos matos, e brenhas, que expor se a exprimentar os rigores do superior. O Capitão mor dos Indios, que certamente logra extremada capacidade, procurava todos os meyos de moderar o missionario, e socegar os seus subditos, mas não chegava a conseguir hua, nem outra cousa pela obstinação do Frade. Não passou muito tempo, que não investisse com o mesmo Capitão mor, que tanto obrava para que todos lhe vivessem sugeitos, e obedientes.

92. Sentirão-se os Pays desta demazia, queixarão se ao seu Prelado, que pedindolhe a rasão do excesso, respondeo, referindo com tantas rezõens encarecidas os descuidos dos pobres Indios, que chegarão a parecer atrevimento. Julgando por grande desatenção a sua autoridade a queixa dos offendidos, determina tomar o despique do seu imaginado agravo. Não podendo ja sugeitar seos affectos, chegou a destemperar se com tanta demazia na extenção da sua Jurisdição, que se resolveo a assoutar ao mesmo Capitão mor. Chama-o ao seu Hospicio, tanto que o teve de portas a dentro, ajudado do companheiro, e de hum preto escravo da caza, lanca se sobre elle para o maniatar, o Indio que se vê assim acomettido, e conhece o intento, os aparta de sy com valentia; Ao estrondo das vozes, acodem os Indios, que se achavão mais perto, entrão por outra porta, que o descuido deixou aberta, e vendo ao seu Capitão mor naquelle aperto, o ajudão a livrar-se delle, sem se atreverem a fazer acção, que fosse contra o respeito devido ao seo Padre.

93. Deixou este a Aldea, veyo para este Reciffe, tão fora de conhecer o seu erro, que lhe parecia ter feito um grande serviço ao Estado, impedindo as liçoẽns, que de ler e escrever dava aos Indios o seo companheiro; e não obstante estar pouco acreditado o seu talento, muitos o crerão innocente, e lhe approvarão a resolução. Porem a que alma, que não tenha ou o entendimento estupido, o a vontade depravada, não cauzará horror, que os Padres Missionarios uzem de castigar com assoutes, não a rapazes, mas a todos os pobres Indios, sem distinção de sexos ou idades.

## CAPITULO 8º

### MOSTRA-SE QUE NA LINGOA BRASILICA NÃO HE DEFEITO FALTAREM NO SEU ALPHABETO ALGUÃS LETRAS

94. Tão empenhados se mostrarão os antigos Escritores em persuadir ao mundo a torpe ignorancia, e incomparavel barbaridade dos

Indios do Brazil, que não satisfeitos com o que inculcarão de seos costumes, até na sua lingoa puzerão taxa. Seis são as primeiras lingoas que fallão os Indios do Brazil, e entre estas seis especies, ha huá geral, e comua que fallão os Toboyaras, Tupes, Tupinambas, Tupinaquis, Tupigoáes, Tumiminos, Amoigpyras, Aróbayâras, Rariguoáras, Potigoares, Tamoyos, Carijós, e outras muitas nações, ainda que em algũas se achem corrupções da lingoa geral, como os Dialectos ou lingoagens particulares das provincias, que são corrupções da lingoa que se falla na corte, e cabeça do Reyno, o Gascão v. g. o Normando e o Provençal em França. O Genovez, o Milanez, e o Bergamasco em Italia. Esta lingoa fallão com mais ou menos diferença os Indios de Pernambuco, pelas mais partes do Brazil fallão outras muitas, e excedem todas a cento, e sincoenta lingoagens diferentes. A lingoa geral he formada com tão acertadas regras da Gramatica, que não falta um ponto na perfeição da praxe, de nomes, declinações, conjugações, activas e passivas, que não dão vantagem as mais polidas artes dos Gregos, e latinos. Pela sua perfeição julgão muitos que logra as prerogativas da lingoa Grega.

95. Quatro cousas se conciderão nas linguas. Energia nas voses, duçura nos assentos, riqueza nas frazes, e abundancia nas palavras, que corresponda a abundancia das ideas; e verdadeiramente admira a delicadeza, copia, energia, e facilidade desta lingoa. No seu alphabeto não admittem as letras F. L. nem o R dobrado, e o que é primor da lingoa, conciderão defeito da nação, e da mesma lingoa. F. segundo Prisciano Gramatico, he letra muda, querem outros que seja letra semivogal, porque começa por vogal, e pela propria vogal acaba: como exprimentamos, quando pronunciamos, Effe. No seu tratado de ortographia affirma Dausquio que os Romanos ignoravão esta letra, e que fora iventada pelo imperador Claudio, e usara della as avessas nesta forma ⅎ, como ainda hoje se vê em letreiros antigos do seu tempo, onde se vê Terminaⅎit, Ampliaⅎitque por terminavitque, et ⅎixit por vixit; mas não foy recebida de todos esta letra, e morto o dito Emperador, tornarão ao V., ou Vau Eolio, com que tem alguã semelhança na pronuncia, posto que soa o F mais aspero. R dobrado he tambem letra semivogal, pronuncia-se com tremula vibração da lingoa, levantando-a ao padar, e lançando com a ponta della o ar com força, e ao ouvido é tão aspera que Socrates lhe chama instrumento, e sinal de todo movimento, pelo tremulo soído, com que se pronuncia. Tão bem he o instrumento de toda a aspereza, e acrimonia verbal, por isso lhe chama Persio letra canina.

— Sonat hic de nare canina
Littera.

Porque o cão quando encrespa o nariz, e arreganha o dente, dá, e

repete um soído, semelhante a R, o que (segundo advertio Turnebo, Lib. 29. 17) se chamava Irrire, donde se originarão os verbos Irritare, et irruere, quia canes irrindo, irritantur, et irruunt; ao que allude o Poeta Lucilio, aonde diz:

Irritata canis quod R quam plurima discat.

E advertio com varios exemplos de Autores antigos, que a letra R. serve de esprimir materias, em que a ira, o furor, a desgraça occasionarão sucessos tragicos.

96. Sendo pois a lingoa Brasilica dotada de hũa grande brandura, facilidade, e docura na sua pronuncia, com rasão excluio do seu alphabeto hũa letra que é o instrumento de toda asperesa, e acrimonia verbal. Pela mesma razão excluhio tambem a l. F. letra aspera, e muda. Nenhũa falta lhe faz esta letra, pois com as do seu alphabeto logra riquesa, e abundancia de palavras. A falta da letra L. não é falta. Assim como na nossa lingoa Portugueza mudamos a letra L. em R. que de blandus dizemos brando; de Planctus, pranto; de Clavus, cravo; de Placére, prazer; e de Suplere, suprir; E em varias palavras latinas quando L vem depois destas trez letras C. F. P. corrompe se em Ch, como de Clavis, Chave; de Flama, Chama; de Plaga, Chaga; sem que se possa dizer que faltando o L a estas palavras lhe falta a gala da lingoa, assim tambem não diminuye o primor da lingoa Brasilica a falta desta letra, que por semivogal é menos branda, e os nossos Indios excluirão quanto poderão da sua lingoa todas aquellas letras que podião fazer soar aspera a sua pronuncia.

97. Pela parte com que alguns Autores capitularão de brutos aos nossos Indios, tomando a falta das letras F. L. R. por fundamento da gravissima cençura de que vivião sem Fe, Ley, nem Rey, passe por chiste. Bem estava o mundo com semelhantes illaçoẽs, seguiria se que todas aquellas naçoẽs que ao Ente Supremo não chamassem Deus como chamão os Latinos, ou Deus como dizem os Portuguezes; ou Dios como o apelidão os Castelhanos; ou Dio como os Italianos; ou Dieu como os Francezes, seriam reputados por Atheistas. Julgariamos erão semelhantes aos Borussos, povos da Sumatra Europea, os Hebreos q̃ chamarão a Deos, El, Elion, Adonai, e Jehova; os Allemaẽs que dizem Gott, os Inglezes, God; os Bohemos, Bub; os Abexins, Emlacb; os Armenios, Astas; os Vascoenses, Jaincona; os Esclavoẽs Bug; e os Japoẽns Dairiche.

98. Seguiria-se que os povos que não chamarem Fe, o que se cre na Religião, que se profeça, Ley o que manda, e determina quem tem poder para mandar, Rey, ao que tem jurisdição sobre os que vivem no seu Reyno, não tem fé Ley, nem Rey. A seos Principes chamão os nossos Indios: Morobixaba, que vem de poro mudado

o p. em, m, e yxaba. Poro significa gente, yxaba, o que manda. Da criação do mundo the o tempo do diluvio, na computação do Alapide correrão 1656 annos, e em todo este tempo não consta do sagrado texto, ou de Autor algum, houvesse filho, ou descendente de Adão, que dominasse na terra com titulo de Rey; por que cada hum governava a sua familia como Pay, e cabeça della. Veyo o diluvio, e ainda se passarão 170 annos semque no mundo se ouvisse o nome de Rey: neste anno estando Noe com todos os seus filhos retirado para o campo de Senaar, entre o Rio Tigris, e Eufrates para onde vierão no anno 131 depois do diluvio, e tendo dado principio a fundação da Cidade de Babilonia, e Torre de Babel, Nenrod principal agente de toda esta machina, começou a mostrar-se poderoso na terra, a dominar aquelle povo, e a fazer-se senhor delle, ate que no anno 184 do diluvio estava reconhecido, e adorado de todos como Principe, Rey, e Monarcha absoluto; e assim foi Nenrod o primeiro a quem se deve o nome de Rey. E porque antes de Nenrod não se ouvia no mundo o nome de Rey devemos dizer, que todos os homens que houverão no mundo erão barbaros e não reconhecião alguã superioridade, por que essa tinhão as cabeças das familias em todos seus individuos, sendo essas nomiadas com diverso nome que significava poder, e dominio, assim como significa a palavra Morobixaba dos nossos Indios. Fé dizem Tupanrerobiara, vem de Tupan, que significa Deos, e do verbo, Arobiar; que significa crer, e acreditar. Ley, ou Mandamento dizem, Acerecomonhangaba: vem de Ace, que significa uma pessoa, reco -a vida; monhangaba o que se ha de fazer, e obrar; e vem a dizer o que hade huã pessoa fazer para regular a sua vida. Com estas frazes dão genuinos sentidos, e explicação com propriedade a essencia das palavras Fé, Ley, Rey. As palavras Fe, ley, e Rey, não tem mais energia que Tupanrerobiara, Acerecomonhangaba, e Morobixaba, porque na energia nenhúa lingoa vence a outra, pois a mesma força de expressão tem Galerus em latim, que chapeo em Portugues. Cadeira, Candieiro, e Panella em Portugues que silla, vellon e olla em castelhano. Tanto diz o Portugues quando diz Mosquito, Borboleta, nada e tudo, como diz o Francez Moucheron, Papilhon, Rien, Tout.

99. D'estas, e outras muitas razoens, que deixo em silencio se infere que a lingoa Brasilica he tão boa, como as lingoas boas. Na origem, ampliação, e armonica propriedade de todas as lingoas do mũdo, preside, e domina o Espirito Santo, porque procede da infinita facundia de hum Pay, que desde a eternidade diz tudo em huã palavra; e da pessoa de hum filho, que he essencialmente sabedoria, sendo pois todas as lingoas admiraveis em as naçoens deste divino Espirito, nenhũa dellas foy indigna da declaração de suas verdades, em todas

ellas fallou ao mundo por boca de seos Apostolos. Tam certo he que toda a lingoa he perfeita e bella.

## CAPITULO 9º

APONTÃO-SE OS MOTIVOS DE ALGUÁS CALUMNIAS CONTRA OS INDIOS. DA-SE NOTICIA DA SUA ORIGEM, E NOME, DE SEUS ANTIGOS CUSTUMES E RELIGIÃO

100. Tam encaprichado está o mundo do occulto influxo do sangue que querem que os filhos por força d'elle herdem aos Pays, não so aquellas paixoens, que dependem do temperamento, mas ainda a propenção a Religião de seos mayores. Levados desta errada opinião, querem alguns persuadir que os Indios não admittem a fé com aquella constancia, que deverão, e por isso continuão em seus gentilicos ritos, que seguirão seus mayores. Nenhúa censura mais alhea da verdade.

101. Não so o assento que presta o entendimento a Religião verdadeira, mas tambem a pia affeição, que da parte da vontade procede precede ao assento, he sobre natural, e por conseguinte não pode, segundo boa Theologia, nem o sangue, nem outra couza natural ter connexão algua nem com o assento, nem com a pia affeição. Esta toda he obra da divina graça para quem não ha nem ainda dis-

*posição remota em toda esfera da natureza, e só podem admittir* disposiçoens naturaes negativas, que unicamente concorrem removendo impedimentos como o bom entendimento, e boa indole. Nem estas boas disposições, em os que as gosão dependem de que seos Pays hajão profeçado a Religião verdadeira.

102. O assento a Religioens falças, não ha duvida que he absolutamente natural, pois não pode ser sobrenatural o erro; mas he certo que não depende em maneira algũa do temperamento, nem da organisação, que he no que pode influir a semente paterna. A Razão he, porque o dar assento a hum erro, depende da representação objectiva, a qual em diversos temperamentos, e organisaçoens pode ser huma mesma, e em temperamentos, e organisaçoens semelhantes diversa. Que duvida tem que entre os homens, que seguem a ley de Mafoma ha innumeraveis homens desemelhantes nestas, e outras disposições naturaes? Sem embargo todos crem os mesmos erros.

103. O que talvez sucede, he, que algum que sendo menino foy instruido em Religião distinta da de seos Pays, sabendo depois em idade mayor que estes profeçavão outra ley, se acha interiormente movido a seguir seos passos. Mas isto he claro que não depende de que dentro das veas tenha semente algũa de Religião paterna, senão

que o amor, e veneração a seos progenitores o inclina a imitallos. E he muito natural que lhe faça mais força o exemplo dos que lhe derão o ser, que a imitação dos que lhe roubarão a liberdade. Porem he tanta a força da educação, do costume, e da communicação, que prevalesse contra todas as demais attenções.

104. Assim o estamos espirimentando com os filhos dos Gentios idolatras que de Africa se conduzem em grande numero todos os annos para a nossa America, que educados na Religião Christãa, vivem totalmente apartados de todo o pençamento de tornar a idolatria, que profeçarão seos Pays.

105. Não basta porem esta quotidiana esperiencia para desterrar o erro vulgar, que ha nesta materia. Dizem, que assim como segundo a natureza da semente sae a arvore, ou segundo a arvore sae o fruto, assim taes são pelo comum os homens, qual he a extirpe de donde vem, e em suas operações copião os costumes de seos ascendentes. Esta preocupação em desabono dos Indios he tão geral, por falta da devida reflexão, que se devia fazer nesta materia.

106. Todo fundamento desta cençura consiste, em primeiro lugar, mostrar a esperiencia, que trasidos alguns meninos tirados das aldeas em que nascerão, para as cidades, e povoações dos Portugueses, sucede que passados alguns annos se retirão para companhia de seos Pays e parentes. Em segundo lugar, ter se visto, que se ajuntão alguãs veses em suas danças, comidas e bebidas, a que elles chamão paracê. Estes são os motivos para se julgar destes que tornão a seos antigos ritos, e lhes falta a presistencia para a concervação, trato e policia.

107. Para desterrar esta falça aprehenção, que redunda em grande prejuiso dos Indios; bastarà que não percamos de vista os testemunhos, e experiencias que podem servir para o desengano. Huma das maiores provas do valor, he tomar huã resolução para todos os dias da vida; porque a nossa natural inconstancia, busca na variedade dos Estados o seo descanço, e nas mudanças as suas melhoras. Andão os homens na roda da sua fortuna como sol no gyro da sua Esfera, todos os meses muda o sol de caza, e conforme a variedade dos signos, em que entra se mudão as Leys do Estado que profeça. Com a mesma instabilidade correm os homens a carreira da vida, sem nunca tomarem assento no estado que tomão. Huns passão da profição das letras, para o exercicio das armas, dos Tribunaes para a milicia, e do Parnaso de Apollo, para os campos de Marte. Outros largão o arado, e poem mão ao leme, e preferindo a navegação a agricultura, lanção as ancoras da sua esperança na Patria dos naufragios. Outros se retirão dos embaraços da Corte, para a tranquilidade de hũa vida solitaria, e cançados com o ocio da soledade, tornão a

se enredar nos Labyrintos da Politica. Assim correm os dias, e não socegão os corações, passão os annos, e não parão os desejos; e como discretamente advertio Seneca, os homens sempre começão a viver, por que nunca acabão de se determinar; murcha-se a idade, e ainda não estão maduras as resoluções, e finalmente chega a morte, primeiro que se tome assento no theor da vida.

108. Daqui se infere que se chama culpa nos Indios o que he penção nos mortaes. Querem nestes homens hûa constancia, que triunfe das inconstancias da propria natureza. Querem nelles hûa resolução para toda a vida, e hûa obstinação, que os ponha em Estado de nunca poderem mudar de Estado. E se para os mais homens he desafogo da naturesa a mudança das occupações nelles he remedio para se livrarem d'hum injusto captiveiro. Pintemos o caso. Traz hum vesinho para sua casa hum rapaz Indio, serve-se delle não como criado, mas como escravo, occupando-o nos mais vis, e laboriosos exercicios. Neste disfarçado captiveyro, com innocente credulidade perdem a liberdade, ainda para aquellas acçoes, que lhe permittem as leys da natureza, e piedade. Cresce nos annos, e com os annos vem a advertencia para conhecer seu miseravel estado; depois de perigosos encontros arriba enganado da Esperança, ou desenganado da Esperiencia, vendo-se tratado como captivo, determina de se retirar, e o poem em execução tanto que acha algum dos seos parentes, que lhe facilite a jornada. *Este he o delicto dos pobres Indios, que com impiedade* chamão defeito de Religião. Miseraveis homens, Proteos da fortuna, camaleões do destino, não so a sua liberdade hade estar presa, senão que querem esteja em hûa moral impossibilidade de se recuperar.

109. *Vista a rasão da chamada inconstancia, vejamos a sem rasão* das superstições, em que os considerão submergidos. Superstição e hum culto não devido ao verdadeiro Deos, ou a algum Idolo, ou falço, e fabuloso Numen. A oração v. g. feita com circunstancias indebitas, ou superfluas *do tempo, lugar, postura, &.ª a invenção de milagres* falços, a impertinencia de varias devoções não usadas, e não aprovadas da Igreja, são superstições, que se reduzem ao culto não devido ao verdadeiro Deos. A superstição pois como culto de algum não verdadeiro Nume, se divide em idolatrias, adevinhações, cerimonias magicas, e vaãs observações, como as dos Romanos na concideração do voo das Aves, das entranhas das victimas, e hoje na escrupulosa, e totalmente irreligiosa fatuidade dos que receão como pronostico de algûa desgraça, o encontro de hum torto pela menhãa, o derramarse o sal na meza, o quebrarse hum espelho, o cantar do cuco, ou galinha, o chover da boda, o espirrar o murrão da candea, o huivar do cão, o entrar com o pé esquerdo, e outros ridiculos agouros.

110. E por qualquer destes capitulos serão supersticiosos os nossos Indios? He certo se não sabe dem algum culto não devido ao verdadeiro Deos. Entre elles não se pratica devoções não usadas, ou aprovadas pela Igreja, muito menos algũa sombra de Idolatria, não usão de serimonias magicas; nem entre elles consta tenha algum uso a Nigromancia, Piromancia, Aromancia, Hydromancia, Geomancia, Metoposcopia, Sortilegio, Chiromancia, Agouro, Auspicio, Aruspicinia, por que não sabemos fação advinhações pelos corpos mortos, pelo fogo, pelo ar, pelos sinaes das agoas, pelos pontos feitos na terra, pelas feições do rosto, pelas sortes, pelas linhas das mãos, pelo canto das aves, pelo voar dos passaros, ou pelas entranhas dos animaes. Logo he injusta a cençura que os condeña supersticiosos.

111. Talvez que entre os Indios se ache tal ou qual individuo destas naçoẽs, em que o Demonio conserve algum resabio de seus antigos erros, mas he evidente que não vemos algum punido, por que haja largado a fé catholica que recebeo. Muitas vezes se tem procedido contra individuos das nações de Africa por continuarem nos seus ritos, e feitiçarias, mas não mostrarão Indio que haja sido castigado por semelhante culpa. A vista de tantas, e tão patentes provas da sua ignocencia, e constancia na fé, o que por esta parte se quer dizer delles, he voluntario, e sem algum fundamento, causa ou razão.

112. Bem tem mostrado os nossos Monarchas o quanto attendem, e extimão os serviços que lhes tem feito os Indios do nosso Brazil: e quanto querem que os não maltratem e offendão. Para esse effeito tem despedido repetidos Decretos, em sua utilidade, abono, e defença. Nos agrados da Magestade do nosso Rey e Senhor D. Jozẽ 1º, que Deos guarde, acharão de prezente agasalho mais que ordinario. Não se occultando a sua soberana prespicassissima comprehenção, o abatimento a que os tem redusido a emulação, e odio dos q̃ os maltratão, e com os injuriosos nomes de Caboucolos, e Tapuyas os affrontão foy servido dar a conhecer o quanto he de seu desagrado q̃ assim os offendão, com hum decreto com que bem mostra o affecto piedoso com que attende a estes vassalos, e quanto quer se augmentem as suas povoações, e se facilitem os progressos da sua geração.

### DECRETO

#### DO MUITO ALTO E PODEROSO REY, E SENHOR DOM JOSÊ I.º A FAVOR DOS INDIOS DO BRAZIL

113. Eu ElRey Faço saber aos que este Alvará de ley virem que conciderando o quanto convem, que os meus Reaes dominios da America se povoem, e que para este fim pode concorrer muito a cõmunicação com os Indios, por meyo de casamentos. Sou servido declarar,

que os meus vassallos deste Reyno, e da America, que casarem com as Indias della, não ficão com infamia algúa, antes se farão dignos da minha real attencão, e que nas terras, em que se estabellecerem, serão preferidos para aquelles lugares, e occupações, que couberem na graduação de suas pessoas, e que seos filhos e descendentes serão habeis, e capases de qualquer emprego, honra, ou dignidade, sem que necessitem de dispença algúa, em rasão destas alianças, em que serão tambem comprehendidas, as que se acharem já feitas antes desta minha declaração: E outro sim prohibo que os ditos meus vassallos casados com Indias, ou seus descendentes sejão tratados com o nome de Caboucolos, ou outro semelhante, que possa ser injurioso; e as pessoas de qualquer condicção, ou qualidade, que praticarem o contrario, sendolhes assim legitimamente provado perante os Ouvidores das Comarcas, em que assistirem, serão por sentença destes, sem apellação nem agravo, mandados sahir da dita comarca dentro de hum mez, e athe mercê minha. O que se executarà sem falta algua, tendo porem os Ouvidores cuidado em examinar a qualidade das provas, e das pessoas que jurarem nesta materia, para que se não faça violencia, ou injustiça com este pretexto, tendo entendido, que só hão de admittir queixa do injuriado, e não de outra pessoa: O mesmo se praticarà a respeito das Portuguesas, que casarem com Indios, e a seos filhos, e descendentes, e a todos concedo a mesma preferencia para os officios, que ouver nas terras em que viverem; E quando soceda que os filhos, ou descendentes destes matrimonios tenhão algum requerimento perante mim, me farão a saber esta qualidade, para em rasão della mais particularmente os attender; e ordeno que esta minha real resolução se observe geralmente em todos os meus dominios da America. Pelo que mando ao ViceRey, e Capitão general de mar, e terra do Estado do Brazil, Capitaẽs Generaes, e Governadores do Estado do Maranhão, e Parà, e mais conquistas do Brazil, Capitaes mores d'ellas, Chancelleres, e Desembargadores das Relaçoẽs da Bahia, e Rio de Janeiro, Ouvidores Geraes das Comarcas, Juizes de Fora, e Ordinarios, e mais justiças dos referidos Estados, cumprão, e guardem o presente Alvarà de ley, e o fação cumprir, e guardar na forma que nelle se contem, o qual valerà como Carta, posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno, e se publicarà nas ditas comarcas, e em minha Chancellaria mor da Corte, e Reyno, donde se registarà, como tambem nas mais partes, em que semelhantes Alvaras se costumão registar, e o proprio se lançarà na Torre do Tombo. Lisboa quatro de Abril de mil setecentos, e sincoenta e sinco

El Rey.

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
2ª SECÇÃO

114. Nem este decreto se empregaria melhor a favor dos Indios do Brazil, e seos descendentes, que quando vay a destruir humas vozes que são perjudiciaes, e injuriosas não sò a esta nação, mas a hum grande cumulo de seos descendentes com parte de Europeos. Assim como he inclinação das almas mais vis deteriorar a opinião do proximo, he occupação dignissima de hum Rey pio, e de hum genio real, defender a honra de seus vassallos, e desvanecer a calumnia com que os maltratão.

115. Perdeo se com Adão a Philosofia nominal, e com ella se perderão os nomes, quiddidativos e expressivos do ser, porque o nome, que deu Adão a cada um dos viventes, era o seu proprio nome, outro nome da propria creatura, não o podia haver, por que era nome difinitivo do ser, e como o ser não se muda, não se pode mudar este nome. Do cahos porem de Babel se seguio o instituto dos homens, o genio e uso das gentes, que formarão, introduzirão, e autorisarão em todas as partes do mundo infinitos vocabulos para o trato natural, civil, politico, e militar. Desta diversidade socede, que palavras que (segundo o nosso uso) tem gala em lingoagens alheas, as veses são injuriosas, e vituperios. Lama que entre nos he lodo, para certos povos da Tartaria, he o titulo do seu legislador o Gran Lama. Poderâ ser que na lingoa dos Indios do Perû que chama ao Sol, Inti, a lua Quilla, a estrella de Venus Chascha, e ao arco celeste Cuychu; as nossas palavras, sol, lua, Venus, e arco, sejão immundicias, e torpezas.

116. Por esta rasão, para cada nação as palavras nacionaes são as melhores, porque respondendo ao conceyto, e idea de quem usa dellas, nos limites da sua esfera, não correm tanto risco de affrontosas equivocações. Desta razão se infere que vay errado todo aquelle que usa de hua palavra sem entender o seu significado, por que se expoem a dizer hûa injuria ou a publicar-se ignorante. Na mente humana toda noticia supoem noção, ou ella propria he a idea geral, ou particular que formou o homem do que lhe veyo ao conhecimento. Para a noção não basta a noticia do nome, mas emquanto se não sabe o que o nome significa, fica o entendimento sem noção do significado. Isto mesmo sucede aos que chamão Cabocolos, ou Tapuyas aos naturaes do Brazil, ignorando talvez o que significão estes nomes.

117. O nome de cabocoro, que com erro se escreve, e pronuncia cabocolo, deriva-se dos nomes, caab, e oca, dos quaes o primeiro significa matto, e o segundo, caza, e vem a dizer homem que tem casa no matto. A falta das letras nasce da sincopa de que usão, e o acabar em o, e não em a, he corrupção da pronuncia. Tapuya, não he nome proprio de nação, he só de divisão, e val tanto como dizer contrario, porq̃ era o mesmo ver hum Tapuya, que ver hum inimigo. No tempo da conquista do Brazil derão este nome de Tapuya, aos Aimorés, Potentús, Guaitacás,

Guaromonis, Goarigoarés, Jeçarurus, Amanipaques, Paycás, Potigoares, e a outras muitas nações, que passavão de cem com lingoas differentes, e que forão oppostas, e contrarias aos Portugueses.

118. De dois principios pode proceder a noção de hũa palavra, da sua etymologia, e da sua diffinição. A etymologia abre o caminho, a diffinição o corre athe o fim. Quando sey que esta palavra cabocoro, significa, homem que tem caza no matto; e Tapuya quer dizer inimigo, começo a entender que cabocoro é hum selvagem, que como fera vive no matto; e Tapuya hum homem contrario e inimigo, e tendo assim huã noção perfeita destas palavras, segue-se fasermos destes povos affrontosos discursos.

119. O nome de cabocoros lhes foy imposto em seu principio, porque muitas destas nações virião dispersos pelos mattos em cabanas que formavão de ramas, e folhas de arvores; e os que viviao em suas aldeyas, ou povoações chamavão aos outros cabocoros. Assim como entre nós chamão os cidadãos aldeanos, aos que vivem em aldeyas fora dos mayores povoados; mas he certo que esse nome não era affrontoso; como tambem o não era o de Tapuya, porque assim como os nossos parciaes chamavão aos que nos erão contrarios Tapuyas, isto he inimigos; com o mesmo nome apelidavão estes aos nossos auxiliares.

120. Como o principal ministerio da palavra é significar, o por que foy instituida, mais se attende a sua significação, que a sua origem. As palavras cabocoro e Tapuya significão certamente cousas injuriosas, logo com muita razão se offendem os Indios, e seos descendentes déstas voses, que partos abortivos da confusão, com odiosa mistura a todos offende. A huns, por que se no tempo da conquista, nos forão contrarios, hoje são amigos. A outros, por que sendo sempre amigos, vem que os tratão agora como contrarios.

121. A alguns Autores pareceo que com impropriedade erão chamados Indios os povos da America, por lhes parecer que este nome competia somente aos da India Oriental, que do rio Indo tomarão o nome; mas he porque ignorão o motivo de serem chamados Indios todos os Americanos. Por tradicção continuada de muitos seculos affirmão os naturaes da America, que seu primeiro povoador foy Ophir Indico, filho de Iectan, netto de Heber aquelle de quem falla a sagrada Escritura no capitulo decimo do Genesis, e a quem coube para senhorear o ultimo da costa da India Oriental. Deste pois dizem, que passou daqui a povoar, e senhorear a região da America, entrando pela parte do Peru, e Mexico, dilatando por aly seu Imperio. Assim o traz o Padre João de Pineda da Companhia de Jesus de rebus Salomonis, onde refere por esta opinião Arias Montano. Deste seu primeiro

povoador dizem que tomarão o nome os naturaes da America, e India occidental. E por respeito do mesmo nome disserão muitos que a America era o mesmo que o Ophir tão celebrado na sagrada Escritura. E segundo esta opinião, o principio da povoação desta terra foy pelos annos da creação do mundo de *1700*, quarenta e sinco depois do diluvio, e antes da vinda de Christo ao mundo *2088* annos.

122. He bem verdade que não corre esta opinião tão inconcussa que não tenha contra si outras muitas. Por que affirmão alguns Autores, que os primeiros povoadores destas terras forão daquelles, de que falla o Texto divino no capitulo onze do Genesis, que pertenderão edificar a torre de Babel. E destes dizem, que vendo se frustrados e confundidos por Deos nas lingoas, para que se não entendessem na obra, espalhados por diversas terras, vierão habitar a nossa America, e com estes povoadores fasem habitada esta região na era de *1788* da criação do Mundo, *2174* antes da vinda de Christo a elle.

123. Outros disserão que estes povoadores forão daquelles Hebreos que Salamão enviava em suas náus do mar vermelho a região chamada Ophir. E tem para si que Ophir he região da America, especialmente, o Perû, Mexico e Brazil. Os fundamentos da opinião que o Brazil he o Ophir, he a mais verosimel entre todas as opinioẽs que o constituem em outras partes. Teve Salamão conhecimento da disposição de todas as terras do mundo, e conseguintemente destes thesouros, e riquezas do Brazil, porque não mandaria a estas partes as suas armadas, sendo a viagem menos dificultosa? Por que partindo como costumavão suas naus do mar vermelho, vinhão correndo aquella parte da India Oriental, costeando Samatra, e daqui direytas a Ilha de São Lourenço, desta ao Cabo da boa esperança, e d'ahy em derrota facil, e direita ao Brasil, viagem de pouco mais de dous meses, e menos custosas que para Africa, e Phenicia, onde dizem os A. A. chegavão as náus de Salamão.

124. Outros disserão forão os primeiros povoadores de nação Troianos, e companheiros de Eneas, que desbaratados pelos Gregos se dividirão entre si, buscando novas terras, em que habitassem. Alguns dos quaes se engolfarão no occeano, e passarão as partes da America; e segundo esta opinião foy esta terra povoada pelos annos *2806* da criação do mundo, e antes da vinda de Cristo *1156*.

125. Outros tiverão para si que forão Africanos, os quaes depois *da destruição de Cartago feita pelos Romanos*, embarcados da mesma maneira que os Troianos, desgarrados, e levados do impeto das agoas, e violencia dos ventos, vierão a costa do Brazil, e não he de admirar que a estes navegantes lhes socedesse o que vimos socedeo no anno

de *1742*, a hûa embarcacão pequena que sahindo de hum porto da India, para outro porto vesinho, com homens e mulheres que passavão de hûa para outra parte; assaltados de hûa contraria, e furiosa tormenta dobrarão o cabo de boa Esperança e dahy correndo ao som das agoas, e ventos vierão parar ao cabo de S. Agostinho, onde ainda chegarão com vida tres mulheres, e dous homens, que trasidos para este Recife recuperarão as forças que havião perdido, naquella inda que breve, trabalhosa derrota. E se os Africanos forão os primeiros povoadores da America, passarão a ella na era da criação do mundo de *3833*, e antes da Redempção dos homens 149.

126. Outros querem fossem estes daquellas gentes dos dez tribus dos antigos Judeos, que ficarão captivos no tempo do Profeta Oseas, segundo a historia de Esdras no l. 4. cap. 13. onde diz dellas, que pela virtude divina forão guiadas a huma região desconhecida, onde nunca habitara gente humana, e por caminhos compridos de anno e meio de viagem. Entendem esta região pela nossa America, e estes homens pelos primeiros povoadores della. E segundo esta opinião passarão os povoadores pelos annos da criação do mundo *3226*, e antes da redempção dos homens *724*.

127. Outros seguem a opinão de Diodoro Siculo, que tem para si que os primeiros povoadores forão daquelles Phenices Africanos que em tempos antiquissimos, saindo a navegar fora das colúnas de Hercules, e correndo a costa de *Africa*, *forão levados do impulso* das ondas e ventos a hûa terra nunca vista, de notavel grandesa, no meyo do Oceano, que defronte da Africa corria a parte do Poente; e era terra amenissima, fertilissima, chea de campos, bosques, rios e fontes. E esta terra nenhûa outra podia ser na parte demarcada, senão a grande America. Segundo esta opinião passarão estes povoadores a estas partes na mesma era pouco mais, ou menos, em que a opinião antecedente faz aportados a ellas os Cartaginezes.

128. Contra todas estas opinioẽs em geral trazem os Authores hûa instancia ao seu parecer grande, e que destroe todos os seos fundamentos. Dizem, que quando se concedesse passarem a America os sobreditos povoadores, em náos ou desgarradas dos ventos, ou mandadas a estas terras, não se faz crivel que nas mesmas embarcaçoes trouxessem Tigres, Onças, Serpentes. e outros animaes ferozes, e peçonhentos, de que abundão estes Paizes: nem era possivel que esses animaes passassem nadando por mares tão dilatados. Por esta razão, que se não pode negar ser grande, e concludente, tiverão para si outros Autores que os primeiros povoadores destas partes passarão a ellas por algûa terra contigua, favoresse esta opinião a de Jacobo Chinco que affirma, que inda athe agora não consta de certo se America, he,

ou não terra firme. E quando queiramos assentir a que hoje he Ilha, e não terra firme, não faz contra a suposição que podemos fazer de que em tempos antiquissimos, esteve esta mayor parte do mundo unida com as outras de donde passassem homens, e animaes, que povoassem a nossa America, cuja união os continuos, e violentos combates do occeano fossem rompendo pouco a pouco athe abrilla de todo, e fazer mar o que antes era terra; assim como separou Sicilia de Italia; a Euboea que hoje chamamos Negroponte, da Boecia; Cypre, da Siria; Leucosia, do promontorio das sereyas. Com o que fica entendido o como passarão os animaes; Emquanto a mim não destroe esta opinião as outras que temos referido. Porque nenhúa implicancia faz que povoada a America de homens, e animaes que passassem da Azia, ou Europa, com que estivesse contigua; pelos sucessos referidos, viessem por mar outras gentes que fossem povoando ja húa, ja outra parte desta vastissima região. Não duvidamos que o Piloto Portugues, que navegava para a Ilha da Madeira, levado do impeto dos ventos viesse parar as costas do Brasil. Não duvidamos tambem, que indo Pedro Alves Cabral para a India, descahisse sobre as mesmas incognitas terras. E a menos de quinze annos, que trasida de agoas e ventos contrarios, veyo húa caravela dar em Pernambuco, com homens, e mulheres, que se estivera a terra dezerta, e despovoada a poderião pelo discurço dos annos, povoar de muita gente. Em cento e sincoenta e sinco annos vio Tubal secenta e sinco mil pessoas descendentes de seos tres filhos, e o mesmo poderia soceder com as tres mulheres, e dous homens, se ja não estivessem estas terras povoadas.

129. Depois da destruição de Troya arribou ao Tejo Ulysses, e seos companheiros, e fundou Lisboa. Asolada a cidade de Tyro com as armas de Alexandre magno, derramando se os Tyros por varias partes, húa veyo cahir na Luzitania, e povoarão. Hercules Tebano e os Argonautas impelidos de tormentas, surgirão em Espanha. Nabucodonosor vindo sobre Cadiz, ficarão em Espanha muitos Judeos que se espalharão por todos os seos Reynos. Diomedes constrangido de naufragios entrou pelo rio Minho, fundou Tuy, e povoou Galiza. Os Gregos aportando ao Rio Douro, fundarão Gaya, e depois a cidade do Porto; e destes Gregos, ou Grayos tomou o nome Gaya, ou Graya, conhecida com o nome de Porto Grayo, e de ambos Portogalo e Portugal. Arabes, Cartagineses, Egipcios, e Africanos pelo mar vierão a mesma costa; e se tantas nações diversas, ou levadas da fortuna, ou perseguidas da desgraça arribando a Portogal, nelle fiserão assento, e habitação; porque não diremos que os povos do nosso Brazil descendem huns dos Hebreos, que mandava Salamão em suas náos. Outros, dos Troyanos companheiros de Eneas. Outros, dos Africanos de Cartago. Outros dos antigos Indeos, que por

virtude divina forão levados a regioẽs remotas, e muito distantes; outros, dos Phenices que trasidos da furia dos ventos viessem arribar a nossas prayas; e outros do Indio Ophir de quem tomassem todos o nome de Indios, assim como os povos das Espanhas o tomarão de Godos, não obstante que m^tos erão Alanos, Suevos, Vandalos, e Visigodos; os Romanos de Romulo, de Luso os Lusitanos, de Lisias Lisitanos, de Agar os Agarenos, de Israel os Israelitas.

130. Favoresse a nossa opinião (emquanto assentimos a que a America foy povoada em tempos subcessivos) a diversidade de seus costumes, e ritos. Os custumes, e ritos dos Indios do Brazil no tempo que os Portugueses descobrirão, conquistarão, e povoarão essas terras erão os seguintes. Não tinhão morada certa, os abrigos de alguns erão hũas pequenas choupanas armadas em quatro paos, cobertas de palha, ou palma. Outros formavão cabanas, ou barracas compridas, sem repartimento algum, e nellas se alojavão vinte ou trinta casaes. Dormião suspenços em redes, tecidas de algodão, e alguns a terra era o seu leito. As iguarias pendião de seu arco, e neste tão destros, que nem as aves no ar, nem as feras na terra, nem os peyxes na agoa, escapão de seos tiros; o seu enxoval, hũa rede, hum patigua, hum cabaço, hũa cuya, hum cão. Servia-lhe a rede para dormir, o patigua (arca de palha) para guardar rede, cabaço, cuya; igaçaba (he como cantaro) este para guardar seos vinhos, o cabaço para a farinha de mandioca, e a cuya para pucaro, para por ella beberem, e o cão para as suas caçadas. Estes trastes levavão as mulheres as costas, e os homens somente arco e frechas. Para as consultas dos negocios mais importantes, escolhião quatro ou sinco dos mais anciãos, afamados em valentias; e eleitos, se juntavão em lugar separado, nem era licito a pessoa algũa fallarlhes nem ainda chegar a avistallos emquanto estavão no conclave. O que aly se determinava sem falencia se cumpria, ainda que soubessem lhes havia custar a propria vida. Estes quatro, para as guerras elegião hum dos mais valentes, este comandava os exercitos emquanto não desmerecia o cargo por covardia, que cometesse. Cometendo-a era deposto, e ficava para sempre inhabel para qualquer emprego honrroso. A este capitão competia o officio de Pregador dos seos, corria suas estancias, pregavalhes certas horas do dia, e noite e em altas voses lhes advertia, e ensinava o que devião fazer. Trazialhes a memoria as façanhas de seos mayores, as covardias de seus contrarios, para animallos. As suas pelejas, erão por ciladas, asaltos, investidas, e retiradas.

131. Algũas nações matavão, e comião os prisioneyros de guerra, a outros maniatados levavão cativos com algazarras a maneira de triunfo. Em seos casamentos não havia respeito a parentescos (exceptuando o primeiro gráo) por via feminina, antes a filha da Irmãa era

commumente a mulher do Tio, ou a mulher que foy do Irmão difunto: As mulheres em acabando de parir, como se o não fizessem, continuavão em seu mesmo serviço, e occupavão como dantes, Porem os maridos lançavão-sse na rede, e erão visitados, e tratados como o ouvera de ser a mulher. Os seos mortos, ou enterravão em hum vaso de barro, que chamavão igaçaba, com sua fouce, e enchada ao pescoço, para que pudessem na outra vida faser suas plantas para se sustentarem; ou os repartião em miudos pedaços pelos parentes, e amigos, para que em suas entranhas lhes dessem a melhor sepultura. Vestião de luto, entre huns era sinal delle cortar os cabellos, entre outros deixallos crecer; e outros ou se tingião de cor amarella, ou se ornavão de pennas pretas. Levantavão o dó com festas, vinhos, e bailhes. Os titulos da sua mayor nobreza, para com huns consistia nas mayores ossadas dos seus inimigos, que matavão na campanha, e concervavão junto a suas cazas, como sinal de ter vencido mais inimigos na guerra. Para com outros consestia em como Tusão, ou habito em colar de dentes enfiados dos que matavão em suas guerras, que trasiam lançado ao pescoço, tanto mais de estimação, q^to^ constava de mayor numero de queixaes. Para com outros as unhas crecidas, ou o cabello tosado. Para com outros hum fraldrão, e grinalda, de lustrosas penas, que tecião com pompa, e bisarria; Para com outros o mayor numero de buracos nas faces, e beiços, que enchião com pedaços de ouro, ou com pedras preciosas. Estes e outros semelhantes sinaes da sua nobreza, tambem erão, o penhor da sua palavra e não faltarião com ella ainda que lhes custasse a vida. Presavão se muito dos brazõens da nobreza das suas cazas, por sua defenção darião as vidas, e passarião por todos os inconvenientes do mundo por não desdizerem, do que pedia cada hum dos seus titulos.

132. A vinda dos amigos recebião lancando lhes os braços ao pescoço, apertandolhes a cabeça a seos peitos ao principio com suspiros, como compadecendose dos incomodos, que no caminho passarão; e feito isto se mostravão festivaes e alegres. Enfeitavãose de diversas maneiras nas occasioẽs de alegria, ou pintando o corpo de varias cores, ou ornandose de vistozas, e lustrosas pennas de araras, guararas, canindés, e outros passaros, que a natureza vestio de maravilhosas pennas. Destas fasem grinaldas, coroas, braceletes, franjoẽs, plumagens para a cabeça, braços, cintura, e pernas. Os mais poderosos tecião hũa rede de algodão, com pennas de varias cores, e a maneira de manto bordado, se cobrião da cabeça athe os joelhos. O seu mantimento farinha de mandioca, legumes, carnes de suas caças, peixe de suas pescas, assado, e cosido ao modo ordinario. Emquanto comem observão raro silencio. Sofredores de grandes fomes quando he necessario.

Em fazer varias castas de vinhos, engenhosos alguns, contão trinta e duas especies. Huns feitos da fruta a que chamão cajà, outros de Aipy, e sao de duas castas, a húa chamão cavycaraçú, a outra cavymachaxera; outros fazem de banana, a que chamão pacoba, outros de milho, a que chamão abativy; outros de ananaz, que chamão nanavy, he generoso, e eficaz; outros de batata que chamão jetivy. Outros de Jenipapo, chamado bacutinguy, he muito confortativo. Outros de beiju que chamão tepiocuy, outros de assucar, ou mel, este he fresco, e de bom gosto. Outros de caju, e deste em muita quantidade, cor palhete, e de sabor agradavel, e assim de outras frutas, que fora fazer esta relação muito extença se quizeramos nomiar todos. São muito dados a banhos, lavandose muitas veses nos rios.

133. Zombão de medicamentos compostos, so nos simplices, que lhes offerece a naturesa pelos campos, tem sua confiança, e o uso os fez tão peritos, como a arte aos melhores Medicos. Cada hum he Medico de si mesmo, e da sua familia. Aplicão com grande destreza os remedios, assim interiores, como exteriores, especialmente contra venenos. Uzão de sangria, quando conhecem ser necessaria, raspando as veas com dentes de peixe; que lhes serve de lancetas. Rarissima vez se acha entre elles torto, cego, aleijado, surdo, mudo, corcovado, ou outro genero de monstrosidade, comuas em outras partes do mundo. Os instrumentos musicos ou fazem de ossos, a que chamão cãgoeira e muremure; outros fazem de conchas. a que chamão membyguaçû, e outros urucã. Outros são feitos de cana, a maneira de gaitas, que chamão urucapy, curupitara, guaibipaye, quaibiabuçû, o mais solemne bailhe entre elles, he andarem a roda prezos pelas mãos sem mudarem o lugar, cantando arengas das suas valentias, e feitos famosos. Chegão a mais annos de idade, que todas as outras nações, passão m$^{tos}$ de cento e trinta, e cento e quarenta annos, e nunca se lhes faz o cabello branco.

134. *Os Indios do Brazil não adoravão expreçamente Deos algum* tinhão com tudo conhecimento de huã Excellencia superior a que chamavão Tupã, que quer dizer Exelencia espantoza, e desta mostravão que dependião, pela qual rasão tinhão grande medo dos trovoens, e relampagos, que disião erão effeitos do Tupã superior, por isso chamão ao trovão Tupã cunanga, que quer dizer estrondo feito pela Excelencia superior. Tinhão conhecimento da immortalidade da alma, e da outra vida, e crião que os varões famosos, que nesta vida forão valentes, e as femeas que os ajudavão, depois que morrião, se ajuntavão a ter seu Parayso em certos valles, que chamavão campos alegres, e que aly fasião banquetes, musicas, e danças. E os covardes, que em vida nenhũa façanha obrarão, hião penar na companhia de certos espiritos maos, a que chamavão Anhangas.

A esta notticia da outra vida alludia o modo com que enterravão seos defuntos, com rede, e instrumentos de seu trabalho. Crem que ha espiritos malignos, de que tinhão grandissimo medo, e chamão com varios nomes, curupira ao que influe pençamentos. Machachera aos espiritos das obras, Jurupary, ou Anhãga aos espiritos, que chamão maos, ou diabos. Maraguigana aos Espiritos, ou almas separadas, que denunciavão a morte, aquem davão tanto credito, que bastava imaginarem que lhes denunciava a morte, para logo se entregarem a ella. A estes fasião certos sacrificios como a Deoses, senão como a mensageiros da morte, e tinhão para si que com as offertas se aplacavão. Entre elles havia feiticeyros, e agoureiros, que com falças aparencias os enganavão. Alguns crião invisivelmente no Diabo nas rediculas formas de mosquitos, çapos, ratos, e outros animaes immundos, e despresiveis. Os Agoureiros tinhão varios modos de oraculos, e adivinhar futuros. Quando querião dar seos oraculos fasião fumo com certas ervas dentro de hum cabaço, e recebido pelos narizes, e bocas, perturbado o Juizo fasião visagens, e dizião depois o que lhes vinha a boca, ou lhes ministrava o Demonio, e tudo que disião firmemente crião.

135. O Padre Simão de Vasconcellos na sua Chronica do Brazil traz hum caso socedido a vista dos Portuguezes, por onde se manifesta, o muito que o diabo trazia por meyo dos seos feiticeyros, a q̃ chamão Caraibas, enredados estes miseraveis. Fiserão alguns Portuguezes hũa entrada no certão em companhia de hum grande troço de Indios seus auxiliares. Postos a vista dos inimigos duvidarão acometellos, por se acharem fortemente intrincheirados. Eis que um dos Indios, que pelos Portuguezes militava, sae a um terreiro fronteiro ao inimigo, e fixando na terra duas forquilhas, atou fortemente sobre ellas hũa clava, ou maça de pao, que lhes serve de espada, e chamão Tangapema, toda ornada de pennas de passaros variadas em cores. Depois de bem segura a clava, convocou a muitos dos seos, para que dançassem, e cantassem ao redor della. Acabadas estas danças, e cantos fez o feiticeyro outras só po si, acrescentando visagens e momos. Feito isto chega a maça, pronuncia entre dentes certas palavras mal pronunciadas, e peior entendidas, e assoprando tres vezes sobre a espada, de improviso se soltou esta das ligaduras em que estava, saltou fora das forquilhas, e voando pelos ares se foi meter entre os inimigos. Daly a pouco virão todos voltar voando pelos ares a mesma espada, e se pôr no mesmo lugar, e sobre as mesmas forquilhas ensanguentada, estillando sangue qual se tivera feito muitas feridas, e executado muitas mortes. Admirados ficarão os Portuguezes do que vião, e o feiticeiro sobremaneira contente. O suceço mostrou a certeza do prognostico, porque matarão mais de quatro mil, e puserão em fugida innumeraveis.

136. Quanto a fe de Christo corre entre elles por tradição vièra S. Thome a esta sua terra, e lhes ensinara grandes misterios, mas que não fora recebido dos seos antepassados. Naquella parte da costa que vem correndo ao Norte do porto de S. Vicente em hûa lagem, que o mar alaga, cobre e descobre em suas marés, são vistas duas pegadas de hum homem em acção de passar para o mar. Por cousa milagrosa e santa forão sempre respeitados dos Indios, e affirmão serem de hum homem branco, com barbas, e vestido, que em tempos antiquissimos andara naquellas partes, e se chamava Somé, que he o mesmo que na nossa Thomé: Fora da barra da Bahia duas legoas distante desta cidade no lugar de Itapoá, se vê em huã lagem huã pegada de homem, metida na substancia da pedra, e a parte posterior para a terra, a anterior para a agoa, e dizem os Indios que aly estâ a pegada do S. Apostolo, e lhe tem grande veneração, e nenhum por aly passa que a não visite. Dentro da barra da mesma Bahia, como tres legoas de distancia em a paragem que chamão Toqué Toqué, em outra lagem deixou o santo outras duas pegadas de seos pes impressas na mesma forma que a da Itapoã, e em distançia uma da outra o que requer a proporção dos passos. Forão sempre tidas, e veneradas por milagrosas pegadas do S. Apostolo. Por tradição de Pays a filhos affirmão os Indios que naquellas partes andára o Santo, ensinando hum modo de viver muito diferente do seu, que seos mayores induzidos dos feiticeiros o quizerão prender, e elle se fora ritirando para a praya, descendo por hum monte tão ingrime que por aly o não poderão seguir, e o virão ir pelo mar, e por memoria da sua retirada deixara aquellas pegadas, que com as areas crecerão sobre a lage já ao presente se não vem, e so permanece hûa fonte milagrosa no monte vêzinho, e hûa capella dedicada ao mesmo Santo.

137. Na cidade de Cabo frio distante dezoito legoas do Rio de Janeiro em altura de vinte e seis gráos e hum setimo para o Sul, no lugar chamado Itajurũ se ve hum penedo em que estão esculpidos oito sinaes de bordão, como se as pancadas forão dadas em branda cera; E he tradição entre os Indios que aquelles sinaes são do bordão de S. Thome em occasião em que os Indios resistirão a doutrina que lhes pregava, e lhes quiz mostrar, que abrandandosse os penedos a força do seu bordão, os seos coraçoẽs mais duros q̃ pedras resistião a brandura, e efficacia da ley que lhes ensinava.

138. No destrito da cidade da Parayba, se vê outro penedo com duas pegadas, huãs mayores, outras menores, e certas letras esculpidas em hûa pedra. Por tradição dos Indios são pegadas de S. Thome. E segundo o que diz S. Thomas, e S. João Chrisostomo, que acompanhava a S. Thome hum dos Discipulos de Christo, as segundas pegadas devem ser deste. Das letras não se entendeo ate agora a significação.

139. Não so no Brazil, mas por toda a nova Espanha ha m^tas^ tradições que confirmão a vinda do glorioso Apostolo a nossa America. Fr. Joachim Braulio na historia do Peru refere que no mar do Sul em hũa aldea chamada Guatulco, era constante tradição, que hũa cruz que aly adoravão com sũma veneração lhes fora dada por S. Thome, cuja imagem, e proprio nome tinhão esculpido em a pedra de hũa rocha. O mesmo refere o P.^e^ Gregorio Garcia l. 5º, cap 5º, onde acrecenta que esta cruz é a mesma, que pertendeo queimar o hereje Francisco Draque, quando descobrio o estreito de Magalhaës, mas sem effeito com o maravilhoso portento de resistir as chamas, ainda que o herege lhe ajuntou materiaes em que melhor prendesse, e se ateasse o fogo. Foy esta milagrosa cruz tresladada para Guaxaca, onde he venerada, e obra grandes milagres, e prodigios.

140. D. Fr. Bartholameu de las Cazas, Bispo de Chiapa affirma que consta por antiquissima tradição, que aos Indios daquellas partes forão annunciados os mysterios da Santissima Trindade, nascimento, e paixão de Christo, por homens brancos, barbados, e vestidos talares, o que confirma o que asima dissemos das diferentes pegadas da Parayba. Fernão Cortes entrando na Ilha de Corumel da nova Espanha, vio hum fermoso muro de pedra quadrada, e no meyo delle arvorada hũa cruz de dez palmos de alto, venerada de toda aquella gente como Deos da Chuva, que alcançavão em suas secas, fasendo a seu modo procissoës, e preces. *Era este lugar tido por sacrario de todas as mais* Ilhas circunvisinhas, e não havia povoação onde não houvesse cruz de pedra, ou de outras materias. Refere o P.^e^ Affonço de Ovalle da companhia de Jesus, na Historia do Reyno do Chilli, que ouvio contar muitas veses ao P.^e^ Diogo de Torres da mesma companhia, Provincial, e fundador daquellas Provincias, que caminhando por hum valle de Quito, vio hum dia de festa hum Indio, que ao som de hum tamboril que tocava, cantava em sua lingoa certas historias, que os mais attentamente ouvião. Perguntou o P.^e^ que cantava e dizia aquelle Indio, e lhe responderão, que repetia cantando as couzas memoraveis de seos antepassados, porque como não tinhão livros com aquella diligencia conservavão nas memorias os sucessos antigos. Perguntou-lhe o P.^e^ o que de presente cantara? Respondeo, que em primeiro lugar cantara a historia de hum diluvio, que ouvera no mundo, e innundara toda terra, que depois deste diluvio, passados muitos seculos, viera ao Peru hum homem branco chamado Thome, a pregar hua ley nova, nunca ouvida naquellas regiões.

141. Dos muitos vestigios que Colon, e seos companheiros acharão em as primeiras Ilhas da America, consta que reconhecião hum só Deos infinito, e omnipotente, que este Deos tivera Aly. Em Cumana

entre seos idolos adoravão huã cruz, com ceremonias de grande devoção, com ella se benzião a si, e aos filhos novamente nascidos, para livrar se, e livrallos a elles de males e perigos. Estes e outros vestigios da magnificencia de seos templos, da diversidade de suas ceremonias, de seos jejuns, e abstinencias rigorosas, de hum arremedo da christandade em confições e communhões, que recebião em huns bolinhos, feitos de milho maiz com manteiga, e asucar, feitos pelas Esposas do Sol, que como Religiosas em claustro vivião encerradas, entendendo que nelles comião os ossos do seu Deos. A formosa cruz que tinhão os Reys Ingas em Cusco, em hum de seos Palacios reaes em certo apartamento chamado Huaca, lugar para elles sagrado, e de muita veneração, do que tudo se manifesta serem verdadeiras as tradiçoẽns de haver vindo as partes da America este santo Apostolo.

142. Sendo os costumes dos Indios do Brasil os que demos temos referido, bem conjecturamos forão estas terras em diversos tempos, e por diversas naçoẽns povoadas, e por essa rasão tomarão dos Judeos conservadores da geração de seos irmãos, casando-se com as cunhadas, quando aquelles morrem, lavarem-se a cada passo nos rios, serem supersticiosos, e terem outros muitos uzos, que com elles conformão. Dos Gregos serem dados a advinhações, matarem os inimigos prisioneiros de guerra, cantarem louvores aos que morrião pelejando, ser entre elles gala os cabellos compridos, pescarem em barcos feitos de *hum só tronco, e levarem as mulheres a pelejar em suas guerras.* Dos Africanos pelejarem com assaltos, e ciladas, investidas e retiradas. Dos Phenices uzarem de arco e frecha e paos tostados. A diversidade de lingoas tambem nos persuade que forão de diversas naçoẽs os primeiros povoadores da vastissima Região da America.

## CAPITULO 10

### TRATA SE DO CATIVEIRO DOS INDIOS

143. Quizerão huns Autores que a escravidão fosse contra a ley da naturesa, o que he muito alheo da razão, porque sendo isto verdade seria o captiveyro contra o direyto natural, pois este não he outra cousa que a natureza racional, cuja conçonancia he a primeira regra de nossas acçoens, e se o captiveyro fosse contra o direyto natural de nenhum modo a poderião ter feito licito o direyto positivo, nem o das gentes, contra a doutrina de S. Paulo, e de S. Pedro, que em muitos lugares dão regras aos servos, de como hão de servir a seos senhores, e a estes de como devem tratar a seos escravos, sem

mandar a huns que lhes dem liberdade, nem dar licença aos outros para que fujão, e deixem a seos senhores, antes S. Paulo depois de haver no carcere baptisado a Onesmo escravo de Filemon, que andava fugitivo, o remeteo a seu amo, com hũa carta de recomendação, de donde infere esta mesma doutrina S. Bazilio, e sobre este ponto tem havido muitas difiniçoẽs na Igreja. E está tão fora de ser este estado contra o direyto natural, que Aristoteles he de parecer que he muito conforme a natureza, e em grande proveyto, e utilidade dos mesmos Escravos, e S. Agostinho, e S. Thomas ajudão a esta opinião. Nem se pode negar, que não seja com louvavel, e caritativa guardar hum prisioneyro de boa guerra, alimentallo, vestillo, e não matallo como poderá fazer o vencedor, havendo sustentado a guerra com Justiça. Esta foy a primeira porta por onde pode entrar no mundo a Escravidão, e de donde os escravos se chamarão servos, como resolve S. Isidoro, e S. Agostinho. Nem se pode por em duvida que se faz grande beneficio a hum homem inhabil para governar-se, e que nem tem arte, nem beneficio de que manter se em administrallo, servindo se delle; e o que mais he, cuidando de seos custumes, ensinando-o a viver honestamente, e conforme a doutrina da Igreja. Nem ha quem não veja as grandes misericordias que ha usado Deos com homens boçaes por meyo da escravidão, trazendo-os a poder de senhores christãos, que lhes hão dado luz do Evangelho, baptizando-os, e mantendo-os na Fé, por donde caminharão ao porto da salvação das suas almas, que se viverão em sua liberdade se haverião perdido miseravelmente. Entre esta doctrina, e a contraria devemos dizer que a Escravidão he contra a permição do direyto natural, porem não he contra suas prohibiçoẽs ou leys. As permiçoẽs naturaes podia, e pode derrogar o direyto das gentes, como se vê em muitos cazos. Chama-se a liberdade permissão do direyto natural, porque a natureza a todos permite livres, e a nenhum somente ao serviço de outro, porem não se chama perceyto natural, por que nunca a natureza mandou que fossem livres os homens, e assim deu lugar a que os direytos humanos introdusissem a escravidão, sem contradizella, como tão pouco repartio os dominios das couzas, que dividio o direyto das gentes. Nem irritou os matrimonios em muitos cazos, em que as leys humanas os tem declarados nullos; sem opor se a natureza cujas leys são firmes, estaveis, e invariaveis. E ainda que S. Gregorio Nanziazeno louvando o estado da innocencia, em que foy creado o nosso primeiro Pay, diz, que nelle não haverião escravos, e q̃ os houverão depois que as guerras, e rebelioẽs introduzirão o captiveyro; de que alguns tomarão motivo para entender, que naquelle Estado fora contra a ley natural a servidão: Tão pouco se ha de dizer que naquelle Estado o seria, porque

ficaria sempre a porta aberta a que hum homem de sua vontade se podesse vender a outro; se bem a grande felecidade daquella vida tão alhea de trabalhos, e molestias, não traria ja mais aos homens a tão dura necessidade.

144. Esta liberdade de poder cada hum vender se a outro homem foy o principal motivo porque se introdusio o captiveyro dos Indios do nosso Brazil. Huá notavel fome que padecerão os Gentios no anno de *1564*, de maneira que vivendo jâ em populosas Aldeas, reduzidos ao gremio da Igreja, venderão muitos seos filhos, e se venderão a si proprios para não acabarem as vidas ao rigor da esterilidade. Valendo-se a cobiça dos Portugueses da necessidade dos mizeraveis Indios, que descião em tropas das suas terras a buscar nas povoações dos Portuguezes o seu remedio, a troco de os fartarem huã so hora os captivavão para toda vida. Vinhão outros trazidos com enganos, e ou por força, ou por industria cahião nos laços da escravidão. Excederão tanto os primeiros Povoadores do Brazil no modo de captivar os Indios, que os Padres da companhia com louvavel zelo, grandes molestias, e indignas mormuraçoẽs, sahirão a favorecer aos desamparados; nada aproveitarão as suas fervorosas deligencias porque julgando-se as razões dos mizeraveis Indios, e dos cobiçosos Portuguezes, o Tribunal da Conciencia na corte de Lisboa, resolveo; Que constrangido de Extrema necessidade podia o Pay vender o Filho, e cada hum vender-se a si mesmo para gosar do preço. Provarão os moradores ser o captiveyro em que tinhão muitos Indios, voluntario, sendo manifesta a violencia, e entre afagos, e ameaças os obrigavão a dizer o que querião, quando hião a registar, crescendo com o que pareceo remedio, o mesmo dano.

145. Causou tambem grande perjuiso hũa sentença, que se deo contra a nação dos Caetes, condenando estes, e nelles todos seos descendentes, a perpetuo captiveyro, em castigo da atrocidade com que matarão o Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, e a gente da sua náo. Socedeo este lamentavel cazo em *16* de Junho de *1556*, em que deo a costa a náo, em que voltava para Portugal nos baixos do porto, que chamão dos Francezes do Rio de S. Francisco para o Norte. Com menos certeza, que piedade escreverão alguns que o lugar em que pelos Gentios foy morto este veneravel Prelado, nunca mais creara alvores, nem erva, e a que tinha se secou, e ficou o lugar escalvado, e que nelle se cria tal, e tão pestifera casta de mosquitos, que a toda a pessoa, que por aly passa fazem logo fugir a toda pressa com o importuno de suas picadas. Aproveytandose os Portuguezes desta sentença, senhoreando copiosas familias (fossem da nação que fossem) affirmavão e com testemunhas sobornadas provavão ser d'aquella progenie, e em

abono de sua pertenção allegavão: Que os Indios tragadores de carne humana, de costumes irracionaes, e rustico instincto, nascidos entre as brenhas, como bichos do mato, se vierão a bestializar em tal forma, que degenerando de homens, antes os differençava de brutos a semelhança, que a essencia, e assim a propria natureza os produzira já, como produz tanta copia de animaes, destinados a huã vil escravidão. Que se obrigalos a esta, por esta cauza era licito aos Portuguezes, ainda lhes era mais preciso, por arrancarem de suas Patrias, suas mulheres, trazendo-as a regioẽns tão distantes, com riscos e trabalhos superiores ao sexo feminino, para as servirem a ellas, e não para que ellas os servissem, nos usos ordinarios de que necessitão todas as cazas.

146. Acentousse de comum parecer na Bahia pelo Governador do Estado, Ministros de letras, e Padres da Companhia: Que para os Indios não padecerem total captiveyro, nem gosarem de perfeita liberdade; como em sinal d'ella, lhes pagarião certo preço de soldada cada anno. E fugindo alguns, fosse permittido aos amos, prendellos, e castigallos, mas não vender, ou mandar fora do Brazil. Porem quantas resoluçoẽns se tomavão erão mal interpretadas sempre em dano, e perjuizo dos Indios; ate que os Reys de Portugal repetindo em diversas occazioẽs apertadissimos Decretos, declararão por nullos todos os mais que se expedirão, e sentenças que se derão; promulgando ultimamente hũa ley em o anno de *1655;* Para que sò os Indios presos em justa guerra, com ordem firmada da authoridade real, ou declaração espreça dos Missionarios Apostolicos, intervindo os cabos principaes. E os que impedissem pregar o sagrado Evangelho, ou resgatassem das cordas onde estão atados para os comerem, podessem legitimamente ser cativos, e não por outro algum acontecimento, causa, ou titulo.

147. Não podia a ambição dos Portuguezes valerse ja dos pretextos de que os Indios impedião a pregação do Evangelho, por que em nenhum tempo a impedirão, nem tambem podião dizer, fazião resgate dos que estavão em cordas para serem comidos de seos inimigos, por que se he certo que ouve tempo, em que estes Gentios exercitarão essa barbara crueldade, tambem é certo, que a cem annos a esta parte se não ouve entre elles a pratica de semelhante ferocidade. So lhes ficou o fundamento de guerra justa, tomando-o maliciosamente de algum leve choque que tiverão com estes, ou aquelles Indios, maquinados muitas vezes sem motivo justo, para se aproveitarem da condição da ley, e chamarẽ captivos, aos que verdadeiramente são livres. A rectidão com que administra Justiça o Doctor João Bernardo Gonzaga, Ouvidor Geral, actual, e Juiz das Causas dos Indios tem posto muitos em liberdade, de que injustamente estavão privados; e a seu zelo,

inteireza, e rectidão devem muitos mystiços veren-se livres do captiveiro, e muitos Portuguezes dos encargos de suas conciencias.

## CAPITULO 11

### A COR VERMELHA DOS NOSSOS INDIOS NÃO HE DEFEITO, NEM FAZ DIVERSA CASTA

148. Democrito, e Epicuro forão de opinião que as cores não estavão nos corpos, mas na luz, que os alumia. Empedocles, e Platão *chamarão as cores chamas, querião dizer luzes.* Os Pithagoricos não distinguirão as cores das superficies luminosas. Porem das razoens e observaçoẽns da moderna Philosofia consta, que as cores não são propriamente luzes, e ꝙ nem tão pouco são hũa pura modificação da luz, mas que essencialmente dependem da disposição dos corpos, a que chamamos corados, porque sem estas disposiçõens, naturalmente diversas se não pode entender como a luz se modifique em tão differentes reflexos. V. g. a alvura da neve não procede da substancia da agoa, porque em se dissolvendo a neve desvanece a sua candidez; nem se pode dizer, que o frio seja causa da alvura da neve, porque o caramelo, ainda que frigidissimo, nem por isso he candido. Finalmente não procede a brancura da neve de algũa disposição intrinseca, como de gravidade, ou levidão, ou outra qualquer qualidade, porque o leyte, a escuma, a cal, e outros corpos são alvos, ainda que não convenhão em as mesmas qualidades. Logo a alvura da neve procede de huma particular modificação da luz, mas esta modificação essencialmente depende de alguma disposição, assim na neve como nos outros corpos, consiste nas diferentes figuras, sito, e combinaçõens das partes insensiveis que compoem a superficie dos corpos opâcos. Na opinião de outros o branco, e o preto não são cores, mas *privação de cor, e segundo estes as quatro cores principaes respondem* aos quatro Elementos. Ao fogo a cor vermelha; a Agoa, a cor verde: ao ar a cor azul; e a terra a cor amarella. E assim como o Elemento da agoa he mais opposto ao Elemento do Fogo, e ao do ar, o da terra, assim na pintura o verde faz mais opposição e realça mais com o vermelho, e com o azul o amarello. Assim resolvem os Philosophos sobre as cores, vejamos o que resolvem sobre a sua cor os mesmos Indios.

149. Perguntados pela razão de não conservarem as cores, que terião seos ascendentes, para terem elles hũa cor quasi vermelho tostado, respondem que a mudança da sua cor procedeo do demasiado calor que fere suas carnes, e fallão conforme a Philosophia, e experiencia, *por que querem alguns Philosofos, que a cor branca proceda*

de hûma frieldade, e a negra de sûmo calor, e conforme os gráos deste mais ou menos preta. Por isso atribuhio Aristoteles a brancura do cysne, a frieldade do ventre da May, e a negrura do corvo, ao calor do ventre da mesma, e destes dous extremos quizerão outros se tirasse a cor vermelha. He tambem a sua opinião conforme a Experiencia, por que se vê, que os Europeos quanto mais chegados ao Polo gelado tanto mais brancos são; e pelo contrario, quanto mais chegados a zona torrida, tanto mais pretos, e que daqui vem nascerem huns alvissimos, outros menos, huns baços, tostados, fulos; outros vermelhos, pretos, azevichados, e muitos cor de azeitona. Contra esta doctrina se offerecem varias instancias, por que se fora toda causa de sua côr, o calor não viramos que os Portugueses que vem a viver nesta região, no mesmo clima, e calor e talvez despidos pelos certoens, são sempre brancos, e de suas mulheres brancas gerão brancos, e pelo contrario os Indios, em qualquer clima sempre são vermelhos, e gerão filhos vermelhos. E suposto vejamos que os brancos que sofrem por muito tempo o calor do sol sem reparo, fiquem da mesma cor dos Indios, sempre os filhos que esses taes gerão em mulheres brancas, são brancos, o que não socede aos Indios.

150. Quiseram dizer alguns Philosofos fundados no axioma de Aristoteles, que a imaginação he causa de maravilhosas produçoens, e que a imaginativa dos Indios era causa da sua cor vermelha. Para illustrar esta opinião dizem que Quintiliano defendeo de adulterio a hûa mulher branca, que parira criança preta, so com mostrar que estava em seo aposento ao tempo da conceição o retrato de hum Ethyope; que Tasso escreve da Clorinda que nasceo branca de Pays pretos, so por estar onde foy concebida a pintura de huma virgem branca. Que Cariclea nasceo branca, so por que a Rainha de Ethyopia sua May costumava olhar para hum retrato de Andromeda branca; e o Padre João Eusebio Nioremberg, em sua Philosofia curiosa refere outros muitos prodigiosos effeitos causados pela imaginativa; doctrina que não pode ter lugar no nosso cazo, pois seria necessario que todos os Indios ao tempo da conceição tivessem bem empregada na memoria a sua cor vermelha, o que não tem probabilidade alguma. O Padre Vasconcellos tem para si que procede sim a cor vermelha do calor, mas não calor de qualquer modo, senão depois de convertido em natureza. Aquelle primeiro homem, ou homens, que no Brazil, começou a receber em suas carnes sem defença o calor do Sol, pela continuação do tempo ficaria certamente vermelho adusto, como a experiencia nos está todos os dias mostrando nos que andam muito expostos ao calor do sol, estes forão adquirindo em si, e em seos descendentes hum temperamento mais calido, que dantes, e suposto

que nos primeiros não foy bastante para mudar especie de calor total, porque esta necessita de grão de calor mais intenço, foi com tudo bastante para embaçar lhe as cores e adquirir hum temperamento diverso, com este gerou o filho, o filho vivendo na mesma forma que o Pay, acrecentou outro grau de temperamento, o neto outro, ate que de huns a outros vierão a ter aquella intenção de calor, e temperamento, que variou a primeira cor, e ficou subcessiva de huns a outros como convertida em natureza. Favorece esta opinião a Esperiencia pois conhecemos muitas familias que vivem nos campos nas suas propriedades, que pelo custume dos Pays e Avos andarem expostos ao calor do Sol se fiserão vermelhos como os Indios, e he cõmum nascerem os filhos menos alvos, e parece que se continuarem seos descendentes em andarem expostos ao calor do sol, virião a ficar como os mesmos Indios, de que quasi não tem diferença. Aponto as opinioens, cada hum siga a que lhe parecer melhor, que aos Indios lhes basta, nelles não ser deffeito (que os prive de algũa honrra) a sua cor vermelha.

# LIVRO SEGUNDO

## PERNAMBUCO VENCIDO E VENCEDOR

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
2ª. SECÇÃO

### CAPITULO 1º

MOSTRA-SE O ESTADO, EM QUE ESTAVA PERNAMBUCO QUÃDO FOY VENCIDO PELOS OLANDEZES, E REPROVÃO-SE OS JUIZOS, QUE FIZERÃO ALGUNS AUTORES SOBRE A CAUZA DA SUA PERDA

1. Tantas testemunhas tem contra si a virtude, quantas desgraças a cercão. A huã ainda que concertada Republica, basta-lhe ser infelice, para parecer criminosa. O santo Job, a quem o mesmo Deos havia canonisado, foi julgado por homem de ma vida, tanto que o alcançarão os golpes da adversa fortuna. Perdeo a fasenda, perdeo os filhos, perdeo a saude, e está tão pobre que nem a pelle lhe ficou com que se cobrir, *logo nao é Job aquelle varão santo*, que supunhamos, dizem, os curiosos interpretes das tribulaçoens alheas.

2. Cansarão se varios Historiadores em persuadir ao mundo com discursos predicaveis, que os peccados, e vicios dos Pernambucanos com vos tão reforsada, que chegando ao ceo, obrigarão a Justiça divina a decretar lhes o castigo, e que este fosse executado pelas cruelissimas mãos dos infieis Olandeses. Mas que innutilmente cansarão seo Juiso nas especulaçoens da causa das nossas calamidades! Quem athê agora soube a verdadeyra rasão da intempestiva morte de Abel? E quem me podera dizer por que rasão permittio o Senhor que Jose fosse vendido, Tobias cego, Daniel offerecido a voracidade dos leoẽs, e Susana exposta aos infames testemunhos de huã lasciva velhice. Por ventura não era Abel innocente, Josê virtuoso, Tobias caritativo, Daniel santo, e Susana casta, e castissima? Sim: Pois como acharão os infortunios, lugar no meyo de tao singulares virtudes? A Abrahão prometteo Deos q̃ se na cidade de Sodoma se achassem dez justos, perdoaria os abominaveis excessos daquella nefanda cidade; e pelo contrario não perdoou o Senhor a cidade de Samaria, em que se encontrarão sette mil justos, que a superstição sugeitou ao profano culto dos Idolos. De maneira, que Sodoma tam bem afortunada que bastão dez justos, para

a livrar do incendio, e tão mal afortunada Samaria que nem sette mil justos impedirão a sua destruição. E haverá quem possa dar desta ventura, e deste infortunio a rasão? não: que a hum tão alto, e profundo juiso de Deos pasmão os juisos e emmudecem as lingoas de todos os sabios do mundo. Indagar a cauza do acresentamento, e declinação dos Imperios; das victorias e destroços dos Exercitos; da Exaltação, e abatimento das Republicas; se não he paixão, he temeridade.

3. A providencia divina governa o mundo, deixando obrar de maneira as cauzas segundas, que por milagre atalha o curço dellas. Para Pernambuco ser conquistado pelos Olandeses, ouve naquelle tempo tanto concurso de causas naturaes, que só por milágre poderia livrarse de se ver opprimido de gentes estrangeiras. Para mayor claresa desta verdade, he preciso desenvolver um pedaço de historia, que será grata aos que não tiverem noticia da origem da nação Olandeza, e dos motivos da rebelião com que sacudirão o jugo com que estavão sugeitos ao dominio de Espanha.

4. Flandes, assim chamada, de huã de suas Provincias, tem diversos nomes. Chamão lhe, Paizes baixos, pelo sitio, ou segundo querem os Alemaẽs, Alemanha baixa, pelo que se parece em lingoa, e custumes com a alta. He hũa pequena porção de Europa, pois excede pouco a quinta parte de Italia. Em seu destrito, ainda que limitado, se contão trezentas, e sincoenta cidades muradas, mais de mil e trezentas aldeas mayores, alem de innumeraveis menores, e castellos, de que a cada passo estão povoados os seos campos. Toda esta região estâ dividida em desasete Provincias, unidas em outro tempo debaixo de hum senhorio. Felippe foy o primeiro dos Duques de Borgonha em quem se encorporarão mayor numero de Provincias, que em seus antecessores, por que teve Borgonha, Brabante, Flandes, Limburgo, Lacemburgo, Artois, Henau, Namur, Holanda, Zelanda, Frisia, e o Marquesado do Sacro Imperio. Carlos seu filho ajuntou, Gueldres, e Zutfen. Primeiro comprando-as a Arnoldo Duque que havia deserdado a seu filho Adulfo, e posto em prizoens. Porem morto Carlos na batalha de Nanci, e continuando a guerra contra sua unica filha, Luis II Rey de França, perdeo o senhorio de Flandes, a Artois, e outras cidades em Borgonha, e ainda que parte dellas restituio a Flandes com a victoria de Guinegat, Maximiliano Archiduque de Austria, casandose com Maria, feitas as pazes entre elle e o Frances, e desposada Margarida filha de Maximiliano, e Maria com o Delfin Carlos, ficou desmembrado, por dote, o condado de Artois, e Borgonha do Corpo dos Estados. Rupudiada Margarida de Carlos ja Rey, depois da guerra, que por esta causa se moveo, Carlos para passar com mais brevidade

a Italia a conquista de Napoles, consertandose com Maximiliano, e seu filho Felippe, restituio tudo que em Flandes havia Margarida levado em dote, reservando somente algũas praças, que depois Luis XII restituio graciosamente. Os de Gueldres e Zutlen tomando depois desta entrega as armas, principalmente contra a Jurisdição de Utrec, forão outra vez conquistados de Carlos V Imperador, filho de Felippe, vencidos Carlos Duque de Gueldres, e Guilherme Duque de Cleves. A titulo dos gastos desta guerra adjudicou Carlos a Flandes as duas Provincias, de Utrec, e Overisel, largando-as livremente Henrique de Baviera, Senhor, e Prelado de Utrec. Assegurada tambem Groningen contra o de Gueldres, e aplicadas Cambray, e Cambresi, ao Estado de Artois. Finalmente depois da victoria de Pavia ficou Carlos V constituido absoluto Senhor de Flandes.

5. Pela renuncia que o Imperador Carlos V fez de todos os seos Reynos, e Senhorios, entrou na posse delles seu filho Felippe II de Castella, e 1º de Portugal. Indo a Flandes cuidou em ordenar aquellas Provincias, por estarem vagos os governos dellas, e para remunerar os serviços, que os naturaes lhe havião feito nas guerras anteriores, repartio pelos que julgou mais benemeritos o governo das Provincias, menos Barbante, que devia ser governada pelo Principe; ou seu lugar tenente em Flandes. Nas fronteiras por presidios de Espanhoes; e porque para as desasette Provincias muito povoadas, não parecião bastantes quatro Bispos, determinou ElRey augmentar este numero, e enviando a Roma Francisco Sonni Theologo de Lovayna, alcançou poder erigir de novo catorze Bispados, sobre os quatro antigos, consignando outras tantas cidades de Flandes para cabeças delles, das quaes tres forão preferidas para Arcebispados, Cambray, Utrec, e Malinas, e a esta ultima foy dada a primazia. A forma, que se tomou para as rendas dos novos Bispados, foy, que os Bispos sucedessem em lugar de alguns Abbades, como estes fossem morrendo, e que de tal sorte entrassem nos titulos, rendas, e outras honrras dos Abbades, que nem por isso se diminuisse o que pertencesse aos Mosteyros. Tendo entrado nestes Payses os heresias de Lutero, Calvino, e outros Heresiarcas, pareceo conveniente levantar em Flandes hum Tribunal da Santa Inquisição, para que melhor se defendesse a Fè, e se castigassem os Apostatas, e hereges.

6. Governando Margarida de Austria, Duqueza de Parma se comesarão a sentir os primeiros movimentos da rebelião dos Estados de Flandes. Entendião os principaes Flamengos que haver ElRey feito mercê a alguns do governo das Provincias não era bastante remuneração a seos serviços: queixavão-se outros por se verem preteridos; ao que se agregava que o Principe de Orange, e o Duque de Egmont,

se havião persuadido, que lhes era devido o universal governo de todas as Provincias; perdida esta esperança não so julgarão pouco o governo de particulares Provincias, mas desestimarão o beneficio, aspirando a novidades, ou para satisfação das suas iras, ou para emprego de suas cobiças. Apenas ouve em toda Flandes quem recebesse bem a multiplicação de Bispos, e consignação dos dotes. Queixarão se os antigos Prelados que augmentado o numero dos Bispos, ficavão elles com mais estreitos termos de Jurisdição. Os Mosteyros disião, que ElRey e o Papa lhes tirava o direito immemorial de eleger Abbade. A nobresa se indignava, porque os Bispos havião entrar nas Cortes Geraes em lugar dos Abbades, com o que sendo o poder dos Bispos mayor que o dos Abbades, não só seria concideravelmente menor a authoridade da Nobreza, mas tambem a liberdade. O que mais turbou os genios Flamengos, foi a Inquisição contra os hereges; disião: que para que augmentou ElRey o numero dos Bispos, pois estes não havião evitar a injuria que se fisesse a Religião. Que os concilios decretavão que os Pastores, que fossem descuidados de exterminar de suas Dioceses a ruim semente da heresia, fossem depostos, Que os Bispos cumprissem com a sua obrigação, e não o fasendo fossem privados da sua Dignidade, e que seria mais conveniente não meter em terror a Flandes com a multiplicação de tantas Mitras: quando por muitos seculos tinha florecido a Religião em Flandes, so com os cuidados dos Magistrados das cidades, sem aquella pompa da severidade Pontificia. Ultimamente que ElRey havendo jurado os privilegios de Barbante, e prometido que não imporia aos povos novas formas de judicatura, não podia (salvo o direito) obrigar a sofrer estes povos a severidade da Inquisição, e dos reaes decretos. Despresando a Governadora estes rumores, que fomentavão hereges incubertos, castigando o Deos, mandou que se promulgasse em Flandes, por ordem de ElRey o Concilio Tridentino, que se havia no mesmo tempo concluido. Bramava em algumas partes publicamente o povo, e se arrojava a tirar meyo vivos os justiçados das mãos dos Ministros. Começarão-se a faser juntas secretas nas cidades, e depois mais ao claro, nos campos. Os nobres em grande numero se juntarão, e fiserão entre si certos concertos. Espalharãose livros entre o vulgo, outros se presentarão a Governadora. Finalmente para moderar os tumultos, se moderarão os Decretos reaes; foy dado perdão geral aos deliquentes, e suspendida a execução por Inquisidores nas cidades, em que se não havião posto. Nenhum proveito se seguio a causa publica, antes acodindo grande multidão de hereges dos lugares vezinhos, ousarão os Predicantes publicamente nas praças de mayor concurso a contradizer a Fê catholica, aos quaes juntando se repentinamente hum exercito de populares, e homens

perdidos, acometerão aos Templos, saquearão os bens, profanarão as cousas sagradas, e com sumo atrevimento, violencias, e latrocinios, sem cabeça nem capitão, que os guiasse cahirão abertamente na infamia de treição e Apostasia. Havendo chegado a este Estado, se excitou tão prodigioso incendio, que com incrivel velocidade penetrou todas as Provincias de Flandes.

7. Havião introdusido a heresia os mercadores, com cujas mercadorias esta peste ordinariamente navega. Os Exercitos de Suizos, e Alemães, de que se servirão por muito tempo o Imperador Carlos V, e seu filho Felippe II, os desterrados e fugitivos de Inglaterra, que a Raynha D. Maria, procurando expurgar o Reyno da heresia perseguio com rigorosos decretos, mais de trinta mil, que de outras partes se introdusirão na Ilha, obrigando-os a sahir aceleradamente de Inglaterra fizerão assento nas cidades, e Provincias de Flandes. Estes alimentavão, e fomẽtavão a heresia, que se havia introdusido. Principalmente inficcionavão os Flamengos os povos vesinhos, confundindo com o muito comercio a lingoa e os custumes. Inficionada pois grande parte da multidão de Flandes, se fasião cada dia mais atrevidos, com o favor e assistencia da nobreza. D'estes havião muitos indignados contra os Espanhoẽs, e com fundamento punhão a esperança da sua mina no tumulto, e sublevação dos povos. O principal fomento destes disturbios era a direcção maligna do Principe de Orange, com o designio de empunhar o senhorio de Flandes, promettendo que entrarião em parte os companheiros no trato. Na vespora da Assumpção da Senhora, se deo principio em Flandes ao saque dos Templos, o que fiserão os hereges publicando a mais cruel guerra ao ceo. Por não deshonrrar o genero humano, não relato as abominações, com que no destroço das couzas sagradas se ouverão os atrevidos Flamengos, vomitando todo veneno da sua raiva contra Deos, e contra seos Santos: mas para que se conheça pela unha o leão, referindo o que obrarão em seos principios aquelles hereges, quando ainda havião fieis, que se opunhão a seos excessos, e justiças que castigavão seos insultos, conhecerã melhor o mundo o que esta villissima canalha obrou em Pernambuco.

8. He a Senhora da Assumpção patrona da cidade de Amberes, no dia que celebra a Igreja a gloriosa, e triumphante Assumpção da virgem sacratissima, em huã procissão festiva levavão triunfalmente a sua sagrada Imagem desde a Igreja mayor pela cidade. Alguns herejes mais atrevidos, com risadas, e sylvos derão principio a motejar, e excarnecer deste devoto acto de Religião, impiamente descarados reverenciavão a effigie da May de Deos com mofas, e escarneos e com claras contumelias seguião a procissão, o que obrigou aos catholicos a recolherem-se, temendo a maldade dos impios Apostatas, e para

livrarem a Imagem de mayores desacatos a puzerão dentro do choro, e com boa goarda, Porem no seguinte dia, crecendo a ousadia, acometerão ao Templo em mayor numero, e mofando diante da capella da Virgem, perguntarão blasfemos, que medo a havia obrigado a recolher-se apressada. Hum celeyro subindo ao pulpito, depois de haver arremedado com ridiculos modos as palavras e acçoẽs dos Pregadores, pedio lhe levassem ambos os Testamentos da Sagrada Escritura, e com elles, resou aos catholicos e continuarão em faser ultrages ao Templo, e as couzas sagradas, ate que se retirarão por se dizer vinhão, contra elles os catholicos armados. Em vinte e hum de Agosto augmentadas as tropas dos impios, entrarão no mesmo Templo com as armas escondidas como se tratarão de dar batalha campo a campo, depois de repetidas escaramuças dos dias antecedentes. A horas de vesporas com descompassadas voses começarão a clamar: vivão os Gheusios, e mandarão a Imagem da Santissima Virgem, que com elles repetisse a mesma aclamação, ameaçando-a com feridas, e com a morte se não obedecia, Hum dos herejes entoou hum Psalmo de David, e, ao soido deste clarim investem todos com impeto as sagradas Imagens do Redemptor, e de sua May Santissima, e dos Santos, derrubadas huãs por terra as pizao, outras cortão com as espadas, cabeças e braços. As mulheres com as velas dos altares, alumiavão para que melhor empregassem os golpes. Huns saltando sobre os altares, lançavão por terra as cousas sagradas, despedaçavão os retabulos, e *paineis, outros* com immundos borrões sujavão as pinturas; a hum Santo Christo pendente da cruz que estava collocado em hũa riquissima capella o fiserão pedaços com pasmoso atrevimento. Atrevendo-se a pôr as impuras e sacrilegas mãos na sagrada arca do pão do ceo, e sacando o sacrosanto corpo do Senhor, puzerão (horrivel maldade) debaixo de seos immundissimos pes aquella Divindade, a cuja presença estremece todo ceo. A capa das santissimas formas, e sagrados calices enchião de vinho, com que se brindavão, untavão os sapatos com a chrisma. Finalmente não se contentando com o destroço de todo sagrado, acrecentavão ao destroço, injurias, escarneos, despresos e oprobrios. Com tal furia, impeto, e raiva executarão todas estas cousas, que em hum Templo celeberrimo em Europa, de extraordinaria grandeza, e magnificencia, cheio de Imagens e Estatuas, adornado de muitos altares, e setenta capellas, não deixarão cousa inteyra, e que não profanassem. Crivel he que os Demonios mesclados com aquelles homens, ajudarão, com valente esforço, para que em espaço de quatro horas fossem despojadas as aras, derribadas as Estatuas, despedaçadas as Imagens, transtorñados os sepulchros, cuberto de oprobrios todo sagrado, desmantelada, roubada, e destruida aquella magnifica, e sumptuosa casa de Deos.

9. Como desatadas furias do Inferno sahirão do Templo, que deixavão arruinado, e sacrilegamente profanado, e engroçada a tropa da villissima canalha, com outros que ás portas os esperavão, para imitallos em semelhantes desacatos, envestem os Templos mais vezinhos, batem as portas, entrão, destroem todo sagrado; sobem pelos claustros Religiosos, entrão no mais retirado de seos aposentos, e tudo abrazão, tudo destroem, e tudo roubam com violencias e ultrages. Atterradas, e sem alentos as Religiosas vendo entrar pelos seos claustros aquellas furias *infernaes, não tiverão outro remedio que sahir meyo vestidas fugindo* para casa de seos Pays, e parentes, emquanto aquelles sacrilegos se occupavão nos roubos, e nos impetos da sua ira contra o sagrado, e por isso forão menos as torpes maldades de gente tão precipitada, e que sem haver quem se oppuzesse a suas temeridades, se arrojava, aos mayores desatinos, absurdos e sacrilegios. Foi tanta a pressa que se derão, que antes que o sol pudesse ser testemunha de suas atrocidades, quantos Templos, conventos, e Mosteyros magnificos havia em Amberes, estavão saqueados, e violados.

10. Quando parece que passado o primeiro sobresalto dos catholicos, sahirião a vingar tantos agravos feitos a Deos, e aos homens, sobprendidos todos de hum temor, que lhes causou a suspeita, de que a osadia da canalha, tinha mais alta origem, não ouve quem contra elles se armasse, com o que asegurados, e ufanos os sacrilegos, repetem os assaltos, tomão as Igrejas, e conventos ainda mais ferozes, e atrevidos; immundos no corpo, e alma affeão indigna, e asquerosamente as vestiduras sagradas, untão com manteyga os livros das Bibliotecas, e lhes poem fogo; armão como Estafermos as Imagens dos Santos, acometem-as com as lanças e prostradas as insultão. Continuão por tres dias em Amberes *a profanar, e saquear as cousas sagradas, com perda tão grande de* obras magnificas, que affirmão muitos Escritores, que so o dãno, que causarão ao Templo principal foy avaliado em quatro centos mil escudos de ouro.

11. Sahindo da cidade executarão iguaes latrocinios, e sacrilegios nas Igrejas, e cazas dos arrebaldes. No mesmo tempo em Gante, Audenarda, e outras cidades da Provincia de Flandes, pela parte que corre desde Lysa ate Escalda, e Tenara, com o mesmo furor corrião os sacrilegos saqueando, e profanando todo sagrado, os Barbantinos, Flandros, Holandezes, e Zelandezes, a Gueldres, Frisia, Over-Yssel, e o resto de Flandes, menos tres ou quatro Provincias Namur, Luxemburg, Artoes, e parte de Henao. E sendo Flandes povoadissima de Cidades, Villas, e Aldeas, em espaço de dez dias, a toda ella comprehendeo esta calamidade; violadas em só a Provincia de Flandes quatrocentas Igrejas, ou tambem abrazadas com infinitas violencias, e

incriveis desacatos, que fomentava Ludovico de Nassao, em cujas mãos paravão a mayor parte dos roubos, que nos Templos se fasião.

12. Em Delph cidade de Olanda arebatadas grande numero de mulheres de hum diabolico furor, depois de determinada entre todas a sacrilega empreza, acometem o Templo dos Padres Franciscanos, e com infernal raiva, e presteza, fazem em pedaços as Imagens sagradas, e tudo que servia aos altares destroção, e profanão. Passão as furias adiante, entrão violentas no Convento, e com furioso impeto, correm, roubão, e destroem quanto encontrão. Os Religiosos aterrados com a inopinada vista das sacerdotizas de Baco, e crendo que tocavão a matar (corria húa voz que estava entre os herejes determinado tirar as vidas a todos os sacerdotes catholicos) huns cuidarão salvarse com a fuga, outros escondendose nos lugares mais secretos. As Olandezas não encontrando opposição, que as reprimisse, atrevidas executão a seo salvo quantos absurdos lhes sugerio o Demonio.

## CAPITULO 2º

### CONTINUA A MESMA MATERIA

13. Com as armas, com concertos, com perdoẽs trabalhava a Duquesa Governadora por socegar motins, e redusir aquelles Estados a constancia da Fe, e obediencia delRey, e quando parecia tomarião melhor semblante as perturbaçoens de Flandes se vio que as principaes cidades de Flandes, Amberes, Bolduc, Mastric, Utrehct, Amsterdão, Gronigen, Tornay, augmentadas de milicia ameaçavão rebelião contra ElRey. A Bolduc cidade de Barbante havia tomado Henrique Brederod dos antigos condes de Olanda, e a obtinha ajudado dos hereges, que nella dominavão, Antonio Bomberg, natural de Ambers o q.l vindo de França, onde havia militado pelo Principe de Conde, se engolfou nas sediçoẽs Flamengas, e augmentou o numero dos conjurados. O que sabendo a Duquesa Governadora manda ao conde de Alega, que com algũas tropas entre naquella cidade, com cartas escritas ao Senado, para que pacificamente recebão a guarnição, e tornem ao Estado da antiga lialdade. Chegarão as cartas a mão de Bomberg, e em seu lugar fingio outras em nome da Duquesa, tratando nellas com sobrada soberba aos legados, espalhando ao mesmo tempo entre o vulgo, que o chanceler, e Alerot erão traydores contra a cidade, que a querião entregar para passarem todos pelo rigor dos mais crueis castigos. Amotinada a plebe enveste a ambos, e depois de os tratar com afrontosas contumelias, os sitiarão em suas cazas até que Bomberg

dispusesse outra cousa: elle valendose do frenesi do povo, os persuadio, que quem manejava a trayção era Alega, e era conveniente sair contra elle com as armas, empresa, que tomava por sua conta, pois se via empenhado em sua defença. Alista oitocentos soldados, e manda disparar alguãs peças contra Alega, que vinha marchando, o que o fez retirar da cidade, por se não achar com forças para atacar tão forte praça. Encaminhou a marcha para Utrecht, por que lhe havia sido encarregada tambem esta jornada, e com mayores veras, por se temer mais a visinhança de Viana, donde se juntavão de todas partes as tropas dos rebeldes. Os de Utrecht com boa vontade receberão a guarnição, e multiplicarão as fortificações. Não menos deligente Brederod chamado a Amsterdão pela facção Gheusia, disfarçado se meteo em Viana, recebido com grande aplauso dos hereges, e então se conheceo, haverse confirmado na esperança de apoderarse de Olanda, em que havião as parcialidades de catholicos, e hereges, no que fundava suas esperanças.

14. A Duquesa Governadora acodindo a todas partes com os remedios mais proporcionados, alcançando varias victorias contra os rebeldes, executando castigos nos mais culpados, perdoando a outros, e condescendendo com as suplicas mais arrezoadas, conseguio reduzir a seu Imperio as cidades rebeladas. Os conjurados de Olanda, forão rotos e desbaratados, e expelido Brederod, que a havia tomado, e maltratado com correrias, e saques; e quatro *mil rebeldes*, a cargo de Andeloto, Uinglin, e Celdoli, nobres coligados. Os mais destes estando a ponto de invadir Amsterdão, e sahindo-lhe ao encontro o conde de Alega com treze companhias, não so desistirão da empresa de tomar a cidade, mas forão obrigados a recolher-se em Waterlandt, parte de Olanda, cercada de agoa, e por isso de dificil entrada: mas vendo que nem aqui estavão siguros das armas do Conde, embarcados passarão a Frisia. Hum navio em que com toda preza dos templos de Olanda, hião cento e vinte soldados com hum Piloto chamado Dunquero Hartigan, cahio nas mãos de Ernesto Alularti, o qual pouco antes havia chegado em hũa galera bem aprestada, para dar caça aos fugitivos. Os cabos com as pessoas principaes, huns ficarão presos em Harlinga, outros forão passados para o carcel de Vilvorde por mandado da Duquesa, e poucos mezes depois governando a Flandes o Duque de Alva, mortos por justiça.

15. Restava dos conjurados somente Brederod contumas com a esperança de recobrar a Holanda: admoestado da Duquesa, que se retirasse de Amsterdão, zombou do mandado, e a Turri secretario de Estado que pela Governadora foi inviado para que em nome de ElRey sahisse logo da cidade, despojando-o de todas as cartas e papeis que

trazia, o teve preso em sua casa: ate que o Governador, receando o que poderia soceder de noite lhe facilitou a sahida, sem que o prezumisse Brederod: Este vendo destruido o seu partido, e que os conjurados, ou se escapavão fugindo, ou buscavão com o perdão a graça delRey, que sobre elle carregara ja todo golpe do risco, e da sublevação. impossibilitada a reconciliação, e ouvida finalmente a fuga das reliquias dos rebeldes, que havião ficado em Olanda, se resolveo a desterrar-se da sua patria, e deixar por então a esperança de se senhorear de Olanda. Deixando poucos criados seos no forte de Viana com sua mulher e filhos, passou a outras cidades, combatido por todas as partes de aflições, e duvidas, vendo burlada a esperança do Reyno Batavo. Emquanto procura refaser-se com tropas do condado de Escauvemburg, e solicita contra Flandes a Justo conde da terra, arrebatado de huá enfermidade, e nella de hum furioso fernesi, acabou com sua ambição, e com sua vida, em Escauvemburg. Lançado Brederod de Holanda, se entregou a ElRey: porque não só os vianezes com apreçada embaxada pedirão perdão, e presidio, mas tambem Amsterdão, Leyden, Harlem, Delft, e outras cidades com rendimento receberão a guarnição. O mesmo se executou em Migdelbourg, e outras cidades de Zelanda. Não ficou em toda Flandes cidade, villa, Aldea, ou castello, que lançando de si a porfia os Ministros hereges, e os Autores dos motins, não se entregasse ao arbitrio, e clemencia Real. A Duquesa solicita em conservar o adquerido, e estabelecer os bons suceços, por suficientes guarniçoẽs nas cidades rendidas, lançou multas pecuniarias aos cidadaõs, para subcidio das milicias, mandou em alguãs partes levantar Fortalezas. Feita inquirição dos profanadores das cousas sagradas, e Imagens, e das cabeças dos motins, provado o delicto, castigou a quantos pode haver as mãos, mandou reparar os templos com os bens dos reos, fez derrubar os oratorios dos hereges, que em muitas cidades se havião erigido, dando se tanta preça na execução destas obras, que em Gante no espaço de hũa hora, puzerão por terra hum templo de Luteranos. Deste modo aquelle incendio que começou das faiscas dos povos queixosos, ou offendidos, que os hereges soprarão com seu infernal alento, que fomentou a inveja, e ambição dos nobres, que espalhou chamas, que abrasavão toda Flandes, afogou de sorte a prudencia, valor, e força da Duquesa Governadora, que restituida em todas partes a Religião, e obediencia, refreados os herejes com as penas, ou obrigados a sair d'aquelles Paizes; huns recebidos com amisade, outros privados de seos bens, e da Patria, se vio restituida a paz, e tranquilidade em toda Flandes.

## CAPITULO 3º

### CONTINUA A MESMA MATERIA

16. Para conservar Flandes na obediencia e Religião e precaver novas rebelioens foy mandado o Duque de Alva com hum exercito de Espanhoẽs, e Italianos, chegou com grande obstentação a Bruselas, e bejando a mão a Governadora se foy a posar nas casas que lhe estavão preparadas. O dia seguinte enviou a carta delRey, para que se lesse a Duquesa, e os despachos em que lhe dava por inteyro a elle o governo das armas, deixando intacto todo politico, e civil a Governadora, e nesse mesmo dia com grande esplendor, e pompa sahio a visitalla. Foy recebido da Duquesa, movendo-se alguns passos do lugar em que estava; despejada a salla de testemunhas, mostrou o Duque mais amplos poderes, para levantar castellos, deppor Magistrados, e Governadores de seos postos, conhecer, e castigar os motores dos tumultos passados. E perguntando-lhe a Governadora se tinha outros poderes, respondeo o Alva, que sim, e muitos, mas que se não podião explicar na primeira visita, que os iria participando, conforme as occasioens se offerecessem. Margarida sem se perturbar com a resposta, louvou a resolução delRey, com tanto que se praticasse de sorte, que não se alterasse a paz em que estava Flandes, irritada de violencias. Retirousse, e escrevendo a ElRey, se queixou que dando se tanta authoridade ao Duque, e tanta gente de guerra, o primeiro era contra o seu credito, e o segundo contra o socego de que estavão gozando as Provincias, porque se contavão quase cem mil homens, que com receyo de futuras calamidades, que lhes havia causado tanto aparato guerreiro, havião sahido para outras terras, e acudirião promptissimos a Patria chamados de qualquer novidade; e por fim lhe suplicava a aliviasse do governo, que por nove annos havia sustentado com excessivo trabalho, e disvello. Pouco tempo depois recebeo reposta delRey, dando-lhe licença para deixar a Flandes. Disposta a jornada, acompanhada do Duque de Alva ate a raya de Barbante; e da nobresa Flamenga ate Alemanha, chegou a Italia donde a recebeo com grande cortejo, e comitiva seu marido Octavio. Sentirão excessivamente os Flamengos a sua auzencia. O ardor da sua affeição se manifestou vivamente quãdo os Flamengos a pedirão a ElRey, depois da morte de D. João d'Austria, como a remedio unico, e termo de suas calamidades, e do summo contentamento, e aplauso com que depois a receberão com seu filho Alexandre.

17. Vendose o Duque de Alva com todo governo de Flandes, aconselhado do seu genio severo, entendeo que devia dar principio a seu governo castigando a alguns Magnates Flamengos de suspeitosa lealdade, cuidando que tirados do mundo não teria o povo quem fomentasse, ou sustentasse seos impetuosos rompimentos. Com este pensamento fez prender muitas pessoas principaes, e no primeiro de Junho de 1568 mandou cortar as cabeças a desanove dos nobres conjurados na praça de Bruselas, condemnados por traidores. Destes, oito morrerão catholicamente, e onze pertinases na heresia, que havião abraçado. Nesta conformidade se proceguirão as execuções nos seguintes dias em que forão mortas muitas pessoas das primeyras qualidades. Erão estes suplicios perludio da morte dos condes Egmont, e Horn, que no castello de Gante havião estado presos nove meses, sem lhes aproveitar as deligencias feitas pelos reos, com o Alva, com ElRey, com o Imperador, com os Eleytores do Imperio, e com os cavalleyros do Tusão / sem cuja consulta affirmavão que nenhum da sua ordem podia ser condenado / solicitando a defença ardentemente a Irmaã do conde de Horn, Maria Memorãsi, e Sabina Palatina de Baviera, mulher do Conde de Egmont. O memorial desta foy remetido a ElRey pelos Duques de Parma Octavio e Margarida, representando os foros, que se custumão guardar nas causas dos daquella ordem, notando os capitulos das leys, e dando exemplares; trazendo a memoria da Magestade os trabalhos, que seu marido, ainda não cumpridos dezoito annos havia passado pelo Imperador Carlos V, e pelo mesmo Rey Felippe, nas jornadas, e guerras de Argel, Gueldres, e França, despresando por seu serviço tantas vezes a vida; ultimamente rogando a clemencia do Principe, não permittisse ficasse ella, e onze filhos innocentes, com tanto damno, e discredito expostos as mayores calamidades. Nada aproveitarão tantas deligencias; forão os dous condes degolados na praça de Bruselas, o funesto fim do de Egmont, sentirão os Flamengos com mayor odio, que pranto. Alguns atropelando por todo perigo ensoparão os lenços no seu sangue por prendas do seu amor, e para incentivo da vingança. Outros sem resguardo, abominavão o Duque de Alva, e dizião que este conservava o odio a Egmont, como antigo emulo da gloria militar, e por outros particulares respeitos: affirmando que com aquella morte, cobrava nova vida, e forças o partido dos conjurados. Não pode o Duque prender ao principe de Orange, que mais advertido se poz em salvo, e concideravão os prudentes que livre este, não podião aproveitar ao socego publico tantas mortes executadas; o que bem se verificou com as futuras rebelioens, movidas pelo Orange, que não tardou muito em por se em campo assestido de hum numeroso exercito, que cada dia engroçava mais com descontentes, e hereges que o buscavão como asilo de seus temores, e na primeira guerra que fez a

Flandes deu a conhecer quão grande inimigo se dispunha nelle contra seu Rey.

18. Muy odioso fez o nome de Duque de Alva hum novo imposto, em que os Flamengos havião pagar dos bens moveis, sempre que se vendessem, a decima parte, dos de raiz a vigessima, e de tudo a centessima uma vez. Juntos os Estados lhe fiserão oposição, indignado o Alva desta, privou a alguás cidades dos seos privilegios, em outras poz presidios, e a todos em terror. Com o que as mais das Provincias aceitarão a centessima, alguás remirão o tributo com dinheiro anticipado, outras enviarão deputados a Espanha pedindo absolvição da Decima, offerecendose a centessima que era o que somente podião; sentio o Alva esta apelação, e para socegar os rumores do povo, publicou o perdão geral, que muito tempo havia suspendido, mas de tal modo, que se não davão por siguros aquelles, que concorrerão para as sublevaçoẽs, nem esse perdão suavisava o sentimento de serem oprimidos com o novo imposto. O Principe de Orange, que conheceo a disposição dos animos, e achou hũa cauza, que se fazia geral a todos, por que todos se julgavão perjudicados com o tributo, inflamados no odio, e diminuido o medo, que havião causado os castigos, lhe pareceo empreza muito facil apartar os povos da obediencia delRey, ajudado de occultas inteligencias com muitas cidades, que ja vacilavão na lealdade, refeitas as suas tropas com vagares, excitou em Flandes taes incendios de Marte, que por muitos annos, nem as ruinas das cidades poderão opprimir, nem muitos rios de sangue apagar.

19. Principiou a guerra pelo mar de Olanda, como se ja então reconhecerão suas forças, e entenderão desde o principio, em que parte havião de dominar ao prezente. E suposto havião desejado, e muitas vezes intentado a rebelião os Gheusios assim os que chamavão urbanos, por viverem nas cidades, como os sylvestres que infestavão os bosques somente os Aquatides, acabarão a empresa com prospera ouzadia. O caudilho destes Aquatides Gheusios foy Guilherme conde de la Marca, senhor de Lumey, que trazia nas divisas da sua bandeira o odio contra o Duque de Alva, levando nellas pintadas dez moedas, para acender pelos olhos os animos dos soldados com a memoria do tributo. Seos primeiros companheiros forão Guilherme Blosio, Treslon, Lanceloto bastardo de Henrique Brederod, Bertholameu Entẽs, Sonoy, e outros muitos, a quem havia encarregado que andassem a corço infestando a costa de Olanda, e Frissia. Elles por odio dos Espanhoẽs, e cobiça das prezas, de que pagavão ao Orange a quinta parte, pirateavão desde o porto, em que desagua o Ems, ate o canal de Inglaterra, e quase sempre se abrigavão nos portos desta Ilha. Prohibido este recurso pela Rainha de Inglaterra, a rogos do Duque de Alva, como a

a inimigos cõmuns, occupados em saquear hum navio Biscainho, forão acometidos de hũa tempestade de ventos contrarios, que deu com elles em Vorna, Ilha de Olanda. Aqui reputados por mercadores derrotados do contratempo, converterão o perigo em arrojada ousadia, acometem a Brile, porto da Ilha, e antes que os do lugar entendessem, que não arribavam com mercadorias, senão com as armas, com inexperado sucesso, sem haver quẽ lhes resistisse em hum Domingo de Ramos se apoderarão da terra. Lumey, depois de faser em pedaços as Imagens dos santos, sem perdoar a cousa alguã sagrada, nem as ordens sacras, fortificou de sorte o porto, que não só rachaçou valentemente ao conde Bossu, Governador de Olanda, senão que a sua vista lhe queimarão algũas naos, sendo o capitão desta empreza Guilherme Treslong. Com a noticia da conquista desta Ilha, foy pasmosa a mudança que se seguio em Flandes. Porque muitas cidades, favorecião voluntarios aos rebeldes, outras os convidavão: outras neutraes, nem sofrião ao Duque de Alva, nem se declaravão contra ElRey; e poucas erão as que de boa vontade tomavão as armas por Espanha. Dort, principal cidade de Olanda, negou a entrada ao Governador que a ella se quiz recolher, fechando-lhe as portas, com o malicioso rumor, de que os Espanhoẽs vinhão cobrar a decima. Em Flissinga, porto de Zelandia, e chave do oceano, que por aly se cerra, no mesmo dia da Paschoa da Ressurreição pelas exortaçoẽs do seu Parocho popularmente amotinados lançarão fora o presidio Espanhol, com tão desapiedado furor, que enforcarão a Alvaro Pacheco, coronel e parente do Duque de Alva, ordenandose-lhe desse morte tão ingnominiosa, Treslong, vingando assim a morte de seu irmão Juão, a quem quatro annos antes o Duque havia condenado a degolar. Não muito depois Enchus porto defronte de Frissia, se rebelou contra ElRey. Seguirão o mesmo, Alemar, Edam, e outros lugares ao Norte de Olanda. Ao meyo dia, Goud, Oudavater, Leydin, Coricem, e quase toda Olanda, e grande parte de Zelandia: perdendo de sorte o medo ao Duque Governador de Flandes, que o desafiavão com com chanchonetas. E ainda que alguãs cidades estiverão por algum tempo indecizas no partido, que havião de seguir, obstinadamente determinadas a não sofrer o novo imposto, se passarão ao partido do Orange, que fasia guerra ao Duque pelas outras Provincias. De França e de Inglaterra em espaço de quatro mezes, no porto de Flissinga estava já aprestada hũa armada de sincoenta naos atrevendose a invadir os lugares da parcialidade de Espanha, e suas embarcaçoens, e affirmão os mesmos Escritores Espanhoẽs, que por este tempo, como os dez annos seguintes, pelejandose muitas vezes por mar, e terra, teve sempre o Olandez prosperos sucessos, sendo hũa so vez vencido, e as demais ficando com a victoria. De sorte que

desde então annunciarão aquellas victorias, o grande poder que agora tem, que constitue Olanda, não so Republica independente, mas húa grande e poderosa Monarchia. Deste modo se formou das agoas, e dos pobres pescadores esta formidavel Republica, ajudada do vergonhoso auxilio da heresia. Queixandose, e lastimando o Bispo de Namur da Rebelião dos Olandezes, em carta a Margarida de Austria, Duqueza de Parma, e Governadora de Flandes, conclue dizendo, que com este preço da Decima e vigessima se comprarão para o Olandez as maritimas Provincias, e o Principado.

## CAPITULO 4°

### INTENTÃO OS OLANDEZES A CONQUISTA DE PERNAMBUCO, E A CONSEGUEM SEM CONTRADIÇÃO

20. Empunhou o sceptro de Espanha Phelipe III de Castella, e II de Portugal, em tempo que Olanda cada dia crecia mais pelas armas, nem no mar, nem na terra reconhecia superior, corrêdo pelo oceano com grandes armadas, havia entrado pelas mais remotas partes da terra, asentado Embaxadas, e alianças com os Principes, e ombreando com os mais poderosos Reys, havia erigido em Europa hum novo Principado, apezar de todo poder de Espanha. Desorte que parece que Marte, peregrinando pelo orbe havia assentado em Olanda fixamente a sua praça de armas. Fatigadas as armas Espanholas, consumidos os povos, apurados os thesouros, empenhadas as forças aconselhado da necessidade abraçou ElRey a suspenção de armas por dez annos, com menos decorosas condiçoẽs do que o mundo esperava, e com desatenção, e impiedade de deixar fora della as nossas praças expostas a furia, ambição, e vingança dos rebeldes Olandezes. Hum Rey que *se não lembra destas Provincias, para as meter no tratado* das tregoas, como cuidaria nas suas fortificaçoẽs? Cahio o Imperio de Espanha /dizem os historiadores nacionaes/ oprimido do peso da sua mesma grandesa, por decreto da Fortuna, que não consente cousa permanente; E porque não cahiria Pernambuco fraco e desarmado? A hum corpo ainda que grande se lhe falta o vigor e alento, basta arrimar-lhe huã mão para que venha logo a cair.

21. Creceo a cidade de Olinda, subirão aos ares suas maquinas, soberba em edificios, illustre em cidadoẽs, esmerada em policia, engrãdecida em trato, fausto, e riqueza. Os seos braços se estenderão em opulentas cidades, grandiosas villas, innumeraveis aldeas e lugares. O seu corpo se vio armado de reaes engenhos, e rendosas quintas;

vestido de ouro, prata, pedras finas, e preciosas drogas; e como se fez tão conhecido, e aplaudido, igualmente se fez cobiçado. Como toda esta maravilhosa maquina se sustentava em fundamentos debeis e fracos, cahio e com acelerada mina foy despedaçada, e feita ludibrio de gentes estrangeiras.

22. Em todas as historias acho, que a ambição levou naçoens inteyras a conquista das mais poderosas Monarchias. A ambição levou os Persas contra os Babilonios; aos Gregos contra os Persas; aos Romanos contra os Gregos: aos Godos e aos Vandalos contra os Romanos; e para que entre nós não faltasse a experiencia desta verdade, a mesma ambição trouxe a Pernambuco os Olandeses. Vião se em Olanda com os olhos da inveja, e ouvião com os ouvidos da cubiça nossas riquesas. Sabião erão faceis de conseguir pelo remisso da Defença, como de conservar pelo util do comercio; prometia-lhes corresponder os sucessos as esperanças; os intentos de hũa liga, com o pretexto da liberdade de Italia, que se dizia ter começado em Avinhão anno de 1622 entre diversos Principes, e Republicas, contra a Monarchia de Espanha, e seos parciaes; cujos designios ameaçavão diferentes Religioens, e todos se havião de intentar quase ao mesmo tempo, para impossibilitarem a defença com a diversão; De que resultou as armas dos Protestantes cometer ao Imperio; França pelo condestavel Lesdigueres, e o Duque de Saboya o dominio de Jenova; Inglaterra a Cadiz; e Olanda ao Brazil.

23. Costumados a vencer sentião vivamente o golpe contrario recebido na Bahia, aspiravão a soldar a sentida quebra das suas armas, e não sofrião que o Brazil ficasse livre do seu Imperio. Determinados a empresa, animados com as noticias do Estado das nossas capitanias, intentão a conquista. Em vinte e nove de Junho de mil seiscentos e vinte e nove, poz a companhia occidental de verga de alto sincoenta e quatro náos, guarnecidas de sete mil dusentos, e oitenta homens, municiados, e fornecidos para todo sucesso da dilação, da resistencia, e da conquista. Esta expedição e conquista fiarão do General Henrique Lonc, do Almirante Pedro Adrian, do Sotta Almirante Justo Traper, do coronel de guerra Theodoro Wandenburg, todos capitaens de valor, experimentados nas guerras de Europa.

24. Chegou a Pernambuco a noticia, de que em Olanda se aprestava hũa poderosa armada para conquistar estas praças, mas com vos tão remissa, que apenas entrou pelos ouvidos de alguns sem faser algum aballo nos corações; porque em todos achou ou duvidas, ou despreso. No mesmo tempo em que devião cuidar nos reparos, se aplicão a festejar o nascimento do Principe D, Balthazar Carlos Domingos, engolfados no entretenimento, de todo perderão a memoria do receyo.

Chega o dia coartose de Fevereyro de 1630, e nelle avista o cabo de S. Agostinho. Em quinze se mostra aos olhos dos moradores aprasivel e formidavel. Arriba sobre o Páo amarello dando mostras de querer por ahy faser o assalto pª capear com hum engano outro engano, para que acodindo os moradores onde ameaçava o perigo, fizesse em outra parte o emprego. Vem sobre o Reciffe, em sete horas lhe mete dentro duas mil ballas, com mais terror, que perjuiso. Entra a noite a confundir tudo com suas sombras, vira da volta do mar, e tem Wandenburg tempo para no Pao amarello, por a sua gente em terra sem algúa opposição. Com horas de escuro se publica em Olinda que o inimigo tinha posto em terra muita gente, e que esta marchava para a cidade. Esta nova não esperada, que fazia mais medonha o funesto da noite causa tal confusão nos moradores, que a rarissimos deixou acordo para acodirem a defença. A pressa em todos era tanta, que se atropelavão huns aos outros, com esta perturbação saem muitas familias da cidade, para se salvarem nos campos. Seguindo o mesmo exemplo, correm outros em desordenado tropel pelas ruas, a ganhar aquelles lugares, em que se consideravão mais seguros. O Governador Mathias de Albuquerque, acompanhado de poucos, se oppoẽm ao inimigo na passagem do Rio doce, mas ouve de ceder o valor a multidão. Marcha o Olandez com quatro mil soldados, e sem que encontre q.m lhe dispute a entrada, entra pela cidade, e se apodera do alto della. Aloja se no Collegio da Companhia, e destacando daly tropas se faz senhor de Olinda sem encontrar resistencia. Acode Mathias d'Albuquerque a defender o Reciffe, mas não tolerando já o desacordo dos moradores alguã obediencia forão desemparando os postos, e tratando de salvar se nos mattos com o precioso de suas fazendas. Ve o Governador impossivel a defença, manda atear o fogo em tantas partes, que brevemente lhe servirão de alimento mais de quatro milhões.

25. Passa Mathias de Albuquerque o Rio Beberibe, aloja-se em hũa casa chamada de Asseca, lemanta em hũa eminencia um Forte, que chamou do Bom Jesus. Aquartelado neste sitio, se defende largo tempo com grandes calamidades e insigne constancia. Manda ElRey em socorro o conde de Bañolo Italiano, arriba sobre o Porto Calvo, retirase para as Alagoas, intentando fortificar se em dous sitios, que segurassem tres portos, que havia entre elles, em que podessem desembarcar os socorros, que esperava de Portugal e Castella; sahe de Lisboa hũa armada composta de duas Esquadras de trinta navios. Governava a de Portugal D. Rodrigo Lobo, a de Castella D. Lopo de Hoses e Cordova. Vem na capitania D. Luiz de Roxas e Borja, para render em Pernambuco a Mathias de Albuquerque, traz titulo de Mestre de Campo General do Marquez de Valada, que fica nomeado por Capitão General desta guerra. Avistão

as armadas o Recife, passão adiante, e vão dar fundo nas Alagoas. Deitão o socorro em terra mais para embaraço, do que para remedio, passão as armadas a Bahia, e na mesma jornada faz por terra Mathias de Albuquerque. Fica seu irmão com titulo de Governador de Pernambuco, que estava perdido, e o conde de Bañolo com patente de General da Cavallaria sem haver tropa algũa, que governasse. Determina D. Luiz de Roxas desalojar o inimigo da guarnição de Porto Calvo, sae a campanha, he derrotado, e acaba a vida na contenda. Socede-lhe o conde de Bañolo, e fortificase. Vem João Mauricio Conde de Nassau, filho de João conde de Nassau, e Diremburg, e de sua segunda mulher Margarida Princeza de Alcacia, e he tão cortes o conde de Bañolo, que sem contorversia *lhe larga o posto, e passa para as Alagoas. Parecendo lhe que ainda* aly não estava seguro marcha para o Rio de S. Francisco. Segue-o o Nassau, e dando temorosas ao Bañolo, de hum vôo se poem na cidade de Sergipe delRey. Não permite o Nassau descance muito tempo neste posto; segue-o, e o Bañolo mais que depressa dá comsigo na Bahia, tão destro em fugir, que nenhuã ligeiresa o pode alcançar. Este fim tiverão os pomposos aparatos de socorro que parece, só vieram a Pernambuco para fazer desesperada a nossa perda, e mais insolentes os nossos contrarios.

## CAPITULO 5º

### CONTINUA A MESMA MATERIA

26. Pelo modo referido foy a conquista de Pernambuco, couza facilissima, que so pedia, da parte do Olandez ambição, e ouzadia, e não valor. Estavão as nossas praças sem presidios, e sem reparos. Para defender Olinda, que tem de circuito mais de legoa e meya, somente havia hum Fortim levantado altura de hũa lança com terra e tijollo, e nelle montadas tres pessas de inferior calibre. Tomarão armas poucos homens, sem algum exercicio militar. Que mᵗᵒ vencessem os Olandezes, se acharão os Pernambucanos desarmados? Nem para que era necessario tanto aparato belico, com que nos acometerão os inimigos, se em nos não havia resistencia. Para tão facil empresa forão superfluas as suas maquinas. Para que he logo excogitar causas affrontosas da nossa desgraça, se a temos no descuido do Principe, *natural e manifesta? Mas como ha Escritores, que cobrindo suas particulares* ambiçoẽs com adulaçoẽs aos Principes, para não culparem o descuido destes, deitão a culpa das adversidades, que padessem os vassallos ou ao tempo, ou aos costumes dos desgraçados. Porem esta

curiosidade, lisonja, ou paixão de inquirir a causa dos nossos males, não passou sem offença da divina Justiça, que tanto quizerão supor irada contra as culpas dos nossos mayores, por que foy usurpar a jurisdição de acresentar, e multiplicar os trabalhos, que Deos permitte. Investigar a causa de hũa desgraça, he o mesmo que tentear hũa ferida, escandalisar uma chaga, e juntamente despertar e augmentar a dor. A desgraça de que se não penetrou a causa, he hũa só desgraça, mas logo que a esta desgraça se lhe busca hũa causa em desabono da pessoa, que a padece he dobrada desgraça, Sobre ser Pernambuco infelice tem o pesar de que julgue o mundo que com depravados costumes deu causa a sua propria infelicidade. Fechão estes Estoriadores os olhos para não verem causas naturaes, e patentes a vista de todo mundo, e so os abrem para enxergarem nos nossos peccados a causa das nossas desgraças, para com maliciosa curiosidade nos faserem hũ Epitaphio de oprobios, e hum padrão de ignominias.

27. Rebelados os Olandeses, não só pegarão nas armas para defender a rebelião, e sustentar o seu partido, mas tambem para invadir atrevidos os Estados do seu Rey. Na Asia se apoderarão da costa de Coromandel, das Ilhas Amboina, Banda, Ternate, Ceylão, Malaca, Massucar, Padau, Timot, e Cochim, Ispahão, Guameran, Agra, Amadabet, Bengalla, Palimbang, Iambi, Ligor, e outras muitas praças, que os portuguezes havião conquistado, e estavão dominando. Em Africa se senhorearão dos Reynos de Angolla e Loanda, S. Thomé, e Castello de S. Jorge. Na Europa de muitas praças cidades e castellos. E he muito para reparar que todas as historias somente condenão a perfidia, e ambição Olandeza, ajudada da infame canalha dos herejes, e desculpão os vencidos com o improviso dos asaltos, com as faltas de preparos, ou com as sobras de treiçoẽs.

28. Então os Africanos em Espanha, em anno e meyo se apoderão de todas suas Provincias, fazendo a conquista no tempo que parecia breve para tomar pacifica posse de tão vasto Imperio, se lhes tocara por herança. A causa de tamanha desgraça atribuem os historiadores aos desatinos de hum Rey motivados da fermosura de hũa mulher. A perfidia de hum sõ homem (O conde D. Julião) que por vingarse de hum sõ christão entregou a ira dos Infieis tantos Templos de Deos, tantas Provincias catholicas, e tantas mil almas christaãs. A ira de hũa mulher, que sentindo mais o golpe de um despreso, que a injuria de huã violencia, desafogou a paixão no trato da vingança, e por redemirse do dezar de hũa offença, em que lhe havia asestir a lastima de todos, solicitou hum desagravo, que a fez ludibrio das idades. De maneira que apenas aparecem no tribunal da Fama tres reos culpados na ruina de toda Espanha, ficando livres todos os mais Espanhoẽs da censura e da culpa. Nem

a essas tres pessoas faltarão Autores, q̃ desculpassem as suas acções, e as defendão das culpas que outros lhes imputão. Nos seus juisos he desculpada Florinda como innocente instrumento daquelle estrago, porque violada por ElRey D. Rodrigo, participou a injuria a seu Pay, no q̃. não fez mais do que buscar desafogo a sua pena, e aflição, que lhe rebentava no peito, o que não era influir em seu Pay a maldade não presumida de introdusir em Espanha os Africanos, e Pineda em sua Monarchia, diz, que não se perdeo Espanha pela filha do conde D. Julião, senão por haver ElRey D. Rodrigo usurpado o Reyno, quitando-o a seos sobrinhos; que estes ajudados do conde, pedirão favor e socorro aos Mouros, e com elles entrarão por Espanha; e victoriosos se ficarão os infieis com as Provincias conquistadas; e desta sorte aparece tambem o Conde desculpado, e asestindo fiel a huns Principes injustamente despojados dos seos Reynos, e senhorios. Dizem mais que ainda sendo certo que ElRey violasse a sua filha ou a sua mulher, como querem outros, se elle achara nos Espanhoẽs aquella disposição que Colatino achou nos Romanos para despicar o agravo feito a sua Esposa Lucrecia, não se valera para vingarse do agravo feito a sua filha, de tropas estrangeiras. Que se Colatino e Lucrecia são celebrados, Julião, e Florinda detestados, he por que o cõmum dos homens, nem para o aplauso, nem para o vituperio considera as acções em si mesmas, se não em suas accidentaes resultancias. A ElRei D. Rodrigo desculpão huns com a fragilidade humana, provocada com o despreso insofrivel em hum Principe que julga licito tudo que apetece, e se acha agravo na resistencia, busca o despique na violencia: quanto mais, que sendo aquella força impulso do amor, desculpado fica o desatino. Por este modo, ou não são culpados, ou tem a culpa, desculpa nos seos escritos.

29. Se consultamos os annaes cronologicos, vemos que no tempo em que entrarão os Africanos em Espanha, era Espanha huã universidade de vicios, um centro de todas as maldades. Seu Rey Witiza havia negado a obediencia ao Romano Pontifice. Elle e seus vassallos assim Ecclesiasticos, como seculares, se casavão com quantas mulheres querião, todos a redea solta corrião pela carreira dos mais enormes vicios. Estava Espanha tão cheya de abominações, qual nenhũa outra Provincia do Mundo; tudo erão entretenimentos encaminhados a deleites carnaes, perdido o temor de Deos, e pejo dos homens, e com o governo delRey D. Rodrigo, crescerão torpemente os vicios, chegando a tocar as rayas do incrivel. Este era o estado, em que se achavão aquelles povos, apostados a seguir todas as maldades, que praticavão os grandes.

30. O conde D. Julião depois de haver tratado com Musa, Governador de Africa, e com Miramolim o modo de entrar em Espanha, vierão a esta Empreza somente cem cavallos, e quatro centos infantes, e

bastou poder tão limitado para render as Ilhas maritimas, matar, saquear, e roubar quanto quizerão. Com este bom sucesso, engroçarão o poder, e com doze mil homens entrou Tarif, apoderouse do monte Calpe, e da cidade de Herachea, chamada hoje Gibaltar. Sahio ElRey D. Rodrigo a defença com um Exercito de mais de cem mil homens, ficarão os christaõs vencidos pereceo o inclito nome dos Godos, o esforço militar de Espanha, a fama gloriosa do tempo passado em hum so dia, por muito menor numero de barbaros capitaneados por hum torto, qual era Tarif, para que fosse mais lamentavel, e affrontosa sua desgraça.

31. Ponderado o estado em que estavão as provincias de Espanha, a corrucção dos custumes de seos moradores, os muitos peccados, que se cometião, os escandalos, que com seos vicios causavão, parece estavão desafiando a justiça divina para seu castigo, e que era proporcionada pena a christaõs que vivião como infieis, entregalos a barbaros, para que oprimidos de hum senhorio cruel, aprendessem a viver obedientes ao suave jugo da ley divina: mas passando por este juiso que se podia livrar de temerario, buscão os Escritores outras causas, para não affrontarem a sua nação. O Padre Marianna, Autor sincero, e que na sua historia poem aos olhos do mundo os vicios dos seos naturaes, e supoem forão aquelles cauza das suas ruinas, he acusado de pouco affecto a sua Patria, querendo erdase de hum ascendente oposição a sua mesma nação, e que por este titulo fosse mais estrangeiro, que peregrino. Assim todos os Autores se empenhão em desculpar, em semelhantes casos, a seos naturaes; e para as suas adversidades, tem as suas culpas, desculpa. Somente para os Pernambucanos não ouve desculpa, porq̃ na opinião desses historiadores, erão as suas culpas, sem desculpa.

## CAPITULO 6º

### VALOR COM QUE OS PERNAMBUCANOS RESTAURARÃO SUA PATRIA

32. A conquista de Pernambuco bem fora de contribuir glorias a vaidade Olandeza, se pode considerar como a sua mayor ignominia; não só pelas infamias, que executarão nestas Provincias, senão por que aquelle orgulho, aquella ousadia, aquella força, com que se atreveo a competir, e vencer a hum potentissimo Monarcha. Aquellas mãos que na Europa soberão destruir armadas, e desfaser exercitos. Aquella milicia exercitada em Flandes como em huã universidade da sciencia militar, soberba com o despojo de varões esforçados, e almas grandes, se vio em Pernambuco abatida, e despresada; escurecida a sua gloria

militar, e vencidos os seos mais valerosos capitaẽs, pelos Pernambucanos, desarmados, famintos, e poucos. A perda de Pernambuco, deu a Pernambuco um supremo lustre; sem tão fatal ruina, não se lograra restauração tão gloriosa. Quanto sangue derramou a espada olandeza nas nossas terras, servio para fecundallas de palmas e laureis. Nenhuã nação pode gloriarse de haver conseguido tantos triunfos em toda larga carreyra dos seculos, como os Pernambucanos lograrão em vinte e quatro annos, que se gastarão na total expulção dos Olandezes. Não se recobrou palmo de terra, que não custasse húa façanha; não havia movimento sem perigo, não havia perigo sem combate, e pelo numero dos combates se contavão as victorias.

33. Cansados os Pernambucanos das muitas crueldades, roubos, e tiranas vexaçoẽs, com que os oprimia a heretica maldade dos Olandezes, que como feras se deleitavão em martyrisar, atormentar, destruir, e roubar, procurarão sacudir de seos hombros jugo tão pesado, e tirano. No tempo em que os inimigos se achavão mais poderosos, e insolentes, e os Pernambucanos pobres, e desarmados, appellidarão liberdade, e se poem em campo para libertar sua Patria do poder, daquelles perfidos, e cruelissimos hereges. A todos pareceo esta acção desesperada pela suma desigualdade de hum, e outro partido. Os Olandezes senhores de todas as forças, asestidos de socorros, muitos em numero, exprimentados na guerra, bem armados, e valerosos. Os Pernambucanos, *poucos, sem mais armas, que os bordoens* que lhes permitia o inimigo, e poucas espadas, e clavinas, que alguns conservarão ocultas, e escondidas; pobres, e sem esperança de socorro, nem favor do Principe, que os via, como vassallos de outro senhorio; circunstancias, que estavão pronosticando infelice sucesso da nossa parte; mas desprezados com valor, e confiança em Deos (cuja causa tambem defendião) os pareceres dos homens, se resolvem a esta empresa com insigne constancia, Como lã os Godos fugindo dos Mouros se refugiarão nas montanhas das Asturias, se retirarão os nossos para o monte das Tabocas. Aqui são acometidos do inimigo, q̃ com grande poder pertende de hum golpe acabar com os nossos, travousse peleja, virão-se os nossos oprimidos da multidão, mas com tanta valentia se defendem, e cortão pelos contrarios, que conseguirão húa illustre victoria, com morte de mil e tresentos dos inimigos, e muito mayor numero de feridos. Aqui se refizerão os nossos das armas, que não tinhão, e estando muitos faltos de roupas, não ouve soldado, que despisse algum dos mortos para se aproveitar de seos vestidos.

34. Irritada a soberba heretica com este assoute que não esperava, conduziu nova gente, e com ella sahio determinada a roubar e destruir tudo. Executou horriveis crueldades pela Freguesia da Varze, cativou

muitas senhoras, e com roubos, que havia feito se recolheu ao Engenho de D. Anna Paes. Aqui os procurou a nossa gente, e apezar de toda resistencia, poder, e valor dos inimigos, conseguio segunda victoria. Vio o Olandez com assombro no campo da batalha mortos mais de quatrocentos dos seos, deixando duzentos prisioneyros, não havendo da nossa parte, mais mortos que dezoito, e trinta e cinco feridos, e mayor fora o seu estrago se se não renderão seos cabos pedindo quartel.

35. Sinco annos com secenta soldados se defendeo de todo poder inimigo a Fortaleza de Nazareth sete legoas para Sul do Recife. No anno de 1635 sahio o General Sigismundo Vanscop, e com hum grande poder cercou a Fortaleza apostado a rendella a todo custo. Constava a guarnição de quarenta e hum homens, apertou de tal sorte os ataques, e forão tão fortes as batarias, que ja nella erão mais as ruinas, que os reparos; não havião moniçoẽs, e faltavão totalmente os socorros. Rendida a constancia aos pes da impossibilidade, capitularão a entrega com condiçoẽs honrosas, que os fez mais triumfantes que vencidos, bastando quarenta e hum homens para resistir todas as forças, e ataques de dous e cem soldados olandezes por largo tempo. Era a Fortaleza de Nazareth a melhor que tinhamos por toda costa, pela grandeza, pelo porto, pelo sitio, pelas circunstancias que lhe davão a mayor estimação, de nos impedir por aly a entrada de socorros, e sahida das fasendas para outros portos. Bem municiada a possuirão muitos annos, ate que com os primeiros movimentos da liberdade se resolverão os moradores circumvisinhos a sitialla ao largo impedindo-lhe os provimentos. Pedirão ao Mestre de Campo Martim Soares Moreno os ajudasse nesta empresa, marchou sem demora para o sitio, e lho poz mais apertado (sobre o que ja havia posto o Capitão Andre de Araujo) o Mestre de Campo Andre Vidal de Negreyros com o seu terço engroçou o poder, e com a sua chegada se resolveo o Governador Theodosio Estrater a entregar aquella importante praça, que nos deixou fornecida de boa artelharia, e muitas muniçoẽs.

36. Escondidos pelas brenhas, fugindo a tirania, e crueldade dos inimigos, cada vez mais insolentes, andavão os nossos. Com o pretexto da rebelião, em que supunhão a todos cumplices, sahião tropas a destruir, roubar, matar. Carregados dos despojos desta insolencia vinhão muitos Olandezes pela margem do Rio Beberibe, dando escolta a hum magote de negros, seos escravos, que levavão parte da carga, e caminhavão todos para o Recife. O desejo de augmentarem o roubo os fez assaltar a caza de Luiza Barboza, viuva nobre, que com outras suas Irmãas donzellas estavão recolhidas e temerosas. Com insolente arrogancia tratarão arrombar-lhes as portas. Apelidarão ellas favor

contra ladroẽs, que as querião matar. Ouvio Manoel Barboza, retirado a hum matto vesinho os golpes da violencia, e os gritos da aflição. Estavão com elle de companhia mais sinco moços todos de dezoito, athe vinte annos, persuadi-os a que o ajudassem a livrar suas Irmaãs d'aquelle perigo; não havia entre os seis companheiros mais armas, que duas espingardas, duas espadas, hũa fouce de roçar, e hum bordão ferrado, derão sobre os Olandezes, com animo tão destemido, que matarão muitos, ferirão aos que logo não escaparão das suas mãos fugindo, ficarão senhores das armas de todos, que erão mosquetes, clavinas, e pistollas. Com as armas cresceo nos seis o brio, e em outros o desejo de se lhe agregarem. Formousse hũa companhia de vinte mancebos receberão a Manoel Barboza por seu capitão, os quaes como filhos de Pernambuco souberão vingar os agravos da sua Patria ferindo, e matando innumeraveis Olandezes em embuscadas, e assaltos. Augmentada esta companhia com trinta moços, todos de valor, e brio se entrarão por Olinda, no mesmo dia que na Varze alcançarão os nossos a victoria referida, por espaço de quarenta dias defenderão os moradores assim dos Olandezes da guarnição, como dos da guarita de João de Albuquerque, ate que despejados os inimigos, e engroçado o presidio, continuarão a obrar maravilhas de valor em outras partes.

37. Avisados os moradores da Parayba, que os de Olinda e Reciffe apelidarão liberdade, e estavão postos em campo para sustentar a empreza, se disposerão para a mesma façanha; alistarão se em companhias, e em hum mesmo dia se aclamou a liberdade na Cidade, e lugares circomvisinhos de toda Capitania e nelle o soube o Governador Olandez Paulo de linge. Não o alterou a nova porque a esperava certo na sublevação, incerto no dia. Formou hum exercito de mais de mil homens bem armados, governados por hum cabo escolhido. Sahirão da Fortalesa do Cabedelo, onde se alojava o Governador, em demanda do arrayal / que os nossos havião formado no Engenho de S. Antonio, huã legoa da Cidade / a tempo que pelo rio mandou subir hum suficiente numero de embarçaçoẽs com aparencia de irem cometer a cidade. Não tinha o fim da embarcação desvio, nem o da marcha certeza, e foy facil enganarnos com a industria, para que acudissemos onde nos chamava o ardil, e não a parte que necessitava de socorro. Persuadidos os cabos, que por mar e terra cometia o inimigo a cidade, a socorrerão com todo poder. A furto das sentinellas passou o exercito adiante levando a cara ao Arrayal, em que ficarão tão poucos, que apenas bastavão para as guardas. As lanchas com voga escaça fingião subir, sem avançarẽ a chegar. Francisco Gomes, que ficou no Arrayal, tanto que conheceo que sobre elle cahia todo poder do inimigo, com valeroso acordo sahio a receber

o inimigo que encontrou na campina de Inhobim. Investirão se os Esquadroẽs iguaes no valor, e muito desiguaes no numero, e nas armas, as do Olandezes todas de ferro, e fogo, as dos nossos quase todas de paõs tostados. Deu o inimigo a primeyra carga, passada esta com pouco estrago, envestirão os nossos a Espada, e pancadas, com braço tão robusto e valor tão destemido, que desatinado o Olandez com golpes tão pesados nem acordo teve para conhecer o pequeno numero, que o acometia. Por muito tempo sustentou a porfia o combate. O capitão Antonio Rodrigues Vidal sobrinho do Famoso e grande Andre Vidal de Negreyros, ambos naturaes da Parayba provou nesta ocasião, que com o apelido herdara o valor de seo Tio, vio o Olandez o campo coberto de mortos, deu as costas ao combate tão medrosamente desordenado que não parou senão dentro da Fortalesa do Cabedelo. Setenta e sete mortos ficarão no campo, porque com hum grande numero de feridos, retirou não só os mortos de mayor conta, mas todos que pode para assim esconder a nossos olhos o seu grande estrago. Sinco soldados nos matarão, entre elles o capitão Francisco Leytão. Os feridos não forão muytos, e os fez parecer menos a breve convalecencia de todos. Recolhidos os despojos derão a Deos as graças de tão inopinada victoria. Desde este tempo ate o rendimento do castello não descançarão os nossos de molestar ao inimigo com toda hostilidade valendo-se de embuscadas e asaltos, em que erão sempre bem sucedidos, com prisoens, e mortes de muitos olandezes.

38. Cuidando atalhar os progressos da aclamação da liberdade, a que chamava rebelião o Olandez, mandou no Porto Calvo prender a todas as pessoas principaes. A prisão de Rodrigo de Barros Pimentel pessoa de callidade, e respeito naquelle destrito servio de rebate para se porem em salvo os moradores. Christovão Lins que ouvira a resolução, com que João Fernandes Vieira se poz em campo a beneficio da liberdade, apelidou tambem esta com muitos que o seguirão. O Governador da Fortaleza que intendeo quanto importava apagar o fogo, antes que tomasse mais força o incendio, deitou fora hum Esquadrão de escolhidos soldados á obediencia de hũ valeroso cabo, com ordem que assaltassem os Rebelados, e a todos prendessem ou matassem. Não se escondeo Christovão Lins, e sim animosamente os espera, e com insigne valor sae ao encontro aos contrarios, que carregou com mão tão pesada, que a todos tirou a vida, sem deixar algum, que levasse ao Governador as novas de tão fatal estrago. Com esta victoria, e armas que ficarão para os nossos, se virão mais ousados, porque melhor guarnecidos. Pelo Rio Mongoaba subia hũa Embarcação, a que chamamos Sumaca, que vinha em socorro dos inimigos, derão sobre ella e a tomarão, com morte dos Olandezes, e muitas

armas de fogo, muniçoẽs, e mantimentos. Animados com a voz destes sucessos acodirão todos os moradores, e se resolverão a por sitio a Fortaleza; posto este com boa ordem, mandarão húa embaixada aos sercados que se entregassem a bom partido. Foy a Embaixada despedida sem resposta, e a Fortaleza oprimida com tanta força, que se resolveo o Governador a entregar aquella Fortaleza com oito peças de bronze, quatro de vinte e quatro livras de balla, e outras muitas de ferro, armas e muniçoẽs não só bastantes, mas sobejas para sustentar hum largo sitio, arrasarão os moradores aquella fortaleza, porque cada hum a tinha em seu peito.

39. A mayor ou menor distancia dos lugares aonde se aclamou a liberdade, foy a que medio o tempo. Em 17 de Setembro se entregou a Fortaleza do Porto Calvo, em 19 se entregou a do Rio de S. Francisco, aonde os acontecimentos forão quase os mesmos, sem haver entre huns, e outros mais diferença, que a do lugar, e do tempo. Na Villa do Rio de São Francisco se divulgou o Decreto, em que se mandava tirar as vidas aos moradores. Valentim da Rocha Pitta (nobre e respeitado morador) com diligente cuidado avisou aos confederados se pusessem em cobro. Com esta advertencia se virão livres do perigo, e so esperavão occasião de aclamar a liberdade, tiverão logo esta, porque mandando o Governador Olandez prender a hum homem principal, que residia duas legoas distante da Fortaleza, alvoroçados os vesinhos, sahirão ao encontro do preso, e dos Ministros, matarão a estes q̃ erão hum sargento, e des soldados, e puserão em liberdade ao preso; ardendo em colera manda o Governador hum capitão com setenta soldados, que desse sobre os agressores, e que a elles e a toda cousa viva que encontrassem, abrasassem e consumissem. Em huma emboscada que os nossos armarão aos setenta, os castigarão de tal sorte, que nenhum pode escapar da morte. Por terceiras vias chegou a noticia do estrago ao Governador, que o deixou sobrearrependido de se mover pelos impetos da colera, temeroso daquelles mesmos homens, que athe aly despresava a sua Soberba. Receoso da ousadia dos nossos se recolheo com todos os seos dentro da Força, buscando nas paredes os reparos, e no jugar das peças os desvios. O movimento das nossas armas lhe não deixou mais esperança, que a dos socorros, que lhe prometia o mar. Estavão os nossos faltos de armas, e a fortuna lhes offereceo em hum caravelão que o inimigo mandava de socorro a Fortaleza, asaltado dos nossos o largarão os olandezes com as vidas. Erão entre *os sercadores, e os sitiados os encontros tantos como erão as occasioẽs*, e as occasioẽs como erão os dias, e sempre o inimigo ficava de pior partido. Navegava hum barco com onze Olandezes a ordem de hum Ajudante, em huma canôa o investirão oito moços, captivarão o barco

com morte dos Olandezes, sem haver entre os nossos morto ou ferido. No mesmo dia sucedeo outro encontro em que os inimigos que erão vinte, ficarão mortos, e os nossos sem algum perigo. Cada dia acontecia o mesmo. A importancia da Fortaleza desvelava grandemente o cuidado do governo Olandez. Despedirão em socorro hûa não, e dous barcos com Infantaria, armas, muniçoẽs, e mantimentos, apenas forão vistos dos nossos saem alguãs canoas ao mar largo, e com ousadia procurão abalrroar embarcaçoẽs d'alto bordo, sendo vazos compostos de hum so tronco, tanto temor causarão aos inimigos que contarão como triumfo, faserem-se na volta do mar, e arribarem outra vez ao Reciffe donde havião sahido. Apertado o serco, e repetidos os ataques tratarão os Olandezes de entregar a Fortaleza. Feitas as capitulaçoẽs sahirão dellas duzentos, e sessenta e seis Olandezes, sinco Indios, vinte e quatro mulheres, desoito meninos, e outros tantos escravos. Deixarão na fortaleza setenta e sete olandezes enterrados, que tempo do serco morrerão de ballas, dez peças de bronze, todas de alcance, grande soma de pelouros; suficiente polvora, e abundancia de mantimentos. A Fortaleza foy arrasada, e artelharia conduzida para o nosso Arrayal.

40. A villa de Tamaraca bem fortalecida dos inimigos com trincheiras, e paliçadas se vio asaltada dos nossos com vigoroso combate. Para entrar na Ilha foy preciso render huã grande nao, e hum caravelão, que bem guarnecidas defendião a entrada. Com extremado valor forão entradas, e rendidas. Com o mesmo romperão as trincheiras, guarnecidas estas com alguãs companhias, o valor de huã parte, a multidão da outra concorrerão a fazer a sanguinolenta a peleja, que durava onze horas com gente que em vinte e quatro horas não havia tomado algûa refeição. Os Governadores da liberdade havendo recebido os Portuguezes, que ate aly gemião debaixo do pezado jugo dos Olandezes, se retirarão para Igarassu, forão da nossa parte sessenta mortos, e destes quatorse Portuguezes, os mais Indios, e Estrangeiros, que militavão a soldo no nosso exercito. Perdeo o inimigo mais de duzentos soldados, os feridos forão tantos, que se lhe não deu numero,

41. Militavão entre nos alguns Estrangeiros que se havião passado a nossa parte, corrompidos estes pelos olandezes, esperavão algum tempo, em que a trayção lhes desse o que não podião conseguir pelo valor das armas. Conferirão entre si como a seu salvo nos poderião perjudicar com mayor dãno e asentarão em que se esperasse occazião, na qual nossos mesmos soldados, e nossas proprias armas, fossem o instrumento da nossa total perdição. Muitas vezes com simuladas cautellas passarão ao Reciffe a concertar o preço da venda, e da entrega, donde voltavão tanto a tempo que nem a suspeitas derão o menor

indicio. Assentarão que nos encontros, em que se achassem /antes da occasião desejada/ os do Reciffe, não farião tiro com pontaria, nem os que entre nos militavão com balla, dando-se a conhecer por hum papel dobrado nas tranças dos chapeos. Aquella inclinação que os Portuguezes tem a seguir novidades no trajar, fez com que todos os nossos soldados imitassem aos Olandezes, com o que confundida a diviza se vio atalhada a malicia, e o dáno. O Governador João Fernandes Vieira aconselhado da suspeita que adquirio na observação de alguãs acçoẽs, mandou que em nenhum recontro pelejasse o regimento dos Olandezes unido, senão disperso, e entretecido com os Portuguezes de sorte que não lhes ficasse liberdade nem para a fugida, nem para a offença. Entre os Capitaens vivos do terço dos Estrangeiros militava hum chamado Nicolas /Olandez de nação/ este se fez cabeça de treyção, e todos nelle se comprometterão fiandolhe as disposiçoes do intento. Com obrigação de tudo conferir e firmar com os do Conselho Supremo, o que fez furtando occasioẽs de se avistar com elles, concluir, e assentar a trayção. Ajustados no modo, dia, e parte sahio do Reciffe, pelo lugar dos Afogados Jorge Gosmão Governador do Rio Grande com mil e tantos infantes, e sem ser sentido se emboscou de noute junto ao Engenho de Antonio Fernandes Pessoa. Estava por fronteyro naquelle sitio Pedro Cavalcanty de Albuquerque, o qual alheo da perniciosa vizinhança mandou hum Alferes com dous soldados, que ao romper da Alva sahissem a descobrir o campo, o que fiserão deligentes sem acharem vestigios de inimigo, voltando pelas casas do Engenho se virão asaltados do Olandez, perderão as vidas o Alferes, e hum dos soldados, mas o outro a quem não poderão atalhar a retirada, disparando a arma, tocou a rebate, ao qual acodirão logo os capitaẽs das estancias vezinhas, e asestidos das suas companhias se oposerão valerosamente ao Esquadrão inimigo, que confiado no poder, e no pacto, avançava furioso e destemido.

42. Distava o nosso Arrayal do sitio da peleja meya legoa, ouvio se nesse a mosqueteria, e servio aos Governadores Andre Vidal de Negreyros, e João Fernandes Vieira de rebate, para sahirem sem demora com todo poder, que os pode seguir. Tanto que chegarão ao lugar do conflito / onde alguãs bandeyras do terço Estrangeiro tinhão acodido com as companhias das Estancias / todas as companhias do Norte que se encorporarão com o socorro que os Governadores trazião do Arrayal, se unirão com as outras, e todas deixarão o combate. Feitas em hum corpo separado, empregarão as cargas nos Portuguezes, que engolfados na pendencia não attendião a divisão do corpo, e daño que recebião dos seos traidores Auxiliares. Vio o sargento mor Antonio Dias Cardoso que aquella partida dos Olandezes cobria a gente

do capitão Paulo da Cunha que com mayor empenho carregava o inimigo, e atento ao seguro alheo a socorreo com a companhia do Governador João Fernandes Vieira, mandando aos Olandezes que se retirassem atraz, deligencia casual que atalhou a treyção naquella hora. Cobertos os traydores de outras companhias não poderão faser a menor acção de inimigos, sem o risco de serem descobertos, e aly feitos em pedaços. Continuou porfiada a peleja, e inda que bem sangrado o inimigo pelo nosso ferro não desestia, nem afrouxava com as esperanças que lhe dava a consertada treição, mas vendo o seu estrago cada vez mais crecido depois de sustentar o combate quase duas horas, e que os nossos a Espada os investirão a imitação dos seos cabos mayores, não podendo já soffrer vigor tão ardente, aconcelhados do temor, que lhes causou nosso esforço forão cedendo o campo aos triunfantes Pernambucanos, e com acelerada retirada se recolherão dentro da casa da sua Fortaleza, deixandonos com a campanha hũa illustre victoria. Sete homens nos matarão e ferirão trinta e sinco. Deixou o inimigo na campanha muitos mortos, que não pode retirar, os feridos forão innumeraveis. Na retirada da Fortaleza para o Reciffe os esperou Henrique Dias com os seos pretos, e os sangou de maneyra, que levarão tanto que chorar na despedida, como na peleja. Depois que com a fugida que Nicolas fez com os seos soldados para o Reciffe se conheceo claramente a maquina da treyção das tropas Estrangeiras, mandarão os Governadores da liberdade formar os terços da nossa milicia, e dentro delles o dos Estrangeiros, a todos os quaes se tomarão as armas, dando-se ao mesmo tempo busca em suas tendas, se descobrirão evidentes provas, de que erão cumplices na treyção. Com mulheres, e filhos se mandarão para a Bahia a disposição do Governador do Estado Antonio Telles da Sylva. O Mestre de campo Theodosio Estrater, e o seu sargento mor Francisco de la Tour, andados alguns dias alcancarão licença para se passarem a servir na Bahia, aonde o Governador os recebeo com agasalhos, e acomodou com honrra nos mesmos postos.

43. No porto do Reciffe estavão surtas muytas naos de guerra, que havião chegado de Olanda com socorro, dous soldados naturaes do mesmo Recife se resolverão a por lhes fogo. Em hũa jangada se embarcarão, e sem os acobardar algum temor navegarão por entre varias naos, que estavão no rio, escolherão entre duas mais alterosas, em cada qual pegarão hum artificioso composto dos materiaes mais obedientes ao fogo, que ateado nellas começarão a arder com tamanhas labaredas, que as via o espanto, sem atinar com o remedio, acodirão a livrar os que estavão livres cortando-lhes as amarras, deixando-as a discripção das agoas. Foy a confusão dos moradores tanta, que

receando paçasse o incendio aos Edificios desemparavão suas casas, e se retirarão para a cidade Mauricea. Os nossos soldados tomando terra na restinga de Olinda, carregarão sobre os hombros a ligeira embarcação, e passando-a para o rio se salvarão do perigo, que os ameaçava acção tão temeraria. Com semelhantes empresas, e quotidianos encontros, assaltos, e emboscadas trasião os nossos aos Olandezes tão cortados do temor, e tão assustados que em nenhúa parte se concideravão livres, e seguros do nosso ferro.

44. Pelos destritos do Rio Grande e Cunhau castigou D. Antonio Felippe Camarão com os seus Indios o orgulho do Olandez a ferro e fogo. Não houve vida a que perdoasse a Espada, nem fazenda que não consumisse o fogo. Com os fios de ira cortou a Espada, e o incendio por pessoas, e edificios. Ouviu o Olandes o golpe do castigo das suas crueldades dentro da sua Fortaleza, estremeceu ao primeiro grito, e cobrado do medo, determinou satisfazer a queixa com a mayor vingança; pedio auxilio as Fortalezas vesinhas, que junto a gente que tinha fez hum groço de mil e quinhentos soldados, poder com que se imaginava senhor da victoria. Era o numero da nossa gente de seis centos homens duzentos e sincoenta Portuguezes, e trezentos e sincoenta Indios obedientes huns, e outros ao Governador dos Indios D. Antonio Felippe Camarão. Marchava o inimigo em demanda do sitio onde a nossa gente se alojava, derão as sentinellas rebate, sem deter a marcha avançou o Olandes a nossa instancia, cobrindo com serradas cargas de mosquetaria as fileyras de machados, e alfanges destinadas para romperem a estacada da trincheira, e franquearem a entrada a sua gente. Os nossos os receberão com tanto valor, e força, e com tanta deligencia, e acordo, que desatinado o Olandes, não pode ver a perda dos seos senão com os olhos da colera, com a qual em lugar dos mortos, e feridos metia no combate novos soldados de refresco. Sem afroixar de húa, e outra parte a bataria durou o conflito tres horas. Via o Olandez que os nossos com o trabalho criavão novas forças, fez pe atras, e formousse em tres batalhoens, com hum sustentou o combate, com o segundo nos mandou cortar pelo lado direyto, e com o terceiro pelo lado esquerdo, buscando caminho para nos acometer pela retaguarda. Cahio em duas embuscadas que o esperavão, e descomposto de duas cargas bem empregadas, fugio desordenado. Não podendo ja sofrer o nosso braço, tocou a retirar, e achou poucos que o podessem seguir, o que visto pelos nossos Indios levantarão hum estrondoso grito; entendeo o Olandez que se dispunhão a seguillo e carregallo, e se poz em desordenada fuga. Não seguirão os nossos o alcance por falta de munição, cento e quinze mortos deixou no campo, levando todos os de mayor graduação, e quinhentos feridos, e depois se averiguou que quase todos os que sahirão feridos perecerão, ou na retirada,

ou na Fortaleza, ou no Reciffe. Da nossa parte não ouve morte nem ferida que desse cuidado, porq̃ só tres soldados ficarão levemente feridos. Foy esta victoria não só digna de aplauso, mas de nome, conciderada a desigualdade do numero, da duração do conflito, da callidade do despojo, e do estrago dos vencidos.

45. Do Reciffe sahio o Olandez com hum groço Esquadrão, e grande numero de gastadores, a cortar o mato que pela vastidão não deixava laborar livre a sua artelharia. Mal tinhão pegado na obra quando o Governador dos pretos Henrique Dias (avisado das suas sentinellas) pegou das armas, e investio com os inimigos. Sustentarão estes o combate, que reforsarão com socorros, que acodirão de hũa e outra parte, durou a peleja quatro horas, os nossos sem temor algum de muitas ballas, que desparavão as suas fortalezas, fizerão tamanho estrago no Olandez, que o obrigarão a deixarnos com o campo semeado de mortos, a victoria. Era o inimigo picado com tanta viveza, e tão repetidas vezes, que não havia praça sua, que por todas as partes senão imaginasse escalada, e por muitas vezes se ouvia entre os nossos o receyo em que estava o Reciffe, pelos gritos, e alaridos espantosos, não descançando em toda a parte o nosso valor de influir em sua confuzão.

46 Entrou o mez de março de 1646, e com elle Henrique Dias em pençamentos de ganhar, e arrazar hum reduto, que o inimigo fabricara á sombra das Fortalezas das sinco pontas e afogados. Constava de hũa caza forte cingida de trincheiras de groços taboões, entulhada de fascina, e terra, com outra circunvalação de páu a pique que fazia huã robusta estacada, e huã profunda cava, que a defendia, tinha huã boa guarnição, coberta das Fortalezas do Reciffe que o desquartinavão a tiro de mosquete. Escolheo Henrique Dias de todo seo terço quatro companhias, entrou a noite, e passarão os destemidos pretos o Rio, asaltarão a primeira estacada, vencida esta passarão a segunda, e desta a casa forte, não escapando da sua ira mais que quatro olandezes, que poderão fugir, e se recolherão ao Reciffe.

47. Os dias que na campanha do Reciffe socedia o referido, gastou o Governador André Vidal de Negreyros na marcha para o Rio Grande. Vencendo encontros chegou a Parayba, onde achou D. Antonio Felippe detido por falta de muniçoẽs; determinados a castigar ao inimigo hũa sahida, que havia feito das suas Fortalesas com intento de levar a cidade, mandou Andre Vidal a seu sobrinho Antonio Rodrigues Vidal que com quarenta moradores praticos no terreno o fossem picar a sua força de S. Antonio, porque de seu valor e actividade fiava trazello ao laço. Correspondeo o sucesso a esperança. Apareceo o capitão ao inimigo, como por descuido; o Olandez ou despresando

o numero, ou temendo o ardil, não fez movimento; o nosso capitão para lhe acender a colera, cometeo a Fortaleza a cara descoberta, e dadas suas cargas se retirou a hum cumulo de area para se reparar das ballas. Provocado o inimigo se resolveo a sahir com dusentos e vinte homens, que os nossos receberão com desenfadado valor, e os forão cortando de tal modo, que vendo o Governador Andre Vidal que acabarião todos ao corte do nosso ferro, ou affogados nas ondas a que se arrojavão temerosos dos nossos golpes, bradou que lhe tomassem hum Olandez vivo, para delle saber o estado da Fortaleza. Dous soldados do Camarão se deitarão a agoa, e pelos cabellos tirarão dous do mar, matarão hum, e apresentarão outro ao Governador; Raro foy o que se pode salvar com a fuga, da nossa parte não ouve ferido, e so a morte do sargento mayor Francisco Cardoso. Disposto o que então pareceo necessario para se continuar a guerra naquella capitania, se retirou Andre Vidal para o Arrayal do Reciffe.

48. Estimulado o Olandez da dor de tão repetidos golpes que em todas as partes recebia, determinou empenhar todas as forças em hũa acção, que pudesse restaurar o credito, que tantas vezes havia perdido, para assim conseguir honrra e vingança. Havia chegado de Olanda segunda vez o General Sigismundo Wanscop a remediar tantas quebras da reputação da nação olandeza, e como lhe foy facil a primeira conquista, imaginava vencer aos Pernambucanos so com a sua presença, presunção, que em repetidos encontros vio desbaratada com grande confusão da sua vaidade. Em vinte de Julho de quarenta e sete aportou na barra do Reciffe com hũa poderosa armada, e nella quatro mil Infantes, que conduzia Jacob Estacourt, hum dos principaes da Companhia Occidental, mandados agora, pelo muito que obrarão no principio e conquista de Pernambuco. Deitarão ferro com multiplicadas salvas, desembarcarão no Reciffe com muitos vivas, forão recebidos com festivas aclamaçoẽs, effeitos da confiança, que a todos prometia a restauração do seu Imperio. Com sobeja arrogancia tinhão prometido em Olanda os dous cabos a restauração do perdido nas capitanias desobedientes, sem mais dispendio que o de quatro mãos de papel. No primeiro congreço, em que lhe assestirão todos os que tinhão posto na milicia, e no governo lhes disse, que se admirava muito que taes e tantos valerosos soldados se deixassem cercar, e oprimir de quatro bizonhos, que nunca virão guerra, tão fracos que so a voz do seu nome os poz em fugida pelos matos com menos temor das feras, que das suas armas, obrigando com o Estado presente a que a companhia julgasse necessaria a presença da sua pessoa, e o dispendio de armada tão groça. Hum dos da Junta, menos sofrido lhe respondeo, que os sucessos lhe mostrarião a diferença dos tempos, e q̃ aquelles mesmos

homens, que em outro tempo temerão o seu nome, no presente despresarião todo seu poder. Atalhou Sigismundo a pratica pedindo hum pucaro de agoa, apresentarão lha salobra, por não haver no Reciffe senão a que tiravão dos poços e cacymbas. Desgostou da bebida e prometeo melhorallos de agoa, mandando a buscar aquella parte da campanha aonde a ouvesse melhor, e mais delgada.

## CAPITULO 7°

### CONTINUA A MESMA MATERIA

49. Inteirados os Governadores da liberdade do poder do Olandez, e de seos intentos, e que Sigismundo havia de seguir os passos da primeira conquista cuidarão deligentes em se fortificar. Despacharão ordem a D. Antonio Felippe Camarão, qne assestia na Parayba, e a todos os cabos da milicia para que fisessem retirar os moradores que por froxidão se não tinhão retirado da Parayba, Goyana, e seos destritos, com todas suas familias, aos quaes comboyassem até os porem em seguro entre o Arrayal e a villa de Igarassú, que destinavão por fronteyra. Proverão aquellas distancias, que circunvalavão as Fortificaçoẽs do Reciffe, do que lhe pareceo necessario para a resistencia. Com prompta obediencia foy obedecido o mandado. Aos sinco de Agosto sahio Sigismundo do Reciffe com mil, e duzentos homens, e com pensamento de ganhar Olinda por entrepeza, e franquear aos seos a agoa della, e as sahidas para correrem a campanha. Fez a marcha pela praya, servindo-lhe o Rio de trincheyra, deixando se ver dos nossos, seu Esquadrão luzido, e ordenado de modo que enchia os olhos com a forma, e os ouvidos com o toque de caixas, clarins, e pifanos. O capitão Antonio da Rocha Damas /achava-se com trinta homens na guarnição de hũa trincheyra, que se adiantava a cidade/ medindo a occasião pelo animo, e não pelo poder, sahio logo a recolher o inimigo, a quem seguio com igual presteza, e valor, o capitão Bras Soares da Infantaria, que em Olinda estava de presidio; cuja oposição deteve o passo ao Olandez ate que da Estancia das salinas acodio o capitão João Soares de Albuquerque com a gente da Moribeca, que erão cento e oitenta homens: sahirão a praya campo da peleja, investirão ao inimigo tão resolutos que primeiro os conheceo o dãno, que a vista. Com hũa e muitas cargas os confundirão de sorte, que nem a multidão dos Olandezes, nem a deligencia dos cabos, nem a authoridade do General, poderão atalhar a desordem dos seos, mais obedientes ao temor, que ao perceyto dos superiores, virarão as costas

ao conflito, correndo a desfilada a salvar as vidas no amparo das suas Fortalezas. Assombrado Sigismundo do sucesso, entendeo que ou aquella não era a mesma terra, ou aquelles erão outros homens. Hum grosso socorro que lhe chegou, o recobrou da suspensão, em que o havia posto o valor dos Pernambucanos. Deu a sua gente nova forma, e segunda vez intentou romper os nossos, e passar adiante; achou os nossos firmes no posto da peleja, que, dada a primeira carga a investirão a espada, e romperão a sua forma. A hum mesmo tempo se vio Sigismundo desbaratado, e ferido, e foy o primeiro que fugio para o abrigo das suas Fortalezas. Terceyra vez formado intentou com a porfia vencer o valor, e obrigar a fortuna. Já tocava a investir, e a dar nos com a terceyra furia, terceyra victoria; quando a tirou das nossas maõs a vista do Governador João Fernandes Vieira, que em socorro chegava do Arrayal. Causou sua vizinhança tamanha alteração nos Olandezes, que desordenados e esquecidos da disciplina, e da vergonha, fugirão todos para o Reciffe. A perda dos inimigos foy grande, e da nossa parte so houverão quatro mortos, e poucos feridos. Para disfarçar o sentimento disse Sigismundo para os seos na occasião em que lhe curavão a ferida, que lhe abrio o nosso ferro, que se lhe não tirou a vida, lha deixou em muletas: que nunca sua opinião se enganara com mais desculpa, porque não podera imaginar, que a brandura do queijo, e das manteigas de Olanda, com que creara os mochachos de Pernambuco, os fizesse tão destemidos, e tão robustos, que com tanta gloria vencessem a quem sempre vencera, deixando lhe aquella primeira occasião nas maõs a mais honrrada Fama.

5o. Passados oito dias ordenou o General a seos cabos que com dobrado poder cometessem a entrepeza de Olinda, sahirão do Reciffe em doze de Agosto mais confiados, porque em mayor numero. Os nossos que se não descuidavão lhe sahirão ao encontro com tanto valor, e ouzadia, que depois de hũa cruenta peleja os fizerão vergonhosamente fugir para a praça. *Bramava Sigismundo abrazado em colera pelo máo sucesso* das suas armas, ordenou que no seguinte dia sahissem pela Fortaleza dos Affogados a ganhar aquella Estancia chamada de João de Aguiar, descobertos pelas nossas sintinellas, sahirão com incrivel presteza a investillos os capitaes Antonio Borges Uchoa, e Francisco de Abreu com os soldados das suas companhias, sendo poucos em numero, de cara a cara lhes detiverão a marcha, até que se encorporou com elles D. Antonio Felippe Camarão, a quem seguirão os Governadores da Liberdade com o socorro do nosso Arrayal. Com os braços crescerão os golpes e escolheo o remedio da retirada, cobrindo-se com a artelharia da sua Fortaleza, debaixo da qual se formou. Deixarão os nossos de seguir o alcance, e fizerão alto aonde os não podião offender as ballas. Impacientes

os nossos de verem os inimigos e não lhes chegar, desprezando as ballas, que como innundação se espalhavão pela campanha, avansarão de corrida em forma prolongada, e com a espada na mão cahirão como rayos sobre o inimigo, o qual primeiro ferido do espanto, que do ferro, com tumulto e desordem se lançou a cava da sua Fortaleza, em que muitos bebião a morte na agoa, que buscavão para remedio, com grande estrago se passarão a outra banda da Fortaleza, seguidos da perda e da injuria. Os nossos espalhados, e de corrida se retirarão depois que lhe faltarão inimigos que vencer, industria que servindo de estorvar o daño, augmentou no Olandez o espanto, com que o suspendeo o destemido do nosso animo. A nossa perda foy pouca que comparada com a que o inimigo recebeo nada avultou.

51. Em onze de Setembro sahio Sigismundo do Reciffe coberto com as sombras da noite, e pela praya do mar tomou o caminho da Jangada, quatro legoas distante, ao romper da manhãa deu sobre a povoação, o repente da invasão não deixou tempo aos moradores para a defença, com o que pode o Olandes a seu salvo saquear e destruir. O capitão Francisco Lopes acompanhado dos seos soldados acodio ao estrondo dos tiros, e mandou aviso aos nossos Governadores. De volta caminhava já o inimigo, ao rebate que no Arrayal deo o correyo, sahio Andre Vidal de Negreyros com a Infantaria, e porque a de D. Antonio Felippe Camarão estava posta em arma, por ficar mais visinha lhe ordenou, que com ella se adiantasse a entretello. Não se perdeo tempo na marcha, e foy tão acelerada quanto experimentou o Olandes, que primeiro vão sobre si as espadas dos soldados do Camarão, que pudesse suspeitar o encontro. Com a detença crescia o estrago, com o estrago o horror do inimigo, e concebeo tal receyo, que buscando a salvação na fuga, foy largando as armas, e o roubo, por aligeirar o passo. Quem mais que todos se imaginou perdido, foy o seu General Sigismundo; prometeo grandes premios a quem puzesse a sua pessoa em salvo, por que não podia acompanhar a ligeireza com que os seos corrião a meter se na sua Fortalesa da Barreta, ate que ajudado dos seos se vio dentro da sua fortificação livre do perigo, e não do medo. Sobido a hum alto vio como Andre Vidal de Negreyros com acelerada marcha caminhava em seo alcance, e disse para os seos. De boa escapamos. Ensinado da Experiencia asentou comsigo, que aonde as nossas armas estavão vigilantes não poderia conseguir sucesso que lhe não fosse contrario, que so onde ouvesse descuido nos poderia fazer guerra com melhor sorte.

## CAPITULO 8º

### RETIRASE O MESTRE DE CAMPO MARTIM SOARES MORENO, COM A GENTE DA BAHIA E CONTINUÃO OS PERNAMBUCANOS A RESTAURAÇÃO DA SUA PATRIA

52. Para que os nossos não lograssem com alegria o fruito de tão repetidos triunfos chegarão ao nosso Arrayal dous Padres da companhia, Manoel da Costa e João Fernandes, enviados da Bahia pelo Governador Geral do Estado Antonio Telles da Sylva (escolhidos para esta empresa por mais promptos ou por mais activos) com apertadas ordens de Sua Magestade, pelas quaes ordenava aos Mestres de campo Andre Vidal de Negreyros, e Martim Soares Moreno, /este natural de Lisboa e aquelle de Pernambuco, que depois da aclamação vierão da Bahia ajudar aos nossos nesta guerra/ que sem dilação se partissem com os terços do seu Regimento para a Bahia e largassem Pernambuco, e a sua campanha aos Olandezes ; por que não convinha a sua reputação, que o mundo sospeitasse que se violava pela sua parte a paz, e amisade assentada entre sua coroa, e aquelles Estados. Lidas as ordens não ouve coração q̃ o pasmo não deixasse indiferente entre a obediencia, e a isenção. Replicarão, propondo, e declarando ao Principe o Estado da guerra, a tirania dos hereges olandezes, com que oprimião os moradores o perigo a que ficarião expostas milhares de almas sugeitas a hum Imperio tirano e infiel. Remeterão ao Governador Geral a sua replica para que a apadrinhasse ; porem elle, ou persuadido de superior impulso, ou obrigado de obediente respeito, respondeo que se executassem as ordens de Sua Magestade. Obedeceo Martim Soares Moreno, despediose do cargo, e com alguns soldados da Bahia se retirou para esta cidade, e em poucos dias fez viagem para Lisboa. Andre Vidal, lhe tirou a mascara do pretexto, e com palavras claras lhe deu em rosto com o particular das suas conveniencias, ratificou deante de todos a resolução de continuar a restauração da sua Patria, dizendo que a todo o tempo defenderia seu zelo de toda notta e cençura. Com aplaudidos vivas lhe gratificarão seos Patricios a fineza, que por elles obrava. Não foy sentida a despedida do Moreno, e dos que o acompanharão, porque não fasia grande falta a sua pessoa.

53. Livres estas capitanias do mortal golpe a que as condenava o Real decreto poderão os Pernambucanos continuar na restauração da sua Patria, mas nem então, nem ainda agora se livrarão, nem livrão de lhes disputarem o asserto, ou erro desta acção, havendo alguns que nos

diminuem a gloria da restauração, com a notta de desobediencia. Este he o unico ponto em que achou a emulação que condenar nos nossos mayores, sem se lembrar que aquelle decreto foy escrito pelos apertos da necessidade, pesandose menos os inconvenientes futuros, que as rezoens de Estado presentes. Em grande cuidado poz o Decreto a Andre Vidal de Negreyros, e aos capitaẽs e mais soldados Pernambucanos, que militavão no seo Regimento, se obedeciam, era infalivel o dãno, se repugnavão podião temer ofender a quem devião servir com a vida e com a obediencia. Mas vendo que atalhado o escandalo, que supunha a real ordem, se abria a porta a outros mayores, lhes pareceo que aquelle decreto tinha notoria injustiça, e que podião os nossos, e devião representar ao Principe hũa, e muitas vezes o que os afligia, e em caso, que se pertendesse executar a ordem as cegas, não devião dar execução ao perceyto, ainda que por isso ficassem em desagrado da Magestade, e o que he mais, ainda que ouvessem de perder as vidas, pela chamada desobediencia. Esta resolução he certa, e catholica, por que neste caso procede a regra de S. Pedro: Obedire oportet Deo magis quam hominibus; Que he mais estreita a obrigação de obedecer a Deos, que aos Reys, e por esta parte louva a Sagrada Escritura as Parteyras do Egipto, porque sendolhes mandado por ElRey executar aquella crueldade tão condenada, momo era matar todos os Infantes varoẽs do povo Hebreo logo em nascendo ellas temerão a Deos, e não fiserão caso do que ElRey mandava: Et timuerunt obstetrices Deum, et non fecerunt juxta præceptum Regis Egypti (Exod. 1. 17). E tambem se celebrão as piedades de Tobias, que se encontravão com os intentos delRey: Sed Tobias plus timens Deum, quam Regem, rapiebat corpora occisorum (Tob. c. 2. 9): E pelo contrario he condenado Doeg Idumeo de temerario, e injusto, por que havendo mandado Saul a seos criados e Ministros que matassem os sacerdotes do Senhor, que havião hospedado a David, e não se atrevendo algum a levantar a mão contra elles, elle sem embargo executou a ordem, e degolou oitenta e sinco sacerdotes, revestidos para celebrar (1 Reg. 22. 18). Procederão pois muito bem os Pernambucanos, suspendendo a execução que por tantos capitulos era perniciosa, e seria ruina do Temporal, e Espiritual destas capitanias. Porque quem haverá que dúvide, que não levando os Pernambucanos adiante a restauração de Pernambuco, cada dia engrosarião os Olandezes mais o seu poder, e se diminuirião as nossas forças, e ficarião para sempre senhores, não só de Pernambuco, que já dominavão, se não de todo Brazil, que certamente terião conquistado. De que se seguia reynar a heresia em todo este Estado, e perder Portugal a pedra mais preciosa da coroa do seu Imperio.

54. He muito deste ponto o capitulo:—Nos si incompetenter, e

suas *glosas, singularmente o versic. Cum Balaam. De outra sorte* como infere bem o Angelico Doutor S. Thomaz se excusarião os Algoses, que executavão nos Martyres as sentenças dos Tiranos, contra o que lemos em Daniel, que diz, que matou o fogo aos que lançarão aos tres mancebos na fornalha; cujos castigos forão infinitas vezes repetidos contra verdugos, e executores de semelhantes ordens, e sentenças, como sabem os Doutos S. Gregorio Nazianzeno, e infinitos Doutores seguem abertamente esta opinião, e aprovão esta doutrina contra a qual não se pode ir com nenhum pretexto. nem se deve gastar tempo em disputalla, nem responder a homens demasiadamente temporaes, que replicão ser duro lance a hum Governador, ou Ministro perder tudo, e que dos bons letrados, he procurar outros meyos, chamando meyos aos extremos da desigualdade; porque querem que tudo seja licito ao supremo poder dos Reys, para executar qualquer injustiça, a que vejam determinada sua vontade. Dura cousa será (não se pode negar) perder, ou exporse a perder tudo, por não executar huã ordem injusta, e muito amarga ley para a carne, aventurar a vida, por não desamparar a verdade, e rasão, porem como disse Seneca: Invicta opera virtutis, non ideo magis appetenda sunt, quia benignius â fortuna tractantur. As obras heroicas de virtude não devem levar menos os olhos porque as trate o mundo com mayor aspereza.

55. Este caso rarissimas vezes socederá, ou nunca com inteyro conhecimento da injustiça, o que de ordinario socede he que se despedem as ordens muitas vezes com hum suposto, que ou não existe, ou tem circunstancias, que em diversas partes aparessem com diferentes semblantes. Neste caso sempre se deve replicar informando a verdade, o que feito bastará certamente, para que ElRey não queira tal execução. E quando soceda que prevaleça o engano, ou erro que o Ministro conhece, de nenhum modo deve executar a ordem, porque não se acaba tudo com o corpo, esperamos depois da morte outra vida, pois nenhum acontecimento se deve cumprir com o que tem manifesta injustiça, e sobre isto não ha que replicar.

56. Toda esta doutrina he de S. Bernardo na Epistola setima, e de S. Gregorio Nazianz. na oração duodecima, cujas palavras ainda mais expressas são as seguintes, donde abertamente (diz o Santo) se descobre maldade, havemos de fazer rosto aos Principes, ao fogo, ao ferro, e aos tempos, e pelejar com todos por não consentir com o mal desejado, e participar nas maldades; e não devemos temer couza algũa *mais que a Deos, porem quando nosso animo he tocado de* sospeitas, e temores somente, sem estrivar em argumentos certos, então mais havemos mister brandura, que ligeiresa, e devemos condescender agradavelmente, e não repugnar com arrogancia, e contumacia.

Sem notta desta, faltarão os nossos ao perceyto, por que bem conhecião que se a grandesa, e piedade do real coração delRey tivera verdadeira noticia /e se não vira nos apertos da necessidade em que se via/ do que obravão os Olandezes em offença da Fé, e da honrra dos Pernambucanos, não quisera suspendesse a guerra, que fazião, para se eximirem do mortal odio com que antes da sublevação os determinava consumir a crueldade, e ambição heretica, nem era possivel, que desarmando nos, quisesse entregarnos a mesma espada de novo irritada, e offendida. E quando quizesse apurar a obediencia, não podia esperar mais que repugnancias de huns Portugueses, que se consideravão por naturaes vassalos de Portugal, e por desgraça subditos de Olanda. Não podia esta com todas as suas forças castigar a rebelião, e procurava que o nosso Principe, que o não era para o Governo, fosse quem nos tirasse da mão a Espada, para que desarmados podesse empregar em nos os golpes da sua vingança: mas como as acçoẽs humanas tomam o ser do fim, este deu a melhor solução as duvidas.

## CAPITULO 9º

### CONTINUAM OS PERNAMBUCANOS A RESTAURAÇÃO DA SUA PATRIA

57. Com dobrado animo emprenderão os nossos difficuldades que a mayor segurança parecião impossiveis. Animarão se dose soldados com desusado valor a empresa de ganhar um barco dos Olandezes, lançandose a nado com as espadas na boca; nadando os braços mais do que os remos do barco, chegarão a elle, e depois de mortos seis olandezes, o renderão trasendo outros tantos prisioneyros, e a mulher do Governador da Fortaleza da Barreta, quis elle acodir-lhe com o socorro, mas reconhecendo huã emboscada, antes de entrar no perigo della se tornou a retirar, e os nossos chegando a terra, livres do menor dãno receberão o merecido aplauso de acção tão insigne, unico premio, que lograrão as acçoẽs illustres desta guerra.

58. Como desesperado contava o General Sigismundo, pelo fio dos sucessos a continuação dos seos infortunios, e das nossas victorias, accumulado no Reciffe, aspirou a tentar sua fortuna pelo mar. Com esta resolução ordenou a seu sargento mor, que se chamava Andrezon, que com huã Esquadra de náos de guerra, e muyta, e boa Infantaria, fosse sobre a povoação do Rio de Sao Francisco, e nella, e todo seu destrito assolasse tudo que visse com vida, e com prestimo, recolhendo todos os mantimentos do roubo, e todos os gados da campanha. Sahio

Andrezon do Reciffe, tomou a barra, que emproava; nos primeiros dias de Outubro. Ao rebate que deu sua vista, se retirarão os moradores com tudo o que poderão levar para a outra parte do Rio, onde estava o Mestre de Campo Francisco Rabello com o seu terço; sahio ao encontro do inimigo, chocou, e venceo a Andrezon, que voltou bem castigado da sua ouzadia, e soberba com que enprendeo esta facção. Não sofria Sigismundo ver se despresado, quando entendeo seria temido. Excogitava modos com que fisesse sua desgraça menos publica, e sempre se via mais abatido, de modo que já se não atrevia a cometer alguã empreza. Ja com a falta de occasioẽs se embotava o fio da nossa Espada, e o ocio dos soldados relaxava o rigor da disciplina militar. Os nossos Governadores que não sofrião que aos Olandeses se desse tempo para convalecer das feridas, asentarão buscar occasião, e parte em que o cortasse o nosso ferro. Com mil Infantes marchou Andrè Vidal de Negreyros, para a campanha da Parayba em os primeiros de Novembro. A razão das nossas armas buscarem nesta parte o seu emprego, era pela grande copia de gados, que o inimigo apacentava naquelle distrito, desemparado dos moradores, e defendido a sombra das Fortalezas. Foy sentido, e se retirarão todos para as suas fortificaçoẽs, e por esta vez se contentou com faser o daño possivel em toda capitania, e se retirou para o Arrayal com alguns cativos. Nada satisfeito Andre Vidal desta empresa, por que lhe faltarão inimigos que vencer, determinou cometer a força, que o Olandez tinha na Barreta, sahio em dous de Janeyro de 1648 do nosso Arrayal com mil Infantes duas peças de Artelharia, e petrechos necessarios para cavalgar. A primeyra luz da menhãa se começou a bataria da nossa parte, sem que a artelharia do inimigo fisesse tiro que não posesse os nossos em cuidado por não haver lugar seguro senão dentro das cavas, que havião aberto. O Governador dos Indios com a sua gente trabalhava por levar a cava a dezembocar na porta da Fortaleza, deu com tanta agoa, que cobria os joelhos dos soldados impossibilitando-os para não poderem carregar os mosquetes sem que huns sustentassem as armas dos outros, causa do remisso, com que se combatia a Fortalesa. O General Olandez assim como no Reciffe teve rebate do perigo em que estavão os seos, despedio socorro, imaginando se poderia introdusir na Fortaleza pela Ilheta chamada então do Cheira dinheiro, e hoje de Fernão Fragoso, aonde achou a oposição que Andre Vidal lhe tinha prevenido, não so para a resistencia, senão para a investida que lhe fiserão os nossos com tanto vigor que fiserão voltar e fugir ao Olandez que com dobrado poder intentou em muitas lanchas e barcaças que por mar metessem o socorro na Fortaleza, não lhes socedeo como imaginavão, porque a nossa artelharia os fez

apartar da Fortaleza, a cuja vista estiverão ate que a maré descobrio os arreciffes aonde desembarcarão a gente, com ordem que hum e hum os tomassem de corrida. Esta industria atalhou a valerosa ousadia dos nossos, que sem faserem caso dos pelouros, que sobre elles chovião as peças e mosquetes do inimigo, assim como corrião os matavão com horrivel estrago, e tanto que fasendo se em hum corpo buscarão o reverso da Fortaleza, que a respeito nosso lhe servia de muro. O Governador Andre Vidal de Negreyros (que teve aviso do que passava) a força de braço abrio por entre os mangues, que estavão por aquella parte, larga estrada, ainda que molesta, pelo grande lamaçal, que tinha, e com os soldados entrou por ella com intento de acabar com as ultimas reliquias do socorro Olandez; porem receoso do designio, vendo o trabalho, teve tempo para sobir os seos a Fortalesa, levados por cordas, Pelas duas horas da tarde, sahirão duas náos costeando os Arreciffes e varejando as nossas Estancias, com húa balla despedida dos nossos se hia a pique húa, e com outra ficou sem masto, e vela grande outra. Sahirão oito náos grandes com intento de introdusirem novo socorro, entrou a noite, e tendo os nossos feito hum grande estrago nos inimigos se retirarão para o Arrayal.

59. No lugar da Boa vista levantarão os nossos, sem serem sentidos dos inimigos, húa Fortaleza, capaz de sustentar muita artelharia e boa guarnição. Em húa madrugada roçando o mato, que havia ocultado a obra se derão a conhecer de perto aos Olandeses, com tanta confusão dos moradores da cidade Mauricea, e Reciffe, que sem tino corrião pelas ruas desacordados do temor, que conceberão com a nossa vesinhança. Crescco este quando na noite seguinte se vio o Palacio do Conde de Nassau, que fica no principio da povoação acometido, e despojado dos nossos, com morte, e fugida dos soldados de duas companhias que o guardavão.

60. Neste tempo entrou pela barra do Reciffe húa armada olandeza, formidavel a toda a consideração, pela opinião, e pelo numero da gente; mas fiando os Olandeses menos das suas forças, e mais dos seos ardis, escogitarão enganos, arteficios e aparencias com que vencer aos Pernambucanos. Sahirão com hum proveitoso em outro tempo, porem no presente despresado com a experiencia de cavilloso. Formarão um amplissimo perdão que em varias copias mandarão espalhar por diversas partes, pelo qual prometião esquecimentos de culpas, e lembrança de premios, para todos aquelles, que redusidos, fossem ao Reciffe em termo de des dias tomar passa-portes de aliados, e juramento de fieis. Entendião que o temor da sua potencia faria obrar o ardil com efficacia. Passou o tempo, e com pasmo virão não ser de effeito algum a sua deligencia. Com arrogante soberba, e confiada

vaidade entenderão que fora desconfiança e não despreso, não acodirem os Pernambucanos a receber o favor com que a sua potencia os convidava. Julgarão que a promessa geral que não fallava em pessoas determinadas produsiria nos principaes cabeças da sublevação receyo, e que estes passarião a todo corpo da Republica. Mudarão lhe a forma, e dentro em cartas que mandarão a particulares superiores, remeterão o perdão, e em termo certo pedirão as respostas. O theor do perdão, e cartas tradusidas de Olandes em Portugues he o seguinte.

61. A carta que escreverão aos Governadores da liberdade dizia. Por ordem particular que tivemos, mandada a nos, pelos poderosos Estados Geraes, S. Alteza o Principe de Orange, e a Geral outorgada Companhia Occidental, a nos remetida com o poder ja chegado, e outro que estamos esperando, para proceder contra os que se eximirão do nosso dominio, conforme a dita ordem (ja outra vez a todos intimada) em que mandão os ditos Senhores que a qualquer pessoa, de qualquer nação, estado, ou condição que seja, outorguemos em seu nome Perdão Geral de rebelião, desobediencia, conspiração, e qualquer outro delito, ainda que se huã, e muitas vezes cometido. Em comprimento do que, o temos assim consedido, e publicado, e o noticiamos a vossas Senhorias com infalivel certeza, de que tudo da nossa parte sera comprido exactamente, e sobre esta declaração esperamos seis dias pelas respostas de Vossas Senhorias, feita em o nosso Concelho do Reciffe em dous de Abril de 1648.

João Bolestrater

Henrique Homel, Pedro Bekes, Pelo Secretario João Balbekes.

62. Inclusa nesta carta vinha hũa copia do edital, que era como se segue: O Presidente, e mais concelheyros que representão o supremo governo nas terras conquistadas, e por conquistar n'este Estado do Brazil. Em nome, e da parte dos Illustrissimos, altos, e poderosos Senhores os Estados Geraes das Provincias Unidas o Senhor Principe de Orange, e Geral outorgada Companhia das Indias occidentaes; a todos os que estiverem presentes, ou ouvirem ler, saude. Fasemos saber, que por quanto a nosso cargo esta a restauração do miseravel estado desta terra, causado pelo levantamento dos moradores de Pernambuco assim Portugueses, como outros que com elles se unirão, todos os quaes contra o Juramento da fidelidade, se apartarão da nossa obediencia, e ate agora vivem protervos na rebelião, causa porque tem encorrido em perdimento de fazendas, e vidas, e em mayores penas pelos enormes crimes, e excessos, que tem cometido contra a nossa nação, durante o tempo deste alevantamento: e não obstante o sobredito, a clemencia dos Senhores Estados Geraes, Sua Alteza o Senhor Principe de Orange, inclinados a humanidade, e Nos ao bem, e conservação dos moradores destas

capitanias, em observancia das ordens recebidas (antes de sahir a campanha a potencia das nossas armas, e por evitar as extorções, que comsigo tras a guerra em daño das gentes, e das terras) de novo offerecemos geral perdão de todos os crimes, e excessos cometidos, de qualquer genero, e callidade que sejão a todos aquelles que dentro em dez dias desistirem da rebelião, sobmetendose ao nosso dominio com protesto e juramento de fidelidade, acodindo no dito termo a pedir passa-portes, e aceytação de fieis vassallos, com os quaes se farão capases de os tomaremos debaixo da nossa procteção, e amparo, para os conservaremos em suas fasendas, Estados e honrras, e para os defendermos em paz, e justiça de todos aquelles que o quizerem opprimir, vexar, ou qualquer outro agravo fazer; na forma em que o fasemos a todos os vassallos dos Estados: para o que se apresentarão deante nos, ou nossos Governadores /pelas freguezias de seos destritos/ todas as pessoas de desaseis ate sessenta annos. E a todos os que assim o não fiserem dentro do dito tempo, havemos por excluidos desta clemencia, e graça offerecida por nos, e em nome dos muy altos, e Poderosos Senhores Estados Geraes, Sua Alteza, e Companhia Occidental. Mas declaramos, que findos os ditos dez dias usaremos do poder, que por mar, e terra temos, o qual para este fim agora nos he mandado, e ainda para o diante esperamos, que venha alem dos soldados, e auxiliares, que de antes tinhamos, para castigar, destruir, a assolar a todos os rebeldes, sem distinção de pessoa, sexo, nem idade, mandando ajuntar os Tapuyas nossos confederados com geral licença, para que possão proseguir na extincção de vidas, e fasendas sem detença, termo, nem dessimulação alguã. Protestando da nossa parte, diante de Deos, e do mundo, seremos innocentes em todas as miserias, calamidades, mortes, deshonrras, injurias, furtos, e exorbitancias, que resultarem de se não aceitar o perdão offerecido, por nossa clemencia, e piedade. Dada em nosso Conselho, no Reciffe de Pernambuco a dous de Abril de mil e seiscentos, e quarenta e oito.

Presidente Vangoch

63. Com desenfado, e despreso responderão os nossos Governadores as cartas, mostrando que nenhum abalo fasia em seos peitos o poder com que os ameaçavão, nem em seos coraçoẽs o perdão que lhes offerecião, pois estavão determinados a não ceder do empenho, em que os pozera a Esperança da restauração da Patria, e da total expulsão delles Olandezes. Asentarão estes que a semelhante confiança não podião faltar fundamentos solidos. Muitos dias os teve suspenços e indecisos a nossa resolução até que se resolverão em sahir a campo. Achava se Sigismundo General de hum Exercito numeroso e lusido, cabos peritos, experimentados e valerosos, officiaes praticos, e destemidos; soldados de varias naçoẽs, porem exercitados, em hũa mesma

disciplina; destes erão muytos os que tinhão /pelos annos, e pelo uso/ inteyro conhecimento da terra, ensinados nas occasioẽs do proceder dos nossos, e do seu estillo, e modo de guerrear. Sabia com individuação, quaes, e quantos erão os nossos cabos, officiaes, e soldados, e as nossas armas, e munições. Sahio pois do Reciffe pela hũa hora depois da mea noyte em hũa seista feira 17 de Abril de 1648 com sete mil e quatro centos combatentes, alistados em tres terços, dos quaes erão coroneis Vanelles Kevert, Guilherme Autim Vandebrand, Oletz e Brinc. As companhias, de que se formavão erão sessenta e hũa, e de retem deixava o Coronel Henrique Hus, (ja livre do nosso poder) com mil Infantes, e ordem que em tempo certo se fosse encorporar com o exercito nos montes Gurarapes, como depois fez. Soldados Auxiliares entre negros e Tapuyas mil e quatro centos, e sete centos gastadores, e para que Henrique Hus não perdesse tempo lhe deixou ordem secreta, que com o seu terço fosse saquear, e passar a Espada toda gente da Varzea, destituida de todo socorro pela opposição que imaginava lhe havia de fazer toda nossa gente no primeiro dia da sua marcha. Foy errado o conceito, e inutil a ordem. Os Escravos que carregavão a bagagem, e a ociosa multidão de gente que com a certesa da victoria, e esperança dos despojos levava a cobiça, e a curiosidade, fazia vulto de outro Exercito, e tudo junto hum corpo de doze para treze mil homens. Levava seis peças de artelharia, com muniçoẽs, armas, e mantimentos de sobre-selente, e muyta quantidade de algemas, grilhoẽs, cadeas, e cordas para prender, e manietar os cativos (demonstração segura de vencer a batalha, com o que se não enganava a si enganava aos seos) com belicosa obstentação de caixas, clarins, salvas, e vozes se formou, e pos em marcha para a sua Fortaleza dos Afogados, meya legoa para o certão sobre o Poente, onde fez alto. Levava a vanguarda o Coronel Venelles com o seu terço. Foy recebido da Fortaleza com tantas salvas, e vivas, que parecia adiantarse o triunfo a batalha.

64. Chegou a vanguarda do Exercito inimigo a picar a Estancia da Barreta, e o capitão della Bertholameo Soares Canha, enganado da imaginação, que lhe pintou ser cometimento de duzentos soldados Olandeses, que de ordinario o inquietavão, com desejo de os castigar os sahio a receber fora da Fortificação com quarenta, e seis soldados, deixando ordem a dous Alferes seos, que com o restante da gente se não movessem do posto q̃ defendião sem expressa ordem sua, e confiado nas sentinellas, que deixara ao largo, de que o inimigo lhe não poderia cortar a retirada, se empenhou com tanta demazia, que o arrependimento o não pode livrar do perigo; nem pelas razoens do sangue posso deichar de lhe condenar o excesso, de se expor (levado de hũa

suspeita, que podia ser enganosa) a perigo de perder a si, e aos seos. Quando chegou a descobrir poder contrario, foy a tempo, que ouvio os tiros, dos que lhe cortavão a retirada, e combatião o alojamento, e pelejavão com os soldados que o defendião. O mesmo que para os nossos era o signal da batalha, foy para o General Sigismundo aviso do conflito de que advertido carregou os quarenta e seis soldados com aquelle impetú, a que o incitava a multidão e o dezejo. O Capitão Bertholameo Soares Canha falto de tempo e de palavras para a exortação, animou os seos com o exemplo, e com a espada na mão se meteo pelo Esquadrão inimigo com tal valentia, e destreza, que se deu a conhecer a si pelo estrago, e aos seos pela imitação. Não ouve entre elles quem não vendesse húa vida por muitas, de sorte que primeyro o Olandez os vio mortos, que rendidos; alguns que dentro de hum alagadiço escaparão com a vida, foy com tanta disformidade pelas muitas feridas, que como a corpos desanimados os olhava a colera. O valeroso Capitão Bertholameo Soares Canha cercado de inimigos os fazia afastar, ou cahir com os golpes da sua Espada, até que os rompeo com espanto dos Olandezes. Estimouse o valor, e se lhe deu quartel contra o parecer de muitos, que com baixos Espiritos desprezavão a honrra por seguirem a vingança. Os que forão envestidos na Estancia, sustentarão o combate, com admiravel constancia, ate que vencidos do excesso buscarão nos matos o reparo, que lhes faltava no alojamento deixando na pendencia alguns dos seos mortos e cativos.

65. Celebrou o Olandez este sucesso por fausto principio da sua empresa. Quarenta e sete mortos servirão a victoria, e sete prisioneyros ao triunfo, estes mandou enforcar a vingança; pequena recompensa do grande estrago, que no inimigo fez a nossa Espada. O valeroso capitão Bertholameo Soares, na noite de sabado rompeo as prizões e com a espada abrio caminho para se por em salvo, ajudado de hum seu escravo que no choque da Barreta havia recebido sinco feridas. A soltura do prezo e valor com que rompeo as guardas, deu motivo para que as sintinellas tocassem rebate, e pusessem todo seu Exercito em arma com sobresalto de se imaginar investido da nossa gente. Chegou ao nosso campo, referio o poder do olandez, e o pençamento com que seguia, com tudo mais, que ate aquella hora tinha socedido. Com a certeza de que o inimigo nos tinha degolado o presidio daquella Estancia, não ouve soldado, a quem a nova não alvoraçasse, com desejos de vingança. Sem fazerem caso da limitada porção que se dava, tomarão as armas, e formados marcharão com todo poder (constava de dous mil e quinhentos homens, Portuguezes, Indios, e pretos) para guarnição dos presidios deixarão na Fortaleza do Arrayal a Manoel Ribeyro com a gente precisamente necessaria. Levando a vanguarda o Governador

Andre Vidal de Negreyros marcharão a passo largo, e forão acampar nos montes Guararapes em forma prolongada. A pouco espaço de tempo, tocarão arma as nossas sentinellas, avisando da marcha do Olandez, e juntamente sessenta mosqueteiros, que forão mandados a descobrir campo, derão a primeira carga na vanguarda do inimigo, e se retirarão com tanto acordo, que o inimigo presumio erão reliquias do choque passado, com o que irado os mandou avançar, porem elles sem perderem o compasso da retirada, nem o emprego dos tiros, de rosto a rosto lhe forão reprimindo o orgulho, e trazendo-os a hum boqueirão formado nos montes por onde os nossos havião entrado, no qual recolhidos deixou o olandez de os seguir.

66. Já nesta hora occupava a nossa Infantaria toda ladeyra do monte em forma de pelcja, coroavão-se as eminencias dos montes de Olandeses, occupada a campina pela frente do mais lusido da sua Infantaria, as seis peças de artelharia compunhão temoroso solio ao Estandarte General, os officiaes montados, e vestidos ao lustroso, e valentes vagavão por entre os Esquadroens, tão certos na victoria, que entre os despojos da batalha se acharão alfayas, moveis, e serviços de casas mudadas. A nossa gente tinha o numero na substancia, e não na aparencia, sem poder sustentar mais tempo os nossos o ardente desejo de pelejar com o inimigo o cometerão por todos os lados, com aquelles instrumentos, e vozes, que inventou o furor para influir na obediencia, e na ira. Moverão-se huns e outros Esquadroẽs. Esquecidos do perigo rompião os nossos por nuvens de ballas, e fumo, sem que algum levasse a arma ao rosto. Quando ouvirão o sinal esperado, que se deu a tempo, não deixou a proporção da distancia perder tiro, derão conformes húa carga, com tal effeito, que a turbação, e desordem dos Esquadroẽs contrarios mostrou que podera mais a perda que a ordem. Dada a primeira carga, investirão a Espada com tanta valentia e esforço, e vigor, que em breve tempo romperão os Esquadroẽs inimigos, fasendo cada hum dos nossos caminho tão largo, quanto o media a extenção da Espada. Meya hora sustentou, o inimigo a resistencia em duvidosa batalha, virão na oposição a morte certa, e forão largando o campo, e desembaraçando os montes com retirada mal socedida, por que a disposição das ladeyras, os sobmetia debaixo das espadas, que nelles descarregavão com tão alentado pulso, que se não via distinção entre ferir e matar. Ja neste tempo o cortar não era vencer senão destruir.

67. Não andavão as armas menos quentes na campina, sustentava o inimigo o posto com obstinação, e não com a esperança, por que se fasião rosto ao perigo era constrangidos das reprehençoẽs, e ameaços dos seus cabos, que os obrigavão com a injuria, e com o exemplo.

Não poderão os Olandeses sustentar por mais tempo o peso de nossas armas, rotos e desbaratados se puserão em desordenada fugida, deixando nos no campo a artelharia, a bagagem, e seu Estandarte General, que das maõs do seu Alferes tirou um sargento nosso. O praser com que os nossos apelidarão a victoria foy a causa de que o inimigo se cobrasse no uso da sua artelharia, e o ouvera de ser de nossa perdição. Escondido aos olhos, e as noticias da nossa gente tinha o Olandes em hum valle catorze companhias de reserva, com estas se forão encorporando todos os inimigos, que o conflito deixou com vida; seguia-os o nosso alcance, sahio o inimigo a rebater o nosso impetu, e foy carregado de pesados golpes o terço de Henrique Dias, que lhe fasia rosto com militar retirada. O General Sigismundo novamente formado, e com nova furia nos avançou pelo raso, vio se brevimente quebrada a sua valentia pelo esforço, com que os nossos o receberão, e foy tal a opposição, que presumio Sigismundo que ou a nossa gente libera novos alentos no trabalho de todo aquelle dia, ou se havia poupado so para aquella hora. Os olandezes resolutos a morrer ou vencer, desestimavão a vida, nas pontas da nossa espada os metia a sua colera, cahião os primeiros, e logo os segundos sustituião o lugar. Porfiava o conflito, despresando se o espanto que causava a todos o confuso estrondo dos instrumentos marciaes, o retumbar das peças, o fusilar dos tiros, o retinir dos golpes os gritos dos cabos, o gemer dos feridos, e agonisantes, causava hũa pavorosa dissonancia. Era tamanha a confusão, que pelos golpes, e pelos pulsos se conhecião os braços, e não pelas pessoas. A nenhum deixava a vesinhança escolha e cada qual se valia da arma, que lhe permetia usar a distancia, e talvez se vinhão a braços aproveitando se a colera de unhas e dentes. Fez o inimigo pé atras, tocando a retirar, formou novamente os seos, e tocou a investir, avançou furioso aos nossos não só achou resistencia senão repulsa e castigo; os mais atrevidos erão os mais castigados. O lugar de mortos e feridos occupavão outros sãos, e folgados; os nossos em vez de affroxarem com a perfia, se irritavão com a pertinacia. Cinco horas havia, que durava a batalha, e nellas se virão os nossos por poucos alguãs veses tão apertados, que se temerão perdidos; mas sendo cada Pernambucano hum Hercules invencivel não havia forças que os podesse vencer. Com propriedade de rayos buscavão os nossos cabos a resistencia mais dura, para a romperem mais violentos. Deixou a ira abrir os olhos ao General Sigismundo, e conheceo o grande daño que tinha recebido pela falta que lhe fasião os mortos, e pela queixa com que se lastimavão os feridos, sendo muyto poucos os que sem ella, os podião ouvir, e hum delles o mesmo General, ferido no artelho do pe, com golpe, que se lhe não tirou logo a vida,

lhe deixou bem que sentir ate a morte. Augmentou se lhe a magoa com a certesa de que seos coroneis Henrique Hus, e Vanelles ficavão mortos no campo, e o ficaria tambem Kever, se hum capitão do terço de João Fernandes Vieira, o não tirara das maos dos soldados despojado ja das galas, e das insignias, e o não apresentara ao seu Mestre de campo. Com a falta destes vio tambem a de cento, e oitenta officiaes de sargento para sima, e a de trinta e tres bandeyras, com o Estendarte General, que da mão do seu Alferes arrebatarão os nossos. De sãos, e feridos formou um Esquadrão, a cujo vulto fiava a persuação do engano, que era mostrar, que ainda esperava pelejar. Com esta frente, esperou a noite e coberto do escuro, e acompanhado do silencio se pos em fugida para o Reciffe. Acaso o picarão vinte soldados pela retaguarda, e imaginando que maior poder o seguia, fugio com tal desatino. que deixou muitos feridos, e as poucas armas que levava para caminho mais ligeiro.

68. Aclamousse entre os nossos a victoria com todas as demonstrações de alegria, e de gratificação a Deos, confeçando recebella da mão do Altissimo. Deixou o inimigo no campo mil e duzentos mortos, sem entrarem nesta conta os muitos, que esconderão os matos, e retirarão para o Reciffe, onde morrerão depois innumeraveis das feridas que receberão na peleja. Não se pode dar numero aos feridos, por que rarissimos escaparão de o ser. Os despojos não parecerão de Exercito guerreiro, senão de cidade pacifica. Entre os prisioneyros foy o seu coronel Kever o principal. Custounos a victoria oitenta e quatro mortos, e os feridos de quatro centos passarão. Concedeonos o Ceo esta victoria em o Domingo da Pascoella 19 de Abril de 1648, gloriosa para todo Estado do Brazil, porque nella escreveo a Espada Pernambucana com o sangue olandez a sentença de pleito tão renhido. Utilissimo para o Reyno de Portugal, porque lhe julgou o seguro dominio deste grande o opulento Estado; é glorioso para a nossa Patria, por que nella cada hum dos seos naturaes bem mereceo o nome de heroe, de lial, de valeroso e de benemerito vassallo da corôa Portugueza. Os casos particulares fez o valor comuns; por que todos obrarão maravilhas. A todos deve a Patria gratas memorias, e a Monarchia incorruptiveis Estatuas.

69. Pelas mãos da incredulidade se derão e receberão as novas da victoria na Bahia, como sonho as avaliava quem com mais atenção as ouvia, até que com certeza as divulgou o conde de Villa Pouca. Fora o sucesso tão alheo da esperança de todos, e do conceyto do Governador do Estado, que informado da desigualdade do poder, certo que seriamos vencidos, mandara hum capitão com duzentos soldados, assegurar a passagem do Rio de São Francisco, para que podessem melhor passar os nossos para as partes da Bahia, quando escapassem das mãos

do Olandez. Foy a nossa victoria festejada na Bahia do conde General, da armada que nos havia deixado sem socorro, passando ao largo quando veyo de Portugal, dos soldados, e do povo, enchendo os ares de vivas, as ruas de festas, e os templos de lagrimas, com que gososos e cumpungidos tributavão a Deos as graças de tamanho beneficio. O mesmo effeito causou a nova em todas as povoações do Estado, por que todas intereçavão no nosso vencimento.

## CAPITULO 10

### CONCEGUEM OS PERNAMBUCANOS OUTRAS VICTORIAS

70. Com lagrimas, prantos e luctos, foy o General Sigismundo recebido no Reciffe, porque não havia pessoa, a quem não alcançasse a magoa. Vio a todos tão queixosos, e cahidos de animo, que temeo os perniciosos effeitos do temor, e da desconfiança, excogitoua o reparo, e conferido seu pençamento com seos cabos, assentarão que sem interpor dilação se empenhassem a tomar Olinda por entrepresa, pois estava sem presidio para a resistencia, nem promptidão para o socorro. Escolheo o General para esta facção soldados de valor, e officiaes de reputação; na tarde do mesmo dia sahirão do Reciffe, marcharão pela praya, entrarão pela cidade sem achar pessoa, que os encontrasse, por que alguns soldados que nella ficarão se tinhão recolhido no reduto de João de Albuquerque. Com grandes demonstrações do gosto, festejou Sigismundo o suceço, encarecendo os interesses, e conveniencias de ficarem senhores da povoação, mas não lhe durou o festejo mais tempo, que o que tardarão os nossos em vir sobre elles, e o fiserão com impetu tão acelerado, e violento, que sentindo o Olandez sobre si a nossa Espada largou a Cidade, e com precipitada fugida se recolheo outra vez no Reciffe. Cento e sessenta olandezes deixou estirados no campo o nosso ferro, e a este respeito se podem contar os feridos. Custou-nos a restauração de Olinda sette feridos. Deixou-nos o inimigo quase todas as armas, de muniçoẽs, moveis, e mantimentos não levou couza algũa. Guarneceusse Olinda, e ficou tão abatido o orgulho Olandez como o deixou a renovação da primeira chaga com esta segunda ferida.

71. Havia chegado de Olanda hum coronel, homem de grande opinião entre os seos; foy recebido mais com desmayo, que alvoroço; os lutos manifestavão a tristesa, os prantos a desgraça, informousse da cauza, gastou poucas palavras de comprimento, e com as da altiveza disse ao General, que não haveria juiso, que se pudesse persuadir, que quatro paisanos, bisonhos, despidos, e famintos havião

contrastar o poder da Olanda, que fasia tremer a toda Europa; e que para as naçoẽs do mundo seria ouvido em todo tempo com ĩrrisão, e despreso, a pompa, e gastos com que Olanda viera sepultar sua opinião nos mattos de Pernambuco. Ouvio Sigismundo o arrogante coronel, e lhe respondeo que o despreso, com que tratava aos Pernambucanos, elles responderião por si mesmos, que de seos soldados era hum Henrique Dias, Governador de hum terço de pretos despidos e descalços, que sahisse a chocar com elles, e depois os estimasse pelo que merecessem, e do que lhe sucedesse inferisse pelos pretos, que homens erão os brancos, para o que lhe concedia a escolha, e o numero dos soldados que quizesse levar, mas que se guardasse não viesse com as mãos amarradas levandoas soltas.

72. Com presunçoẽs soberbas aceytou o coronel o offerecimento, escolheo os soldados de que tinha mais satisfação, gastou alguns dias em os exercitar nas armas, e aprestado de tudo o que lhe pareceo necessario, sahio do Reciffe com dous mil Infantes em vinte e hum de Mayo dia da Ascenção do Senhor, marchou para a Estancia de Henrique Dias; a poucos passos deu com as suas sentinellas, e as seguio ate se recolherem dentro das trincheiras; foy recebido de hũa, e muitas cargas de pontaria tão certa, que vio cahidos muitos dos seos. Já o coronel estava menos ardente, e lhe entravão os frios quando vio que Henrique Dias sahia das trincheiras a dar lhe as boas vindas na campanha. Cerrarão os pretos com tanta gentileza, que ao primeyro encontro se considerou o Olandez perdido, carregado com pesados golpes largarão o campo, e virarão as costas, sem que a pressa lhe desse lugar a retirar os mortos. Fugio vergonhosamente para a sua Fortaleza da Barreta aonde vencido, e obstinado escondia o medo proprio, condenando a fraqueza, e pouca disciplina dos seos.

73. Confiado segunda vez na multidão dos seos, impaciente de que tão poucos vencessem a muitos, deu nova forma a sua gente, e tocou a investir, foi desta vez recebido como da primeira, horrivel foi o combate pelo estrago, e pela tenacidade. O general Sigismundo que estava na cama, e com o sentido no conflito, inferio o sucesso pela duração, despachou ordem ao coronel, que logo se retirasse, o que elle logo fez, passado de hũa balla pela garganta o carregarão os seos, bem merecido castigo da sua soberba, e vaidade. A sua perda foi concideravel, a que ouve da nossa parte forão sette mortos, e vinte e sinco feridos.

74. Duro freyo foi em todo tempo para o olandez a Estancia de Henrique Dias. Era a mais vesinha do Reciffe, em tal sitio, e em tal forma, que não sahia olandez por aquella parte, que não cahisse nas maõs dos seos soldados. Metidos estes valerosos pretos pelos lodaçaes

ate a cinta se emboscavão entre os mangues (arvores que tendo as raizes na agoa salgada, conservão todo anno hũa aprasivel verdura) tão perto das suas fortificaçoẽs, que não movia o inimigo hum pé, que logo o não sentissem. Nelles tinhão socorro, e seguro todos os que se querião passar da nossa parte; e morte, ou captiveiro os que sahião a faser qualquer serviço. Insofrido de jugo tão pesado, e daño tão certo, fez o General Sigismundo todo possivel pelo atalhar, sem nunca o poder conseguir. Por muitas vezes os assaltou com groço poder, e na resistencia encontrava sempre o estrago dos seos. Em desoito de Agosto veyo sobre esta Estancia com dous mil e tantos soldados escolhidos, sahirão os pretos a recebello em campo aberto, com desenfado e galhardia, retirousse deixando cincoenta mortos na campanha, e levando muytos mais feridos. A continuação do castigo, os fez desistir do empenho, mas não deixar a memoria dos Pretos, que não sabião dar quartel a hereges, por que só com lhes tirar a vida se satisfazião. No principio da guerra a todos que matavão, cortavão as cabeças, e com ellas nas pontas das lanças andavão pelas portas dos moradores, das quaes se não apartavão sem algum estypendio. Custou muito aos superiores apartallos desta ferocidade, e reduzillos em algũa parte aos perceytos da milicia, porque emperrados nem davão, nem queriam quartel dos olandezes.

## CAPITULO 11

### CONSEGUEM OS PERNAMBUCANOS GLORIOSAMENTE A RESTAURAÇÃO DA SUA PATRIA

75. Não sabião os olandezes atinar com o remedio para se restituirem suas antigas prosperidades, quando vião que nem ardis, nẽ armas erão bastantes para adiantarem os seos intereces, e esperanças. Acendeo se entre os particulares o desejo e pratica de intentarẽ outra vez a sugeição da nossa campanha. Fomentava este pençamento o coronel Brinc, que governava as armas pelo impedimento de Sigismundo, que lhe não deixava dar passo sem animo; pareceo-lhe que poderia merecer a propriedade do lugar, se emendasse as quebras do posto, e da pessoa; elevado da ambição, aprovava na opinião, e influencia, no parecer do povo. Neste tempo fogirão do nosso Arrayal para o Reciffe dous Italianos, e publicarão que a mayor parte da nossa gente andava remontada por falta de mantimentos, noticias com que Brinc esforçou muito a sua pertenção exagerando a oportunidade do tempo. Os do governo namorados das razoẽns, e da viveza do coronel, lhe derão poder para que dispuzesse a empresa como mais acertada lhe parecesse.

76. Fogoso, e altivo com o supremo mando determinou tudo, que lhe pareceo necessario, e conveniente para hũa empresa de tanta expectação; e em dezoito de Fevereiro de 1649 sahio do Reciffe com sinco mil homens de guerra, todos soldados escolhidos, e settecentos gastadores. Dos homens do mar formou um terço, e por coronel o seu mesmo Almirante, e duas tropas de negros seos escravos, seis peças de artelharia de bronze. A sua vanguarda constava dos homens mais corpulentos, e robustos, e destros, armados de partasanas, alabardas, e chuços, para descomporem, e rebaterem os golpes das nossas Espadas, e de semelhantes compós a frente de todos os Esquadroens; marchou para a Barreta, e tomou o caminho para os Guararapes. Ao mesmo tempo que se recebeo a noticia se tocou arma no nosso Arrayal, e sem controversia se resolveo se seguisse o inimigo athe lhe dar batalha. Constava o nosso poder de dous mil e seiscentos homens entre Portuguezes, Indios e Pretos. Pelas quatro horas da tarde chegou o nosso Exercito ao primeiro monte, ja nesta hora tinha o inimigo ocupado as montanhas vezinhas, e as fraldas dos montes, pela parte que fasia frente ao boqueirão aonde na occasião passada carregou a mayor força da batalha. Não sofrião os nossos detença em envistir o inimigo. Vio o Governador Francisco Barreto de Menezes os soldados alvoroçados, e fogosos, mandou tocar a envestir, sinal a que obedecerão mais de voo que de passo, descobrio o inimigo o avanço a tempo que a investida o buscava, travousse a peleja com desesperado furor. Em igual balança, se sustentava o combate de hũa parte com o valor, de outra com a multidão. O sangue de hũa e outra gente mostrava a colera de todos, de nenhum a ventagem, esperando a victoria os inimigos pelo numero e pela constancia; o nossos pelo costume; como se a natureza os produsira, davão aquelles montes inimigos, do estrago de huns Esquadões nascião outros. Para os Olandezes que hião de vencida era alivio o morrer, tal era o horror do seu estrago. Para os vencedores deleito o matar, tamanha era a sede da sua vingança. Oprimido o inimigo da nossa violencia, largou o campo, e virou as costas, com o que em todas as partes se via estrago .sem batalha. Não havia contrario que o quisesse parecer, as armas que os acusavão inimigos deitavão longe de si, para que os não vissem opostos; os cançados e feridos com submições fazião da necessidade virtude. Desatinados e perseguidos do horror, do estrago, e da sombra do ferro corrião a precipitar se nas cavernas das montanhas, nas quaes primeiro achavão a sepultura, que a morte. Os nossos que por todas as partes seguião o alcance, já cativavão com despreso, já matavão sem colera; nos Indios e Pretos exprimentavão os tristes vencidos mais viva a perseguição; por que como a caça de feras, os buscavão e

matavão. Parece, que não virão os olhos /em seu tanto/ campo de batalha em q̃ se conciderasse tamanho estrago.

77. Durou a batalha sette horas,' quarenta e sette mortos nos custou a victoria, entre elles o sargento mor de Andre Vidal, Paulo da Cunha, duzentos e sete forão os feridos. Deixou o olandez no campo por cima de dous mil mortos; hum delles o coronel general Brinc, os feridos se não forão todos os que livrarão da morte, ficarão muy poucos por asinalar. O de mayor nome foy o coronel Authim atravessado pelo pescoço de hũa balla, que sem fazer nova chaga, lhe abrio segunda vez a ferida, que recebera na batalha passada no mesmo campo. Entre os despojos forão dez bandeyras, e de mayor estimação o Estandarte General. Seis peças de artelharia de bronze, armas de toda a casta sem numero, munições de todo genero, mantimentos em grande copia.

78. Subio esta victoria a opinião do valor dos Pernambucanos, e a reputação das armas Portuguezas. Aquelles officiaes olandezes, que escaparão da batalha dizião que nunca virão, nem ouvirão o que experimentavão em Pernambuco; porque nunca se vira gente que sem ter conta com o numero, nem com o perigo, romper formidaveis Esquadrões, sem temor de ballas, e sem fazer caso de piques, pratazanas, chuços, e dardos, que abatião com as espadas, como se a sua vontade obedecerão os pulços alheos, e proprios; e a morte e a fortuna estiverão as suas ordens. Que entre as outras gentes andavão os Exercitos a vista mezes, e annos, passando os dias em leves escaramuças, até que ultimamente se dava huã batalha campal; e que não poucas vezes se desfaziam os Exercitos com mutua retirada, temendosse de hũa e outra parte a contingencia de hum conflicto. Mas que os Pernambucanos, não gastavão mais tempo em envéstir hum Exercito, que aquelle que tardavão em avistar o inimigo; sem haver concideração, nem reparo que lhes detivesse o impetu, o que testemunhavão tantas batalhas entrando nellas como se entrarão em algum jogo festivo, e concluião, que em nenhũa parte do mundo dava a natureza semelhantes homens, provida em serem poucos, que a não ser assim, seu coração e seu braço os tiverão feitos senhores do ambito da terra. O General Sigismundo /com mais larga experiencia/ disse aos do Concelho do Reciffe, que os Senhores da Companhia occidental, não tinhão que esperar outros sucessos, de gente tão resoluta, e valerosa, nem de empreza tão custosa, em que sempre havião perder como a todos ensinava a experiencia de tantos annos, em que sustentavão a guerra com armadas copiosas, e repetidas; com dispendio de milhões, perdendo batalhas, armas, Fortalezas e gente em grande numero, e que assim como o dizia a suas Senhorias, o dizia, e tinha escrito a Olanda para que se dezenganassem.

79. Desde este tempo gastava o Olandez os dias em conciderar,

e sentir o Estado, a que o tinha reduzido as nossas armas; via o General o pouco que ja podia obrar; não sofrião os do Governo a inutilidade do excesso no dispendio que fasião a companhia as pagas ordinarias, o sustento da gente, a concervação, e reparo dos navios, sem que do mar, e da terra podessem esperar o menor lucro. Intentarão varias sortidas, sahidas, e assaltos por todas as capitanias, e exprimentavão que todas as suas facçoẽs erão para nos multiplicar victorias, e a elles perdas, mortes, injurias, e affrontas. Desesperados com o ruim suceço de todas as empresas, que intentavão, apertados do cerco, aperto, e consternação, em que se vião, ajudados dos temores, e clamores que o povo do Reciffe levantava vendo já sobre si a nossa espada, se resolverão a entregar com as mais favoraveis condiçoẽns, que podessem conseguir, receando que o não fasendo logo ficarião em pior estado do que ao presente tinhão. Resolvidos a entrega das nossas praças, pedio suspenção de armas, para mandar um Enviado; veyo este ao nosso Arrayal, de pé o ouvio o Mestre de Campo General. Falou e disse: que sua Senhoria nomeasse tres deputados, para virem a falla com outros que sahirião do Reciffe. Foy mandado para o Congresso Andre Vidal de Negreyros, Affonço de Albuquerque, e o Ouvidor Geral Francisco Alveres Moreyra, e por Secretario Manoel Gonçalves Correa, os quaes no dia vinte e quatro de Janeiro de 1654 forão para o posto destinado, aonde já os esperavão os deputados do Olandez: Gisberth With, Presidente do Concelho Politico, o Capitão Governador das sinco pontas Vouter Vanlo, o Thenente General Vandervaut, e por secretario Brest superior dos Escabinos. Congregados os oito se determinarão as capitulaçoẽs, conferidos os capitulos de hũa, e outra parte, e com negar e conceder se ajustarão, e se firmarão no dia seguinte. Amanheceo a terça feyra vinte e sette de Janeiro de 1654, e neste dia se vio, como em hua hora se desvanesse toda gloria do mundo, e que não é necessario muito tempo para o mais levantado se ver mais abatido. Vencedores, e vencidos madrugarão naquelle dia, huns por que os despertou o alvoroço da posse; outros por que os afligio a vesinhança da perda. Quase todo o dia de vinte e sete se gastou em tomar posse das Fortalesas: e forçado do tempo dilatou o General Governador a sua entrada para o seguinte dia vinte e oito de Janeiro, em que sahio do seu quartel com authoridade de General, e galas de soldados; asestido dos cabos, e da cavallaria que militava, caminhou para o Reciffe. Na entrada da cidade Mauricea o sahio a receber o General Sigismundo a pe como cahido, humilhado como sogeito. Apeousse o nosso General, e dando sua mão direyta ao General Olandez, caminharão para o Reciffe, pela ponte, que o divide da Cidade Mauricea, no meyo della o esperavão os Ministros do Concelho

Supremo, e Politico, que recebeo com agrado e cortezia, e os foy levando pelas portas das suas casas, ate que se recolheo ao Palacio da praça do Corpo Santo que os esperava rica e vistosamente adornado.

80. Neste dia renderão os Pernambucanos as Fortalesas do Reciffe, Altamar, Affogados, Azeca, Brum, Perresil, Buraco, e os castellos do mar e terra; a cidade Maricea, e Reciffe com todos os Fortins, Plataformas, e batarias, com que se guarnecião. Cortou tão largo a nossa espada, q já sucessivamente tinha despejado o inimigo de mais de trezentas legoas de costa, com as Fortalezas, que nella levantarão e possuirão. Juntamente renderão as cidades de Olinda, Parayba, e Rio Grande; as famosas villas do Penedo, Alagoas, Porto Calvo, Serinhem, Tamaraca, e Igoyana, a Ilha de Fernão de Noronha, e capitania do Ceará. Aquella potencia que o mundo julgava invencivel, aquella nação, que apostou ventagens com a mayor potencia da Europa, defendida de insuperaveis Forças, asestida de valerosos caudilhos, de repetidas e poderosas armadas, de exprimentados capitaens, de destemidos soldados, de immensa quantidade de muniçoes, e de avantajados premios, puserão debaixo de seos pes poucos Pernambucanos, sem perceyto que os obrigasse, sem Principe que obedecessem, nus, descalços, famintos, despidos, desarmados, faltos de socorros, e sem alguã esperança de premio.

81. Não sey eu, pondera hum grave Autor (Fr. Raph. de Jes.), quando a fidelidade se vio mais apurada, nem quando a paciencia militar mais sofrida. Nunca o valor dos homens sobre sahio mais esclarecido, que nesta occasião. Tudo quanto a antiguidade nesta materia nos deixou escrito para asombro das idades, chegará quando mais, a ser sombra do que obrarão os Pernambucanos, quando opprimidos dos olandezes. Que vassallos ouve no mundo, que em rasão de vassallos, se possão comparar com os moradores de Pernambuco, que no mayor desfavor do Principe, na mais dilatada perfia de tribulações perdessem fasendas, e offerecessem vidas por não faltarem a fidelidade, avaliando por menos sensivel a perpetuidade do perigo, e a continuação da perda, que a observancia da lialdade. Digão-me os noticiosos em que idade tiverão os Principes semelhantes servos. A que gente não alterou o animo, nem a falta do socorro, nem o despreso do serviço, nem a desesperação do premio para abrir em seu peito a menor brecha, por onde podesse entrar, o minimo pençamento de infedelidade? Que coraçoẽs achou a Experiencia /entre os de todas as naçoẽs/ sempre firmes no serviço da sua Patria, quando por espaço de vinte e quatro annos, huãs veses sugeitos a tirania, outras a necessidade, constantes nos infortunios, vigorosos nos trabalhos, incansaveis na tolerancia, despresados, famintos, e despidos, rogados da abundancia,

e comodidade, *sem que por imaginação claudicassem na firmesa de* leaes ; mais promptos em dar a vida, que em resolver a treyção. Resolutos em tomar as armas, a beneficio da sua liberdade, sem imperio que os obrigasse, sem esperança que os persuadisse, e sem premio que os disposesse, continuarão hum, e muitos annos, de noite e de dia, com as armas as costas, sem recusarem as marchas, sem fogirem as expediçoẽs, sem temerem os perigos, vencendo as oposiçoens do tempo, e da fortuna. Nas ditas comedidos, nas desgraças animados, nas ordens obedientes, nos trabalhos alegres, nos castigos reportados, na disciplina observantes, nas occasioẽs valentes. Nunca vencidos do medo, sempre vencedores do perigo. Nos encontros mais animados, sem terem conta com o numero, a tinhão so com a honrra, avaliando o poder inimigo por contrario, mas não por desigual, olhavão o excesso para o vencer nunca para o recear. Que valor foy semelhante a seu valor? Julgava sua ousadia que nem as ballas dos inimigos ferião, nem suas espadas cortavão, tão senhores do proprio perigo, e do poder alheo, que nunca a desgraça os achou sem animo, nem o infortunio sem ordem. Em fim, que em todas as idades, e a todas as naçoẽs do mundo podem servir os Pernambucanos de exemplo na fidelidade, no valor, na disciplina, na constancia, na Fe, e no sofrimento, que não importa que os Antigos fossem primeyros no tempo, como fiquem excedidos de ventagem, pois he certo que não adianta a idade, senão o merecimento.

## CAPITULO 12

### CONTINUA A MESMA MATERIA

82. Verdade he, que interpos a omnipotencia divina muitas vezes em nosso favor extraordinarios auxilios, porem esse he o nosso mayor brazão. Taõ unidos estavão os interesses do ceo, com os de Pernambuco, se explicava como seu auxiliar o mesmo ceo. Os Inclitos Martyres Santos Cosme e Damião, o Glorioso Portugues Santo Antonio, ou com o suor do rosto de suas Imagens, ou com a improvisa abertura das portas de seos Templos davão a entender que sahião comnosco a campanha, e pelejavão a nosso favor. E que grandesa iguala a ser vista a serenissima Raynha dos Anjos, May de Deos, e Senhora nossa, *na batalha das Tabocas, entre os nossos Esquadroẽns, vestida de azul*, e branco, com seu bendito filho nos braços, acompanhada de seu bemaventurado Esposo S. Jose, na representação de hum autorisado varão, repartindo pelos nossos polvora e ballas? Que maravilha mayor, que

no mais apertado conflito da batalha no Engenho de Anna Paes, verse o rosto de huma Sagrada Imagem da Senhora, a que o hereje havia cortado os braços, e nos seos a sustentava um devoto morador, coberto de perolas, ou pingos de suor, que hûas a outras succedião, para com esta prodigiosa demonstração influir nos nossos zelo, e coragem, com que vencerão seos inimigos? Que favor semelhante, fazer se Maria Santissima na batalha dos Guararapes, auxiliar nossa, animando os Pernambucanos por entre seos Esquadroẽs, com pasmo, horror, assombro, e confusão dos hereges, que contra esta bellissima Senhora disparava o seu odio ballas, que a May de Deos recebia em seu precioso manto, para as repartir com os seus fieis escravos? Por este maravilhoso modo era o empenho da guerra de Pernambuco comûm a triunfante milicia do Empyreo, por que juntandose nos Pernambucanos os dois motivos do amor da Patria, e zelo da Religião, quanto para si ganhavão de terreno, tanto augmentavão ao ceo o culto.

83. Porem nesta sua cauza, e dos Pernambucanos, dispençou Deos com sabia conducta suas asistencias extraordinarias; de modo que sempre ficava muito que vencer as nossas naturaes forças. Tomava a omnipotencia a seu cargo, não as emprezas comûas, nem ainda as mais arduas, senão as impossiveis, deixando por conta do valor dos Pernambucanos tudo aquillo de que o humano esforço he capaz. Milagres fazião os Pernambucanos com o seu valor, e donde não alcançava o valor obtinhão de Deos outros milagres de superior ordem. Assim se virão na nossa Patria maravilhas todo tempo, que foy necessario, para a total restauração destas praças, maravilhas do esforço humano, e maravilhas da virtude divina.

84. Cahio Pernambuco da sua primeyra grandeza, porque nada ha permanente no mundo, nem o Imperio he firme, nem a grandeza he constante. O que se julga mais seguro, esse he o mais arriscado, nenhûa potencia tem reparo, que a exceptue dos golpes das adversidades; gravissimos forão os com que a fortuna ferio Pernambuco, mas como fosse arvore de rayzes muy profundas, ainda quando mais impetuoso o asaltou o vento das perseguiçoẽs, estas nem o dobrarão por fragil, nem o renderão por fraco. Conheceo que os trabalhos são o golpe, com que se descobre o brilhante ouro da constancia, e que Deos pela medida do valor, e virtude, corta os trabalhos; e recebeo estes como aplicados por aquella divina mão, qun com as penas toca o instrumento, que forma a suave armonia do ceo. Com quatro asas nos descreve o sagrado texto aos Querubins, e aos Serafins com seis, para que, como as asas se formão das penas, entendamos, que sendo os Serafins mais amantes, mais asas, e por conceguinte mais penas havião de ter. (Exech. c. 10. Isai. c. 6). Não fia Deos grandes empresas

de corações, que não são fortes. Ao Diabo deu permissão para que ao valeroso, e paciente Job atormentasse com toda sua ira, industria e furia; por que era Job aquelle esforçado varão, que a nenhúa bataria de adversidades rendia seu forte, e constante animo; se os Pernambucanos não forão tão constantes na Fé, tão amantes da ley divina, tão firmes na lialdade. e tão valentes nos infortunios, não fiaria delles o Senhor o combate de procellosas ondas das mayores infelicidades, e tiranias, que ja mais ouvirão os seculos.

85. Conquistado Pernambuco pelos Olandeses ficarão os Pernambucanos sugeitos a todo rigor das armas, e da tirania heretica. Procurou todos os meyos de extinguir os exercicios da Religião Catolica. Permitio sinagogas em que os Judeos com publicidade exercitassem seos condenados, ritos, não sofrião o uso da Religião Catholica, nem ainda nos mais secretos retiros. Perseguio, desterrou, e matou os sacerdotes, e Religiosos. Manda por todas as partes pregar a torpe doutrina das suas seytas. Prohibe o recurso aos superiores ecclesiasticos. Desconhece totalmente as leys da Justiça, a nenhúa pessoa dava o que era seu, com o braço da Justiça roubava o alheo, em todos os Tribunaes presidia a ambição, injustiça e crueldade. Se algum queria ferir, matar ou roubar concertava-se primeyro com os Ministros da Justiça, e pago de ante mão o delito, o cometia com seguro. Pronunciavão pelo dictame de sua malicia as mulheres casadas da mais clara honestidade, com fingido respeito, buscava hum de seos Ministros sua casa, e lhe mostrava na devaça provado o delito; as innocentes Matronas vendo posta em maos tão infames a sua opinião, compravão a reputação a peso de ouro. Tres veses por editaes, e bandos tomarão as armas aos moradores, prohibindollas com pena capital, e perdimento de bens, mandavão esconder alguã, perto da casa de qualquer vesinho, que querião despojar da vida, e fasenda, e descoberto a seu tempo executavão a injustiça, sem appellação nem agravo. Vião passar pelas suas portas hum morador bem tratado, chamavão-no, e tanto que o tinhão dentro de casa, escondiase o marido, e gritava a mulher, que a solicitava, ate que as vozes acodia o marido, e vezinhos, e não livrava o inocente sem primeyro lhes fartar a cobiça. Criarão se aos peitos do Imperio e ferocidade olandeza tão horriveis deshumanidades que as teme a concideração, e referidas todas não acharão credulidade. Andava a razão tão prostrada a vista do apetite, que igualmẽte despresava o pejo, e o escandalo. Em todo tempo, que dominou o Olandes, não ouve pessoa que possuisse bens de fortuna, senão a merce da tirania. Convidavão os Escravos para que acusassem a seos Senhores, e erão muitos os que o fasião. Os sacrificios, as injustiças, as perfidias, os roubos, as crueldades, as injurias, e as insolencias com que os

Olandezes oprimião os Pernambucanos parecerião incriveis, senão forão executadas aos olhos do mundo.

86. No crisol das mayores tribulaçoẽs, quis Deos entre as chamas de tantos trabalhos descobrir os quilates do ouro dos Pernambucanos, para os faser capaz de formar delle em seos escolhidos, a coroa da sua gloria, delles não fiara tanto, se tanto delles não fiara. (Sapient. c. 3. v. 6). Parece quiz o Senhor mostrar ate onde pode chegar o valor humano ajudado dos auxilios divinos, para confundir aquellas naçoẽs que combatidas ou de hũa vil conveniencia, ou de hum torpe momentaneo deleite, ou de hum transitorio medo, derão as costas a sua ley, e abraçarão indignas seytas.

87. Na gloria das armas não seria temeraria a primazia dos Pernambucanos aos Romanos. Com mayores façanhas que as que Roma admirou nos seos Marios, Tarquinios, Marcellos, Sillas, Manlios, Sertorios, Curiacios, Pompeos, Horacios, e Cesares, se fiserão mais famosos os nossos Albuquerques, Vidaes, Rabellos, Camarões, Lacerdas, Vieyras, Canhas, Costas, Sylvas, Soares, Bezerras, Achioles, Cavalcantes, Mouras, Velhos, Lins, Barretos, Rochas, Pittas, Barros, Araujos, Regos, Fragosos, Pereyras, Abreos, Carvalhos, Coutinhos, Henriques, Pachecos, Souzas, Dias, e outros muitos que não he possivel reduzir todos a tão pequeno numero.

88. He certo que nunca combaterão os Romanos Potencia superior, nem ainda igual a sua, hião ganhando terra pouco a pouco, empenhando se de tal modo, que nunca procuravão senão a quem concideravão com inferiores forças, assim tardarão pouco mais, ou menos quinhentos annos em dominar toda Italia. A rudeza d'aquelles tempos deverão todas as suas conquistas, e mais tarde não menos que duzentos annos em conquistar a Espanha. Sim lançarão os Espanhoes dos seos Reynos e dominios aos Africanos, mas he certo que para o conceguirem forão necessarios oito seculos. De maneyra que o valor Romano com *disciplinadas tropas, com escolhidos capitaẽs, conquistou Italia* em quinhentos annos, e Espanha em duzentos. Os Espanhoes asestidos de seos Principes, e dos afamados Cides, Carpios, Viriatos e outros famosissimos heroes tardarão oitocentos. E quem não vê a ventagem, *que a todos faz o valor dos Pernambucanos, que aclamando liberdade*, so tardarão sinco annos em despejar, e lançar a golpes, fora da sua Patria, os poderosos Olandezes. No maravilhoso mapa de tantas proesas, e no cristalino espelho das virtudes dos nossos mayores, podem os nossos censores ver a causa dos nossos trabalhos, onde verão melhor os triunfos da inocencia, inda que lhes custe sofrer o resplendor da gloria nas venturas.

## CAPITULO 13

### CONCLUSÃO DESTE LIVRO SEGUNDO

89. Entre tantos milhares de naturaes de Pernambuco, que fieis, leaes, constantes e valerosos concluhirão a grande empresa da gloriosa restauração da sua Patria; ouve hum /não o negamos/ que com deliberação violenta, e atrevida rebeldia, seguio o partido inimigo, e foy vil instrumento da ruina de muitas praças. Chamava-se Domingos Fernandes Calabar, mulato manhoso, atrevido e pratico dos lugares da terra, e portos do mar. Com boa opinião e alguãs feridas, havia dous annos servido nesta guerra, e pouco satisfeito da sua fortuna, buscou ambicioso, e soberbo entre os olandezes no premio da traição, o augmento que lhe impedia entre os nossos a vileza do nascimento, para com os damnos publicos abrir caminho a seus interesses particulares. Introduzido com o inimigo, offerecendose para guia, persuadio hũa entrada a villa de Igarassũ, que entrou, saqueou, e abrazou com morte de muytos moradores, roubos e desacatos do sagrado e profano. Mostrando-se zeloso, e deligente, em se recolhendo de hũa jornada, logo inculcava outra aos Olandezes. No Rio Formoso queimou sinco naos, que havião chegado do Reyno, com oito embarcaçoẽs e quinze lanchas; assaltou o forte, que os nossos levantarão neste porto, e estava a cargo do capitão Pedro d'Albuquerque, e o rendeo com morte de quaze toda guarnição, e prisão do Albuquerque passado pelos peitos de hum mosquetaço, e deitando o depois de convalecido nas Indias de Castella, se embarcou para Espanha, onde o fes ElRey Governador do Maranhão. Por alvitre de Calabar assaltarão os inimigos com grande poder o nosso Real em quinta feira de Endoenças, sahirão mal desta empreza, e receando que por induzir os inimigos ao assalto do Real, mal socedido pelo muito que nelle perderão de gente, e armas, lhe darião alguns a culpa, como Autor da obra, alvitrando outra de mais Fama, que perigo aos Olandezes, embarcarão dous mil soldados a ordem do coronel Sigismundo Escup que exercitava o posto do General Rembach, acompanhado de Mathias Coutio, e forão sobre a Villa da Conceyção, que com cento e vinte homens de presidio acharão extremamente impossibilitada, pela falta de socorro, sendo esta villa a principal povoação da Provincia de Tamaracá, defendeo-a o capitão mor Salvador Pinheiro, quanto lhe foy possivel, e morto o capitão Antonio de Moraes entre alguns soldados, sahirão livres os nossos, com suas armas, rendendo a praça, e toda a Ilha. Da qual se pagarão tanto os Olandezes, que discorrerão largamente em transferir para

ella o principal assento do seu governo militar e politico, quando a hum e outro mandarão depois estabelecer na melhor forma o conde de Nasao João Mauricio.

90. Fez Calabar hũa entrada em Goyana, trouxe desasete moradores prisioneiros, entregando diversas fasendas ao fogo, e ao saco. Levou os Olandezes embarcados em quinze navios, e oito çumacas as povoaçoẽs das Alagoas, e queimou a primeira, commettendo innumeraveis hostilidades em outras. Pelas suas instrucçoẽs nos tomarão os inimigos a Provincia do Rio Grande. Queima-nos algũas náos em Porto Calvo, e entra atrevidamente com lanchas por hũa aberta dos arrecifes, por onde nunca entrarão canoas. Subindo em quatro lanchas, e hum pataxo pelo Rio Mamangoape, prisionou outro carregado de assucares, queimando algũas embarcaçõens, que ainda não tinhão recebido carga, mas encontrandose com o capitão Francisco Rebello, lhe degolou trinta e seis olandezes, prendeo dez, salvandose mal ferido o mesmo Calabar junto ao Porto Calvo. Nesta Villa se achavão os nossos já de retirada para a Bahia, por se haver perdido tudo que havia em Pernambuco; e para segurar melhor a transmigração dos Povos, se deteve o General Mathias de Albuquerque no oiteiro de Amador Alvares. Era morador do Porto Calvo Sebastião de Soutto, dotado de esforço, e industria exquisita, ficou naquelle lugar com os Olandezes quando o conquistarão, offerecendose agora ao Sargento mor Alexandre Picard, que governava a Praça, foy a cavallo como a reconhecernos. Meteuse tanto entre as sentinellas, que escapando de muytas ballas, deitou huã carta, donde a virão, e trouxerão a Mathias de Albuquerque. Avisava: como o dia antecedente havia chegado Domingos Fernandes Calabar, jà com posto de sargento mor, e duzentos homens de socorro. Mas que estivessemos advertidos, por quanto procurava a toda deligencia, e a todo risco, a perda dos contrarios. Incitou depois ao Picard, persuadindo-o: serem menos de vinte Indios, e poucos mais soldados, que mandava Mathias de Albuquerque ào entreter para não lhe ir tomar o passo, e cabedal de tanta gente rica sem nenhũa defensa, pelo trabalho, sentimento, e confusão, que a trasia cançada, afligida, e sem ordem naquella tão deploravel, e lastimoza retirada.

91. Soube de tal maneira persuadillos, que erão tres horas da tarde em doze de Julho de 1635, quando sahio o sargento mor, e duzentos dos seos a escaramuçar com os nossos. Passou se logo o Sotto aos que estavão de embuscada, e afervorisados do novo companheiro, pelejarão todos, como se esperara cada um vencer só ao inimigo. Mortos sincoenta, e perdido o campo, fugirão cheyos de sangue, e de temor; os nossos metendose entre os contrarios entrarão pelas portas da Fortificação principal, que havião feito na Igreja velha, guarnecida de

seis pessas de artelharia, e cento e dez soldados, de que só ficarão com vida quarenta e sinco prizioneiros. Chegou neste tempo Mathias de Albuquerque, e se tomarão as portas para impedir os socorros; e apezar de hũa porfiada resistencia entrarão a primeira caza, que acabarão a forro e ferro; salvandose alguns dos inimigos na outra caza, a qual por ser mayor, com a gente que guarnecia a Igreja nova se recolheo Picard e Calabar; via se este sem remedio, e que não querião os cercados arriscar os bons partidos, que so concedia Mathias de Albuquerque sendo escritos com o seu sangue. Posto que, lhe affirmassem, que estavão resolutos a perecerem, pelo não entregarem, conhecendo o engano, e sentindo mais o fingimento, que a ingratidão dos Olandezes, dispondose com a vontade ao que havião de obrigallo por força, soube religiosamente offerecer, como em sacrificio a sua alma, a infamia da sua vida, e com melenconisada alegria, e triste riso, fallando no semblante, o que callava nas palavras por mostrar que sem explicarse, os entendia: Reconheço /lhes disse/ que me vejo perdido, para me não perder; pois buscou Deus este caminho de me salvar. E persuadindo-os a se renderem, capitularão: Que saindo com armas, e sem bandeiras; os mandarião do Brasil a Espanha; e de Espanha a Olanda. Alem dos cabos, forão trezentos e oitenta os Infantes com que excederão aos sitiadores os sitiados.

92. Domingos Fernandes Calabar, com piedosas mostras de verdadeiro arrependimento forão tantas as lagrimas que derramou nascidas mais do temor de Deos, que do receyo do castigo; e tão eficacissimas as palavras de penitencia, e arrependimento, que disse publicamente a grandes vozes, e com fervor nunca visto, que todos que se acharão presentes ao suplicio, ficarão bem satisfeitos, que mediante a misericordia Divina se salvou, e alcançou perdão de seos peccados; o mesmo se pode inferir de hum successo extraordinario. Quando primeiro se meteu com os Olandezes, procurou Mathias d'Albuquerque reduzillo a desemparar o partido inimigo. para servir a Patria com o seu valor, e industria, sigurando lhe mayores augmentos entre os proprios, que os que poderia conseguir dos contrarios. Abusando dos favores que sem pedir lhe offerecia, soberbo com esta demonstração a que nos obrigavão tantas maldades pelo damno que causava a todo Brazil, o atrevimento de hum so homem, não se contentou de obstentar na reposta sentir pouco o delicto, mas delinquio de novo, pela arrogancia, com que julgou offensa o perdão com que o rogavão, e premios que lhe offerecião. Para tirar de Pernambuco, e do mundo este escandalo das gentes, e esta causa de grandes damnos, prometeo o nosso General a hum seu Primo chamado Antonio Fernandes, que lhe recompensaria liberalmente atrever se a

matallo, para que se passaria tambem ao inimigo, fingindo-se da mesma opinião. Resoluto ao faser, espreitou occasião, e passado ao inimigo reconhecendo de longe a Calabar, correo a juntar se com elle, quando se lhe dezembaynhou a espada da cinta, e cahindo sobre a ponta, atraveçado pelos peitos o que hia a matar, morreo no mesmo instante. Que como a Providencia Divina reserva os maos para melhor fim delles, ou para flagello de outros, parece que agora que acabava Pernambuco, acabou Calabar enforcado na villa do Porto Calvo, onde havia commettido grandes delictos, dilatando se a pena dos seos insultos emquanto servio de instrumento para o castigo dos nossos peccados, e vindo a tempo, em que disculpando as ultimas acçoẽns, os erros das primeyras, alcançasse perdão de ṣuas culpas.

93. Esta he a unica mancha, que se divisa no cristalino espelho da lialdade Pernambucana, porque ainda que forão mais os que desempararão a Patria seguindo o inimigo, nenhum era natural de Pernambuco, e hum que acompanhou a Calabar no suplicio, morrendo enforcado no mesmo dia, tinha o nascimento em Portugal, e a origem em Olanda. No meyo dos Astros mais resplandecentes ha Estrellas nebulosas, que muyto he, que entre milhares de homens liaes, fique hum com a notta de infame? Grande foy a rebeldia, e traição deste mulato se se mede a vulto, porem deve descontar se ao rigor da censura tudo que da parte daquelle rebelde forão motivos para o levar a tão arrojado atrevimento. A maldade do Traidor he vicio criado occultamente no coração, he crime em sangue frio executado. As suas finezas se encaminhão para minas, os seus serviços para estragos. A suavidade no trato, e no obsequio he como o mel de Heruclea, que na boca he doce, e engulido amarga. Com esta especie de traição mandou Antipater filho de Cassandra tirar a Demetrio a vida depois de o convidar para hũa cea; e Calipo tomou a Dion por hospede para o desterrar deste mundo; mas Calabar com hũa traição soberba, e orgulhosa fasendo arrogante obstentação da sua maldade mostrou ser mais que traidor, insolente, rebelde. A Ambição o levou a este precipicio, he a ambição um dezejo immoderado de honrras não merecidas, ou mayores das que se merecem, por isso anda sempre o ambicioso rodeado na Republica com violento gyro para se introduzir em lugares honorificos que lhe não competem. Esta furiosa paixão fez que muytos dos capitaens de Alexandre Magno se rebelassem. A Monarchia dos Romanos teve tantos cidadoens rebeldes, que no tempo de Galieno se virão nella muytos Augustos. No Reynado de noventa e dous Reys, ficou Espanha toda desmembrada em tantas partes, quantos forão os rebeldes, que a desunirão; levados da ambição aspirarão a ser mais do que erão. E se ha homens que com qualquer

serviço, que fação a Republica se enchem de vaidade para aspirar a lugares que não merecem; He hum mulato sugeito a tal condição q̃ qualquer sopro da Fortuna o incha, e com ventosa inchação lanção muytas veses as ancoras da sua esperança, em hum mar de perigos e naufragios. He necessaria nesta casta muyta virtude para se reconcentrar no seu nada, isto não souberão faser os Anjos no ceo, nem o homem no parayso, com o fará um mulato no Brazil, tendo comumente hum temor de espirito, que em muytos nem com a miseria do captiveiro se abate. Com poucos merecimentos aspirava Calabar sobir a grandes honrras, sem esperar lhe fizesse nobre o sangue vil, criando aquelle depois que por illustres feridas recebidas em defença da Patria esgotasse este. Cego com a nuvem da sua ambição, perdeo o tino, e por isso degenerarão os resplendores da sua valentia, em sombras de treição, e so no fim da vida deo a conhecer toda grandeza do seu Espirito, motivando a sua culpa hũa heroica conformidade, e gloriosa penitencia. Se entre nos servira como mulato, pelejara como branco, e esperara como prudente, corresponderião os premios a seos meritos, como corresponderão ao famoso Henrique Dias, que sendo preto soube com o esforço do animo, e maravilhosa constancia emmendar o defeito da naturesa; e se bem o não estimarão os Portugueses, quanto o temerão os inimigos, o despachou ElRey com Foro de Fidalgo, larga tença, posto de Mestre de Campo, e Habito de Christo suprindo as suas provanças os seos grandes merecimentos.

94. Nem he novo, dizia, Paterculo, no senado, e povo Romano julgar por mais nobre o melhor: que he o que ja havia dito Isocrates. Aquelle tem mais nobreza, que tem mais de virtude; e Alepandro affirmava que não pode deixar de ser nobre quem he bom, nem queria conceder Euripides que houvesse nobreza entre os màos; por que accrescenta Aristoteles, pela malicia, ou bondade se diferencea a villania, e nobreza, e esta gosa mais qualificada, o que logra hum natural inclinado a virtude, ainda que seja filho de uma escrava. Assim o entendeo Anaxilao, Rey dos Eginos, que deixou por tutor dos Infantes seos filhos a seo escravo Miscito, prometendo se mais Fe de sua virtude, que das illustres nobrezas do seu Reyno, e lograrão os pupillos hum segundo Pay em seu escravo. Tambem o foy Esopo, mas que mayor nobreza que a que mereceo seu grande engenho. Escravo foy Diogenes e confessava Alexandre, que so por ser Alexandre, se podia deixar de ser Diogenes. Escravo foy Epitecto, e deo mais luzes ao mundo com sua doctrina, e virtudes, que muytas series de herdadas nobrezas.

95. Verdadeiramente he inhumanidade despresar a virtude pelo defeito da natureza, se foramos todos consultados na sorte do nascimento nenhum nascera pobre, nem humilde, todos forão da familia

dos Cesares, porem emquanto os homens não são a naturesa os governa, e os arroja donde quer. Quem foy Mario, se em seos mayores o vemos, humilde, e pobre; e no seu consulado nada tem, mais glorioso que terse a si mesmo por Author de si mesmo! A Servio teve Roma por Rey, em cujas luzidas virtudes, nada ha que brilhe, como a baixeza do seu nome. Quem fez ditoza a Roma se não a pobreza d'aquelles que desde o arado vitorioso trespassavão a mão ao triunfo, e sabião desde o triunfo reduzir-se outra vez ao arado? Todos se olhamos para a nossa primeira origem, temos a Deos por principio. Socrates não foy Patricio; Cliantes foy Aguadeiro; de Servio se ignorava o Pay; de Tulio Hostilio a May. Augusto foy ourives; Vitellio remendão; Vespaziano, pastor; Pertinaz neto de hum escravo; e todos não obstante a pobreza e humildade do nascimento forão Reys de Roma. Marcio Septimio, havia sido ferreiro; Galerio Armentario, pastor; emfim os Maximianos, Pupienos, Aurelianos, Dioclesianos, Licinios, Maximinos, Valentinianos, Leoens, e Basilios de hum nascimento humilde, pobre, e abatido passarão para o Imperial throno.

96. Despresar os homens pelo que forão, não os estimar pelo que são, he crueldade, com este injusto despreso que fasemos d'elles, nos fasemos cumplices daquella ma disposição de animo que occasionarmos nelles. Elle terá justo motivo para se queixar de nos outros, e assim a nossa insolencia devernos imputar qualquer despique, que intente a sua paixão. Temos hum notavel exemplo das violentas iras que excita nos homens a irrisão dos seos defeitos, e despreso das suas pessoas. Hum dos mais ardentes, e eficazes motores da famosa conspiração contra o Cardeal de Richelieu, em que entrarão o Duque de Bulhom; Henrique Marquez de Cinqmars Gran Cavalheiro de Luis XIII, e Francisco Augusto Tuano, concelheiro de Estado foy hum Francez, chamado Fontralles, homem de grande sagacidade e ousadia. Este não so produzio a ultima disposição para a empreza, agitando o espirito fogoso de Cinqmars, mas se encarregou da parte mais dificil, e arriscada della, que foy ir a Corte de Madrid, a negociar com o conde Duque de Olivares, primeyro Ministro, assistencia de tropas Espanhollas para o empenho, como com effeito concluio com aquelle Ministro o tratado, que desejava, e o levou firmado a França, bem que sendo a tempo descuberto o projecto pelo Cardeal, tudo se desvaneceo, e o Tuano, e Cinqmars perderão as vidas no cadafalso, salvando se com a fuga o astuto Fontralles. Moveo a este homem a fomentar a conspiração, e tomar a sua conta os passos mais arriscados della, verse por algumas vezes despresado do cardeal, que se divertia com lhe dizer chançonetas sobre defeitos pessoaes que tinha, e este foy todo motivo que ouve da parte de Fontralles, para arriscar a vida, e honrra, solicitando a vingança.

97. Em nenhum caso se deve despresar o proximo, a Justiça, e a Caridade o prohibem, nem cabe na rasão que se desestime o serviço, por ser feito por um sugeito vil; a virtude sempre em si mesmo hé illustre, e deve ser extimada. Não se despresa a perola por encerrada na dureza de huma concha, nem se desestima o ouro porque se occulta no profundo da terra. Ate agora não ouve no mundo nação tão barbara nos costumes, que se não achasse obrigada a honrrar as prendas e virtudes illustres de sugeitos, posto que humildes. Dá fonte do valor nascerão as famosas Antonomasias de Macedonico, Numidico, Numantino etc., e do mesmo principio se originarão as coroas de Palmeira em Creta, de hera na India, de oliveira em Esparta, de loureiro em Delfos, de Aypo nos Jogos Olimpicos, e no Capitolio, as coroas civicas, Muraes, Castrenses, obsidiaes, juntamente com a variedade, e riquezas das insignias, e adornos; as clamides, as Togas, os Paludamentos, os Aneis, os Colares, e finalmente os triunfos, as ovaçoens, os Ferculos, os Trofeos, as Estatuas, os simulacros, as imagens, os Encomios, os Panegyricos, e todos os mais premios politicos, e militares, gloriosos distinctivos do merecimento.

98. E se não necessita do favor da Fortuna para logro do premio quem assentou a sua exaltação na base dos meritos, bastantemente pede quem servio bem, e esta callado; e se não tiver bom sucesso a modestia do seu silencio, a culpa sera de quem deixou de premiar. *Ninguem se desanime, nem pela falta de premio, nem pela baixeza do* nascimento, cada hum he capaz de faser se nobre, este he o segundo nascimento que depende do proprio valor, e em que se nasce, não para huma vida breve, mas sim para a eternidade de hum grande nome. Por ignorar esta verdade, se precipitou Calabar em hum abismo de maldades, formou conceyto de que todos o olhavão com despreso, e que nunca entre os seos chegarião a lograr suas obras o premio que annelava a sua ambição, buscou-o entre os estranhos; das sobras da sua paixão, mais que das faltas de lealdade, resultou o desafecto, que o fez para comnosco malevolo, injusto, e vingativo; e para com o seu Principe, e Patria, infame, atrevido, e traidor.

## CAPITULO 13 (*)

### MEMORIAS DOS DONATARIOS, E GOVERNADORES DE PERNAMBUCO, DESDE A CONQUISTA DOS PORTUGUESES ATE QUE OS OLANDEZES SE FISERÃO SENHORES DAS SUAS PROVINCIAS

99. *O primeiro Donatario, e Governador de Pernambuco foy* Duarte Coelho Pereira, a quem ElRey D. João 3.º deu esta Provincia,

(*) *Segundo Capitulo n. 13. Não consta da Taboa.*

que veyo conquistar, e povoar, no anno de 1530, e governou ate 7 de Agosto de 1554, em que falleceo.

Foy segundo Donatario Duarte de Albuquerque Coelho seu filho que passando a Portugal, e acompanhando a ElRey D. Sebastião, morreo em Africa captivo. Succedeolhe na donataria seu Irmão Jorge de Albuquerque, e foy terceiro Donatario, e segundo Governador e governou ate 5 de Março de 1576, dia em que se embarcou para Lisboa.

Jeronimo de Albuquerque Irmão de D. Brites de Albuquerque, e Cunhado de Duarte Coelho Pereira, governou na minoridade, e ausencia do sobrinho ate 1593, em que lhe succedeo Alexandre de Moura, e a este D. Felippe de Moura ate 5 de Julho de 1600. Deste anno ate o de 1621, forão Governadores de Pernambuco João Paes, Felippe Guedes, D. Luiz de Souza Henriques, Gaspar de Souza, e D. Francisco de Gouvea, a quem succedeo Mathias de Albuquerque filho de Jorge de Albuquerque Coelho, e governou ate o anno de 1624, que passou para Governador Geral da Bahia. Succedeo lhe Francisco de Albuquerque, e a este Andre Dias Ferreira, ate 16 de Janeiro de 1629, que entrou a servir segunda vez Mathias de Albuquerque mandado por ElRey Felippe IV de Castella, e III de Portugal para o governar, e defender da conquista dos Olandezes.

A Mathias de Albuquerque succedeo no governo das Armas D. Luiz de Roxas e Borja, em 25 de Novembro de 1635, com o posto de Capitão General, e por seu Thenente Manoel Dias de Andrade, que com D. Alonso Ximenes lhe havião de servir de assistentes, e concelheiros. De hũa balla acabou a vida na primeira peleja, que teve com os inimigos, e vinha nomiado para lhe succeder no posto hum Castelhano, cujo nome escondeo a morte; por que no mesmo dia em q̃ o chamou a posse, lhe tirou a vida.

Succedeo-lhe D. Antonio Vicencio Sam Pheliche, Conde de Banholo, ordenando ElRey que Mathias de Albuquerque ficasse assestindo no Governo Politico, tendo boa correspondencia com o Governador das armas, retirandose Mathias de Albuquerque para a Bahia, ficou governando o politico Duarte de Albuquerque Coelho seu Irmão, e as armas o Conde de Banholo, e governarão ate o anno de 1637, em que os Olandezes concluirão a conquista destas Provincias.

Duarte de Albuquerque quarto Donatario, em sua mulher D. Joanna de Castro, teve unicamente a D. Maria Margarida de Castro e Albuquerque, que casou com D. Miguel de Portugal setimo Conde de Vimioso, que foy herdeiro do Senhorio de Pernambuco. Por não ter successão forão para a coroa as casas, e titulos de Basto, e Alegrete, e o dito senhorio, posto que já corria sobre elle pleito por ser

restaurado Pernambuco sem dispendio dos Donatarios, e a custa da fazenda, e sangue dos seus moradores, e por ordem de 4 de Novembro de 1664, havia ja mandado ElRey se não consentissem aqui ordens de Donatarios.

# LIVRO TERCEIRO

## PERNAMBUCO RENASCIDO

### CAPITULO 1º

DESCRIPÇÃO DE SUAS CIDADES, VILLAS, LUGARES, E ENGENHOS, E DOS ESTADOS ECCLESIASTICO, MILITAR, E POLITICO

1. He a Phenis Ave grande, e pomposa na galla, grave e veneranda no aspecto; alta e magestosa a cabeça, a quem adorna um custoso diadema de Estrellas gravadas em lusentes plumas, o collo se enfeita com dourada gargantilha, esmaltada de faiscas brilhantes, naturalmente herdadas da chama em que resuscita, veste o peito de celestes pennas, a quem servem de guarnição brilhantes fios de ouro; nas azas finge hum manto colorido com a vivacidade da Fenicia grãa, da qual com justa causa herdou o nome de Phenis. Vive solitaria nos desertos da Arabia, mas nas suas Excellencias sempre unica. Depois de lograr muitos annos de vida em sentindo debeis as forças descoloridas as pennas, fraca a vista, e triste o semblante, destituida do seu vigor natural, e da magestade da sua formosura preferindo aos desconcertos do tempo as ruinas da morte, ajunta huma cama de aromas, em que se deita, e batendo aos rayos do sol as azas, acende hũa preciosa fogueyra, em que se queima, e conçome. Sacerdotiza e holocausto voluntariamente conçagra a vida a si mesma em obsequio da sua immortalidade, por que no meyo das suas cinzas se gera hum feto animado, que pouco a pouco se veste de lanugem, animando se a melhor vida renasce, com novas pennas se veste, com vivo alento resuscita. E por este modo dá a Phenis no mesmo dia materia ao Epicedio das suas Exequias, e ao Genethliaco do seu nascimento, por que ao mesmo tempo, que parece ter acabado, abrindo as azas busca nos ares novos triunfos. He o unico dos viventes, que zomba da morte, por que a sabe fazer ministra da vida. He May, e filha de si mesma, e abaixo de seu criador, deve tudo o que ella he a si propria.

2. Suposta esta descripção quem não vê que nesta prodigiosa Ave temos hum perfeito geroglifico de Pernambuco, hum adequado symbolo da sua restauração. Era Pernambuco pomposo na galla, alta e magestosa Olinda sua cabeça, e nas Excellencias unica, matizavão as suas azas douradas pennas. Com as suas preciosidades formou se fogueyra, em que se acendeo a fogo da ambição Olandesa, foy homicida de si mesma pelo remisso da sua defença. Acabou nos incendios, e das suas cinzas novamente animado renasceo com melhor gala, nelle se virão as metamorphosès dos seculos. Zombou da morte, porque a soube fazer ministra da sua vida. May, e filha de si mesmo, porque abaixo de Deos deve Pernambuco tudo que hoje he a si proprio.

3. Todo Juizo prudente em que se representasse o lamentavel, e fatal estrago, e luctuosa tragedia de Pernambuco, com os horrores, afliçoẽs, mortandades, perdas, ruinas, estragos, e incendios, que padecião seos moradores debaixo do cruelissimo Imperio do Olandes, se persuadiria constantemente, que nunca mais os Pernambucanos tornarião a seu antigo esplendor, nem lhes seria possivel jamais resurgir de debaixo de tão altas ruinas. Não haveria quem se capacitasse a que huns homens desfavorecidos do seu Principe, deixados como vassallos de outra potencia, perseguidos com ordens contrarias a seos designios, pobres, desarmados, e sem soccorros podessem sacudir de seos fracos hombros o violento e pezado jugo da heretica tirania. Mas muy contra esta persuação que parecia probabilissima, resuscitou Pernambuco, sepultado nas sombras da morte vinte e quatro annos. Quasi em hum momento renasceo das cinzas, em que fora abrasado, e com tanto vigor, e alentos, que poz em esquecimento a sua ruina, para coroa das idades passadas, inveja das prezentes, e exemplo das futuras. Para assombro dos Estrangeiros, affronta de suas armas, portento do valor, honrra de Portugal, desagravo do Brazil, e gloria de Pernambuco.

4. Renascido assim cómo Phenis de suas cinzas, se foy propagando notavelmente em habitadores, em opulencia, riqueza, fausto, culto, pompa, e grandeza, de maneyra que se vê hoje mais ennobrecido do que fora antes da sua destruição, e ruina. Tem as nobilissimas cidades de Olinda, Parayba, e Rio grande, o illustrissimo Reciffe, as famosas villas de Igarassú, Tamaracà, Goyana, Icò, Aracaty, Aquiraz, São Pedro, Penedo, Ciarà, Alagoas, Porto Calvo, e Serinhem. Povoaçoẽs innumeraveis, Aldeas sem conto, e mais de trezentos Engenhos Reaes, que trabalhando todo anno, não podem muytas vezes acabar os frutos. A *nobreza*, a *Policia*, a *Gente*; *opulencia*, *Comercio*, *edificios*, e riquezas lhe dão a Magestade de hum grande Reyno.

## CAPITULO 2º

### DESCRIPÇÃO DA NOBILLISSIMA CIDADE DE OLINDA

5. Olinda cidade episcopal e cabeça das capitanias de Pernambuco edificada sobre sinco montes, mais moderados, que altos: no mais elevado delles está edificada a sumptuosa Igreja Cathedral, a Misericordia com magnifico Templo, e grandiosos hospitaes, o Real Collegio da Companhia de Jesus, o devoto Recolhimento da Conceição, e o Palacio dos Exm.os e Rm.os Senhores Bispos. No monte que fica ao meyo dia está a Parrochial Igreja de S. Pedro Martyr, o nobillissimo Mosteiro do Patriarcha S. Bento, e o famoso Palacio dos Ilm.os e Exm.os Senhores Governadores, Capitaens Generaes; nos que olhaõ para o nascente estão edificados os sumptuosos conventos do Patriarcha S. Francisco, e Carmo. Em o que fica para o setemptrião está fundado o celebre Santuario da Senhora do Monte, com hospicio para os Religiosos, que com ferveroso zelo cuidaõ no asseyo do Templo, e serviço da Senhora. Para a parte do Poente, como em circulo estão os Templos de Agua de Lupe, da administração dos homens pardos, do Rozario dos pretos, de S. João dos Soldados, do Amparo, e de S. Sebastião que fica no varadouro. A coatrocentos passos para o Norte está situada em hum ameno oiteyro á famosa Igreja de S. Amaro, onde se erigio o convento de N. Senhora da Encarnação, para se agregarem em hũa devota Recoleta, muytos varoens Apostolicos do habito de S. Pedro, que se empregavão incançavelmente em piedosos desvellos de perpetuas missoens.

6. Teve esta cidade principio no anno de 1531, em que Duarte Coelho trazendo em sua companhia a sua mulher a Senhora D. Brites de Albuquerque, muytos Fidalgos seos parentes, e amigos, e outra mais gente nobre, veyo povoar esta capitania. Desde 1531, em que teve principio a sua fundação athe o anno de 1549, cresceo tanto, que chegou a ser antes emula, que inferior as mais ricas e deliciosas Cidades da America, habitada de Illustres cidadoens, e immenso povo; com duas nobres Parochias. Coatro sumptuosos conventos, dez magnificos Templos, muytos authorisados edificios, frequencia de comercio, abundancia de riquezas, fausto, e pompa que a fasia aplaudida, e cobiçada.

7. Antigamente foy chamada Marim, mas a sua lindeza, e amenidade do sitio lhe mudou o nome em Olinda. Escreverão alguns Authores, que descubrindo Duarte Coelho este sitio, namorado delle

disse para os seos: o que linda situação para se fundar hũa villa! E para que a verdade não ficasse livre da adulação, e lizonja, puzerão a nova villa o nome de Olinda, porque uniformes aprovarão e aplaudirão o parecer do seu Capitão. Porem esta etimologia não se conforma com o nome de Marim, que teve desde seu principio, e conservou por muytos annos, o que não socedia se em contemplação do dito do Capitão Donatario, e fundador desta cidade fora chamada Olinda.

8. Em algumas memorias achamos que Duarte Coelho, fora em hum dos muytos combates, e pelejas, que teve com os Indios, ferido em hua perna de que ficara com aleijão, e parece que da palavra *Barin,* que na lingoa Brasilica significa Coxo, mudado o B, em M, vierão a dizer, Villa Marim, isto he, villa do coxo; ou tambem tomaria o nome da palavra, Mirim que na mesma lingoa, quer dizer, pequeno, aludindo os Indios ao limitado ambito da nossa primeira povoação, que toda se reduzia a hum pequeno castello de pedra, e cal, de que por muytos annos permanecerão as ruinas na rua nova. A esta povoação chamarão, Mirim os Indios, e desta palavra tomaria nome a nova villa, de Villa Marim, mudado o *i* em *a*, ou villa Mirim, como vy escrito em escrituras daquelle tempo, nome que conservou emquanto não admitio o de Olinda para mayor indicação da amenidade do sitio, em que lavada do mar por huã parte, e do Beberibe por outra, entre perpetua, e agradavel verdura obstenta a sua fermosura, e belleza.

9. Depois que no anno de 1630, foy assolada, destruida e queimada pelos hereges olandezes, so lhe quadrava bem o nome de solitaria, e dezerta, por que arruinados os seus edificios, destruidos os seos templos, abrasados os seos palacios, nem semelhança tinha do que dantes era; mas o seu nome bello, e lindo apesar de tantas ruinas, tornou a renascer das cinzas do esquecimento, em que esteve por vinte e quatro annos sepultada. Bem se reparara das suas antigas perdas, e estendera a muyto mais a sua grandeza; se não suspendera e impedira seos augmentos, empregarem os moradores os dispendios da riqueza, e os primores da arte na magnificencia, pompa, e grandeza do Recife, que lhe fica hũa legoa distante para o Sul. Porem não bastando tamanhas perdas, nem tantas oposiçõens da Furtuna, se vê hoje ennobrecida com Igreja Cathedral, sinco sumptuosos conventos de Religiosas, e nos de São Bento, Carmo e S. Francisco estudos de Filosofia e Theologia. No collegio da Companhia Latim, Philosophia, e Theologia para Estudantes de fora. Hum convento, que sendo feito para Religiosas professas, faltando as licenças, ficou servindo para Donzellas recolhidas. Casa de Misericordia composta de bellas officinas, e suficiente renda para remedio de muytos enfermos, e necessitados. A sua Igreja tem doze Beneficiados, que rezão em choro, capellão mor, e da

agonia, outros capellaens com obrigação de dizerem missas, Ministros, e officiaes competentes para serviço da Igreja e casa.

10. Nesta fermosa e deliciosa cidade habitão tres mil duzentos e setenta e dous visinhos em quase mil moradas de cazas, entre as quaes se vem muytas de boa architectura feitas ao moderno. Clerigos Presbiteros quarenta e sinco, e quase todos com o grao de Mestre em Artes. Nos conventos cento e quarenta e seis Religiosos entre estes muytos leitores de Filosofia, e Theologia, e grandes pregadores. Para sua guarnição tem hum lusido Regimento de dez companhias de Infantaria paga, Coronel, Thenente Coronel, Sargento Mayor, Capitaens, Ajudantes, Thenentes, Alferes, e mais officiaes respectivos.

11. O Rio Beberibe a lava pelo lado do Poente, e vem sair ao Nascente por vinte e quatro bocas, ou bicas formadas em huma soberba ponte de cantaria lavrada, lançando sobre as agoas salgadas sua doce, clara, e precipitada corrente, serve de recreação, e utilidade aos moradores. Alem desta ponte para o Sul em lugar plaino, e aprasivel, está fundado o sumptuoso convento dos Religiosos Carmelitas Descalços da Reforma da glorioza Madre Santa Thereza.

12. Os conventos e Palacios assentados em lugares altos, a verdura das arvores, misturadas entre os edificios, juntamente com as Torres das Igrejas, fazem em huma so vista o mais agradavel espectaculo, que os olhos podem ter no mundo. E ainda que por dentro estejão alguãs ruas descompostas pela falta de casas, que desde sua destruição, não forão reedificadas, nem esteja occupada toda sua dilatada circunferencia, não diminue a sua fermosura essa falta, que o he mais da pompa, que da belleza. Em contemplação da sua lindeza as armas, que o conde de Nassau deu a esta cidade representavão com hua linda Donzella, que olhando para hum espelho se via, e admirava surpendida da sua gentileza, com huma cana de Assucar na mão, denotando a Formosura, e fertelidade deste Paiz.

## CAPITULO 3º.

### NOTICIA DAS FUNDAÇOENS DOS CONVENTOS D'ESTA CIDADE

13. O Collegio dos Padres da Companhia de Jesus, cuja Igreja tem por invocação N. Senhora da Graça, he fundação delRey D. Sebastião, com o numero de vinte Religiosos, com a penção da residencia das missoens. Foy dotado com a renda de quatrocentos mil reis annuaes, pagos nos dizimos dos assucares, em o mesmo genero, por provisão de seis de Janeiro de 1576. Era naquelle tempo o preço do

assucar branco coatrocentos e sessenta reis por arroba, e o mascavado trezentos e vinte reis. Feita a conta, para pagamento dos coatrocentos mil reis erão necessarias, oitocentas arrobas de assucar branco, e cem do mascavado, e este numero de arrobas, mandou depois o cardeal Rey D. Henrique se dessem ao dito collegio annualmente por ordem de 24 de Abril de 1579, mandando senão fisesse mais menção dos coatrocentos mil reis, que lhe havia doado seo sobrinho ElRey D. Sebastião, e so sim das oitocentas arrobas de assucar branco, e cem de mascavado, cujo numero de arrobas pelos preços arbitrados hoje pela nova ley da Inspecção importão mais de dous mil cruzados.

14. O convento dos Religiosos de S. Francisco, tem a sua Igreja da invocação de N. Senhora das Neves, fundação de huã devota Beata da sua Terceyra ordem, chamada Maria Roza. Foy o primeyro convento, que teve a ordem Serafica no Brazil, e de quem tiverão principio os mais conventos das Provincias de S. Antonio e Conceyção do Rio de Janeyro. Foy estabelecido em o anno de 1585 pelo Padre Fr. Belchior de S. Catharina, filho da Provincia de S. Antonio de Portugal, o qual com oito Religiosos veyo a Pernambuco a fazer missoens, e fundar conventos a requerimento do seu Donatario Jorge de Albuquerque, e de Felippe Cavalcante por ordem do Remº Padre Geral Fr. Francisco Gonzaga, e com licença del Rey D. Felippe II de Castella, e 1º de Portugal, que fez por esmola ordinaria cada hum anno a doação de hum quarto de farinha para hostias, e de hum quarto de azeyte para as alampadas, duas arrobas de sera para os officios divinos, e huã pipa de vinho para as missas em 9 de Novembro de 1594.

15. Os companheiros do Padre Custodio Fr. Belchior que com elle vierão de Portugal, forão Fr. Francisco de S. Boaventura, Frey Francisco dos Santos, Fr. Antonio da Ilha, Fr. Affonço de S. Maria, Fr. Manoel da Cruz, sacerdotes, Fr. Antonio dos Martyres chorista: Fr. Francisco da Cruz, leigo Recoleto da Provincia de Portugal. Logo que chegarão, forão hospedados em caza de Felippe Cavalcante, de donde se passarão para huãs cazas junto do hospital da misericordia, aqui lançou o Padre Custodio o habito de leigo ao primeiro noviço que recebeo. Neste hospicio estiverão ate 4 de Outubro de 1585, em que se passarão para a Igreja de N. Senhora das Neves, e fundarão o seu primeiro convento. Maria Roza, com as suas companheiras, que vivião neste recolhimenfo, se passarão logo para o da Conceyção.

16. O convento do Carmo dos Religosos da antiga observancia teve principio em hũa Ermida de S. Antonio, de que Jeronimo de Albuquerque fez doação a quatro Religiosos desta Ordem, que para o

emprego de Missionarios passarão de Portugal ao Brazil. Era o Prelado destes Religiosos com o titulo de vigario o Padre Fr. Domingos Freyre, seos companheiros os Padres Fr. Bernardo Pimentel, Fr. Antonio Pinheyro, e Fr. Alberto de Santa Maria. Chegados a Pernambuco derão conta da sua vinda ao Bispo do Brazil D. Antonio Barreyros, que os mandou animar a proseguir a santa empreza da conversão dos Gentios. Em o anno de 1589 o Donatario Jorge de Albuquerque lhes deo licença para fundarem convento, os officiaes da Camera lhes derão terra, para sua situação, Francisco Fernandes lhes doou hum sitio vizinho, e o Donatario lhes deo outros mais mandãdo se pagassem as bemfeitorias a seos donos; por ordem de 9 de Março de 1598 a requerimento do Padre Fr. Pedro Vianna Vigario Commissario, que passara ao Brazil a continuar a dita fundação. Na caza dos contos se acha hũa ordem real, em que manda sua Magestade se reparta a congrua, que se dava ao convento de Lisboa, pelos conventos de Lisboa, Olinda, Bahia e Rio de Janeiro. Foy este convento pela sua antiguidade cabeça de todos os do Brazil, nelle asestirão os vigarios Provinciaes ate o anno de 1630, em que os Olandezes senhorearão Pernambuco.

17. Dezejando Jorge de Albuquerque Coelho como Donatario, e natural de Pernambuco augmentar a fabrica Espiritual da sua Patria, e Capitania, pedio ao Rmº Padre Fr. Gonçallo de Moraes, Geral da Congregação de S. Bento de Portugal, Monges para fundarem Mosteyros nas suas terras, para o que lhes fez doação de hũa legoa de costa no Cabo de S. Agostinho, e de coartoze legoas de terra correndo para o certão, para fundarem villas, com seos castellos, e nellas fazerem Mosteyros. Vierão os Monges, e frustando-se com a morte do Donatario o intento, se recolherão na Igreja de S. João, que hoje he dos soldados do Regimento de Olinda, desta Igreja passarão se para a de N. Senhora do monte, e comprando hũas terras, que ficão eminentes ao varadouro, concorrendo os devotos moradores fundarão hum magnifico Mosteyro, com copiosa renda para muytos Religiosos.

18. Vendose João Fernandes Vieyra acometido pelos Olandezes em o sitio das Tabocas no anno de 1645, votou de edificar a Senhora do Desterro hũa casa se ella fosse servida de lhe dar victoria. Alcançada esta victoria e livre Pernambuco do dominiõ heretico, se dispoz Joao Fernandes Vieyra para dar inteyro cumprimento a seu voto, mas considerando, que o sitio das Tabocas era muyto deserto, e entre matos, onde a senhora não seria servida, e buscada, com aquelle aseyo, e devoção que merecia, se resolveo a fundar a sua casa nos arrebaldes de Olinda. Ajudado de sua mulher D. Maria Cezar deu principio ao Templo, que a Senhora havião prometido, no sitio que hoje chamão

do Desterro, e lhe derão fim com muita grandeza, e generosidade. Por morte dos fundadores, se derão os moradores de Olinda por obrigados a servir a May de Deos, e a cuidar muyto do augmento da sua caza, para que perpetuamente os amparasse, e livrasse de seos inimigos, e a festejavão todos os annos com muyta grandeza e despesa.

19. Em 30 de Abril de 1686 chegarão ao Reciffe o Padre Fr. Manoel da Natividade Carmelita descalço, com o cargo de *visitador* ultramarino, seu secretario o Padre Fr. Manoel de S. Ignes e os Padres Fr. Estevão de S. Jose, Fr. Manoel da Crus, Fr. José de S. Theresa, e o Padre Fr. José leitor, que passavão a Bahia para no seu convento abrirem collegio de Artes. Forão recebidos do Governador João da Cunha Sotto-mayor, e pessoas principaes com amor e urbanidade, e lhes asignarão o palacio do conde de Nassau, para que n'elle se recolhessem. As obras de caridade que exercitarão, e a sua compostura religiosa, fez com que apetecessem os moradores, que estes Padres fundassem casa nesta Provincia. Vencidas algũas difficuldades, lhes foy feita doação da Igreja da Senhora do Desterro no anno de 1686, e por que era annexa a Parochia da Sé, a confirmou o Bispo D. Fr. Francisco de Lima, ficando por este modo isenta da sugeição, que ate aly tinha. Concorrerão os moradores, com tanta liberalidade com esmolas, e offertas, que em pouco tempo se formou hum magnifico convento, e hum rico, e bem ornado Templo.

20. O convento de S. Amaro de Padres Recoletos, com a invocação de N. Senhora da Encarnação, foy fundado pelo veneravel Padre D. João Duarte Sacramento, Bispo eleito, e confirmado desta Diocesi. Em companhia do Padre João Rodrigues Victoria veyo de Lisboa sua Patria para Pernambuco logo depois da sahida dos Olandezes, abrazado no zelo da converção das almas. Vendo estes virtuosos sacerdotes, que a seara era copiosa, e os operarios poucos, e não podião acodir a todas as partes, que estavão pedindo, e carecendo missionarios, determinou o veneravel Padre Sacramento fundar um Recolhimento, onde se criassem sugeitos, que depois sahissem a missionar pelos dilatados certoens destas provincias. Pedirão ao vigario Geral lhes concinasse algúa Ermida onde dessem principio a sua congregação, apresentando-lhe os Estatutos, e Regra que havião feito, para que aguardassem os que voluntariamente se quisessem alistar n'aquella nova milicia do ceo. Como era notorio o seu zelo, e manifesta a sua virtude, e de alguns companheiros, que já o seguião, lhe foy concedido o que pedia com a liberalidade de se lhe concinarem tres Igrejas, a de N. Senhora de Guadelupe, a de S. João, e a de S. Amaro, sitas em diversos sitios da cidade, para que escolhesse a que mais conta lhe fizesse. Fez o veneravel Padre aceytação da de S. Amaro, por ser

mais retirada do concurço do povo, e mais conforme ao recolhimento de seos Espiritos.

21. Vista a Eleyção dos Padres, foy lhes concedida a Ermida, pelo Vigario Geral, e Provisor o Doutor Antonio Velho da Gama, consentindo nesta doação o Lecenciado Manoel Ferreyra Nunes, que era o Parocho a quem pertencia esta Ermida, fazendo della desistencia, o que o Senhor lhe remunerou no mesmo dia, livrando-o das ballas de hum bacamarte, com que lhe atirarão por hũa janella das casas, em que morava. No anno de 1662 tomarão posse, e fazendo alguns aposentos se recolherão no mez de Agosto do mesmo anno. Para dar principio a sua congregação tomou o Padre Sacramento a roupeta das suas proprias maõs, e a lançou depois aos companheiros. Era a roupeta de pano da serra pardo, cingião se com hũa correa, não uzavão voltas brancas nos pescoços, e trazião barretes de coatro cantos, como os mais clerigos. Para mayor firmeza desta congregação, não havendo ainda Bispo em Pernambuco, e sendo fallecido o da Bahia, recorrerão ao cabido, sede-vacante, rogando lhe confirmasse a licença dada pelo seu vigario Geral, e Provisor, e os Estatutos, que para a nova congregação havia feito o véneravel Padre Sacramento, ate que comodamente recorressem a Sé Apostolica.

22. Vista a suplica, e precedendo exactissimas deligencias, e verdadeiras informaçoẽs se fez na Bahia mais manifesta a grande virtude destes zelosos congregados. Dando o Illustrissimo Cabido por muy justificado o procedimento destes Padres, lhes concedeo amplissima licença, confirmando a sua fundação, e aprovando a sua Regra, e Estatutos, ate ultima resolução da Sè Apostolica. Vivião os novos congregados de Pernambuco com grande fervor, e santidade, acudindo as missoens, e observando pontualmente a sua Regra, e Estatutos. Passados nove annos mandarão a Roma o Padre Victoria, primeyro companheyro, e filho desta congregação, para que informando a Sua Santidade dos seos progressos, impetrasse a confirmação. Chegando a Lisboa teve communicação com o veneravel Padre Bertholameo do Quental, que nesse tempo principiava a fundar a congregação de Lisboa. Valeo-se do Padre Victoria para que fizesse a mesma suplica ao Santo Padre, para confirmação da Regra que havia feito para a de Lisboa. Assim o impetrou o Padre Victoria a Santidade do Summo Pontifice Clemente decimo. Examinado pelo Collegio Sagrado o vigor e novidade do Instituto, se não defirio a suplica, por se não multiplicarem novas Regras, e congregaçoens, e so pode o Padre Victoria conseguir confirmarem se as congregaçoẽns de Pernambuco, e Lisboa, ad instar da de Roma com os proprios Estatutos do Santo Patriarcha Felippe Neri, aos 17 de Julho de 1671, como consta do Breve = Ex injuncto nobis

cœlitus, concedendo Indulgencia plenaria a todos os que tomassem a roupeta, mostrando lhe o Santo Padre tão paternal affecto de amor, e *extimação, que entre outras notaveis graças, lhe mandou muytas das* Sagradas Reliquias, com que os thesouros da Igreja, enriquecem os Templos da Christandade.

23. Remetteo o Padre Victoria os Estatutos que Sua Santidade mandara guardar, ficando se em Roma, para cuidar nas dependencias, que se seguissem a sua congregação, e la com opinião de santo falleceo. Os congregados de Pernambuco aceitarão logo os Estatutos, e em tudo, e por tudo se conformarão com a sua observancia; e pelo contrario não se conformando os de Lisboa com aquelle Instituto, escreveo o veneravel Padre Bertholameo do Quental outros que continhão algũas modificaçoens acomodadas ao Reyno, e avisando da sua pertenção ao veneravel Padre Sacramento, pedindo-lhe seguisse o seu dictame, recorreu segunda vez a Roma, por nova confirmação de Estatutos *para as duas cazas de Pernambuco e Lisboa.* Não teve dificuldade este requerimento, e o mesmo Pontifice Clemente X os aprovou, e confirmou em 24 de Agosto de 1672, em forma do Breve que começa: Ex injunctis nobis cœlitus, com clausula sublata, e decreto irritante. Estes Estatutos se guardarão logo na congregação de Lisboa, porem na de Pernambuco não tiverão aceytação, por se lhe oporem a mayor parte dos votos da cõmunidade, que por reverencia do Santo Patriarcha Felippe Nery, continuarão em guardar os seos Estatutos, obedecendo a primeyra confirmação da Se Apostolica, e primeyro parecer do vigario de Christo; e em acção de graças, e determinado animo com que estavão de guardar os primeyros Estatutos *feitos por S. Felippe* Nery, e confirmados pelo Papa, fiserão os congregados no anno de 1675, tres dias de festa, pela solemnidade do Espirito Santo, implorando do divino amor graça para sua perfeita, e inteyra observancia.

24. Indo a Lisboa os Padres Andre Luis, e Servan Louzel como Procuradores desta congregação se communicarão com o Padre Quental, e resolverão trazer os Estatutos d'aquella congregação, para se observarem nesta, e com o pretexto de ajudar os nossos congregados veyo para Pernambuco o Padre João Lobo, e com elle vinte sugeitos entre Padres e Irmãos. Chegarão a Pernambuco aos 10 de Mayo de 1687; forão recebidos dos Padres congregados de S. Amaro, por entenderem se lhes multiplicavão companheiros para seos virtuosos exercicios: *mas congregados em 13 do dito mez todos os Padres e Irmãos,* se propoz a aceytação dos Estatutos feitos, ou modificados pelo veneravel Padre Quental, e concorrendo mayor numero de votos forão aceitos aquelles Estatutos.

25. E por que nem tudo que o zelo inspirase acomoda com a razão de todos, e pessoas ainda que santas são sugeitas a temerarios impulsos, entenderão muytos d'aquelles virtuosos padres, que se não devião sujeitar a outros Estatutos. A innocencia de seus costumes, o fervor e santidade das suas obras fez parecer a muytos homens circunspectos, e doutos, que tinhão razão, o effeito mostrou o contrario; depois de varias sentenças tendo os da parte contraria o amparo do serenissimo Rey D. Pedro 2º de gloriosa memoria, com cujo favor alcançarão hum motu proprio do Senhor Papa Clemente undecimo. Vencidos os primeyros largarão a Recoleta, e huns profeçarão em Religioens aprovadas, e outros, que ficarão no seculo fizerão sempre húa vida exemplar e penitente. Aonde por nimio zelo se erra, o erro he mais digno de reprehenção, que de castigo, e aquelle que assim errou, antes merece premio que pena. Os Padres vencedores passarão a fundar casa no Reciffe onde tem florecido em virtudes, e letras, a da Senhora da Encarnação de S. Amaro ficou servindo para casa de convalecença, e recreação destes Padres congregados, e por este modo desapareceo de Olinda aquelle grande theatro de virtudes, edificação, e exemplo.

26. Os moradores da cidade de Olinda, com os desejos de terem na sua cidade hum convento de Religiosas para recolherem nelle as suas filhas, que com desejos de mayor perfeição pertendem o Estado Religioso, fundarão hum convento com hũa boa Igreja, dormitorios, claustro, e todas as mais officinas. Representarão a Sua Magestade, que indo suas filhas deste Estado, a ser Religiosas no Reyno, se expunhão aos naufragios, e ao captiveiro dos Mouros, que muytas tinham padecido. Valião-se do exemplo da Nova Espanha, conquista de Castella, onde ha infinitos conventos de Freyras. Ainda que parecião muyto justas as causas alegadas, faltarão as licenças, e povoarão esta caza alguãs donzellas virtuosas, e Matronas amantes do recolhimento, honestidade, e virtude. Entrando os Olandezes nesta cidade, foy destruido este convento, depois da sua sahida se tornou a reedificar, com aventajada perfeição; tem renda suficiente para sustentação de certo numero de recolhidas, posta por D. Antonia de Soto Mayor, Senhora de esclarecidas virtudes; e sendo muytas mais as recolhidas, as sustentão seos parentes.

## CAPITULO 4º

### DESCRIPÇÃO DO NOBILLISSIMO RECIFFE

27. Reciffe cidade populosa, com o nome de villa, assentado sobre os caudalosos Rios Beberibe, e Capibaribe, que o cortão pelo meyo, formando duas Peninsulas equivalentes as duas cidades. Fica o que

propriamente chamamos Reciffe na extremidade de huma restinga de area, com que a natureza dividio as agoas do Rio, das ondas do mar, inexcusavel transito para a comunicação de Olinda. Chama-se assim da serrania de hum Arreciffe que lhe serve de abrigo contra o impeto das ondas, posto que em alguãs partes coberta de agoas, se estende pelo espaço de muytas legoas com elevação moderada, talhado da natureza com tanta igualdade, que parece hũa muralha em que trabalhou cuidadosamente a arte. Gaspar Barleo supondo que Reciffe não he palavra Portugueza, deriva Reciffe do verbo latino: Recipere; o que tomou do porto a que se entra pela boca, que no Arreciffe abrio a natureza, para permitir a entrada de hũa nao atras de outra. Desta barra para dentro fica o surgidouro, chamado poço, que dá lugar a hũa grande armada. Pelo Rio asima entre a serrania do mar, e os edificios da terra forma hum canal, que admitte muytos navios, defendidos de ventos, e tempestades.

28. Estendese a sua povoação em forma prolongada de Sul a Norte por mais de hum quarto de legoa, com quinhentos passos de largo. Todo este terreno está occupado de mil e oitenta e duas casas de dous e trez e 4 sobrados, feitas ao estillo moderno de singular architectura. Quase todos seos moradores são homens de negocio, com grande cõmercio, trato, fausto, e luzimento. Ao meyo dia està fundado o nobilissimo convento dos R. R. Padres da Congregação do Oratorio de S. Felippe Neri: a sua Igreja com a invocação da Madre de Deos, he sumptuosa. A capella mor grande, e magnifica, as seis que tem o corpo da Igreja de primorosa talha dourada; tudo neste Templo he asseyo e riqueza, e devoção. Na sacristia se esmerou a arte, e se empenhou a liberalidade. Dao estes R. R. Padres Estudos Geraes de Filosofia e Theologia. No centro desta praça esta fundada a Igreja Parochial de S. Fr. Pedro Gonçalves, Corpo Santo, tudo que nella vem os olhos he ouro, prata, e sedas preciosas, nella se celebrão os officios divinos com magestade pompa e grandeza.

29. Sobre a porta que sahe para Olinda, no fim da grande e espaçosa rua da Cruz, da parte de dentro se vê hũa rica capella adornada com tanta riqueza, decencia e aceyo que he hũa maravilha. Nesta capella se venera com grande devoção, e concurso dos moradores huã devotissima, e muyto milagrosa Imagem do Senhor Crucificado, a quem dão o titulo do Senhor Bom Jesus das Portas. Sahindo desta porta fica a lingoa de área, que serve de estrada para a cidade de Olinda, a poucos passsos estão fundados os quarteis, em que se recolhe a gente de guerra, que vem nas armadas, a grande casa da Junta, e hũa comprida rua que formão cento, e quarenta cazas, e tem por coroa a Igreja de Nossa Senhora do Pilar.

30. Deu principio a este santuario da Senhora João do Rego Barros, Provedor da fasenda real. Hindo a Lisboa a dar suas contas, receoso que as não daria como desejava, encomendou se a Senhora nestes seos justos temores, e fez voto de que tendo bom succeço na sua conta, de lhe edificar hũa capella, em que fosse venerada. Sahio bem da empreza, e obrigado ao favor, que a Senhora lhe fisera, na mesma Corte mandou fazer a Imagem da May de Deos, na mesma forma que se vê na primeira copia, que na mesma cidade se venera no real convento de S. Vicente de Conegos Regrãtes de S. Agostinho. Logo que chegou ao Reciffe deu principio a obra, que acabou com perfeição, e dotou com suficiente renda para sua fabrica. Ten-se augmentado muyto este santuario, porque assim os moradores, como os mareantes, que vem de fora concorrem com boas offertas, que se empregão no adorno, e aceyo desta Igreja, para a qual pagão tambem os navios, e embarcaçoẽns, que entrão pela barra, certa devota penção.

31. Duzentos passos adiante deste devoto santuario fica a real Fortaleza do Brum; e no meyo da restinga, o Forte do Buraco. O castello do mar está fundado sobre o Arreciffe naquella ponta, em que faz barra, fazendo impossivel a entrada de qualquer náo, por lhe ficar debaixo da sua artelharia. Pela face do Nascente estão quatro trapiches, que dão prompta execução a carga, e descarga das embarcaçoens; ao pe dellas a Alfandega, e casa dos contos. Faz o Rio ao meyo dia hũma volta dobrando pelo Forte do Mattos para Poente, e dilatandose logo para o Norte forma outro braço em que vem surgir embarcaçoẽns que demandão menos fundo.

## CAPITULO V

### DESCRIPÇÃO DA ILLUSTRE CIDADE MAURICEA ALIAS PARTE DE S. FRANCISCO

32. Divide se o Reciffe, da povoação de S. Antonio pelo Rio e fica reunido por hũa magestosa, e soberba ponte, que sobre si sustenta secenta casas de pedra, e cal, e nellas secenta logeas de mercadores na longitude de trezentos passos, com arcos de maravilhosa architectura nas duas entradas della. Toda esta pomposa maquina está assentada sobre dous espaçosos e fortes caes de cantaria, quatorze pilares de pedra, e columnas de groços e incorruptiveis madeiros.

33. He chamada essa nobilissima povoação de Santo Antonio, por que o primeiro Templo, que neste territorio se fundou foy consagrado ao inclito Portuguez S. Antonio. Em tempo do Olandez, pelo importante sitio foy povoada com muytos edificios, logrou a preheminencia de

cidade, com o nome de Mauricea, que tomou de João Mauricio Conde de Nassau, Principe de Orange. Estende se de Norte a Sul por mais de meya legoa, em huma deliciosa e aprasivel planicie. Está cercada do Rio que lhe serve de fosso, assim como os arreciffes de muralha.

34. Tem por corôa no principio da sua circunvallação o magnifico Palacio dos Illm.os, e Exm.os Senhores Governadores, e Capitaens Generaes, que com tres quadras, e duas excellentes torres representa magestade e grandeza. Por face tem o sumptuoso Convento de S. Antonio dos Religiosos do Patriarcha S. Francisco, a que está unida a grandiosa Capella da Veneravel Ordem Terceyra com seos claustros, Hospital, consistorios, e mais officinas, o que tudo junto faz hum magnifico aparato. Occupão seos braços, e corpo todo terreno, em que se contão mais de duas mil cazas com seos quintaes, ou jardins com poços de agoa clara, e doce, que serve para rego das plantas, e gasto dos moradores. Quatro maravilhosos conventos, caza da Misericordia, dez grandiosas Igrejas, e sete praças capazes de nellas correr touros, termina se a sua opulencia com a Real Fortaleza das sinco pontas que lhe fica ao meyo dia.

35. Vista de fora, servindo lhe a ponte com suas cazas de frontispicio, ella e o Reciffe de lados representa hum bello Amphitheatro, com agradavel engano dos olhos. He muyto fermosa por dentro, por que tem as ruas largas, e limpas, os edificios altos, e nobres, e as cazas sempre bem cayadas de branco, e as sacadas de verde, os Templos ricos, os conventos sumptuosos, e o sitio dos melhores pela sua alegre, e espaçosa vista.

36. Nesta cidade assistem os Excellentissimos Governadores, os Ouvidores Geraes, para o crime e civel; Juizes de Fora e Orphaõs, Provedores e Procuradores da fazenda real, e coroa, seis Escrivaẽns do civel, e crime; dous de Orphaõs, e hum de defuntos, auzentes e capellas, vinte advogados, e todos os mais officiaes de Justiça para a boa administração d'ella. Tambem neste mesmo lugar assistem o coronel, Thenente Coronel, Sargento Mayor, Capitaens, Thenentes, Alferes, e mais officiaes du lusido Regimento da sua guarnição; e nestas duas povoaçoens, que chamamos Reciffe habitão mais de vinte mil pessoas. O luxo, aceyo, e grandeza com que se tratão seos moradores não tem que invejar o tratamento das Cortes mais ricas, e polidas. Não uzão de carruagens, mas sim uzão as senhoras de cadeyrinhas a maneyra de liteyras, que carregão escravos; e homens, e mulheres de palanquins, carruagem grave, modesta, e mais comoda que estrondosa. Enriquece a fabrica espiritual desta nobilissima villa cento e sincoenta e oito Religiosos em virtude, e letras singulares. Cento e sincoenta e hum clerigos Presbyteros, seis Diaconos, e quatro subdiaconos, que

com a honestidade da vida, perfeição de custumes, exercicio de virtudes, e letras dão o mayor lustre a sua Patria. Para mayor desempenho das obrigaçoẽns do seu Estado irigirão hũa illustrissima Irmandade, em que todos servem a seu sagrado Patriarcha o Apostolo São Pedro, na sumptuosa Igreja que fundarão a poucos annos com tão liberal dispendio, que não estando ainda de todo acabada, tem gasto nella mais de cento e trinta e tres mil cruzados. O corpo deste magnifico Templo he em forma rotunda como a Igreja de S. Maria a redonda em Roma, toda cercada de ricas capellas, e tribunas. He de huma so nave grande, fermosa, e muyto alegre. Tem hũa magestosa capella mor, e hum espaçoso cruzeyro, he de perfeitissima architectura, com hum soberbo frontispicio a que darã mayor magestade duas elegantes torres em estando acabadas. A materia he pedra fina, e clara e madeyras preciosas.

37. Compoen-se esta Illustrissima Irmandade de mais de quinhentos Irmãos, em que entrão sacerdotes moradores em outras partes, e alguns seculares, que dão cem mil reis para serem admittidos, e cumprem igualmente com as obrigaçoẽs do compromisso, e todos com extremosa caridade se assistem em obras de piedade, fasem ferverosa assistencia a seos Irmaõs na ultima infirmidade, acompanhando todos em corpo de cõmunidade com sirios brancos, esquife proprio, estações com responsos, ao Irmão que morre, e lhe fazem muytos sufragios pela sua alma.

38. A veneravel Ordem Terceira de Nosso Padre S. Francisco tem hũa capella composta de muytas capellas, e tudo que nella se vè he ouro. Na espaçosa casa de seos exercicios, na do noviciado, e sacristia tudo he aceyo, primor e riqueza. Compoen-se esta veneravel e illustre ordem de mil, e oitocentos Irmaõs, devotos em seos exercicios, ferverosos no augmento do culto divino, e grandiosos nos dispendios que annualmente fazem com as suas festividades, e assistencia dos necessitados. A porcição de penitencia, que fasem em quarta feira de cinza com os santos da sua ordem, he com tanta devoção, aceyo, e riqueza, que na corte se não faz melhor. Todos os annos dispendem em missas que se dizem pelos Irmãos defuntos, em esmollas aos necessitados e no culto divino mais de desaceis mil crusados.

39. Os Terceyros do Carmo, tem por capella huma famosa Igreja de admiravel architectura, com sette capellas de maravilhosa talha dourada. Compoen-se esta illustre Ordem de *2000* Irmãos, que se empregão em obras de piedade, e devoção. As suas festividades, e porciçoens fasem com toda pompa e solemnidade.

40. A Igreja dos Congregados de Nossa Senhora da Conceição he de excellente architectura, muito fermosa, e bem ornada, nella he a

Senhora servida, e louvada pelos seos devotos congregados, que com ferveroso zelo, e muita devoção se empregão nos seos louvores, e serviços. He composta esta congregação de innumeraveis Irmãos, e assestidos em seos exercicios pelos Padres da Companhia de Jesus.

41. Os Militares do Regimento de guarnição desta praça fundarão hũa fermosa Igreja, que dedicarão a Senhora da Conceição, a quem servem com grande devoção, e dispendio. A grandeza do edificio, o primor do seu aceyo, e riqueza do seu adorno lhe dá a primasia sobre todas as capellas, que tem os militares de Portugal, ou Brasil.

42. Unidos os homens pardos em hũa fervorosa, e discreta devoção para com a May de Deos, que sempre nos ampara, e livra de todos os perigos, trabalhos, e penalidades da vida, lhe dedicarão hũa casa particularmente sua. Para esta fabrica concorreo a liberallissima piedade destes homens com mão tão larga, que em pouço tempo erigirão hum fermoso Templo, com paramentos tão preciosos como ricos. Neste santuario he a Senhora servida dos seos confrades com grande devoção, primor e grandeza.

43. Os homens pretos, e captivos se mostrão tão affectuosos no amor e serviço da May de Deos, a Senhora do Rosario, que elles mesmos ainda que pobres, se lhe resolverão a fundar hũa fermosa Igreja, em que so elles são os fundadoros, e administradores. He este Templo de curiosa e sumptuosa estructura, o seu frontespicio, pomposa fabrica de pedra branca, admiravel desempenho da Architectura edificativa. He a Senhora do Rosario o alivio, e consolação destes homens, por que todos em seos trabalhos recorrem logo por seu meyo a soberana Imperatriz da gloria; e na fé, e devoção com que a buscão, experimentão os seos favores, e assim se não apartão da sua prezença offerecendo lhe as suas oraçoens. He certamente de grande, edificação, e ternura, ver o fervor, zelo, e dispendio, com que servem a sua Senhora. Todos os dias do anno sem que os estorve algum acontecimento cantão o terço com ladainha. Nos sabbados cantão a canto de orgão a ladainha as sinco horas da tarde, e as sete da noite o terço, Nos dias de perceyto assistem todos a missa do seu capellão, que beneficião com canto de orgão, rezão o terço, e officio parvo, as tres horas da tarde cantão outro terço, e a noite a porta da Igreja outro. Na segunda dominga de outubro festejão a Senhora com grande solemnidade, e para mayor fervor da sua devoção, formão danças, e outros licitos divertimentos, com que devotamente alegrão o povo.

44. Nas sinco capellas da sua Igreja estão colocadas as Imagens da Senhora do Rosario, orago da caza; da Senhora da Boa Hora, e de S. Domingos, e as dos Santos pretos, Elesbão, Moyses, Benedito, Antonio de Catalagirona, Eufigenia, e o S. S. Rey Balthazar. A todos

festejão com a solemnidade de Senhor exposto, missa cantada e sermão, precedendo a estas festividades novenas, que fazem com muyta devoção, e grande concurso. Todos os sabbados, e primeyras Domingas de cada mez saem pelas ruas cantando o terço da Senhora, com tanta consonancia, e concordia das vozes, que della resulta hũa suave armonia, que ao mesmo tempo agrada, e edifica.

45. Em todos os conventos se celebrão os officios divinos com devoção, magestade, pompa e magnificencia. E assim nas Igrejas dos Regulares, como nas do ordinario ha secenta e seis Imandades, que se empregão no culto dos seos Oragos, festejando-os com o Santissimo Sacramento exposto, Missa solemne, e sermão, e muytas com porcissão de tarde, e solemnissimas vesporas. Os Estudantes do Collegio da Companhia se esmerão, e empenhão com a festividade da Senhora do Ó, sahindo a May de Deos em hum triumphante carro ornado de ricas, e preciosas sedas,. seguida de. outros carros, charollas, figuras, e danças tudo ornado com custo, aceyo, e riqueza. As duas Irmandades do Espirito Santo com os seos actos fazem os dias mais fermosos. A meuza em que publicamente comem os Emperadores he officina, em que os pobres achão abundancia e regalos; com os pratos mais exquisitos he a pobreza nestes dias regalada.

46. Quarenta e dous oratorios perfeitos pelo primor da arte, e custo, embutidos nas paredes das cazas, dao as ruas mayor lustre. Das Ave Marias por diante com agradavel e sonoro canto he a serenissima Raynha dos Anjos Maria Santissima, louvada. Em cada hum destes oratorios se faz cada anno huma solemnissima novena, em que toda rua se illumina, com musica, fogos, e luzes, competindo entre si os vesinhos com devova emulação em se aventajarem nos obsequios da May de Deos. A todos os oratorios excede o do arco da Ponte em que he adorada, servida, e venerada hũa formosa Imagem da Senhora, com o titulo da sua Conceyção immaculada. He grande a devoção, com que os fieis a buscão todos os dias, valendo se em seos trabalhos do seu amparo, e patrocinio, que achão tão propicio, como testeficão as muytas memorias de quadros, e de varios sinaes de cera, que o estão publicando.

47. A Irmandade das almas, empenhada em soccorrer as almas do Purgatorio lhes acode com aparatosas Exequias, e quotidianos suffragios. Todos os annos alivião as penas das benditas almas com quinze e dezeseis mil missas. E para que aos vivos não falte o alivio em suas pobrezas, e necessitados, em hum magnifico hospital, que fundou D. João de Souza, e sua mulher D. Ignes Barreto de Albuquerque, são curados os enfermos e a multidão de pedintes a quem mais que a fortuna fez pobres a preguiça, acodem os moradores com extremada caridade.

48. Parece ser este nobilissimo Reciffe feito de alambre para atrahir, ou que tem virtude magnetica para acariciar com mais doces laços do que comenta a fabula, que tivera Hercules de cadeas para prender homens; armado de mais suaves prisoẽs do que sonhou o hyperbole, que tivera Anfion de cordas para enrredar penhas, e Arion de redes para enlaçar agoas; está sempre atrahindo vesinhos, que acrescentem o numero de seos moradores, e por isso não cabendo já no seu recinto passarão a povoar no lugar da Boa vista, que lhe fica ao Poente, e que se lhe une com húa fermosa ponte de fortes madeyras com quatrocentos passos de longitude, e de latitude dezaseis palmos.

49. Està assentada esta nova e já numerosa povoação em húa deliciosa planicie, cercada de amenas, e vistosas arvores, hortas, e sitios, quintas, e casas de recreação. O caudaloso Rio Capibaribe dilatando por este valle suas cristalinas correntes, parece que compassivo da sua sede quer sair a regallo. Occupa o centro deste ameno valle, em que se achão já fundadas mil cento e trese moradas de casas de pedra, e cal, e muitas dellas de dous sobrados feitas ao estillo moderno. Sete sumptuosas Igrejas, e seis fermosas capellas; corre de Oriente a Poente, e por todas as partes se dilata em espaçosos campos, que pelo setemptrião se vem fermoseados com as abundantes correntes do prateado Beberibe, que emulo da grandeza de edificios com que se obstenta Capibaribe, offrece em competencia sua quatrocentas e sincoenta e duas cazas sitas nas suas margens, tres excellentes Templos, e oitocentos vesinhos.

5o. Sem que as suas agoas se dividão em braços desde a parte superior, antes chegar a estas dilatadas campinas, são tão ferteis pela bondade da terra, que ao meyo dia não offende o sol as caminhantes defendidos da pompa de larangeiras, limoeyros, cajueiros, oitizeiros, Mangabeyras, cajazeyros, e de outras infinitas arvores, que lhes formão verdes pavelhoens com suas folhas, flores, e frutos. De toda esta fermosura, fora de ser a terra pingue, e abundante são cauza innumeraveis fontes subterraneas, que dando humor as plantas contra os rigores do sol lhe conservão a vida, como o sangue nas veas do homem. Admiraveis são estas veigas e feitiço da natureza, com que convida os vesinhos, sendo innumeraveis os que procurão gosar da sua deliciosa vivenda, de maneyrs que já aly se não vê edificar huma, e outra casa, senão huma e outra rua.

51. Movido da sua grande piedade o Excellentissimo senhor Bispo Dom Frey Luis de Santa Thereza, erigio neste lugar hum fermoso Palacio, por conhecer que a sua continua assistencia em Olinda causava grande detrimento as partes, que todo os dias os buscavão com

seos requerimentos, o que não socedia assestindo tambem neste sitio, de donde os despachava com promptidão, e sem detrimento. Defronte deste Palacio demos principio a hum convento para Religiosas profeças, por que alcançamos licença do nosso Fidelissimo Rey e Senhor D. João V de gloriosa, e saudosa memoria para esta fundação. Estando a obra em termos de se lhe dar fim, se vio impedida com grande sentimento dos moradores, que para ella concorrião com liberal dispendio. Como este edificio corria por conta da minha deligencia, e zelo, não declaro os fundamentos da suspenção, para que não pareça que os explico com paixão. Espera se pela solução das duvidas, que serão desatadas muyto a favor deste Mosteyro.

52. Para a parte do sul se alargarão tambem os moradores, e em huma deliciosa planicie (chamado lugar desafogado) a que se vay por húa fermosa calçada, que principia ao pe da Fortaleza das sinco pontas fundarão hum arrayal, que se compoem de trezentas e tantas moradas, húa Igreja dedicada ao Divino Espirito Santo, e hum Recolhimento de Donzellas, que enrriquessem, e augmentão a fabrica Espiritual desta cidade com a sua oração, recolhimento, pureza, e santidade.

53. He a nobreza alma da Republica, por que com seo poder, riqueza, e autoridade a une, defende e soccorre; a que encerrão estas povoaçoens he tanta, que se faz impossivel reduzilla a hum breve compendio sem agravalla. Forma se o corpo Politico desta republica de Illustres cidadoens, o militar de dous Regimentos, hum de Henrriques com seu Mestre de Campo, e sargento mor, e Ajudantes pagos. Duas companhias de Artilheiros com sargento mor, e Mestre de Campo de Enginheiros. O Governador da Fortaleza do Brum serve com patente de Thenente Coronel. Os das Fortalezas das sinco pontas, Buraco e Castello do Mar, com patente e soldo de capitaens, alem de outros emolumentos, que lhes dã mayor authoridade.

54. O Estado Ecclesiastico se compoem nestas quatro povoaçoens (a que se pode chamar cidade, composta de quatro cidades) de dez conventos de Religiosos, com oito Collegios de Philosophia, Theologia, e Moral. Dous Hospicios, dous Recolhimentos de Donzellas, quarenta e trez Igrejas, desoito capellas, donde em duzentos e trinta e seis Altares offrecem cada dia o incruento sacrificio do cordeyro immaculado quinhentos e vinte e seis sacerdotes.

55. São estas povoaçoens visitadas do Sol tanto que nasce, o qual com seos rayos desfaz as humidades, e adelgaça os vapores, que dos Rios se levantão, purificando seos ares de sorte que ficão as mais salutiferas do mundo. Nellas não ha verão que aflija; nem inverno, que moleste. O temperamento he benigno, o ar tranquillo, e o terreno

uberrimo. Respira em todo tempo vapores suaves, amigos da natureza, e inimigos da corrupção. Os Ares purissimos, e de noite tão claros, e transparentes, que deixão ver os atomos, e argueiros do ceo nas mais pequenas Estrellas. Não ha na terra felecidade mais constante, nunca sahe Flora dos seos campos, nem Pomona das suas hortas, por que ao pe das flores nascem os fructos. Nunca lhe volta cara a primavera. O Estio he huma estação tão cortes, que com o abanico da viração a todos refresca. Agoas salutiferas, que confortando a saude no mesmo tempo, que matão a sede, sempre com regallo, e nunca com damno se bebem.

56. Os Rios por debaixo de arcos triunfaes, quantos são os das pontes, que os atravessão, sem fazer violencia, nem ruina algúa,-vem correndo tumidos, e ufanos por deixarem as suas margens, e coroas povoadas de infinitos mariscos, e trazerem envolvidos nas suas cristalinas agoas mais de cem castas de peixe, que esperdiçando os engodos, aproveitam as iscas. Na perpetua abundancia dos mantimentos se vê aqui o mayor theatro da Providencia Divina, com que não so acode com o necessario sustento a mais de trinta mil pessoas, mas ate a innumeraveis ociosos, que não trabalhão para adquerir o pão para a boca, sustenta, e regalla.

## CAPITULO 6º

### NOTICIA DAS FUNDAÇÕES DOS CONVENTOS DO RECIFFE

57. O Convento de S. Antonio dos Religiosos Franciscanos do Reciffe teve principio no anno de 1606. Para fundar o dito convento deo de esmolla Marcos Andre, sincoenta e seis braças de terra. Feita esta doação fazendo os Religiosos o seu capitulo no convento de Olinda, em vinte e seis do mez de Outubro do dito anno a que presidio o R.do Padre Custodio Fr. Leonardo de Jesus, determinarão fundar este convento, e nomiarão para Guardião delle o Padre Pregador Fr. Bernardino de Jesus, e Fr. Manoel de Santo Antonio, chorista; e a Fr. Gaspar de S. Antonio Frade leigo, filho primogenito da familia Franciscana no Brazil, por ser o primeyro a quem lançou o habito o Padre Custodio Fr. Belchior ainda antes de fundar a caza de Olinda, como fica referido. Não teve para sua fundação mais que as esmollas dos moradores, e com ellas se sustentão mais de sincoenta Religiosos.

58. O Collegio dos Padres da Companhia de Jesus, foy fundado por ordem delRey D. João IV de vinte e seis de Abril de 1655, em hũa Igreja que tinhão fundado os hereges Francezes, da seyta de Calvino. Esta Igreja com hũas cazas contiguas deo aos Padres o Mestre

de Campo General, Governador destas Provincias, Francisco Barreto de Menezes, depois da Restauração de Pernambuco, na qual doação conveyo o senhor do sitio, em que estava a Igreja, e cazas, para fundar o collegio, eschollas, e estudos, sem determinação de numero certo de Religiosos.

59. O convento do Carmo da Reforma, teve o seu principio em hum Hospicio de Observantes da mesma Ordem. O Padre Fr. João de S. Jose com o favor delRey D. Pedro II, introdusio a Reforma da Provincia da Turonia em França, fasendo lhe Sua Magestade merce, que se erigisse o convento, no sitio em que hoje se acha, por decreto, que se acha registado no L. 7 dos Resistos da Secretaria deste governo, em vinte e dous de Mayo de 1687; não tem determinado numero de Religiosos, ao presente vivem neste magnifico convento quarenta e sinco.

60. O convento de N. Senhora da Penha de Franciscanos Capuchinhos, foy fundado pelos Religiosos barbadinhos Francezes, que assistião no mesmo lugar, chamado, fora das portas de S. Antonio, em hum pequeno oratorio. Chamavão-se estes Religiosos Fr. Cyrillo, que era o superior; Fr. Fabiano, Fr. George e Fr. Antonio, aos quaes em desaseis de Abril de 1656, doou Belchior Alves Camello, e sua mulher Joanna Bezerra, corenta braças de terra, pelo rumo de Norte Sul, e quatro de largo, para fundarem a sua Igreja, e convento, com a invocação do Espirito Santo. Na Igreja que logo fiserão, colocarão hua devotissima Imagem da Raynha dos Anjos, a quem derão o titulo de Nossa Senhora da Penha de França, de pincel em hum grande quadro, a quem recorria a piedade dos moradores com grande devoção e frequencia. Esta Imagem pintada está posta no meyo da tribuna da capella mor, e outra Imagem de alabastro com o mesmo titulo está colocada em hum nicho no meyo do sacrario; he muyto milagrosa, e tem obrado, e obra grandes prodigios, em todos que com viva fe a invocão nos seos trabalhos. Os milagres da Senhora da Penha de França derão o nome ao convento, esquecendo o do Espirito Santo, com que foy fundado. Mandando ElRey de França retirar estes Religiosos para suas terras, e Provincias em o anno do 1701, ficou este convento recomendado aos Padres da Congregação do Oratorio, onde asestirão athe o anno de 1709, em que ElRey o mandou entregar aos Padres Capuchinhos Italianos, a requerimento do Padre Fr. Jeronimo de Genova, Superior, e Procurador dos Missionarios Capuchinhos, para agasalho dos que voltão de S. Thome, e Angola, e para melhor provimento das residencias, que tem nestas Provincias. O Autor do Santuario Mariano Tom. 9. L. 2. tit. 12, diz que o Senhor Rey D. Pedro II fora quem mandara sair a estes Padres Francezes deste convento, e de

todas as mais terras das suas conquistas por cauzas muyto justificadas, e por lhe constar não lhe convinhão n'ellas estes Missionarios. Ignoramos o motivo que ouve para a sahida destes Padres, mas por ordem do dito Senhor do anno de 1701 a D. Fernando Martins Mascarenhas, Governador destas Provincias lhe manda dar todo favor, e faser todo bom cõmodo para se passarem a Portugal em cumprimento do decreto do seu Monarcha Francez.

61. O principal emprego dos Padres congregados de S. Amaro de Olinda, era o exercicio da oração, missoens, e conversão dos Gentios, e peccadores, e os seus primeyros Estatutos se ordenarão a estes virtuosos empregos. Entravão pelos certoens mais incultos, reduzindo a Fé innumeraveis naçoens, e por que quando voltavão ao seu convento vinhão muytas vezes com as roupetas rotas, e os pes descalços; e com menos aceyo em suas pessoas, lhes era muito conveniente aquelle sitio retirado; mas prevalecendo os nossos Estatutos, e com elles a obrigação de sermoens e praticas todos os Domingos, e dias santos; e effectiva assistencia nos conficionarios, que na casa de S. Amaro se não podião observar por ser lugar deserto, e de pouco concurso, determinarão fundar no Reciffe hum Hospicio, onde melhor podessem satisfazer com suas obrigaçoẽns. Impetrada a licença lhe foy concedida para a fundação de hum Hospicio de doze Padres, o que com brevidade se executou. Em pouco tempo se augmentou grandemente esta caza, assim em edificios sumptuosos, como no numero dos Padres, sendo mais de sincoenta os sacerdotes, que nella habitaõ e se occupão em virtuosos exercicios. ElRey D. Pedro II lhes deo ampla licença para que este convento fosse o principal da Congregação, e lhe consignou hũa congrua de quinhentas arroubas de assucar todos os annos. Tambem conseguirão breve Apostolico para que fosse a casa do Reciffe cabeça da Congregação, ficando a de Santo Amaro servindo de hospicio para os convalecentes.

## CAPITULO 7º

### DESCRIPÇÃO DOS TERMOS DA CIDADE DE OLINDA E VILLA DO RECIFFE

62. A cidade de Olinda tem por termo a freguezia da varse, que lhe fica ao Sul, assentada toda em vistosas campinas, e aprasiveis planicies. A sua povoação consta de duzentos, e vinte visinhos com hũa rica, e fermosa Igreja, que lhes serve de Parochia, tem mais as Igrejas do Rosario, e livramento no seu destrito se contão onze Engenhos Reaes, desaseis Templos, muitos sitios, quintas, seiscentas, e setenta e

duas moradas, e quatro mil, duzentas e quarenta almas de confição. A Freguezia de N. Senhora da Luz, que fica ao poente, a sua povoação está assentada na planicie que faz hum fermoso oiteiro, he de mais de cem visinhos, extendese pela ribeyra de Capibaribe com desoito Engenhos, com mais de mil fogos, e seis mil duzentos e quarenta e quatro pessoas de confissão. A freguezia de S. Lourenço fica ao certão, he de apraziveis vargens, vistosos montes, e frescas ribeyras; a sua principal povoação tem mais de duzentos visinhos, e em toda Freguezia vinte Engenhos, vinte e seis magnificas Igrejas oitocentos e quarenta e nove fogos, e sinco mil quinhentos e vinte e sette pessoas de confição. A Freguezia de Santo Antão fica no Norte da de São Lourenço. A povoação principal tem quase duzentos visinhos, e no seu destrito doze Engenhos, quinze Templos, oitocentos e quarenta e seis fogos, e quatro mil seiscentas e oitenta e oito almas de confição. Tem mais por termo as terras que correm ao sul do Rio Beberibe ate a ribeyra de Paratibe onde vem topar a Jurisdição da villa de Igarassu. Todas estas terras estão bem cultivadas, e povoadas de muita nobreza, casas nobres, Palacios, e Templos sumptuosos.

63. A muita nobre e sempre leal villa do Reciffe tem por termo a famosa Freguezia do Cabo de Santo Agostinho. A sua principal povoação consta de mais de trezentos visinhos, coatro sumptuosos Templos, tem vinte e oito Engenhos reaes, muitos Palacios, e cazas nobres, e mais de sette mil moradores. No seu destrito tem os Religiosos de Nossa Senhora do Carmo o seu magnifico convento de Nazareth, onde está huma boa Fortaleza para defença da barra, que no tempo do Olandez foy o mais importante porto para as suas armadas. Hoje não admite mais que embarcaçoens ligeiras por se atravessar na sua barra hum grande penedo, que aly nasceo. A Freguezia de Ipojuca fica ao Norte, he fundada em vistosas veigas, e aprasiveis campinas, tem duas principaes povoaçoens, a primeira está situada em hum alto com mais de duzentos vizinhos, sumptuosa Matriz, hum magnifico convento de Religiosos do Patriarcha São Francisco, e tres Igrejas. A segunda está fundada em hum lugar a que dá nome do Ó, o devoto, e celebre santuario da Senhora do Ó, tem mais de mil vizinhos, aqui asiste ordinariamente o Reverendo Parocho, e o seu coadjutor na primeira povoação. Tem esta notavel Freguezia vinte Engenhos, vinte e seis Templos, e mais de sete mil almas de confição. A Freguezia de Santo Amaro está fundada a sua principal povoação na deliciosa planicie de hum monte que se levanta pela margem do famoso Rio Jaboatão, tem quase trezentos visinhos, e no seu destrito desoito Engenhos, vinte Igrejas, mais de oitocentos fogos, e sinco mil e tantas pessoas de confição. A Freguezia da Moribeca, a sua principal povoação tem mais de duzentos

visinhos, e no seu distrito mil, e secenta e dous fogos, e mais de sinco mil almas de confição. Tem desoito Engenhos e vinte sinco Igrejas.

## CAPITULO 8º

### DESCRIPÇÃO DAS FAMOSAS VILLAS DE SERINHEM, PORTO CALVO, ALAGOAS E PENEDO, E SEOS TERMOS

64. A muito nobre villa de Serinhem, a que dá o nome de Formosa o delicioso Rio, que a banha toda por hum lado, fica quinze legoas ao *Norte* da cidade de Olinda. O seu porto é frequentado de muitas embarcaçoens da Bahia, e Reciffe por causa do comercio. Está sentada na aprasivel Chãa, que faz um espaçoso, e alegre oiteyro, tem boas casas, e nellas são moradores mais de quinhentos vizinhos, Ao meyo dia em hum alto está fundado o magnifico Convento do Patriarcha São Francisco. Tem quatro sumptuosos Templos, onde se celebrão os officios divinos com pompa, aceio, e riqueza. Comprehende o seu termo parte da freguesia de Ipojuca, e da de Una, e nellas tem mais de trinta Engenhos, e nove mil, oitocentos, e sincoenta e tres almas de confição.

65. A celebre villa do Porto Calvo, assim chamada de hú morador, que no tempo que se deu principio a povoar estas terras, habitava ao pé do seu porto, e havendo pela costa outras muitas barras por onde entravam as embarcaçoens, distinguião a barra, que aly fes o caudaloso Rio das pedras, com o nome de porto do Calvo, pela calva que tinha aquelle morador. Tem descahido muito da sua antiga grandeza, nos seos arrebaldes fiserão as pessoas principaes as suas moradas; tem por termo as freguesias de Camaragipe, e São Bento, e nellas oito mil dusentos, e secenta e sinco almas de confição, muitos, e bons Engenhos, e grandes Igrejas.

66. A nobre villa das Alagoas está fundada em hum alto, o seu porto he muito frequentado, tem muitos Engenhos reaes, os edificios da villa são de boa architectura, em que habitão mais de seiscentos visinhos, nella tem os Religiosos do Patriarcha São Francisco hum dos melhores conventos da sua Provincia, e os Religiosos de Nossa Senhora do Carmo hum Hospicio. Governa o civel e o crime dous Juises Ordinarios, e hum Ouvidor Geral, Corregedor da Comarca; esta se estende as Freguezias de Santa Luiza do Sul, São Miguel, do Norte, Poxim, e Santo Antonio Merim, e nellas são moradoras mais de desaseis mil pessoas de confição. Tem grandes Engenhos, e muitos e sumptuosos Templos.

67. A famosa villa do Penedo está fundada em hum alto e com seos edificios a que sobresahe o magnifico convento dos Religiosos de São Francisco, com hua sumptuosa Igreja, faz huma fermosa representação, tem bom porto, e de grande comercio; he banhada do Famoso Rio de São Francisco, tem esta Freguezia oitocentos e secenta e sinco fogos, e quase quatro mil visinhos. O seu termo he muito dilatado correndo pelo Rio asima mais de oitenta legoas, e vay confinar com o termo da nova villa de São Françisco do Sul do Cabrabo, e toda esta Ribeyra, em que estão as Freguezias de Nossa Senhora do Ó, São Pedro, Cabrabo, e duas mais que proximamente se erigirão, estão bastantemente povoadas, com varias povoaçoens, e innumeraveis fazendas, e sitios de criar gados vacuns, e cavallares.

68. A Freguezia de Santo Antonio da Manga, situada no certão confina com os Bispados do Pará, Marianna, e S. Paulo. Tem de comprimento mais de cento e trinta legoas, e de largura secenta. Os caudalosos rios, Corrente, Uurucujo, Paracatu e Abayte lhe facilitão o comercio por serem navegaes e limpos. Tem muitas ribeyras que a fazem fertil e deliciosa, comprehende no seu destrito as opulentas e dilatadas minas do Paracatu. Tem duas sumptuosas Igrejas Parochiaes, e muitas Igrejas, e capellas adornadas com magnificencia, e aceio. As povoaçoens de São Romão, Salgado, e Paracatu, podem competir com boas cidades; conta no seu termo trinta Engenhos de fazer açucar, e he habitada de mais de trinta mil pessoas. O parocho desta Freguezia, he Vigario Geral e Provisor independente do Geral do Bispado, e tem por destrito a dilatada comarca da Freguezia do Rio Grande do Sul, com o rendimento de mais de vinte mil crusados. Todo mais certão está repartido em muitas Freguezias todas populosas, com sumptuosas Matrizes, e capellas ricas, os seos Parochos são curas annuaes, e muitos com a dignidade de vigario da vara.

## CAPITULO 9º

### DESCRIPÇÃO DAS CIDADES DA PARAYBA E RIO GRANDE, E MAIS VILLAS E LUGARES DA PARTE DO NORTE

69. A cidade da Parayba tomou o nome do Rio que a banha, que concervou sempre esquecendose do nome de Felippea que lhe derão os nossos, tomado de Phelipe Rey de Espanha, e de Frederica que lhe puzerão os Olandezes, em contemplação de Friderico, Principe de Orange. He habitada de quase tres mil visinhos, com huã sumptuosa Igreja Mayor, Misericordia, sete Templos, conventos de São Bento,

São Francisco, Carmo, e Collegio da Companhia, que tem annexo hum magnifico Seminario, onde se dão Estudos de latim, e Filosofia, e nos conventos de São Francisco, e Carmo Filosofia, e Theologia. O parocho desta Freguesia he vigario da vara. e tem a freguesia mais de dez mil pessoas de confissão, por se estender o seu destrito fora da Cidade. No seu termo habitão mais de vinte mil pessoas, tem muitos Engenhos reaes, sumptuosos Templos, e ricas capellas. O Governador desta Capitania, he independente do Governador e Capitão General de Pernambuco.

70. A Cidade do Rio grande, tomou o nome do Rio sobre que está assentada, suposto não seja em si populosa, consta a Freguesia de coatro mil, e quinhentas almas de confissão, e tem seu termo mais de dez mil, com muitas fazendas de criar gados vacuns, e cavallares, e bons Engenhos de fazer assucar.

71. No anno de *1671* se descobrio grandissima Provincia do Piagui, que està em altura de dez graos ao Norte alem do Rio de São Francisco, no Continente de Pernambuco, e não muy distante do Maranhão. Tomou o nome de hum Rio assim chamado. He regada dos rios Caninde e Itaim, São Victor, Puti, Longazes, e Piracuruca, que todos por diversas partes concorrem a enriquecer o rio Parnaiba, que com elles opulento sae ao mar na costa do Maranhão. Hum dos primeiros que entrarão por aquellas dilatadas terras foy Domingos Afonço Certão, neste descobrimento se encontrou com Domingos Jorge, natural da Cidade de S. Paulo, que desejando novas conquistas sahira da sua Patria com numeroso troço de Indios domesticos a descobrir terras ainda não penetradas, e atravessando varias Regioens entrou nesta, e com Domingos Afonço proceguio a empreza, e cada hũ por sua parte conquistarão todo aquelle Paiz, cuja circunferẽcia comprehende grande numero de legoas. Em breve tempo se forão povoando de moradores em tanto excesso, que hoje se contão n'aquele grandissimo terreno, mais de seiscentas fazendas de gado, e cada hũa de larga extenção, e cria tanto, que para a Bahia vay muito, e delle se sustentão todos os Povos das Minas do Sul. Logra preeminencia de capitania, e hũa villa, que o Serenissimo Senhor Rey D. João V, mandou fundar pelo Doutor Vicente Leite Ripado, Ouvidor Geral do Maranhão no anno de 1718, com a invocação de Nossa Senhora da Victoria, e o titulo de Moxa, nome do sitio, em que está. Não cabendo no dominio de hũa so Provincia pela sua muita extenção, foi sugeita a Jurisdição de trez. No civel a Relação da Bahia, no Temporal ao Governo do Maranhão, e no Espiritual ao Bispado de Pernambuco, mas hoje está sugeita ao do Maranhão por desistencia que della fez o Exm.º Bispo D. Frey Jose Fialho attendẽdo a dificuldade, que havia pela sua muita distancia para ser governada pelos Prelados deste Bispado.

72. A villa do Aracaty fica ao Norte do Rio grande pela costa maritima, com bom porto, e grande comercio. A villa dos Aquiraz muito povoada, com hum Seminario, que governão os Padres da Companhia. Ao certão está a grande Villa do Icó, tendo estas villas dilatadas comarcas, muito povoadas, e opulentas. Os cariris novos, em que no anno de 1751 se descobrirão minas de ouro, prata, e pedras preciosas, he hum dilatado, e delicioso Paiz. Tem muitos Engenhos, aprasiveis campos, rendosas fasendas, e tudo quanto se pode desejar para a comodidade, regalo e conveniencia. A sua primeira povoação he dedicada ao Glorioso S. Jose. Vay em notavel augmento aquella capitania, e serà hũa das maīs ricas, e opulentas de todo Brazil.

73. A famosa villa de Igarassu a mais antiga de todo Brazil, sinco legoas ao Norte da cidade de Olinda, està situada em hũa moderada elevação. A sua Igreja Matriz he de excelente architectura, e tem preciosos ornamentos. Tem um maravilhoso convento, caza de noviciado dos Religiosos Franciscanos, e hum convento de Religiosas Ursulinas, Caza da Misericordia, e quatro fermosos Templos. Nesta Freguesia habitão quase sinco mil pessoas maiōres, e no seu termo maīs de nove mil. Tem desasete Engenhos, e boas cazas de campo, e deliciosas quintas, sitios, e fazendas.

74. A nobre villa de Igoyana, a quem deu nome o Rio, que a cerca, fica treze legoas de Olinda, e oito de Igarassu, tem mais de 600 vezinhos, he governada por hum Capitão Mor, Juiz Ordinario, o Ouvidor. O convento de Nossa Senhora do Carmo é magnifico. A Igreja Parochial, e a da Misericordia são sumptuosas, e quatro Templos muito asseados e ricos. Nesta freguezia são moradores quase dez mil pessoas de confissão. A villa de Tamaraca he hoje de seu termo, e as Freguezias de Tacoara, Tigicupapo, e Desterro com mais de vinte e quatro mil almas de confissão.

75. O ultimo termo do Governo, e bispado de Pernambuco pela costa he a Capitania do Siará. A villa da Fortaleza, he cabeça desta grande Provincia, onde asiste o capitão mor Governador. Tem Ouvidor Geral, Corregedor da Comarca, alguns Engenhos, e innumeraveīs fazendas de gado. He habitada de mais de trinta mil pessoas de confissão, e no seu termo se descobrirão no anno de 1755 varias terras que crião finissimo ouro.

## CAPITULO 10

### RELAÇÃO DAS ALDEAS POVOADAS DE INDIOS QUE ESTÃO SITUADAS NAS CAPITANIAS DE PERNAMBUCO

76. Aldea de Nossa Senhora da Escada na freguezia de Ipojuca. Aldea do Limoeyro, na freguezia de S. Antonio de Tracunhem. Aldea do de Arataguhy na freguezia de Tacuara. Aldea do Siry na freguezia de S. Lourenço de Tijucupapo. Aldea de Unna na freguezia do mesmo nome. Aldea de Santo Amaro nas Alagoas. Aldea da Gameleyra, no Palmar. Aldea do Uruca, nas Alagoas do Norte. No destricto do Rio de S. Francisco estão situadas as Aldeas de S. Braz, da Alagoa comprida, do Pão de açucar, da Alagoa da Serra, do Comunabi. Aldea do Ararobá, na freguezia do mesmo nome. Aldea dos Carnijos na Ribeira do Panema. Aldea do Macaco. na mesma Ribeira. No certão do Cabrobo, freguezia de N. Senhora da Conceição do Rodellas, estão situadas as povoaçoẽns seguintes. Aldea da Missão nova de S. Francisco do Brejo, na Ribeira do Pajau. Aldea de N. Nossa Senhora do O, na Ilha do Zorobabé. Aldea de N. Senhora de Belem, na Ilha do Acará. Aldea do Beato Seraphim, na Ilha da Vargea. Aldea de N. Senhora da Conceição, na Ilha do Gambu. Aldea de S. Francisco, na Ilha do Aracapá. Aldea de S. Felix, na Ilha do Cavallo. Aldea de Santo Antonio, na Ilha do Arapuá. Aldea de N. Senhora da Piedade na Ilha do Inhenhum. Aldea de N. Senhora do Pilar na Ilha dos Coropos. Aldea de N. Senhora dos Remedios, na Ilha do Pontal. Aldea do Senhor Santo Christo no Araripe. Aldea do Aricobe, no Rio grande do Sul.

77. As Aldeas da Capitania da Parayba, são as seguintes: Jacoca da invocação de N. Senhora da Conceição. Utinga, N. Senhora de Nazareth. Bahia da Treição, S. Miguel, Preguiça, N. Senhora dos Prazeres, Boavista, Santa Thereza, e Santo Antonio Tapicurema, Cariry, N. Senhora do Pilar, Campina grande, S. João, Brejo, N. Senhora da Conceição, Panaty, S. Jose, Corema, Nossa Senhora do Rosario, Pega e Ico.

78. Aldeas da Capitania do Rio grande do Norte. Guajaru, Apody, Mipibú, Guarairas, Gramacio. As do Ciarà são as Aldeas dos Tramambes, Cancaya, Parangaba, Panpina, Payaçú, no destrito da villa dos Aquiraz, Palma, na Ribeira de Quicherem mobim, Aldea Velha na Ribeira do Quichelou, Aldea do Miranda, Cariris novos; e Aldea da Serra da Ibiapaba na Ribeira do Acaracú.

79. Todas estas Aldeas estão povoadas de innumeraveis Indios de varias naçoens; muitas são povoaçoens bem ordenadas com suas ruas, e praças. As Igrejas sumptuosas, e bem ornadas. Tem cada hũa dellas Capitão mor com patente de Governador, e Capitão General, e divididos os moradores em companhias com seus capitaens, e mais officiaes. São régidas no Espiritual por clerigos, e por Religiosos, as que tocão as Religioens por custume são izentas do Ordinario. Algũas ha que os Missionarios governão o Espiritual, e Temporal, ficando os capitaens mores so com o nome, sem mais exercicio que fazer executar as ordens, que lhes dão os Padres Regentes da missão. Na Aldea da Ibiapaba tem em si coatro diversas naçoens, as principaes são a dos Taboyaras, e dos Topez, e desta he o Governador, Capitão mor, e Mestre de Campo, cavalheiros do Habito de São Tiago. He habitada esta Aldea de mais de dez mil pessoas, e a sua milicia consta de doze companhias, que se achão sempre promptas para tudo, que he do serviço de Deos, de ElRey, e do Estado; e a mesma promptidão se acha em todas as outras Aldeas, e naçoens.

## CAPITULO 11

### DESCRIPÇÃO DE HUM ENGENHO DE LAVRAR ASSUCAR

80. A officina do Assucar, chamada por Antonomasia Engenho, por ser espaçoso theatro da industria do humano Engenho, he hũa admiravel fabrica, onde se beneficião as marinhas do admiravel Sal, que com superior nobreza, a todos os saes da natureza não abate a sua generosidade, a conservar com Escabeches, e salmouras carnes, nem peixes, mas cõ nativo orgulho escumando, espera que da Região do ar, e das mais nobres plantas do campo se lhe entreguem as produçoẽns, que o seu fervor sabe sublimar, e exaltar ao ponto da perfeição inacessivel ao rigor da maior intemperança do anno. Extreminador dos corpusculos etherogeneos, e perito collector das partes homogeneas da mais pura substancia da cana. Ao primor do seu magisterio deve a Republica deliciosas utilidades.

81. Para se esta maravilhosa maquina, que requer arte, e grande despeza he necessario hum grande terreno de duas, trez, e mais legoas, e que sejão terras em que hajão as bondades, e comodos, sem os quaes não pode ter subsistencia. A primeira obra de que se trata, he fundar hum Açude, nome que se deriva do Arabico Zud, ou Cud, que quer dizer, Regador, ou do Hebraico Zub, que val o mesmo que Regar, e de Zub, ou Zoub, se formou Asubda, que he Engenho de

fazer correr agoa. Segundo esta Etymologia chamão os Castelhanos, Açuda, a hũa grande roda, com que dos rios caudâlosos se tira agoa para regar hortas. Em Portugal açude he obra de pedra e cal, muy escarpada para ter mão na parede que repreza as agoas de hũa levada, ou de hum rio, e divertilla para hũa azenha, ou outra utilidade. No Brazil Açude nos Rios, he obra de pedra e cal que corte o Rio, e reprezadas as agoas venhão direitas ao Engenho; na extremidade do Açude se fazem escovinhotes com duas portas, huã para que abrindo-se se solte a agoa, e moa o Engenho; outra, para que em tempos de mayor abundancia se dê sahida as agoas superfluas, e não arruine o Açude. Destas portas saem duas bicas, por hũa saem as agoas fora da roda, e pela outra que chamão caldeferir, vem a agoa, que se arroja sobre os cubos da roda. Não tem comprimento, ou largura determinada, he conforme a distancia em que fica o Rio. O Açude que he fundado em vertentes, he obra de pedra, e cal, em que se ajuntão estas agoas, e as da chuva, e pede mayor espaço para poder ajuntar suficientes agoas para todo tempo da moenda.

82. Da disposição do Açude tomam os Engenhos diversos nomes, por que suas agoas vem de alto, chamão Engenho Copeyro, se vem de menor altura Covilhete, ou meyo copeyro; e se correm baixas, rasteyro. Este pede mais agoa, que o covilhete, e este mais que o copeyro, por que açoutando neste a roda por sima, com pouca agoa circula o que não socede apanhando esta pela parte inferior, ou pelo meyo. O copeyro he o melhor por que rarissima vez sente faltas de agoas, cuja falta he de grande prejuizo, fazendose preciso, faltando aquellas, armar molinotes para moer com bestas, que he o mesmo que uzar duas diversas fabricas. As bicas por onde correm as agoas, ficam entre duas paredes, que vem das duas portas, onde estão os escovinhotes, e devem ser fortes, e grossas. Em correspondencia destas se formam outras de maior altura, tanto quanto baste para a roda circular, andando esta preza em quatro aspas de páo o mais forte, nas quaes com cavilhas grandes se prende a roda grande; e as aspas em hum serrilho com grandes cunhas, sendo as cabeças do serrilho argolladas, e ferradas com dous aguilhoẽs de ferro, que assentão sobre dous metaes de bronze, que muitos fazem de sicupira, abrindo se de goiva tanto quanto caiba o aguilhão, para nelle circularem os metaes, pela conveniencia de aquecerem menos, e carecerem de menos tempo para esfriarem os aguilhoens por que estes em secando com o impetuoso movimento, pegão fogo, e podem alluir de sorte que venha abaixo a roda, com notavel ruina da fabrica. Para atalhar este dano, poem-se nas costas da roda canas, e folhas, que recebem as gotas de agoa que sacode com seu movimento a roda e as vão distillando em

hum taboleiro grande, e deste correm por duas biquinhas, que despejão sobre os aguilhoens do serrilho, para que estejão sempre frios, e se não possa introduzir o fogo. Estes dous aguilhoens carregão sobre dous chaproens de pão, que tem de grossura hum palmo, e chamão mezas de guarnição, cujas menzas assentão sobre os paredoẽs do caboco, pelos quaes vem as agoas com que move o Engenho. A roda grande he conforme a ferida com qué moe o Engenho, mas sempre deve ter cem palmos de circunferencia, pouco mais, ou menos, e se faz de paus amarellos, ou de pau arco com oito pessas de cada banda, que com boas escorias, e bem juntas se segurão com pregos palmares, e cavilhas de ferro, e se juntão os dous aros, presos nas aspas, de sorte que pelo meyo dellas vão os cubos que se ferrão por dentro desta roda com cocoeyras de amarello, e depois se brea tudo em forma, que se não aparte a agoa dos cubos, quando açouta nelles, para que assim faça mayor imprenção, e moa melhor, e com mais violencia. Na junta do serrilho da parte da moenda está outra roda, a que chamão rodete, pregado somente com quatro aspas, e estas bem seguras no serrilho. Esta roda tem de circunferencia a terceira parte da que tem a roda grande, nella estão gravados dentes de páo do comprimeno de hum palmo, e devem ser a terceira parte dos que tem a outra roda, chamada Bolandeyra, que é do mesmo tamanho da roda de agoa; moe a Bolandeira deitada, e tem os dentes pela parte inferior com o que prende os dentes do rodete, de sorte que dando o rodete, e roda de agoa trez voltas, dá a Bolandeyra huma somente. Esta se segura em quatro aspas mayores, e quatro menores, em cujas pontas com cavilhas se prende a Bolandeyra, e as aspas atravessão a emenda que, vem do Eixo do meyo, na qual se imprensa. Circulandose com argollas de ferro, vay o Eixo asima prender com o aguilhão de ferro, gravado na cabeça, e este em hum metal de bronze, que se sustenta em hum chaprão groço, a que chamão = Porca, que descança em dous Tirantes de seis palmos para dar lugar a Bolandeyra a que circule. Os Tirantes descanção sobre quatro esteyos grossos, e fortes. O Eixo da parte inferior é ferrado com outro aguilhão de ferro, e argolado seguramente na cabeça. O aguilhão està sobre huma carapuça calçada de aço, e esta açouta sobre um dado de ferro calçado de aço que chamão = Mancal. Desta sorte circula o Eixo tendo em si gravados nove dentes de páo santo, estes atrochão em outros tantos de cada hum dos dous Eixos pequenos que não passão da altura onde se emenda o Eixo grande, os dous Eixos pequenos são varados pelo meyo de parte a parte com aguilhoens de ferro, e argolados nas cabeças de sorte que se não abrão. Estes tres eixos se vestem com sinco argolagens de ferro pelas quaes passa a cana quando se moe;

ditos tres Eixos assentão em huma groça trave a que chamão = Ponte, e esta assenta em duas traves chamadas = Dormentes, e estes assentão em quatro traves de grande groçura, a que chamão = Virgens, estas se enterrão no chão gateados na parte inferior, e na superior com gatos de secupira, que tem dous palmos de largura, e hum de grossura. Na parte de sima dos gatos se metem metaes de bronze, nos quaes assentão as pontas dos aguilhoens dos Eixos pequenos para que se não apartem com o aperto quando se moem. Debaixo deste ponte tem huma caixa grande, feita de taboas largas, onde cae o caldo da cana, e cobre esta com huma taboa cheya de furos, que servem para por elles se coar o caldo que passa para a caixa. Sobre os ditos Eixos se prendem pela parte inferior com humas xumaceyras de páo, nas quaes da parte dos Eixos se metem dous metaes de bronze, em quaes assentão os aguilhoens dos Eixos para que com o grande aperto que levão, com o espremer das canas, não se movão. De hum a outro se poem taboas couvas por onde corre o caldo para esfriar os aguilhoens, de forma que sempre estão humidos, no que deve haver muito cuidado, para que não cheguem a secar o que socedendo pega fogo, e cae o Eixo com dano dos Escravos que trabalhão.

83. Para esta grande fabrica he necessaria huma casa que tenha ao menos cem palmos em quadra; destes sessenta são para circular a Bolandeyra, e os quarenta para se recolherem as canas. Contigua está outra caza da mesma grandeza, chamada das caldeyras, onde se assentão em proporção pelo comprimento da caza quatro caldeyras, e oito taixas, ficando outra parte para se assentarem as formas. Cada caldeyra de vinte e sinco athe quarenta arrobas de cobre. A fornalha he feita de tijolo com altura, que fiquem as caldeyras levantadas do chão tres palmos e meyo, para dar lugar a lenha. Tem mais duas fornalhas para as oito taixas, que devem ter vinte palmos em roda; na que he de receber tem tres palmos de fundo; na do caixão dous e meyo, na da porta dous, e na de cozer palmo e meyo, para melhor conservar o mel, e não se queimar, e todas ficão em altura de sete palmos e meyo, ou oito do ladrilho onde se queima a lenha, para que no mayor vacuo lavre melhor o fogo, que não tendo esta largueza, coze pouco, e dá pouco aviamento, e menos expedição a moenda. Para o Engenho moer, abresse a porta da agoa, e solta vem dar sobre os cubos da roda, e a faz circular, e ao rodete, este entroxando na Bolandeyra a faz circular tambem, o Eixo do meyo puxando pelos dous dos lados, andão em compencia igual, recebem a cana, e a expremem, e da parte contraria se metem outra vez nos Eixos de sorte que passam trez vezes para bem largarem o sumo. O caldo exprimido cae na caixa, e della passa por huma bica para hú parol de cobre, e delle se guinda

aquelle caldo para ir por bicas a casa de caldeyras, e nellas se vay alimpando com huma escumadeyra de cobre botandose agoa no caldo da cana com um reminhol de cobre para faser abater a fervura, e com decoada feita de cinza se alimpa. As escumas se deitão em hum coche de madeira, que está metido na terra ao pe das caldeyras, em falta de parol de cobre, e limpo o caldo se passa para huma vasilha de cobre, chamada Pomba, em hum coche grande feito de madeyra, que fica de alto, e delle se côa para outro mais pequeno por hum pano ralo. A este caldo chamão melado, o qual se deita em huma das quatro taixas que chamão de receber, e depois se reparte pelas outras chamadas de bater, desta passa para huma bacia grande de arrefecer, depois de se lhe ter dado o ponto necessario; e com huma repartideira se passa para as formas, que são feitas de barro abertas com hum furo na parte inferior, e os furos se fechão com rolhas para não derramar o mel, e ahi he mexido com huma Espatula de pao, e tanto que esfria, coalha. Estando o assucar coalhado nas formas, e ja frio, carregão cada huma dous pretos para a caza de purgar. Esta caza he muito espaçosa, para poder recolher grande numero de formas e dar lugar para os tanques em que vay parar o mel, que corre das formas: nella se fasem os andaimes assoalhados de taboado furado, e nas abertas se assentam as formas, tendo por baixo taboas couvas, que chamão correntes, e tiradas as rolhas, cae nellas o mel e d'ahy corre para os tanques. Depois de escorridas as formas, do mel, que nellas não chegou a coalhar, aparece o assucar seco, este se abate com macetes, e se lhe deita em sima barro branco bem amaçado em polme ralo, e se lhe vay deitando tambem agoa em sima do barro, mechendo este com a mão, para que faça o barro, goma, e com a humidade vay branquando o assucar. Estando com o barro oito dias, cada dia se lhe deyta meyo quartilho /que he meya canada de Portugal/ de agoa por duas vezes pela menhãa, e pela tarde. Passados oito dias se faz a mesma deligencia, e em outro tanto tempo se deixa correr o mel superfluo, e passados quarenta dias tirão o açucar em paẽs de forma piramidal, de tres, quatro, e sinco arrobas, deixando no fundo em menos quantidade o mascavado, que separão do branco, fasendo-o partil ao sol, e depois de seco accomodar nas caixas.

84. Para sustentar esta importante fabrica, são necessarios em cada cadeyra dous pretos, hum para meter lenha, outro para alimpar. Para as taixas carece tambem de dous cada huma, hum que trabalha no mel, outro no fogo. Os Escravos que trabalhão na casa do Engenho, e de caldeyras se mudão a meya noite, e so tem descanço nos dias de perceyto. Para o meneo de toda fabrica são necessarios sessenta Escravos, sessenta Boys mansos. Em huma safra de mil, e quinhentos

paẽs de açucar gastão-se tres mil carros de lenha, levando cada carro mais de sincoenta arrobas de pezo. Para trazer esta lenha do mato ao Engenho são necesarios seis carros, e seis carreyros, e oito escravos para cortar, e carregar. Todos os annos faz grande despeza com carpinteyros, ferreyros, Pedreyros, e caldereyros, ferro, cobre, cebo, e azeite, decoadas, e madeyras; o Mestre do Açucar ganha todos os dias seiscentos e quarenta reis, e o Banqueyro tresentos e vinte reis. Todos os Engenhos tem capella, e muitos sumptuosas Igrejas, com patrimonio nos mesmos Engenhos, que fiserão seos primeyros fundadores. Ao P.e Capellão paga o Senhor de Engenho sessenta arrobas de açucar branco, e se lhe faz outras conveniencias para administrar os sacramentos aos vezinhos.

85. Ha outros Engenhos, que não são de agoa, e são de bestas, a que chamão Molinotes, em parte tem diversa forma, porque no eixo do meyo não tem roda Bolandeyra, nem as mais, e tem humas traves cravadas no dito Eixo, que chamão aspas, e nas pontas se pregão outras traves, que vem quaze ao chão, ficando em cruz, quatro em que se fazem assentos para as pessoas que tangem as Bestas, pondo se em ajojo duas em cada parte, com correntes de ferro, e coiro cru, que prendem a trave chamada almanjarra, e para circular carece de oito Bestas, que andão em hum continuado gyro, e se mudão de tres em tres horas. Para estes Engenhos de Bestas, são necessarios quatro Escravos mais que os de agoa, que servem para tanger as bestas, e tem como os mais sua muda. Suposto temos declarado os Escravos precisos para a fabrica do Engenho, muitos tem ate duzentos, e todos são necessarios, se os Senhores do Engenho não tem Lavradores (ou os não admittem) e plantão canas de que so pagão disimo a Deos. Em outro tempo moião tambem com Boys. So a grande falta de Bestas obriga a servirem-se delles, pelo tardo com que circula a moenda, por terem o passo, ou galope mais vagaroso, que sendo mais rapido, e violento da mais expedição a moagem. Trata-se de húa nova fabrica que será de curço mais veloz e de menor despeza.

## CAPITULO 12

### CONTINUA A MESMA MATERIA

86. Ao açucar chamão os Arabes, e os Persianos, Succar, os Turcos = Scheker; no seu Periplo, ou navegação do mar Erythreo, diz Arriano, que os Gregos lhe chamarão = Sacchari, com todos estes nomes tem Analogia Açucar. Na setima parte do seu primeiro clima

escreve Aredrissi, Autor Arabe, que nas Ilhas de Ranug na India as canas de Açucar são negras. Querem alguns que o Açucar fosse conhecido dos antigos, fundados nas observaçoens de Schrodero, que na sua Pharmacopeia quer que Galeno, Paulo Egineta, Plinio, Avicena, e outros fação menção delle com o nome de Mel in cannis concretum, Sal Indicus, Sal ex India advectus etc. De sorte que querem (fundados nas observaçoẽns deste Autor) que antes que fosse descuberta a America, vinha o Açucar não so da India, mas de outros lugares da Azia, e de Africa, e nascia e se fazia em alguãs partes da Europa. Contra estas observaçoens esta a Esperiencia com que vemos que em nenhũa dessas partes se fabrica hoje Açucar, o que não socederia se em outros tempos o fizessem Nem as palavras de se vale aquelle Autor se entendem precisamente de Açucar feito de canas, semelhante ao nosso, pois seria do que se extrahisse de outras plantas como ainda obrão os Quimicos, e servem para varias composiçoens Medicas, ou certo orvalho congelado a modo de orvalho. Ou tambem fallarão no açucar, que se forma do mel de Abelhas com que por muitos seculos se conservarão as frutas, e temperarão os regalos, que introduzio a gula, e a delicia.

87. Gorgoris Lusitano, o descobrio, dando por acaso com hum panal, em que as Abelhas fabricavão o mel. Com este bocado tentou de sorte aos Lusitanos, que o aclamarão seu Rey, sendo que nenhũ modo querião consentir ouvesse entre elles, quem com podestade real os governasse, mas tendo o descobrimento por cousa muito grande a pagarão com huma coroa. Por esta cauza foy o industrioso Gorgoris adorado dos Portuguezes, e depois dos Valencianos, ate que Reynou em toda Espanha com o nome de Melicula, por que havia sido o inventor do mel entre os Espanhoes. O mel Athico, ou Hibleo /de Abelhas/ era o encarecimento dos Antigos, e o Nectar, e Ambrozia tão celebrada dos Poetas. Cahiu da extimação que logrou por largos annos o mel de Abelhas, e composiçoens feitas com elle depois que os nossos entrodusirão o açucar, que igualão o lucro importantissimo da mesma prata das minas do Peru. Aos doces de que usavão os Antigos chamarão os Latinos: Placentæ, scriblitæ, Crustulæ, Lucunculi, Hami, Lacertuli, spicæ, globuli, Enchyta, Circuli, Liba, etc. Sendo todos os seos doces de massa a maneyra das argolas, cavacas, Bolos, Biscoutos, e outras golodices que se fasião com mel, e farinha, e não com açucar de canas, por que o não ouve senão depois que na America se descobrirão as doces canas, e se inventarão os maravilhosos Engenhos.

88. Por antipathia de temperamento, por melindre, e nimio cuidado da saude, por miseria para poupar despesas, ou por não haver cousa boa de que se não diga algum mal, tem alguns por certissimo

o Aphorismo da Escola Medica que diz: Todo doce se converte em colera. He maxima geralmente recebida; Todo doce fomenta, e propaga lombrigas. Crem a Miradella quando affirma ser o açucar quente, e corrosivo; a Mourrava que lhe supoem acidos agudos, que o faz danoso em queixas de fluxionarias; a Franco, e Fonceca quando querem que o humor bilioso /ou como vulgarmente dizem, humor colerico/ se augmenta com a comida de doces. Não há duvida que o humor bilioso quando excede, he nocivo a saude, mas quẽ nos pode segurar, que o açucar se converta em colera, torne o sangue salsiginoso, e se faça acto para excitar esses males, e infirmidades? Não ha alimento por excellente, e necessario que seja, que tomado com exceço não cause dano, ainda tomado com moderação, na sua propria natureza sempre tem algũa calidade peccante, que necessita de correctivo, e que com o tempo poderia perjudicar a quem o tomasse quotidianamente, com a moderação, e outros correctivos se evita este inconveniente. Boehmero, e outros mais Autores Medicos descobrirão no açucar singular virtude para as toces rebeldes, e ferinas, para as queixas do peito, para mitigar a acrimonia das lymphas, para as dores de colica, para as chagas canceradas, para as nevoas dos olhos, e para outras muitas infermidades, de maneyra que rarissimo medicamento se prepara sem a companhia do Açucar. Francisco Redi Florentino com repetidas experiencias descobrio que morrem as lombrigas postas em mel, ou açucar. O insigne medico Boer'have segue o mesmo em seu tratado de Materia Medica. He excellente perservativo, o que bem se exprimenta em todas as frutas, que as perserva de toda a corrupção. No seu livro intitulado, villa, para a conservação de muita casta de pomos, propoem João Baptista Porta muitos modos, tomados a mayor parte do Medico Apuleio Celso, mas todos para poucos mezes, e pouco certos; mas essa virtude sem alguma duvida se acha no açucar que a todos os pomos conserva sem corrupção, com verdadeira perservação toda fruta adquire com o açucar novo ser, dilata a duração, e com preciosa existencia se conserva.

89. Será assim que a continuada, e demasiada comida de doces augmenta o humor colerico, mas a experiencia nos mostra que pessoas muito amigas de doces são flegmaticas; e talvez q̃ da abundancia deste humor proceda aquella preguiça que a tantos reduz a hum mizeravel estado. He o humor fleumatico, ou Pituita, aquelle humor que predominando no homem, o faz em tudo vagaroso, descançado, tardo, sonolento, e preguiçoso. Assim o definem os Philosofos. Horacio Flaco lhe chamou humor descançado, e lento. Aristoteles diz, que os sugeitos em quem abunda este humor saõ os mais tardos em obrar, e discorrer. Muito certamente predomina este humor em muitos homens do Brazil.

Passão muitos a vida, com huma mão sobre a outra, e nascendo o homem para o trabalho, elles so querem descanço. Ha alguns que num dia inteiro não dão hum so passo. Gostão estes do que aborrecia David, e tem por merce o de que David se queixava. Duas couzas neste mundo amão os homens sobre tudo, honrra, e fasenda, estes são os dous Idolos mais adorados, e que mais levão apos si as affeiçoens dos homens, e com a sua preguiça nem honrra nem fasenda adquirem, e perdem a que de antes tinhão. A mão remissa, e fleumatica o que obra no que obra, he muita pobreza; porque ahy ha obrar de dous modos, ha obrar fasendo, e ha obrar desfasendo, ha obrar edificando, e ha obrar derrubando o edificio. A mão destes preguiçosos não obra fazendo, obra desfazendo, o que achou feito pelos seos maiores; não obra edificando a caza, obra lançando por terra a que fizerão seos Pays; e maos que assim obrão, que hão de obrar, senão em lugar de adquirir a fasenda perder, e empobrecer a casa. Quem quer semear nada, e depois colher muito, saiba que desde Adão athe hoje ninguem o vio. O mesmo Adão o que suava, isso era o que comia, e não deixou cá outros morgados a seos filhos, senão para comerem, suarem. O castigo destes Fleumaticos, he não comerem, mas a abundancia do nosso Paiz os livra desta pena; por que todos comem, ainda que não trabalhem, mas ja que nunca lhes falte o pão, padessem outras faltas a que irremediavelmente os leva a sua perguiça.

90. Ao Idolo da honrra adorou o primeiro homem, e foi lançado do melhor lugar, para o posto mais abaixo. A muita Fleuma, e preguiça de Adão, foi castigo do que perdeo, quiz o posto que desejava, pelo caminho por onde se perde; cahio porque sem cançasso, nem estudo quiz saber tudo; e quem sem trabalho, quer adquirir honrras, as perde; mas como Deos tinha decretado tornar a levantar Adão, o manda trabalhar, para se levantar. E sendo esta verdade irrefragavel, he para rir, ou chorar, ver a muitos que sem sahirem dos ninhos, querem voar, occupar postos, e conseguir honrras. Não decreta Deos para tanta fleuma grandes lugares; as honrras merecemnas os trabalhos, não o descanço; o negocio, não a preguiça; os suores, e não a Fleuma. A náo que lançou á Anchora não quiz viagem, a que trinca a amarra, e larga as vellas ao vento, essa he a que navega, e voa. E se a Fleuma he hum humor de tão pestilentes qualidades, e que de tal sorte entorpece os homens, que os faz ineptos não so para a gloria das empresas publicas, mas tambem para as pertençoens particulares, e se he arruina do que mais se ama, athe dar com o Fleumatico, em lugar da honrra, na mayor deshonrra, em lugar da riqueza, no lugar da mizeria, que humor pode haver peor que este? E se tal humor se augmenta, e altera com a muita comida de doces, com rasão

deve ser condenado, e aconcelhada a parcimonia para que sejão menos os preguiçosos, e não sintamos tantas ruinas, que cauza o pestilente humor fleumatico.

## CAPITULO 13

REPROVA-SE A SEVERA E INJUSTA SENTENÇA QUE CONDEMNA POR CULPA GRAVE TRABALHAR NOS DOMINGOS, E FESTAS DE GUARDA NA FABRICA DO ASSUCAR, CONFORME O ESTILLO DO BRAZIL

91. He a calumnia sobre este assumpto, hũa terrivel bombarda, que com seu estampido faz palpitar o coração mais animoso; mas faltando lhe (como lhe falta) a balla da culpa, todo o estrondo se desvanece em fumo. Que exclamaçoens não ouvimos sobre esta materia, que hyperboles não gastão certos censores de alheos custumes, com capa de zelo, e ar de Magisterio, em exagerar esta maldade, estendendo sem exceição este nublado a todos os senhores de Engenhos, lavradores de canas, e officiaes de assucar.

92. Ensinão que gravemente peccão todos os que trabalhão ou mandão trabalhar por seos escravos em Domingos, e festas na factura do assucar, por ser o trabalho servil prohibido pelo terceiro preceito do Decalogo, em o qual se nos manda santificar as festas, e guardar os sabbados, os quaes mudou a Igreja para os Domingos. Dizem, que a Constituição do Bispado L. 2, Tit. 13, n.º 378 determina penas aos transgressores desta ley, e só permitte trabalhar em taes dias nos Engenhos em algũa necessidade precisa, como offerecer se algũa cana queimada, ou em tal estado, que provavelmente se perderia com a dilação, ou outra semelhante necessidade, pedindo primeiro licença ao superior. Concluem que os senhores de Engenho, lavradores de canas, e officiaes de assucar, ajuntando aos peccados cometidos, novos peccados com detestavel abuzo, e escandalosa publicidade mandão lançar a moer os Engenhos e se occupão em obras servis nos Domingos, e Dias santos, sem necessidade, que as precise, e sem licença que as desculpe. Com o que não guardão a ley Divina, desprezão a Ecclesiastica, causão notavel escandalo, e peccão gravissimamente.

93. Sendo doutrina certa por ser fundada na ley Divina, e Ecclesiastica; a conclusão he falça, injuriosa, e temeraria. Para que não succeda que hũa tão severa, e unniversal sentença produza em almas fracas aquella inquietação de espirito, que he nascida do amor proprio dos que com medo servil temem o rigor da Divina Justiça; e conciderando a impossibilidade de observar este preceyto sempre estarão em

receyo da eterna condenação, he conveniente não hajão duvidas em materias de conciencia. Talvez pode acontecer que muytas obrem com conciencia duvidosa, ou que na estreita campanha de conciencias timoratas dem com os escrupulos, que fomentão grandes batalhas, e fique duvidosa a alma entre peccado, e não peccado como se estivera pendente entre o Ceo, e o inferno.

94. Em atenção ao socego das conciencias me concidero obrigado a correger como nociva a nimia satisfação com que alguns condemnão a vulto por culpa grave o trabalho dos Engenhos em dias de preceito. Para resolver este caso devemos suppor como couza certa, que a moagem dos Engenhos depende principalmente do tempo de verão, por que entrando o inverso com as suas chuvas ou pejão os Engenhos, e ficão as canas no campo, ou esssas canas faltão com o rendimento, por ficarem aquosas, e insulsas, por que de maduras as torna verdes, ou verdosas, rasão por onde se sente claramente a falta do rendimento. Tambem com o inverno se impossibilita a condução das canas para os Engenhos, por causa das muytas lamas, em que se atolão os carros, e se consomem os animaes pelas enchentes dos rios, e ribeyras, de cuja vezinhança resulta a impossibilidade, ou quase impossibilidade, da mesma condução. Pelo que entrando as chuvas, ou se deixão de moer as canas, ou no caso, que se moão, e sejão condusidas para os Engenhos, sempre se sente notavel diminuição no seu rendimento; por que como se tem observado faz, ou desfaz a chuva na cana, de sorte que de madura, a poem verde, ou em peyor estado; e a razão he, porque como esta planta he mimosa, e sucosa, pois he a Arvore do assucar, assim como a este o liquida, e desfaz a agoa, redusindo-o de pedra, em que o poz o artificio, e industria humana, a mesma agoa, ou licor aqueo, de que principiou; assim tambem a cana depois de madura, e endurecida com o calor do sol, a desfaz a agoa, e chuva que lhe sobrevem depois de madura; pois cahindo-lhe esta nas pontas, e extremidades superiores, que chamamos olho, corre com toda a doçura, e assucar, que ha na cana, e o leva as raizes de donde principiou, ficando a cana insulsa, insipida, e sem substancia. Desta cauza procede que canas de hũa mesma planta moidas no verão, dão com hum, ou dous carros hũa forma de tres ou quatro arrobas; e moidas pelo inverno para se fazer hũa forma, que sempre tem diminuição no pezo, he necessario quatro, sinco, seis e mais carros de cana. Isto he emquanto a quantidade, que no que respeita a qualidade do assucar, se exprimenta, que aquelle que he fabricado no Inverno fica na bondade inferior aquelle, que he fabricado no verão; por que assim como o sol com seu calor tem virtude para o secar, e endurecer, assim tem a chuva, e frio virtude para o humedecer,

e disconglutinar; e he certo que quanto mais seca, e conglutinada aquella materia, mais sahida tem, e melhor preço.

95. Nem se diga que tambem alguns assucares fabricados em tempo de sol, e pelo verão saem de inferior bondade; porque se responde, que se esses taes em tempo conveniente saem de ruim qualidade, sendo fabricados em tempo de Inverno, ou serão muito mais inferiores, ou não farão assucar, por que irão as correntes, pelo modo de fallar dos officiaes desta fabrica; quando depois de cosido o mel das canas, e lançado dentro das formas, o tratão de purgar, para que lançando pelo fundo as viscosidades, fique o assucar limpo, e puro; e quando o procurão limpo, achão limpa a forma, porque tudo, e todo se sahio pelo fundo, pela fraqueza da materia que se não pode suster para serẽ purgadas suas vescosidades.

96. Por este principio, e necessidade de que se não perca esta colheita, e se aproveite esta seara, que não pode sofrer dilação para outro tempo; se mostra claramente não ser culpa mortal trabalharem nos Domingos e dias santos os officiaes de assucar, e escravos dos senhores de Engenhos no Estado do Brazil. E esta opinião que levo, me parece que não fica comprehendida na proposição 52 condemnada pelo Santissimo Padre Innocencio undecimo: mas antes he fundada na doutrina que levão os Theologos Moralistas, que escreverão depois: por quanto húa das cauzas, que admittem para se poder trabalhar em semelhantes dias, he a necessidade; ou seja commua, ou particular; propria, ou alhea; como se pode ver em Castro palao, 2. part. punct. 10. Felix Potest. de 3 præcept. Decal. pag. 194, n.º 2027 e outros commumente. E alem desta necessidade ha outras varias cauzas pelas quaes se excusão de peccado mortal os que trabalhão em taes dias, como são, o custume, a utilidade, temor de perder grande lucro, e outras semelhantes das que apontão os Doutores, as quaes todas, ou quase todas se achão juntas, e unidas no nosso caso.

97. Primeiramente se vê a necessidade, que ha de se trabalhar nos sobreditos dias pela razão já apontada de se não perder a colheita por causa da chuva, que a destroe, e que por isso no tempo de semear, e colher se pode trabalhar nos taes dias sem nota de culpa grave; ensina Felix Potest. in 3. præcept. Decal. pag. 194. nº 2028, e o mesmo ensinão Suares, tom. 2. de Relig. Lib. 2. de festis, Cap. 21. nº 4. Bonacin. disput. 5, de tertio Decal. præcept. quæst. unica, part. 3, nº 9. Azor, 2. part. lib. 1, cap. 27, quæst. 2. Fagund. lib. 1, de quinq. Ecclesiæ præcept. cap. 14, nº 11. E ainda que estes referidos Autores ultimos dizem, que saltem cum dispensatione, esta no nosso cazo se deve suppor pelo custume legitimo tempore præscripta et à Pastoribus Ecclesiæ tolerata, pois havendo nestas partes Parochos, e Bispos tão

doutos nũca ate hoje prohibirão semelhante trabalho. Nem contra a constituição do Bispado vão os que assim trabalhão, antes se conformão com a sua disposição, pois sendo de que somente em necessidade urgente possão trabalhar para aproveitarem os seos frutos, isso he o que fazem os que trabalhão nos Engenhos, donde he manifesta a necessidade, que os obriga. E he bem verdade que este custume assim tolerado pelos Pastores da Igreja, he por atenderem a necessidade que ha, e por saberem que o tal trabalho naquelles dias não he feito por despreso do preceito, por quanto podem se querem accomodar com o preceito, ficando livres as festas principaes do anno, como sao o Natal do Senhor, e suas outavas; a festa da Epiphania, da Paschoa, da Ascenção, e do Pentecostes, em as quaes pejão os Engenhos, e se abstem de todo trabalho, e ainda em qualquer Domingo, ou dia Santo se abstem muitas horas no trabalho; se bem que este não pode cessar ao mesmo tempo em todos; porque ainda que cesse o trabalho em huns, não pode cessar em outros, por ser o trabalho dos Engenhos muy gravoso e pesado. Declaremos melhor este trabalho.

98. Obriga o preceyto de não trabalhar nos dias prohibidos pelo Decalogo, e pela Igreja desde a meia noyte do Sabbado, ate a meya noite do Domingo, incluindo-se aqui o dia prohibido. No sabbado antecedente ao Domingo, que he dia prohibido, para o Engenho do trabalho de moer das trez para as quatro horas da tarde, e assim cessa o trabalho de moer as canas ate o outro dia as mesmas horas pouco mais, ou menos. E já aqui temos este tempo livre, e sem trabalharem estes, parte ou grande parte do Domingo: mas por não deixar de aproveitar as canas, e ficar a safra para o Inverno, custumão aquelle tempo, que vay do Domingo a tarde ate a meya noite a trabalharem na moenda, ou moagem das canas. Isto se passa na caza do Engenho, que na caza de caldeiras, que he aonde se cose o caldo das canas passa de outra sorte, porque ao tempo, que descança o Engenho, e os que nelle trabalhão, então he preciso trabalharem na caza de caldeiras, o Mestre de Assucar Banquẽiro, e mais officiaes, e pessoas para isso precisas, por que como das canas moidas no Engenho, corre o caldo para a caza de caldeiras necessariamente se deve este logo cozer, e aproveitar com todo cuidado, deligencia, e desvello para se faser o assucar ou disposição para elle; nem pode este retardar se para o outro dia, nem ainda para a tarde do mesmo, por não azedar o caldo em sy, ou cauzar azedume nos paroes, em que esta; por que he tão melindrozo, que creando algum azedume, não só não faz assucar, mas nem ainda, muytas vezes chega a coalhar o mel ficando de todo perdida hũa tarefa inteira, e as vezes, o que he mais, pelo azedume, que cria nos paroes deita a perder toda hũa safra, que he o trabalho de todo hum anno, entre

tantos intereçados, que lamentão em taes successos sua desgraça. Assim para os sobreditos officiaes acodirem a evitar qualquer damno, ficão cozendo o caldo desde a hora, que peja, ou pára o Engenho ate o Domingo pelas nove horas da menhãa pouco mais ou menos; e então deixado o trabalho ate as sete, ou oito da noite descanção, e vão depois continuar na sua officina, por quanto já o Engenho tem lançado de si caldo para a caza de caldeiras; e aqui temos como em parte guardão huns algũa parte do Domingo, e dia Santo, outros outra; o que basta para mostrar que não trabalhão por despreso do preceito, se não pela necessidade, que dizemos, por que se por desprezo o fizessem, não haveria dia Santo, ou Domingo algum, que logo a vespora não pejassem, ou parassem os Engenhos.

99. O mesmo acontece aos lavradores de cana emquanto ao trabalho do dia Santo, porque como estes hão de moer as suas tarefas he necessario aquelle a quem pertence na segunda feira prover o Engenho de canas, e mandallas carrear para o picadeiro, onde se ellas lanção para estarem promptas, e não fazerem falta a moenda, ou moagem; e para estar previnido a tempo, he necessario, que aquelle a quem toca a tarefa uze do trabalho de escravos, e carros, e do mais conducente para aquelle ministerio; e assim se vão alternando, e succedendo huns a outros, de sorte que guardando huns Domingos, não guardão outros por respeito de aproveitarem com tempo a sua seara, antes que as chuvas, ou o tempo de pouco rendimento, por que se tem observado, que as canas moidas, e beneficiadas ate o Natal, tem melhor rendimento, do que aquellas que se moem de Janeiro exclusive, por diante: e assim concluimos, que nenhum por desprezo deixa de observar o santo, e Divino preceyto, e que cessando nos taes dias o penoso trabalho na mayor parte do dia em huns, não pode cessar em outros, ou em todos. O que supposto devemos sentar na nossa conclusão principal, que a necessidade que ha, com o costume inveterado, e outras circunstancias, o que tudo se não aparta muyto da mesma necessidade, exclue de peccado mortal aos que assim trabalhão nos sobreditos dias em a fabrica do Assucar. Esta necessidade de se não perder a safra por se não moer a cana, e trabalhar nos Engenhos em tempo conveniente se pode provar com todas aquellas razoens, e fundamentos, que dão, e tem os Theologos Moralistas em cazos semelhantes. Pois admittem estes que sendo prohibida a pescaria de rede em os dias prohibidos pela Ley, e pela Igreja, comtudo excusão de peccado mortal a aquelles que pescão os Atuns, e outros generos de peixes semelhantes, que so custuma apparecer naquellas partes em certo tempo determinado do anno, e passado dito tempo desaparecem. E a rasão que dão he, porque o deixar de pescar taes peixes naquelles

dias ainda que prohibidos, reputa-se por hum grave damno, e que por isso a dita pescaria he concedida por direito no capitulo Licet de feriis, exceptuando somente a pescaria nas mayores festividades do anno, convem saber, no Natal do Senhor, na festa de Epifania, da Paschoa, da Ascenção, e do Pentecostes. Assim o ensina Navarro dist. cap. 13, n.º 9. Fagundes Lib. 1. Cap. 14. n. 13. Bonacina disput. 5. de tertio Decal. præcept. quæst. unic. part. 3. n.º 15. Azor. 2. de instit. moral. Lib. 1. Cap. 18 quæst. 11, e veja-se a Diana neste ponto nas suas resoluçoens moraes, Resol. 34, pag. 230. E Castro pal. part. 2, punct. 10, pag. 99, e outros. Logo tambem pela mesma razão o deixar de trabalhar no assucar no verão causaria hum notavel damno, por serem as chuvas muito nocivas ao rendimento da dita lavoura, e assim deve favorecer o mesmo capitulo de direito Licet de feriis; com tanto que cesse o dito trabalho de assucar nas festividades do Natal, da Epifania, da Paschoa, Ascenção, e Pentecostes; e parece que esta he a genuina mente dos Doutores neste ponto, por que alguns com Bonacina no lugar ja citado estendem a sobredita doutrina da pescaria dos Atuns, e semelhantes peixes em os taes dias a outro qualquer trabalho necessario, para que se não perca algum lucro grave, por se reputar a dita perda por hum grave damno, e que conseguintemente ha urgente necessidade do dito trabalho. E supposto que Castro pal. loc. cit. se não accomode com a extenção a outro qualquer trabalho sem que se alcance licença do Prelado para o dito trabalho, no nosso cazo se presume já concedida, e alcançada pelo custume legitimo tempore præscriptam, e á pastoribus Ecclesiæ toleratam. E posto que diga que a dita pescaria em os dias prohibidos não cede tão somente em utilidade privada, e particular, mas sim em utilidade, e bem commum, e que pela necessidade da Republica, e bem della se concede a dita faculdade pelo dito Capitulo licet de feriis, para poder se pescar nos dias sobreditos sem agravamento de culpa mortal: logo tambem sendo a fabrica do assucar não só em utilidade propria, mas tambem de toda Republica, como he patente, devem gosar do mesmo privilegio sem onus de cnlpa grave os que trabalhão nos mesmos dias na fabrica do assucar.

100. Finalmente devemos sentar, que se excusão de culpa mortal aquelles que trabalhão em dia de preceyto para poderem honrradamente sustentar a sua familia, contanto que não trabalhem mais daquillo, que carecem, ouvindo Missa nesse dia, e trabalhando secretamente por amor do escandalo, como ensina Azor 1. part. Lib. 1. cap. 18 quæst. 4. Suares Lib. 1. de fest. cap. 32. n. 2. Tolet lib. 4, sum. cap. 25 n.º 3. Fagundes de quinque Ecclesiæ præcept. lib. 1. cap. 14 n.º 7. Bonac. disp. de tertio Decal. præcep. quæst. unic, part. 3. n.º 17.

Como se não excusará de culpa mortal aquelles que trabalhão nos sobre ditos dias para poderem honrradamente sustentar suas famílias, em tempo que vivem empenhados em dividas, e mais que nunca carecidos: e para utilidade tambem da Republica, aonde não ha escandalo por não poder ser o trabalho de assucar feito em secreto, e por isso o permittem, e consentem os Prelados por verem ser necessario pelas razoens ja alegadas; e que não faltão em ouvir e mandar ouvir a seos escravos Missa, e para que esta lhes não falte algum dia tem seus capellaens e capellas, tudo com grande despeza da sua mesma fazenda.

O que suposto devemos advertir que se não livrão de culpa grave aquelles que em dias de preceito trabalharem sem urgente necessidade; o que talvez fazem alguns tendo somente canas que bem podem moer no tempo do verão sem os prejuisos declarados, guardando os Domingos, e festas. Estes forão os que derão cauza a escandalos nesta materia, e a elles he que adverte a Constituição se abstenhão de trabalhos, ou mandar trabalhar nos taes dias; e não prohibe aquelle trabalho que se faz precizo por urgente necessidade, como della se ve, ibi, com offerecer se algũa cana queimada, ou em tal estado que provavelmente se perderia com a dilação, ou outra semelhante necessidade, se permitta em tal caso trabalhar.

## CAPITULO 14

### DA IGREJA DE PERNAMBUCO

101. Foy esta Igreja por muitos annos governada pelos Bispos do Brazil sendo o primeiro Dom Pedro Fernandes Sardinha, clerigo do habito de S. Pedro. Estudou em Pariz, e voltando para Lisboa sua Patria, passou a India, onde foy vigario geral com tanto zelo do serviço de Deos, que El Rey D. João III, attendendo a seus grandes merecimentos o nomiou Bispo do Brazil, aonde chegou no primeiro do anno de 1552, e voltando para o Reyno no de 1556, nos baixos do porto, que chamão dos Francezes, junto ao rio de S. Francisco em dez graos Austraes, padeceo naufragio a sua náo, onde com Antonio Cardoso de Barros, que fora provedor mor da Fazenda, e mais de noventa pessoas, livrando da fortuna do mar, correo mayor tormenta na terra, sendo morto, e comido pelos barbaros Caetes aos 14 dias de viagem em 16 de junho do dito anno.

102. Dom Pedro Leitão, clerigo do habito de S. Pedro tomou posse a 4 de Dezembro de 1559, faleceo na Bahia, e está sepultado na

capella de N. Senhora do Amparo da Santa Sé, que n'aquelle tempo era do Santissimo Sacramento. O anno, e dia he incerto.

103. D. Frey Antonio Barreiros, da ordem militar de S. Bento de Aviz, de que era Prior mor, chegou a Bahia em dia da Ascenssão de 1576. Foy sepultado na capella mor do collegio da Companhia de Jesus.

104. D. Constantino Barradas, clerigo collegial de S. Paulo, lente de Theologia na universidade de Coimbra, foy Bispo por Bulla de Clemente VIII, entrou nesta Igreja no anno de 1600, governou desoito annos, e morreo o primeiro de Novembro de 1718, está sepultado na capella mor do convento de S. Francisco da cidade da Bahia. No tempo deste insigne, e zeloso Prelado por Breve do Papa Paulo V se separou Pernambuco daquella jurisdição nomiando-se Administradores desta Igreja sugeitos somente aos Bispos da Bahia quanto a inquirição, e correpção das suas pessoas, e Aggravo das suas sentenças. O primeyro Administrador foy o licenciado Antonio Teixeira Cabral pelos annos de 1616, e a este se seguirão outros ate o Reynado do serenissimo Rey D. Pedro Segundo, que para melhor governo espiritual das almas de seus moradores, crigio este Estado em Bispado, separado do Bispado da Bahia fazendo cabeça delle a cidade de Olinda. Foy erecto, e confirmado pelo Santissimo Papa Innocencio XI no anno de 1676, e em 21 de Mayo de 1679 dia em que cahio a festevidade do Espirito Santo se deo principio a resar horas canonicas na Se de Olinda, e se formou corpo de cabido pela antiguidade das provisoens. Tem Deam, Chantre, Thesoureiro mor, Mestre Escola, e Arcediago, seis conegos, e alem destes hum conego Doctoral, hum Magistral, e outro Penitenciario, quatro conegos de meya prebenda, hum subchantre, oito capellaens, coatro moços do choro, hum sachristão, hum cura, que administra os sacramentos aos freguezes da Parochia da Sé, hum coadjutor, hum organista, hum Mestre de capella, hum Mestre de cerimonias, e hum Porteiro da Massa. Rende para os senhores Bispos dez mil cruzados, quatro que lhes da El Rey por congrua, como Grão Mestre da Ordem de Christo, a quem pertencem os Disimos, e seis /pouco mais ou menos/ que renderão as cameras chancelaria, e mais pençoens. Divide-se em trez comarcas, que são Olinda, Manga e Ceará, onde residem Vigarios Geraes, sendo o de Olinda de todo Bispado, para cujo Tribunal apellão as partes dos Vigarios Geraes da Manga, e Ceará, e dos da vara de varios destritos. Tem dous Provisores hum em Olinda, outra na Manga. Das Freguezias huãs tem vigarios collados, confirmados por El Rey, outras curas annuaes, todas tem coadjutores, sachristaens, e Mestres de Musica. A Freguezia do Reciffe, tem vigario confirmado que assiste da parte do Reciffe, dous Administradores dos

Sacramentos, hum sachristão, e hum sotta sachristão, hum Prioste, hum clerigo do Bangue, que acompanha á sepultura os pretos defuntos, que não são Irmãos do Rosario, e hum Mestre de Capella. Da parte de S. Antonio assiste hum coadjutor que he confirmado por El Rey, dous Administradores, e hum sachristão. Rende esta Freguezia para o seu vigario mais de sinco mil cruzados. A Freguezia do Manga tem varios Administradores dos Sacramentos, e para o vigario rende mais de doze mil cruzados. A da cidade da Parayba tem dous Administradores, coadjutor, sachristão, e Mestre de Muzica, e rende mais de tres mil cruzados; e o mesmo rendimento tem a Freguezia de Goyana. Todas as mais Freguezias deste Bispado tem coadjutores, sachristaens, Mestre de Muzica, e Padres com authoridade para administrar os Sacramentos aos Freguezes, e nenhúa rende menos de quatro centos mil reis para o seu Parocho. Todos os Engenhos tem capellaens, que por penção, que lhe fasem seos donos, e lavradores de canas, são obrigados a dizer missa em Domingos e dias de preceito para a ouvirem os moradores do lugar.

105. Sendo quase todas as Freguesias deste Bispado tão extenças, que algúas tem de comprimento vinte, trinta, coarenta, sincoenta, e mais legoas, e nenhúa menos de seis, não he possivel que os Parochos as possão curar bem; assim pelo extenço, como pelo povoado dellas, tendo todas de coatro mil almas de confição para sima, mas he tal o zelo, com que os sacerdotes moradores d'aquelles lugares acodem a administrar os Sacramentos aos moribundos, que se faz incrivel. Com aquella virtude, que em nenhúa cousa se busca a si propria, mas só a gloria de Deos, e bem das almas, obrão sem dificuldade, servem sem interesse. Quanto mais ardem no amor do proximo, mais lhe infunde Deos do oleo da sua graça, para desprezar perigos, e vencer com a magnanimidade do espirito os obstaculos da execução.

106. Tem este Bispado dous Mosteiros e quatro Hospicios de S. Bento, oito conventos de S. Francisco, hum de Religiosos Barbadinhos Italianos, e hum Hospicio dos Esmoleres de Jerusalem. Quatro conventos, e sinco Hospicios de Carmelitas reformados. Dous conventos, e dous hospicios de Carmelitas Observantes, e hum convento, e hum hospicio de Carmelitas descalços. Tem quatro collegios, dous seminarios, e hum Hospicio dos Padres Jesuitas. Hum convento e hum hospicio dos Pabres Congregados de S. Felippe Nery. Quatro Recolhimentos de Donzellas, e mulheres honestas, que vivem em clausura como Religiosas em seus clausttros. O da antiga, e celebre villa de Igarassu está com as licenças necessarias para ser profeço. Tem sinco cazas de Mizericordia, e dous Hospitaes onde são curados muitos enfermos. A Mizericordia de Olinda tem capellão mor, doze Beneficiados,

que rezão em choro, hum capellão de Agonia, homens, e moços do azul, e outros officiaes para serviço da caza e Igreja. A do Reciffe tem dous capellaens, e officiaes necessarios. O amparo da pobreza, e necessidades do povo, e peregrinos está a cargo dos moradores; porque todas as suas cazas se podem com razão chamar cazas de misericordia. Tem innumeraveis residencias que administrão Ecclesiasticos seculares, e Regulares, e infinitos Templos, Igrejas, Capellas, e Oratorios. Oito collegios, em que autualmente se ensinão as sciencias severas, e mais de cem classes em que aprendem os naturaes as Artes, e letras amenas. O clero he comedido, grave, virtuoso, e douto. Os constituidos em Dignidade como pelos gráos do merecimento subirão com justiça. Sabem uzar da sua autoridade com modestia. Os Regulares são recolhidos, exemplares, e penitentes. As Ordens Terceiras fervorosas exercitão com devoção, grandeza, e decoro todas as funçoens concernentes a honrra, e ao serviço de Deos. As Irmandades, e confrarias illustrão sua piedade, no obsequio dos santos, no subsidio da pobreza, e no ornato dos Templos, e dos Altares.

## CAPITULO 15

### MEMORIAS DOS ILLUSTRISSIMOS BISPOS DA IGREJA DE PERNAMBUCO

107. O Illustrissimo D. Estevão Brioso de Figueiredo, clerigo do habito de S. Pedro, filho de Manoel Martins e da Catharina de Figueiredo, naturaes da cidade de Evora, que havia sido Vigario Geral do Arcebispado de Lisboa, e a quem não menos as letras, que as virtudes fiserão entre muitos benemeritos mais digno da eleição para primeiro Bispo de Pernambuco, foy eleyto no anno de 1676, sagrado no de 1677, e recebido em a cidade de Olinda em Abril de 1678 com as demonstraçoens mais grandes do amor, e reverencia. Ao tempo que se esperavão copiosos frutos do seu Pastoral zelo, succedeo em a noite de 16 para 17 de Dezembro do mesmo anno dar-se hum tiro de espingarda em hũa janella do seu Palacio, onde custumava sentar-se alguas vezes, ficando asïnalada de hũa balla a parede immediata, e innocentemente ferida a reputação dos moradores. A funebre noticia deste sacrilogo acontecimento encheo a todos de horror, e pasmo, e entrando os Ministros na averiguação do delinquente, depois de exactas deligencias, e rigorosos exames descobrirão, fora hum criado do mesmo Prelado executor d'aquella maldade, e temeraria irreverencia, que nunca ouvera sido conhecida, se não se fizera primeiro conhecer nas suas temeridades, e se não disposesse a Divina Providencia, que hum

vesinho, homem de verdade, fosse o lynce a cuja vista nao pode esconder se de sorte que não chegasse a divisallo. Entendeo-se que para excesso tão escandaloso lhe darião forças as demasias da gula, que muitas vezes o alienava das potencias, e o fasia tão atrevido, que a nenhũa pessoa por eminente que fosse tinha respeito. Porem como o Prelado estava menos satisfeito do lugar, e ainda que se fazia algũa força, não podia, ou não queria acabar de vencer a repuguancia que tinha creado a esta bellissima Espoza, que não lhe desmerecia os agrados, vendo que a occasião lhe abria na porta deste successo caminho facil para conseguir o fim dos seos intentos, defendia o delinquente, e presumia culpado quem na realidade era innocente. O pouco amor foy a Esfera, em que se gerarão as suas sospeitas, por que faltando aquelle, qualquer sombra serve de corpo real para animos mal affectos. Era o juiso dos subditos agulha de marear, que para outro polo não achava que para o genio do Prelado, e descobrindo quanto antepunha falças suspeitas, a manifestos indicios, entenderão que a representação incerta, e pençamento duvidoso he sementeira, que facilmente brota, e frutifica nos campos ja preparados com o arado da displicencia. Representou finalmente a ElRey que vivia cuidadoso da sua vida mal segura em Pernambuco pelos sacrilegos excessos de seus moradores, e não lhe dando a impaciencia lugar para esperar pela resolução de ElRey, representando-se a sua Dignidade facil a execução da sua vontade, se embarcou para Lisboa, deixando mais sentidas que saudosas as suas ovelhas. Conseguio ser transferido para o Bispado do Funchal, promoção, que no semblante, não menos que nas palavras mostrou extimar muito. Este desejo não teve mais motivo, que a misera inquietação do coração humano, que deixando-se levar do soborno da variedade accusa o mesmo que antes amava, e fasendo senhor dos seus affectos o antojo com injuria da razão desdenha o bom, e talvez o melhor pelo novo. Perdeo esta Mitra por possuida aquella extimação, que lhe animava a esperança, e acendia em outro tempo os desejos, e veyo na posse de outra a conhecer que nunca são mais para temidos os desejos, que quando bem logrados, pois são poucas as vezes, que se gosão seus frutos, sem azares. No Funchal lhe forão mais para temidos os perigos, e serião mais justos seus temores. Em 17 de Abril de 1685 tomou posse daquella Igreja, e residindo nella poucos annos, passando a corte, cegou e falleceo no de 1689 a 20 de Março em Lisboa, e jaz no collegio de S. Patricio.

108. D. Joao Duarte do Sacramento, natural de Lisboa, sendo credenciario da capella real, cresceo em virtudes no Paço, e com as suas fervorosas admoestaçoens moveo a muitas pessoas de mayor calidade a se recolherem nas Religioens de mayor observancia. Ainda que

recebia dos Principes singulares favores, procurou fugir as honrras que outros tanto procurão, e movido de superior impulso deixou os applausos, que lhe vaticinavão exaltaçoens a sua pessoa, e escondido se embarcou nas náos da India por ser a sua maior inclinação annunciar o Evangelho nas vastissimas regiõens do Oriente. Por ordem da Magestade foy por duas vezes tirado das náos, mas não descançando o seu espirito emquanto não conseguia o effeito da sua vocação, veyo a Pernambuco, onde exercitou o seu zelo com insigne piedade, e immenso fruto de copiosas almas que reduzio a Fé, e ao caminho da salvação. Foy nomiado estando em Pernambuco por Bispo desta Igreja no anno de 1685, e antes de se sagrar se vio acomettido da morte, que com muitos actos de piedade, esperou constante, e resignado na vontade Divina entregou seu espirito nas mãos do Creador.

109. O Illustrissimo D. Mathias de Figueredo e Mello, clerigo do habito de S. Pedro, nasceo na villa de Arganil do Bispado de Coimbra, onde teve por Pays Andre Quaresma, e sua mulher D. Izabel de pelos quaes foy educado com especial affecto, e summa vigilancia, como prevendo o grande credito, que lhes havia de resultar de hum filho, que logo na idade pueril deu claros indicios dos dotes em que havia ser insigne na adulta. Aprendidos os primeiros rudimentos na Patria passou a estudar as letras amenas e severas na Universidade de Coimbra em cuja palestra deu iguaes argumentos do talento que tinha para as sciencias, como inclinação para as virtudes. Formado em Direito canonico levou por opposição o Priorado de Ventosa, tendo ordens menores, e ordenado de Presbitero procedeo tão louvavelmente que foy eleito vezitador, cuja comissão executou com summa prudencia. O serenissimo Rey D. Pedro II o nomiou Bispo de Pernambuco no anno de 1685, e foy sagrado pelo Emminentissimo Cardeal D. Verissimo de Lencastro, na Igreja da Congregação do Oratorio de Lisboa, sendo Preposito o veneravel Padre Bertholameu do Quental. Embarcado em Lisboa no mesmo anno, entrou no Reciffe com pompa moderada, e foy recebido das suas ovelhas com excessivas demonstraçoens de jubilo, como certos vaticinios da summa benevolencia, com que havião ser regidas por tão insigne Pastor. Discorreo pela maior parte do Bispado, reformando abusos, extirpando vicios, plantando virtudes, e consolidando animos discordes. As suas censuras e reprehençoens erão sempre acompanhadas de amor, e caridade, e custumava dizer, que toda reprehenção sem amor, era affrontosa, e que por isso não havia quem de boa vontade ouvisse hũa reprehenção, pelo risco de receber hũa affronta. Trazia na lembrança a Piscina de Jerusalem, em que todas as doenças achavão successivamente o naufragio, revolvendo porem o Anjo as agoas, primeiro que nellas entrasse o enfermo,

porque sabia quanto desejão os homens, que se lhe não saibão os achaques, ainda quando se lhe applicão os remedios. O seu Palacio era norma de mosteiro mas reformado, bastando que alguem tivesse o foro de seu criado, para ser conhecido com o caracter de virtuoso. Nas acçoens foy magnifico, na meza parco, e no vestir modesto. Amou com tanta observancia a continencia, que nunca a contaminou com a mais leve palavra. Sempre conservou o animo illezo da paixão da ira, e ainda que fosse provocado rompia em palavras brandas, e suaves. Foy liberal para com os pobres, compassivo para os aflictos, e para todo genero de pessoas suavemente affavel. A estas e outras heroicas virtudes dava calor, e alma sua ardentissima caridade, que em perpetuo gyro corria de Deos para o proximo, e do proximo para Deos, cingindo neste breve mappa a inteira observancia da Ley divina. Sendo para com o proximo tão benigno, era com a propria pessoa rigoroso; macerava com tantas mortificações o corpo, que muitas vezes se não podia sustentar em pe; quotidianamente se levantava da cama, que sempre foy huma taboa nua, muito antes de amanhecer, e posto de joelhos aprendia na escolla da oração mental os documentos conducentes ao serviço de Deos, e bem dos proximos. Com tal excesso se arrebatava na suave contemplação das delicias celestiaes, que era preciso para se restituir aos sentidos, que o despertassem os seus domesticos com grande violencia, como de hum profundo lethargo. Cumulado de todo genero de virtudes chegou o tempo de serem eternamente premiadas, e foy acomettido de hûa aguda febre, que logo se deo a conhecer por maligna. Correo a voz do ultimo aperto em que se achava, acodirão todos os Capitulares a seu palacio em prova do amor, e reverencia que lhe tinhão. Recebeo a vizita com singulares expressoens de gosto, e lhes compensou este amor com hûa exortação em em que lhes deo saudaveis concelhos, encaminhados a concordia com que devião viver; deo a todos osculo de paz, e com estillo ferveroso, lhes disse: Filhos, e Irmãos a paz, concordia, e bom exemplo vos encõmendo. Estas ultimas palavras pronunciou com alento tão vigoroso, que seus ouvintes não poderão conter as lagrimas, e sahirão da sua presença muy tristes, e compungidos. Não dava tregoas a infirmidade, obrando por instantes mayores forças, e debilitando as do enfermo, que reconhecendo que hia depressa sua jornada, poz todo seu cuidado em as mais importantes deligencias. Chamou a seu confessor, e deu ordem que mais não deixassem entrar vizitas de seculares, porque necessitava muito do silencio da soledade para fazer a Deos a ultima entrega do seu coração. Confessouse, e pedio os mais sacramentos, que recebeo com grande reverencia, e com tanto acordo que alternava os Psalmos penitenciaes com os circunstantes. Havendo estado em abstração

mental, dando testemunhos dos jubilos de seu espirito os resplendores do rosto, levantando as mãos, e olhos ao ceo entregou placidamente o espirito a seu creador em de de 1694, o cadaver ficou fermoso, em nada desluzido com a palidez da morte, dando bem a entender que para os Justos he a morte doce sono e felicissimo descanço. Recolhido a hum precioso caixão foy conduzido ao cruzeiro da cathedral, por entre multidão de povo, que com sentidas expressoens, lamentavão a falta do seu insigne Prelado. A esta universal comoção contribuirão todas as cõmunidades Religiosas, de Olinda e Reciffe unidas com o clero de ambas cidades, para celebrar com magestosa pompa seu enterro, porem os clamores, e tropel do povo era tanto, que davão pouco lugar as solemnidades desta função, em que a confusão, o tropel, e o ruido, erão devotas circunstancias, q̃ derão mais calor a piedade. Virão-se nesta funebre pompa todas aquellas demonstraçoens, e devotos excessos, que obrão os instinctos da piedade christãa em obsequio da santidade, e virtudes dos servos de Deos, e em esta occasião foram tão excessivos, que a não haver a prevenção de guardas ao feretro não se poderião atalhar muitas temeridades de indiscretas devoçoens. Cerrou-se o cadaver em húa arca, e se lhe deo sepultura na capella mor da parte do Evangelho, e sendo aberta depois de muitos annos, se achou o seu corpo inteiro, fresco e incorrupto.

110. O Illustrissimo D. Frey Francisco de Lima, filho de João de Lima, e Maria das Neves, nasceo em Lisboa, e no convento carmelitano da Patria recebeo o habito a 19 de Setembro de 1649, e fez a profição solemne a 25 do dito mez, do anno seguinte. Admetido por collegial em o collegio de Coimbra em 31 de Outubro de 1652 estudou as sciencias severas com tanta applicação, que sahio nellas muito perito. Foy eleito Reformador, e visitador do convento da Villa da Horta, na ilha do Fayal, onde se applicou igualmente a reforma espiritual, e material d'aquelle edificio. Neste tempo succedeo padecer aquella Ilha os lastimosos effeitos de hum terrivel terremoto, e foy o Jonas, que persuadio seus moradores a penitencia para applacarem a ira Divina, e conseguio com a efficacia dos seus sermoens prodigiosas transformaçoens. Restituido a Lisboa foy nomeado Vigario Geral do Brasil, onde cumprio com todas as obrigaçoens de vigilante Prelado, que igualmente observou, quando exercitou o lugar de prior do convento de Lisboa no anno de 1686. Foy dos insignes Pregadores do seu tempo, e igual a profundidade das suas letras era a ĩnocencia dos seus custumes, merecendo distintas estimaçoens das pessoas da primeira Jerarchia assim Ecclesiastica, como secular, principalmente da Magestade del Rey D. Pedro II. Attendendo este Principe aos seus merecimentos o nomeou Bispo dos Estados do Maranhão, e Pará a 9 de Outubro de 1691, sendo

sagrado em 20 de Abril do anno seguinte em o convento do Carmo pelo Emminentissimo Cardial de Lencastre Inquisidor Geral, e forão seus assistentes os Illustrissimos D. João de Souza, Bispo do Porto, que depois foy Arcebispo de Braga, e de Lisboa; e D. Jose de Vasconcellos e Alarcão Bispo do Rio de Janeiro. Antes que partisse para o Maranhão foy provido no Bispado de Pernambuco no anno de 1694, e chegou a Olinda no anno de 1696, e como se lhe fosse revelada a breve duração do seu governo, se empenhou a faser em pouco tempo, o que outros não farião em dilatados annos, praticando aquellas virtudes proprias de hum vigilante Pastor, assim na larga repartição das esmollas, como nas continuas visitas que fez pelos certoens. Para que os seos familiares evitassem a ociosidade, fecunda May de todos os vicios, lhes determinava horas para a lição dos livros Espirituaes, e para o estudo das artes, e sciencias dignas do seu Estado. A sua meza era cõmua, como as iguarias, onde havia continua lição de varios Autores. Do que lhe rendia o Bispado dispendia a mayor parte em soccorro dos pobres, e amparo dos necessitados. Era verdadeiramente sabio, e profundamente humilde. Foy varão de contemplação altissima, e nella muy favorecido da piedade de Deos com singulares merces. Acomettido da ultima infirmidade, se dispoz com os sacramentos, e resignado no divino beneplacito espirou placidamente em 29 de abril de 1704 as trez para as quatro horas da menhãa. Foy seu enterro solemnissimo com assistencia do Clero, Religioens, Nobreza e Povo; e sepultado no capitulo do convento do Carmo, onde determinou seu sepulchro.

111. O Illustrissimo D. Manoel Alvares da Costa occupou com credito da sua virtude, literatura, e prudencia os lugares de Prior de S. Justa, e S. Marinha, e de vigario Geral do Arcebispado de Lisboa. Foy nomeado para Bispo de Pernambuco no anno de 1705, e chegou a Olinda no de 1707, onde se applicou com igual disvello, que pru*dencia a cultura das virtudes, e extirpação dos vicios. Pouco tempo* exercitou com socego o seu Pastoral officio, porque alteraçoens populares lhe impedirão os progressos. Foy chamado a corte para que desterrado na Patria recebesse o castigo de alguas demasias de que fora notado, ou o perdão dos excessos que se supunhão cõmettidos. Impunhão-lhe alem de outras faltas, a culpa de não acudir a socegar a sublevação, que ouve no seu tempo, de que havia fama tivera noticia anticipada ao successo; não faltando quem affirmasse, que em odio do Governador Sebastião de Castro Caldas fomentava o tumulto do povo, maiormente na opinião dos que fasião argumento dos procedimentos legaes de alguns Ministros Ecclesiasticos deste Estado murmurados de menos justificados, e que de algum se dizia o aconselhara de publico.

Embarcou-se para o Reyno no anno de 1715 e depois de examinados com individuação todos os cargos, se achou que em algũa parte faltara sem culpa, em outras que as circunstancias as fasião menos graves, e que o mais erão faltas ligeiras, que não servião maīs que de enfastiar os ouvidos com relação importuna, que ainda na opinião dos malaffectos não tinhão de culpa mais que aquella parte, que na brandura do genio, se notava de froixidão no sogeito. Promovido ao Bispado de Angra no anno de 1720 sentido do conceito que delle fisera a Patria em que nascera filho, e donde os merecimentos o predestinarão para os lugares, de tal sorte soube desempenhar se, que chegou a edificar com virtudes aos mesmos que lhe notarão vicios.

112. O Illustrissimo D. Frey Jose Fialho nasceo em Villa Nova de Cerveira na Provincia de Entre Douro, e Minho. Desde a primeira idade se admirarão unidas na sua pessoa em perfeito equilibrio a piedade do coração, e a subtileza do Juizo, de que procedeo cultivar igualmente as virtudes com exação, e as letras com desvelo. Deixada a caza de seus Pays o capitão João de Seixas, e D. Antonia de Andrade se adoptou por beneficio da graça em a illustre familia cisterciense no Mosteiro de S. Maria de Bouro, situado na mesma Provincia do Minho aos 23 de Janeiro de 1696, e no anno de 1699 foy mandado ouvir Artes no Real Mosteiro de S. Maria de Ceiça, e Theologia no Real Collegio de S. Bernardo de Coimbra, onde depois de faser insignes progressos nesta sagrada faculdade foy laureado com as insignias Doutoraes em Dezembro de 1710. Leu Theologia no mesmo collegio, e hum curso de Artes no Real Mosteiro de S. Pedro das Aguias, e no anno de 1712 em Novembro fez opposição a húa Cadeira da Universidade em concurso dos mais eminentes Theologos, entre os quaes obstentou com grande esplendor do seu collegio, e credito do seu nome. Sendo informado o Fidelissimo Rey D. João V do seu grande talento, e virtude, o nomiou Bispo desta Diocese no anno de 1722, e no de 1725 foy confirmado pelo veneravel Pontifice Benedicto XIII. Recebidas as Bullas, o sagrou na Capella Real o Illustrissimo, e Reverendissimo Patriarcha de Lisboa aos 13 de Mayo do mesmo anno, Dominga infra octavam da Ascenssão do Senhor, sendo Bispos assistentes os Illustrissimos de Patara e Lacedemonia. Sahio de Lisboa para este Bispado Domingo 16 de Setembro do proprio anno, e fez viagem na náo de guerra N. Senhora de Nazareth, de que era capitão Pedro de Oliveira Muge, e chegou ao porto do Reciffe sabbado 17 de Novembro do mesmo anno. Foy recebido com demonstraçoens de jubilo, e reverencia, e fez entrada publica em Olinda em 21 do dito mez. A exacta observancia do seu instituto praticada no Estado Religioso conservou em a Dignidade de Bispo, sendo sempre

a alegre modestia do seu semblante, tacita censura dos vicios, e mudo despertador das virtudes. Como Anjo do Apocalypse trasia a espada na boca para cortar pelos delictos, e trazia Estrellas na mão para coroar os delinquentes. As suas reprehençoens erão rayos para destruição de culpas, a brandura com que reprehendia as transformava em coroa para consolação dos culpados. Na missão e vizita que fez penetrando pelo certão immensas legoas, empreza sempre difficil pela distancia das terras, fragosidade dos caminhos, e difficuldade de muitos incommodos, por todas cortou o incansavel, e animoso zelo d'este Prelado, por dar com a sua presença consolação as suas ovelhas, e para lhes dar pasto da sua doutrina não só por meyo da visita, com que reformava custumes, mas pelas fervorosas missioens, que fazia nas Igrejas que visitava. Lamentavão a sua falta com copiosas lagrimas as suas ovelhas quando em de Fevereiro de 1739 dos seos olhos foy tirado para Arcebispo da Bahia; ao passo que nesta cidade era recebido com as demonstraçoens mais fervorosas de contentamento, mas cedo exprimentarão as da Bahia o mesmo golpe sendo transferido para Bispo da Guarda no mesmo anno de 1739. Antes de chegar a cidade da Guarda enfermou gravemente na de Lisboa, e preparado cõ todos os sacramentos falleceo piamente a 18 de Março de 1741. Foy geralmente lamentada a sua morte não somente pelos pobres dos quaes foy amoroso Pay, mas do clero, e familias Religiosas, que lhe dedicarão solemnes Exequias com Panegyricos funebres em que se relatavão as virtudes heroicas de tão vigilante Prelado.

113. O Illustrissimo D. Frey Luiz de Santa Thereza, natural de Lisboa, filho de Antonio Salgado Governador de Chaves sargento mor de Batalhas, e de D. Archanja de profeçou as letras desde a primeira idade com progressos não vulgares; passou a cursar as escolas na universidade de Coimbra com emulação dos condiscipulos, e não sem inveja de outros que lhe precedião em tempo, sendo a sua applicação a huns estimulo, a outros exemplo. Aprendeo para a vida civel a Jurisprudencia, e para a vida christãa, e catholica a Theologia. Versando hũas sciencias por emprego, e outras por curiosidade em todas sahio consumado. Recebidas as insignias Doutoraes, oppositor as cadeiras, passou a corte onde seu grande entendimento lhe fez um bom lugar, logrando extimação entre os primeiros pelo sangue e ainda maiores pelo talento. A poucos dias de assistencia toy provido no lugar de corregedor de Coimbra, e condecorado com o habito da Ordem de Christo. Voltou para aquella cidade para exercer aquelle cargo, ainda que menos resignado no serviço do Rey da terra, cuja inconstancia lhe fasia recordar as estabilidades do ceo, lembradas com tanta efficacia, que por algũas vezes intentou largar aquella occupação, que

se lhe fasia pesada pelos encargos sem que lhe podesse suavisar a amargura, que o desgostava, o lograr dos principaes veneração, da plebe respeito, e ser de todos igualmente reverenciado pela qualidade, e pelas prendas de que era dotado. Não podendo resistir aos fortes impulsos da vocação divina, se resolveo em deixar as delicias, honrras, e prosperidades com que o estava brindando o seculo; deo libello de repudio ao mundo, largou a vara, e buscou nos orisontes da graça aquelle lusimento, que conseguira no oriente da natureza. Despresando as luzes da terra, se transformou nas luzes do ceo. Luz por que para ser pobre despresou os resplendores das riquezas; luz por que casto fechou os olhos a luzes de apparentes bellezas; e luz por que obedecendo não se quiz governar pelos dictames do mundo. Emulando ao Astro Celeste que Deos encerrou no limite da sua esfera, como Religioso em seu claustro, se recolheo nos apertos da Religião carmelitana. Logo que vestio o habito, todo se entregou ao trato interior com Deos, esquecendo se de toda communicação com os homens. Viveo na Religião alguns annos exercendo com perfeição e exemplo as virtudes, enriquecendo-a com os thesouros da sua sciencia, que abundantemente derramou em seos claustros, ensinando a seus domesticos a sagrada Theologia. Sahio depois a illustrar todo Reyno, com as enchentes da sua doutrina, de que forão claros argumentos os muitos sermoens que recitou em os mais authorisados pulpitos, e o ardente zelo da salvação do proximo que o levou por todo Reyno discorendo a pé sem algum genero de viatico tanto numero de legoas sendo o seu mais appetecido alimento introduzir nos coraçoens humanos com a efficacia dos seus brados a brevidade da vida, a incerteza da morte, o rigor do Juizo, os tormentos do inferno, e as delicias da Gloria.

114. O Fidelissimo Rey D. João V como conhecesse a profundidade da sua sciencia, e a integridade de seus costumes o nomeou Bispo de Angola cuja Dignidade constantemente regeitou, e sendo novamente eleyto para Bispo de Pernambuco, foy necessario instar ElRey, e mandar a obediencia para que consentisse na eleyção, e se sugeitasse a carregar o baculo Pastoral, que humildemente entendia, não ter forças para suster. Sagrado pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha D. Thomas de Almeida se embarcou, e teve na viagem materia para muito exercicio da sua paciencia, e caridade, porque enfermarão quase todos os navegantes. Arribou a Reciffe na menhãa de 24 de Julho de 1739, e foy festejada a sua entrada com fogos, e luminarias, e com musicas, e repiques; e em 29 do dito mez tomou posse do Bispado por seu Procurador Frey Francisco de S. João Marcos. Todas as virtudes q̃ fiserão veneraveis aos Prelados da primitiva Igreja copiou em si tão perfeitamente, que de muytos foy glorioso excesso, de que forão

manifestos argumentos a eloquente energia, com que pregando reprehendeo os vicios; a profusa liberalidade com que soccorreo a pobreza; a clemencia unida com a severidade, com que emendou as culpas; a generosa magnifiencia, e copioso dispendio, com que ornou a sua cathedral, acrescentou o Palacio de Olinda, e erigio o da Boavista para digna habitação da sua pessoa, e de seus successores; o incançavel trabalho, com que visitou a sua Diocese; a impertubavel constancia com que defendeo a Jurisdição Ecclesiastica sendo acerrimo defensor da sua Dignidade, punindo severamente aos violadores della, que se valião da authoridade real para livremente commetter enormes insultos. Contra estas virtuosas acçoens proprias da Dignidade que occupava se armarão fortissimas opposiçoens interpretando com o simulado pretexto de zelo serem muitas d'ellas procedidas de hum animo summamente austero, e vingativo, e totalmente alheyo da benevolencia Pastoral; e soube o odio de hum Ministro temperar com traidora bonança a tempestade, enfeitar com cauta simulação o golpe, e subprimir ao incauto Prelado com a tormenta desfeita da sua maldade, de tal modo que aparecendo no theatro da corte hũa fantasma de fingidas culpas, hum grande vulto de testemunhos, e hũa agigantada Estatua de calumnias, e totalmente faltando a defesa, ardeo, lavrou, e levantou hum incendio, que não pode apagar hum mar de lagrimas das suas ovelhas. Foy tanta, e tão incontrastavel a sua paciencia, que chegou a faser zombaria das affrontas, varão certamente forte nas adversidades. *Não ser sensitivo dizia* Seneca, seria não ser homem, mas tambem seria não ser o homem homem grande, se não fosse sofrido diz elle. Não podemos suppor que não sentisse tão grande affronta, mas para mostrar era mais que homem sofreo com extremada constancia o mesmo que sentia. Muito sentio Catão verse lançado fora do Senado em Roma, mas no mesmo dia da repulsa, se a colera lhe mudara as cores se poz a jugar a péla, sim sentio este Prelado ser tirado do seu Bispado, mas sentio como Catão jugando com o sentimento a péla; e divertindo a dor, o mesmo que sentia, sofreu e com desenfado, satisfeito da sua innocencia, não se deixou alterar por mentiras, certo que lhe não havia de faser mais peso hum opprobrio machinado por seus emulos, que o proprio testemunho de si mesmo. Qual Scipião soube merecer mais applauso despresando os despresos, que triumphando gloriosamente de Cartago. Em Junho de 1754 se embarcou para Lisboa, e não cuide alguem que lhe tirou a veneração o despreso dos máos, que quando o odio pisa as sagradas ruinas de hum templo, a Religião devota as adora cahidas. Teve a fortuna de ter favoraveis a sua innocencia o poder, e authoridade dos Ministros superiores, e desapaixonados, sem cuja sombra não ouvera podido resistir a fogosa actividade de seus Emulos, que

com o torpe borrão de calumnias atiravão a manchar o candido papel da sua ajustada vida. Emmudeceo a emulação vendo que ElRey o admettio á sua presença, e mereceo o agrado da Magestade.

115. O Illustrissimo D. Francisco Xavier Aranha, natural da Villa de Arronches em a Provincia de Alentejo, estudou as sciencias amenas na Patria, e passando em companhia de hum ministro seu tio para a Ilha da Madeira, estudou Artes no Collegio dos Padres Franciscanos da cidade do Funchal. Voltando para o Reyno cursou a Universidade de Coimbra applicado ao estudo da Jurisprudencia Canonica onde pela agudeza do engenho, felicidade da memoria, e gravidade do aspecto, conciliou universaes extimações. Acabada a carreira dos estudos Academicos, se recolheu a casa de seus Pays, e constando a D. João de Souza Carvalho, Bispo de Miranda a literatura, modestia, e prudencia de que era ornado o elegeo no anno de 1726 por Dezembargador da meza Episcopal, descançando n'elle parte dos seus pastoraes cuidados. Como se fizesse conhecida a sua grande litteratura unida com summa madureza, competião entre si os lugares mais honorificos da Jerarchia Ecclesiastica, qual devia nobilitar-se com a sua grande pessoa, pois sendo conego Doutoral da Cathedral de Miranda, e visitador ordinario do mesmo Bispado, foy nomiado pelo cabido, sede vacante, Vigario Geral, e Provisor. Tanto que lhe foy commettido o governo Ecclesiastico applicou todo o disvelo em administrar Justiça com prudencia, e rectidão. Ao tempo que mais se applicava em satisfazer com as obrigaçoẽns do seu cargo, exprimentou, que provocado o cabido pela indescreta petulancia de alguns capitulares, emulos das suas resoluçoens, innopinadamente fizesse novos Ministros. Dissimulou este agravo, como doutrinado na escola da prudencia, e com imperturbavel animo tolerou a desatenção, sem mostrar no semblante o menor sentimento. Porem como a Fama das suas virtudes fosse patente a ElRey, constando-lhe a accelerada resolução do cabido, lha estranhou por hũa carta, com expressões tão severas, que atemorisados e receosos com a reprehensão delRey, o restituirão aos lugares de que injustamente o havião privado, e para mayor satisfação da Magestade o elegerão Vigario Capitular. Parecendo-lhes depois demasiada autoridade a q̃ lograva com esta Dignidade, arrependidos do seu proprio arrependimento, com aquella imprudencia, que acompanhada da autoridade causa furor, o deposerão tumultuariamente de todos os cargos. Esta desatenção tida com hum homem digno das mayores attençoens causou notavel escandalo, nem pode reparar-se aos furiosos golpes de tantos montantes; mas soube o seu entendimento descobrir meyo efficaz para alcançar o triunfo, sahindo a sua justa defença, para que seu silencio não desse armas, e forças a sem rezão, deixando infamada a sua innocencia.

Valendo-se do proprio entendimento, fez hum tratado muito douto sobre o ponto; que ornou de palavras de muita autoridade, e de razoens tão concludentes, que evidentemente mostravão o injusto procedimento do cabido; merecendo em attenção do que relatava mandar ElRey ao corregedor da comarca fosse a Sé, e convocados os capitulares a cabido, ahy os reprehendesse em seu nome, e lhes declarasse que sendo canonicamente eleyto Vigario Capitular, so poderia deixar de o ser por propria desistencia, e voluntaria deixação, mandando juntamente fizesse sahir extreminados sete capitulares trinta legoas fora do Bispado, e vinte distantes huns dos outros, com ordem para não requererem por si, nem seus procuradores, para que assim ficasse castigada a culpa da sua imprudencia, deixando-os conhecidos pela sua necedade. A severidade desta demonstração poz em confusão, e desalento a parte contraria, que ate este ponto estava ardente, e orgulosa, e não havendo quem mais se atrevesse a fomentar novidades, entrou a servir de vigario capitular. Tanto pode o seu bom Juizo acompanhado do sofrimento, e prudencia, que chegou a fazer empenhados na sua dita aos mesmos, que com todas as forças se applicavão a cortar-lhe os augmentos, e assim o pedião as grandes experiencias, que tinhão do seu grande talento. E posto que alguns tratassem com força de lhe impedir os progressos, não deixavão de o respeitar, nem de conhecer o muito que merecia por suas prendas. Para glorioso desafogo do seu agravo, pedio pelos companheiros suplica, que sendo bem ouvida, foy geralmente louvada. Com as suas representaçoens livrou do desterro da Patria aquelles que o havião desterrado do seu lugar, nem podia vingar mais gloriosamente a sua reputação do que ler no rosto dos seos Emulos o arrependimento do seu desatino. Não vinga a reputação, quê se vinga de quem lha tirou, vingou-a aquelle que se não vingou; politica que so entendem espiritos muito nobres, e virtuosos. Servio o lugar de Vigairo Capitular, até que daquelle Bispado tomou posse o Bispo D. Diogo Marques Mouratto, q̃ conhecendo o seu inculpavel procedimento, e profunda sciencia, o nomeou seu Governador, e depois que se recolheo ao Bispado o conservou Provizor, e Vigario Geral, e por ficar vaga a cadeira de Deam o nomeou nella. Sendo promovido ao mesmo Bispado D. Frey João da Cruz, Bispo que foy do Rio de Janeiro, na posse, que mandou tomar, o fez tambem Governador, e o conservou Provisor. Havendo illustrado a Cathedral de Miranda com as suas letras, e virtudes, testemunhou ElRey claramente o altissimo conceyto que fazia do seu talento, nomiando-o Bispo de Thermopoli, e coadjutor, e futuro successor do Bispado de Pernambuco. Foy sagrado em Lisboa na Parrochial Igreja de S. Miguel e Anjos, em 21 de Julho de 1754, pelo Illustrissimo D. Jose Dantas Barbosa, Arcebispo de

Lacedemonia, sendo Assistentes D. Jose Correa Lima Bispo de Constancia ; e D. Frey Mario de S. Roza, Bispo de Machao, assistente no real convento de Mafra. Embarcou para Pernambuco, e com prospera viagem arribou ao Reciffe em 29 de Setembro de 1754, e foy recebido com excessivas demonstraçoens de jubilo. Tomou posse do Governo desta Igreja em 14 de Outubro do mesmo anno. Aspirando o seu espirito a hum governo prudente he Argos vigilante para soccorrer necessidades, e remediar afliçoens. Aborrece na conversação toda pratica, que degenera em detração do proximo. Tem dous ouvidos para ouvir ambas as partes sem que jà mais admita a primeira informação, sem exame de outras. No seu governo lhe servem de conductores das suas acções rectidão do animo, maduresa do Juizo, e piedade do coração.

## CAPITULO 16

### DO ESTADO MILITAR

116. Depois de restauradas as Praças de Pernambuco do poder dos Olandezes se redusio o seu presidio a numero de quatro mil soldados pagos, divididos em varios Terços. A 14 de outubro de 1664 se reformarão ditas tropas a requerimento da Camera de Olinda, ficando somente dous Terços para guarnição da cidade de Olinda, e villa do Reciffe, e para Mestre de Campo deste D. João de Souza, e daquelle Antonio Dias Cardoso. No mesmo tempo se estinguio o terço dos artilheiros, e ficou reduzido a hûa companhia de cem homens, com seus officiaes respectivos. A cidade do Rio Grande tem duas companhias de Infantaria, e o capitão mais antigo, he commandante da Fortaleza dos Santos Reys Magos, a outra companhia assiste na cidade cabeça da Provincia, que tem Capitão mor pago, posto por ElRey, com subordinação ao Governador, e capitão General. A capitania do Ceará tem huma companhia e capitão mor pago, e posto por ElRey com a mesma subordinação. O terço de Auxiliares desta Provincia se reduzio por ordem real a sinco companhias comandadas por hum sargento mor, e subordinadas ao Capitão mor. A cidade da Parayba tem tres companhias de Infantaria comandadas por hum sargento mor, e dellas serve hûa de guarnição a Fortaleza do Cabedello. Tem hum Terço de Auxiliares, tres Regimentos de cavallaria, e seis Terços de Ordenança, subordinados aos capitaens mores de diversos destritos. Tem esta Provincia Governador independente do capitão General de Pernambuco, lugar que sempre occuparão pessoas de muita calidade, e merecimentos. A Provincia de Tamaraca tem duas companhias de Infantaria, que residem

na Fortaleza de Santa Cruz de que he cõmandante hum sargento mor; tem hum terço de Auxiliares, ordenanças, e Provedoria da fasenda Real. O Terço do Palmar, chamado de Paulistas, de que foy Mestre de Campo Domingos Jorge Velho foy extinto, e redusido a huma companhia de cem homens, que assistem naquelle destrito. A fortaleza de Nazareth no cabo de Santo Agostinho, tem huma companhia; a de Tamandare tem outra, e he governada por hum sargento mor, Olinda e Reciffe alem dos dous Regimentos de Infantaria paga, com que ficarão por sua guarnição, depois da Reformação das suas Tropas, tem quatro terços de Auxiliares, tres Regimentos de cavallaria, e varios Terços de ordenanças. O Terço dos Henriques de pretos forros, he composto de doze companhias, com maīs de mil homens, tem Mestre de Campo, e sargento mor, e quatro Ajudantes pagos. O Terço dos homens pardos tem as mesmas companhias governadas pelos seus capitaens, e subordinadas a hum sargento mor. As villas, e suas comarcas são governadas por capitaens mores nomiados pelos Governadores, e confirmados por El-Rey, e nos seos destritos tem muitos terços de ordenanças, tendo cada Freguesia capitão Regente subordinado ao capitão mor. Pelos certoens ha innumeraveis terços de cavallaria, e ordenanças promptos para qualquer emprego do serviço de ElRey, e da Patria. A Ilha de Fernão de Noronha, que em sinco graos Austraes tem tres legoas de comprido, huma de largo, oitenta ao mar do Norte de Pernambuco, se acha hoje fortificada com tres grandes Fortalezas, e dous Reductos com suficiente presidio, e municiada com todo necessario para sua defença, e conservação. A milicia composta dos Indios naturaes he immensa, forte, destemida, horrivel, leal e constante. Os officiaes militares se tratão com bizarria, os soldados com aceyo, e todos bem exercitados na sciencia, e Arte militar. Para governo da Artilharia tem hum sargento mor. Os pretos assim do Terço dos Henriques, como de outras companhias vagas por varīos destritos, são tão promptos no serviço, como constantes no trabalho, sem pertenderem outro premio que o credito das suas acçoens. O sargento mor do Estado serve para accodir a qualquer deligencia do serviço, e mostras das ordenanças. Ha muitos capitaens de entradas, e outros maīs postos tudo para o bom expediente, e governo destas Provincias.

## CAPITULO 17

### MEMORIAS DOS GOVERNADORES E CAPITAENS GENERAES DE PERNAMBUCO DEPOIS DA SUA RESTAURAÇÃO

117. Considerando ElRey D. João IV os interesses que lhe seguirião de lançar da America os Olandezes, e estando bem informado

do valor, e constancia, com que os Pernambucanos continuavão na restauração da sua Patria tendo conseguido do inimigo muitas e gloriõsas victorias; ainda que conhecia lhe importava não romper com os Olandezes em Europa, resolveo mandar a Pernambuco com o Posto de Mestre de Campo General a Francisco Barreto, Senhor do Morgado da Quarteria, e mais casa de seos Avos, em que succedeo a seu Irmão Nuno Rodrigues Barreto, e quando seu Primo D. Fernando de Borja passou a America por vice Rey do Peru, veyo na sua companhia, e naquelle Reyno foy Governador do Calhao, o teve de hũa mulher nobre natural da nova Espanha. Havia servido na guerra do Alentejo, e occupado os postos de capitão de cavallos, e Mestre de Campo com opinião de valeroso, e prudente. Embarcou se em Lisboa em hum de dous navios pequenos com trezentos soldados governados por Felippe Bandeira de Mello, Thenente de Mestre de Campo General; navegou ate altura da Parayba onde se encontrou com hũa esquadra olandeza, foy rendido, ferido, e prisioneiro, depois de mortos parte dos soldados que o acompanhavão veyo para o Reciffe onde o puzerão em prisoens, destas se vio livre depois de nove mezes por intervenção de hum moço Olandez, chamado Francisco de Bra, filho do official a que o entregarão os do supremo concelho. Vencidas alguãs dificuldades chegou ao nosso Arrayal, onde foy recebido e hospedado como se devia a sua pessoa, e não a sua fortuna, o que elle soube extimar com tanto primor, que sem lembranças de superior, os tratava companheiros.

118. No mais vivo emprego das prevençoens, com que o inimigo ajudado de hum grande soccorro, que lhe viera de Olanda, se dispunha a conquistar o perdido; e os nossos para a defença; chegou a Pernambuco hum correyo da Bahia mandado pelo Governador Geral Antonio Telles, conde de Villapouca, com huma ordem aos Governadores da liberdade Andre Vidal de Negreiros, e João Fernandes Vieira para que entregassem o Governo das armas a Francisco Barreto de Menezes, e lhe obdeecessem como a seu Mestre de Campo General, nomiado e provido por Sua Magestade. O vulgo que se deixa sempre levar das primeiras aprehensoens, tumultuava inquieto, com se imaginar agora governado pelo dictame do mesmo conde General, de quem em manifestos apertos, e no que de presente estavão, se vio, e via desfavorecido. Accusava de suspeitosa a novidade na vesinhança do mayor perigo, e sem duvida se amotinara se a prudencia dos principaes cabos não vencera os montes de inconvenientes, que a intempesttiva ordem trazia comsigo. Em obsequio da união se sacrificarão as opposiçoens da altiveza, e da desconfiança, e se conformarão de sorte as vontades, que o Mestre de Campo General aprovava tudo que os Governadores

da liberdade dispunhão, e estes em nada faltavão a obediencia, e respeito, que lhe devião, recebendo nesta forma as armas outro Governador, porem não outro governo; e se pode dizer, que na entrega, que fiserão ao Mestre de Campo General Francisco Barreto de Menezes do Governo, derão os Pernambucanos a coroa terras, e vassalos, que podesse governar, pois he certo que sem dispendio da fasenda real, de suas maos recebeo a coroa de Portugal, e o Governador em seu nome, huma e outra cousa; e a seu Principe derão a Gloria de o ser de vassallos tão obedientes, e leaes, que podem ser para todos os subditos doutrina, e para todas as idades exemplos. Depois da Restauração ficou governando ate 26 de Março de 1657. Foy remunerado com varias commendas, o Governo Geral do Brazil, e titulo de conde do Rio grande. Cazou duas vezes, a primeira em 13 de Julho de 1665 com D. Maria Francisca de Sá, veuva de D. Antonio de Castro, senhor da casa de Basto, senhora que foy de honor da Raynha D. Luiza, e filha de D. Francisco de Sá e Menezes, segundo conde de Penaguião, Camareiro mor etc. e da condeça D. Brites de Lima sua segunda mulher, filha de D. Luis Lobo, Senhor de Sarzedas, a qual era veuva de Nuno Alvares Botelho, Governador da India, de quem teve D. Antonia Maria Barreto, que foy senhora da casa de seu Pay. Casou segunda vez com D. Margarida Juliana de Tavora, que ficando veuva, foy mulher de Pedro Mascarenhas de Carvalho conde de Sandomil filha de Francisco Botelho de Tavora, primeiro conde de S. Miguel.

119. Andre Vidal de Negreiros, commendador de S. Pedro do Sul na ordem de Christo, Alcayde mor das villas de Marialva, e de Moreira, nasceo na cidade da Parayba sendo seus Pays Francisco Vidal de Negreiros, e D. Catharina Ferreira. Se os mais profundos, e caudalosos Rios são em seos principios regatos pequenos, os quaes pode sondar facilmente o discurso, a sobreelevada grandeza das preclarissimas acçoens deste Heroe Pernambucano qual outro Nilo ainda que mais se estreite, e a seos principios se recolha nunca se acha pequena, nem desta verdade he necessario outro autentico testemunho, que o recordo, do que emprehendeo na restauração da sua Patria, e das gloriosas proezas, que obrou ate a conseguir. Por isso quando ainda se achava nos annos da puericia deu evidentes sinaes daquelle esforço invictissimo, com que na idade mais provecta havia de servir de assombro a naturaes, e estranhos, porque logo então o admirarão ao exercicio das armas tão inclinado, que antes de ter obrigação de se achar nas campanhas, ja estava dictando a forma com que se havião de conseguir as victorias. Nao pode espirito tão guerreiro, e bizarro estar muito tempo escondido, apenas contou doze annos, quando ajuntando-se com outros da sua idade mostrou ao olandez, que a sua Espada

seria rayo, que cortasse pela mayor resistencia, crescendo ainda mais nos merecimentos que nos dias assestio a todas as obrigaçoens com valor, e satisfação, que se deixa ver nas historias desta guerra. Passou a Bahia, e teve a mayor parte assim no trabalho como na gloria de quanto se obrou na defença d'aquella cidade. Voltou a Pernambuco em defença de seus naturaes, e com o terço de que jà era Mestre de Campo, adiantou o cerco da Fortaleza de Nazareth, e rendeo aquella importante força. Soccorreo o Rio Grande, acodio a Parayba, castigou o atrevimento dos Olandezes, destrohio os inimigos, e triunfou com gloria do grande poder das suas armas. Rebateu os soccorros de Olanda, entrou na Capitania do Ceará, e a deixou livre de insultos. Na primeira batalha dos Guararapes commetteo o inimigo pelos montes, e o desbaratou; na segunda avançou intrepido, e com incrivel esforço o rompeo, e venceo. Atacou as Fortalezas do Reciffe, e desalojou o olandez da emminencia do Milhou. Ajustou as capitulaçoens da entrega que do Reciffe fizerão os Olandezes; tomou posse das praças, deixando-as com guarnição: Em tres de Fevereiro embarcou para Lisboa com a alegre nova da restauração de todas as capitanias occupadas pelo Olandez, e para representar a Magestade del Rey D. João o IV o successo, e a desculpa com que os Pernambucanos faltarão ao preceito que lhes mandava largar a campanha aos inimigos; e a muita razão, e Justiça com que se moverão a conquistar a sua Patria, para que não pezasse mais a desobediencia, que o serviço. Chegou a Lisboa, e foy recebido da Magestade, e de toda corte com tanto alvoroço, que o festejava a gosto de todos, e não o acabava de crer o espanto de muitos. Logrou com os applausos da plebe, veneraçõens da grandeza, e não vulgar extimação da Magestade que o galardoou com o governo da sua Patria, não por premio, se não como alviçaras. Tomou posse em 26 de Março de 1657, e servio até 26 de Janeiro de 1661, mostrando na prudencia com que governou que igualmente era Politico, que Guerreiro. O Senado de Olinda o mandou retratar, conservando-se ainda hoje nas casas da Camera a copia, a que os seus naturaes tributão grande respeito.

120. Francisco de Brito Freire nasceo na villa de Coruche situada na provincia do Alentejo quarto filho de Antonio Froes de Andrade Fronteiro em Tangere, e D. Catharina Freire, filha de Manoel de Andrade Commendador da Ordem de Christo, e sua mulher D. Beatriz Freire. O primeiro posto militar que teve foy o de capitão de cavallos na Provincia da Beira, onde crescendo com a idade seu merecimento, passou duas vezes ao Brazil com o honorifico lugar de Almirante da Armada de Portugal. Foy Governador da Praça de Jurumenha, e terceiro Governador e capitão General de Pernambuco, tomou

posse do governo destas Provincias em 5 de Março de 1664, e governou athe o ultimo de Julho de 1666, com tanta prudencia, discrição e affabilidade, como inteireza, e rectidão. Entre as virtudes, que conservou com escrupulosa observancia foy a fidelidade para com o soberano, de que deo o mayor testemunho quando sendo mandado em 24 de Mayo de 1669 conduzir a Ilha Terceira a ElRey D. Affonço VI, o não executou ainda com a merce do titulo de visconde de Jurumenha, e Governador perpetuo da mesma villa, cuja acção foy origem de varias calamidades, que tolerou constante, dissimilou prudente. Foy commendador da Ordem de Christo, conselheiro de guerra, Almirante da Armada real. Morreo em Lisboa a oito de Novembro de 1692, quando excedia a idade de setenta annos. Jaz sepultado em Coruche, que he Jazigo dos seos Mayores. Foy casado com D. Maria de Menezes, filha de D. João de Menezes, Alcayde mor de Penamacor, de quem teve a Antonio de Brito de Menezes, que morreo governando o Rio de Janeiro, e a D. Josepha Gabriel de Brito, herdeira da caza, que cazou a 7 de Fevereiro de 1720 com Jose Bernardo de Tavora commendador de S. Maria do Escalhão e de S. Maria de Midoens no Bispado de Viseu, filho de Miguel Carlos de Tavora Conde de S. Vicente, e de D. Maria Caetana da Cunha, herdeira de João Nunes da Cunha primeiro Conde de S. Vicente.

121. Jeronimo de Mendonça Furtado, cavalleiro de Malta, que não professou, foy filho de Pedro de Mendonça, Alcayde mor de Mourão, commendador de Santiago de Cassem ; e de D. Antonia de Mendonça filha de D. Jeronimo Manoel, e D. Maria de Mendonça, e Albuquerque. Servio na guerra do Alentejo, e foy capitão de cavallos, e Mestre de Campo de hum Terço da Guarnição de Lisboa, o qual largou, e se achou como particular na batalha do canal, de que foy mandado com a nova a ElRey D. Affonso VI, que lhe deo o Governo de Pernambuco, e governou desde 5 de Março de 1664 ate o ultimo de Julho de 1666, de sorte que para atalhar as ruinas, que prometião as suas violencias, e sinistras tençoens, o mandarão preso para Lisboa, e da prisão fogio para Castella ; voltando ao Reyno foy culpado em crime de Leza Magestade contra ElRey D. Pedro, então Regente ; pelo que foy sentenciado a morte, e confiscação de bens, e perdoando lhe a piedade do Principe a perda da vida foy degradado toda a vida para a India onde morreo. Governou desde 5 de Março de 1664 ate o ultimo de Julho de 1666, dia em que foy preso pela Camera de Olinda. Entrou em seu Andre Vidal de Negreiros, e servio ate 13 de Junho de 1667. Com aquelle acerto, prudencia, e rectidão, que exercitou em todos os seus governos.

122. Bernardo de Miranda Henriques, foy filho de Ayres de

Miranda, Commendador na Ordem de Christo, Capitão mor das Náos da India, Cativo na de Alcacer, e pagem do Cardeal Rey D. Henrique, e de D. Violante da Sylva filha de Vasco Fernandes Homem Commendador da Freiria de Evora, e capitão de Arzilla, e de sua mulher D. Elena de Andrade, servio na guerra da Acclamação. e occupou postos honorificos. Tomou posse deste governo em 13 de Junho de 1667, e servio com acerto, e reputação ate vinte e oito de Outubro de 1670.

123. Fernão de Souza Coutinho, Alcayde mor, e commendador na Ordem de Christo, nasceo em Pernambuco, e forão seus Pays Ambrozio de Souza, filho natural de D. Jorge de Souza commendador de Azambuja na Ordem de Christo, Capitão mor da Armada da India, e Governador da Mina, e de D. Anna Vaz, e o dito Ambrozio de Souza passando a esta Provincia casou com D. Justa de Azevedo, filha de Ayres de Magalhaens, e tiverão Jorge de Souza, que foy cazar ao Rio de Janeyro com D. Maria de Gallegos, de quem teve dous filhos sem estado, e Paulo de Souza passou a Lisboa, e cazou com D. Marianna Henriques, filha de Diogo Henriques Sodre, Governador de Cabo Verde, e de sua mulher Margarida Soares, e deste matrimonio nasceo dito Fernão de Souza Coutinho, que servio na guerra da Acclamação com os postos de capitão de Infantaria, e de cavallos, Thenente General da Cavallaria, e General da Artelharia, veyo governar estas Provincias, e tomou posse em 28 de Outubro de 1670, e servio ate 17 de Janeiro de 1674. Tendo com grande esplendor do seu nome consumado o governo, que lhe sigurava outros maiores empregos adoeceo, e conhecendo ser chegado o termo de sua vida, se preparou com actos de Fe, piedade, e resignação na vontade Divina, e recebidos os sacramentos expirou placidamente deixando illustre memoria das suas virtudes. Está sepultado na Igreja de Santo Amaro dos Padres Congregados da parte da Epistola.

124. D. Pedro de Almeida filho V de D. Francisco de Almeida, commendador de S. Maria de Lardoza e de D. Margarida de Atayde, foy commendador de S. João de Trancoso na ordem de Christo, capitão mor das naos da India, Mestre de Campo de hum terço de Infantaria, Almirante da Armada de Portugal, e por seu casamento Provedor dos Lisivias, e vallas de Riba Tejo. Casou com D. Luiza Antonia de Portugal, filha herdeira de Miguel de Quadros e Tavora, Provedor das Lisivias, e vallas de Riba Tejo, e de D. Catharina de Castro Portugal, filha de Antonio Pereira de Berredo, commendador de S. João de Castanheira, e de S. Gens de Arganil na Ordem de Christo, Governador, e capitão General da Ilha da Madeira, e da Praça de Tangere, General da Armada de Portugal, e de D. Marianna

de Portugal. Tomou posse em 17 de Janeiro de 1674, e servio ate 14 de Abril de 1678, sahindo deste governo com applausos, bem merecidos da sua prudencia, brandura e rectidão.

125. Ayres de Souza de Castro, commendador de Alpedroens, e de Rio mayor, foy filho de Pedro de Souza de Castro commendador de Rio mayor, Alpedroens, e Arruda na ordem de Aviz, e de D. Marianna de Noronha, filha de Francisco de Souza copeiro mor delRey D. Henrique, e dos Reys D. Felippe II e III, Alcayde mor da Guarda, commendador de Bornes, e S. Salvador na Ordem de Christo, e de sua segunda mulher D. Antonia de Noronha filha de D. Rodrigo Lobo, senhor de Sarzedas. Servio na guerra sendo capitão de cavallos couraças, se achou na Batalha do Ameixial no anno de 1663, sendo Mestre de Campo do Terço de Serpa na tomada de Valença, e no seguinte na famosa batalha de Montes Claros. Tomou posse deste governo em 14 de Abril de 1678, e servio com applauso ate 21 de Janeiro de 1682.

126. D. João de Souza, foy filho do primeiro Marquez das Minas D. Francisca de Souza, e de sua segunda mulher D. Eufrazia Felippa de Noronha, filha de D. Fernando de Mascarenhas primeiro conde da Torre. Foy vedor da Caza Real delRey D. Pedro II, Commendador de S. Maria da Villa do Prado, e S. Maria de Villa Franca na Ordem de Christo, General de Artilharia na Provincia do Minho com o governo das armas. Tomou posse do Governo de Pernambuco em 21 de *Janeiro de 1682 e servio ate 13 de Mayo de 1685, com singular armonia.* De todas as vīrtudes foy deposito o seu coração, administrando com tal rectidão a Justiça, que nunca deixou o merecimento queixoso, nem o crime impunivel. Em tudo que era do seu cargo se empregava com grande actividade, e não menos dezinteresse. No expediente dos despachos foy promptissimo ouvia a todos sem difficuldade da entrada por que a todos se franqueava em audiencias, sem mais tempo, que a necessidade dos pertendentes. Esta facilidade de ouvir, despachar, ou desenganar os pertendentes, unida a afabilidade e amor com que tratava os subditos, conciliou hum universal amor no povo; e para que ficasse a todas as idades recomendavel a sua memoria, os officiaes da Camera de Olinda o mandarão retratar.

127. João da Cunha Sotto mayor natural de Entre Douro e Minho, fidalgo da casa de Sua Magestade, *commendador de S. Mamede de Trovisco*, na Ordem de Christo, tomou posse em 13 de Mayo de 1685, e servio ate 29 de Junho de 1688. As semrazoens com que governou, o fiserão entre os subditos tão mal opinado, que ate as vīrtudes lhe notaram vicios.

128. Fernando Cabral, Alcayde mor de Belmonte, Senhor de Azurara foy filho de Nuno Fernandes Cabral Senhor de Azurara, Alcayde mor de Belmonte e de D. Margarida de Menezes, Irmãa de seu

cunhado D. Alvaro de Souza, e filho de D. Francisco de Souza capitão da Guarda Alemãa delRey D. Henrique, casou com D. Maria de Brito, filha de Antonio de Brito Freyre, e de sua mulher D. Izabel lobo. Tomou posse em 29 de Junho de 1688, e deu principio ao seu governo mostrando-se mais parcial da clemencia que do rigor. Acometido da Epidemia, que ouve neste tempo, se preparou para a morte com autos de verdadeira penitencia, e falleceo com summa piedade em 9 de setembro do mesmo anno, e jaz sepultado na Igreja do Collegio dos Padres Jesuitas do Reciffe. Ficou por seu fallecimento governando o Bispo D. Mathias de Figueredo e Mello ate 25 de Mayo de 1689.

129. Antonio Luiz Gonçalves da Camera Coutinho, nasceo no anno de 1638, sendo filho de Ambrozio de Aguiar Coutinho e Camera, Senhor da Capitania do Espirito Santo no Brazil, e de D. Felippa de Menezes, filha do Aposentador mor Lourenço de Souza da Sylva, e de sua mulher D. Luiza de Menezes, sucedeo na caza, e Morgado de seu Pay, e na Capitania do Espirito Santo que vendeo a Corôa. Foy Almotacé mor do Reyno por renuncia, que com merce delRey fez nelle seu padastro, e parente Francisco de Faria, commendador de S. Miguel de Bobadella na Ordem de Christo; servio de Aposentador mor por seu primo o conde de Santiago, servio nas Armadas, foy capitão de Mar, e Guerra, e tendo servido este lugar foy nomiado Governador de Pernambuco, de que tomou posse em 25 de Mayo de 1689 e servio ate 5 de Junho de 1690, em que foy promovido ao governo Geral do Estado com patente de Mestre de Campo General, e ultimamente foy ViceRey da India para onde partio em 28 de Março de 1698. Todos estes lugares administrou com notavel dezinteresse, virtude que praticou toda a sua vida, que acabou vindo da India, e lograria mayores applausos dos seos governos, se não acompanhara a sua rectidão, hum impulso violento, que sendo talvez para rusticos necessario; para animos nobres. he inutil. A severidade do seu genio o levava em os processos, a começar primeiro pela execução, que pelas provas.

130. Antonio Jose Machado segundo Marquez de Montebelo, foy filho de Felīz Machado da Sylva Castro, e Vasconcellos primeiro Marquez de Monte bello em Milão, cujo titulo lhe deo Felippe IV em o anno de 1630, neto de Manoel de Araujo de Souza e Castro, e de D. Margarida Machado da Sylva, e Vasconcellos, filha herdeira de Francisco Machado da Sylva Senhor de Entre Homem, e casado, e commendador de Souzel em a Ordem de Aviz. Possuhio a commenda de S. João de Coucieiro da Ordem de Christo, e o senhorio das casas de Castro, Vasconcellos, e Barroso, e os solares dellas situados na Provincia da Beira entre os rīos Homem, e Cavado; e de Violante

de Orosco, Irmãa de D. Francisco de Orosco segundo Marquez de Mortara, e primeiro de Olias, Vice Rey, e capitão General de Catalunha e Governador de Milão. Tomou posse do governo destas Capitanias em 5 de Junho de 1690, e servio com louvor ate 13 de Junho de 1693.

131. Caetano de Mello de Castro, Commendador de S. Miguel de Azamor na Ordem de Christo, teve por Pays Antonio de Mello de Castro, commendador na Ordem de Christo, que servio na guerra da Acclamação, com distinção, sendo Mestre de Campo de Infantaria, e Vice Rey da India; e D. Anna de Mendonça, filha de Jorge de Souza de Menezes. Foy Governador e Capitão General dos Rios de Sena, Governador de Pernambuco, e ultimamente Vice-Rey da India para onde foy em Março de 1702. Cazou com D. Marianna de Faro, filha primeira dos segundos condes da Ilha do Principe, que fora Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria. Tomou posse deste governo em 13 de Junho de 1693, e servio com geral aceitação ate 5 de Março de 1699. Em seu tempo se conquistou o Palmar em que infinitos negros por muitos annos estiverão rebeldes, e levantados.

132. D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancastre, foy filho de D. Luiz Mascarenhas de lancastre filho de D. Fernando Martins Mascarenhas, senhor de lavre, e commendador de Mertola na Ordem de Santiago, e de sua mulher D. Catharina de Lencastre, filha de D. Jorge de Lencastre Governador de Ormuz na India; e de D. Brites de Menezes, filha de Damião Dias de Menezes, commendador na ordem de Christo, secretario das confirmaçoens del Rey, e de D. Anna de Castro sua mulher. Passou a servir na India, e foy Cavalleiro da Ordem de Christo, e tendo occupado postos naquelle Estado, foy Governador da India, em que succedeo a D. Miguel de Almeida a 9 de Janeiro de 1691, junto com Luis Gonçalves Cota, clerigo do habito de S. Pedro, secretario de Estado, que não governou mais que quatro mezes, e ficou governando D. Fernando, ate que em Setembro chegou o Arcebispo Primas D. Agostinho da Añunciação, Religioso da Ordem Militar de Christo, que era nomiado na via, e ambos governarão o Estado ate 13 de Mayo de 1693, que entrou em Goa o Conde de Villa Verde D. Pedro Antonio de Noronha, e D. Fernando voltou para o Reyno, e no anno de 1703 foy mandado para este governo, e depois para o do Rio de Janeiro. Tomou posse em 5 de Março de 1699, e servio com acerto, e reputação ate 13 de Setembro de 1703, casou na India com D. Maria Manoel de Albuquerque, filha de D. João Manoel de Albuquerque capitão de Dio, filho natural de D. Jorge Manoel de Albuquerque, Commendador de S. Mamede de Trovisco na Ordem de Christo, Senhor do Morgado do Grande Affonço de Albuquerque, de quem não teve successão.

133. Francisco de Castro de Moraes, tomou posse em 13 de Novembro de 1703, e servio ate 9 de Junho de 1707. No governo destas Provincias mostrou ter mediana capacidade para negocios politicos, transferido para o governo do Rio de Janeiro deu a conhecer que de homem como elle não houvera de haver lembrança no mundo, nem emquanto vivo, houvera de ser conhecido para credito da nação, a qual não pode servir senão de opprobrio. A sua cobardia foy total cauza de conquistarem os Francezes a cidade de S. Sebastião capital do Rio de Janeiro, com pouco credito das suas armas, e irremediaveis perdas de seus moradores.

134. Sebastião de Castro Caldas, Fidalgo da casa de Sua Magestade, commendador de S. Maria da Covilhãa na Ordem de Christo, foy filho de Antonio de Castro e Caldas, filho de Sebastião de Castro e Caldas, que casou com D. Maria de Abreu Barboza, filha de Gil de Abreu de Carvalho, e de D. Anna Pereyra Pitta, filha de Gaspar Pitta Serpe, que era filho de Joao Barboza Pitta, fidalgo da caza Real. Aprendeo a milicia servindo na companhia de seo Tio Diogo Caldas Barboza. Foy Governador da Torre de S. Lourenço da Cabeça Seca, que está no meyo da barra de Lisboa, na occasião em que se entendeo viesse contra Lisboa a Armada Ingleza. Foy Governador, e Capitão General do Rio de Janeiro, sendo primeiro eleyto por Governador da Parayba, e da nova Colonia do Sacramento no Rio da Prata. Nomiado Governador de Pernambuco tomou posse em 9 de Junho de 1707, e servio com desagrado das pessoas principaes, e alteraçoens populares ate 7 de Novembro de 1710, dia em que por cauza das sublevaçoens, a que dera cauza, se retirou occulto para a Bahia; e por sua auzencia entrou a governar o Bispo D. Manoel Alvares da Costa desde 15 de Novembro de 1710, ate 10 de Outubro de 1711. Casou com D. Antonia Thomasia de Miranda, moça do açafate da Senhora Infanta D. Isabel de Saboya, filha de Antonio de Vargas de Miranda, Cavalleiro da Ordem de Christo, e moço do guarda roupa del Rey D. Pedro II, sendo Principe

135. Feliz José Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcellos nasceo em Lisboa a 22 de Março de 1677. Teve por Pays a Antonio Machado da Sylva segundo Marquez de Montebello, e XIII Governador e capitão General de Pernambuco, Alcayde mor de Mourão, commendador do Cazal, e seixo da Ordem de Aviz, Senhor de Entre Homem, e Cavado, vedor da caza da Raynha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, e a D. Luiza Maria de Mendonça, filha herdeira de Manoel de Souza da Sylva, commendador de varias cõmendas, e de D. Joanna de Mendonça. Foy casado com D. Eufrazia de Menezes, Dama da Raynha D. Maria Sofia, filha de D. Luiz Balthazar da Sylveira, vedor

da casa da Raynha D. Maria Anna de Austria, e de D. Luiza Bernarda de Menezes, filha do primeiro Marquez das Minas. Tomou posse deste governo em 10 de Outubro de 1711, e servio ate o 1º de Junho de 1715, e emquanto governou mais vezes lhe meteu a severidade nas maõs a espada, que a balança.

136. D. Lourenço de Almeyda, commendador de Borba na Ordem de Christo, foy filho dos segundos Condes de Avintes D. Antonio de Almeida, e D. Maria Antonia de Borbon, filha de D. Thomas de Noronha 3º conde dos Arcos. Estudou na Universidade de Coimbra, e largando esta vida passou a India no anno de 1697 para casar com sua Prima com Irmãa D. Maria Roza de Portugal, e naquelle Estado servio, e foy capitão de Infantaria, e Mar, e Guerra, Fiscal da Armada, e Capitão mor da Armada do Norte. No anno de 1706 voltou para o Reyno, e nomiado Governador de Pernambuco tomou posse em 1º de Junho de 1715, e servio com applauso ate 22 de Julho de 1718.

137. Manoel de Souza Tavares, foy filho de Bernardim de Tavora de Souza Tavares, que servio em tempo delRey D. Affonso o VI nas guerras com Castella, foy commissario da cavallaria na Provincia do Alentejo, Governador de Mazagão, e depois de Angola aonde morreo, e de D. Maria Lima, filha herdeira de seu Tio Alexandre de Souza Freyre, e de D. Joanna de Tavora. Neto de Luis Freyre de Souza, que cazou a primeira vez com D. Maria de Ayala, filha de Christovão de Mello, Porteyro mor e de D. Elena de Asevedo, de que teve muita decendencia, e cazou segunda vez com D. Joanna de Tavora, com a qual ouve em dote o Senhorio de Mira, filha de Bernadim de Tavora Tavares, senhor de Mira, e de D. Mecia Mascarenhas. Bisneto de Alexandre de Souza Freyre, capitão de Chaul na India, filho bastardo de João Freyre de Andrade, e de Ignez de Souza. Dito Manoel de Souza Tavares, servio com seu Pay em Africa, foy commendador na Ordem de Christo, coronel de Infantaria de hum Regimento no Reyno do Algarve, Governador, e Capitão General da Praça de Mazagão. Tomou posse do governo destas Provincias em 23 de Julho de 1718, e governou com bondade ate que falleceo a 11 de Janeiro de 1721, e jaz sepultado na capella mor do convento da Madre de Deos dos Padres congregados de S. Felippe Nery.

138. D. Francisco de Souza, Mestre de Campo do Terço da guarnição do Reciffe, commendador de S. Euricio na Ordem de Christo, Senhor do morgado de Jurisaca, nasceo no Reciffe, filho natural de D. João de Souza commendador de S. Euricio e S. Fins na ordem de Christo, Mestre de Campo do Terço de guarnição no Reciffe, e de Joanna Cabral mulher nobre. Governou bem porque governou com a experiencia, verdadeiro lugar topico, que da documentos solidos, e certos. Querendo

Homero representar na pessoa de Ulysses hum grande Estadista, não o gaba por ter estudado em Athenas, nem por ter aprendido de Calipso, a Astrologia, de Circe a Magia, de Eolo a Fisica, mas por ter visto com seos olhos o que a outros chegou so aos ouvidos; por ter posto mão a obra, por ter tratado com os Principes de varias naçoens, por ter observado os fundamentos das suas' politicas, e custumes, e finalmente por se ter feito em todas as materias, com suas peregrinaçoens peregrino. Tinha D. Francisco de Souza pelo discurso de hũa larga idade observado os custumes de seos naturaes, e tomado o pulso aos achaques da Republica, e quando chegou o ponto de a governar, o fez com tão acertadas resoluçoens, que conseguio ser amado com respeito, ser reverenciado com carinho, ser obedecido com vontade, e ser com consolação dos Patricios, temido sem receyo. Governou desde 11 de Fevereiro de 1721 ate 11 de Janeiro de 1722.

139. D. Manoel Rolim de Moura, foy filho natural de D. Francisco Rolim de Moura XVI senhor de Azambuja, e senhor da casa de seu Pay D. Manoel Chil de Rolim; foy Governador do Maranhão, e ultimamente de Pernambuco. Tomou posse em 11 de Janeiro de 1722, e entregou a seu successor o governo em 6 de Novembro de 1727, com sentimento dos subditos, por acabar tão cedo hum imperio, que nem estragou a brandura, nem o rigor tornou violento.

140. Duarte Sodre Pereyra, foy filho de Jose Pereira Sodre X senhor de Agoas-bellas, do concelho del Rey D. Pedro II, Governador da Ilha de S. Miguel e das Ilhas de S. Thome, onde morreo e de D. Anna de Menezes, neta por varonia legitima dos Senhores de Bayão. Foy Capitão de Mar e Guerra de hũa das Armadas Reaes, e Governador da Ilha da Madeira. Cazou com D. Maria de Almeida, filha de D. Antonio de Almeida, e de sua mulher D. Catharina Maria Bernardes, o qual foy filho natural de D. Luiz de Almeida primeiro Conde de Avintes, e de D. Maria de Quadros, que foy natural da cidade de Lisboa, e filha de Manoel de Vargas, Irmão de Jose de Vargas Gracés, cazado com Simoa Bernardes, Pays da dita D. Catharina Maria Bernardes. Eleito Governador destas capitanias tomou posse em 6 de Novembro de 1727 e governou ate 24 de Agosto de 1737.

141. Henrique Luiz Pereyra Freyre de Berredo, foy filho de Bernardim Freyre de Andrade, capitão de cavallos, e Mestre de Campo, que foy na guerra da Acclamação, Governador de S. Thome, e de Peniche, sargentomor da Batalha, e Governador de Portalegre onde ficou prisioneiro. Governador da Artelharia do Exercito do Alentejo, e depois promovido ao posto de Mestre de Campo General, e do concelho d'el Rey por carta especial; e de D. Joanna Vicencia de Menezes, filha de Ambrosio Pereira de Berredo, Governador da Ilha de S.Thome, e

de sua mulher D. Maria Lobo da Sylveira, Irmãa de D. Angela da Sylveira, mulher do primeiro conde das Galveas. Casou com D. Maria de Brito filha illegitima de Pedro Machado de Brito, General de Batalha. Foy capitão de cavallos de Regimento da corte, Ajudante das ordens do General da Estremadura Marquez de Marialva. Nomiado Governador destas Provincias, chegou ao Reciffe em 15 de Agosto de 1737, tomou posse em 24 do mesmo mez, e anno, e servio ate 23 de Janeiro de 1746. Mais trabalhou em fazer-se temer, que amar; e conseguio ser mais aborrecido que temido. Em seu tempo nem os bons vivião seguros; ou punha a mira na satisfação do gosto, ou no desafogo da vingança. Com extraordinarias manifestações de jubilo festejarão os moradores a sua ausencia; e será eterna a lembrança dos seus desatinos.

142. D. Marcos de Noronha VI Conde de Arcos, vice-Rey do Brazil, e capitão General de Mar, e Terra, he filho de D. Thomaz de Noronha V conde de Arcos, General de Batalha na guerra da Aliança, filho de D. Marcos de Noronha IV Conde de Arcos, cavalleiro de grande entendimento, e generosidade, e de Maria Joseph de Tavora, filha do grande Luiz Alvares de Tavora, primeiro Marquez de Tavora, e da Marqueza D. Ignacia Maria de Menezes, filha dos Condes de Sarzedas, D. Rodrígo Lobo da Sylveira, e D. Maria de Vasconcellos. Neto de D. Thomaz de Noronha, que servio em Ceuta muitos annos, e nas Armadas do Reyno, foy camarista do Principe D. Theodosio, e de seu Irmão ElRey D. Affonço o VI e do seu concelho de Estado, e Presidente do Concelho Ultramarino. Foy terceiro conde de Arcos, por cazar com D. Magdalena de Borbon, filha do primeiro Conde de Arcos D. Luiz de Lima e Brito filho mais velho do visconde de Villa nova de Cerveira D. Lourenço de Lima e Brito, que foy do concelho de Estado delRey D. João IV e Presidente do Paço, e de hua dama capella D. Vitoria Cardailhac, e Borbon, Dama da Raynha de Castella D. Isabel de Borbon, filha de Francisco Gibbert de Cardailhac, e Aquino, Barão de Cardailhac, e capella Marival, e de Magdalena de Borbon, filha de Henrique de Borbon, Marquez de Maulosa, e Visconde de Lavedan, e de Madama de Miramon Senhora de Miramon em Avernia. E de D. Magdalena Bruna de Tavora, sua primeira mulher filha de João de Almeida Conde de Assumar. Foy recebido em Pernambuco com a mayor pompa, e festejado dos moradores com inexplicaveis demonstraçoens de jubilo. Tomou posse em 23 de Janeiro de 1746, e governou ate 15 de Março de 1749, em que foy transferido para o governo das Minas dos Goyazes. Com o seu prudente e suave governo respirarão estas Provincias das oppreçoens padecidas no tempo de Henrique Luiz. He dotado de tão avultado talento, e de tantas

honorificas qualidades de virtudes, de nobresa, de sabedoria, de descrição, de intelligencia, e de piedade; e de tanta paciencia em sofrer, industria em executar, vehemencia em correger, e de piedade em castigar, que lhe são devidos os mayores obsequios, e de quem so pode ser rethorico panegyrista o silencio.

143. Luiz Jose Correa de Sá, filho segundo de Diogo Correa de Sa terceiro visconde de Asseca, commendador das commendas de S. Salvador de Minhotaes, e de S. João de Cassia no Bispado de Coimbra, senhor de Tanquinhos, e do Couto de Penaboa, e das Villas de S. Salvador, e S. João no Brazil, e de D. Ignez de Lencastre, Irmãa de Vasco Fernandes Cezar de Menezes primeiro conde de Sabugosa Vice-Rey da India, e do Estado do Brazil, e filha de Luiz Cezar de Menezes Alferes mor de Portugal, Alcayde mor de Alenquer, commendador de S. João de Rio-Frio, e Tomar na Ordem de Christo, Governador do Rio de *Janeiro*, *Capitão General do Reyno de Angola*, e do Estado do Brazil; e de sua mulher D. Marianna de Lancastre, filha de D. Rodrigo de Lencastre, commendador de Coruche. Foy Porcionista do Collegio de S. Pedro da Universidade de Coimbra, e depois de ter feito os primeiros actos, largou esta vida pela militar; passou ao Rio de Janeiro, onde sentou praça, e voltando ao Reyno continuou o serviço, e foy capitão de Infantaria do Regimento da Marinha. Foy por Decreto nomiado Governador de Pernambuco em 26 de Julho de 1748. Sahio de Lisboa em 3 de Fevereiro de 1749, e chegou ao Reciffe em 14 de Março do mesmo anno. Tomou posse em 15 de Mayo de 1749, e governou ate 16 de Fevereiro de 1756. Foy recebido com excessivas demonstraçoens de jubilo, prometendo-se a Republica felecidades pela certeza que tinha da sua innata bondade; e do seu governo resoltou a estas Provincias a mayor ventura, porque na sua sabia, e prudente conducta, se admirarão todas as peregrinas qualidades, que em hum perfeito e cabalissimo Governador deseja o dictame dos mais bem entendidos. Assim soube ser Governador para o serviço del Rey, zeloso, para a inteireza da Justiça recto, para a remuneração dos benemeritos solicito, para o castigo dos criminosos brando, para o soccorro dos empobrecidos grandioso; para os discretos jucundo, para os militares grato, para os nobres politico, para os humildes urbano, para os Ecclesiasticos attento, para os santos devoto, e para a honrra de Deos fervoroso, que conciliou vontades, grangeou respeitos, e mereceo acclamações. E com razão porque todo seu cuidado se empregava em que cada hum cumprisse com as suas obrigações; assim vivião todos tão obedientes, e rendidos, que para lhe obedecerem, parece lhe adevinhavão os pensamentos. Com o seu pacifico governo creceo Pernambuco em sumptuosos edificios, e por sua ordem se fizerão em utilidade do

publico muitas obras. Tres pontes com dilatadas calçadas, e caezes de cantaria. As fortalezas de Tamandaré, Brum e Buraco forão reedificadas, mudada a casa da polvora, que estando no centro da grande povoação de S. Antonio, ameaçava algum lamentavel estrago, e por muitas vezes havia cauzado grandes sustos, e alguãs vezes com tanto excesso, que perturbados os vezinhos com o temor, que lhes causou hum incendio immediato, sahirão de suas cazas mal vestidos, e atropelando huns aos outros fugirão para fora da Praça, e muitos so pararão em distancia de tres legoas. Reedificou os Palacios de Olinda, e Reciffe, e quarteis dos soldados, que estavão totalmente arruinados. Tendo feito maravilhosas obras em grande utilidade do publico, as fez com tão singular providencia, que vendoas com admiração os olhos, não ouvirão os ouvidos clamores, nem queixas, se S. Gregorio acenta que saber governar a homens he Arte das Artes, soube governando a homens de hum mundo novo, ou a homens de todo mundo, asertar com esta Arte. Mas com que Arte? Com huma nobilissima afabilidade, com huãs entranhas cheias de misericordia, com hum espirito todo doçura, com hum coração todo amor, que derrama mel e leite sobre todas as suas palavras, e sobre todas as suas obras. Por isso bem fora de enfastiar aos que governava, quanto era mayor a duração do seu governo, tanto se fasia mais apetecido; e que havia de durar pouco tempo, não podia considerar-se sem grande sentimento. O cumulo das suas prerogativas, e sobrelevadas virtudes, tanto resplandecem, que não havera quem não confece, que serão rarissimos os que se contarão na Monarchia Portugueza, nos quaes se vissem tantas perfeições juntas, e que estas sem alteração, nem quebra se continuassem por todo tempo do seu governo sem que nem desdicessem do seu lustre, nem no seu luzimento padecessem o menor Ecclipse.

144. Luis Diogo Lobo da Sylva, commendador de S. Maria de Moncorvo na Ordem de Christo, filho primogenito de Manoel Lobo da Sylva commendador de S. Maria de Moncorvo, de Santiago de Adeganha na Ordem de Christo, da do Forno dos Cavalleiros em Setuval da Ordem de Santiago, senhor do Morgado da Monga no termo de Montemor o Novo, Coronel de Cavallaria, Brigadeiro na Provincia do Alentejo, General de Batalha com o governo do partido de Beja, filho de Luiz Lobo da Sylva, Commendador na Ordem de Christo, Governador e Capitão General do Reyno de Angolla, e de sua mulher D. Margarida da Sylva, Irmãa de Diogo Luis Ribeiro Soares, filho de Manoel Ribeiro Soares, e de sua mulher D. Marianna da Sylva; e de D. Maria Catharina de Tavora, filha de Diogo Luis Ribeiro Soares, Thenente General da Cavallaria da Corte, General da Batalha, e General da Artelharia do Reyno, e do Concelho de Guerra, commendador

das commendas de S. Maria de Azave, e de S. Maria de Monte Alegre na Ordem de Christo; e de sua mulher D. Izabel Senhorinha de Castro, filha de Antonio de Eça de Castro, e de sua mulher D. Catharina de Tavora, filha terceira de D. Antão de Almada, e de D. Izabel da Sylva. Servia na Corte com o posto de Capitão de Cavallos do Regimento do Caiz da Corte, e nomiado para este governo, tomou delle posse em 16 de Fevereiro de 1756. He ornado de húa suavidade de animo, que exclue todo amargor, e aspereza, e que acompanhada com gravidade, e semblante aprasivel observa em todas as acçoẽs húa certa medida entre o respeito, e o agrado sem mostrar nas duvidas perplexidade, nem nos embaraços perturbação. Com espirito livre não sofre acção temeraria, indigna, e perjudicial ao bem publico, ou particular, mostrando grande empenho em zelar a utilidade da Republica, o serviço delRey, e honrra de Deos, para cujo effeito cuida em que todos pontualmente cumprão com as obrigaçoẽs do seu officio.

## CAPITULO 18

### MEMORIAS DOS GOVERNADORES DA PARAYBA DEPOIS DA RESTAURAÇÃO DESTAS PROVINCIAS

145. João Fernandes Vieyra, Fidalgo da Caza de Sua Magestade, e do seu Concelho de Guerra, Alcayde mor da Villa de Pinhel, Commendador das commendas da Ordem de Christo, S. Pedro de Torrados, e Santa Eugenia de Aula, Superentendente das Fortificaçoens de Pernambuco, e de todas as mais do Estado do Brazil para o Norte; Governador, e Capitão General do Reyno de Angola; nasceo na cidade do Funchal, Capital da Ilha da Madeira no anno de 1613, e na idade de onze annos passou para Pernambuco, e quando contava dezasete, forão estas Provincias conquistadas pelo Olandez. Em tempo que a cobiça do inimigo era tão insaciavel, que não ouve morador que possuisse bens da fortuna senão a merce da sua tirannia, e que em tanto erão de seu dono, emquanto elle queria, e nunca queria. Soube João Fernandes Vieyra com industrias e sagacidades introduzir-se com o Olandez de sorte, que se adiantou a todos os Portuguezes na extimação, e confiança que delle fazia o inimigo, e pode com suas negociaçoens adquirir immensos cabedaes. Cazou com D. Maria Cezar, filha de Francisco Berenguer de Andrade, húa das pessoas principaes desta Provincia. As riquezas que adquerio solicito soube depois dispender liberal, consumindo a maior parte de seus cabedaes em beneficio da

Restauração, de que foy hum dos primeiros Acclamadores. Foy pelos moradores nomiado Governador desta famosa empreza, por concorrer na sua pessoa capacidade, e valor. Não ouve occasião em que o vencesse o poder, em todas despresou o perigo; em muitas soccorreo a falta, em algũas atalhou os infortunios. Os quilates do seu grande merecimento relata a historia, que escreveo Frey Rafael de Jesus, com o titulo de Castrioto Luzitano, que servira a posteridade de manifesto, em que se veja a razão, com que a fama o deve colocar entre os seus capitaens. Conseguida a Restauração de Pernambuco, por patente do Mestre de Campo General Francisco Barreto de Menezes, foy governar a Provincia da Parayba no anno de 1654, que governou ate o de 1657 como se mostra da copia de hũa carta, que lhe escreveo a serenissima Raynha D. Luiza então Regente, ordenando-lhe, que por haver de ir governar o Reyno de Angola largasse o terço de que era Mestre de Campo a Antonio Dias Cardoso, que teria esta Provincia em Governança, ate a chegada de Mathias de Albuquerque Maranhão, a quem tinha feito merce de lhe succeder no governo della, o que tudo consta da sobredita carta escrita em Lisboa em 19 de Dezembro de 1656, e registada na Camera daquella cidade aos 19 de Agosto de 1657.

146. Antonio Dias Cardozo, cavalleiro nà Ordem de Christo foy segundo governador da dita Provincia, pelos annos de 1657, servio na guerra da Restauração com insigne valor, zelo, e constancia. Nas occasioens de peleja, era alvo de espanto dos contrarios, por entre chuveiros de ballas se metia no mais arriscado das batalhas. Elle foy o que por ordem dos Governadores da liberdade desarmou as guarniçoens das Praças Olandezas, depois de vencidas; e assegurou o Reciffe desarmando o presidio delle. Não chegarão os seus descendentes a lograr o fruto de seus grandes merecimentos; porque com a morte, que o levou sendo Mestre de Campo do Terço da Guarnição da cidade de Olinda, se sepultarão seus heroicos serviços.

147. Mathias de Albuquerque Maranhão, Fidalgo da Casa Real, commendador de S. Vicente de Figueira; foy filho de Antonio de Albuquerque Maranhão, commendador de Ervedal, e das commendas da Ilha do Porto Santo, e Senhor da Ilha grande, Governador da Parayba, e Capitão General do Maranhão; e de D. Joanna Luiza de Castello Branco, filha de D. Duarte de Castello Branco,conde de Sabugal, Meyrinho mor do Reyno. Nasceo na cidade de Olinda; e assestindo na da Parayba em companhia de seu Irmão Antonio de Albuquerque Maranhão que governava aquella Provincia; vendo a sua Patria debelada e destruida pelos Olandezes, com o troço de cento, e sincoenta soldados sahio da Parayba, se não a restaurar o perdido, a vingar o agravo. Aquartelou-se pouco distante de Olinda na Ermida

de Santo Amaro, onde se eregio depois o convento de N. Senhora da Encarnação de clerigos congregados. Mas sendo aquelles debeis reparos, pequena Fortaleza para tamanha opposição, e temeraria defença, lhe juntou o General Mathias de Albuquerque duzentos e sessenta e quatro Paisanos, que repartidos em esquadras entre cabos de supposição, introdusirão nesta guerra, chamaremse capitaens de emboscadas, os quaes ora divididos, ora juntos, andavão de continuo, sahindo a cortar os passos do inimigo, e em poucos dias se exprimentou a manifesta utilidade deste exquisito modo de guerra. Debaixo de grandes arvores chamadas cajueiros (onde por ser no tempo do seu fruto, vinhão a colhello os inimigos) foy Mathias de Albuquerque com os capitaens Pedro Teixeira Franco, Estevão de Tavora, Estevão Alvares, Domingos Correa, João Mendes Flores, e duzentos homens embuscar-se hũa noite Sahindo as oito do dia quatro centos olandezes, largarão as armas para colherem a fruta, derão os nossos sobre elles, e sem perder hum so homem, matarão cento e sincoenta dos inimigos, fasendo prisioneiros aos que livrarão com vida. Do que estimulado o Olandez, marchou de Olinda para o lugar do Successo, os primeiros quatro dias seguintes com mil e quinhentos Infantes; e sendo tão inferiores os nossos, nunca os deixarão recolher, sem pelejar, repetindo continuas escaramuças, mais empenhadas, do que soltas, em que sempre o inimigo deixava muitos mortos, e levava muitos mais feridos, Em todas as occasioens, que teve, emquanto servio nesta guerra valerosamente mostrou a cara ao inimigo. Passou a servir a Bahia depois que vio a Patria desemparada do conde Banholo, e sem esperança de soccorro, por ordem delRey foi governar as Provincias do Sul, e por ordem da Raynha Regente veyo governar a Parayba, lugar que dignamente occupou ate o anno de 1663. Delle fasem illustre memoria Francisco de Brito Freire. Histor. da guerra do Brazil, liv. 4. nº 358. liv. 5. n. 384. Castr. Lusit. liv. 3. n. 12. e n. 24.

148. João do Rego Barros, Fidalgo da casa Real, commendador na Ordem de Christo, succedeo a Mathias de Albuquerque Maranhão, e governou até o anno de 1670; era natural de Olinda.

149. Luiz Nunes de Carvalho entrou a servir de Capitão mor, e Governador no anno de 1670, e servio até 1673.

Ignacio Coelho da Sylva governou desde 1673 ate 1678.

Alexandre de Souza de Asevedo servio até o anno de 1684.

150. Antonio da Sylva Barboza, natural de Pernambuco, servio na guerra da Restaução da Patria, e sendo capitão com a sua tropa atalhou atreiçoado intento; com que os Estrangeiros, que militavão entre nos levando a vanguarda na batalha de 9 de Novembro de 1645, pertenderão unidos com a do inimigo, virar encorporados sobre os

nossos; cobrindo de maneira os traidores: que sem manifesto risco de serem degolados, não poderão faser a menor acção de contrarios. Na batalha dos Guararapes rompeu intrepido o inimigo por hum lado, e fez taes proezas, que bastarião as deste dia para deixar glorioso o seu nome. Em o anno de 1684 foy nomiado Governador da Parayba, e servio ate 1687. Delle faz menção Castr. Lusit. liv. 7. n. 10. liv. 9. n. 7 e n. 26.

Amaro Velho Serqueira Cavalleiro na Ordem de Christo, entrou a governar em 1687, e governou ate 1692.

Manoel Nunes Leitão natural de Pernambuco, de quem em outra parte faremos distinta memoria, servio desde o anno de 1692, ate o de 1697.

Manoel Soares de Albergaria, servio desde 1697 ate 1700.

Francisco de Abreu Pereira, Cavalleiro na Ordem de Christo servio desde 1700 ate 1703.

Francisco de Barros de Vasconcellos, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, entrou neste governo no anno de 1703, e governou até o anno de 1708.

151. João da Maya da Gama, servio nas Armadas, e no anno de 1700 padeceo horrivel naufragio ao sahir da barra da Bahia, por se perder lastimosamente a nao em que hia por capitão de Mar, e Guerra em soccorro de Mombaça cidade na Ethiopia em altura de tres graos ao Sul, que ganhamos no tempo, em que governou a India o Vice Rey D. Francisco de Almeida, e perdemos no em que governou aquelle grande Estado, Antonio Luiz. Escapou a nado depois de vencer a opposição das ondas com oito horas de combate. Veyo governar esta Provincia no anno de 1708, e governou ate o anno de 1717.

Antonio Velho Coelho, tomou posse deste governo no anno de 1717, e servio ate 1719, em que falleceo; e por sua morte entrarão os governadores do politico ate 1720, em que tomou posse Antonio Ferrão Castello Branco, Thenente de Mestre de Campo General, por patente do Vice-Rey da Bahia, e servio ate 1722.

João de Abreu Castello-branco, governou deste 1722 ate 1729.

Francisco Pedro de Mendonça Gorjão, fidalgo da Casa de Sua Magestade, servio desde 1729 ate 1734.

Pedro Monteiro de Macedo, servio desde 1734, ate 1744, em que morreo.

152. João Lobo de Lacerda, natural de Lisboa filho de Jose Soares Lobo, e de D. Eufemia de Castro Correa de Lacerda, servio na corte onde foy capitão de hum dos seus Regimentos, veyo servir em Pernambuco com o posto de Thenente de Mestre de Campo General, que vagou por fallecimento de Antonio de Souza Marinho, natural do

Reciffe, Fidalgo da Caza de Sua Magestade, Cavalleiro na Ordem de Christo, e filho do capitão de Infantaria Antonio Martins Palha, e de sua mulher D. Domingas dos Santos. Com hûa esquadra, que sahio do Reciffe em 1737, foy desalojar os Francezes da Ilha de Fernando de Noronha. Foy provido no posto de Mestre de Campo, por morte de D. João da Motta, Cavalleiro na Ordem de Christo, natural de Pernambuco; e por ficar vago o governo da Parayba, por patente do Vice-Rey da Bahia tomou posse do governo daquella Provincia em 1744, e servio ate 1745, e tornou para o seu posto de coronel do dito Regimento, que de presente occupa.

153. Antonio Borges da Fonseca, natural de Castello Rodrigo na Provincia da Beira, filho de Francisco Coelho da Fonseca, e Maria da Fonseca Velosa, e Irmão de Manoel Coelho Veloso, cavalleiro na Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, e secretario da Meza da consciencia, e ordens. Servio na Provincia do Alentejo, e Catalunha sentando praça de soldado em 31 de Julho de 1703, sendo cabo de esquadra, Furriel, Alferes, Thenente, Ajudante, e capitão de cavallos, achando-se na campanha de 1704, em que se tomarão as Praças de Barca Rota, e S. Vicente, na peleja de Marvão no Rendimento de Valença, e citio de Badajoz. No choque das Brocas, no citio, e rendimento de Alcantara, e em outros muitos citios, pelejas e rendimentos de ouras campanhas, procedendo em todas as occasioens com grande valor, zelo, e satisfação. Em remuneração de seus heroicos serviços foy provido no posto de Mestre de Campo do Terço da guarnição de Olinda, que exercitou ate o anno de 1745; em que foi governar a Provincia da Parayba com patente de Mestre de Campo Governador. Servio ate o anno de 1753, e por nova merce foy restituido ao posto, que tinha deixado com patente de coronel, que occupou até falecer; Casou no Reciffe com D. Francisca Peres de Figueiroa, filha do sargento mor João Baptista Jorge, e de D. Roza Lourença Thenorio, de quem teve Antonio Jose Victoriano Borges da Fonceca, Thenente Coronel do Regimento da guarnição do Reciffe, de quem em seu lugar faremos distinta memoria: o Padre João Caetano Religioso da Companhia, onde tem mostrado ser igualmente douto, que virtuoso; e D. Joanna Francisca Peres de Figueiroa, que cazou com Jose Gomes da Sylveira Bezerra, senhor do Morgado do Salvador do Mundo e ficando viuva cazou com João de Albuquerque da Camara, Fidalgo da Casa Real.

Luis Antonio de Lemos de Brito, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, cavalleiro professo na Ordem de Christo, commendador de Santa Maria de Verim, e S. Andre de Friande, Coronel Governador, entrou a servir em 1753.

## CAPITULO 19

### DO ESTADO POLITICO DE PERNAMBUCO

154. O Estado Politico de Pernambuco se compoem de quatro ouvidores geraes e corregedores, hum que reside na Cidade de Olinda e Villa do Reciffe, e outro na cidade da Parayba, outro no Ceará, e outro na villa das Alagoas, Juiz de Fora de Olinda, e Reciffe, e nas cidades da Parayba, e Rio grande, villas comarcas, e destritos, Juizes ordinarios do civel, crime, e orphaõs. Os Senados da Camera de todos os ditos lugares são compostos de pessoas muito nobres, porque em todas as partes se achão moradores de calidade, que com esplendor, e autoridade servem a Republica. Para a fazenda Real tem Provedores, e Juizes da Alfandega o Reciffe, Parayba, Tamaracá, e Rio grande, e Seará. O Tribunal de Junta, ou Relação he composto de quatro Ministros sendo o Governador General, Presidente com voto decisivo em cauzas crimes dos Indios, mulatos e pretos. O Tribunal da Inspecção tem dous Inspectores, e hum Escrivão, e he Presidente o Ouvidor Geral. Neste Tribunal se dá valor aos Assucares, se determinão as lotaçoes dos navios, e suas cargas, se examinão os generos do comercio de Africa, e tem outras muitas disposiçoens a seu cargo. A Junta das Missoens he formada da assistencia do Bispo, o Governador, ouvidor geral, Provedor mor da Fazenda, e de todos os Prelados das Religioens, que tem conventos em Olinda, e Reciffe. Neste Tribunal se resolvem as cauzas pertencentes aos Indios, assim no que toca ao Espiritual das Missoens, como ao Temporal das suas Aldeas.

155. A Nobreza como alma de todo este grande corpo he innumeravel, e illustre, como procedida de nobillissimas cazas de Portugal, Castella, França, Italia, e Allemanha, que passando em diversos tempos a Pernambuco, deixarão copiosas descendencias. O primeiro Fidalgo, que passou a Pernambuco como Donatario foy Duarte Coelho Pereyra, filho terceiro de Gonçalo Pires Coelho, filho de Martim Coelho, Senhor de Filgueiras, Ayo do Infante D. Pedro, e de sua mulher D. Joanna de Azevedo, filha de Lopo Dias de Azevedo, Senhor de Aguiar, e de Helena Martins, ou como outros dizem de Catharina Pereira, ou Figueroa. Trouxe em sua companhia a sua mulher D. Brites de Albuquerque, filha de Lopo de Albuquerque, filho de João de Albuquerque, e de D. Leonor Lopes, filha do desembargador Lopo Gonçalves, e de D. Joanna de Bulhão, filha de Affonço Lopes de Bulhão, cidadão de Lisboa, e de Isabel Gramacho, filha de Pedro

Nunes Gramacho. Tiverão em Pernambuco Jorge de Albuquerque, e Duarte de Albuquerque Coelho, de cujos faremos em seus lugares illustre memoria.

156. Veyo em companhia do dito Duarte Coelho Pereyra, Jeronymo de Albuquerque seu cunhado, Irmão de sua mulher D. Brites de Albuquerque. Em D. Maria do Espirito Santo teve muitos filhos sendo a primeira D. Catharina de Albuquerque, que cazou com Felippe Cavalcante, Fidalgo de Florença, e dos mais esclarecidos daquella antiguissima Republica, que por diferenças, que teve na sua Patria, sahio fugitivo em companhia de Zenobio Achioli, e Nicolao Spinel, de quem teve D. Genebra de Albuquerque, que cazou com D. Felippe de Moura Governador, que foy desta Provincia filho de D. Manoel de Moura, e de sua mulher D. Isabel de Albuquerque, filha de Lopo de Albuquerque, Antonio Cavalcante, que cazou com D. Isabel de Goes, filha de Arnao de Olanda, sobrinho do Papa Adriano VI, e de Beatriz Mendes de Vasconcellos, filha de Bertholameu Rodrigues de Vasconcellos, Camareiro mor do Infante D. Luiz, filho d'ElRey D. Manoel: que vierão em companhia do primeiro Donatario; e D. Catharina de Albuquerque, que cazou com Bertholameu de Olanda, filho do dito Arnao de Olanda.

157. Foy segunda filha de Jeronimo de Albuquerque, e de D. Maria, D. Simoa de Albuquerque, que casou com Alvaro Fragoso, Desembargador do Paço, Cavalleiro na Ordem de Christo, que veyo exterminado para esta terra pelo crime de tomar com violencia hũa mulher casada a seu marido. D. Brites de Albuquerque, terceira filha com Gonçalo Mendes Leitão, Irmão de D. Pedro Leitão, primeiro Bispo do Brazil. D. Maria de Albuquerque, que cazou com Conrado Lins Fidalgo Estrangeiro, que veyo a esta Provincia com Sibaldo Lins seu Primo, que casou com D. Brites de Albuquerque, tambem filha do dito Jeronymo de Albuquerque, depois que ficou vẽuva de Gaspar Dias de Atayde. D. Antonia, que cazou primeiro com Jorge Teixeira, e por morte deste passou a segundas bodas com João Gonçalves Carvalhosa.

158. Foy Jeronimo de Albuquerque sexto filho do dito Jeronimo de Albuquerque, e de D. Maria, o qual duas vezes restaurou o Maranhão do poder dos Francezes e do dĩto Estado foy Governador, e Capitão General tomando o apelido de Maranhão por timbre das suas heroicas acçoens, casou nobilissimamente, e teve copiosa descendencia. Andre de Albuquerque setimo filho, cazou com D. Catharina de Mello, filha de D. Christovão de Mello, Governador da Bahia. Manoel de Albuquerque, cazou com D. Luiza de Mello, Irmãa da dita sua cunhada, e de sua Madrasta D. Felippa de Mello, com quem cazou seu Pay. Os mais filhos desta senhora morrerão sem estado.

159. Teve mais dito Jeronymo de Albuquerque de huma India principal, e de hûa mulher branca, que veyo em companhia de D. Brites de Albuquerque sua Irmãa, cujos nomes se ignorão, os filhos *seguintes: Felippe de Albuquerque, que cazou com D. Magdalena*, mulher nobre, e rica. D. Anna de Albuquerque, que cazou com Gaspar Gomes de Lemos. D. Luiza, que foy cazada com Antonio Leitão, e D. Marianna, que cazou duas vezes, e teve de seus maridos muitos filhos. Lope de Albuquerque, e outros morrerão sem estado.

## CAPITULO 20

### DOS FILHOS DE JERONIMO DE ALBUQUERQUE E DE D. FELIPPA DE MELLO

160. Cazou Jeronimo de Albuquerque em idade provecta, e depois da morte da senhora D. Maria, com D. Felippa de Mello, filha de D. Christovão de Mello, Governador da Bahia, e deste matrimonio *nascerão onze filhos: Affonço, João, Duarte, Christovão, Jeronimo*, e Jorge de Albuquerque, D. Maria, D. Felippa, D. Isabel, D. Cosma, e D. Luiza de Albuquerque.

161. Affonço de Albuquerque casou com D. Isabel de Tavares, filha de João Pires, e de sua mulher D. Felippa de Tavares, que era filha de Ruy Tavares de Cabeya, que seguindo a parcialidade do senhor D. Antonio, e pervalecendo Castella, se retirou para esta terra *com sua mulher, e filha. João de Albuquerque casou com D. Felippa* de Sá, filha de Duarte de Sá de Lima. Duarte de Albuquerque casou com D. Anna de Souza, filha de Simão Falcão de Souza, e de sua mulher D. Catharina Paes; cujo Simão Falcão veyo para Pernambuco provido no officio de Provedor da fazenda real, que exercitou muito attento aos interesses reaes. Ficando veuvo dito Duarte de Albuquerque, passou para o Rio de Janeiro, onde era Governador, e Capitão *General seu Irmão Affonço de Albuquerque, e casou segunda vez na* capitania do Espirito Santo com D. Ignez Coutinho, sobrinha do Donatario da dita Provincia, de quem teve copiosa successão. Christovão de Albuquerque casou com D. Ignez Falcão, filha do sobredito Simão Falcão de Souza, e Irmãa de sua cunhada D. Anna de Souza, mulher de seu Irmão Duarte de Albuquerque.

162. D. Felippa de Mello, que casou com Diogo Martins Ribeiro, *filho de Antonio Martins Ribeiro. Jeronimo de Albuquerque e seu* Irmão Jorge de Albuquerque passarão a servir na India, onde morrerão sem deixar successão, tendo occupado honorificos postos. D. Isabel, D. Cosma, e D. Luiza de Albuquerque conservarão se virgens, e

morrerão com fama de santidade no Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição de Olinda, como escreveremos em seu lugar. D. Maria morreu com poucos annos de idade.

163. Trinta forão os Filhos, que teve Jeronimo de Albuquerque assim legitimos, como naturaes, posto que estes forão legitimados por ElRey, como consta de documentos, e do proprio testamento, com que falleceo, que se conserva no Archivo do Mosteiro de S. Bento da cidade de Olinda. De cujos forão, e são em tão grande numero os descendentes, que farião ate parecer difuza a precisa exacção de hum catalogo. Faremos memoria dos que mais se distinguirão em acçoens heroicas, quando tratarmos de Pernambuco illustrado pela virtude, letras, e armas de seus naturaes.

164. Assim dos descendentes de Jeronimo de Albuquerque, e de outros muitos parentes, e amigos seus; e de seu cunhado Duarte Coelho Pereira, que arrebatados do desejo de estender o Imperio Portuguez, lhe fizerão companhia na gloriosa empreza da conquista destas Provincias, e se perpetuarão nestas terras, como de outros muitos Fidalgos, e nobilissimas familias, que depois successivamente vierão habitar em Pernambuco, ha illustre e copiosa descendencia. Achão-se tambem estas Provincias illustradas com o esplendor de outras muitas familias preclaras, e nobilissimas ramas daquelles dous famosos Heroes Andre Vidal de Negreiros, e João Fernandes Vieira, e de outros muitos, que na Patria, e fora della souberão com segundo nascimento nascer não para huma vida breve, mas sim para a eternidade de hum grande nome.

165. Gloree-se a Nobreza de Pernambuco do esplendor do seu nascimento, mas attenda primeiro as heroicas acçoens de seus maiores, e seja sempre sentindo nobres inquietaçoens de os imitar; e não haverá espirito tão torpemente adormecido, q̃ não acorde ao ruido da sua Fama; não haverá quem aos golpes da sua espada não disperte; aos voos da sua heroicidade não se anime, e a luz do seu esprendor, não se inflame. Gloree-se da sua nobreza, mas advirta, que cada brazão, que logra, he hum empenho, que o obriga a obrar bem. Cada Avo illustre, hum torcedor; cada Estatua dos Ascendentes, hum concelho de bronze pelo eterno, e efficaz da sua persuação, que não tanto publica o que fez o morto, como ensina o que deve fazer o vivo. Tantas testemunhas terá da sua infamia, quantas imagens contar de sua nobreza, se faltar as obrigaçoens, em que o puserão as heroicas obras de seus mayores. O dia que degenerar de suas virtudes terá contra si sua mesma nobreza. Ao filho, que retira do sol a vista, e não se atreve a beber pelos olhos rayo, a rayo a luz, como a espurio, o arrojão do seu ninho as Aguias. A mancha, que no sayal tosco não se adverte, he

summa fealdade em hum borcado. Aquella raridade opaca, que na lua se equivoca, talvez com a luz moderada na formosa roda do sol fora delito, porque tem mais obrigação de luzir. O Plebeo esconde as vezes por desconhecido seus vicios, mas o nobre com seu proprio lustre se faz lùz para que todos vejão seu delito; todos aquelles timbres, que o illustrão estão agravando suas faltas. Treslade pois em si mesmo os brios de seus mayores, e conheça, que aquella he a verdadeira nobreza, que se coroa de suas proprias virtudes.

## CAPITULO 21

### DA PLEBE DE PERNAMBUCO

166. Sendo a Nobreza a alma de hũa Republica, o seu corpo se compoem de homens mecanicos, assim chamados das artes mecanicas, ou servis, que exercitão, como carpinteiros, pedreiros, Alfayates etc., e de povo miudo, que he a gente Popular, Plebe, e Povo. Compara Platão ao vulgo com hum grande animal, do qual he preciso conhecer as manhas para saber como hade ser tratado, que se não tem este animal quem o amanse faz-se furioso, se o não guião não sabe por onde anda, he terrivel se não tem medo, começando a temer se perturba, e foge. Nas materias da sua propria conveniencia não distingue as apparencias das verdades. Quando se arroja a fallar em Principes, confunde coroas, e desfigura Magestades; dirá que Nero he mais gentil homem, que Galba, como se a gentileza, ou falta della importara para o governo. Que de grande freyo necessita este grande animal, por que cegamente corre apoz as novidades, e que he grande fortuna, que tenha pouco juizo, porque que seria do mundo se elle se governara a si proprio. Disse Scipião, que o vulgo era como o mar immovel por sua natureza, mas segundo os ventos, que o agitão quieto, ou proceloso. Outros dicerão que o vulgo era como a agoa, que sustenta as couzas leves, e mete a pique as pezadas. Disse Catão, que o povo era hũa carneirada, e que assim como nenhum carneiro obedece a pessoa algũa, mas todos juntos seguem o pastor, do mesmo modo faz aquelle. Disserão outros: que a multidão das cabeças, que o compoem erão como canas, ou espigas de trigo, que não tem outra inclinação, que a que lhes dão os ventos, ora por hũa parte, ora por outra. Ao Povo de Portugal chamão insolente, ao de Castella temerario, ao de França furioso, ao de Allemanha precipitado; e ao de Inglaterra atrevido; e nos podemos dizer que entre o povo de todas as naçoẽns, o de Pernambuco se levantou com o titulo de vaidozo.

167. Não he facil determinar nestas Provincias quaes sejão os homens da Plebe; porque todo aquelle que he branco na cor, entende estar fora da esfera vulgar. Na sua opinião o mesmo he ser alvo, que ser nobre, nem porque exercitem officios mecanicos perdem esta presumpção, e menos a perdem aquelles, que são como a grande machina do mundo, que tem o resplandor do firmamento por circunferencia, e o pó da terra por centro. Com a circunferencia de hum vestido flamante mostrão firmamento de luzes, ainda que seja a sua geração o centro da vileza. O vulgo de cor parda, cõ o immoderado desejo das honrras de que o priva não tanto o accidente, como a substancia, mal se accomoda com as differenças. O da cor preta tanto que se vê com a liberdade, cuida que nada mais lhe falta para ser como os brancos. Pela experiencia, que tem da condição deste vulgo afflrmão os Governadores, e Ministros, que só pessoas desta Esfera dão que fazer ao seu governo, porem tambem he certo, que entre pardos, e pretos se achão muitos que cuidão em obrar bem, e com acçoens virtuosas se fasem merecedores da extimação a que aspirão.

## CAPITULO 22

### CATALOGO DOS OUVIDORES GERAES, AUDITORES DA GENTE DE GUERRA ETC. QUE TEM SERVIDO EM PERNAMBUCO DEPOIS DA SUA FELICE RESTAURAÇÃO

168. O Doutor Francisco Alveres Moreira, occupava no tempo da guerra dos Olandezes o lugar de Ouvidor Geral e Auditor da gente de guerra, eleito pelos Governadores da liberdade. A sua vasta litteratura, que se dilatava por hum, e outro direito o constituirão oraculo, não havendo naqulle tempo controversia grave, ou negocio importante, em que não fosse consultado, venerando-se os seus votos como decisoens, de tal sorte que bem conhecido o seu talento pela pendencia dos arbitrios, o nomiarão para assestir com o General Francisco Barreto, Andre Vidal de Negreiros, Affonço de Albuquerque, e Manoel Gonçalves Correa ao tratado das capitulaçoẽns que se celebrarão na Campanha do Taborda em 26 de Janeiro de 1654, em cuja negociação mostrou a madureza do seu concelho, unida a fidelidade do seu coração. Depois da restauração lhe succedeo Simão Machado de Miranda, eleito pelo Governador Geral do Estado.

169. Pouco tempo servio o Doutor Simão Machado que largando o lugar se embarcou para o Reyno, e em seu lugar entrou o Doutor Francisco Gomes Moniz por provisão do Mestre de Campo General, e servio ate 16 de Janeiro, em que tomou posse o Doutor Luiz

Marques Romano, que exercitou o dito cargo ate 18 de Março de 1657, em que falleceo. Entrou segunda vez a servir o mesmo lugar Francisco Alveres Moreira por provisão do Governador, e Capitão General Andre Vidal de Negreiros.

Succedeolhe o Doutor Marcos de Andrade, e servio ate o primeiro de Abril de 1662.

170. O Doutor Lourenço de Azevedo Motta tomou posse em o primeiro de Abril de 1662, o qual sahindo hûa noite ferido em hûa pendencia se recolheo ao convento do Carmo de Olinda a tratar da sua cura, onde o mandou prender o Governador Jeronymo Furtado de Mendonça pelo Juiz Ordinario João Pessoa Bezerra, em execução de hûa ordem delRey, que sendo encarregada ao Licenciado Manoel Moniz, que viera provido no lugar de Ouvidor Geral não executou ditta ordem. Por esta causa, e porque se não apresentou ao Governador para o reconhecer por Ministro Regio, o suspendeo, e mandou a Camera de Olinda lhe não desse posse, nem o reconhecesse por ouvidor desta Provincia: porem entendendo os vereadores devião obedecer a Ordem de ElRey, e não ao preceito do Governador lhe derão posse; mas não obstante a posse, que lhe deu a Camera, o fez o Governador suspender, e nomiou em ouvidor ao Licenciado Francisco Franco Quaresma natural da Parayba, que tomou posse em 2 de Outubro de 1664, a quem não quiz confirmar o conde Vice Rey da Bahia, que nomiou o licenciado Manoel de Freytas Reys, que tomou posse em 31 de Agosto de 1666, e servio até 25 de Agosto de 1667.

Succedeo-lhe o Doutor Manoel Diniz da Sylva e servio ate 15 de Mayo de 1669.

O Doutor João de Sepulveda e Mattos, tomou posse em 15 de Mayo de 1669, e servio ate 15 de Abril de 1679

O Doutor João Rodrigues da Serra, entrou a servir desde 15 de Abril de 1679 ate 16 de Janeiro de 1683.

O Doutor Dionisio de Avila Vareiro, que depois foy Desembargador da Relação da Bahia, tomou posse em 16 de Janeiro de 1683, e antes de acabado o tempo da sua residencia, deixou o lugar, e se retirou occulto para a Bahia, por aviso que tivera que o Governador João da Cunha Sottomayor o mandara prender.

O Doutor Manoel Ferreira da Costa servio desde 1687 ate 1689.

O Doutor Jose de Sa de Mendonça tomou posse em 23 de Mayo de 1689, e servio ate 30 de Março de 1695.

O Doutor Ignacio de Moraes Sarmento, entrou a servir em 30 de Março de 1695, e servio ate 30 de Agosto de 1697.

O Doutor Antonio Rodrigues Pereira tomou posse em 30 de Agosto de 1697, e occupou o lugar até 26 de Agosto de 1698.

O Doutor Manoel da Costa Ribeiro tomou posse em 26 de Agosto de 1698, e servio ate 16 de Setembro de 1700, em que falleceo.

O Doutor Ignacio de Moraes Sarmento, com provisão do Governador servio desde 18 de Setembro de 1700, ate 13 de Agosto de 1701.

O Doutor Dezembargador João Guedes de Sá tomou posse em 13 de Agosto de 1701, e servio ate 8 de Setembro de 1705.

O Doutor Jose Ignacio de Arouche tomou posse em 8 de Setembro de 1705. As diferenças entre elle, e o Governador Sebastião de Castro Caldas forão causa de hũa das mayores calamidades que tem padecido Pernambuco. Servio ate 3 de Junho de 1710.

O Doutor Luiz de Valansuela Ortiz, natural do Brazil, que exercitava o lugar de Juiz de Fora, lhe succedeo, e servio de Ouvidor ate 12 de Outubro de 1711.

171. O Doutor João Marques Bacalhau tomou posse em 12 de Outubro de 1711, e servio ate 5 de Junho de 1715, com igual prudencia que inteireza. Nunca se deixou penetrar da vil paixão do interesse, e muito menos dos artificios da lisonja antes armado de hũa louvavel liberdade increpava tudo quanto era oposto a Justiça, com tal observancia, que não sofria Advogados, e Procuradores de cauzas, que com maliciosos artificios as eternisavão com grave prejuizo dos litigantes. Para eterna recõmendação do seu nome basta saber-se que administrou este lugar em tempo, que se achava Pernambuco mal disposto por causa das sublevacoẽns dos povos, e soube prudente, e sabio administrar Justiça com applauso de todos. Deste lugar subio a outros mayores pelos degraos de seus merecimentos não concorrendo o favor alheyo para os conseguir, e muito menos a ambição propria para os pertender.

O Doutor José de Lima Castro entrou a servir em 5 de Junho de 1715, e com satisfação das partes litigantes servio ate 12 de Agosto de 1722.

O Doutor Francisco Lopes de Carvalho, tomou posse em 12 de Agosto de 1722, e com manifestos argumentos da sua insigne literatura, prudente capacidade, profundo talento, e summo desinteresse servio ate 17 de Dezembro de 1725. Saudoza será sempre a sua memoria, porque soube com a sua rara benevolencia, e excelente rectidão conciliar os coraçoẽns de todos.

O Doutor Manoel do Monte Fogaça occupou este lugar, e o não encheo, desde 17 de Dezembro de 1725, ate 29 de Novembro de 1730.

O Doutor Antonio Rodrigues da Sylva, entrou a servir em 29 de Novembro de 1730, e servindo ate 7 de Janeiro de 1734, deu a conhecer claramente a profundidade das suas letras, a capacidade do seu talento, a bondade do seu animo, e a rectidão da sua Justiça, e deixou eternisada a sua memoria com gloriosa fama do seu nome.

O Doutor Bento da Sylva Ramalho tomou posse em 7 de Julho de 1734, e servio ate 29 de Agosto de 1737.

O Doutor Antonio Rebello Leite entrou a servir em 29 de Agosto de 1737, e mais attento a seus interesses, que ao despacho dos litigantes, servio ate 24 de Dezembro de 1742.

O Doutor Francisco Correa Pimentel tomou posse em 24 de Dezembro de 1742. A erudição sagrada, e profana, a vasta literatura, a madureza do Juiso, a rectidão da Justiça, com o summo desinteresse se admirarão unidas neste Ministro. Servio ate 4 de Janeiro de 1749.

O Doutor Francisco Pereira de Araujo, em 4 de Janeiro de 1749 tomou posse contra o concelho do Espirito Santo, que admoesta, que se não encarregue o homem de ser Juiz, senão sente em si forças para bem faser sua obrigação. Remisso, tibio, e negligente servia de perjuiso aos litigantes. Sahio do lugar antes de acabar o termo da sua residencia.

O Doutor Manoel da Fonseca Brandão, Dezembargador da Relação da Bahia, por ordem delRey veyo a Pernambuco com o lugar de Ouvidor Geral, e syndicante, e servio ate 11 de Março de 1752.

172. O Doutor João Bernardo Gonzaga, nasceo na cidade de S. Sebastião Capital do Rio de Janeiro, em 20 de Agosto de 1710, sendo seus Pays o Doutor Thome de Soutto Gonzaga, e D. Theresa de Jasson, ambos de conhecida nobreza. Do sublime engenho, de que foy dotado seu Pay, não degenerou este filho, pois recebendo beneficamente da natureza comprehenção prompta, Juiso agudo, e feliz memoria se applicou na Patria a cultivar as Artes liberaes, e letras amenas, em que sahio egregiamente instruido. Com tão felizes principios fez grandes progressos o seu engenho na faculdade de Jurisprudencia Cesarea, e se formou com boa acceitação dos Cathedraticos. Provada a sua suficiencia no Desembargo do Passo, foy nomiado Juis de Fora de Montalegre, donde passou a criar o lugar de Tondella, o que fez com extremada prudencia, e insigne rectidão.

173. O justo conceito, que tinha formado ElRey da sua inteiresa, e capacidade foy causa de que o nomiasse Ouvidor Geral de Pernambuco, em tempo, que se via çoçobrado com as tormentas que levantarão as controvercias dos Ministros de Justiça, declarãdolhe que o mandava para socegar discordias, e reformar abusos; e participando lhe outros negocios graves, felizmente os concluio. Inspirado do genio, e da obrigação começou a examinar os processos, e com a sua laboriosa indagação animou com novos espiritos innumeraveis feitos, que jazião cadaveres nas urnas dos cartorios, sendo sempre a Justiça o Norte, por onde regulou as suas doutas deliberaçoens de que procede

o universal respeito, com que he venerada a sua incomparavel inteireza. Alem das virtudes, de que he ornado, he tão amante da gloria alcançada pelo merecimento, como inimigo do ocio, seguindo sempre a verdade sem preocupação de algum affecto, que faça menos solidas as suas sentenças. Por tão incansavel, e profundo estudo se vem aliviados das prisoens muito criminados, e findos infinitos letigios, recebendo da sua resolução as luzes, com que se deciparão as sombras, em que a muitos annos confusamente fluctuavão, sem que sirva de impedimento a sua profunda comprehenção ver-se obrigado a dar expediente aos grandes encargos de Ouvidor Geral, Auditor de Gente de Guerra, Corregedor, e Provedor da Comarca, Provedor dos Auzentes, Juiz das Justificaçoens, Conservador dos Familiares do Santo Officio, Juiz do Fisco, e dos Cavalleiros, Juiz da Corôa, Adjunto da Junta das Missoens, Juiz privativo dos Indios, Intendente do Ouro, e Deputado do Tribunal da Inspecção, lugar que creou com extremada prudencia e grande disvelo, mostrando summa independencia em beneficio publico. E para que nunca a malicia suspeite que na rectidão, com que procede se occulta utilidade propria, ate dos emolumentos do lugar se abstem muitas vezes. A recta administração praticada em tantas occupaçoens o habilita para que ElRey se sirva de seu grande talento em superiores empregos.

174, Ate o anno de 1696 tinhão os Ouvidores Geraes de Olinda Jurisdição civil, e criminal em todas as Provincias de Pernambuco. Crescendo as Povoaçoens, e o numero de seus habitadores, ficando alguns povos muito distantes da cidade de Olinda, que por este motivo exprimentavão grandes discomodos em acudirem a ella com as suas causas, suplicarão a ElRey fosse servido fazer-lhes outras comarcas, dividindo a Jurisdição, que estava somente no Ouvidor de Olinda. Em attenção ao seu justo requerimento mandou a Magestade do Serenissimo Rey D. Pedro II crear a Comarca da Parayba pelo Doutor Diogo Rangel de Castello-branco, e a das Alagoas pelo Doutor Jose da Cunha Soares, e depois mandou o Fidelissimo Rey D. João V crear a comarca do Seará, onde tambem poz Ouvidor Geral. No mesmo anno de 1696, introdusio ElRey nesta Provincia o lugar de Juizes de Fora da Cidade de Olinda, e villa do Reciffe sendo o primeiro, que servio este lugar de Juiz de Fora o Doutor Manoel Tavares Pinheiro, que tomou posse em 20 de Março de 1702.

# LIVRO QUARTO

## PERNAMBUCO ILLUSTRADO COM VIRTUDES

### CAPITULO 1º

DE MUITOS PERNAMBUCANOS, QUE PADECERÃO ILLUSTRE MARTYRIO EM ODIO DA RELIGIÃO CATHOLICA, E DEFENÇA DA FE

1. Se a maior honra, que das suas conquistas recebe hũa Monarchia não consiste, em que estas engrandeção o Estado, senão em que sirvão a propagação da Fe, e ao lustre da nação, que se adquire com as virtudes, para immortal gloria dos Portuguezes, quanto caminho abria a sua espada pelas vastas Provincias do Brazil, outro tanto terreno desmontava para que se derramasse, e frutificasse nelle a semente do Evangelho. Fonestissimos forão para a Igreja aquelles tempos, em que Luthero, Calvino, e outros Heresiarcas levantando bandeira pelo erro allistarão innumeraveis Provincias na milicia do Inferno. Com grande gloria, e consolação nossa ganhava o Evangelho n'este Emisferio muito mais terra, que a que perdia na Europa. Ao passo que em Allemanha, Inglaterra, Suecia, Dinamarca, com outros Reynos, e Provincias trabalhavão infernaes furias por arruinar o edificio da Igreja, pondo fogo aos Templos, e Sagradas Imagens, os Portugueses se occupavão em reparallo, e engrandecello no Brazil.

2. No anno de 1521 principiou Martim Lutero a pregar publicamente em Alemanha os abominaveis erros do seu entendimento, e foi de tal modo transcendente o seu pestifero voto, que inficionou muitas naçoens. No anno de 1530 sahio em Pariz Calvino mais cruel que as feras, e mais activo que o fogo, e fez immenso estrago na Christandade de França, e de outros Reynos, e Provincias. Neste mesmo anno entrava Duarte Coelho Pereira a conquistar, e povoar Pernambuco, onde contra aquellas indomaveis feras se forão logo alistando alentados soldados de Christo, que em gloriosas campanhas da Religião Catholica, havião destruir, e vencer os discipulos, e sequazes de tão perniciosos Dogmatistas.

3. Ja com a conversão dos Indios do Brazil a nossa Santa Fé desconhecião estas terras os seos proprios habitadores, vendo Angelicos costumes em homens, a que dantes faltava a humanidade. Ja admiravão os Emporios do mundo o comercio das suas profanas drogas, trocadas em Divinos contratos. Ja as ondas do mar batião brandamente as nossas prayas para festejarem a santidade de seos moradores. Ja o cheiro das suas virtudes era mais precioso que os seos aromas. Quando a eclipsar tantas glorias, a escurecer tantas luzes, a perturbar tantas ganancias, a destruir o edificio, que levantava o zelo, que ornava a virtude, e que sustentava a Fe; empenha o Inferno as suas forças, applica as suas artes, e tomando aos hereges Olandezes por instrumentos se esforça em arruinar de hua vez toda fabrica da Christandade de Pernambuco.

4. Para anniquilar os fieis exercicios da Religião, com diabolica furia procurou o perfido Olandez todos aquelles meyos, que lhe parecerão mais efficazes. O primeiro, que executou, foi affear a pureza dos Templos com tanta exorbitancia de desprezo, que fez em pedaços as sagradas, e santas Imagens pizando-as os sacrilegos pes tudo, que servia, e representava o Culto Divino. Ordenou que os Santuarios servissem a sujas, e torpes occupaçoens, para que o asqueroso do lugar communicasse aborrecimento a ley. Prohibio na cidade Mauricea, e Recife o uzo dos Sacramentos com pena capital a quem violasse tão execravel decreto, prohibição. que se estendeo a todo dominio. Vendo se os fieis obrigados a não ter outros templos, que as cavernas mais escuras, nem outras Imagens de Deos, e de seos Santos, que as que trazião gravadas em seos coraçoens: porque o furor de heresia não permittia outros templos, nem outros simulacros, porque so permittião sinagogas, em que os Judeos com publicidade exercitassem seos condemnados ritos, e o uso da Religião Catholica não soffrião, nem ainda nos mais secretos retiros. Empenhado em destruir a verdadeira Fe deu em perseguir os sacerdotes, e Religiosos, cuidando arruinar as columnas, para q̃ cahissə o edificio. Com pena de morte lhes mandou despejar a terra. Juntos em Tamaracá os mandou prender, despojados dos habitos, e de todo despidos, maltratados, feridos, e separados os fez embarcar, e mandou deitar em prayas desertas, e ainda não povoadas fora do termo do Brazil; a outros tirou a vida com tormentos, e a dous Religiosos poz na forca com ignominias. Desterrados, mortos, e perseguidos os sacerdotes, introduzio mulheres formosas, que em copos dourados dessem aos Pernambucanos a beber o veneno da herezia. Cuidou que ja os seos Predicantes não terião que faser com estas previas disposiçoens da sua maldade em introdusir nos nossos a torpe doutrina das suas seitas, mas vio que na falta dos sacerdotes havião soldados, que na mais adversa fortuna os confundirão. Não ouve morador que puzesse os olhos

naquellas fementidas bellezas, nem que quizesse ouvir a heretica doutrina. O mais abatido lançava de si com despreso o predicante mais authorisado. Ao mais fraco não fazião brecha no seu coração os enganosos cantos d'aquellas fementidas sereyas, sendo hum Aspide aos encantos, huma çarça aos carinhos, e no mar tempestuoso das estrangeiras tentaçoens, hum incontrastavel rochedo de castidade.

5. Seja motivo do mayor assombro durar entre os opprimidos Pernambucanos a peste, sem que se lhes ateasse o contagio. Não ouve Portugues, que pelo decurso de vinte e quatro annos prevaricasse na Fé assim Divina como humana. A nenhum virão os Olandezes contaminado; quando parecia que a perseguição os tinha reduzido a cinzas, e então estavão em seus peitos mais vivas ás brazas da Fé. Como pedras de amollar erão as extorçoens dos Hereges, que sem poderem ferir davão fios a espada da Fe para cortar os seos erros. Não ouve penhasco tão firme ao contraste das ondas, como o coração dos Pernambucanos ao mais embravecido das perseguiçoens. Com tantos annos, com tantas deligencias, com que a infernal serpente pertendeo tentar os nossos com a formosura dos pomos, não conseguio que algum tivesse communicação com mulher hereje, nem ainda por matrimonio, abominando todos o erro, e as pessoas, que o professavão.

6. Uma das maiores graças e mercês, que Pernambuco reconhece dever a Magestade Divina, he havello fortalecido tanto, que nenhum rigor foi bastante para o fazer afroixar da sua constancia, illustrando-o ao mesmo tempo com tantos Martyres, que apurando o finissimo ouro da virtude com a purpura do seu sangue o esmalte de tantas grinaldas, quantos forão os tormentos, que tolerarão, e padecerão pela confissão dos mysterios da nossa Santa Fé Catholica.

7. As horriveis crueldades, e exorbitantes tiranias executadas em Pernambuco pelos infieis, e infames olandezes, forão taes, que arriscão o credito, e não se hade persuadir facilmente o mundo, que houvessem homens, em que coubessem tantas e tão incriveis deshumanidades. Os meyos de que se aproveitava aquella gente para conservar, e dilatar o dominio, e interece, erão injustiças, perjuros, perfidias, destruiçoens, mortes, tiranias, roubos, violencias, e injurias. Toda a crueldade dos Gentios sem o lume da Fé, comparada com as tirannias dos Olandezes ficaria a perder de vista.

8. Para que a sua barbara crueldade servisse mais a seu depravado deleyte, inventarão estes tiranos novos modos de tormentos, e exquisitos generos de deshumanidade. Condenavão a açoutes, executava-se a pena por taes braços, e com taes tormentos, que não se dava golpe que não abrisse ferida. Sentenceavão a morte, compria-se a pena com taes escarneos, injurias, e martirios, que se não podia saber,

se morrião a rigores do ferro, ou a violencias do pejo. Cada dia inventavão estranhos modos de matar. Estendião os corpos dos pacientes sobre humas rodas obradas com tal artificio, que com o movimento lhes moião os ossos, e se a vida suportava o tormento, lhes davão fim com huma maça de ferro, que lhes abatia os peitos. A outros fazião em migalhas jà pelas juntas dos dedos, que muy vagarosamente lhes hião cortando articulo por articulo, athe lhes arrancarem as linguas, olhos, faces, e dentes. A huns atormentavão em cavaletes de páo athe que fenecião. A outros com afilados trinchetes hião pouco a pouco desmembrando athe lhes ficarem os ossos descarnados, q̃ só servião de lhes intrincheirar as entranhas, em que conservavão a vida para mais sentir os tormentos. A outros penduravão, e ungião com azeite, ou emplastavão com pez deretido, para que a fogo lento acabassem as vidas. A muitos imprensavão entre duas taboas repassadas de agudos pregos, que juntamente os trespassavão, e mohião ate que com o sangue lhes espremião a vida, e por recreyo passeavão sobre ellas. A não poucos amarravão suspensos pelos pes, e atravessando entre hum, e outro grosso madeiro, e cavalgando em huma, e outra ponta, se balanceavão festejando com risadas as sentidas vozes, com com que os pacientes significavão as terriveis dores, que padecião. As mulheres de qualquer estado, ou qualidade cortavão as mãos, e rompião as orelhas, e ferião as gargantas, so para lhes tirarem os anneis, pendentes e gargantilhas. Abrião muitos pelas costas, ou pelos peitos, e lhes tiravão os figados, e coraçoens ainda palpitantes, esgarçavão as crianças vivas, e com as mãos as fazião em duas partes. A outras estrallavão nas pedras e nos troncos, ou de tiro, ou de golpe competindo-se na execução a destreza, e a força.

9. Callem as historias a atrocidade daquelles carceres, com que a natureza ferina de alguns tiranos desacreditou a piedade do coração humano com o inaudito rigor daquellas clausuras, os Tulianos de Roma, os Baratros de Athenas, os Ceramoens de Chypre, os Termerioens de Caria, os Arnes de Beocia, as Decadas dos Espartanos, os labirintos de Creta, as Torres Turcicas do Mar negro, os formidaveis palanques do Japão, as latomias dos Dionizios, os letes dos Persianos, o lago dos Geremias, e a cisternas dos Josês. Verdade he que todos estes carceres forão theatros horriveis de sanguinolentas crueldades, que ainda depois de tantos seculos so com a sua lembrança fazem hoje execrar a ferocidade de seos crueis inventores; mas parece que todos elles confrontados com as prisoens, em que punhão os Olandezes aos nossos, perdem muito da sua horribilidade. Seos prisioneiros ainda não estavão mortos, e jà totalmente se vião separados dos vivos, onde sem esperança de liberdade se sentião acabar as vidas com mil generos de

mortes, e para que acabassem para a vida, e mais para a honra, prendendo-os de sorte que so lhes ficassem livres os olhos, punhão diante delles as mulheres, as filhas, e as Irmãas; e violentadas na sua presença lhes fasião beber de hum trago a dor, e a infamia. Forão tantos, e tão repetidos os casos, que se não podem especeficar, porque em todas as partes, e lugares de Pernambuco se executavão com summa crueldade. As cauzas remotas das suas tiranias era commumente leves, ou fingidas culpas; a cauza proxima era sempre o odio da Fé Catholica. Sirvanos de exemplo, sobre infinitos que podiamos referir, o Vigario de S. Lourenço, Gonçallo Ribeiro; Domingos da Sylveira, Jeronimo de Albuquerque de Mello, Pedro Alveres Carneiro, Francisco Dias, e hum seu filho, que depois de remirem as vidas com grandes somas, forão em odio da Fe, impiamente atormentados e privados da vida.

## CAPITULO 2º

### CONTINUA A MESMA MATERIA

10. Não servirão menos os Pernambucanos a Religião com a virtude, que a Patria com o valor; porque se dignou o Ceo de abrir em nosso terreno hum amplissimo theatro de virtudes, e maravilhas. A demonstração mais evidente do muito que abominarão e abominão as detestaveis seytas dos herejes, não foy somente conservarem a puresa da Fe Catholica, que professamos, mas sim estarem todos dispostos a dar a vida em sua defença e confissão, sem que entre tantos e em taes circunstancias houvesse algum que fraqueasse nos conflitos, ou nelle se visse algũa sombra de inconstancia, duvida, ou temor.

11. Em dous de outubro de 1645, chegou João Bolastrater hum dos tres do Concelho Supremo dos Olandezes a fortaleza do Rio grande, para faser dar execução naquella cidade como Ministro, o que no Recife decretara como Juiz. Que todos os Portugueses de sete annos para sima se passasem a espada sem exceção de pessoa. Achavão-se naquelle dia na fortaleza o Reverendo Vigario da Freguezia Ambrosio Francisco Ferros, Antonio Vilela Cide o velho, Antonio Vilela Cide o moço, Francisco de Basto, Jose do Porto, Diogo Ferreira, Estevão Machado de Miranda, Francisco Mendes Pereira, Simão Correa, João da Sylveira, Vicente de Souza Pereira, e outros muitos, aos quaes mais illustre memoria escreveo os nomes, e com elle João de lustar Navarro, que o inimigo tinha em prizão. A todos mandou vir a sua presença João Bolastrater, e lhes disse que a praça estava falta de mantimentos, que fossem tratar das suas lavouras para acodirem com o provimento

nccessario á guarnição, que para segurança das suas pessoas, e da campanha contra as ĩnvasõens dos inimigos puzera sufficiente presidio, e mandava huma companhia de soldados em sua guarda, e que para melhor commodidade lhe parecia bem fossem pelo rio ao outro dia /que se contavão tres de outubro/, e nelle acharião barcos prevenidos para a viagem.

12. Tres legoas da Fortaleza pela ribeira do Rio asima está um porto chamado Hiomavaçú, nas matas circunvizinhas estavão por ordem do olandez emboscados duzentos Barbaros, que havião condusido dos certoens para lhe serem companheiros nas crueldades. Arribarão a este porto os nossos, e sahirão para terra cercados da companhia dos Olandezes o capitão que os cõmandava, os mandou despir a todos, e que se puzessem de joelhos, sem repugnancia obedecerão todos, postos os olhos no ceo, ao qual se offerecião em sacrificio, certos de ser chegada a ultima hora da sua vida, que offerecião a Deos; e para que a ferocidade do verdugo fizesse mais sensivel o martyrio, e mais horrivel o estrago, derão sinal aos selvagens emboscados, sahirão estes dos matos com gestos, e medonhos alaridos. Não foy sufficiente a presença de hum objecto tão horrivel, e espantoso para diminuir hum ponto a constancia dos invenciveis soldados de Jesu Christo. Com a horribilidade de representação tão feroz cuidou o hereje vencer a constancia, e fortaleza dos nossos Martyres; cercados por todas as partes da multidão daquellas cruelissimas feras, mandou hum predicante, que entrasse a pregar-lhes as suas diabolicas seytas com a promessa de gloria, e esperança de vida, aos que convertidos aos hereticos erros apostatassem da verdadeira Religião. Com esta deligencia lhes dispoz a palma, cuidando privallos da coroa. Os soldados de Christo alentados com novo espirito, zelo, e fervor com palavras e acçoens abominarão a cegueira heretica, e os condenados erros de suas seytas, confessando a gritos a Fé, que professavão, detestando todos os articulos, que se desviavão dos sagrados decretos, e da pureza da Fé catholica, que cre, e ensina a Santa Igreja de Roma, e que estavão prestes a dar huma, e mil vidas se as tiverão pela confissão e defença da Fé, e verdadeira ley de Jesu Christo. Vencido, e despresado o herege, e sobre maneira raivoso da constante resolução dos valerosos soldados do Senhor, tomou por sua conta o desagravo das suas seytas. Qual feroz, e faminto lobo enveste com o innocente rebanho, que se offerecia com estremado valor as sanguinolentas espadas dos infieis, nos quaes ja faltava o cruel impulso, para as jogarem contra a innocencĩa dos Christaõs, que para acharem melhor vida, sacrificavão as suas pela confissão da nossa Santa Fé Catholica. Não foi bastante o ver correr o sangue em rios, para que se abrandasse a crueldade do Tirano, o qual indignado cruelmente

de perseverarem constantes em seu santo proposito, dispoz dar lhes maiores tormentos, com este fim /se já não foy disposição Divina para sua maior coroa/ cuidou em lhes prolongar a vida, para que nella achassem sentimento todos os martyrios da crueldade, que a firme constancia dos catholicos não so soffria mas despresava, animando-se huns a outros a vencer a tirania com a certeza do premio. De cançado chegou a desfalecer o braço da heretica crueza, porem não o valor da catholica paciencia. Retirarão-se os Olandezes, e entrarão de refresco os Barbaros, e não achando ja naquelles corpos parte, que de novo podessem atormentar, os forão cortando, e dividindo por todas as juntas, athe que neste cruelissimo martyrio derão as almas a seu criador envoltas nas confissoens da Fe, e nas gallas da esperança. Horriveis deixou a crueldade os bemditos corpos, que so tinhão forma de troncos. A muitos abrirão para lhes tirar as entranhas, depois de lhes cortarem as cabeças, as pernas, e os braços, para que não parecessem homens, e para disfigurarem as partes, lhes tirarão da cabeça as linguas, olhos, orelhas e narizes; dos braços as maõs, das maõs os dedos, e para que todos tivessem parte na crueldade não ficou herege, nem Gentio, que não cortasse a sua parte.

## CAPITULO 3º

### ILLUSTRE MARTYRIO DE SETTENTA PERNAMBUCANOS

13. Emquanto os Barbaros, se occupavão em destruir as reliquias d'aquelles bemaventurados Martyres, de que temos feito merecida memoria, e se deleitavão, com a vista do estrago, que a sua crueldade havia executado; marcharão os perfidos Olandezes em demanda de hum lugar, que distava meya legoa, onde com a defença de huma paliçada de páo a pique estavão recolhidos setenta Pernambucanos, para melhor se defenderem das correrias dos Barbaros capitaneados por hum herege chamado Jacobo, que por aquellas partes comettia horriveis crueldades. Chegarão a cerca, e com aleivoso trato, e costumado fingimento disserão aos nossos da parte do Governador da fortaleza, que tinhão ordem do supremo concelho para se faser entre todos certa concordata necessaria para o bem commum, e boa paz, em a qual era preciso assignassem as partes interessadas, pelo que convinha que com toda brevidade chegassem a Fortaleza, e com elles Olandeses se fossem embarcar ao porto de Hiomavaçú, aonde tinhão embarcaçoens prestes para fazerem a viagem com menos molestia. Os coraçoens presagos lhes dava a conhecer a falsidade da proposta, e que certamente erão

levados para o sacrificio; bem poderão fugir a morte, que os ameaçava: pois tempo tinhão e commodidade para o fazerem, mas quizerão antes expor-se ao perigo, para não desviarem a coroa, que os esperava; nas despedidas das mulheres, e filhos derão garrotes aos seos affectos, vendo já aos hereges com os alfanges levantados para cortarem aquelles nós mais que Gordios do amor conjugal, e paterno, so com os olhos postos no Ceo, e nas suas esperanças se poderão dispor a tão perigosa resolução. Chegarão ao lugar, que para a navegação era porto, e para o martyrio theatro, servindo-lhes o espanto de que vião executado nos companheiros de lhes reprezentar as circunstancias do suplicio, que esperavão. Como os primeiros forão acommetidos dos malvados predicantes ameaçando-os com o mesmo estrago, que vião, se se não sugeitassem as suas persuaçoens; os nossos Pernambucanos postos no campo, em que melhor obstentassem o seu valor, constantes na Fe se mostrarão insensiveis a vista do mais lastimoso espectaculo, cerrarão os olhos mais por horror do vicio, que por temor da morte, e soltando as lingoas em voz alta fizerão todos a protestação da Fe, publicando ja quase entre os verdugos que so crião no que a Santa Madre Igreja de Roma manda crer, e detestavão as infernaes seytas de lutero, Calvino, e todos os mais Hereges, e Apostatas, que se apartavão do que os verdadeiros fieis crião, e confessavão, porque so na ley de Jesu-Christo, como o ensina a Igreja Romana, se podião os homens salvar. Asanhada aquella vil canalha da confissão da Fe, que ouvião, como desapiedados Tigres arremetem aos nossos settenta Martyres a ferir, e matar com tanta ira e braveza, que se apostavão a qual seria o primeiro, que ensopasse a espada nos seos corpos. Com crueldade mais que de feras tiravão vidas, e lingoas, que confessavão a verdadeira Fe, e era meyo de abrirem mais bocas que a repetissem. Todos se empenhavão em empregar melhor o seu golpe, desatada a furia em iras infernaes não teve descanso, emquanto vio corpos inteiros, nos mesmos pedaços sem alma havia repetição de golpes.

## CAPITULO 4º

### ADMIRAVEL FORTALEZA COM QUE OUTROS SOFREM OS TORMENTOS

14. Não ha mais dureza que a de hum coração cegamente obstinado, o mesmo diamante symbolo da fortaleza no sangue de hum cordeiro amolece, mas hum coração indurecido he insensivel aos sentimentos, quanto mais sangue corria das veas das innocentes victimas, mais se embravecia a crueldade heretica com tão horrendos estragos, que

a mesma tirania se fasião estranhos. A hum mancebo cazado por nome Antonio Baracho, ao qual a natureza e a fortuna enriquecerão de aposta, amarrarão a hum tronco açoutado rigorosamente athe lhe aparecerem as entranhas, que de proposito lhe desgarraram, para que lhe enchessem o ventre de brazas encendidas, emquanto com ferros ardentes lhe denigravão o corpo por fora. Desejosos de verem coração, em que cabia o sofrimento de tantos tormentos, lho tirarão pelas costas, e tanto se desmandou nesta occasião a heresia, impiedade, e atrevimento, que com desaforo não so execrando, mas ainda impudico lhe cortarão a lingoa, e as partes humanas, que a mesma natureza ensina a encobrir, trocando a infamia da deshumanidade a cada hũa das partes o lugar que lhes dera a natureza. Com Matheus Moreira usarão a mesma tirania, deleitando-se a sua crueldade com a repetição de actos tão execrandos, athe que entre acerbissimos tormentos deu os ultimos alentos, dizendo: Bemdito, e louvado seja o Santissimo Sacramento; para que visse o hereje para sua maior confusão este Divino misterio no coração, que tirava, e na boca, por onde sahia. Os tormentos, affrontas, injurias, e despresos, com que martyrisarão ao Reverendo Vigario da Freguezia Ambrosio Francisco Ferros forão com tanto mais excesso, quanto mayor é o odio, que os hereges tem aos sacerdotes, e ministros dos sacramentos. Não se fartou a sua crueldade com lhe tirar a vida com exquisitos tormentos, não se saciou a sua infernal ira com apurar neste Martyr os mais rigorosos modos de atormentar hum corpo, passou o seu odio a deixar vencidos todos os despresos, e ignominias, que pode excogitar a mais torpe, e indigna maldade; forão elles taes, que não tem a lingoa palavras, com que sem grande offensa da modestia, e natural pejo se possão contar.

15. Admirados os verdugos da fortaleza, com que oito moços de menor idade triunfavão das affrontas, e martyrios, pedirão ao capitão olandez concedesse a vida. Concedeo o capitão o que se lhe pedia, desejoso talvez de os privar da corôa, com lhes deixar a vida, ou de lhes tirar a vida quando não merecessem a corôa; porem que seria com protesto, de que em nenhum tempo tomarião armas contra Olanda, senão contra Portugal. Ouvida a condição daquelles leaes, constantes, e invenciveis espiritos, responderão todos, que lhes rendião as graças pelo beneficio, com que os punhão em nova occazião de accrescentarem a coroa de Martyres da Fé, a coroa de Martyres da Patria; premio em cuja comparação era limitado o preço de hũa vida caduca, que com alegria escolhião a morte, porque para a sua extimação era a maior dita o morrerem pela Fé, e pela Patria. Vio se a deligencia despresada, a intercessão corrida, o ardil perdido, e estimulado o furor inventou novos martyrios, com que a olhos huns dos outros foy despedaçando

os corpos, que animava a mais invensivel constancia, até deixar a todos sem figura, e sem vida. A hum dos oito mancebos chamado João Martins, a cuja vista martyrisarão os sette (presumindo diminuido o esforço a tiros do mortal estrago, que havia visto) persuadio que conservasse a vida a troco somente da promessa de assentar praça em serviço da Olanda. Com alegre, e desenfadado semblante respondeo: que se não rendia a fidelidade de hum Pernambucano Catholico Romano a tão vil partido, quando victorioso de suas intancias, e crueldades esperava eternizar com sua morte a gloria de seu nome, confiado na misericordia Divina, que levaria sua alma ao logro da vida eterna. Aqui se acendeo de todo a Ira, por que se vio mais offendida a industria, não ficou tormento. que não executasse a tirania, e passou muito alem da morte a crueldade.

16. Não é possivel referir todos os particulares deste acto, em que se vio exgotada a crueldade de seos mais exquisitos tormentos; e em que se vio realçada a constancia e fortaleza em seos mais heroicos primores. Cansados de executar tiranias entregarão aos gentios o despojo, que erão as ultimas reservas da honestidade; porque do mais ja se havia apoderado a sua incansavel cobiça, e com estarem retalhadas dos golpes, e feitas em pedaços, deixarão separados de tudo ver melhor; o que encobrião as roupas; com pasmo dos mesmos infieis virão rodeados de asperos celicios, e de duras cadeas aquelles ditosos corpos, dispondo-os a virtude da penitencia para a paciencia do *martyrio*, Exercicio em que se occuparão tres mezes, que estiverão recolhidos na estacada com quotidianas preces a hum santo crucifixo; que com o exemplo os animava a imitação, como se com anticipadas vesporas solemnisassem o dia do seu transito, que succedeo no mesmo dia tres de Outubro de 1645. Para que não faltassem testemunhas dos particulares deste martyrio de tantos servos do Senhor, permitio a sua Divina providencia, que escondidos no mato visinho alguns Portuguezes vissem, e observassem todos os seos acontecimentos, que a mesma heretica malicia não pode tambem occultar para sua mayor confusão; e honra, e gloria de Deos.

17. Coroado o execrando acto com fim tão glorioso caminharão os Tiranos para o lugar da estacada, onde não cansada a sua crueldade das tiranias executadas, continuarão estas nas injurias affrontas, e tormentos, que derão as mulheres, filhas, Irmãas, e parentes dos nossos Martyres. Pedirão as aflitas senhoras licença para lhes darem sepulturas, e a não poderão alcançar, se não depois de passados quinze dias para que a corrupção não desse lugar a piedade, ou para que se anticipassem as feras em lhes dar em seos ventres horrivel sepulchro. Mas o ceo empenhado em publicar a victoria de seos servos permittio

que os meyos, de que se valia a heretica malicia para esconder aos olhos do mundo a sua crueldade, e o triunfo dos servos do senhor, esses mesmos servissem para mayor honra e gloria ; porque passados os quinze dias estavão os seos corpos ainda que divididos, e despedaçados, intactos, não se atrevendo a tocallos nem a corrupção nem os bichos, exalando tão suave fragancia, que vencia a todos o aroma, e flores dos jardins (cheiro que neste sitio perseverou muito tempo) para que não houvesse quem não fosse testemunha de tamanho prodigio. Estava o sangue sobre a terra fresco, e as feridas da cor de preciosos rubins, mostrando a divina providencia com esta e outras extraordinarias demonstraçoens, o quanto fora grato a seos divinos olhos o sacrificio daquellas innocentes victimas. Na noite, em que as devotas mulheres derão sepultura aos corpos dos bemaventurados Martyres, ouvio a mulher de Gusman Governador da fortaleza para aquella parte onde se depositarão, hũa suavissima melodia de acordadas vozes, que como celestiaes movião, e admiravão ; espantada de caso tão novo chamou o marido, que com outros Olandezes estava conversando, e todos ouvirão a musica com hum mesmo espanto. Sahio a hũa camara, onde se achavão alguãs mulheres Portuguezas, que compassiva tinha recolhido em sua caza, e achou que suspensas na suavidade da armonia, se esquecião da magoa, e do somno. Em o cerco, onde ficarão as mulheres, filhas e parentas dos Martires foy tão extraordinario o cheiro em todo tempo, que durou o martirio, que igualmente recreava e suspendia.

18. Para chorar sem perigo (por que tambem se reputava delicto o natural sentimento) se recolheo a hum aposento interior hũa menina filha de Diogo Pinheiro, aonde achou hũa fermosa senhora com hum azorrague na mão, que com veneravel gravidade lhe disse: Não chores filha, que com este açoute, que aqui vez, hão de ser castigados os Ministros da crueldade, que logo ouvirás ; e desapareceo. Sahio a menina espantada, e medroza, e perguntada a cauza relatou o referido. Verificou o successo a verdade do aparecimento. Em breve tempo degolou o fio da nossa espada a todos os agressores, adiantando-se na paga aquelle perfido olandez Jacobo, que se adiantou na culpa, ao qual Gusman Governador da fortaleza matou a punhaladas. Todas estas noticias forão authenticadas por testemunho e juramento de muitas pessoas, que tudo presenciarão, e escrevem deste, e mais martirios o Padre Frey Manoel do Salvador no seu valeroso Lucideno, Frey Raphael de Jesus no Castrioto Lusitano, e em outras muitas memorias, e tradiçoens verdadeiras.

## CAPITULO 5º

CONTINUA A MESMA MATERIA—COM A NOTICIA DE OUTROS QUE PADECERÃO MARTYRIO

19. Em quinze de Junho do anno de 1645 arribou a povoação de Cunhaú Jacobo Olandez com grande numero de barbaros, que o seguião companheiros nas suas crueldades. Tinhão lhe remettido do Reciffe os do governo as ordens, e instrucçoens do que havia de obrar, e das simulaçoens, com que havia executar seos execrandos mandados. Entrou na povoação, e com fingida paz mandou deitar bando, e fixar editaes firmados pelos do Concelho supremo, e jurado pelo dito Jacobo, ordenando aos visinhos do lugar que debaixo do seguro se achassem todos na Igreja o seguinte dia, que era Domingo, para que depois de missa, que lhes consentião ter naquella Igreja, conferissem certo negocio, que os senhores Estados lhes mandavão communicar, segurando-os de que a pessoa nenhúa se faria o menor agravo. A mayor parte dos moradores obedeceu ao bando, e ainda que receavão as traidoras tençoens dos hereges, o preceito da Igreja os fez acodir a Igreja em mayor numero, sendo o menor, o que se poz em cobro pelos ter ensinado a experiencia a falsidade de semelhantes tratos. A mayor parte, dos que acodirão, entrou para a Igreja, outra menos confiada se deixou ficar nas casas do Engenho. Os que entrarão no templo, encostarão as paredes do portico os bordoens, que levavão / armas que sõ lhes permittia o Governo olandez). Vestio-se o sacerdote, poz-se no altar, deu principio a missa, e ao tempo, em que chegou a levantar a Deos, se fizerão os infieis senhores da porta do Templo, o que advertido dos moradores, conhecerão o perigo, e dando-se todos por mortos, recorrerão a Deos pedindo-lhes perdão de seos peccados, tão faltos de tempo, que se encontrava a oração na garganta com a espada, sem que a dos barbaros deixasse pessoa com vida. Pela mesma sorte passarão os que se recolherão nas cazas do engenho, se não que estes irritados do sacrilegio, e da perfidia morrerão matando.

20. Era o sacerdote, que celebrava, homem de noventa annos, varão de vida exemplar e virado para os infieis lhes disse : que todo aquelle que nelle tocasse, ou nas Imagens, e paramentos do altar, lhe ficaria tolhida a parte, com que o fizesse ; temerão os gentios, e se retirarão reverentes, outros infieis, ou mais assanhados ou menos respeitosos lhe tirarão a vida. Todas aquellas partes de seos corpos, que servirão ao sacrilegio, lhes ficarão pasmadas, e insensiveis, e todos em

brevissimo tempo morrerão despedaçados dos seos proprios dentes: e para que se não duvidasse da causa do castigo, permittio Deos q̃ na dureza das portas da Igreja, como em branda cera, ficassem impressas as mãos do sacerdote buscando com ellas arrimo nos ultimos alentos da vida. Verificou-se o prodigio com se ver por largo tempo o sangue dos padecentes tão vivo, e fresco, como se na mesma hora fosse derramado.

21. A tres soldados Portuguezes do Reciffe condemnou o Olandez a morte de forca por levissima causa. Forão lhes intimar a sentença de prisão. Com os Ministros de justiça entrou hum predicante, parecendo-lhe que a profissão de soldados, que traz comsigo a soltura das acçoens, o amor da vida em poucos annos de idade, e o medo de hũa morte affrontosa, serião motivos, que os persuadissem ao desejo da conservação da vida, lhe prometterão esta, se abraçassem as seytas de Lutero. e Calvino: nestes dourados vazos lhes quiz dar a beber o veneno da heresia. Adiantou se aos mais um dos prezos, e com inteireza, e defendendo, lhe disse: va se dali Ministro infernal, Predicante de Borrachos, em seytas de bebados poderà haver quem nesta vida beba, mas não quem para a outra vida viva. Viva a Fe Catholica, que professamos, e em que morremos, e leve o Diabo tanto herege com seo Lutero, e Calvino. Deixou a fiel constancia assim cortados, e corridos a todos os circunstantes, que furiosos appellarão do despreso para a vingança. Toda força dos algozes, toda maquina dos tormentos se empenhou em satisfação, e desempenho da sua colera. As injurias, e affrontas excederão a imaginação. Tudo sofrião alegres, e constantes os valerosos soldados com os nomes de Jesus e Maria em suas bocas, confessando em vozes altas a Fè Catholica, em que morrião, entregarão suas almas ao Creador, que lhes daria a merecida coroa, que alcançarão por firmes, e constantes na sua Fe.

## CAPITULO 6º

### DE MUYTOS PERNAMBUCANOS QUE FLORECERÃO EM VIRTUDE

22. A mayor finesa do amor de hum Christão he sacrificar a vida pelo amor de Deos, e da sua honrra. Com este cruento sacrificio procurarão nossos martyres de se desempenhar de algum modo das infinitas obrigaçoens, que tinhão ao Redemptor do mundo, offerecendo a cabeça as espadas, o peito as settas, os pez aos grilhoẽs, as maos as cadeas, o corpo aos patibulos, e a vida aos tormentos, innúdarão os theatros com as correntes do seu sangue, saciarão com suas carnes a voracidade

das feras, e lançados no fogo cobrirão com suas cinzas a terra, achando por este modo na crueldade dos tiranos, o desempenho do seu agradecimento. A falta de verdugos fez com que pelo martyrio não dezempenhassem outros muytos as obrigaçoẽns de agradecidos, mas souberão com o amor, e com a innocencia da vida suprir a falta dos Tiranos, sendo o mesmo amor o inventor das suas penas, e o artifice dos seos tormentos.

23. Doze são as portas por onde se entra na Jerusalem celeste, por que são diferentes os caminhos por onde a graça divina dirige os Justos. Temos visto nos nossos martyres assombros de paciencia, prodigios de constancia, e raros exemplos de Fortaleza; agora notaremos os empenhos virtuosos de outros Espiritos relevantes, que se admirarão na esfera da perfeição Evangelica; por que ainda nesta se achão outras diferentes varedas por onde se caminha para a bemaventurança. Não acabarão no martyrio dos Tiranos a vida, mas imitando o caminho dos Santos, atropelando os vicios, despresando o que o mundo extima, e seguindo fielmente a Christo cada hum com a sua cruz, conseguirão dos inimigos da alma gloriosas victorias.

24. Em continua guerra, e repetidos conflitos passou os dias desta vida o veneravel Padre Antonio Manoel Feliz, Presbitero do habito de S. Pedro, natural do Reciffe. Sempre venceo por que teve um grande e alentado coração. Rompendo pelos esquadroens dos inimigos da alma, *exercitando com bellicas violencias o seu valor*, apurou a sua paciencia nos hospitaes, servindo aos enfermos, curando leprozos, confortando os agonizantes, amortalhando os defuntos, e passando o melhor da sua vida entre tumbas, ataudes cadaveres, e sepulturas. Os Martyres da Fé sacrificarão a vida para gloria de Deos, e este virtuoso sacerdote como Martyr da Caridade, se offerecia muitas vezes a morte para bem do proximo. Na Companhia dos Leprozos, e no centro dos contagios, com mayor valor, que se servira nos theatros da crueldade, e nos cadafalsos dos Tiranos, arriscava muitas vezes a vida com valente acto de amor.

25. Sendo Secretario da vizita que fez n'este Bispado o conego João Maximo, teve occazião para ver varios pretos feridos do asquerozo mal de lepra. Buscavão aquelles miseraveis nas sombras das arvores o abrigo, que em suas cazas lhe negava a crueldade de seos senhores. Compadecido o caritativo Padre de tanto dezemparo os conduzio para o Reciffe, e alugando hũa caza no lugar da Boavista, os acomodou nella, cuidando no alivio das suas dores, e no remedio de seos males com cordialissimo disvello. Cresceo logo o numero dos enfermos ao reclamo da sua fervorosa caridade. A todos recebia alegre, e a todos com grande amor hospedava. Encontrando se com doente desemparado

sem o recolher no seu hospital, não aquietava o seu coração. A pobres mortos pelos caminhos, carregava com elles ás costas, tumba animada em que o silencio da mesma morte publicava o triunfo da caridade. Sendo quasi todos os enfermos pretos de horrivel, e torpe aspecto, genio buçal e condição aspera, em quem as ruinas da vida escandalisavão a sympathia do affecto, e destruião os atractivos de inclinação, com estupenda constancia chegou muytas vezeş a lanber em seos disformes corpos abertos em nojentas chagas, virulentos homores. Por ventura porque reconhecia, com duplicada veneração, nas chagas dos pobres, e nas chagas de Christo as sagradas insignias da victoria de sua paixão sagrada.

26. Estas e outras prodigiosas façanhas forão effeitos da sua ardente caridade, e com este fogo do amor do proximo curou em si mesmo os contagiozos amores da terra. Com hum soberano dominio sobre os contagios da ambição, e cubiça, tudo que possuhia se apostou a gastar em beneficio da pobreza alhea, ate vir a empobrecer, obrigando-o a mayores arremeços a virtude, que ao Prodigo os vicios: mais prodigo que o mesmo Prodigo, para renascer a melhor vida, não só se despojou de seos bens, mas ainda do que era de si, se emprobreceo a si mesmo. Era por genio, e criação muyto aseado, brioso, e altivo, e o amor de Deos, e do proximo o fez tão penitente, tão pobre, e tão humilde, que de si, não deixou em si semelhança.

27. No trato dos enfermos não só se aplicava com disvello ao reparo das necessidades do corpo, mas ao remedio dos achaques do Espirito. Tanto que os recebia no seu hospital, fazia com que examinassem miudamente as suas consciencias, insinuava lhes como se havião de preparar para as confiçõe, de que modo havião solicitar o perdão de Deos, como se havião de conformar com a sua vontade, e entregarse totalmente nas suas mãos, com animo prompto para aceytar sem repugnancia o que o Senhor dispuzesse das suas vidas. Do fogo soberano do amor de Deos, como fonte procedida do amor divino, redundava em todas as suas acçoẽs, e desejos demonstraçoes fervorosas da caridade com o seu proximo. Parecendo-lhe que não podia fazer-lhe mayor serviço, nem obsequio, que fosse a Deos mais grato, do que erigir hum hospital, em que com melhor cõmodo podesse acodir a tantos enfermos desemparados, o intentou, e o conseguira na ultima perfeição, e grandesa, se a morte não atalhara seus caritativos designios.

28. A cordeal, e fervorosa devoção com que venerava hũa Imagem de N. Senhora, com o titulo da Soledade, o persuadio a irigir hũa sumptuosa Igreja, em que a May de Deos fosse adorada com grandiosos e devotos cultos. O Capitão Euzebio de Olyveira lhe fez doação

de hum sitio de terras ja cultivadas no lugar da Boavista, para nelle se fundar o novo Santuario. Havidas as licenças necessarias, se dispoz a fabrica para a qual concorrerão logo os moradores com copiosas offertas. Em companhia dos Escravos, carregava o servo de Deos sobre seos debelitados hombros os materiaes para a obra; e ao passo que assim edificava a Igreja, a todos edificava com a alegria com que se exercitava nestes virtuosos abatimentos.

29. Com repetidos prodigios mostrou a Senhora ser do seu agrado aquella caza. Os milagres, e maravilhas que obra, e tem obrado esta poderosa Senhora, não seria facil numerallos. São innumeraveis os que deste Santuario saem apregoando os seos poderes, deixando pendurados os sinaes, em testemunho do beneficio que receberão, os quaes como trofeos das victorias que a Senhora alcançou, nos dizem, o quanto he poderosa a nosso favor. Das enchentes da graça da Raynha dos Anjos, participava seo fiel servo com os resplandores da graça milagroso, mas era com tanta cautella, que o inimigo universal não tivesse meio algum para minar a sua humildade, com as fortes batarias da vangloria.

30. Não so exercitava o seu zelo nos limites desta caza, mas estendia se pelos reconcavos, acodindo a pessoas miseraveis, e fasendo fervorosas missões; deo lhe o Ceo particular graça para este santo ministerio, no qual lhe fez copiosos serviços: por que de ordinario sahião os ouvintes de seos sermoens com dezejos, e propositos de ẽmendar a vida, e servir a Deos. Poz este Senhor em seo rosto hũa rara alegria, em suas acçoens hũa maravilhosa modestia, e humildade, e com estas cadeas prendia de tal sorte os animos, que ninguem escapava da rede da sua doutrina, e exemplo. Fez em Pernambuco, asestido do auxilio celeste, notaveis mudanças nos custumes, trasendo muytas pessoas a graça do Senhor pelo arrependimento, e emmenda das vidas.

Da grande abstinencia com que elle se tratou sempre passando os dias sem comer em todas as occasioẽs, que se occupava no bem das almas /posto que esta iguaria fosse o seu mayor regalo/ enfraqueceo se a natureza, não podendo a valentia do Espirito vencer, nem ainda sustentar as grandes debilidades, e fraquezas do corpo. Veyo finalmente a pagar o costumado feudo a sua fragilidade, mas com a gloria de não descançar em mortificalla athe o ultimo ponto em que ella se arruinou. A paciencia com que sofria as dores da ultima infirmidade, compungia, e edificava aos que lhe asestião. Logo no principio se preparou com os sacramentos, e com os sentidos recolhidos em alta contemplação passava horas comunicando com Deos as ancias que sempre tivera de o lograr na celeste Patria. Fez seo testamento, mais para recomendar a seos testamenteiros o amparo dos pobres, e enfermos, que para dispor de bens, que possuisse. Resignado todo na vontade daquelle Senhor, a

quem sempre amara acabou o curço da vida, sendo a serenidade do seu transito demonstrativo da felecidade do seu premio.

31. Não se pode expressar com palavras o sentimento que motivou em todos os moradores, e com especialidade nos enfermos, e pobres a falta deste servo de Deos em que colocavão a sua esperança para os remedios da alma, e do corpo. Os pobres com muytas lagrimas clamavão que morrera o seu amparo, e os ricos que lhe faltava o seu medianeyro, e consolador. Os que com trato mais quotidiano tinhão mais larga noticia da sua virtude, não podendo dissimular o sentimento do coração, manifestavão a todos com as vozes das lagrimas a sua dor, e a santidade do defunto; Muytas cousas se contão deste servo de Deos, mas basta para esplendor do seu nome, de que viveo e morreo como perfeito sacerdote. Foy sepultado na mesma Igreja da Soledade, que edificara, ficando sempre vivo na nossa lembrança aquelle insigne nome, que mereceo na vida por suas penitencias, e maravilhosa caridade.

32. Depois de manifestas as acçoẽs illustres de hum tão grande Mestre de virtudes, tem lugar a memoria, de hum seu discipulo na escola da santidade, que se não excedeo na fama, lhe fez competencia na virtude; este he o virtuoso conego João Maximo, que muytas vezes o acompanhou em seos santos exercicios. Ordenado de sacerdote, embarcou para Lisboa de donde voltou provido na dignidade de Arcediago da Sé de Olinda Esfera em que resplandeceo cõ abundantes luzes a Fama da sua santidade. Não individuamos os exercicios della, porque tinha todos os que se achão nos varões Justos, e muytos em grao superior. No do coro da Cathedral, causou sempre admiração, não faltando em tempo algum aos louvores divinos, por mais que as occupaçoẽs o dispençassem, e os Estatutos lho permitissem. No confessionario fazia tanto serviço a Deos, como no pulpito, dirigindo copiosas almas pelo caminho seguro da sua ley, e amor. Concedeolhe o mesmo Senhor graça de pacificar discordias, estinguir odios, reconciliar vontades, e reformar costumes, o que sendo visitador deste Bispado executou com geral aplauso. Occupado felizmente nos santos exercicios de devoção, humildade, paciencia, zelo, e caridade, tratando sempre da salvação propria, e alhea, chegou a idade decrepita. Adoecendo levemente conheceo q̃ morria, os remedios de que usou, forão os sacramentos, que pediu com fervor, e recebeo com grande ternura, e devoção. Com estas sagradas medecinas foi corroborando a sua alma ate o instante que veyo a morte, que se não attreveo a impedir-lhe as vozes, que sempre se empregarão nos louvores divinos, e todo enlevado nelles, deu os ultimos alentos, e com muyta paz, e socego entregou sua alma ao seu Creador.

## CAPITULO 7º

### ACÇÕES LOUVAVEIS DE OUTROS SERVOS DO SENHOR

33. O Padre Simão Nunes Coelho nasceo na freguezia de Ipojuca, de nobre familia, para que não faltassem ao precioso de seos exẽplos, os exmaltes, que fazem mais decorosos, e mais bem vistos os exmaltes da santidade. Chamavão-se seos Pays Simão Alves de Souza, e Isabel Coelha Machado, a quem este ditoso filho constituhio mais preclaros. Nos annos da Infancia, e puericia deu indicios dos progressos da mayor idade, na modestia, e inclinação as couzas de Deos, em cujo amor o educarão seos Pays, dispondo-o com a graça divina para exemplar de perfeitos sacerdotes.

34. Navegava a sua alma pelo mar espaçoso das boas obras, quando o inimigo universal invejoso de o ver tão aproveitado no comercio do ceo, e trato com Deos, despedio em seu alcance hũa poderosa armada de piratas mundanos, que dando-lhe caça, de improviso lhe tomarão o balravento, e arribando sobre elle lhe derão hũa forte carga. Bem devia fugir a todo pano largo, mâs querendo sustentar o combate, repetindo-se a bataria ficou lastimosamente prisioneyro de hum corsario. Via-se captivo deste pirata cruel, e fluctuava em pelagos de tempestuosos discursos sem atinar com o rumo, que devia seguir para sair do conflicto. Quiz o altissimo acodir a seu servo neste perigo, em que se perdia, e com a tempestade de hũa perigosa infirmidade o fez apartar da corcova inimiga. Livre já de inimigo tão poderoso, seguio o rumo certo da penitencia, e o Norte fixo da virtude. Parecendo-lhe que navegaria mais seguro o baixel de sua alma debaixo da bandeira do Patriarcha Serafico se alistou na sua milicia da Terceira Ordem, tomando por farol a regra, por amarra o cordão, por leme a obediencia, e por guia o Espirito do mesmo santo Patriarcha humilde, pobre, e despresador de todas as couzas terrenas. Convertidos os regalos de pouco tempo, em dilatadas asperezas; as conversaçoẽs de poucas horas, em continuo silencio; e os risos de instantes em perpetuas lagrimas; E para que fosse mais veloz nas sangraduras de penitencia lhe asestio no discurso da sua vida em popa, com toda vehemencia o vento galerno do Espirito Santo, com que felizmente arribou a porto de salvação.

35. Não se estreitava o seu zelo somente ao bem· da propria alma mas estendia-se as almas dos fieis vivos, e defuntos, as destes com copiosos sufragios, as daquelles com virtuosos exemplos, e admoestaçoens. Todos os dias convidava aos moradores do Reciffe, para que

livrando-as das penas do purgatorio com os seos sufragios, avançassem neste cõmercio o mayor lucro, pois ellas os livrarião com seos rogos das penas eternas, que he hum avanço infinito, e para que todos os moradores entereçassem neste commercio, continuou sempre neste negocio persuadindo-os pelas suas portas; e para que em exercicio tanto de seu gosto, tivesse parte a mortificação, e penitencia trazia sempre a cabeça descoberta exposta aos activos rigores do sol.

36. O santo exercicio da oração lhe levava todo tempo que lhe ficava livre de outras virtuosas occupaçoẽs, e por este suave caminho da bemaventurança nunca deu passo que não trilhasse os durissimos abrolhos de asperas penitencias. Para que se conservasse o corpo obediente aos dictames do espirito, o trazia sempre domado com cilicios, mortificando o gosto com abstinencias continuas, e a lingoa com o silencio perpetuo, e não fallando mais que o muito necessario, e se era preciso responder a algũa pergunta curiosa, com hũa inclinação de cabeça dava satisfação ao termo da politica. Apetecia ardentemente affrontas, dores e trabalhos, parecendo-lhe que so assim corresponderia agradecido as misericordias divinas padecendo infinitas penas por Christo. Contemplava as deste Senhor, e achandose obrigadissimo aos favores de sua immensa piedade, não lhe occorria para o agradecimento sacrificio mais proprio, que o de padecer copiosas tribulações em seu obsequio com o lenitivo de celestes consolações aliviava o Senhor as suas penas e trabalhos.

37. Era cordialmente amador do proximo, não consentindo que na sua presença, se dicesse palavra, que perjudicasse a algũa pessoa, sendo que de muytos recebeo agravos, que tolerou com heroica paciencia. Erão-lhe reveladas muytas couzas futuras, que elle predice, e nos effeitos se virão correspondentes aos oraculos, e se julgarão profeticos. Com a propria luz penetrava os segredos mais occultos do coração humano. Do effeito correspondente aos seos oraculos se achão hoje multiplicadas testemunhas em diversos acontecimentos; foy admiravel o cazo seguinte com o qual provaremos este argumento.

39. (*) Manoel Aranha, homem de negocio, morador neste Reciffe, trazia hum seu navio na costa de Africa com o negocio de resgatar captivos. Era passado o tempo custumado para estas viagens, e corria hũa voz de se haver perdido com toda carga. Assustado com a noticia, e temeroso da perda, pedio ao virtuoso Padre Simão Nunes encõmendasse o seu navio a Deos, para que o livrasse de todo perigo, e trouxesse a salvamento. Conpadeceo-se o veneravel sacerdote da grande aflição, e angustia, em que estava posto Manoel Aranha, e levado da

(*) *Em vez de 38.*

sua caridade, querendo aliviallo do susto, lhe disse: não havia que sentir, pois o seo navio estava salvo, e passados tres dias chegaria a este porto; e assim socedeo. E para que se não podesse duvidar desta profecia, havia o servo de Deos recõmendado a Manoel de Aranha lhe trouxesse hũa pouca de palha da que vem de Angola para della fazer hum cordão de S. Francisco, advertindo-lhe, que seria necessario que elle a procurasse com mayor deligencia, porque não sendo droga em que intereçasse o cõmercio, somente a acharia na cacha de hum passageiro. Chegado o navio fez o Aranha deligencia pela palha; e dizendo todos os passageiros, que a não trazião; repetidas as instancias se lembrou hum que na sua caxa trazia quanta bastasse para fazer hum cordão, e teve-se por muyto ditoso de fazer este pequeno obsequio ao servo de Deos. Deste, e de outros acontecimentos futuros, e occultos lhe dava na oração noticia a graça do ceo. Daqui resultava estimarem-se cõmo profecias as suas palavras.

40. Quiz finalmente o Senhor dar-lhe o premio de tantas e tão boas obras, e primeiro o purificou na fornalha da ultima tribulação em que o poz. Permittio-lhe hũa penosa infirmidade que sofreo com muita conformidade, e extremada paciencia. Com o rosto risonho qualificava a fortaleza do animo, e constancia do sofrimento. Recebeo todos os sacramentos com exemplar devoção e como era todo o seu encanto o amor celeste, lhe entregou sua alma com tanta suavidade, como quem descançava no peito deste soberano amor, em vinte de Dezembro de 1741. Foy enterrado seu corpo na Igreja da Congregação do Oratorio, ficando sempre vivo na lembrança de suas virtudes, e penitente vida.

41. O Padre Leandro Camello, nobre pelo nascimento, e mais illustre pelas virtudes, perseverou em santos exercicios, com opinião de bom servo do Senhor ate hũa dilatada idade, a qual concluhio com grande explendor do seu nome. O emprego, que levava todos os cuidados, e pençamentos a este virtuoso sacerdote era o trato com Deos na santa oração, e méditação de seos attributos, na qual se engolfava com tanto gosto, que lhe parecia hum instante o trato de todo hum dia. Mas assim socede a quem logra a presença da fermosura encreada, cuja delicia atrahe o espirito aos braços do seu amor, aonde adormece para todas as cousas do mundo. Nenhũa sabia dellas este candido e sincero sacerdote, por que suposto existisse na terra, andavão seos discursos perenemente pelas estancias da gloria, e quando descia desta celeste altura era para desprezar glorias mundanas, e effeituar os dictames, que recebia nas aulas da caridade eterna.

42. Os pobres forão acredores da mayor parte dos seos disvellos, e quanto mais possuhia empregou em obsequio de Maria Santissima, e para que no patrocinio da Senhora segurassem todos os peccadores as

viagens deste mundo, e fizessem felices os successos das suas navegaçoẽs, mandou fazer hũa Imagem com o titulo da Boaviagem, e a colocou em hũa magnifica Igreja, que erigio para a parte do meyo dia distante duas legoas do Reciffe sobre as prayas do mar, para que todos acudão, como acodem com immenso concurso, a procurar o seu patrocinio, pondo as suas esperanças nesta Senhora cujo cuidado he levar nos sempre ao desejado porto de salvação, por que olla he no tempestuoso mar da vida a esperanca firme, e a ancora segura de hum e outro mundo.

43. Quem cõmunicava este servo de Deos via na sua candideza hum retrato de Nathaniel, de quem dizia o Redemptor que não havia em seu coração malicia, porque era tanta a sua sinceridade, que nem sabia enganar, nem presumia que outros usassem de cavilaçoẽs, e enganos. Mas se tinha esta grande singeleza de pomba para não conciderar malicia no seu proximo, tinha igual prudencia, e astucia em desviar a sua alma dos obstaculos que podião lastimar a propria virtude exercitando muytas com que se fez amado de Deos, e querido dos homens. A sua morte foy causada de hũa queda achando-o a voz do altissimo preparado com todos os sacramentos, que logo recebeo, e com aquellas virtudes, que lhe seguravão o salto da eternidade, e se este para se acertar requer grandes forças de espirito, e anticipadas carreiras de boas obras, como bem exercitado nos passos da virtude cahiria seguro nas celestes moradas, onde receberia os premios prometidos aos fieis servos do Senhor.

44. Na freguezia da Moribeca floreceo o Padre Christovão Fernandes, taes candores brilharão em seos santos custumes, que parecia a todos estar ainda nos limites da innocencia. Permittio Deos q̃ perdendo o original Adão, negassem os animaes a obediencia ao homem, e os tratassem, como inimigos, olhando-os sem respeito, e com desapego; e parece que reconhecendo os animaes neste virtuoso sacerdote hũa singular candidez se lhe sugeitavão respeitando nelle a sua innocencia. Os saguins buscavão a sua casa cada dia, e com natural instinto lhe pedião o sustento, e não se apartavão da sua presença emquanto da sua mão não recebião a comida e a benção. Nunca se lhe vio acção que não fosse muyto ajustada com os primores da virtude. Era humilde com todos, e se o louvavão, se compungia, e no semblante mostrava, que a consideração da sua propria villeza o levava a hũ infimo abatimento. Na ultima infirmidade derão estas flamantes tochas hũa grande luz na rara paciencia, com que soportou as dores, e penalidades della, e a sua morte hum notavel brado, que aos moradores principaes convocou para lhe asestirem como a santo seu no enterro.

45. Na freguezia do cabo de S. Agostinho, com muy qualificadas virtudes florecerão os Padres Agostinho de Crasto, e Domingos Vieyra,

merecendo na vida, e na morte muytos louvores, e applausos, que a devoção lhe rendia admirada das suas grandes virtudes, por que resplandecião em suas obras todas as que exmaltão a sublime dignidade do sacerdocio. Erão humildes, modestos, devotos, penitentes, recolhidos, e tinhão outras muytas prendas, e enfeytes, com que a beleza da santidade se faz agradavel aos olhos de Deus, e ainda as atençoẽs dos homens. As acções destes fieis servos do Senhor em todo discurso de suas vidas respirarão suavissimas fragancias de caridade, não se formando nos seus corações, outros pensamentos, mas que os de servir ao Creador, e acodir as necessidades das criaturas. Forão tão conformes no modo de viver virtuoso, que nos pareceo acertado darmos a ler em hum so paragrafo os seos louvaveis custumes, pois que as mesmas virtudes sem algũa diferença resplandecerão em ambos. Como forão conformes na vida, forão semelhantes na morte, sahindo deste mundo com abundantes meritos.

## CAPITULO 8º

### DE OUTROS SERVOS DO SENHOR QUE AUTHORISARÃO A PATRIA COM VIRTUDES PRECLARAS

46. As do Reverendo e zeloso vigayro do Reciffe Francisco da Fonceca Rego, forão muy qualificadas; nobre no sangue, e dotado de notaveis prendas assim naturaes, como adqueridas, e amavel, e respeitado. Sahio das aulas com todos os requesitos para os empregos Ecclesiasticos; occupou dignamente na Sé de Olinda a cadeyra de Chantre, e desta Dignidade o trouxe a Providencia divina para a Vigararia do Reciffe, para que neste grande theatro fosse mais notoria ao mundo a sua virtude. Entre os cuidados da obrigação de Parocho, nunca se descuidou de alentar seu Espirito com exercicios devotos, os quaes davão muyta fermosura a pontualissima observancia com que sempre se ouve nas obrigaçoẽs do seu officio. A todos os empregos virtuosos acodião promptamente seus freguezes, vendo o fervor, e gosto com que nelles se exercitava o seu Parocho, nem se excusavão aos actos humildes vendo o seu vigayro pelos péz de todos nas procissoens de penitencia.

47. Era affavel, caritativo, e muyto esmoler, e tanto que sendo muito rendosa esta Igreja, viveo e morreo pobre, por que os pobres e necessitados erão os acredores de todos as suas rendas e riqueza. Sobre tudo foy cordialissimo devoto de Maria Santissima Senhora nossa, em cujo obsequio /alem de outros muytos com que a venerava/

já mais negou couza algũa que se pedisse em seu nome. O seu mayor disvello era a Santissima Paixão do Redemptor, cuja memoria penetrava sua alma com agudos sentimentos, e para que tivesse materia mais viva aos incendios do seu amor, para ornato, aseyo, e grandeza das procissoens de Passos, e enterro, lhe parecião lemitados os thesouros de todo mundo, e empregava nestes devotos obsequios copiosas quantias. N'estes santos exercicios continuou ate que na idade de mais de oitenta annos acabou a vida de hũa morte intempestiva e violenta.

48. Festejavão os moradores o dia da gloriosa Santa Catharina Martyr no anno de 1715, na Parochial Igreja do Corpo Santo, e para ser mais plausivel a festa ordenarão hum castello de artificiosos fogos. Acabadas na Igreja as solemnes vesporas, a que asestio o Reverendo Vigayro, e convidarão para ver o fogo, aseitou o convite, e passou com alguns clerigos para as cazas ao Capitão Mor Gabriel da Sylva do Lago, que ficavão vezinhas ao castello, principiou este a circular rodas, a arder panellas, a brilhar Estrellas, a chover lagrimas, a rugir montantes, e a derramar com girandolas rutilantes diluvios, quando hum foguete solto de hũa roda, entra na caza em que estava o Reverendo Parocho, e faz rebentar com grande violencia hum vaso guardado em hum armario, no qual estava certa quantidade de polvora. Foy incendio tão impetuoso na brevidade, como furioso no estrago, voarão os telhados, e foy arruinada com horrivel estrondo a caza, que era de dous sobrados. Dos que nella estavão a huns ferio, e a outros matou, sendo coatorze os que padecerão nestas ruinas, hũa trave despedida de alto dando na cabeça do Reverendo Vigayro lhe tirou a vida: golpe que derrubando sugeito de tantas prendas fez hũa grande, e doloroza ferida no corpo deste immenso povo.

49. Mas como no mundo tambem ha santidades menos afortunadas, que outras: e ha Escritores cuja mizeria os precisa lançar mão de qualquer ficção para comprovar seos asumptos; não faltou hum que valendose deste caso /para prova de hum argumento a que faltavão outras verdadeiras e concludentes/ se atrevesse com summa crueldade, a por hũa nota infame, na fama respeitada, e na reputação bem adquerida deste virtuoso, e honrado Ecclesiastico. Este he o Autor do Peregrino da America, que no seu livrinho a folhas 102, escreve este cazo com mais borroens, que letras. Vão as formaes palavras, para que melhor se conheça a impostura.

50. Hum sacerdote desta America estava publicamente concubinado com hũa mulher, havia muytos annos, com grande escandalo de hum povo inteyro, mas todos lhe dissimulavão este peccado, ainda aquelles que o podião emendar, e reprehender. Succedeo pois que em hũa noite estando elle com a concubina em hũa sacada das cazas em que morava,

para ver certo festejo que na rua se fazia, pegou fogo em huns barris de polvora, que estavão nas logeas das mesmas cazas, e fez o incendio voar o *edificio*, e do ar veyo hũa trave, que cahio sobre ambos, e os matou; ficando todos os mais, que junto delles estavão livres do perigo. E adverte a margem socedera este cazo em Pernambuco, na cidade de Olinda no anno de 1715.

51. Nada se lê em toda esta narração, que não seja falso, e absolutamente quimerico. Por milhares se contão ainda hoje testemunhas deste lamentavel successo; que com razão se admirão da temeridade deste Escritor. Escrevia na Bahia, onde cada día entrão muytas pessoas, que vão de Pernambuco, e tendo tantos instrumentos com que convencer, e rebater esta falcidade, se se quisera (como devera) aplicar a esse preciso exame, sem algum, deo a luz quimera tão horrivel. Com hũa falcidade conhecida, supoem em hum sacerdote virtuoso hũa lascivia dezenfreada que o acompanhou toda vida ate a idade outogenaria; hũa torpe, e reprehensivel omissão nos seos Prelados, e hum mao exemplo a todos os seos freguezes. Cita como prova concludente de cazo tão affrontoso huma carta, que vio ler, como se fora bastante documento para julgallo comprovado, e não fora semelhante narração injuriosa a vivos, e defuntos, com obrigação de lhes restituir a honrra, e fama, que lhes tirou com o seu escrito; fazendo-os odiosos a todos os seculos. Não queremos presumir que neste Autor faltasse a pedra de toque para distinguir nas noticias de Pernambuco o ferro do ouro, mas vendo atropellada a verdade, para corroborar hum argumento com hũa notoria ficção, accrescentadas circumstancias da propria invenção, e não se descobrindo interece deste Escritor nesta noticia, devemos discorrer, que não foy outro o motivo que fazer abundante de Exemplos modernos o seu Peregrino da America.

52. Presumir de todos os que acabão a vida com morte violenta e repentina, que seja castigo de suas culpas, he fazer hum juizo muito temerario. E suposto que muy pura hade ser hũa alma, e muy ajustada e perfeita hũa conciencia, para que em hũa morte repentina segure hum bom sucesso, he. certo que da morte repentina de hum justo he Deos principal artifice, porque vendo as vezes, que algum está em estado de graça, lhe tira a vida de repente, para que não padeça as ancias, dores, e angustias da morte, sendo as vezes beneficio grande, o que se podia atribuir a castigo. Da limitada esfera do humano entendimento, procede o engano com que julgão os homens. Quantos vendo em hum peccador hũa morte com socego a tomão por annuncios da gloria, que vão gosar; e quantos vendo em hum Justo algum dezastre na sua morte, a calculão por prognostico da sua condenação.

53. De hum grande Santo Eremita, conta o grande Espelho de exemplos, que morrera nas garras de hum leão, que a pedaços o foy comendo vivo, e foy revelado por hum Anjo, a outros Santos Eremitaens, que permitira Deos acabasse este santo penitente com hũa tão desestrada morte, para que purgando com as angustias della alguns defeitos minimos, pudesse logo entrar no Ceo, como entrou sem passar pelo Purgatorio. S. Simeão Estylita o mais moço, que estando por muytos annos em sima de hũa columna fazendo a mais aspera penitencia, foy no fim delles morto a violencia de hum rayo, que o partio pelo meyo. S. Cirmon Abbade, e S. Andre Avellino, forão ambos mortos de repente com accidentes improvisos, e não se podem chamar repentinas estas mortes, para as quaes estes santos, se aparelharão toda vida. Por isso a morte violenta, e repentina do Reverendo Vigaryo Francisco da Fonceca Rego em nada prejudica a sua fama; porque na realidade teve hũa vida boa; assim como as aparencias de hũa morte boa aproveitão de nada a quem na realidade a tiver tido ruim: porquanto a boa, ou má vida he a que decide a questão, como a Santa Brigida o revelou o mesmo Christo.

## CAPITULO 9º

### SANTAS OPERAÇOENS DO VIRTUOSO PADRE CAETANO PEREYRA DE LIMA

54. A memoria deste grande servo de Deos deve pouco cuidado a seus Patricios, porque apenas se acha hoje quem deste se lembre; aos estranhos he mais obrigado o seu nome, porque ainda conservão os resplendores delle, na viva recordação dos seos progressos. Nasceo no Reciffe mais favorecido da natureza que da fortuna, logo no oriente da vida deu mostras do ternissimo affecto com que havia de amar ao Altissimo, palavras compostas, e acçoẽs modestas forão os exordios do que havia de obrar na mayor idade. Adverso as pompas, e vaidades terrenas, propendião seus affectos, para o Estado Ecclesiastico, em o qual achava caminho mais amplo para os desafogos da sua alma. Tem a conciencia dous actos, ou officios; o primeiro he examinar, e o segundo aconselhar: hum previo exame, e concelho da conciencia, forão as duas tochas, que a sua razão levou sempre diante de todos os actos da vontade, para se não desviar do caminho mais seguro da sua salvação.

55. Examinado bem pela conciencia o que a vontade queria se deliberou a procurar ordens. Com reverendas deste Bispado se embarcou para a Bahia no anno de 1713, donde conseguio as ordens, que

pertendia. Vendo-se no Estado clerical, começou com mais liberdade a exercitar se em actos virtuosos: fundando sobre os alicerces de hũa solidade o edificio da sua virtude. Ordenou a sua vida de maneira que todas as suas acçoens fossem acompanhadas de hũa caridade christãa, dirigida a gloria de Deos ao bem do proximo, e salvação das almas. Da cidade da Bahia proseguio a sua viagem para a do Rio de Janeiro; muito prospera a conseguio em a navegação da virtude, posto que por diferentes ramos, já entregando-se aos mares empolados, e profundos de hũa exemplar penitencia, e santa meditação; ja ao tranquillo e espaçoso occeano da caridade. Conhecido naquella cidade o seu talento, por não demorar o proveyto, que delle podia resultar ao proximo, o elegeo o Bispo para Paracho, e vigario da vara das minas do Sabara, com grande sentimento recebeo a noticia da nomiação, que delle para Paracho fazia o Prelado, e posto a seos pez lhe rogava o livrasse de semelhante occupação, deixando-o servir a Deos em *ministerios livres de embaraços*, e encargos. Como a repugnancia tinha por fundamento o servir a Deos, lhe respondia que muitos obsequios lhe podia tributar no officio aonde tinha hũa dilatada messe, em cuja cultura podia encher os celleyros da reformação christã com abundantissimos frutos. Nada o movia porque a tudo respondia: A minha obrigação não he curar almas alheas, quando ainda não sey tratar da propria; porem tirando o Prelado pela espada da santa obediencia, lançou por terra todas as repugnancias, sacrificando *o servo de Deos o seu parecer nas aras da resignação*, protestando porem que serviria o cargo emquanto lhe não perjudicasse a conciencia, nem inquietasse a sua alma. Entrou na regencia daquella Parochial Igreja como quem apetecia dedicar se com todas suas potencias, e forças no augmento do culto divino, bem das almas e reforma dos custumes; neste empenho trabalhou tanto que não he facil referir a numerosidade dos em que o meteo o seu zelo. Sendo as minas clima contrario ao temperamento da innocencia, não pode alterar no servo de Deos a armonia de seus virtuosos custumes, mas sendo aquella Igreja de copiosos reditos, e não havendo então na freguezia pobres com quem os repartisse, por serem todos os seos habitadores mineyros abastados, e poderosos, começou a temer que essas riquezas fossem cadeas de ouro, e grilhoẽs preciosos, que o prendessem com mais força, do que se fossem de ferro, e chegassem a captivarlhe a liberdade do espirito, occupado ou na sua concervação ou no seu augmento. Teme-as como estimulos da vaidade, e materia para os tumores da soberba; que se Jesu-Christo com interjeição comminatoria pragueja, e amaldiçoa os ricos (Luc. 6. 24); parece tem as riquezas em si hũa certa maldição, que como as agoas, que antigamente se davão a beber a mulheres suspeitas de adulterio, a qual se não cauza inchaçoes no ventre, no espirito, e

fantazia dos ricos, gera huns tumores que os fazem aborrecidos de Deos, e dos homens. E o mesmo Senhor diz que as riquesas são espinhos, e sobre cama de taes espinhos, entendia o virtuoso sacerdote não poderia o seu espirito tomar repouso.

55 (*). Com suas prendas e virtudes conciliou de tal modo o amor dos Freguezes, que se apostavão a render-lhe obsequios, e offerecer lhe regallos, e com estas effectivas demonstraçoẽs se considerava posto no meyo de Jerusalem, e Babilonia tão oppostas entre si, e que não podia caminhar a ambas partes juntamente. Via que hum he o Calvario, monte de cruzes; outro o Tabor, monte de glorias; que os Anjos que vio Jacob, que baxavão, não erão os que vio que subião; que so na necedade Filistea, cabia querer juntar em hũa Ara a Arca de Deos verdadeiro, e o Idolo de Dagon. Sabia, que nada tem que ver Christo com Belial; que hum Jupiter la se accomoda em hum mesmo templo, com Venus; e no altar em que cabe Mercurio poderá haver lugar para Juno, mas que Deos não cabe com outra Deidade, e intentar ajuntar o terreno, com o celeste, o humano com o Divino, seria querer viver como o peixe Menas, que no inverno está negro, no verão branco. Conciderava finalmente que honrras, e riquezas do mundo são flores; e quem nesta vida as goza, parece se despede de as gozar na outra.

56. Quem muito deseja chegar a hum termo, busca o caminho mais certo, e entre os certos o mais siguro; senão descobre outro, que o arduo, e escabroso, por elle segue as jornadas, porque não busca na comodidade do caminho, a mesma comodidade, senão nella, e no caminho o termo da sua carreira. Resolve se pois o servo de Deos a dirigir seus passos para o inculto de hũa soledade, e para o fragoso de hum monte; para imitar a Christo, Mestre Soberano, que sempre buscou os montes, ou para descanso de perseguiçoens, e fadigas; ou para orar a seu Eterno Padre. Transfigurou-se Christo em hum monte, diz S. Bernardo, para ensinar a seos servos, que com a concideração subão ao monte da Bemaventurança daquella gloria eterna para donde fomos criados, fugindo das occasioens, e tropeços do mundo, apartando-nos das suas vaidades, e retirando-nos a hũa soledade, cadeyra de desenganos, de donde melhor se vê o que he o mundo, e como são caducas, e transitorias todas as suas glorias. Via o servo de Deos ser arriscada a demora, e temendo engolfarse no abismo de conveniencias temporaes; sem mais interpor dillações com heroico despreso, do que possuhia de bens terrenos, sae das minas sem mais roupas que hũa roupeta, que cobria muitos cilicios; a pé, e descalso, com a cabeça exposta aos rigores do tempo, caminha para a lapa do Rio de S. Francisco.

(*) *Numero repetido.*

57. Esta prodigiosa lapa obra da natureza he fabricada em forma de hum perfeito Templo, com capella mor, e collateraes, tendo o cruzeiro trinta e tres passos de largura, e oitenta de comprimento toda a estancia. Nos lados se vem aberturas semi-circulares na grossura de fortissimas paredes, que formão vistosas capellas, as quaes com primorosas columnas sustentão em competente altura a pesada machina da sua transparente abobeda. Abre sobre o rio hũa varanda descoberta de sincoenta palmos, por onde penetrando a luz lhe faz todos os lugares claros. A este todo se entra por hũa grande porta, e para prova de que esta mysteriosa lapa estava destinada para templo catholico, tinha pendente do tecto, e nascido na abobeda hum sino de pedra, obrado pela natureza em forma de columna, com quinze palmos de comprimento, e o instromento com que se toca tambem de pedra, que ferindo-o o faz soar com retumbantes, e sonoras vozes.

58. A materia de toda esta fabrica são jaspes de cores diversas tão brilhantes, e de cores tão bellas, e tão varias, que o Arco celeste se não tivera as suas em mayor altura, as invejara; no tecto com disposição peregrina embutidos, parecem estrellas, que servem de pomposo adorno, e perpetuas alampadas deste maravilhoso Templo. Por fora na eminencia da penha, em que se encontra a lapa, se descobrem muitas arvores entrechaçadas com innumeraveis, e altos corpos da mesma pedra, que ao longe com agradavel engano dos olhos, representão, em justa proporção, torres, pyramides, campanarios, castellos, e mais edificios de hũa perfeita, e bem fabricada cidade. No alto e por toda a circunferencia da penha, a que chamão Etaberaba (que no idioma do Paiz, quer dizer pedra que luz) estão abertas varias grutas, e cavernas, estancias proporcionadas a vida erimitica, e contemplativa; e para mayor maravilha, estando o templo metido na lapa, tem o pavimento terra solta para sepultura dos mortos. O primeiro habitador desta lapa foi o Padre Francisco da Soledade, que resolvendose a fugir do mundo, e viver em hum deserto, para nelle fazer penitencia, sahindo da cidade da Bahia, com a companhia de hum santo crucifixo, e hũa Imagem de sua May Santissima, melhor guia da carreira da humana vida, foi penetrando os certoens, ate que descobrio esta lapa. Entrando nella achou em hũa das capellas collateraes para a parte do Evangelho hum perfeito monte Calvario, com hũa prodigiosa abertura tão proporcionada ao pé da cruz, que levava, que logo aly o collocou, e junto a ella a Imagem da May de Deos. Alguns annos depois tendo o Arcebispo da Bahia D. Sebastião Monteiro da Vide, noticia deste prodigio da natureza erigio em capella a lapa, com a Invocação do Bom Jesus, e com o titulo de Senhora da Soledade.

59. Chegou o servo de Deos a possessão pacifica desta soledade,

Joya para cujo achado havia empregado todo cabedal de seos desejos, e preço de seus trabalhos: dava-se mil parabens por este bem em seu apreço tão estimavel, como lhe havia sido custoso. Quis neste devoto domicilio confirmar por exemplo, o mesmo que ensinava com a doutrina, e se na Igreja do Sabarà era penitente, nesta lapa subio de ponto nas austeridades, e rigores. As mortificaçoẽs penaes com que macerava seu corpo, erão tantas, como rigorosas. O Jejum era continuo, e quase sempre com legumes, celicios perpetuos de penetrantes pontas, cruentas disciplinas, a dureza da terra por cama, e o sono tão escaço, como promettia a dureza do leito. Seu corpo estremecido aos golpes de tão dura mortificação, apezar das rebeldias grosseras da sensualidade, estava com sugeição ao espirito, em cujo tribunal sentada de pè firme, governava a razão. As armas com que se defendia dos assaltos do inimigo infernal, erão entre outras as da santa oração e perpetuo silencio. Usava tambem das da humildade, vivendo com grande submissão, e abatimento; e assim estas, e aquellas erão vigorosissimas para destruir a todo inferno.

60. Porem esta vida santa, e rigorosa, pelo mesmo cazo que era muito agradavel aos olhos de Deos, era igualmente molesta ao inimigo universal da virtude, o qual por si, e por alguns instrumentos buscava occasioẽs, com que perturbar a serenidade de seu espirito. Em hũa fez com que certo clerigo o maltratasse com palavras injuriosas, e elle conhecendo o motor, o amofinou respondendo aos oprobrios com rasoens humildes. Vendo se frustrado por este meyo applicou fortes combates, envestindo-o com a vaidade, e, soberba. Erão muitos os peregrinos que concorrião aquelle novo Santuario pelos muitos milagres que a Senhora obrava; e achando os homens tratantes na Minas do Sul transito mais breve por aquella parte para Pernambuco, e Bahia, abrirão caminho junto a nova Igreja, e ficou sendo aquelle deserto pelo grande concurso de romeiros, e caminhantes muito frequentado. Como a virtude nunca pode estar tão solitaria, e encoberta, que finalmente os homens a não descubrão, a fama da penitente e virtuosa vida do servo de Deos se fez notoria por tal modo, que não havia em aquelles lugares pessoa algũa, que o não quizesse conhecer de vista, e os que o tratavão largarião tudo pela sua communicação, e, presença; mas destas veneraçoens a sua humildade nenhum apreço fazia, e so servia para mais se fundar no conhecimento da propria vileza.

61. Ainda que na soledade daquella lapa havia chegado a gozar seu espirito aquelle socego, e paz, que são fruto de perfeitos desenganos, e de hũa conciencia pura, como a virtude, que he verdadeira não se contenta só com o bom, e annella sempre ao melhor, desejava adiantar-se, sacrificando-se todo a Deos nas Aras da Religião de S.

Bruno, donde sem reserva algũa fizesse de si inteiro sacrificio. Havendo consultado com seu confessor a sua vocação, e por elle aprovado seu destino partio se para a cidade da Bahia, e emquanto não havia embarcação para passar para o Reyno foy viver em hum bosque, fugitivo do comercio humano, donde são muy frequentes os perigos, por que nelle os vicios, com a viciada inclinação propria, se socorrem da malicia alhea, que com a pratica de seus máos exemplos, faz menos horroroso o veneno da culpa. Passou para a Bahia, e desta cidade se embarcou para a de Lisboa com o designio de se recolher no Mosteiro dos Cartuxos da sagrada ordem de S. Bruno. Chegado a corte se hospedou em caza do Padre Pedro de Oliveira, sacerdote de bom nome, regeitando todas as asistencias que lhe queria fazer o capitão Domingos do Rego Barboza por recõmendaçoens de seu irmão o capitão Mathias Barboza da Sylva, para viver mendigo. Grande estranheza lhe pudera cauzar o trafego da corte, a não ser tão virtuoso que soube conservar os silencios do deserto, no ruidoso torpel de tão populosa cidade. Hum dos seus principaes cuidados foi dobrar as guardas a seus sentidos, que estando bem mortificados são baluartes, que defendem as purezas da alma.

62. Viveo alguns annos em Portugal desconhecido de illustrissimos parentes, que tinha na corte, gososo de viver olvidado no mundo, por eternizar no ceo sua memoria. Não sabemos por menor os passos da sua vida em Portugal. Por hũa carta, que escreveo no anno de 1718 ao Padre Frey João da Purificação Religioso da Reforma do Carmo, vemos, que não tendo effeito o seu primeiro destino estava determinado a servir em certo hospital. Nesta carta, e em outra que escreveo a sua May se da a ler a valentia do seu espirito no despreso do mundo.

63. Aqui chegão as noticias, que temos do que elle obrou ate o anno de 1718, as quaes constão de varias relaçoens autentieas asignadas por pessoas de autoridade e referidas por testemunhas de inteyro credito. Sabemos tambem que proseguio fazendo ao ceo copiosos serviços ate o anno de 1723, que foy o de sua. ditosa morte, em o qual com muitos sinaes de salvação coroou os merecimẽntos da vida, com estas ultimas noticias deixamos sua memoria, para que a continue quem as tiver mayores, e mais individuaes dos seos progressos, e prodigios da sua morte de que tanto publica a Fama.

## CAPITULO 10

### MEMORIAS DE OUTROS MUITOS SACERDOTES QUE ILLUSTRARÃO A PATRIA COM SANTOS PROCEDIMENTOS

64. Instruido nas letras e ordenado presbitero o devoto Padre João de Lima natural do Reciffe lhe encarregou o Exmº. Bispo D. Frey Joze Fialho a administração da Parochia da Boavista; nesta occupação deu bem a conhecer o seu talento, zelo e virtudes. Amava a Deos com todas as suas forças, e desta enchente de caridade, procedião os affectos com que os pobres, e zelava o bem das almas. Tão longe extreminou de si as paixoens naturaes, que dizião lhe injurias em vilipendio do seu nascimento e proferião oprobrios contra o seu bom procedimento, e todos achavão em seu animo tanta insensibilidade, como se fora hum rochedo. Era singelo, humilde, penitente, austero, e muito dado a contemplação dos bens eternos, e em santas obras acabou a carreira da vida com hũa morte santa.

65. O Padre João Moreyra nasceo no Reciffe para espelho de sacerdotes na modestia pureza de vida, e santidade dos custumes; brando, affavel, pacifico, e muito desapegado das couzas da terra, mas por isso mesmo os grandes della o extimavão como varão do ceo. Os Exm.os Prelados desta Diocese formando delle hum grande conceyto lhe encarregarão a regencia da Igreja, e hospital da Soledade, e muitas vezes o visitavão neste Recolhimento, onde em obras de caridade seguia os vestigios do servo de Deos o veneravel Padre Antonio Manoel Feliz. Caminhando como elle pela estrada de hũa altissima perfeição, e pisando durissimos abrolhos de penitencia, tambem como elle poz termo as mortificaçoẽs deste rigoroso caminho, pois cançada a natureza com os rigores da mortificação, e debilitada com os trabalhos, veyo a cahir prostrada do rigor de hũa febre. Logo no principio della pedio o Santissimo Sacramanto por viatico, e depois de o receber de joelhos, pedio a todos, que se achavão presentes perdão de algum escandalo que lhes ouvesse dado (quando a todos tinha edificado com seus bons exemplos) e que resassem com elle a ladainha da Senhora, a qual finalisada recitou as oraçoens, que se costumão. Conhecendo finalmente que era chegada a hora da sua feliz partida, proseguio em amorosos colloquios, e com muito socego entregou sua alma nas maõs do Senhor, que a havia creado, e remido.

66. Na Parrochial Igreja de Ipojuca descanção as cinzas do seu zeloso, e virtuoso vigayro Manoel Correa Feyo. Nasceo no Reciffe no

anno de 1692, forão seos Pays João Correa Feyo Sodre e Luisa da Assumpção de Moura. Logo na primeira idade deu grandes sinaes do que havia de ser na mayor. Era muito composto na pessoa, modesto nas acções, puro nas palavras, e bem instruido nas letras, prendas que lhe merecerão o grao de Presbitero, e ser eleyto para Parocho de hũa das maiores freguezias deste Bispado. Entre as muitas prerogativas, que lograva, e o fazião merecedor daquelle cargo, era notavel a sua submissão, caridade, e modestia. Tão acautelado vivia em guardar a Joya da castidade, que nunca levantava os olhos para ver rosto de mulher, os seus custumes, as suas palavras, e inclinaçoẽs respiravão fragancias de virtude, testemunhando a pureza que conservou por toda a vida o confessor que lhe ouvio a confissão ultima. Predisse o dia do seu fallecimento, e depois de morto acharão seu corpo apertado dos cilicios com que o martyrisava para o ter sempre sugeito as leys do espirito.

67. O Padre Cypriano Pacheco, natural da freguezia do Cabo, supposto não fosse letrado, nem occupasse lugares honrrosos, aspirou a outros mais levantados, que se possuem na Bemaventurança, e adquirẽm pelo estudo, e sabedoria da observancia das leys Divinas. Estudou o que bastava para entender a lingua latina, e cazos de conciencia, para servir a Deos no altar, e ao proximo no conficionario. Era humilde, modesto, candido, sincero, e penitente, desvelado em exercicios de caridade, muito cuidadoso das obrigaçoẽs do seu estado, e igualmente sofrido nas occasioens de trabalho. Em todos os tempos, e em todos os actos respiravão suas acçoens, e palavras fragancias de honestidade, e modestia. Foy sua morte semelhante, e correspondente a innocencia da sua vida, e teve hũa circunstancia, que a fez muito celebre; ao redor de hũa barra, que lhe servia de cama nascerão varias plantas, e tanto que o servo de Deos falleceo, aparecerão todas copadas de flores brancas. Forão muitos os que presenciarão esta maravilha, e louvarão a Deos por este indicio da virtude, e Bemaventurança do seu servo. Ainda que a caza tinha o pavimento terreo, e se podesse entender que poderia produzir aquellas plantas, o seu apreçado crescimento, não mostrarem sinaes de produzir flores, porque não se via nellas hum so botão, e secarem brevemente depois da sua morte, confirmou a todos no assombro deste successo. He a virtude de castidade flor, e Deos honrrou, e publicou a deste seu servo com flores; que foy o mesmo que hum mudo pregão, que dizia: Christi bonus odor sumus Deo (2. Cor. 2.14). Em pessoa deste virtuoso sacerdote, bem podemos dizer aquillo do Ecclesiastico: *Flores mei fructus honoris*, e honestatis; As flores que produz a minha caza, são frutos de honrra, e honestidade; das honrras que desprezey no mundo, e da honestidade que conservey por toda vida.

68. Com principios, meyos, e fins fervorosos conseguio o Padre Antonio Martins, natural de Ipojuca, Irmão do Deão da Se de Olinda Francisco Martins Pereira hũa felīz passage desta vida mortal para a eterna. Havia cultivado como lavrador cuidadoso a vinha de sua alma, arrancando do terreno viciado pela primeira culpa, as sylvas agrestes de avessas paixoens com o arado da penitencia; e abrigando o puro grão da ley Evangelica com o rego de suas lagrimas, e calor da graça, veyo a colher copiosos fructos. Alegre no fim da vida vendo proxima a colheita, se abrasava seu coração em amorosas ancias de ter em possessão o glorioso premio de seus trabalhos. Fortalecido com os sacramentos entregou seu espirito em o osculo do Senhor, como quem se entrega a hum doce sono, e felicissimo descanso.

69. He a caridade hũa elegante, e compendiosa cifra de todas as vīrtudes. Laço que as une, e diadema que as coroa. Nesta vīrtude fez admiraveis progressos o Padre Balthezar Correa dos Reys, natural de Olinda. Pela estrada real do amor de Deos, e do proximo fez todo o comercio de sua vida, caminhando do humano ao divino, e tornando do divino ao humano, e gyrando neste perfeito circulo vinhão todas as linhas de suas vīrtudes unidas a parar no centro da caridade. Por mais de cincoenta annos servio na Igreja, e hospital da Misericordia desta cidade, louvando a Deos e servindo ao proximo. Com hũa innocencia, e santa ambição desejava o mayor valimento na corte do ceo, e por que sabia que quem na terra mais deo por amor de Deos, no ceo he mais cabido; tudo que possuhia dava a pobres por amor de Deos. De nenhũa cousa deste mundo fazia apreço, nem tinha olhos mais que para tirar delles motivos de louvor ao Senhor. Era muito humilde, modesto, devoto, e penitente, e por mais q̃ cuidou em occultar com a capa da propria humildade, e cautella, o fino da sua vīrtude, foy sempre estimado por varão santo, e com especialidade do Bispo D. Mathias de Figueredo. Fallava-lhe este santo Prelado como custuma hum filho a seu Pay, e o servo de Deos com candida lhaneza lhe chamava filho. Revelou-lhe o Senhor a hora do seu transito, cujo annuncio encheu a sua alma de hum extraordinario prazer. Rendeu-lhe as graças, e tratou de dispor se para o logro appetecido. De jõelhos esperou o sagrado viatico, e banhado de lagrimas o recebeo. Tanto que sentio junto a si a morte abraçando-se com o santo crucifixo se despedio desta vida, deixando nesta Provincia opinião veneravel.

70. Na freguezia de S. Amaro de Jaboatão nasceo o vīrtuoso Padre Apolinario Moreira de Vasconcellos; seus Pays Antonio Moreira Dalto, e D. Isabel Caldeira de Vasconcellos erão da primeira nobreza desta Provincia. Pozerão na sua educação muito disvello, como temerosos de Deos imprimindo no candido papel de sua alma de tão boa tinta

os virtuosos custumes, que os conservou com exemplo, e extimação de seos naturaes. Applicado ao estudo das letras instruido, e ordenado de Presbitero conseguio por opposição a vigayraria da Luz, onde se constituhio hum perfeitissimo Paracho. O exercicio da vida activa mais ordinario, depois da administração dos sacramentos a seus freguezes, era assestirlhes em suas ĩnfermidades, e trabalhos, consolando-os, favorecendo-os, e exortando-os a q̃ com a conformidade, e paciencia os fizessem aos olhos de Deos preciosos. O agrado, afabilidade, e discrição com que os tratava, era de summo alivio em suas dores, angustias, e afliçoens. Em estando algum de perigo não se apartava da sua cabeceira, cuidando em que nada lhes faltasse para remedio da saude do corpo, e da alma, alentando-os com santos desenganos ao desprezo desta vida mortal, e ao verdadeiro apreço da eterna. Com a mesma pontualidade acodia a caza dos pobres, aos quaes asestia com largas esmollas *para soccorro das suas neccessidades. Este constante exercicio* de vĩrtudes, o puzerão em altissima extimação, em que perigara a sua humildade, se a não tivera fortalecida a mão do altissimo, para que vivesse aterrado no profundo conhecimento da sua propria miseria. Nestes sagrados ministerios passou os dias da vida, ate que foy receber a coroa de seos virtuosos trabalhos.

71. O Padre Francisco Leitão, filho de Paulo Leitão de Versoza, nasceo na Povoação de Ipojuca. Por ser insigne Gramatico, e Musico teve escola publica destas sciencias, que ensinava sem outro interesse, que o aproveitamento de seos discipulos. Com mayor disvelo lhes ensinava bons costumes mostrando a experiencia, que o mesmo era ser seu ouvinte, que vĩrtuoso. Por suas virtudes, e rara modestia adquerio na geral extimação nome de santo. Attenuado com o excesso das penitencias, lhe sobreveyo hũa aguda febre pela qual conheceo ser chegado o termo da sua vida, e recebendo os sacramentos com grande piedade, entregou seu espirito nas mãos do seu creador.

## CAPITULO 11

### SANTA MEMORIA DO CONEGO JOÃO DE TORRES DE RIBEIRA, A QUEM ACOMPANHÃO OUTROS DOUS SACERDOTES DE NOME LOUVAVEL

72. Nasceo o grande servo de Deos João de Torres de Ribeira na cidade de Olinda, onde forão seos Pays João de Torres, e sua mulher Isabel de Barros, que o criarão com o cuidado que pedia a boa indole que manifestou na infancia. Era de genio docil, e suave, e como em branda cera estampavão a bella imagem das virtudes. Vendo seos

Pays a genial applicação ás letras, e devotos exercicios, e que na gravidade das suas operaçoẽs desaparecião todos os devertimentos pueris, não quiserão, que corresse so a conta da domestica doutrina o progresso, que promettião tão elevados principios, e resolverão fiar esta importante empreza aos estudos, e doutrina do collegio Patrio dos Padres Jesuitas. Applicado as letras se adiantou muito, estudando para saber, e não para medrar, fazendo cabedal das noticias, para comerciar no bem das almas, e servindo-se da sua Luz para disterrar sombras de culpas, guardando-se com disvelo grande da ambição, e vaidade. Instruido nas sciencias amenas, e severas, e não menos no exercicio das vīrtudes se ordenou de Presbitero, e applicado ao ministerio do pulpito foy insigne Pregador, por concorrerem nelle as admiraveis prendas de hũa presença veneravel, voz clara e sonora, acçoẽns ayrosas, natural facundia, copiosa noticia das letras sagradas, e doutrina dos Padres. Conhecendo porem que este conjuncto, negocea mais applauso, que fruto, e temeroso do applauso, tratou de cultivar em si as vīrtudes, para melhor persuadir com o exemplo. Esta prudente deligencia foy regular-se as leys de perfeita caridade, que começa em si propria para derramar-se aos proximos. Pelo admiravel exemplo das suas vīrtudes, pela efficacia de seus sermoens, e pelos admiraveis frutos da sua doutrina subio a suprema altura da extimação, sendo venerado como hum oraculo. O Illustrissimo Bispo D. Frey Francisco de Lima conhecendo a rectidaõ do seu procedimento desejou servir-se delle no officio de Escrivão da Camera Ecclesiastica, e não conseguio que por mais de quinze dias exercitasse aquella occupação, dizendo: aceitara o cargo para mostrar que obedecia, e o largava por entender que lhe não convinha. Para ser digno possuidor do canonicato da cathedral da sua Patria, em que fora collado, poz todo seu cuidado em dar ĩnteira satisfação a sua obrigação. Se na oração vocal gastava no choro as horas determinadas pelos Estatutos, na mental se detinha todo tempo, que ficava livre de precisas occupaçoens. Cheyo de merecimentos, que excedião os annos passou placidamente desta vida temporal para a eterna, deixando gloriosa fama da sua santidade.

73. O insigne Padre Leandro Ferreira de Azevedo nasceo em Goyana, onde foraõ seus Pays Manoel Ferreira do Amaral e sua mulher Jeronima de Almeida ambos descendentes de nobres familias. Acabados os estudos, e aperfeiçoado em elles sem defraudar o das vīrtudes se ordenou Presbitero, e começou com alentos novos a exercitar se no manejo da santidade, por serem as armas com que alcançamos do inimigo commum as mais gloriosas victorias. Por toda sua vida levou muito adeante a mortificação dos sentidos. Nunca em suas palavras se ouvio demazia, engano, ou falcidade, e por isso com grande lizura, e

sinceridade fallava, e tratava a todos. Ninguem no seo conceito era máo, como tinha coração singelo, e sem refolho, a todos conciderava adornados da candidez de animo, que elle tanto estimava. Era humilde de coração, e amava por extremo a paz; aborrecia de sorte o que pudesse parecer porfia, que com facilidade se deixava vencer das rasoens dos outros, ainda que conhecesse as suas mayores efficacias. Regulava de sorte as suas acçoẽs que servião de claros espelhos a seus Patricios para comporem perfeitamente as vidas. Competia a severidade dos Jejuns com o rigor das disciplinas, revelando muitas vezes o sangue impresso nas paredes do seu aposento, a multiplicidade dos golpes, com que reduzia o corpo as leys do Espirito. Era innumeravel o concurso de pobres que frequentavão sua caza, cujos clamores soccorridos com a esmolla paravão em applausos. Com a gloria de suas piedades illustrou a caza da Misericordia daquella nobre villa, de que foy capellão mor por muitos annos, feito pelo Fidelissimo Rey D. João V. Com os enfermos pobres se mostrava mais liberal a sua caridade, visitava-os, exortando-os a paciencia, e os deixava remediados. Querendo o santo Tribunal da Inquisição servir-se do seu talento o nomiou seu cõmissario, cujo ministerio desempenhou com a satisfação, que promettião suas letras, e virtudes. Hum dos argumentos mais convincentes das virtudes heroycas deste servo do Senhor, era aquelle anhelo de tratar sempre com pessoas Espirituaes, e perfeitas. O santo entre santos será santo, porque tem a virtude suas emulaçoens, e estas alentão a melhorar seus partidos, se vive entre peccadores, ha de ser a virtude muy bem complexionada para que a não inficione o seu contagio. Para melhor conseguir frequente cõmunicação com pessoas Religiosas, formou da sua caza hum hospicio, e erigio hũa capella, que dedicou a May de Deos de quem era cordialissimo devoto, e convidava aos Religiosos Esmolleres, que andavão por aquellas partes, para lhe fazerẽ companhia em seos virtuosos exercicios, e os tratava com grande reverencia e amor. Tendo vivido oitenta e trez annos com grande fama de santidade, ate que ja o corpo gravado com o peso dos trabalhos, e extenuado com o rigor das penitencias se rendeo a summa fraqueza, e deo liberdade a alma para que voasse a sua Patria celestial livre das pençoens lastimosas deste desterro em sete de setembro de 1756. Predisse o dia da sua morte, que esperou de joelhos fortalecido com os sacramentos. Tanto que se publicou o seu fallecimento, accodirão em numeroso concurso os moradores de Goyana, e achando o corpo do servo de Deos com sinaes de vivo, romperão em louvores das suas virtudes. Vestido o veneravel cadaver com as sagradas vestimentas, e santo habito de S. Francisco de que era profeço na Ordem Terceira, e colocado no corpo da Igreja Matriz daquella nobre villa, concorrerão a veneral-o

pessoas de todos os sexos, estados e condiçoens. Huns lhe beijavão os pez, outros as mãos, e todos procuravão a posse das suas alfayas; não sendo possivel atalhar-se cortarenlhe cabellos, e unhas, e parte das roupas. Esteve trez dias exposto, incorrupto, e flexivel, no fim dos quaes foy sepultado na capella mor, no jasigo de seus Mayores.

74. Obrou o Senhor em confirmação da piedosa fe que se tinha de sua santa vida, e eterno descanso muitos prodigios. Padecia o servo do Senhor hũa rotura pela qual sahindo parte dos intestinos tinhão formado hum grande tumor, tanto que falleceu desapareceo de tal sorte aquella deforme inchação, que não deixou sinal algum do que fora. Depois de quarenta e coatro horas morto, lhe cortarão as unhas, e ferindo os dedos sahio sangue fresco. Applicando hum morador a seus olhos lastimosamente enfermos hum barrete de seu uzo se vio repentinamente livre da molestia, que padecia a muitos mezes. Applicado o mesmo barrete ao ventre de huma mulher, que por quatro dias tinha padecido as dores, e angustias de hũ perigoso parto, pario immediatamente a criança com tanta facilidade e felicidade, que encheo de goso a quantos testemunharão o prodigio. Como tal se publicou logo pela villa o que move a muitos a procurarem as suas alfayas como reliquias. Deus q̃ he admiravel em seos santos, farà que sirvão para mayor gloria deste seu fiel servo; cuja intercessão piamente cremos, que não nos faltara, se implorarmos com fe sincera, humildes rogos, e obsequiosa submissão.

75. O Padre João Velho Gondim, nasceo no Reciffe, e forão seus Pays Francisco Velho Gondim natural de Ponte de Lima, Fidalgo da Caza Real, cavalleiro na Ordem de Christo descendente de Garcia de Gondim Fidalgo Frances, da Illustrissima caza dos Gondini de França, que depois de servir na India, e occupar honorificos postos veyo a Pernambuco e cazou com Dona Luiza Monteira. Passou sua mocidade envolto nas vaidades do mundo, ainda que no meyo das delicias, com que brinda o seculo a seus amantes çoçobrava o seu coração em temores, que fazião amargosas suas falças doçuras, e o assustavão as poderosas vozes do desengano. Ferido do estimulo do temor santo de perder-se, se resolveo a servir a Deos no Estado Ecclesiastico e estando bem instruido na lingua latina, e Theologia moral se ordenou de Presbitero. Conhecendo a obrigação, em que o poz a sublime dignidade do sacerdocio, era tal a modestia do seu semblante, a compostura das suas palavras, a madureza de seus custumes, e a mortificação de seus sentidos, que chegou a edificar com seos exemplos, aos mesmos que havia escandalisado com suas vaidades. Cõ heroica resignação tolerou a ultima infirmidade, e tendo com grande ternura recebido os sacramentos passou placidamente desta vida caduca para a eterna.

## CAPITULO 12

### SANTA VIDA E PRECIOSA MORTE DO VENERAVEL PADRE ANASTACIO DE BRITO GOES

76. Coroaremos os capitulos antecedentes com o presente em que tratamos da santa vida e preciosa morte do veneravel Padre Anastacio de Brito Goes, nasceo este insigne sacerdote na freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres de Marangoape sendo seus Pays Manoel da Costa Meyreles, e Luiza de Brito Goes. Logo na idade juvenil cuidou muito em não desperdiçar o tempo em divertimentos pueris, e para evitar as fataes consequencias da occiosidade se applicou no collegio dos Padres Jesuitas do Reciffe ao estudo das sciencias, e ao exercicio das virtudes. Ordenado de Presbitero se dedicou ao estudo da Theologia moral, como tão necessaria ao Estado Ecclesiastico, que professava, em que sahio consumado. Pela inteireza dos custumes, sciencia, e actividades do seu zelo, foy nomiado coadjutor da Igreja de Marangoape, distante pouco mais de húa legoa da cidade de Olinda para o Norte, e de que era então vigario Alexandre da Fonceca, hoje conego da cathedral desta Provincia. Como bom operario trabalhava o servo de Deos nesta vinha do Senhor, com toda a efficacia; e todas as molestias, que padecia lhe parecião suaves pelo ardente zelo, com que anhelava o bem das almas. Era morador na mesma Freguesia certo homem indigno de lhe escrevermos aqui o nome, que escandalosamente vivia concubinado. Foy muitas vezes chamado, exortado, e convidado por mil modos para se apartar da occasião dos seus escandalos; porem como ha espiritos, ou tão contumazes, ou tão fatuos, que se mostrão rebeldes contra os avisos divinos, pois por mais que estes os movão interiormente, arguindolhes os seus delictos, e estimulando-os a penitencia, elles se não dão por entendidos. Não servião a este miseravel os avisos, e concelhos se não do que serve o sol a húa topeira, e do que servio o canto das sereas as orelhas de Ulysses; mas como a conciencia não cessasse de o importunar com remorsos, nem o seu Parocho de lhe fallar com amorosas admoestaçoens, respondia com excusas apparentes, desculpas frivolas, e promessas falças, confundindo (a maneira dos sacerdotes de Baal) com o ecco de seus affectados discursos as vozes, que Deos lhe estava dando as portas do coração, para que as não podesse perceber com clareza, e se visse obrigado a lhes responder com promptidão, ficando se desta sorte sepultado como dantes em seu peccado, baldados os divinos auxilios, as deligencias pastoraes sem fruto, e a sua salvação em perigo; e isto não por trez annos, como

BIBLIOTHECA NACIONAL
SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS
RIO DE JANEIRO



aquella arvore, que Deos mandou cortar, mas por muitos mais annos. Depois de tanto sofrimento ainda continuava o servo de Deos em avisallo, mas elle cada vez mais cego, surdo, insensato, e insensivel as inspiraçoẽns divinas, aos impulsos da Graça, e aos ameaços da Justiça, com viciosa constancia perseverava na sua teima, e contumacia.

74 (*). Tendo o Parocho feito mais do que era obrigado, deu conta ao Illustrissimo Prelado do escandalo, que causava aquelle morador, e das muitas deligencias que havia feito pelo fazer melhor, fazendo elle tudo por pior se fazer. Penetrado o Prelado com o vivo sentimento de ver aquella ovelha nas unhas do lobo, e cerbero infernal, sem que tantas deligencias a podessem trazer ao rebanho, e pasto saudavel, julgou prudentemente de uzar de outros meyos, para ver se o temor do castigo o fazia retroceder da precipitada e cega carreira, que a passos contados o levava ao infalivel despenhadeiro da sua perdição eterna; mandou se procedesse contra elle com cençuras, e mais penas de direito, ate com effeito se emendar. Foy a execução do castigo commettida ao Padre coadjutor, por se achar o vigario auzente, que entendendo que para a emenda eterna da sua alma, seria inutil, e ainda nocivo o rigor, por que o medo da pena, quando muito o faria hipocrita, e nunca penitente; e para que não socedesse, que tirada a occasião de hum peccado, reconcentrada a má intenção, produsisse outro novo peccado no odio contra o Juiz, que o castigava; com vozes, e admoestaçoẽns excessivamente brandas, e amorosas torna a instar, e a persuadir a emenda do seu peccado, e escandalo.

77. Sendo a benegnidade nos Prelados o antidoto de maior efficacia contra o veneno das culpas dos subditos, porque a aspereza tanto exaspera os animos, quanto a brandura anima, e conforta os coraçõens, nenhum effeito causou no coração d'aquelle peccador a suave bataria com que o servo de Deos combateo a forte muralha de seu obstinado peito. Como o miseravel homem não desse esperanças de melhoria, senão de continuar no infelice destino, a que o precipitava a sua fragilidade, junta com o depravado costume, obedeceo ao mandado do superior, e o declarou escommúngado, não ignorando que se expunha a padecer os effeitos da vingança de hum homem obstinado, e soberbo. Intimada a sentença de excomunhão, devendo ser o collyrio mais efficaz que lhe abrisse os olhos da alma, para ver o miseravel estado, em que torpemente jazia, foy tal a paixão, que concebeo, que abrazado nos incendios da ira, e nos desejos da vingança, se arrojou a commetter uma acção verdadeiramente barbara, e que apenas se podia achar em hum gentio obstinado. Acompanhado de outro malfeitor de

(*) *Numero repetido e deslocado.*

tão ruins procedimentos, e de vida tão estragada como elle, esperou entre alguas arvores ao servo de Deos, que se retirava da caza de seus Irmãos, moradores no Pao Amarello, para a sua, situada ao pe da Parochial Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres de Marangoape, e com dous tiros de espingarda o trespassarão com muitas ballas, tirando com sacrilegio tão horrivel a vida a hum Ministro de Deos, tanto menos culpado, quanto elle mais criminoso. Em hũa rede o carregarão logo para a cidade de Olinda, e recolhido em casa do seu vigairo, foy visitado pelos mais peritos cirurgioens, que declararão serem, por penetrantes, mortaes as feridas. Com animo constante, e juizo claro pedio o veneravel sacerdote os sacramentos, e sem alguma demora lhe forão administrados. Bem se deixa conciderar a ternura, e devoção com que receberia aquelle Senhor por cujo amor morria. Com ardentes affectos, e ternissimas lagrimas, que lhe nacião do coração entrou a dispor-se para a jornada da eternidade, e depois de pedir perdão de suas tibiezas, e maos exemplos, com aquella ingenua humildade, que poem a alma na lingoa dos justos perdoou a seus inimigos, e pedio a seus Irmãos, que não fossem partes na accusação dos sacrilegos homicidas; e abraçado com hum santo crucifixo não cessou de lhe pedir perdão com amorosas lagrimas até entregar seu espirito nas mãos do criador com aquella paz, a que David chama dormir; porque a morte dos justos he somno suave, em que descanção dos trabalhos desta vida mortal, quando se vem na eterna. A' dor, e sentimento dos que assestirão a seu transito, expressado entre lagrimas e soluços era incomparavel. Assestirão a seus funeraes o Illustrissimo Bispo com seu clero, e a Nobresa da cidade, e se lhe deo sepulchro na Cathedral em 13 de Abril de 1737 sete horas depois que foy ferido, onde espera a Ressurreição universal, para em companhia da sua bemaventurada alma se revestir dos sobrenaturaes dotes, com que Deos promette glorificar os corpos de seus servos em premio da fidelidade, que tiverão em ajudar os espiritos na exacta observancia de seus divinos preceitos.

78. Qual fosse o escandalo que causou o sacrilegio, que commetteo homem tão barbaro, não ha para o ponderar aqui, porque por si mesmo se está manifestando. A causa que houve para tão execrando excesso, ja dissemos, que fora por cumprir o servo de Deos com as obrigaçoens do officio Pastoral. Canonisado fica o bom Paracho na morte, que padeceo, e na coróa que alcançou de Martyr. Chamo martirio a gloriosa morte deste illustre sacerdote, porque nem todo martirio nasce do odio, que tem a nossa santa fe o infiel Tiranno, senão que tambem o he a constancia, que por amor a virtude sabe fazer sacrificio da vida dando a cabeça ao laço, o pescoço ao cutello, e o peito a balla. Sobre esta materia disputa largamente o erudito Padre Theophilo

Raymundo em seu Tratado de Martyrio per pestem, assentando, que ainda o morrer em serviço dos apestados a instancias ferverosas da caridade, e da misericordia he martyrio, sem que neste genero de morte tenha parte a crueldade dos Tirannos. O que no nosso caso melhor se verefica da autoridade do grande Padre S. Agostinho sobre o Psalmo 40, cujas são a letra as seguintes palavras legalmente traduzidas do latim a nosso vulgar: De verdade, diz o Santo, muitos morrerão, e são Martyres, porque os peccados dos homens os contradizião, e elles resistindo a suas maldades, são tidos por Martyres; porque tudo aquillo, que o homem padece em testimunho da verdade, e da justiça, tudo isso acceita, e computa o Senhor por Martyrio. He tambem sentença expressa do Angelico Doutor S. Thomas 2. 2. q. 124. art. 5. diz assim: As obras de todas as virtudes, segundo se referem, e encaminhão a Deos, são humas certas protestaçoens da Fe, pelas quaes se nos da a entender, que Deos quer, e pede de nos outros estas obras, e que por ellas nos premea, e segundo esta concideração podem ser causa do Martyrio. Por esta rasão erão chamados no tempo de S. Agostinho Martyres os Confessores, que por amor de Jesu Christo padecião tormentos. Os que são desterrados em odio da Fe, e os que morrem nas guerras santas contra infieis, e hereges em defensa da Christandade são tidos por Martyres. A Santo Thomas de Cantuaria se dà o titulo de Martyr, por ter defendido a custa de seu sangue os direitos da Igreja.

## CAPITULO 13

### VENERAVEIS MEMORIAS DE MUITOS NATURAES DE PERNAMBUCO, QUE NA SAGRADA RELIGIÃO DA COMPANHIA DE JESUS, FLORECERÃO EM VIRTUDE E DOUTRINA

79. He a sagrada Religião da Companhia de Jesus hum ceo exmaltado de brilhantes Estrellas, e hum lusido globo de resplandecentes Astros. Neste firmamento de resplendores luzio como superior Planeta o veneravel Padre Laureano de Britto. Nasceo no Reciffe, e no collegio da cidade da Bahia profeçou o instituto da Companhia com muitos indicios de aproveitar nas virtudes e letras. Seguio estas sem largar o estudo d'aquellas, e por ambos caminhos se constituio eminente nas duas Theologias Mystica e Escolastica. Não foy menos insigne nas humanidades, e artes, sendo preclaro Filosofo, eloquente orador, e em tudo perfeito. E quando estas prendas unidas a hua vida honesta, pura, e inculpavel podera administrar premios a seus meritos, se vio expulso da Companhia estando occupado na Presidencia dos Estados de Olinda.

Sem acodir a justificação da sua innocencia com heroica insensibilidade respondeo so com o silencio, e com fazer no seculo hũa vida exemplarissima. Da pena que lhe motivou sucesso tão estranho, e não esperado, formou pennas para voar ao ceo. Os trabalhos se ouve culpa, são castigos, e se culpa não ouve são augmento de merecimento.

80. Fez a calumnia neste insigne Jesuita, o mesmo que faz a neve nas plantas. Logo que a neve cobre as plantas, não se destinguem as cores, porque a todas igualou na cor, mas ao aparecer do sol se derrete a neve, e se desfaz aquella superficie, que encobria aos olhos a verdade, com o que tornando as plantas a cobrar sua cor cada hũa parece o que he. Coberta esteve dous annos a virtude do veneravel Padre com semelhanças de culpa, mas ao aparecer do sol da verdade se desfizerão todas as viciosas aparencias com que a emulação a occultara, e cobrira. O cuidado, e caridade com que o Rm̃ Padre Geral Miguel Angelo Tamburino zelava o credito da Companhia, e honra de seos Alumnos foi tão generosa, que informado da innocencia do Padre Laureano, a todas as razoens preferio o lustre da sua reputação, soltou as duvidas, tirou as suspeitas, e declarou abertamente que o veneravel Padre ainda que expulso não era criminoso, e mandou que tornasse para a Religião. Oh se os Prelados sempre conhecessem a verdadeira causa dos infortunios dos subditos, quantas vezes acharião a innocencia perseguida da emulação, combatida da inveja, deslusida *com suspeitas desfigurada com calumnias, e com injustiças opprimida.* Saibão os Prelados que a restauração destas ruinas he o mais firme fundamento da sua gloria, e então fica mais avultada sua justiça, bonpade, prudencia, e Religião, quando se declarão defençores da innocencia.

81. Em receberem os Prelados outra vez em a sua Companhia este illustre soldado de Jesus, não so foy o veneravel Padre o interessado, mas teve a Companhia singulares conveniencias. Renascido no ceo da Religião como sol no berço do seu oriente, e nas mantilhas da Alva, expoz para admiração do mundo, e credito da Companhia os bellissimos resplendores da sua sciencia, e virtude. Havendo destinado Deos a este varão Apostolico para Mestre, e Pregador das verdades, e perfeiçoens Evangelicas, o enriqueceo com enchentes de virtudes, para que se lograsse seu Magisterio, que mais que nas palavras, funda suas eficacias nos bons exemplos, que tem a mais eloquente persuasiva. Pregou na cidade da Bahia a seguinte Quaresma, e nos sermoens que fez mostrou a sua sciencia, e fervoroso zelo, que sempre teve do serviço de Deos, e do augmento da sua gloria na salvação das almas, cuja utilidade espiritual incâçavelmente procurou e promoveo ardentissimo orador, que com o fogo do Espirito Santo acendia os coraçoens

dos ouvintes, e os exortava a reformação de suas vidas, como quem bebera o Espirito abrasado de seu grande Patriarcha S. Ignacio de Loyola. Arribara neste tempo a Bahia hũa nao da India, em que vinhão embarcados muitos operarios da Companhia, que passavão ao Oriente a derramar luzes de doutrina naquellas remotissimas regioens, fallecera na viagem o Padre director dos Noviços, e o veneravel Padre Laureano se offereceo aos Superiores para suprir aquella falta. Embarcado se fez a nao na volta da India, e no discurso da viagem exercitou o seu zelo em grandes obras de caridade, que lhe grangearão cõmum applauso, e veneração. No collegio de Goa se vio obrigado pelos superiores a ensinar Theologia, mas sendo outro o seu destino, recorreo ao Padre Geral, e conseguio empregalo na asperrima, e arduissima missão do Reyno do Malabar, situado na costa da Azia, na peninsula do Rio Indo, aquem do Ganges, ao Poente do Cabo Comorim, por alguas duzentas legoas de comprido. Nesta costa se comprehendem muitos Reinos, que das suas cidades principaes tomão o nome, como Angaleme, Calecut, Cananor, Cochim, Coulão, Travancor, Granganor, Tanor etc. Toda esta região esteve algum dia sugeita ao dominio de hum so Principe, e dizem que o ultimo se chamava Samara Perimal, hoje esta debaixo do dominio de diversos Principes. São os Malabares tão supersticiosos, que com a mão direita não tocão cousa algũa suja. Pode hũa mulher tomar quantos maridos quizer, ao contrario da ley dos Mahometanos, que aos homens permite quantas mulheres quizerem. Castigão com notavel rigor latrocinios, ao passo que outros delictos, ou são canonisados como virtudes, ou não castigados como culpas.

82. De Goa fez viagem a Travancor com o designio de reduzir para Deos os coraçoẽs gentilicos; começou a espalhar o grão Evangelico com tanta felicidade, que em breve tempo colheo copiosos frutos, trazendo a Fe innumeraveis idolatras de cuja barbaridade indomita se não esperava sugeitassem os animos ao suave jugo da ley Evangelica. Pelo numero de infinitos se computavão os infieis, que este excellente Missionario convertia a Fé de Christo. Animado com o bom successo desta primeira empreza, e incitado com as inspiraçoens da graça Divina entrou pelo interior do Reino aonde do proprio modo vio bem remuneradas as suas fadigas em reducçoens notaveis daquelles felices barbaros, que lograrão a dita de enviarlhe o altissimo de tão longe quem lhes mostrasse o caminho da salvação.

83. Não podia jà o inimigo do bem das almas sofrer tanta destruição, e ruina em seu diabolico imperio, e enfronhado nos coraçoens ferinos dos sacerdotes Idolatras /aos quaes em publicas disputas havia muitas vezes o servo do Senhor convencido/ fez que com aparentes e

fantasticas razoens persuadissem a seu Principe o perigo a que estava exposta a sua authoridade, e vida, pela multidão de vassallos, que havião abraçado a Fé dos Christãos; que ou causarião irremediaveis rebelioens, ou sem respeitar a Magestade o obrigarião a abandonar a seyta de seus mayores. Com estes, e semelhantes discursos de apparentes conveniencias, e infernaes astucias, provocarão de tal modo a ira do Rey, que com cruel desatino manda que posto o servo de Deos ao sereno (que naquelle Paiz he subtilissimo homicida) acabe a vida. Prezo de pez e maõs o puzerão em hum campo para que sem resguardo padeça os mortaes effeitos do pestifero ar. Mas que frustados forão os seus intentos, trocou-se o nocivo sereno, em saudavel, e precioso orvalho, que lhe acrescentava as forças, ao passo que mais lhe alentava o espirito; vendo os infieis que para com o servo de Deos perdera o sereno a sua activa e maligna calidade, o passarão para hũa estreita e rigorosa prisão, aonde o deixarão carregado de grossas cadeyas, injurias, e opprobrios. Tolerou o veneravel Padre este tormento com insigne paciencia, e porque julgava os tormentos por mimo do ceo, os agradecia ao Senhor com devotas ternuras. Nesta prizão padeceo trabalhos immensos, porem suavisados com o muito fruto, que fazia consolando os convertidos, e fortalecendo-os na Fe. Com este fruto entretinha a actividade do seu zelo, gososo de não ter em ociosidade o seu talento. Considerando o Rey, que ao mesmo passo que o servo de Deos padecia na prizão mais affrontas, e injurias, pullava a Fé, e florecia a Christandade, pois vendo os convertidos, e os infieis a sua constancia nos tormentos que padecia, se confortavão aquelles, e estes se sentião movidos a crer a innocencia da sua vida, e a verdade da Religião, que pregava; entendia, que este excellente Missionario fazia mayor opposição, que todos, as profanas veneraçoens de seus Idolos; e esta razão foy suficiente para que o Principe com os sacerdotes sequazes das suas diabolicas superstiçoens conjurassem contra a vida do veneravel Padre, *crendo, que so com a morte deste acerrimo defençor e* ardente Pregador da ley de Christo, podia reynar segura a Idolatria.

84. Com ardentissimo dezejo suspirava o veneravel Padre pelo Martyrio; mas tão contrario foy o sucesso ao seu desejo, que estando já condemnado a morte de cruz, receoso o Rey de hum motim improviso fomentado pelo grande numero de fieis seus vassallos, que sentião mal das injurias, e tormentos, com que era tratado o servo de Deos, o mandou soltar. Muy sentida foy do veneravel Padre esta inesperada suspenção de sua morte, aconteceo lhe o que succede a hum Rey victorioso, que determinando de entrar triunfante em hũa cidade se entristece, e aflige se por algum caso inopinado se retarda o dia da sua entrada, e do seu triunfo. Que nenhũa couza mais magôa o coração,

do que a suspenção de hum bem de que ja está quase segura a posse, e infalivel o logro; mas quiz Deos conservarlhe a vida para perpetuar em seu coração a pena de não morrer, que para ser Martyr no dezejo era preciso, que padecesse hũa pena sem lemite. Depois de solto cada instante de vida foi para elle hum tormento, e cada hora hum Martyrio, porque não pode haver Martyrio mais vivo, do que aquelle que do mesmo viver se origina. Consumido finalmente com os tormentos, que havia padecido, e perennes desvellos (não desestindo das applicaçoens trabalhosas de Missionario) e carregado de annos, e merecimentos passou desta vida a lograr na outra o premio de tão boas obras.

85. O Padre João de Maria, natural de Olinda, na idade da adolescencia deixando o mundo recebeo a Roupeta da Companhia em o collegio da Bahia. Logo no Noviciado se admirou a sua virtude tão adulta, que servia de exemplar, e estimulo aos seus companheiros; nas letras foi tambem admiravel o progresso que fez o seu talento, das quaes começou brevemente a ser Mestre lendo por largo espaço de annos Rethorica, Filosofia, Theologia Especulativa, e Moral, admirando assim os domesticos, como os estranhos a novidade das suas opinioens subtilmente ventiladas, e nervosamente defendidas. Não foi menos insigne o seu talento no Pulpito atrahindo com as suas vozes a muitos peccadores ao caminho da penitencia. As suas grandes letras unidas a benevolencia do genio, urbanidade do trato, e consumada prudencia lhe agenciarão o Reytorado do Seminario de Bethlem, de cuja saudavel doutrina derão testemunhos muitos seminaristas, que sahirão a illustrar diversas Religioens. Eleito Reitor do Collegio de S. Paulo; mostrou-se obediente em admittillo, e modesto em renunciallo. Os cuidados que havia applicar para o governo, os dedicou a pregação Evangelica, sendo incansavel em conduzir almas para o ceo. Em devotos exercicios continuou até que foy receber a corôa de seus Apostolicos trabalhos preparada aos justos, dando fim a vida no mesmo collegio, em que nasceo para a Religião.

86. Nasceo o insigne Padre Manoel Sarayva na cidade de Olinda de nobre prosapia, e mostrou logo na puericia o engenho, e genio do que havia de manifestar na idade adulta. Com estas esperanças acompanhadas de boas prendas foy recebido na Companhia quando contava quinze annos de idade. Continuou o noviciado em o collegio da Bahia, no fim do qual aprendeo as sciencias mayores adiantandose nellas com vantagens muy conhecidas e envejadas. Por ser insigne nas letras humanas as ensinou nas primeiras classes, e no collegio da Bahia leo Filosofia, Theologia Especulativa, e Moral, com grande proveito de seos ouvintes. Ao exercicio das sciencias, correspondia o das

virtudes, que lhe merecerão o esplendor de varias Prelazias. Foy Mestre de Noviços, devendo-se a sua vigilante cultura frutificarem aquellas novas plantas como herdeiras do seu espirito, não somente em beneficio da Religião, mas de todo o Brazil.

87. Deste lugar foy tirado para secretario da Provincia, e deste para Reytor do Collegio de Olinda. Ainda não tinha finalisado este cargo, quando o Rm.º Geral o nomeou visitador da Provincia do Maranhão, e superior absoluto de todas as missoens d'aquelle vastissimo Estado. Acompanhado de alguns varoens Apostolicos promovidos do seu exemplo partio para o Maranhão a procurar com indefesso trabalho o augmento da Religião, e conversão daquella Gentilidade. Chegado aquella Provincia tratou de aproveitar o tempo em beneficio do proximo. Penetrou *muitas vezes descalço, e sem algum viatico para sustentar* a vida, fragosas serras, lugares incultos, e solitarios, tolerando excessivos calores, e rigorosos frios. A tão laboriosa cultura correspondeo abundantemente o fruto, reduzindo ao suave jugo do Evangelho a infinitos barbaros, que vivião mais como feras, do que homens embrenhados na espessura dos matos, domesticando os seus custumes, illustrando seus entendimentos, e purificando com as agoas do bautismo as suas manchas, devendo-se ao seu incansavel disvello a conversão de infinitos gentios, e a edificação de innumeraveis Aldeyas. Attendendo o Reverendissimo Geral da Companhia ao incansavel desvelo, com que tinha agregado tantos filhos ao gremio da Igreja, e serviços que havia feito a Religião o nomeou Provincial do Brazil, lugar que aceitou constrangido, e não exerceo, por que consumidas as forças, e alentos *vitaes com o ardor de tantas Apostolicas emprezas cahio enfermo*, e depois de receber os sacramentos entre fervorosos colloquios entregou a alma a seu creador.

88. Em todas as regencias e Prelazias (que na verdade são dificultosissimas) se ouve o servo de Deos como quem tinha especial graça deste Senhor para plantar virtudes, e dissipar abusos, sendo tão estimado, e querido de todos nas demonstraçoens de brandura, como nas execuçoens de rigor. Acrescentou o esplendor da sua Fama com a clemencia, e sendo naturalmente colerico, e ardente, so lhe servia a ira para estimulo do valor, e instrumento necessario para dificultosas, e arduas emprezas. Em todos os mais acontecimentos a piedade aplacava em seu coração as alteraçoẽs occasionadas do affecto impetuoso da ira; que servindo-lhe de temperamento, e moderação lhe communicava húa *suavidade, e cortesania*, que obrigava a todos a amallo, e os subditos a obedecer lhe com primor.

89. A força da sua vigilancia, e cuidado, assestida dos vigores da Graça divina, devem as Missoens do Maranhão o seu espiritual, e

temporal augmento, motiva porem admiração, o rigor, e austeridade, com que este virtuoso Prelado se tratava em tão laboriosos empregos; mas assim obrão aquelles que aceytão os cargos para sacrificarem nelles as vidas em obsequio da Magestade eterna. Gastos os dias de vida em frequentes estudos, occupaçoens trabalhosas, muitas penitencias, acompanhadas de outras pençoẽs desabridas, rompeo as prisoens da mortalidade, e se retirou para a Bemaventurança; deixando nos annaes da Companhia o nome de gloriosa memoria, brazão, com que o condecorou o Reverendissimo Geral bem merecido, por compendiar em hũa vida breve, muitas virtudes preclaras.

90. Em todas as idades serà plausivel o nome do muyto douto, e virtuoso Padre João Nogueira. Nasceo no Reciffe, e logo nos primeiros annos deo sinaes evidentes do que havia de ser na maior idade. Alistado na Companhia de Jesus, seu raro talento o constituio em virtudes admiravel, e nas letras singularissimo, nestas encheo o Brazil de admiraçoens, e com aquellas de exemplo. Sua virtude foi solida sem affectação, e sua sabedoria eminente sem vaidade. Nunca se lhe divisou defeito algum; mas sempre hũa robusta constancia no amor da virtude. Se os seus escritos se derão ao Prelo, podião formar se delles diversos tomos, os quaes acharião universal estimação, porque lograrão muita dos homens mais doutos, consultando-o nas materias mais graves, cujo voto era venerado como decisão, por ser estabelecido em profunda literatura, e conciencia timorata. Não era este Padre applaudido pela razão somente de ser muito douto, mas por que as suas letras andavão germanadas as prendas, e virtudes de Religioso perfeito, era humilde na cõdição, e aspecto; affavel no trato, e para todos tão benigno, que ao mais vil escravo dava confiança para recorrer a elle quando necessitava do seu amparo, ou concelho. Quiz a Religião occupar seu talento nas Prelazias, porem a morte, que como invejosa da gloria dos homens, afoga no seu nascimento as maiores emprezas, cortou com o fio da vida deste insigne Jesuita as linhas, que com o cargo de secretario do Provincial se hiaõ lançando para a execução deste discreto intento.

91. No collegio da cidade de Olinda he plausivel a memoria do insigne Padre Paulo Carneiro, nasceo de illustre prosapia na caza do Brum situada na freguezia da Varzea, pouco mais de hũa legoa do Reciffe, sendo filho de Paulo Carvalho de Mesquita, e de Ursula Carneiro. A graça divina, que logo de tenrros annos o foy prevenindo, e dispondo para seu fiel servo, o ajudou nas applicaçoens litterarias, para que adornado seu espirito com virtuosos custumes, acompanhassem a estes os matizes de boas prendas; com hũas, e outras era agradavel a todos, e o foy tanto aos Padres da Companhia, que com boa vontade

o receberão no seu sagrado gremio. No estado Religioso encherão seos procederes, e virtudes toda a esperança que derão principios de virtude tão ferverosos, adiantando-se tanto no caminho do ceo, que nos primeiros annos já parecia provecto, e muy douto na escola da perfeição. Mais empenho mostrava em solicitar os agrados do Senhor, a quem dezejava servir, que em singularizar-se nas faculdades, que estudava. A mayor, e melhor parte do tempo era para a sabedoria do ceo, dando a menor a erudição da terra; mas na escola da oração tinha hum grande meyo, para afinar o Juizo, fecundar o entendimento, exercitar a memoria, e afervorar a vontade. Querendo sacrificalla ao divino amor nas aras de copiosas fadigas aceytou o cargo de Reytor do collegio da Capitania do Espirito Santo, e depois dos collegios do Reciffe e Olinda, em cujas ocupaçoẽns fez Deos numerosos obsequios. Era de extremado talento para os mais altos empregos; por concorrerem nelle letras e virtudes alem da prudencia, e socego de animo, pelas quaes prendas conseguia numerosos agrados, e dava fim a difficultosas emprezas. A mayor prova da sua capacidade foi a eleição, que delle fizerão os Prelados para Procurador Geral assim no Brazil, como em Portugal em tempo de importantes negocios, por se conhecer que tinha em tudo, que obrava respeito ao esplendor da Religião, e não reparava no proprio descomodo, quando delle podia resultar emolumentos a sua ordem. Depois de ter servido com boa satisfação muitos lugares (os quaes o buscavão pela virtude, e não elle a elles pela ambição) buscou descanço a seu espirito no collegio d'Olinda. Era universalmente reverenciado por amigo de Deos, brando, affavel, benigno, e socegado, e teve hũa morte feliz com muitos sinaes de predestinado.

92. O Illustre Padre Jose Coelho nasceo em Olinda de preclara familia, para honrra da mesma cidade, a quem remunerou o nascimento e creação com o esplendor de muitas, e illustres virtudes. Passou sua mocidade envolto nas vaidades do mundo, occupado nos cargos honrrosos da Republica, e com pouca applicação ao exercicio da devoção, ainda que em meyo das delicias, com que o mundo brinda a seus amantes, soçobrava seu coração em temores que fazião amargas suas falças doçuras. Cahio finalmente no laço do desengano com os reclamos das inspiraçoens divinas; e trocando as verduras da sua idade em sazonados frutos de exemplos, emprendeo hũa vida difficultosa pelas asperezas da mortificação, porem muito facil pelo concurso dos soberanos auxilios. E sendo bem inclinado promptamente seguio a vocação do ceo, e a poz em effeito alistando-se na Companhia de Jesus. Abraçou os rigores do noviciado com generoso espirito, vencendo todas as lutas, e violencias com que o amor proprio se oppoem aos actos de abatimento, e aniquilaçoens da humildade. Entregou-se a contemplação dos

bens eternos, e nesta escola, em que se adquire mais luz, do que em todas as universidades do orbe, achou aquella sciencia que o graduou Mestre em preclaras virtudes, e brilhou nelle gloriosamente a santidade sobre a nobreza do sangue.

93. Applicou se as letras sem ambição de applausos por não envillecer seos nobres suores, feriados ao leve preço de húa vaidade, que deixa o coração vazio de toda virtude, e o affea com soberba inchação. Punha se na tarefa dos livros com virtuosa cobiça de saber para aproveitar-se a si, e ao proximo, cõmunicando sem inveja as luzes da sua doutrina. Applicou sua attenção e estudo as sagradas letras, por ser este o estudo, que havia de dar copiosa materia a seu Apostolico zelo. Na lição dos santos Padres não so achava gustosos frutos seu entendimento, mas sentia dulcissimos affectos sua vontade. Não se pode declarar com quanto cuidado appetecia que Deos fosse venerado, e servido na terra; este ponto lhe levava continuamente as attençoens. O ardente zelo da mayor honrra de Deos, que tinha este virtuoso Padre não se estreitava aos termos precisos da Religião, cujo governo teve muitas vezes sendo Mestre de noviços, Reytor do seminario de Bethlem, e do collegio do Reciffe, se não tambem a propagação da Fe em gentios infieis, e em outros ja convertidos. Para o conseguir trabalhou perennemente na vinha do Senhor, enriquecendo a Igreja Brasiliana com tão copiosos frutos, que so na Provincia dos Ilheos converteo a Fe catholica hũa nação inteira. Em outras muitas Aldeas arvorou a bandeira das virtudes, e fez para a milicia de Deos muita gente, que nas auzencias de seu capitão, e caudilho guardavão suas ordens, e fazião ao Demonio vigorosa guerra. Com esta mesma felecidade, e admiraveis progressos a favor das virtudes, e extirpação dos vicios fizerão seos sermoens hum notavel effeito. Pregava com aquelles creditos, e frutos, que lhe merecerão sua santidade, e zelo Apostolico, enchendo o nome de luz, e sol (proprio dos Pregadores) com a infatigavel tarefa de seos resplendores, dando ao mesmo tempo calor as virtudes com sua doutrina, e exemplo.

94. Na observancia dos seus estatutos foi pontualissimo, entendendo que o cumprimento da obrigação he o mais perfeito. A maior e mais segura defença da Alma he o retiro, em cujo silencio ouve mais vivas as vozes de Deos em suas santas inspiraçoens. Praticou o veneravel Padre Joze Coelho esta maxima com todo cuidado em tudo que permitiaõ os Apostolicos exercicios da Companhia, em que he preciso comerciar com o mundo para os ganhos do ceo; porem neste ruidoso trafego achava o seu coração espaços largos para formar dezertos em cujo silencio tinha sem faltar a utilidade dos homens todo seu trato, e conversasão com Deos. De Maria Santissima foy cordialissimo

devoto, e ardentissimo amante, venerando entre suas admiraveis excellencias a sem exemplar prerogativa da sua virgindade fecunda e perpetua. Teve-a sempre por sua especialissima Patrona, e refugio em suas tribulaçoens, e recebia da sua poderosa mão singulares favores. Com esta santa vida em provecta idade se achava morador no collegio de Olinda quando o asaltou a ultima infirmidade e para que a morte o achasse bem previnido se fortificou com os sacramentos. Desta sorte sem lhe causar temor o seu horrivel aspecto, nem os conflictos, e combates da sua tirannia aballo, suavemente lhé offereceo o despojo corporeo que pertendia, retirando-se com o trofeo de victoriosa sua alma a receber a coroa prevenida para os que contendem pelo premio da gloria.

95. O Padre Jeronimo de Albuquerque natural de Olinda filho de Mathias de Albuquerque' Governador da Parayba, neto de Jeronimo de Albuquerque Governador do Maranhão, despresando o mundo, e suas grandezas, e attrahido da virtude dos Padres Jesuitas abraçou o seu instituto, recebendo a roupeta no collegio da Bahia, onde o inimigo commum lhe representava as delicias, e licenciosa liberdade da vida passada, e lhe propunha os inconvenientes da que estava praticando, porem armado da divina graça resistia a violencia destas sugestoens. Profeçou com grande jubilo da sua alma, e em todo tempo de sua vida se mostrou na oração continuo, na penitencia rigoroso, na abstinencia admiravel, e na charidade ardente. Atenuado com o numero dos annos, e muito mais com as penitencias se retirou ao collegio Patrio, onde dando bons exemplos a seus naturaes viveo alguns annos no fim dos quaes provada a sua paciencia com hûa penosa, e diuturna enfermidade, recebidos os sacramentos com summa piedade, entregou placidamente o espirito ao seu creador.

95 (★). O veneravel Padre Francisco Fialho, nasceo nas Ribeiras do Rio de S. Francisco da parte de Pernambuco, e no lugar em que seu Pay o coronel João Pereyra Fialho erigio hum sumptuoso Templo, que dedicou a Maria Santissima com o titulo de N. Senhora do O, de que depois fez doação para Igreja Parochial. Erão seus Pays igualmente nobres, que opulentos, e vendo que este filho desde a puericia começou a mostrar a inclinação, que tinha para o exercicio das virtudes mais heroicas, sendo compassivo, e modesto, de tal sorte que servia em idade tão tenra de exemplar aos annos mais provectos; o mandarão para a cidade da Bahia, para que com a doutrina dos Padres Jesuitas fosse doutamente instruido. Com copiosas assistencias o entregarão a hûa honesta matrona, que lhe deo em seu coração o lugar de filho, tratando da sua educação com affectos de verdadeira May. Não

(*) *Numero repetido.*

tinha outro cuidado, que lhe roubasse o tempo para esta amorosa occupação; e na soledade que padecia lhe era de conveniencia a grata companhia do minino, porque no seu ensino tinhão proveitoso exercicio suas virtudes.

96. Entrou nas classes da Companhia, com dezejos de saber, e sabendo que são sem applicação aos livros innuteis os dezejos, se aplicou de tal sorte, que ajudado de rara comprehenção, e feliz memoria, fez em pouco tempo nas sciencias amenas admiraveis progressos. Augmentava-se mais a admiração, que causava a sua habilidade com a innocencia da vida, que observava, abstendo-se de todo genero de divertimento pueril, fugindo a companhia de viciosos, e occupando-se com summa seriedade superior aos seos annos, nos exercicios de piedade, e devoção. Obedecendo a vocação de Deos, recebeo na florente idade de quatorze annos no collegio da Bahia a roupeta da companhia, e foy tal o fervor com que abraçou o seu sagrado instituto, que no Noviciado pareceo veterano na observancia regular. Depois de feita a profição, não dedicou menor cuidado ao estudo das sciencias escolasticas, do que applicava em alcançar as virtudes religiosas. Depois de ensinar a lingoa latina, e humanidades em algũas aulas dos collegios da sua Provincia, passou a ler louvavelmente hum curso de artes no de Olinda, e logo depois a exercer o cargo de Perfeito dos Geraes do collegio da Bahia, onde finalmente foy cathedratico de Theologia por alguns annos. Mas como seu espirito o exercitava com vehemencia ao santo exercicio das Missoens com licença do seu Rm.º Geral fez dimissão da cadeira de Theologia para se applicar totalmente a Pregação do Evangelho nas praças mais principaes da mesma Bahia, Rio de Janeiro, e Pernambuco: e despindo-se totalmente dos applausos mundanos prezava unicamente a Jesus-Christo, e quanto menos se prezava a si mesmo, então erão mais numerosos os curiosos: tanto assim que ainda os mayores templos, vinhão ser limitada esfera para os ouvintes. Ainda hoje são memoraveis os concursos, e as procissoens do Padre Fialho, missionando as portas da Igreja da Senhora da Palma na cidade da Bahia. Foy então a materia dispor hũa procissão dos condenados de todos os Estados pela distribuição de cada hum dos dias da mesma missão comprovada com a sagrada Escriptura, e amplificada com exemplos das letras sagradas, e reflexoens dos santos Padres, dos quaes tinha muito boa lição, que ajudado com a graça divina, actividade no dizer, e efficacia no persuadir, causou hũa notavel reforma nos ouvintes, e excitou nelles hũa fervorosa devoção a Maria Santissima, persuadindo-os para sinal de predestinados o serem devotos da mesma Senhora, trazendo juntamente pendente ao pescoço o Rosario da mesma Senhora.

A este bom fim distribuhia por sua propria mão os mesmos Rosarios ; e nestas circunstancias ainda os mais ricos, e de maior graduação de ambos os sexos, e de todos os Estados chegavão a receber da mão deste fervoroso Missionario o seu Rosario que logo passavão ao pescoço. Esta mesma devoção procurou sempre introduzir com exemplos, que referia aos seus discipulos sendo Mestre, e aos seus ouvintes nas suas Pregaçoens, assim panegyricas, como doutrinaes. Nos collegios onde asestio pregava com frequencia, e as tardes de Quaresma repetidos sermoens. Visitava alguas vezes na semana os carceres, e os Hospitaes, repartindo com os enfermos e encarcerados a huns a veronica, a outros o Rosario, para assim melhor os attrahir à devoção de Maria Santissima, e dos mesmos Santos cujas imagens se vião esculpidas nas mesmas veronicas, persuadindo os juntamente a pureza da conciencia por meyo de hũa confissão perfeita, e de hũa vida ajustada. Para os pobres, que encontrava pelas ruas erão as algibeiras da sua roupeta hum thesouro aberto em beneficios ; a huns dava dinheiro, a outros a fatia de pão : e a este as contas, a aquelle a veronica, ou resisto de pergaminho, com a obrigação porem de rezar logo hum Padre Nosso com hũa Ave Maria ajoelhados a porta da Igreja mais proxima, ou da cruz mais vizinha, a que tudo assestia de caminho e ajudava a rezar este bom Padre, quando a occasião lho permetia. Para este subsidio da pobreza tinha prompto o soccorro dos seus parentes, e a faculdade dos superiores, e ainda do mesmo Geral bem in-

*formado da caridade, e fiel distribuição deste bom esmoler.* Os moribundos em toda a parte o procuravão ter a sua cabeceira, e ao seu lado os padecentes, e ajustiçados ate o seu ultimo supplicio ; porque a todos abrangia a sua notoria commiseração. So comsigo parecia pouco caritativo ; porque era muy parco, e moderado no seu comer, e muito pobre no seu trato. No seu cubiculo (do qual so o vião fora quando a obediencia, ou caridade para com o proximo, ou as visitas ao S.S.$^{mo}$ Sacramento lho persuadião) não se vião mais do que instrumentos de mortificação, pobreza, e devoção ; porque tinha pela ordem das paredes pregadas huãs pequenas cruzes de paos distribuidas com tal ordem, que lhe servião de Via-Sacra, ladeadas por todas as partes com alguns resistos pequenos de pergaminho pobremente pregados na parede para fomento da sua devoção, aos quaes nos seus dias festivos accendia algũas luzes, e nos dias, em pregava, deixava o mesmo cubiculo a maneira de hum sepulchro com vellas accezas athe voltar depois da pregação ao seu custumado recolhimento. Estes estimulos da sua devoção para com Deos, e para com os Santos, poucos Religiosos chegavão a perceber ; por que a sua cautella era tão industriosa, que a todos impedia a entrada no mesmo cubiculo em occasião de parabens, com apodos festivos, e gracejos engenhosos ; tanto assim que a não ser o sûperior nestas

occasioens, ou o enfermeiro, e medico nas suas enfermidades, nenhum outro podia facilmente resistar com olhos o que temos referido. Ainda hoje na via sacra das tribunas do collegio de Olinda buscando o choro pela parte do Evangelho a respeito do altar mor, existem na parede em frente, hum fermoso quadro de Christo crucificado, e pelos lados das paredes pregadas as cruzes de madeira, que fez ali collocar com licença dos superiores, para desafogo da sua devoção a Paixão sagrada de Christo, onde hia so, e outras vezes acompanhado de outros Religiosos, corria devotamente a Via Sacra. Nestes, e outros empregos da sua devoção, e juntamente no exercicio de admiraveis virtudes se achava este veneravel Jesuita, quando opprimido de trabalhos, cansado de affliçoens, acomettido de dores, e enfermidades, que forão crescendo com os annos, o assaltou a ultima, e logo conheceo que o era pela dissipação das forças. Quem tanto soube preparar-se para a morte parece, não tinha para que temella, mas como era sabio tratou da disposição mais conveniente. Confessou-se com os vagares de quem queria repassar as contas de toda vida para as apresentar no tribunal tremendo do supremo Juiz, recebeo o santissimo viatico com devota ternura, e pouco depois o sacramento da unção, armando-se com estes sagrados escudos para a ultima batalha. O tempo, que lhe restou de vida gastou em repetidos colloquios a Maria Santissima, aos Santos Patriarchas S. Ignacio, e S. Francisco; ao Anjo da sua guarda, e a *outros muitos Santos da sua devoção.* Os actos de contrição erão frequentes, e as reconciliaçoens a cada passo; e porque são justos todos os temores naquella hora derradeira, por que athe a ultima queda he contingente o perigo, prudente o receyo; pedio aos Religiosos, que lhe assestião o absolvessem, quando já fora dos sentidos o vissem por a mão sobre o peito em sinal de que assim o pedia a sua dor, e contrição; mas foy Deos servido conceder-lhe o uzo de todos os sentidos, athe entregar a ditosa alma a seu creador com a suave spiração dos santissimos nomes de Jesus e Maria. Logo que se divulgou a sua morte foy grande a comoção da cidade, que concorreo com a principal Nobreza a venerar aquelle cadaver, que fora depositario de hũa alma, thesouro de todas as virtudes, Fenix dos engenhos, Alcacer da sabedoria, e deposito da caridade. O afflito sentia o haver perdido a pratica dos conselhos saudaveis; o penitente chorava a falta desta verdadeira guia de peccadores nos confissionarios para as melhoras do seu espirito, o pretendente achava menos esta valia para o premio do seu merecimento; e mais que todos chorava a pobreza vulgar haver perdido nelle hum verdadeiro Pay da pobreza. Em conclusão o grande, e o pequeno, o Ecclesiastico, e o secular tinhão materia sobrada para o elogio das suas virtudes. Foi notoriamente venerador do Estado

Ecclesiastico, e com muita especialidade o foi dos filhos do Seraphico Patriarcha, do qual foi tambem no modo possivel filho espiritual com licença dos seos Prelados, professando na sua Ordem Terceira de Penitencia, e distinguindo-se com a insignia do seu cordão, que trazia continuamente cingido pela parte interior da roupeta ; imitando tambem nesta parte ao grande Padre S. Frácisco de Borgia ornamento immortal da sagrada Companhia. Os Religiosos de Nossa Senhora do Carmo da Observancia, referirão com notavel edificação sua, e consolação da Companhia, que o Padre Fialho ajoelhava as portas da sua Igreja a fazer oração a Nossa Senhora do Carmo todas as vezes que por ali passava. Publicavão todos suas virtudes ao mesmo tempo, que exprimião com sentidas vozes os affectos da dor na falta deste veneravel Jesuita.

96 (*). O Insigne Padre João Pereyra, nasceo na opulenta, e famosa villa do Reciffe, onde teve por Pays Nicolau Pereyra, e D. Leonor de Abreu, ambos de conhecida nobreza ; foy bautizado na Parochial Igreja do Corpo Santo, e logo no oriente da luz da razão deo mostras da grande claridade de juizo, de que o ceo o dotara, e não menos de hũa singular inclinação ao exercicio das virtudes.

97. Na idade de quatorze annos, se alistou na sagrada companhia, armado com os virtuosos exemplos, que lhe derão seus Pays, e Mestres nas doutrinas do temor de Deos. Recebeo a roupeta no collegio da *Bahia, e a santa criação do noviciado unida a hum genio docil*, e bem morigerado fez os effeitos que todos admirarão neste sugeito illustre; em cujas operaçoens se virão sempre fervores de hum abrazado zelo, flamantes luzes de caridade, authorisada a composição Religiosa, no aspecto, e a perfeição Evangelica nas virtudes. Depois de ter cursado as escolas com maravilhosa comprehenção das sciencias, o occuparão seus Prelados em varias cadeyras com grande aproveitamento dos seos discipulos. Passados alguns annos neste ministerio trocou as cadeiras pelo pulpito, no qual brilhou com tantos creditos da sua erudição, como frutos que fazia nas almas o sublime da sua doutrina, alentada com os vigores da graça do ceo.

98. A Religião que o trazia muito na frente da sua acceitação e agrado, começou a occupallo no governo de varios collegios portando-se nelle com hũa vigilancia admiravel, e com sua custumada prudencia. As suas acçoens, e custumes veneraveis, tambem acceytos de todos erão notorios aos Prelados Geraes por andarem assistidos sempre da claridade famosa da sua prudente conducta, e solida piedade. Como Deos lhe havia concedido a graça de ser agradavel a todos, não havia algum,

(*) *Numero repetido.*

que não o dezejasse collocado no melhor lugar; por esse respeito no anno de 1736 lhe mandou o Rm.º Geral (inspirado sem duvida pelo ceo, para lhe fazer numerosos serviços) patente de Provincial desta Provincia do Brazil, porque ja era tempo de se dilatar, e estender a sua presença pelos mesmos passos da sua fama, dando por toda esfera destas vastissimas regioens a conhecer por esperiencia o que jà era vulgar por noticia. Em todo Brazil era conhecido por doutissimo, e santo, e agora confirmou no posto a fama, ajuntando-lhe com o seu governo preclaros creditos.

99. Crescião os brados da fama, e lhe concorrião porfiadamente os cargos, estimaçoens e honras; depois de ser Provincial, foi Reytor do collegio da Cidade da Bahia, e nesta occupação se achou privado da vista, pela doença dos olhos, a que os Doutores chamão Amaurosis, palavra Grega, que val o mesmo que hebetação, ou escuridão, e o que vulgarmente chamamos Gota serena; e suposto que com tal privação da vista, sem sinal exterior, nem lezão sensivel nos olhos, conservando esses toda a sua serenidade apparente. Nesta felice incapacidade de ver objectos feyos a vista, e execrandas injustiças, e outras mil escandalosas indignidades, que não são para ver; viveo coatorze annos com muita consolação, e alegria de ter fechadas as portas pelas quaes por tantos modos entra o peccado, e com o peccado a morte. Apagada a luz do corpo, e accesa a luz da alma vagava a sua intellectual vista perennemente pelas estancias da gloria, onde seu espirito achava doce repouso. Os seos affectos se encaminhavão a Maria Santissima, cuja devoção era amorosa fragoa, em que se abrasavão suas amorosas ancias. Todos os dias resava o officio Divino valendo-se do que conservava na memoria, e de outro Religioso, que o ajudava a recitar todas as horas canonicas; gastava o tempo, que lhe restava na presença do Santissimo Sacramento, contemplando na grandeza deste innefavel mysterio. Caregado de annos, e merecimentos chegou ao fim de seus dias, os quaes concluio com hũa ditosa morte em 2 de Janeiro de 1755, na idade de setenta, e sinco annos incompletos, deixando em todo Brazil muito acreditado o seu nome, e a Companhia enriquecida com a preciosa Joya da sua santa opinião.

100. O insigne Padre Paulo Teixeira, nasceo na caza do Engenho Novo de Igarassú em 16 de Mayo de 1697, e foy baptizado em 26 do dito mez na Parochial Igreja de Santos Cosme, e Damião, pelo seu Reverendo Vigairo Gonçallo Pereira, sendo seus Padrinhos o Padre Manoel de Azevedo, e Isabel Caldeira seos parentes. Teve por illustres progenitores Carlos Teixeira de Azevedo, Fidalgo da Caza Real filho de Paulo Teixeira de Azevedo, e este filho de Ascanio Teixeira de Azevedo, e Neto de João Teixeira de Azevedo, Senhor de Teixeira, por

antonomasia o grande, e todos com o foro de Fidalgos da Caza de Sua Magestade; e de sua mulher D. Vicencia de Sepulveda filha do Capitão da Fortaleza de Tamaraca, Miguel Rodrigues Sepulveda, cavalleiro da Ordem de Christo, e de sua mulher D. Jeronima de Souza, Irmãa de Carlos de Sepulveda, natural de Olinda, Capitão que foi da Fortaleza do Morro da Bahia, e neta de Gonçallo Rodrigues da Sylva de nobre prosapia. O raro engenho, e a prespicaz penetração de que profusamente o dotou a natureza se admirarão na velocidade, com que comprehendeo no collegio de Olinda dos Padres Jesuitas as sciencias Ecclesiasticas, podendo ensinallas, quando as aprendia. A innocencia da vida, e a madureza dos custumes servia ao mesmo tempo de exemplo, e estimulo a seus condiscipulos. Ordenado de Presbitero mereceo distintas extimaçoens do *Illustrissimo Bispo D. Frey Jose Fialho*, que sendo devidas a nobreza do seu nascimento, se fazia d'ellas maior acredor pela sublimidade do talento. Não contava muitos mezes de assistencia neste Bispado, quando saindo a visitallo o elegeo seu Secretario, e Escrivão da primeira visita que fez; e logo depois foi provido no coadjutoria do Reciffe, beneficio, que conseguio por opposição para vigario collado da sua Patria, húa das mais opulentas Igrejas deste Bispado. Conhecendo o Prelado cada vez mais a profundidade do seu talento, e extremada prudencia do seu juizo, o nomiou vizitador Geral. Em todas estas occupaçoens se mostrou vigilante em a reforma dos custumes, extirpação dos vicios, e augmento das virtudes, não so com o exemplo, mas com as palavras proferidas nas repetidas praticas, e exortaçoens, que fazia do pulpito: principal obrigação do officio Pastoral.

101. Foi maravilhosa a fecundidade do seu magisterio, por que por muito cuidado em cultivar a vinha do Senhor semeava vīrtudes em obras, e palavras. Com as palavras se entrava no coração pelos ouvidos; com as obras se metia nos olhos com o exemplo, e sendo estes dous sentidos os que logrão mayor efficacia para mover o animo, conformando se ambos em tocar unidas para a virtude obras, e palavras, tinhão força muito poderosa para render as vontades a sua imitação e exercicio. Esta maravilhosa efficacia para mover aos coraçoens ao seguimento das vīrtudes, lhe comunicou a graça Divina logo na idade juvenil. Falecera seu Pay Carlos Teixeira, e sendo elle de seis Irmãos, que ficarão orphãos o mais velho, e de tenros annos, o seu exemplo era o espelho, em que todos compunhão as suas acçoens; sahindo todos com o seu familiar trato tão bem instruidos, que os Irmãos nos edificão com as suas vīrtudes; e as Irmaãs casando húa com o capitão João Baptista de Vasconcellos, seu parente, filho do capitão mor do Ceará grande Francisco Duarte de Vasconcellos, cavalleiro da ordem de Santiago, e neto do Mestre de Campo, Governador

que foi de Angola Andre Duarte de Vasconcellos; e outra com Sebastião Teixeira de Azevedo, Irmão do dito João Baptista, mostrarão no estado do Matrimonio, que nas suas mãos pusera Deos o fio de ouro de seu santo temor, e amor, para que vencidos os embaracos, e labyrintos deste estado sahissem coroadas de triunfos.

102. Sendo o servo do Senhor tão dedicado ao emprego das virtudes, e aos cuidados de Paracho era a sua humildade tão profunda, e o conceito que tinha feito de si tão baixo, que lhe parecia obrar pouco mais de nada, no muito que obrava. Qualquer leve descanço, que dava as suas continuadas fadigas, julgava criminal, e perigoso, e assentava por indubitavel não ter a suficiencia requisita para Paracho. Tanta cobardia em tanto disvelo, tanto temor em tanta deligencia, he outra tanta acusação daquelles espiritos, que com pouco cabedal de virtudes entrão intrepidos no tremendo comercio de governar almas, como se as Dignidades Ecclesiasticas se derão so para ocupar suas cadeiras, descançar a sombra de seus doceis, e engrossar nos cabedaes e extimaçoens. Procurar e asseitar Dignidades, antes de conhecer o talento, que para ellas tem, he presunção temeraria; mas tomar sobre si o peso com forças para o levar, he acerto. Os que anhelão Prelazias sem entender a sua capacidade, estes devem ser culpados, e devem ser aplaudidos os que sabem medir as forças com o peso; e muito mais devemos aplaudir este servo do Senhor, pois sendo de tão superior talento, e insigne capacidade para os maiores empregos, era tão extremada a sua humildade, que nem ainda com os felices effeitos, que tocava em seu officio, não podia dar a seu coração descanso, nem a seus escrupulos alivio.

103. Algum tempo viveo preplexo no expediente, que tomaria para viver com quietação de animo, escutando atento as delicadas vozes da inspiração Divina. Chamava o esta ao desprezo dos bens temporaes, e a gozar a liberdade verdadeira do coração, rotos todos os laços da carne e sangue, e politicas dependencias, que são muy fortes e quase inexcusaveis aos que occupão lugares no seculo. Batalhando com temores, e desenganos, pedia a Deos com ferverosas instancias lhe desse luz para o acerto daquelle estado, que fosse de seu maior serviço, e seguridade de sua conciencia. Ouvio o Senhor suas justas petiçoens, e fallando-lhe ao coração lhe declarou seu beneplacito tão vivamente, que entendeo que so na Religião da Companhia de Jesus acharia tranquillo porto a seu espirito. Pedio a roupeta, e foy admetido com aprovação geral desta gravissima Provincia em o anno de 1733, como vaticinando a gloriosa fama, que havia resultar a sua Religião, com este insigne alumno. Nos dous annos de Noviciado, que teve no collegio da Bahia deo com seus Religiosos procedimentos toda satisfação as boas esperanças

que se havião concebido da sua boa vocação. A seu tempo se lhe deo a profição com igual gosto, que se lhe havia dado a roupeta.

104. Tendo gastado no seculo as incomparaveis doçuras do amor santo com incansaveis esforços se fatigava na Religião por assegurar se na posse deste superior bem, fazendo preço de trabalhos, mortificaçoens, penitencias, e disvellos, para fazer mais sua, joya tão preciosa; levantando os voos do espirito a mais alta esfera, consagrou a Deos com inteiro sacrificio sua vontade amante, tão rendido, e tão sugeito, que nada obrava sem obediencia. Tinha muitas horas de oração, e do concerto e harmonia interior, que na sua devota alma causava a continua presença do Senhor lhe nascia a maravilhosa composição, e ordem tão apontada em suas palavras, que nunca nelle se achou tratar de materias impertinentes, pezando sempre as suas palavras na balança da consideração. Era de hum genio tão docil, de hum coração tão humilde, e brando; de hum natural tão piedoso, e caritativo, que a todos tratava com lanheza, afabilidade, agrado, e caridade; e nunca ouve quem o visse fallar agastado, por mais que fosse provocado. Desejava tanto o proprio abatimento, que procurava com quantos meyos erão imaginaveis, occultar o que em os olhos das creaturas podia negociar-lhe extimação.

Trazia o rosto tão alegre ainda nas maiores advirsidades, que não parecia sugeito a paixoens naturaes. Enamorado da cruz, chave mestra, que franquea as portas do ceo, com vivas ancias desejava padecer por Christo, sabendo que em tanto seria certo o seu amor, emquanto pela imitação de suas penas copiasse em seu coração a imagem do seu amado. Nas Quaresmas tempo que consagrou a Igreja a proveitosa consideração, e reverente culto da Vida, Morte, e Paixão de Christo Senhor nosso, fazia alguns penaes exercicios, mais que os comuns, em rigorosos jejuns, asperos cilicios, e cruentas disciplinas: o que tambem executava em todas as sextas feiras do anno. Na devoção de Maria Santissima era extremadissimamente effectivo, e em tudo, e por tudo era *hum singularissimo exemplar de perfeiçoens Religiosas.*

105. Impelido do seu Apostolico espirito se entregou ao exercicio de Missionario; a pé e descalço andou muitas vezes em continuo gyro os asperos desertos da Região de S. Paulo, Coratuba, e Prayas de Parnagua; sendo inexplicaveis os trabalhos que padeceo, e immensos os suores, que derramou nesta dilatada, e agreste vinha, para agregar ao rebanho de Christo copiosas almas. Com a noticia das conquistas de Alexandre se animou Cezar para as suas militares emprezas, e com a noticia das acçoens heroicas do servo de Deos, se animou o Padre Miguel Teixeira, Presbitero do habito de S. Pedro, e seu Irmão, para o imitar no zelo da salvação das almas; para cujo effeito fez de huãs nobres cazas, em que morava na villa de Igarassu, Recolhimento para

mulheres convertidas, e depois de consumir todas as riquezas, que possuhia na sua sustentação; se sacrificou a pedir esmolas para conservação daquella casa, devendo-se a sua ardente caridade, a sua conservação, e augmento, e tem com grande jubilo da sua alma edificação, e utilidade da patria conseguido seja convento professo.

106. Pelas suas heroicas virtudes mereceo o veneravel Padre Paulo Teixeira o declarado affecto dos Illustrissimos Bispos do Rio de Janeiro, Minas, e S. Paulo; e ganhou com os povos tanta opinião, que todos o veneravão como varão santo, e o apelidavão S. Paulo das Provincias do Sul. Sahirão a recebello, e despedillo com excessivas demonstraçoens de veneração e honra, fazendo-se todos pregoeyros das suas virtudes, com expressoens tão encarecidas, que ouvera perigado sua humildade, se assestido das luzes do desengano, não se ouvera fortalecido tanto com as armas do proprio despreso. O cumulo de tantas virtudes foy motivo de ser nomiado primeiro Mestre de Noviços do collº do Rio de Janeiro, por entenderem os superiores, que com o rego de seus saudaveis exẽplos frutificarião de tal sorte as plantas novas, que dessem á religião copiosos frutos. Via-se prostrado ao golpe de continuas dores, debilitado ao rigor de continuas penitencias, porem em todos estes impedimentos corporaes dispensava seu vigoroso espirito, com os invenciveis esforços, que lhe dava sua ardente caridade, para não faltar em hum apice ás obrigaçoens de Mestre. Acomettido de hũa infermidade maligna, causada de hũa chaga gangrenosa nas veas hemorroidas, e supressão das fezes, tomou maiores forças com o dissimulo do servo de Deos, que callava seu mal, por não suspender seus exercicios. Não pode porem a fraqueza da carne supportar os galhardos esforços do seu espirito, e se rendeo aos golpes de agudas dores, e ardores da maligna febre. O sinal primeiro que deo da sua infirmidade foi faltar a assistencia de seos discipulos; e os que tinhão bem conhecido seu zelo ardente, entenderão logo que novidade tal, arguia na infermidade grande perigo. Vendo que as dores, que padecia no corpo erão correyos que lhe trazião a alegrissima nova, de que se avisinhava o seu transito, chamou um Novico, e mandou que lhe lesse o Evangelho do Mandato, em que tudo são lembranças das finezas, com que Deos amou aos homens, para que com a recordação das Divinas finezas no seu coração se unissem todos os ardores dos serafins, e que na sua alma ardessem todas as labaredas, com que todos os Anjos se abrazão na fragoa do Amor. Bem quizera o servo de Deos, que se não cuidasse de remedios humanos porque sabia (como se presume) que todos havião de ser sem effeito, mas como ainda nos ultimos alentos apetecia a sua obediencia exercicio, consentio nos remedios applicados pelos professores de Medicina, e solicitados pelos seus

domesticos, que com o sentimento de haverem de perder aquelle exemplar de todas as virtudes, os fazia conceber com a esperança da vida, hum alento mais firme nas muitas deligencias, que punhão para lha conservar; a que com sinaes de gratidão respondia: Para que? se pouco resta: mas obedeçamos. Desenganados porem de que era irremediavel a perda accodirão com os remedios da Igreja administrando-lhe os sacramentos e com elles os ultimos officios de seu fraternal amor. Recebidos do servo do Senhor com devota ternura; pedio lhe dessem a Protestação da Fe, em cujo obsequio se achava seu entendimento tão obsequiosamente rendido as verdades catholicas, que a tentação, que neste estado da vida custuma ser muy molesta, e muy frequente, nem com hũa leve sombra pode atrever-se a valentia das suas luzes. Mea hora antes de morrer pedio-lhe lesse o Evangelho da Paixão, que ouvio sem abrir os olhos, sem fallar, sem fazer movimento algum, com grande quietação, e singularissima modestia, e compostura, para assim lograr melhor em este misterio seus affectos amorosos. Decahidas finalmente de todo as forças naturaes, esperou a morte com taes actos, que internecidos os assistentes publicavão com vozes, e lagrimas, que Deos lhes tirava da vista a hum homem verdadeiramente santo. Com a falta dos pulsos, crescerão os jubilos do espirito, e tendo com Christo crucificado amorosos colloquios lhe offereceo e entregou seu feliz espirito em 27 de Agosto do presente anno de 1756, as onze horas da noite, em *idade cincoenta e nove annos, trez mezes, e dezasete dias.*

107. Assim morreo este illustre Jesuita, que para acertar a morrer, viveo como se vivo não fora. No discurço da infirmidade em que erão intensissimas as dores, nunca se lhe ouvio hum so ay, nem voz de queixa, com que explicasse o que sentia conservando-se no meyo de tantas angustias com hũa inalteravel inteireza. Fallava a todos com hũa alegria moderada, e sem aquellas melancolicas transformaçoẽns de rosto, com que muitos enfermos explicão seus sentimentos. Era tanto o cuidado q̃ tinha em trazer rendido, e prostrado o corpo ás leys do espirito, que nem nos ultimos instantes da vida quiz fazer tregoas com este inimigo, temendo-se sempre dos seus insultos. Por esta cauza, nem quando a necessidade era tão certa quiz admetir outra cama, que hũa esteira sobre hum duro leito. Finalmente ate a hora da morte seguio a Maxima mystica e certa que para subir a alma as eminencias da perfeição, he meyo eficaz, e escada segura atropellar a natureza pizando seus apetites, e paixoens, por que na carne rendida levava seguros os trofeos seu espirito victorioso.

108. Exposto o veneravel cadaver na capella do Noviciado do collegio da cidade de São Sebastião capital da Provincia do Rio de Janeiro para conservar a sua memoria, o mandarão os superiores

retratar, cuja honorifica demonstração se não vio nunca practicada entre os Padres Jesuitas, senão com os sugeitos mais eminentes, e illustres em virtude, e doutrina na sua Religião. Logo que se divulgou na cidade a sua morte, accudio em tropel confuso gente numerosa dando-lhe acclamaçoens de santo, e chorando sua perda, como de prenda digna do amor e extimação de todos. As suas exequias concorrerão as Religioens, clero, nobreza e povo em numeroso concurso, e forão os officios beneficiados pelo vigairo da Candelaria, que com todo clero se offerecerão para este acto, fazendo mais solemne a sua magestosa pompa, a confusão, e ruido dos que chegavão a tocar no veneravel corpo, contas, veronicas, resistos, e outras mais prendas. Não satisfeita a devota ambição do povo (com thesouras que trazião prevenidas) valendo-se de hum leve descuido dos que guardavão o feretro lhe cortarão dos cabellos, e roupas. e se não acodem com pressa os guardas, serião maiores os excessos do seu ferveroso desatino. Quatro barretes lhe puzerão, e outros tantos pares de sapatos lhe calçarão, por que outros tantos lhe tirarão. Emquanto durarão os funeraes se occuparão insignes Pintores em retratallo, por mandado de pessoas principaes, cujas copias se multiplicão para satisfação de innumeraveis pessoas, que desejão em retrato conservar sua santa memoria, que os incita a maior devoção por verem nas copias a fermosura, e compostura daquelle rosto, em que estavão desapparecidos os horrores, e palidezes da morte, e em que só se vião sinaes de quem descançava em aprazivel, e suave sonno. Vendo os Religiosos ser cada hora maiores os concursos, receando os inconvenientes que na dilação do enterro poderião succeder, muito a pezar do povo daquella grande cidade, que desejava estivesse exposto muitos dias lhe derão sepultura.

109. Tem o Senhor obrado em credito das virtudes heroicas deste seu fiel servo. muitos milagres; os de que ate o presente temos noticia, são participados pelas relaçoens dos Padres Jesuitas do collegio do Rio de Janeiro, aos Padres assistentes no collegio deste Reciffe, mas sem as declaraçoens necessarias para os escrevermos aqui com mais distinta clareza, e são como se segue. Certa senhora das principaes desta cidade, havia muito tempo, que perdera uma Joya de diamantes de grande valor, e extimação, pedio ao servo de Deos com ferverosas instancias lhe descobrisse dita Joya, e lhe fez certa promessa. Logrou o fervor da sua fé, o feliz effeito de que em menos de huma hora apareceo a Joya perdida, com circunstancias taes, que fizerão indubitavel ser milagroso o achado. Duas mulheres que padecião fluxo de sangue, tocando-se com as reliquias do servo de Deos ficarão inteiramente saãs do seu penoso achaque. Muitas pessoas, que padecião chagas putridas, fistulosas, corrosivas, e grangrenosas applicadas as reliquias sararão de

repente. Outros que padecião vehementes dores de cabeça, e outras rebeldes e inveteradas infirmidades, sem que para seu alivio bastassem humanos remedios pela intercessão do servo de Deos, e contacto das suas reliquias conseguirão ver se livres de seus achaques. Tem corrido a voz destas maravilhas por todas as partes, e são de cada dia maiores os concursos dos que pedem reliquias das cousas de seu uzo publicando repetidos prodigios. Deos Senhor Nosso seja servido de manifestar tudo para honra, e gloria sua, bem e edificação dos fieis.

## CAPITULO 14

### NATURAES DE PERNAMBUCO QUE NA RELIGIÃO BENEDICTINA FLORECERÃO EM VIRTUDE E DOUTRINA

110. São os filhos do Principe dos Patriarchas S. Bento, pinturas celestes, em que se vem todas as virtudes retratadas, e quanto mais se afastão da vista dos homens, mais se acreditão na extimação. Não se logrão os frutos das arvores plantadas ao longo dos caminhos, e frutificão com abundancia as plantas cultivadas na clausura de hum Jardim, ou no descampado de hum monte. No da cidade de Olinda, onde fundarão estes Religiosos o primeiro Mosteiro de Pernambuco, tanto teve de mais apartado, quanto teve de mais frutifero. Nelle lançou grandes raizes no caminho da perfeição o insigne Padre Frey João da Ressurreição, nasceo de Pays nobres na mesma cidade, e vestio a cogula Monachal no Mosteiro da Bahia. Logo no Noviciado deo claros sinaes de ser grande ornato, não somente da sua Patria, mas de toda sagrada Ordem Benedictina. A severa observancia dos Estatutos, que praticava era estimulo para os noviços, e confusão para os provectos. As virtudes, que nelle brilhavão com tanto excesso, e o conhecimento experimental para grandes emprezas, e tolerancia para os maiores trabalhos, que delle tinhão seus Prelados, foy motivo de mandarem viesse a Pernambuco na occasião em que os seus Patricios cõ formidavel guerra disputavão a liberdade da Patria. Assestia o Padre Mestre Frey João da Victoria, Provincial que então era da Provincia do Brazil, no Mosteiro de S. Bento da Cidade da Bahia, quando advertido da sacrilega tirania com que o Olandez embarcara para Indias, a todos os Religiosos das Provincias de Pernambuco, e entre elles aos da sua obediencia, que desterrados do Mosteiro de Olinda, se recolhião em hum Engenho seu, chamado Mosurepe, onde so ficara o Dom Abbade, que então era Frey Anselmo da Trindade, por intercessão da sua muita velhice, e de sua grande virtude, respeitada ainda quando mais

aborrecida. Desejando o Provincial acodir ao desemparo do velho, e da fazenda, deu-lhe o tempo a melhor occasião na volta, que fazião da Bahia dous Embaixadores Olandezes, e para o sobredito fim mandou ao Padre Frey João da Ressurreição, e a outro Religioso chamado Frey Antonio, tambem natural desta Provincia para assistirem ao Dom Abbade, e a cultura da fazenda, confiando na valentia do seu zelo, desempenharia esta comisssão. Desembarcarão no Reciffe, confiados no favor dos Embaixadores. Apresentarão-se aos Presidentes do governo, e os informarão do fim da sua vinda. Veyo o inimigo em ciume, e suspeitou que os dous Religiosos erão espias dissimulados. Detiverão-nos dentro do Reciffe com cautella, ate que ouvesse embarcação, que os levasse para fora da terra. Tardou a execução, e o tempo lhes abrio caminho aos dous Religiosos a comprar licença para sahirem do Reciffe para o seu Mosteiro. Receberão o donativo de quatro caixas de Assucar e quebrou-se o salvo conducto, mandando-lhes que logo se recolhessem ao Reciffe.

III. Não lhe causando terror os graves perigos, que o esperavão, nem as cominaçoens que se acompanhavão de hum Imperio cruel, e violento, ornado de valor intrepido se foy encorporar com o nosso Exercito, onde ate o ultimo periodo da guerra deu claros argumentos da sua animosa caridade. Não descahio de animo, nem padeceo o menor abalo com todas as tempestades, em que vio por muitas vezes naufragar a sua Patria, antes como Palma, que se obstenta mais sublime quanto mais oppugnada de peso contrario, e muito parecido tambem a hũa rocha, que nos combates das ondas recebe mais fortaleza para resistir-lhe, seguio as leys do verdadeiro valor. Confessor e soldado nos conflitos despertava a emulação de todos, e a inveja de muitos. Com persuaçoẽns e exemplos ensinava a despresar os perigos de hũa, e outra vida, com a applicação do sacramento, e com o vigoroso do braço ; e seu animo assi intrepido, que estropeado das ballas inimigas, que muitas vezes o ferirão, não servia de impedimento, que o retirasse do conflito, antes mais irritado o seu valor, e mais ardente a sua caridade nos estorvos bebia novos estimulos. Na interpreza da Ilha de Tamaraca, se adiantou aos soldados no pulso; e aos sacerdotes no zelo. Com as armas cortava sem reparo, e pelas ballas entrava sem medo. A caridade com que acudia a confessar os moribundos, lhe fazia desprezar os perigos, com tanto animo, que o influia nos soldados, com a exortação e o exemplo. Em hum choque dos Afogodos se excedeo a si mesmo sem temor das ballas confessava os cahidos, e fazendo-se temer os buscava entre os contrarios, fazendo-os apartar dos agonisantes, a poder de seus golpes. Em 22 de Janeiro de 1651 sahio o inimigo do Reciffe com hum grosso de Infantaria,

e outro de gastadores com todas as armas, e aprestos necessarios para levantar hum reducto entre as Fortalezas dos Afogados, e das Sinco Pontas. Derão as sentinellas de Henrique Dias rebate do intento do Olandez. Acodirão os seus soldados promptamente a impedir a obra ; deu o Ecco dos tiros rebate no Arrayal, avisando a hum mesmo tempo do lugar e do conflito. Era nestas occasioens certa a presença do Padre Frey João da Ressureição, sendo o primeiro que acodia a confessar como sacerdote, a ferir como soldado, e animar como capitão. Deu de rosto com algũas mangas de pretos, e brancos que se retiravão opprimidos da multidão contraria ; deteve-os com o respeito, e com a exortação dizendo-lhes : Que he isto filhos, deixais os companheiros no perigo, despresais a gloria, e buscais a infamia ? Quereis sepultar com a villeza de hũ dia, as proezas de tantos annos ? Voltay, voltay a buscar, e imitar os companheiros, que vos chamão com o exemplo, e com a necessidade. Vamos todos, que quero mais offerecer a vida em obsequio da vossa fama, que conservalla a vista da quebra da vossa reputação ! Avança, avança, e va tudo em hũa poeyra. Deste ultimo termo, com que animava os soldados nos conflitos mais perigosos, teve origem o appelido de Poeyra, com que entre o vulgo era conhecido. Inflamados todos com o ardor das suas rasoẽns voltarão com novo alento (recebido tambem de nova causa, por que naquelle tempo passou ao Religioso pelas espaduas hum pelouro, de que esteve arriscado a perder a vida) e entrarão na peleja buscando a reputação, a vingança, e a victoria. Conseguida finalmente a restauração da Patria, sahio do Reciffe hũa caravella de aviso para o Reino, e nella este insigne Religioso assistente que havia sido a todo o processo da guerra desde o seu primeiro movimento ate o ultimo passo d'ella, mandado pelo mestre de Campo João Fernandes Vieira, interessado, em que Sua Magestade premiasse seus grandes serviços : e suposto tomasse a barra de Lisboa no mesmo dia de 18 de Março de 1654, em que tambem chegava a nao, em que fora Andre Vidal de Negreiros teve a fortuna de sahir primeiro a terra, e dar a ElRey a nova da Restauração destas Praças, e não sabemos fossem seus heroicos serviços remunerados com algũa mercê.

Em premio porem do zelo, com que attendia pelo explendor da sua Religião, foi eleito Provincial desta Provincia do Brazil, e nelle experimentarão os subditos benevolencia de Pay. Excedia a todos na abstinencia do comer, assistencia do coro, observancia do silencio, e mortificação dos sentidos. Admirada a grandeza do seu espirito em tantas acçoens heroicas, chegou a maior excesso a fortaleza do seu animo, quando se vio tolerar com paciencia heroica a sem Razão com que o Geral da Congregação do Reyno nomiou no mesmo tempo o

Padre Frey Pedro do Espirito Santo da mesma congregação Provincial desta Provincia; e alcançando ordens reaes, sendo ElRey D. Pedro Principe Regente, o mandou ao Brazil com poderes para o depor, e remeter prezo para Portugal, por dizer era intruso, e não eleito com as solemnidades, que prescrevem suas leys. Incluindo na mesma ordem os Padres Frey Leão de S. Bento, e Frey Ignacio da Purificação, e outros benemeritos Religiosos. Este movimento causou grande sentimento nas pessoas de maior graduação deste Estado, e seria causa de grandes perturbaçoens, e escandalos se a sua prudencia, e virtude não cedera da sua authoridade em obsequio da paz, e concordia dos subditos. Cheo de virtudes e merecimentos, com animo constante e juizo claro esperou a morte, como se pode cunjecturar da sua justificada vida, e de quem nunca soube temer os seus horrores. Fortalecido com os sacramentos espirou placidamente. Das virtudes, de que se ornou o seu espirito, he illustre pregoeyro Frey Rafael de Jesus, Castriot. Lusit. Liv. 6. n. 24, e 25, n. 55, e 61, e 124, Liv. 7. n. 12, e 39. Liv. 10. n. 47.

112. O veneravel Frey Ruperto de Jesus, Doutor pela Universidade de Coimbra, nasceo na celebre villa de Igarassu a 9 de Agosto de 1644, seus Pays o educarão tão virtuosamente, que deixado o seculo buscou o claustro da Augusta Religião do Principe dos Patriarchas S. Bento, vestindo a Monastica cogulla em o Mosteiro da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, quãdo contava 17 annos de idade. Foy varão doutissimo, e de virtudes admiraveis. Occupou todo tempo da sua vida em os importantes empregos da Cadeira, e Pulpito. Na Cadeira criou famosos discipulos, e celebres theologos, que adiantarão muito o credito da sua Provincia. Em o Pulpito adquerio a Fama de orador preclaro, e se deverão a efficacia das suas exortaçoẽns, e ao exemplo de suas virtudes admiraveis conversoens de peccadores obstinados. Da cadeira o tirarão os superiores para o governo dos conventos da Bahia, e Pernambuco, e depois para Provincial desta Provincia do Brazil. Em todas estas Prelazias mostrou severa observancia do instituto, e summa afabilidade, com os subditos, os quaes emendava mais com o exemplo, que com a voz. Brilhou neste Prelado a opinião de santidade contra a opposição de sombras, com que a emulação de ambiciosos, e perversidade de emulos quiz empecer o curso de seus resplendores. Era notavelmente humilde, brando de coração, muito modesto, de hua prudencia consumada, e grandemente propenso a concideração dos bens eternos. Nunca na religião admetio izençoens, ou privilegios, sendo o primeiro que aparecia no choro, e em todas as funçoens da communidade. A feliz união de virtudes, e sciencias se seguio ser não so aplaudido por varão santo, mas consultado como oraculo. Mais

carregado de merecimentos, que de annos foi acometido da ultima infirmidade, e resignado catholicamente no beneplacito Divino recebeo o sagrado viatico de joelhos, e a Extrema Unção com tanto acordo, que respondia ao sacerdote, que lha administrava. Ultimamente fazendo a Christo crucificado amorosos colloquios lhe entregou placidamente seu espirito a 4 de Agosto de 1708, quando completava 64 annos de idade. Foy sepultado no convento da Bahia, e as suas exequias forão muito solemnes, com assistencia de todas as pessoas principaes, e immenso Povo. Os seus domesticos para conservarem a sua illustre memoria o mandarão retratar, e conservão no mesmo Mosteiro o seu retrato com grande decencia.

113. O insigne Frey Antonio das Chagas Pernambuco natural do Reciffe, professou o Instituto Benedictino na idade de 19 annos. Applicado ao estudo das sciencias, sahio tão consumado que grande emolumento dos seus domesticos, e credito de seu nome, Filosofia, e Theologia. E nestas faculdades foi eminente não foi menos em o pulpito onde conciliou geral aplauso. Correspondeo a profundidade do seu talento, a valentia do seu espirito, sendo muito observante dos seus institutos. As virtudes Religiosas praticadas por toda a vida lhe adquirirão em idade provecta hũa feliz morte no Mosteiro de Olinda, onde descanção suas cinzas, e permanece a fama do seu nome.

## CAPITULO 15

### NATURAES DE PERNAMBUCO QUE NA RELIGIÃO DE S. BERNARDO, E DE S. DOMINGOS FLORECERÃO EM VIRTUDE, E DOUTRINA

114. O insigne Frey Feliciano de Albuquerque, foi filho de Antonio de Almeida de Albuquerque Coelho, natural de Olinda, Governador, e capitão General do Estado do Maranhão, de quem em outra parte fazemos distinta memoria. Depois de bem instruido nas letras humanas, passou a estudar as severas na universidade de Coimbra, e quando com grande esplendor do seu nome tinha consumado o tempo que as leys Academicas prescrevem para receber o grao de Doutor na faculdade dos sagrados canones, despresando a gloria, e os logares honorificos, que lhe prometião as suas relevantes qualidades, se recolheo na Illustrissima Religião de S. Bernardo, recebendo a cogulla cisterciense no Real convento de Alcobaça, onde unindo ao exercicio das letras o das virtudes sahio consumado em huãs, e outras. Era pio, devoto, urbano, affavel, e summamente observante dos seus institutos. Aborrecia muito a detracção, e dissimulava com fraternal affecto os

deffeitos alheos, sendo rigido censor dos proprios. Conciderando os superiores quanto seria conveniente a Religião occupar o seu grande talento no governo dos seus conventos, o nomiarão Abbade do do Desterro de Lisboa, que governou com igual rectidão, que suavidade, promovendo com seus exemplos a observancia da disciplina regular. Amado dos domesticos, estimado dos extranhos, e aplaudido de todos, acabou a carreira da vida, com hũa feliz morte.

115. Frey Manoel de Macedo, brilhante Astro do ceo Dominicano, de cuja primeira luz foy feliz oriente a bellissima cidade de Olinda, nasceo em 5 de Março de 1599, e teve por illustres proginetorès o Doutor Cosme Rangel de Macedo, que foi Desembargador da Relação do Porto, e D. Joanna Cavalcante, filha de Felippe Cavalcante. A competencia dos dotes, com que o formou a natureza, o ornou a graça de juizo penetrante, genio docil, memoria feliz, e talento maduro, de cujas sublimes prendas teve por primeiro theatro a Patria, onde cultivou as sciencias amenas, e depois a Athenas Conïmbricense, onde estudou as severas. Ao tempo que em tão famosa Universidade lograva as acclamaçoens merecidas a sua erudição desenganado da caduca gloria do mundo abraçou o sagrado instituto da preclarissima Ordem dos Pregadores, onde com observancia Religiosa augmentou a clara origem do seu nascimento. Entre os mais famosos oradores Evangelicos de seu tempo se destinguio com manifesto excesso atrahindo a attenção de numerosos auditorios com o semblante agradavel, gentil presença, voz sonora, e representação animada. Mereceo pelo seu grande talento, insigne vïrtude, e excellente literatura ser Pregador da Duqueza de Mantua, D. Margarida de Austria, Governadora do Reyno de Portugal, no tempo da dominação castelhana, e que fiasse da sua profunda capacidade, e heroicos exemplos, negocios da maior importancia. Em Janeiro de 1635 tomou esta Princeza posse do Governo de Portugal assestida do Marquez de la Puebla, que veyo de Madrid sem occupação, so para aconcelhar a Duqueza nas materias difficultosas. Forão-se repetindo as ordens de Castella de lançar tributos, e para este effeito se levantou uma Junta de Ministros, a que derão nome do desempenho, immediata ao Concelho de Madrid. Os da Junta passarão ordens a todos os corregedores das comarcas, as quaes continhão, que os Povos havião de dar todos os annos a ElRey quinhentos mil cruzados, alem das imposiçoens antigas, e que estes se assentassem a satisfação dos povos. Os corregedores executavão com aperto as ordens, e os povos sentião a sem razão, com que dispunhão tyrannisal-los. Por causa deste tributo se sublevou o Povo de Evora, e crescendo as desordens, chegou a Villa Viçosa este movimento, e trocado pelos seus moradores em alvoroço, acclamarão o Duque de Bragança D. João II do nome, e oitavo no titulo, Rey de Portugal.

116. A Duqueza de Mantua, *que havia feito pouco cazo* da alteração de Evora, vendo que os mais lugares da Provincia do Alentejo tomavão a mesma voz, de tal sorte se lhe introduzio o temor, que não perdoou diligencia algúa, que julgasse adequada para se livrar de tão grande cuidado. Fez a Madrid repetidos avisos, animou a Nobreza de Evora a continuar no zelo de aplacar o Povo, e ordenou a Frey Manoel de Macedo, aplaudido pelas suas virtudes, e agradavel pela sua conversação, que fosse a Evora exercitar o seu genio no pulpito, e no trato, confiando da sua actividade a quietação daquelles Povos. Entrou em Evora, e com a efficacia das suas palavras, e prudente Juizo, se de todo não conseguio a conclusão do negocio, a que fora mandado, por achar os animos muito endurecidos contra o governo de Castella, fez com que se suspendessem muitas extorçoens, e se atalhassem muitas ruinas. Nas materias politicas consultavão as pessoas da primeira Jerarchia ao seu Juizo por arbitro, e sem preocupação de lizonja expunha livremente a sua decisão, que era venerada como de oraculo. Procurado da maior parte da fidalguia, aprendião da sua judiciosa conversação eruditas noticias, e de seus bons exemplos, e concelhos virtuosos documentos. De tão singulares honras se não deixava atrahir o seu coração, antes triunfante da vangloria lhe servião de estimulo, para exercitar com maior disvelo as virtudes religiosas. Do bem merecido conceito, que se fazia do seu grande talento, e insigne persuasiva tomarão seus emulos motivo, para o delatarem no Juizo da Inconfidencia de ser Author da precipitada resolução, com que depois da felice Aclamação delRey D. João IV, se auzentarão para Castella D. Duarte de Menezes, Conde de Tarouca, D. João Soares Alarcão, Alcayde mor de Torres-Vedras, D. Pedro Mascarenhas, vedor da Caza Real, e D. Jeronimo Mascarenhas, Deputado da Meza da Conciencia. Foy preso, e nos apertos da prisão esteve sempre com grande quietação de espirito, e mandado para a India sahio a embarcar-se com rosto sereno, sem que o perturbasse a horrorosa imagem da infame culpa de inconfidente, antes dava rendidas graças ao Senhor que lhe participava de algum modo as glorias da sua Paixão, padecendo innocente. Constando a ElRey a sua fidelidade, ordenou que voltasse no anno seguinte para o Reyno merecendo a gloria, de que a emulação fosse apologista da sua innocencia; porem como na viagem arribasse o navio, em que vinha a Angola, tolerada com heroica constancia hũa penosa enfermidade, depois de receber devotamente os sacramentos, *finalisou o curso da sua vida, digna pelos dotes, de que era ornado*, de ser mais feliz, e prolongada. Fazem honorifica memoria do seu talento, D. Luiz de Menezes, Portug. Restaur. Tom. 1. Liv. 2. pag. 65. aplaudido pela discrição de seus sermoens, e agradavel conversação, Frey

Pedro Monteiro, Claustr. Dominicano Tom. 1. pag. 143, Religioso muy conhecido por suas letras, e virtudes, Tom. 3. pag. 281, e Diogo Barboza Machado. Bib. Luzit. Tom, 3. pag. 300.

## CAPITULO 16

### RELIGIOSOS NATURAES DE PERNAMBUCO QUE NA RELIGIÃO SERAFICA FLORECERÃO EM VIRTUDE, E DOUTRINA

117. Horto chamou a Religião Serafica o Summo Pontifice Nicolao III, e com muita propriedade, por que nos Hortos, a diferença dos campos em todas as estaçoens do anno, nascem novas plantas, e se produzem novos frutos ; e a Religião Serafica desde sua fundação em todos os tempos esta dando novas plantas para dilicia da devoção, e exemplo das virtudes.

Esta maravilhosa fecundidade se admirou sempre no celebre convento de Nossa Senhora das Neves da cidade de Olinda, terreno feliz, que ha dado a Religião maravilhosos frutos em Religiosos, que com suas virtudes, edificarão não somente esta cidade, e Provincias de Pernambuco, mas a todas as partes do nosso Brazil. Neste feliz solar de varoens insignes em santidade, sobirão eminentes cedros entre vulgares arvores, e florecerão com copiosos frutos de excellentes virtudes os Padres Frey Manoel da Piedade, e Frey Bernardino de Santa Maria, ambos naturaes da mesma cidade. Foy o Padre Frey Manoel da Piedade, filho do illustre João Tavares, primeiro Governador da Parayba, e de sua mulher Constancia Dias, descendente de nobre prosapia. Educado com virtuosos documentos e bem instruido na lingua latina, e humanidades, profeçou o austero instituto da Serafica e Reformada Provincia de Santo Antonio, no Convento de Olinda aos 13 de Março de 1598 quando contava 17 annos de idade. Nesta sagrada Esfera de brilhantes Astros, descobrindo igual genio para as virtudes, que para as letras, as aprendeo, e ensinou com grande fruto, e admiração dos seus domesticos. Se na cadeira brilhou o seu talento com grande aplauso dictando hum curso de Artes ; no Pulpito encheo as obrigaçoens de Declamador Evangelico, sendo os seus discursos formados mais para a extinção dos peccados, que para a lizonja dos ouvidos, em cujo Apostolico trabalho, colheo copiosos frutos. Inflamado no desejo da salvação das almas pedio a Missão do Maranhão, e alcançada faculdade dos superiores, partio para aquelle vastissimo Estado no anno de 1614 em companhia do veneravel Frey Cosme de S. Damião, que com grande satisfação o tomou por seu

socio. Neste grande theatro de seus Apostolicos trabalhos cultivou com grande fervor todas as virtudes, que lhe canonizarão a memoria na posteridade. Padeceo gravissimas molestias, que fazia suaves sua ardente caridade, e forão tantos os filhos, que gerou para Christo, como immensas as fadigas, que tolerou nesta empreza. Não havia coração tão duro, e barbaro que se não rendesse a vehemente efficacia das suas palavras, porque proferidas com espirito verdadeiramente Apostolico, e ajudadas da elegante energia, com que fallava a lingua Brasilica.

Para se dispor para este divino ministerio, teve maiores occasioẽs para merecer, que os Apostolos, por que nenhum genero de trabalho tiverão de Apostolos em aprender os peregrinos idiomas, com que celebrarão as grandezas de Deos, e promulgarão a sua santa ley. O mesmo foy cair sobre as suas cabeças aquella celeste chuva de linguas ardentes, que soltarem se das suas bocas torrentes de eloquencia em todas as linguas.

Pelo contrario para o servo do Senhor, Frey Manoel da Piedade comprehender tão diversos idiomas, quantos são os que fallão as muitas naçoens, que habitão as terras do Maranhão, foi-lhe preciso aprender muita variedade de linguas a custa das penalidades de continuos estudos, e trabalhosas peregrinaçoens, sugeitando a soberania do seu entendimento aos impertinentes preceitos dos seus Gramaticos, não reparando em se fazer discipulo de muitos Mestres, elle que era Mestre de todos. Sendo innumeraveis os trabalhos, que constantemente padecia, mayores forão as victorias, que conseguio do inferno, não só na redução de infinitos barbaros ao conhecimento da verdadeira Divindade, mas na confutação da protervia de hereges, que das partes septentrionaes tinhão passado aquellas Regioens para semear o pestifero veneno de seus erros, de que era infame cabeça hum Francez de Arrochella, que cegos a luz da verdade, e surdos as vozes do dezengano, despresavão ouvir a palavra Divina. Para convencer a estes filhos das trevas, convenceo primeiro em publica disputa a seu famoso Predicante, obrigando-o a abjurar os hereticos dogmas, que profeçava. Era tão hydropica a sede de ganhar almas para Deos, que ja mais se achou saciada, nem extinguido aquelle zelo, com que procurava a salvação eterna de seus proximos. A esta conta encaminhava todas as suas fadigas. Em muitos casos se evidenciou o grande amor, que este feliz homem teve aos proximos, acudindo lhes, sempre que os via em algũa aflição corporal, ou espiritual, como remedio prompto, e opportuno, segundo o estado, e circunstancias, em que se achavão. Para consolação de seus naturaes, que padecião horrorosas molestias, arrastando cadeas, e gemendo debaixo do pesado, e cruel jugo, que tiranicamente lhes poz, e fez por 24 annos soportar Olanda, se restituio a Patria; e

não podendo o abrazado Etna de seu serafico espirito conter dentro de si as vigorosas actividades de tantes incendios; ornado de valor intrepido na formidavel guerra, em que se disputou a liberdade da Patria, deu claros argumentos da sua animosa caridade.

118. Empenhado Sisgismundo Vanscoph General Olandez na conquista da Provincia da Parayba, para onde se tinhão retirado os moradores das Praças conquistadas, preparou hũa poderosa armada, e sahindo do Reciffe, e arribando a ella, deitou gente, artelharia, e muniçoens em terra, com todas as demonstraçoens de sitiar a Fortaleza do Cabedelo.

Era capitão mor da cidade, e Governador da capitania Antonio de Albuquerque, a quem o primeiro rebate poz na campanha, com todos os moradores, que a brevidade do tempo, e o repente do assalto lhe deixou conduzir. Erão os combates a medida dos dias, e em todos assestia o servo de Deos Frey Manoel da Piedade com desprezo da propria vida metendo se intrepidamente por entre nuvens de ballas, exercitando a obrigação de confessor, e o officio de soldado. Ao tempo que furiosamente em hum destes encontros se combatião os nossos com os Olandezes, com manifesto perigo se meteo pelo meyo dos esquadroẽs para acodir com os remedios da alma aos que mais luctavão com a morte, que com o inimigo, quando querendo a fortuna vender aos Pernambucanos por tão custoso preço a victoria deste dia; ou sendo chegado o tempo de se remunerarem os seos heroicos padecimentos; foy o servo de Deos atravessado pelo peito com hũa balla, que lhe tirou a vida transitoria para começar a eterna. Delle fazem memoria Frey Rafael de Jesus Castr. Lusit. liv. 3. n. 35. pag. 71. Frey Agostinho de Santo Maria, Sant. Marian. Tom. 3. liv. 2. Tit. 47. § 1. pag. 363.

119. O Insigne Padre Frey Bernardino de Santa Maria Irmão do sobredito veneravel Frey Manoel da Piedade, nasceo na cidade de Olinda, e profeçou o instituto serafico no convento Patrio, em 28 de Janeiro de 1588, onde praticou aquellas virtudes, que mais deixou encomendadas a seus filhos o serafico Patriarcha, quaes são humildade, e pobreza. Unindo com admiravel applicação e destreza as duas vidas activa e contemplativa, fez de ambas escada firme para subir de virtude em virtude á eminencia da perfeição. Era incansavel no ministerio apostolico atrahindo com a efficacia das suas vozes innumeraveis Gentios ao Gremio da Igreja Romana. Sendo os Gentios Potiguares os que mais se oppunhão aos Portuguezes na conquista do Riogrande, não podião os nossos estabellecer aquella colonia, emquanto esta nação nos fosse contraria. Procurando o Governador Jeronimo de Albuquerque fazer pazes com estes Indios o conseguio pela intervenção deste insigne

Religioso, muito perito na lingua Brasilica, e dos Potiguares, que o respeitavão, e amavão muito pelas suas grandes virtudes. Por sua direcção deixarão os supersticiosos custumes, que praticavão, e fizerão pazes com os Portuguezes. Cheo de merecimentos passou desta vida a gozar o premio promettido aos servos fieis do Senhor.

120. O Padre Frey Antonio dos Anjos nasceo na Cidade de Olinda de nobre geração, abraçou o Instituto Serafico, quando contava dezaseis annos de idade, e professou no convento Patrio em 13 de Junho de 1599. Consumados com grande credito do seu talento os estudos se occupou por muitos annos no exercicio concionatorio, não perdoando ao menor instante, que não gastasse em beneficio das almas. Conhecida pelas superiores a madureza do seu Juiso o elegerão custodio desta Provincia, quando ainda era sugeita a de Portugal, cujo lugar acceitou com repugnancia, e administrou com humildade, e prudencia. Não deu menores argumentos da sua grande capacidade, quando no anno de 1631 se introduzio o Olandez nesta Provincia. Tendo praticado todas as virtudes dignas de hum verdadeiro filho de S. Francisco, faleceo piamente no convento da Bahia.

121. O veneravel Frey Raphael de S. Boaventura, nasceo na Cidade de Olinda, herdando de seus Pays com a nobreza do sangue os bons exemplos. Na idade de 16 annos profeçou o instituto serafico no Convento da Bahia em 9 de Março de 1602. Depois de consumar a carreira dos estudos, manifestou no Pulpito a excellencia do seu talento, e a actividade do seu zelo. Praticou com exemplar observancia, e creditos de virtuoso os preceitos da Regra de S. Francisco, fazendo viagem do Convento da Capitania do Espirito santo para o da Bahia em companhia de outros Religiosos no anno de 1756 (dous annnos depois da Restauraçao da sua Patria) foy a embarcação prisionada pelos Olandezes, que ainda cursavão os nossos mares. Innumeraveis forão as fomes, sedes, e ludibrios, que padeceo o servo do Senhor todo tempo, que navegarão até a altura da Bahia da Treição, ao norte da Cidade da Parayba, onde lançarão em terra os seus companheiros, e a elle por que lhes mostrava os erros de seus falços dogmas atado de pez, e mãos, e com húa pedra ao pescoço, foy victima da impiedade heretica, que dandolhe a beber no mar a morte, lhe adquirio a laureola de Martyr.

122. O Padre Frey João do Desterro, natural de Ipojuca, filho de Antonio Gonçalves de Miranda, e de sua mulher D. Luzia de S. João e Irmão de Pedro de Miranda, Cavalleiro na Ordem de Christo, e sargento mor do Terço da guarnição do Reciffe; com virtuosa resolução desprezou na idade juvenil as delicias da caza paterna, e abraçou o instituto serafico na Reformada Provincia de Santo Antonio do Brazil, onde se fez exemplar de todas aquellas virtudes, que constituem hum

perfeito Religioso. A madureza do juizo, com a sinceridade do animo se admirarão unidas nas Prelazias que exercitou, sendo muitas vezes Guardião, e ultimamente Provincial. Carregado de annos, e merecimentos passou desta vida mortal para a eterna no Convento de S. Francisco da Bahia.

123. No mesmo Convento he plausivel a memoria do Padre Frey Jeronimo da Ressurreição, natural do Reciffe, filho de Manoel de Estrada, e de sua mulher Margarida Madeira, nobres, e opulentos. Profeçou o instituto serafico no Convento de Ipojuca em 13 de Abril de 1675, e applicado ao estudo das sciencias escholasticas fez nellas taes progressos, que com grande credito do seu nome e esplendor da sua Religião dictou aos seus domesticos nove annos Filosofia, e Theologia. Entre as virtudes, que practicou foy insigne na humildade, e pobreza, e tão amante da castidade, que não sofria palavra, que de algũa sorte pudesse offender esta angelica virtude. A fama da consumada prudencia, e ardente zelo, com que governara alguns conventos, moverão aos Irmãos da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia da Bahia para o pedirem por seu Commissario Vizitador, occupação que exercitou por muitos annos com igual actividade, que zelo em promover os seus augmentos. Acomettido da ultima enfermidade esperou a morte fortalecido com os sacramentos, e entre amorosos coloquios com Christo Crucificado lhe entregou placidamente seu espirito em 11 de Abril de 1723. As suas exequias forão solemnissimas com numeroso concurso, e liberal dispendio dos Irmãos Terceiros.

124. No Convento de Igarassu descanção as cinzas do Padre Frey Lourenço de Santa Maria, nasceo em Serinhem de Pays nobres, e ricos. Com a sua boa indole, e inclinação a virtude, tomou por primeira lição o temor de Deos, e devoção de sua santissima May. Acesa no seu inocente coração a chama do amor divino, solicitou com ancia subir a avezinhar-se a seu celestial centro, e entendendo que apartando-se do seculo, se a avezinhava ao ceo, pedio o habito serafico, que profeçou no Convento de Olinda. O emprego unico de suas racionaes potencias era a imitação da vida de seu serafico Pay, e Patriarcha S. Francisco, em cujo exemplo estudava, copiando suas virtudes, que fundava em profunda humildade. Fazia de si tão baixo conceito, que estranhava não o tratarem cõ summo desprezo, e lhe faltava alento para tratar com os homens. Com discreta singeleza compunha varias coplas, que recolhido na sua cella cantava ao menino Deos, em cujos amorosos canticos sentia a sua alma admiraveis effeitos do amor divino. Todos os dias dizia missa com grande ternura, e reverencia, e nunca se valeo da dispença dos annos para faltar aos actos da communidade, sendo o primeiro, que aparecia no choro, e o ultimo que delle sahia. Com o

presidio de hũa vida inocente, e mortificada chegou em idade muy provecta ao termo da vida, que acabou com huma morte santa.

125. As virtuosas acçoens do Insigne Padre Frey Paulo de Santa Catherina podião offerecer copioso assumpto para muitas folhas, se a culpavel omissão de quem as devia notar nos não precisasse a reduzillas a hũa breve, e succinta narração. Nasceo este illustrissimo varão na celebre cidade de Olinda, onde teve por preclaros progenitores D. Felippe de Moura, filho de D. Manoel de Moura, e de sua mulher D. Izabel de Albuquerque, e D. Genebra Cavalcante de Albuquerque, filha de Felippe Cavalcante, fidalgo florentino, e de sua mulher D. Catharina de Albuquerque, filha de Jeronimo de Albuquerque, e de D. Maria do Espirito Santo. Instruido com aquellas artes e sciencias dignas do seu illustre nascimento se fez querido, e extimado de seus naturaes. Quando chegou a idade competente para tomar estado, arrebatado da rara fermosura, grande calidade, e excellentes prendas de sua prima com irmãa D. Brites de Mello, filha de João Gomes de Mello, e de sua mulher D, Margarida de Mello, se desposou com ella. Pouco tempo viverão contentes na união das vontades, porque a Divina providencia com a intempestiva morte da esposa rompeo o apertado vinculo do seu amor.

126. Tão altamente penetrou o coração de D. Paulo de Moura esta fatal calamidade, que para não ter prezentes os estimulos de hũa pena, que julgava ser inconsolavel, determinou auzentar-se para sempre da sua caza, e companhia de seus pais e parentes. Conhecendo a caduca duração das dilicias mundanas, buscou resolutamente as eternas na austera reforma da custodia de Santo Antonio do Brazil (não lograva nesse tempo as preheminencias de Provincia) cujo instituto professou no convento da sua patria em 29 de setembro de 1596, quando contava 21 annos de idade. Em hũa grande desgraça do mundo achou este varão illustre a porta aberta para o ceo, e ficando superior aos contrastes da carne e sangue fez gloriosissima sua victoria, trunfando de si mesmo. Quantas vezes se ha visto ser hũa desgraça antesalla de hũa grande fortuna, como ao contrario ser hũa grande fortuna precipicio fatal para hũa grande desgraça. Esta ingeniosa quimica, praticou com grande primor D. Paulo, attento as vozes do Apostolo, que diz, que aos que Deos tem destinado para santos, todas as couzas succedem, e cooperão a seus bens. Consultou com o seu entendimento esta verdade, e compondo-se com seus dezejos, lhe ficarão livres os olhos da razão para ver as luzes do desengano. Não satisfeito so com deixar as dilicias da sua caza, e agradavel companhia de seus parentes, se resolveo a deixar tambem a patria. Embarcou-se para o reyno, e advertindo judiciosamente que fora chamado, depois de gozar mundanos divertimẽtos, pelo celeste

agricultor para cultivar a vinha da religião, se empenhou a competir, e exceder aquelles, que com inocente idade a cultivarão. Amou com excesso a pobreza evangelica; cegamente sogeitou a vontade propria as ordens dos superiores; e para ter sugeita a rebeldia da carne as leys do espirito a castigava com asperas penitencias. Na caridade para com os enfermos foy insigne, aos quaes assistia compassivo, e ministrava prompto. Com religioso culto, e cordeal affecto venerava a Maria Santissima obsequiando-a quotidianamente com o seu rosario, que devotamente prostrado recitava. O interno ardor, com que adorava a Christo sacramentado, se fazia patente em ternuras, quando celebrava o incruento sacrificio do altar.

127. Estudou as sciencias escholasticas no Convento de Santo Antonio de Lisboa, e nellas fez grandes progressos. Foy ornado de grande talento para o pulpito, e na corte de Lisboa, fecundo theatro de famosos oradores conciliou a extimação, e aplauso de insigne pregador. Depois de ser guardião em dous conventos daquella provincia, foy eleito custodio para a de Santo Antonio do Brazil, para onde veyo no anno de 1617, e voltando para o reyno no de 1620, foi nomiado guardião do Convento de Santo Antonio da Castanheira, em cujos governos mostrou a sua prudente capacidade. Attenuado com a applicação do estudo, cuidado das prelasias, e juntamente com o excesso das penitencias, cahio enfermo, e como se tinha preparado com muitos actos virtuosos para a ultima hora, a esperou com sereno aspecto. Recebidos os sacramentos, com fervorosas ternuras entregou placidamẽte seu espirito ao Creador no dito Convento de Santo Antonio da Castanheira.

128. Foy herdeira dos bens, que deixou no seculo, sua filha D. Maria de Mello, e Moura, que casou com Francisco de Mendonça Furtado, alcayde mor de Mourão, commendador de Villa Franca de Xira, governador de Masagão, de quem nasceo D. Maria Luiza de Mendonça, q. casou com João de Almada de Mello, commissario geral da cavallaria da Beira, alcayde mor de Palmela, senhor do Morgado dos Olivaes, e do Soutto del Rey, de quem nasceo D. Thereza Luiza de Mendonça, que casou com Manoel de Carvalho e Atayde, commendador da ordem de Christo, capitão de cavallos na corte, senhor da quinta da Granja, filho de Sebastião de Carvalho e Mello, capitão de cavallos dos familiares de Lisboa, terceiro senhor do Morgado de Sernãcel, e da quinta de Granja, e padroeiro de Nossa Senhora das Merces; e de sua mulher D. Leonor Maria de Atayde, filha de Gonçalo da Costa Coutinho, commendador da ordem de Christo, governador de Aveiro, Buarcos, e Figueira; e deste matrimonio nasceo o excellentissimo Sebastião Jozé de Carvalho e Mello, do concelho de Sua Magestade, e seu secretario de estado da repartição dos negocios do reyno e merces.

129. Professou o mesmo instituto no Convento da Cidade de Olinda em o primeiro de Fevereiro de 1597, D. Manoel de Moura, natural da mesma cidade, que atrahido do exemplo de seu irmão D. Paulo de Moura, de quem asima fizemos merecida memoria, se resolveo abraçar este sagrado instituto. Fugitivo da caza paterna para os claustros franciscanos augmentou com virtudes religiosas os herdados esplendores da sua coroada ascendencia. Chamou-se na religião Fr. Manoel da Conceição, pela cordialissima devoção, e singular obsequio, com que venerava este mysterio. Ouvio com applicação pelo espaço de seis annos as sciencias severas, que lhe servirão para bem exercitar os ministerios do pulpito, e confessionario. Ornado de natural urbanidade, animo sincero, e exacta observancia exercitou os lugares mais honorificos da sua provincia; e na de S. Antº. de Lisboa, adquerio singulares extimaçoens. Provada a sua tolerancia com hũa importuna infermidade depois de se fortalecer com as armas dos sacramentos para o ultimo conflicto, faleceo placidamente no Convº. de Via Longa, com geral sentimento dos domesticos, e estranhos.

130. Os frutos de santidade, letras, e armas, com que a illustre descendencia de Jeronimo de Albuquerque tem enriquecido os claustros, tribunaes, e campanhas são tão notorios, como admiraveis. Entre elles goza hum dos primeiros lugares nos monumentos da provincia de Santo Antonio de Lisboa, e nos annaes da fama, o insigne Padre Frey Paulo de Santa Catharina, segundo no nome, e digno primo do primeiro de quem asima tratamos. Nasceo na cidade de Olinda, onde forão seus illustres progenitores Antonio Cavalcante de Albuquerque, filho de Felippe Cavalcante, fidalgo florentino, e de sua mulher D. Catharina de Albuquerque, filha de Jeronimo de Albuquerque; e D. Izabel de Goes, filha de Arnao de Olanda, sobrinho do Papa Adriano VI, e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcellos. Acompanhou a seu irmão Lourenço Cavalcante de Albuquerque na restauração da Bahia, indo em hua fragata armada a custa da fazenda de seu pay a esta gloriosa empreza. Mas como resolvesse seguir as letras se embarcou para o reyno, e na universidade de Coimbra se applicou ao estudo do direito Cesareo. No tempo que fazia grandes progressos nesta faculdade, deixou as aulas e com heroica resolução buscou os claustros. Entre todos elegeo como palestra de sabios, e seminario de santos a serafica Ordem de S. Francisco, professando solemnemente o seu instituto no Convento de Santo Antonio de Lisboa a 19 de Fevereiro de 1632. Applicado ao exercicio das virtudes, e ao estudo da theologia escholastica chegou a brilhar com toda a intenção entre os mais observantes, e entre os mais doutos. Foy universalmente estimado por insigne filosofo, excelente theologo, e eloquente pregador. Pela exacta observãcia

da sua regra, com que servia de exemplar aos seus domesticos, foy eleito guardião no Convento da Pedreira, Provincial da sua provincia, por eleição de seis de mayo de 1662, e visitador geral da provincia da Piedade.

Livre dos cargos passou alguns annos, no estado de subdito, esperando a morte com excessiva preparação de virtudes. Assim o achou o termo da vida no Convento de Lisbôa a 3 de fevereiro de 1693, com fama de religioso perfeito que ainda hoje acompanha a sua memoria agradavel, e plausivel na sua provincia. D'elle faz honorifica menção o abbade Diogo Barboza Machado. Bibl. luzit. Tom. 3. lit. P. pag. 519.

131. Com igual resolução tinha abraçado o instituto serafico seu irmão mais velho Manoel Cavalcante de Albuquerque, professando solemnemente no Convento de Olinda sua patria em 9 de Novembro de 1618, com o nome de Frey Manoel de Santa Catharina. Nesta virtuosa palestra fez tantos progressos nas virtudes, como nas letras. Foy ornado de genio affavel, e modestia religiosa, com que atrahia a todos, que o vião, e tratavão, Com dependencias desta provincia passou ao reyno, onde logrou extimações de virtuoso, e douto.

Não temos certeza onde faleceo, e só achamos nas memorias, que escreveo Antonio de Sa de Albuquerque (sendo elle vivo) que estava eleito bispo sem dizer de que bispado.

132. O Padre Fr. Andre da Conceição, natural do Reciffe, foi filho de Mathias Gomes Pereira, e de Luzia Pereira descendentes de familias nobres. Instruido nas letras amenas, recebeo o habito serafico, e professou solemnemente no Convento de Olinda em 16 de Abril de 1675, quando contava 21 annos de idade. Pela sua prudencia mereceo exercitar os maiores lugares da religião, até ser eleito provincial em 11 de fevereiro de 1702, temperando de tal sorte a severidade com a clemencia, que se fez ao mesmo tempo amado, e temido dos seus subditos. Practicou com grande exacção as virtudes religiosas, e mereceo particulares extimações das primeiras pessoas deste estado. Ao tempo que com geral aplauso estava governando esta provincia, cahio enfermo, e conhecendo ser chegada a ultima hora, pedio os sacramentos, que recebeo com summa devoção, e acabando de pronunciar as palavras, Maria Mater gratiæ etc partio a lograr o premio das suas boas obras em 2 de novembro de 1703, no Convento da cidade da Bahia.

133. Frei Francisco de S. Antonio, de profição Leigo, preto na cor, e clarissimo nas obras; depois que com insigne valor triunfou dos inimgos da patria, na restauração destas praças; se determinou a fazer viva guerra aos inimigos da alma; e para o conseguir vestio o habito de Donato no Convento de Olinda, onde se exercitava no manejo das virtudes, que são as armas com que se alcanção delles as

mais gloriosas victorias. Vendo que esta serafica e austera provincia era a palestra em que melhor se lhe offerecião meyos de conseguir os triunfos; dezejou professar o seu instituto, e sabendo que a sua cor lhe servia de impedimento, se embarcou para o reyno, onde em remuneração de seus grandes serviços, e virtudes conseguio voltar para a patria recomendado da piedade del Rey D. Pedro segundo, e que os prelados o admetissem a profição, que fez em dous de agosto de 1689.

No dito convento viveo muitos annos em vida tão austera, e penitente, que não podendo a comunidade dar alcance a seu exemplo, era a sua admiração. Dos favores, e merces que recebia de Deos, era argumento, o muito que era perseguido do inimigo comum.

Não podendo a sua infernal inveja sofrer quanto se adiantava no caminho da perfeição, o maltratavã repetidas vezes com pancadas, e horriveis visoens. Cheyo de merecimentos passou desta vida mortal para a eterna no dito Convento de Olinda em 25 de agosto de 1695, quando contava oitenta annos de idade.

## CAPITULO 17

### DE ALGUNS RELIGIOSOS NATURAES DE PERNAMBUCO QUE NA ILLUSTRISSIMA RELIGIÃO DO CARMO FLORECERÃO EM VIRTUDE E DOUTRINA

134. Apenas apparecerão na esfera Pernambucana os luzidos astros do ceo carmelitano, quando logo occuparão como luminosos esquadroens os postos, e caminhos do ceo, praticando todo o genero de virtudes; e sendo tão vivos, e tão ardentes no dezejo de aproveitar as almas, que parecia lhes emprestara o Santo Proto-Patriarcha Elias os incendios daquella flamante carroça, em que fora arrebatado ao paraizo. Porem como no mundo tudo continuamente vay circulando, e na circulação as mesmas cousas vão subindo e baixando, e o ultimo gráo do subir, he o primeiro para baixar, com as diferenças do tempo padecia já a religião algũas quebras na inteireza de suas observancias. Entrando alguns religiosos em conhecimento das froixidoens permitidas, com que se hião resfriando os primitivos fervores, se abrazavão em ardente zelo do seu remedio, para não chegarem a ver escurecido o ouro purissimo da regular observancia, nem amortecida aquella fermosa cor, com que arrebatavão os olhos, e os affectos de todo Brazil.

135. Com pureza de intenção, e santo zelo entrarão na dificultosa empreza de hũa reforma, e para que não ficasse seu zelo infamado com a nota de ambicioso, e imprudente, e por arbitro de novidades odioso elegerão meyos suaves, efficazes, e proporcionados, e conseguirão

gloriosamente o seu logro, vencidas as dificuldades, que fomentava com suas mas artes o demonio para embaraçar a cultura desta vinha do monte Carmello, e seus abundantes, e maravilhosos fructos. O que não alcançarião se o seu zelo, sobradamente fogoso, e arrebatado turvasse os coraçoens, que devião ganhar-se com a força da razão, temperada ao dictame da prudencia.

136. Teve principio esta reforma no anno de 1677, em hum hospicio levantado na celebre villa de Goyana. Quando nelle entrarão erão poucos, mas em breve tempo forão tantos os religiosos, que levados do suave atractivo da virtude se agregarão, que foy necessario recorrer a multiplicidade de conventos para dar cumprimento a innumeraveis vocaçoens. ElRey D. Pedro II lhes deo licença para fundar conventos, offerecendo com real benignidade, favorecellos para os progressos da sua reforma, que se adiantava sem queixa dos observantes, porque os conventos ficavão immediatamente sugeitos aos seus Provinciais governando-se os reformados por commissarios, ate que estabelecida dita reforma conseguirão total independencia daquelles prelados, com a honra de provincia separada. Convem uniformemente huns, e outros em a guarda do seu instituto, e se diferenção em algũas austeridades, que entre observantes, e reformados da a conhecer o excesso.

137. Hum dos mais vivos agentes da reforma foy o insigne padre Fr. Manoel da Assumpção. Aquelle fervor de espirito, com que entrou no noviciado, continuou depois de professo com ardente dezejo de cada vez se adiantar mais no caminho da perfeição. Os empenhos da reforma, que reprezentando-se arduos acobardavão os coraçoens com aparentes fantasmas de ponderados descursos, forão faceis a luz da sua virtude, porque tinha suas esperanças fundadas no firmissimo elemento da providencia divina. Favorecido das enchentes da graça sentio em seu coração hũa dilatação suavissima, e em seu entendimento hũa claridade tão dezembaraçada, que ao mesmo tempo, que lhe deo a conhecer as dificuldades desta empreza, lhe declarou os meyos de as vencer. Foy este varão illustre para a sua reforma exemplo, e oraculo de santidade, lavrando com sua doutrina, e exemplos os espiritos dos seus domesticos. Para illustrar com as sciencias a nova congregação dictou filosofia, e theologia com grande emolumento dos seus ouvintes.

Assestia com summo gosto as conferenças, e disputas particulares de seus discipulos, para adiantar com replicas o argumento, e dar solução as dificuldades. Foy muitas vezes prior e commissario geral, e nestas occupaçoens se mostrou tão vigilante que parecia haver-se tresladado a seu peito o fogo de Elias para zelar a cauza de Deos, e promover a observancia dos seus institutos. A maior parte do tempo, que lhe restava das occupaçoens de prelado, de ouvir peccadores no

confissionario, e reprehender vicios no pulpito, o consumia em obras de caridade. Foy Deos servido que tivesse seu zelo fervoroso, emprego dignissimo, em que desafogar seus fervores, porque havendo-se ateado na cidade da Paraiba o fogo do pestilente contagio, que no anno de 1686, começou no Reciffe, se applicou a asistencia dos apestados, exercicio donde poem seos mais vigorosos esforços a caridade, offerecendo a vida para remedio dos corpos, e salvação das almas. Apagou-se o incendio da peste, e ficou por morador daquelle convento, e nelle acabou com felicidade, o curso de sua vida, deixando de si a seus irmãos muitos dezejos, bons exemplos, e gloriosa fama de suas gloriosas virtudes.

138. Floreceo na mesma reforma, e em seu principio o padre pregador Fr. Estevão de S. Miguel, natural de Reciffe, e filho de Andre Coelho. Foy singularissima neste varão religioso a abstração do seculo, retirado sempre em seus estudos, em cujo retiro dispensava somente o zelo do bem das almas e a necessidade dos proximos. Ornado daquellas prendas, que formão perfeito hum religioso, quaes são negação da propria vontade, pureza de conciencia, pobreza de espirito, esquecimento do mundo, desprezo de si proprio, modestia, silencio, affabilidade, e penitencia, acabou sua virtuosa vida no convento patrio, sendo suas cinzas objecto de piedoza memoria, e veneração.

139. O padre Fr. Antonio de Santa Roza, nasceo no Reciffe, onde *teve por pays Matheus Garcia, e sua mulher Maria de...* Tomou o habito no convento de Goyana, tendo a cada hum dos religiosos deste reformado convento por exemplar, fez suas pela imitação as virtudes de todos. Depois de professo o applicou a obediencia ao estudo das sciencias, e na grande capacidade de seu talento achando lugar amplissimo as subtilezas filosoficas, e theologicas, as dictou aos seus domesticos. Esteve alguns annos detido no exercicio do pulpito, e confissionario, mas conhecendo a religião quanto era ardente o seu zelo na conservação, e augmento da nova reforma, o elegerão prior do convento de Goyana, e Parayba, diffinidor, e ultimamente commisario geral, em cujos onerosos ministerios, dezempenhou as obrigaçoens de hum superior perfeito. No convento patrio, e em idade provecta foy chamado por Deos com húa morte feliz para lhe remunerar os seus merecimentos.

140. No mesmo convento descanção as cinzas do padre Fr. Jozé da Madre de Deos, natural do Reciffe, filho de Manoel Duarte e de sua mulher Maria Peres. Na idade da adolescencia foy admitido a congregação do oratorio, e na caza de Nossa Senhora Madre de Deos deste Reciffe recebeo a roupeta, em cuja palestra aprendeo as virtudes, em que foi eminente, e as letras, em que sahio consumado. Por justas cauzas largou a congregação, e profeçou o instituto carmelitano, no

qual exercitou com maior excesso as virtudes, que sempre practicara. Foy mestre de noviços, prior do convento da Parayba, e duas vezes do do Reciffe, diffinidor, e provincial, observando em todas estas prelazias igual prudencia, que virtude para os subditos. Viveo muito annos no convento patrio, em cuja fabrica material trabalhou muito, não sendo menos diligente na espiritual, edificando domesticos e estranhos com seus bons exemplos. Carregado de annos e merecimentos morreo placidamente, e jaz sepultado no dito convento.

141. O veneravel Fr. Nicolao de Jesus Maria Joze, que no seculo se chamou Nicolao Paes Sarmento, nasceo no Reciffe, onde forão seus pays Domingos Paes Sarmento, e Maria Tavares Benevides. Instruidos nos preceitos da lingua latina, poesia e oratoria passou a universidade de Coimbra, onde resoluto a seguir a vida ecclesiastica, se formou na faculdade dos sagrados canones, como propria do estado, que elegera, e voltando para a patria mereceo pelas suas letras, e virtudes ser provido no deado da cathedral de Olinda, sendo o primeiro deam desta se; e posto que lograva esta dignidade junta com a de provisor, e vigario geral do bispado, deixou este logar, e passou por nova promoção para deam da cathedral da Bahia; e vagando o deado de Pernambuco por morte do doutor Francisco Martins Pereyra, que lhe succedera, para satisfazer as repetidas instancias, com que os seus naturaes lhe pedião se restituisse a patria, procurou segunda vez ser provido nesta cadeira. A sua grande litteratura, unida com a rectidão do seu procedimento moverão aos illustrissimos D. Fr. Francisco de Lima, e D. Manoel Alveres da Costa para se servirem da sua pessoa nas materias consernentes a obrigacão pastoral, fazendo-o provizor, e vigario geral, cuja eleição, e a de governador do bispado, que exercitou por muitos annos desempenhou com geral aplauso do seu nome. Na administração da justiça encheo todas as obrigaçoens de ministro recto, e solicito, não havendo instante vago, que não occupases em beneficio das partes. Reprehendia, e castigava severamente os vicios, mas com tanta prudencia, que atrahia suavemente os criminosos.

142. Estes dotes com que se ornava o seu espirito o habilitarão para desprezar, resolutamente a dignidade, elegendo para centro da sua tranquilidade o religioso claustro do convento de Goyana, onde professou o instituto do Carmello reformado. Neste sagrado domicilio se fez exemplar daquellas virtudes proprias de hum perfeito regular, sendo na abstinencia rigoroso, na oração continuo, no zelo inflamado, na obediencia prompto, e no silencio observante. E ainda que solicitou sua modestia ficar desconhecido, e olvidado, não pode conceguir o que tanto dezejava, porque a voz clamorosa de hum tão exemplar desengano, e de hua vida tão penitente, o descobria para o exemplo, e lhe negociava maiores veneraçoens, que as que havia desprezado.

Como lhe fosse revelada a ultima hora da vida, disse a ultima missa com a pauza, e devoção custumada, e de tarde depois de rezar vesporas, e completas se recolheo ao seu cubiculo. No seguinte dia foy acomettido de hũa febre, que no juizo dos medicos não era executiva, mas conhecendo o servo de Deos ser chegada a ultima hora pedio que lhe administrassem os sacramentos, que recebeo com devota ternura.

Ficou algum tempo em altissima contemplação, e abrindo depois os olhos empregando-os em hum santo crucifixo invocando os dulcissimos nomes de Jesus e Maria, entregou placidamente o espirito nas mãos do seu creador.

143. No mesmo convento de Goyana he veneravel a memoria do padre Fr. Domingos de S. Maria, natural do Porto Calvo. Foy filho de pays nobres, e timoratos, que cuidarão muito na sua boa educação. Professou o instituto carmelitano no dito convento, onde viveo alguns annos dando em todas as suas acçoens admiraveis exemplos. Era muito penitente, humilde, e observante; na oração continuo, e cordialissimo devoto de Maria Santissima. Foy prior do convento, donde nasceo para a religião, e diffinidor da provincia, mas de tal maneira se portava nesta, e outras occupações em que o metia a obediencia, que o não distrahião do interior trato, e amoroso comercio com Deos. Morreo em idade provecta com a felicidade, que prometião suas virtudes.

144. O insigne Fr. Affonso de Albuquerque, nasceo na cidade de Olinda, onde teve por illustres progenitores Christovão de Albuquerque, fidalgo da caza real, comendador na ordem de Christo, filho de Jeronimo de Albuquerque, cunhado do primeiro donatario, e de sua mulher D. Catharina de Mello, filha de D. Christovão de Mello, governador geral do Brazil; e D. Ignez Falcão, filha de Simão Falcão de Souza, fidalgo da caza de sua magestade, e primeiro provedor da fazenda real de Pernambuco, e de sua mulher D. Catharina Paes. Aprendidas as primeiras letras, desprezou as delicias da caza paterna, e vaidades do mundo na florente idade de 16 annos recebendo o habito de carmelita observante no convento de Olinda.

Nesta virtuosa e douta escola tão grandes forão os progressos, que fez nas virtudes, como nas letras. Para sempre acertar no caminho da perfeição obedecia não somente ao preceito expresso, mas a vontade conjecturada do seu prelado, reduzindo com asperas penitencias o corpo para o ter sempre sugeito as leys do espirito. Era muito penitente, e mortificado, conservando porem hua tal compustura, e alegria no semblante, e afabilidade nas palavras, e trato com o proximo, que o fazia igualmente amado, que venerado. Foy ouvido no pulpito como clarim do evangelho, e no confissionario attendido como insigne director das

almas, sendo procurado de muitos peccadores para se confessarem com elle, buscando na sua direcção o socego das suas consciencias.

Os habitadores de Olinda movidos da fama do seu talento concorrião a consultallo em graves controversias, de que era constituido o arbitro para a sua decisão, sendo sempre o seu parecer recebido com satisfação das partes. Eleito prior do convento patrio, governou os subditos com muita prudencia, e affabilidade. Certificado o reverendissimo general da ordem dos seus merecimentos, e excelente capacidade o nomiou commissario geral, e vizitador dos conventos desta provincia, o que humildemente regeitou, protestando não ter forças para bem exercitar aquelle cargo, e conseguio viver no estado de subdito ate a morte, que esperou no dito convento com grande preparação de virtudes.

## CAPITULO 18

### NATURAES DE PERNAMBUCO, QUE EM VIRTUDE E DOUTRINA FLORECERÃO NA CONGREGAÇÃO, QUE FUNDOU O VENERAVEL PADRE P. JOÃO DUARTE DO SACRAMENTO

145. O veneravel padre João Alveres da Encarnação nasceo em 4 de março de 1634 no lugar de Tracunhem, freguezia de Santo Antonio; onde teve por pays Antonio Jorge Guerra, e sua mulher Izabel Taveyra, descendente da illustre familia dos Taveiras. Deo desde a idade juvenil pronosticos certos de sua futura santidade, com a madureza de seus bons custumes. A bondade da sua indole, ajudou muito a bôa educação de seus pays. Esteve em seu poder até receber ordens de presbitero, porem vivendo violento nos trafegos do seculo, chamado por divinas inspiraçoens ao silencio dos claustros, elegeo o estado de congregado, e no convento de santo Amaro de Olinda pedio humildemente a roupeta. Foy admetido com contentamento daquelles varoens apostolicos, e vendo-se em estado das maiores obrigaçoens, em que se havia posto de consagrar-se todo ao serviço de Deos, obrava nas duas vidas activa, e contemplativa com incansavel applicação. Era humildissimo, e nunca estava mais gostoso, que quando mais empregado nos serviços mais infimos da comunidade. No trato interior com Deos, se adiantou muito, tendo muy disposta a alma, para as influencias divinas em a inocencia da vida, e pureza da conciencia. Assim como Deos o destinava para director, e mestre de gentios novamente convertidos a fé, e de peccadores esquecidos da sua salvação, tambem lhe asistio com as prendas, e condiçoens necessarias para tão insigne emprego.

A confiança em Deos o fazia desprezar perigos, não fraquear nos trabalhos, dezejar perseguiçoens, não temer os demonios, vencer dificuldades, gloriar-se com as affrontas, e viver nas adversidades contente. Nas suas infirmidades esperava de Deos os remedios e de tal sorte se via assestido da esperança neste senhor, que sempre a trazia por companheira nas suas jornadas, e caminhos. Macerava o corpo com continuos jejuns, sustentando-se com ervas, legumes, e com hua fruta agreste chamada catolé. Era o seu coração de bronze pela fortaleza, porem tão penetrado do fogo do amor divino, que em seus affectos, não parecia senão o mesmo fogo do divino amor. Quando concideRava, fallava, fazia, e padecia, tudo era movimento da ardentissima caridade, com que amava constantemente a Deos. A devoção a Maria Santissima era princeza primorosa q̃. presidia no choro das suas virtudes, para obrigallas a exercitar com decoro todas as funçoens concernentes a honra, e ao serviço de seu bemdito filho. Do amor do proximo procedia o ardente zelo, e fervoroso affecto, com que acudia, e se occupava em remediar as indigencias do corpo, e da alma, porque a todas se estendião os incansaveis disvelos da sua admiravel caridade. Era muito humilde no fallar, e no trato, que se via obrigado a ter com os homens, tudo respirava abatimento proprio, por fazer de si hum baxissimo conceito.

146. Inflamado do ardente dezejo de conquistar almas para Jesu Christo, alcançando dos superiores a faculdade, que tanto dezejava, partio para o Seará, e tanto que chegou a destinada baliza das suas apostolicas fadigas, he incrivel a ancia, com que principiou a cultivar aquella agreste, e dilatada vinha. Não se podem reduzir a numero os trabalhos, e vigilias, que constantemente tolerou, os caminhos fragosos, e innacessiveis, pelos quaes muitas vezes descalço discorreo, os perigos, e ciladas a que heroicamente offereceo a vida para atrahir a fè os coraçoens dos idolatras, merecendo por estes evangelicos ministerios ser chamado apostolo desta missão. Aos indios redusidos a fe asestia com santos concelhos, e efficazes exortaçoens, e virtuosos exemplos, para que no exercicio das virtudes redimissem o tempo perdido em as idolatrias; e aborrecidas as trevas da gentilidade, amassem a luz do evangelho, que os tirou do abismo, e captiveiro das sombras da culpa, para a ditosa liberdade da graça. O demonio que tanto aborrece as luzes da verdade, porque destroem o tirano imperio das suas trevas, moveo hũa perturbação, que pudera ter arruinado o edificio, que tinha levantado o seu ardente zelo.

Pertendeo o capitão mor daquella provincia servir-se dos indios já domesticos com dominação violenta, e imperiosa severidade, sem outro fim que a propria conveniencia. Pisando as leys da natureza, da razão,

e da equidade, fazia destes subditos escravos, e querendo intimidar-lhe os animos, os esforçou, porque o maior arrojo, he filho do mayor medo, que he a desesperação, e he facil a execução daquelle acto que não tem de terrivel senão o facto. Para se livrarem das suas violencias, a maneira dos xantios, que por duas vezes se queimarão para não cahirem nas mãos de Arpalo, de Alexandre, e de Bruto, puzerão fogo as aldeas, e se mostrarão postos em campo terrivelmente armados.

147. Sentio amargamente o servo de Deos este acontecimento, que sem duvida fomentara com suas artes o demonio, para embaraçar o cultivo desta vinha, e seus abundantes frutos;. e para que se não puzessem nas mãos do perigo, trabalhou no ajuste das partes com ardente zelo. Muitas dificuldades teve que vencer, em que tiverão exercicio a sua prudencia, e a sua tolerancia, porque causas, que são de justiça, tem para seus agentes como assalareadas as perseguiçoens, porem não tivera tanto de glorioso o triunfo se não o alcançara o valor, ao custoso preço do trabalho. Conseguio finalmente com as doçuras da caridade temperar as amarguras dos seus sentimentos, e que largando as armas, e depondo as desconfianças viessem outra vez povoar, e assestir nas aldeas. Correo a boa opinião deste insigne missionario, e atrahidos os que andavão dispersos de tamanha bondade, concorrerão tantos, que foi preciso fundar novas residencias.

148. Que este varão de Deos fosse em virtudes muy insigne o provão seus singularissimos milagres, que não somente tem o apoyo da tradição immemoravel, mas serem muitos delles antenticados por hum summario de testemunhas, que por ordem do illustrissimo bispo D. Frey Jozê Fialho, tirou o licenciado Alexandre da Fonseca, vigairo geral do Seará, que de prezente occupa hũa cadeira de conego prebendado na cathedral de Olinda. Do dito summario consta os seguintes prodigios.

149. Sendo o varão de Deos chamado para administrar os sacramentos a hum enfermo de perigo, e que vivia em distancia de seis legoas, chegando as margens de hum dos muitos rios, que fertilisão a campanha, vio que as agoas hião muy rapidas, e profundas pela crescente occasionada das chuvas, e não se atreveo a tentar o váo, em que reconheceo manifesto perigo se resolvesse a passallo a pé. Achando-se confuso a margem do rio, reparou que estava pacendo na ribeira hum poldro e chegando-se a elle, o achou de tanta mansidão, que tomou a resolução de montar nelle para passar o rio.

Entrou pelo rapido, e profundo das correntes, arrebatarão estas o bruto, e o levarão a hũ profundo redomoinho que fazião as agoas, donde dando algũas voltas o sorverão, desaparecendo aos olhos dos indios, que o acompanhavão. Voltarão estes para a sua povoação tão

tristes, como certos da morte do seu padre, e dando a seus companheiros noticia deste a seu parecer funesto sucesso, sahirão todos a vadear o rio para descobrir o corpo. Nesta deligencia passarão toda noite, e parte do seguinte dia sem acharem o que procuravão; e quando já determinavão voltar para a sua aldea, virão não sem grande admiração, que o servo de Deos aparecendo na ribeira contraria, entrou pelas correntes, se sumergio nas agoas, e caminhando pelo mais profundo sahio a terra não so com vida livre, senão com os habitos secos, e enxutos sem sinal de humidade algúa.

150. Correo a voz do aperto, em que se achava o capitão Carlos Ferreira, que com a sua companhia estava de guarnição na fortaleza do Seará, por lhe terem dado hum tiro, e despedaçado o hombro direito com duas ballas. Determinou fazerlhe huma visita em prova do amor, que lhe tinha, e achou o enfermo nimiamente aflicto. O cirurgião lhe dava muy poucas horas de vida, por *não acertar a tomarlhe* o sangue. Tomou o servo de Deos por sua conta a cura da chaga, e pondo lhe húas folhas de tabaco, atou o hombro com o lenço de seu uzo, e se retirou para a sua residencia. Sentio logo grande alivio, e que calmavão suas terriveis dores, deixando livre o movimento do braço, e restituido a suas vigorosas forças. Clamava dizendo estar perfeitamente são, e que lhe desatassem a atadura das feridas; e assim se executou, e com admiração de todos, que estavão lastimados da sua *fatalidade, se acharão serradas*, os ossos inteiros, com hum sinal leve das cicatrices.

151. Compadecido outra vez o varão de Deos dos extremos lastimosos de hum rapaz indio, que subindo a húa larangeira se lhe cravou pela pupilla do olho direito hum espinho, o tirou com brandura, e pondo lhe da sua saliva calmarão no mesmo ponto as dores, que erão vehementissimas, se cerrou a ferida, sem ficar cicatriz algúa, e so ficou hum pequeno sinal vermelho como para rubrica deste milagre.

152. A mandioca de que se faz a farinha usual do Brazil, sendo refinado veneno antes de lançada de molho, he utilissimo sustento depois de beneficiada.

Outras raizes ha do mesmo genero, e feitio, mas de diversa qualidade, que se chamão aypiz, e são de quatro especies, assû, branco, preto, e poxá, e de todas se fazem por varios modos agradaveis guisados. Nas olhas se assemelhão aos nabos, e assadas tem o mesmo sabor que as castanhas verdes de Portugal.

Alguas vezes tem succedido enganarem-se alguas pessoas comendo assadas as mandiocas, cuidando ser aypis, e se lhes não acodem com remedios promptos sentem os terriveis e mortaes effeitos deste veneno. Este engano padecerão dous homens, e sentindo grandes ancias no

coração, lembrando-se das piedades, que o servo de Deos usava com os afligidos, por hum dos assistentes lhe pedirão o remedio. Chegou o inviado a sua prezença, e sem dizer ao que vinha, lhe disse o veneravel padre: volte irmão com pressa para acodir a fulano, a quem em agoa fria dará a beber o que vay neste papelinho (erão poz de assucar branco) e confie em Deos, que livrará do perigo. Fulano já não carece de remedio. Admirado de ver que ao servo do Senhor lhe erão prezentes sucessos distantes, voltou apreçado para o lugar onde estavão os enfermos, e achou ser hum ja falecido, e que o outro não tinha de vivo mais que a frequente, e trabalhosa respiração de agonizante, e bebidos os pos de assucar ficou de repente livre do extremo perigo. Outros muitos milagres constão de varias tradiçoens, os que se provarão no dito summario forão os referidos, que bastão para prova da sua virtude, e santa vida.

152 (*). O conhecimento dos segredos do coração, e dos futuros contingentes, he dom sobrenatural de muy superior esfera, porque foge inteiramente do humano entendimento, e he excelencia reservada a Deos que he infinito. Teve o servo de Deos por participação gratuita como se vio em muitos successos, dos quaes referiremos hum somente. Indo de viagem passou pelo engenho do Pantorra, situado na freguezia do Cabo, revelou-lhe o Senhor que naquella caza succederia hum lastimoso cazo, não tendo ordem para fallar claro, disse : que os ameaçava hum grande golpe se o não evitassem com a penitencia, ou não o desarmassem com a prudencia. Despresarão o avizo, e em breve tempo virão decifrado o mysterio, sendo o dono della morto a punhaladas por hum assassino na sua mesma cama.

153. Não conhecem as actividades do amor santo, os que determinão limites as suas tarefas, entonces começa a obrar mais fervoroso, quádo parece que caminha a seu descanço. O pezo da velhice, e os muitos achaques poderão ser decente pretexto, e precisa necessidade para este varão de Deos fazer pausa em seus laboriosos exercicios, e solicitar algum alivio ; mas não consentia o ardente zelo do bem das almas estar aprisionado sem exercicio, porque fora ter mortificada a sua caridade padecendo de ociosa. Livre já das obrigaçoens de missionario se recolheo ao convento do Reciffe, onde perennemente assestia no confissionario, dirigindo as almas pelo caminho da salvação. Padecia hum horrivel cancro, a cujo remedio não applicava outra medicina, que a da paciencia, posto em termos de incuravel, começou a corromper-se com perigo proximo da vida.

A intenção das dores, e muito mais as vehemencias do amor,

(*) *Numero repetido.*

forão apurando o residuo das suas forças, *em cuja debilidade tinha* a alma hypothecados os seus maiores alentos. Com elles, e a viva concideração de que ja se hia chegando a hora de passar do trabalho deste mundo para o eterno descanço, confeçou-se e pedio os mais sacramentos com humildade, e os recebeo com grande reverencia, e abundancia de lagrimas. Pedio perdão aos prezentes, e auzentes daquelles máos exemplos, que avultava a sua humildade aos olhos do desengano. Abraçado com a imagem de seu amantissimo senhor crucificado lhe entregou a alma, cerrando a sua vida, com a chave de ouro de hũa preciosa morte.

Ouve grande sentimento não so nos padres congregados, que perdião tão rico thesouro de virtudes, mas em todo Reciffe pela fama de santidade, e geral devoção ao servo de Deos.

Pedião as alfayas de seu uzo, e cortavão pedaços das suas vestimentas, que venerão como reliquias. Em dous dias, que o veneravel cadaver esteve sem se entregar a sepultura, se vio flexivel, e a carne tão branda, e tractavel como se fosse animada. Com alguns particulares protentos acreditou o Senhor a virtude, e eterna felicidade deste seu servo, e entre outros foy admiravel o seguinte. Aquelle tumor ulcerado, que em sua vida exhalava hum cheiro corrupto, que offendia o olfato, e o cerebro, de quem lhe assestia, logo que se apartou do corpo o espirito, desapareceo em hum instante, exalando hũa fragancia suavissima, e não conhecida, e tanta que se participou a todo o espaçoso ambito da igreja. Porem o mayor, e mais firme testemunho das virtudes deste fiel servo do Senhor he o que se escreve no livro da vida dos bemaventurados, de cujo numero piamente cremos, que he, e será por toda aquella eternidade a que subio em 29 de setembro de *1719, aos tres quartos para as oito horas da manhãa.*

154. Do rico thesouro de santos homens, que depositados no convento da Madre de Deos de padres congregados do Reciffe, esperão a ressurreição universal tiramos tambem as virtudes de dous naturaes de Pernambuco, que pela perfeita observancia da ley divina, e seus estatutos merecerão o louvor cómum de verdadeiros filhos do patriarcha S. Felippe Nery. Foi hum delles o padre Silvestre Simoens, outro he o padre Luis Correa, de cujas virtudes trataremos depois, para darmos o primeiro lugar, ao que foy primeiro em seu felicissimo transito. Foi o padre Silvestre Simoens natural da cidade de Olinda, onde forão seus pays Simão Gaspar, e sua mulher Antonia Villela. Na idade *da adolescencia recebeo a roupeta em 6 de julho de 1681, e illustron* a sua congregação, sendo, varão consumado em virtudes, de grande austeridade, e penitencia, observante pontualissimo dos seus estatutos, e despresador valente das vaidades do mundo. Em a oração continuo,

e fervoroso, e nella distilava o coração em lagrimas ao penetrante calor do amor divino. Tinha tão impressionado no seu coração o bem de seus proximos, que com suas palavras, e exemplos persuadia a muitos a virtude, porque a graça, que lhe dava ardores para se abrazar no amor de Deos, lhe comunicava chamas para que accendesse os coraçoens de muitos, que andavão frios no mesmo divino amor. A obediencia era o unico arbitro de todas as suas acçoens, a pobreza a senhora, que dominava os seos dezejos, e a castidade o iman atractivo de todos os seus agrados. Acomettido da ultima infirmidade se preparou com os sacramentos, e abraçado com hum santo crucifixo entre mil ternuras de coração, com suave, e alegre rosto esperou a morte, que o levou para a eterna vida tão ornado de trofeos, como de merecimentos em o primeiro de outubro de 1726.

155. As virtuosas acçoens do insigne padre Luis Correa podião offerecer copioso assumpto para muitas folhas, se a nimia cautella da sua humildade escondendo-as por hũa parte, e a culpavel omissão de quem as devia notar, e agora declarar, sepultando-as por outra, nos não precizasse a reduzi-las a hũa breve, e succinta narração. Diremos porem o que a nossa deligencia pode descobrir, e o conhecimento, que tivemos deste varão insigne, pode alcançar. Nasceo na famosa villa do Reciffe, onde teve por pays o coronel Miguel Correa Gomes, fidalgo da caza de sua magestade, cavalleiro na ordem de Christo, e escrivão proprietario da fazenda real; e sua mulher D. Catharina Gomes de Figueredo. Foy numerosa a descendencia destes nobres consortes, e de seis filhos, que illustrarão o estado ecclesiastico, e diversas religioens, so podemos dizer de todos em comum, o que S. Jeronimo disse a Leta em particular. Que se Jupiter fosse da sua geração, ou tivesse com ella algum genero de parentesco, pudera reduzir-se a fé, e seguir verdadeiramente a Christo. D'elles nascerão o padre Vicente Gomes, deam que foy da cathedral de Olinda, e hoje insigne alumno da companhia de Jesus. O padre Ignacio Correa da mesma companhia, de notoria sabedoria, e virtude, a quem a religião tem occupado em repetidas prelasias. Frey Felippe do Espirito Santo da illustre reforma carmelitana, Manoel Corrêa Gomes e Lino Gomes Correa, este vigario da Varze, e aquelle da cidade do Rio grãde, com tão escrupulosa observancia das obrigaçoens de pastor, q̃ conhecendo a grandeza do rebanho, e temendo faltar-lhe com o pasto espiritual, sem reparar na deminuição dos reditos tem pedido muitas vezes ao excellentissimo prelado divisão daquella igreja. Nesta mina pois de varoens justos nasceo o padre Luis Correa, tão prendado dos dotes da natureza, que parece se esmerou em o dar a conhecer pela sua mais primorosa idea; gentil na prezença, agudo no engenho, feliz na memoria, e indole tão docil, que como em branda

cera se imprimia a imagem das virtudes. Concluido o estudo da gramatica, e posto em idade competente para escolher estado, se resolveo a seguir a vida, em que não perigasse a sua salvação. Para este fim buscou o padre preposito da congregação do oratorio, e lhe participou seus intentos. Deferirão os padres a sua suplica vestindo lhe a roupeta a 24 de dezembro de 1708. Nesta virtuosa palestra começou a praticar os exercicios espirituaes com inexplicavel fervor, sendo o primeiro nos actos de humildade, e sem segundo nos da mortificação. Procurava exceder a todos com viva ancia de ir sempre adiante no caminho da perfeição, servindo ao mesmo tempo de estimulo aos outros congregados. Applicado as sciencias severas de tal sorte se dedicou a estas, que os exercicios das subtilezas escholasticas, não divertirão a attenção singela das virtudes eternas. Com tão fervoroso cuidado, e diligente applicação cuidava no aproveitamento proprio, que extimando mais os affectos amorosos da alma, que as noticias adqueridas pela especulação, reservava a maior parte do tempo para o tracto com Deos; e porque dava a Deos a melhor parte, permittio o mesmo senhor, que mais brilhasse o seu talento na cadeira, e no pulpito, merecendo singulares aplausos de eruditos auditorios.

156. *A maior e mais segura defença da alma he o retiro, e abstracção* das creaturas, em cujo silencio ouve mais vivas as vozes de Deos em suas santas inspiraçoens. Practicou Luiz Correa esta maxima com grande cuidado em tudo, que permitia o emprego das aulas, e continuo exercicio do confessionario, e pulpito, em que era preciso comerciar com o mundo para as ganancias do ceo. A humildade, que he a firme baze de toda fabrica espiritual, a teve em grão heroyco, tendo-se por húa das mais inuteis creaturas do mundo. Tanto mais se profundava no conhecimento do seu nada, tanto mais subia no conhecimento da bondade divina; esta com sua fermosura se fez senhora absoluta da sua vontade, e lhe robou todos os seus affectos. Daqui tinha origem o amor do proximo, com que acodia a remediar, e *conçolar infermos, e afligidos*, achando estes em suas palavras tanto alivio, que o procuravão como efficaz medicina das suas angustias, afliçoens, e necessidades.

Era sua caridade benigna para reduzir peccadores applicando remedios a enfermidade da culpa, sem offensa dos culpados. Tinha-o Deos dotado de singular prudencia, e modo de governar almas, e como concorria nelle o raro exemplo com que edificava seus confessados, vendo muito que imitar, e nada que arguir, ouvião-no com attenção *para ẽmenda dos peccados*; *e desta sorte teve a fortuna de trazer a* muitos pretos de varias naçoens, que dirigia no confessionario tão observantes da ley de Deos, e pontuaes em acodir aos sacramentos, que se verificou nelles, o que Deos promettera pelo profeta Exequiel aos filhos

de Israel: Que os havia trazer de divervas povoaçoens, e terras, por onde andassem espalhados; e que dando lhes espirito novo, os uniria em hum só coração; para que observando os seus preceitos, e andando pelo caminho das suas justificaçoens fossem o seu povo, e elle o seu Deos.

157. A moderação no fallar foi hum dos principaes exercicios deste varão insigne, e que fez mais plausivel seu nome, quando ouvia que algum censurava a vida de outro, logo o reprehendia, ou se retirava, para que não passasse adiante, e se pertendia darlhe satisfação, dizendo: que o fazia movido da caridade, e zelo da salvação de seu proximo, lhe respondia: Deixe essa caridade, que lhe asseguro que seu proximo lhe perdoarà esse amor; que se ella fora verdadeira. o reprehendera fraternalmente, cumprindo com o evangelho. He bem certo que nas comunidades religiosas ha santissimas almas, que se exercitão em heroycos actos de virtudes, mortificando suas paixoens; porem o demonio deixa muitas vezes livres suas linguas, porque conhece que muy poucas vezes se movem estas sẽ peccar; parecelhe que este he o mais seguro caminho para os render; assim o executou com o santo Job, a quem despojou de todas as riquezas, afligindo-o desde os pez ate a cabeça, e vendo que não pudera contrastar sua paciencia, nem manchar sua alma lhe deixou a boca livre, como quem entendia, que tendo lingua para fallar, logo cahiria. Por isso adverte o Espirito Santo, *como por admiração*, que Job não peccou com sua boca.

He tambem certo que aquelle que não tem lingua para a murmuração, he muito perfeito no estado religioso, e muito parecido a Deos. Pierio Valeriano em seus jeroglificos, diz, que os egipcios adoravão ao crocodilo, e a razão que da, he, porque he animal sem lingua, signfiicando os antigos que o que a não tem para murmurar, parece que merece o honrem como a Deos. Tanto se assinalou nesta virtude, que ninguem se attrevia a murmurar na sua prezença, e se algúa vez fallavão contra o procedimento do proximo, e elle aparecia, dizião: callemonos para não sentirmos as correadas do padre Luiz, alludindo ao seu apelido de Correa.

158. Dezanove annos e hum mez tinha passado o servo de Deos nestes louvaveis empregos, e virtuosos custumes, sem afroxar hum ponto na comum observancia, e outras obras dé virtude, que acrecentava o seu fervor as da obrigação; quando se vio acometido de húa infirmidade mortal. Foy esta originada dos excessos da caridade com que fora assestir a hum enfermo, pay de certo congregado, morador des legoas distante do Recife. Tres dias, e tres noites assestio fervoroso ao moribundo, para o dispor para a jornada da eternidade, sem dar repouso a seu corpo, nem attender a húa febre que o atormentava; recolhido

ao seu convento, rendeo a vida entregando sua feliz alma a seu Creador em 24 de janeiro de 1727. Sabîda no Reciffe a noticia de que era fallecido o servo do senhor concorreo o melhor delle, com innumeravel multidão do povo, sentindo cada hum a falta de tão grande padre; porque a fama da sua virtude heroica o tinha no coração de todos para a veneração. Cauzava hũa devota ternura ver as expressoens de sentimento dos pretinhos seus confessados; entre copiosas, e sentidas lagrimas o apelidavão pay santo, mestre, e consolador das suas afliçoens, e necessidades; a porfia lhe beijavão os pez, e muitos dias não cessarão de vir chorar ao pe da cadeira, em que ouvia suas confições, Bem quizera a devoção dos que concorrerão que o veneravel cadaver estivesse exposto por alguns dias a sua veneração, mas a modestia dos padres não consentio que se conservasse publico mais que o tempo permitido antes do enterro. Faz memoria especial delle o livro dos obitos deste convento, e merecia que ate nos bronzes, e nos marmores se estampasse a sua lembrança, para que as futuras idades tivessem mais hum exemplar nos capitolios da virtude, e nos fastos da sabedoria admirassem mais este esplendor.

159. O insigne padre Gaspar Dias, natural da cidade de Olinda foi filho de Manoel Dias e de Maria Sarayva, e irmão do veneravel padre Manoel Sarayva da companhia de Jesus, de quem fizemos neste livro merecida memoria. Desde a menor idade deu claros argumentos do que havia de ser na mayor. Cuidou muito em não empregar seos affectos nas creaturas, porque com a luz do ceo conheceo, que ellas quanto mais lizongeadas do nosso amor, são mais crueis accusadoras do nosso castigo. Por este motivo fugia de admetir em si affeiçoens particulares, e era summamente recatado de mulheres, não se atrevendo a fixarlhe os olhos, porque sabia que estes são os poros, e veas secretas por onde o deleite comunica até o ultimo da vontade o mortal veneno da sua depravada infecção. Ouvia todos os dias missa com grande devoção, assestia aos sermoens attento, e compungido, e frequentava os sacramentos com summa reverencia, e em tudo procedia tão conforme com as leys de Deos, que a sua observancia era o espelho, em que os seus contemporaneos compunhão as suas acçoens.

160. Esta regularidade devida, e inclinaçoens quase naturaes para tudo quanto era de virtude facilmente o determinarão a deixar o mundo, calcando até as esperanças com os pes do desprezo. Vendo que o convẽto dos Congregados de Olinda era a aula, em que se ensinava com o exemplo a seguir este desengano, professou o seu instituto, e com as suas letras, e virtudes ajudou e concorreo muito para o lustre e augmento da primitiva perfeição desta virtuosa palestra. Passava dias e noites, contemplando em os divinos attributos, de cuja suave

meditação o suspendia o zelo, com que sahia a pregar pelas aldeas dos indios, e lugares visinhos, colhendo sempre copiosos frutos das suas apostolicas tarefas. O silencio, a mortificação, o retiro, e a contemplação das couzas do ceo erão os polos sobre que se movia a roda de toda sua observancia. Com animo imperturbavel tolerou diversas contradiçoens, que se armarão contra os primeiros congregados, por outros, que vierão do reyno, fomentadas pelo padre João Lobo, valendo-se da sua profunda humildade, e resignação na vontade divina para vencer todas as dificuldades. Sentindo as desordens, e disturbios, que causava na congregação a variedade de pareceres, sahio da sua patria depois de haver provado os ultimos esforços da contradição. Fugitivo, e estropeado de sem rezoens, porem não queixozo, que não quiz dar a seu padecer este pequeno alivio, nem com tão pequeno alivio, quiz malograr o merito da sua paciencia, passou a Roma, onde não acertou a abrir caminho nem facil, nem seguro a suas pertençoens, ficando todas as suas deligencias superadas de forças contrarias, senão mais naturaes, mais poderosas.

Atenuado com tantos trabalhos, e com o excesso das penitencias lhe sobreveyo hũa aguda febre pela qual conheceo ser chegado o termo da sua vida, e recebendo os sacramentos com grande piedade faleceo em hum hospico de Roma.

## CAPITULO 19

### SANTOS CUSTUMES E VIRTUOSAS OBRAS DO ILLUSTRE JORGE DE ALBUQUERQUE COELHO

161. Jorge de Albuquerque Coelho, nasceo em a cidade de Olinda a 23 de abril de 1539, forão seus progenitores Duarte Coelho Pereira, primeiro donatario de Pernambuco, e D. Brites de Albuquerque. Ainda que não fora tão fecunda a illustre, e antiga arvore dos Coelhos, Pereiras, e Albuquerques bastava esta unica produção para servir de coroa a portentosa fertilidade de seus frutos. E ainda que Pernambuco não tivera produzido outro filho, bastaria este para sua immortal gloria. Querendo a natureza formar na sua pessoa hũa perfeita imagem da heroycidade, dispoz. que sahisse a luz do mundo em segundo lugar, servindo-lhe a formação de seu primeiro irmão o grande Duarte Coelho de Albuquerque de ensayo para acertar em hua obra, que lhe custava tanto disvelo. Não foy menor o empenho, com que a graça, em competencia da natureza ornou o seu espirito, comunicando lhe todo genero de virtudes, que religiosamente praticou desde a infancia

ate a ultima idade. Merecendo distinta gloria pelas acçoens politicas, e militares, de que em outra parte fazemos illustre memoria, ainda fez mais memoravel o seu nome pelo exercicio das moraes, e catholicas. Desde os primeiros annos exercitou os seus marciaes, e virtuosos espiritos em obsequio da Magestade divina, e humana, consumindo a maior parte da sua fazenda, e derramando o proprio sangue, pela dilatação da fé, e augmento da monarchia Logrando a sua capitania da paz sigurada com muitas victorias, que conseguio de francezes, e gentios, para não passar o tempo em torpe ocio, se deliberou a passar ao reyno. Nesta viagem padeceo hum naufragio de que livou milagrosamente. Chegou a Lisboa, e de todos foi aplaudido de cortezão, generoso, discreto, liberal, affavel e modesto.

Frequentava os sacramentos da penitencia, e eucharistia com manifestos sinaes de verdadeira compunção. Orava frequẽtemente pedindo a Deos auxilio contra as tentaçoens, e perseverança para as virtudes. Dispendia largas esmolas em beneficio dos orphãos, amparo das donzellas, e soccorro das veuvas.

Foy profundo venerador das familias religiosas, e fez altissimas deligencias, para que viessem fundar conventos nesta provincia, de que foi terceiro donatario. A maior parte das suas rendas dedicava com generosa profusão em obsequio da divindade; eternos obeliscos desta liberalidade são varios templos, qué edificou. Sendo nomiado por El Rey D. Sebastião, enfermeiro mor do exercito, com que passou no anno de 1578 ao campo de Alcacer, depois de ter recebido onze penetrantes feridas nas partes mais nobres do corpo, foy conduzido do campo quasi agonisante em hum carro ate a cidade de Fez, onde para ser curado das feridas lhe tirarão vinte ossos, de cuja violenta operação, que durou o largo espaço de sete mezes, tolerou com heroica paciencia horriveis dores. Como a cura foi tarde, já o corrosivo das materias havião feito irreparavel o damno dos nervos, e ainda que pode com seu disvelo a cirurgia conservar a vida, não alcançarão seus remedios, a embaraçar que não ficasse baldado em extremo tão lastimoso, que hũa das pernas feridas ficou com notavel encolhimento muy desigual a outra, e corcovado todo corpo de sorte, que em duas moletas podia mover-se com muita dificuldade, e trabalho. Sobre ellas andou tres annos, e quatro mezes, e no fim delles dexou hũa em 23 de abril de 1582 pendente do altar de Nossa Senhora da Luz para memoria do beneficio, que da sua maternal clemencia recebera. Foy muy singular na devoção de Maria Santissima, e favorecido de Deos com o dom da profecia. Havia comprado na cidade de Evora hum cavallo ruço, forte no trabalho, ligeiro na carreira, bem criado, bem pensado, leal a seu dono, docil, e alentado; por cujas boas partes foy gavado a El Rey, que entrou no dezejo

de o possuir, e para o poder alcançar se fizerão grandes deligencias, sem lhe dar a saber quem o pertendia, com ordem para que lhe dessem quanto dinheiro elle pedisse, ao que não differindo se deu ordem a fidalgos, que lhe dissessem como El Rey dezejava aquelle cavallo, parecendo lhe que isto bastasse para lho offerecer; porem não bastando, lhe mandou El Rey rogar pelos mesmos, que lho vendesse, a que resistio com desculpas. Crescendo em El Rey a vontade com as dificuldades, cara a cara lhe disse que lho vendesse; ao que Jorge de Albuquerque respondeu: senhor, não quero vender a V. A. o meu cavallo, V. A. he rey poderoso, e pode mandar vir do fim mundo quantos cavallos quizer, e eu senhor quero este para servir a V. A. com elle, e podera ser, que vos tenhaes por mais bem servido em outra occasião, do que se agora vo-lo desse. Esta profecia calificou o effeito quando perdida a batalha, e desbaratado o nosso exercito deo o mesmo cavallo a El Rey para que nelle se salvasse; dizendo lhe, que para aquella occazião o guardara. Cazou duas vezes a primeira em 18 de dezembro de 1583 com D. Maria de Menezes, sua segunda prima, filha de D. Pedro da Cunha, e D. Maria de Menezes, de quem teve hũa unica filha. Por morte de sua mulher sucedida a 12 de mayo de 1585, passou a segundas vodas a 25 de novembro de 1587 com D. Anna de Menezes irmãa da Duqueza de Leiria, Marqueza de Villa Real, filha de D. Alvaro Coutinho, filho de D. Francisco Coutinho Conde de Redondo, e Vice Rey da India; e D. Brites da Sylva, de quem teve a D. Brites de Albuquerque, Duarte Coelho de Albuquerque, Marquez de Basto, Conde, e Senhor de Albuquerque, gentilhomem da camera de Felippe IV e do seu concelho, e Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco, general das armas do Alentejo, e Conde de Alegrete. Entre as virtudes que exactamente cultivou, se distinguio na continencia, conservando por toda vida inviolavel fe ao thalamo conjugal. Ainda que molestado de continuos achaques, nunca cessava de orar mental, ou vocalmente, sendo estas as armas com que por diversas vezes triunfou das astucias do demonio.

Cumulado de insignes virtudes depois de receber com ardente piedade os sacramentos, passou ao descanço eterno em idade provecta. A tão insigne varão dedicarão grandes elogios muitos escritores, e alguns lhe dão o titulo de santo, como affirma o padre Jozé Pereira Bayão, no Portugal cuidadoso, e lastimado, Liv. 5. Cap. 35. pag. 700. col. 1.

## CAPITULO 20

### MEMORIAS DE OUTROS PERNAMBUCANOS QUE ILLUSTRARÃO A PATRIA COM SANTOS PROCEDIMENTOS

162. O irmão Manoel João, nasceo na cidade de Olinda, servio com valor na guerra contra os Olandezes, e restaurada a patria se determinou a fazer viva guerra aos inimigos da alma. Com heroica valentia trazia a rebeldia da carne muito sugeita as estreitas leys do espirito a golpes de rigorosas penitencias. Para melhor se defender dos asaltos do inimigo commum, se encastellou no convento de Nossa Senhora da Penha de França de religiosos barbadinhos do Reciffe, onde servindo como donato, se fez exemplar de perfeiçoens religiosas. Nesta virtuosa palestra não teve outro modo de vida, mais que o levantar se muy cedo *a fazer oração mental, acabada ella, ouvia de joelhos todas as missas*, que se dizião na igreja, sem nunca se encostar a couza algũa, todo o tempo, que lhe restava dos officios de humildade, em que servia ao convento, como se fora escravo, gastava em oração. Na abstinencia foy excessivo, na caridade ardente, e na devoção de Maria Santissima fervoroso. Nestes virtuosos ministerios perseverou ate contar cento, e quatro annos de vida, e com morte feliz foi receber o premio de seus merecimentos no dito convento no anno de 1704.

163. No lugar de Ipojuca nasceo, e viveo Antonio de Castilho igualmente nobre, que virtuoso. Foy de hũa vida innocente, e tão penitente, que nem nos ultimos dias deu a seu corpo o alivio de tirar *os cilicios, com que o trazia sempre apertado, nem consentio que o deitassem* em cama, pois sempre descançou sobre hũa taboa, com hũa pedra por cabeceira. Sendo acometido da ultima infirmidade, preparou-se com os sacramentos, e com muitos actos de piedade passou desta vida mortal para a eterna.

164. As virtudes deste servo de Deos imitou Fernão Gomes de Abreu, natural de Ipojuca, e morador no lugar, chamado Henrique, em terras do Engenho da Pindobinha. A fama das suas virtudes obrigou aos que asestirão a sua morte, entenderem, que estava em extasis, e não morto, e nesta concideração esteve tres dias insepulto, cõservando-o Deos incorrupto para credito da sua virtude.

165. Antonio Velho da Gama, filho do capitão Julião de Oliveira, cavalleiro na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria da Gama, viveo no lugar, em que está situado o Engenho de Gorjahu de sima, de que era senhor seu cunhado o capitão Bento Gonçalves Vieyra.

Foy em todas as suas palavras, e obras exemplarissimo, nos jejuns muy continuo, e tão austero, que os mais erão de ervas, e legumes. Muito dado a oração mental, de sorte que pela continuação de estar sempre de joelhos, se lhe formarão nelles duas chagas, que forão cauza da sua morte. Predisse o dia em que havia passar desta vida caduca para a perduravel, e preparado com todos os sacramentos, entregou placidamente o espirito a seu Creador.

166. Manoel Alveres Correa, nasceo na provincia da Parayba no lugar, em que está situado o Engenho do Espirito Santo, e forão seus pays o capitão Bertholameu Alveres Correa, e sua mulher Maria Corrêa, que igualmente erão nobres, e virtuosos. Cazou no Cabo de Santo Agostinho com Izabel de Medeiros, filha do capitão de infantaria Francisco de Linhares, descendentes de nobres familias.

Teve filhos, que educou em temor, e amor de Deos. Foy de honrados procedimentos, e de custumes louvaveis, e de hum genio muy sincero, e candido. Tão amigo da verdade, que nunca se lhe ouvio hua mentira, nem se queria capacitar que outro a fallasse. Era muito esmoler, e devoto das almas do purgatorio, frequentava os sacramentos com grande reverencia, e ternura, e em todas as suas obras mostrava muito amor a virtude.

Carregado de annos, e merecimentos cahio enfermo, e julgãdo os assistentes ser lhe chegado o termo da vida chamarão o padre Antonio da Costa Nogueira, que prezentemente ocupa com grande credito da sua caridade o lugar de capelão mor do hospital do Reciffe, para lhe assestir na hora da morte. Depois que lhe agradeceo o zelo, com que vinha ajudallo naquelle terrivel tranze, lhe pedio se retirasse, dizendo: não ser chegada a hora, que elle o chamaria quando fosse tempo.

Passados oito dias, quando os medicos affirmavão estar livre do perigo, disse elle chamassem ao dito sacerdote, e tanto que o vio, lhe disse: he tempo meu padre de sahir a minha alma das prizoens deste corpo, ajude-me a fazer esta viagem. Estando já nos ultimos parocismos da vida, tendo nas mãos hum santo crucifixo o inclinou a seu peito, e o senhor despregando os braços, e pez da cruz se abraçou com elle, e nestes amorosos affectos acabou a vida com tanto socego, como se se entregara a hum doce sono em de junho de 1745. Jaz sepultado na parochial igreja de Santo Antonio do Cabo.

167. Paulo Leitão de Versoza, nasceo no lugar de Ipojuca, tão nobre por geração, com illustre por virtudes. Cazou com hûa donzela, em quem concorrião as prendas de nobreza, virtude, e fermosura, que fazem ditozo este estado, no qual se portou exemplarmente, vivendo em mutuo vinculo de amor, unido com sua consorte. Tiverão frutos de benção, e applicarão grande disvelo em educallos com santa

doutrina. Ficando veuvo se consagrou de todo a Deos. Seo jejum era continuo, o sono muy escasso, porque a dureza da cama, lhe permitia pouco tempo para o descanço. As disciplinas erão crueis, o silicio perpetuo, e a oração perenne, sendo a materia das suas meditaçoens a vida, e morte de Christo senhor nosso, de cujo sagrado exemplar copiava com diligente applicação muitas perfeiçoens. Com agrado, e piedade attendia as necessidades do proximo, doendo-se dos seus trabalhos, mais que dos proprios. Cheyo de dias, e merecimentos teve celestial avizo, de que se chegava o termo ditoso, de que sua alma rompesse as pezadas prizoens da carne, para voar ao ceo. Recebidos com muita ternura os sacramentos, fez a seus filhos hûa fervorosa exortação as virtudes, e vendo-os em summa desconsolação pela sua falta os alentou a conformidade, e abraçado com hum santo crucifixo acabou a carreira da vida com ditosa tranquilidade, deixando de suas virtndes gloriosa fama. Seu veneravel cadaver se entregou a terra na igreja do convento de S. Francisco de Ipojuca debaixo do coro para a parte do evangelho. Passados muitos annos abrindo-se o seu sepulchro se achou incorrupto, e trattavel, e com todos aquelles sinaes que custumão ter aquelles corpos, que Deos conserva inteiros em premio de terem sido virtuosa morada de hûa alma santa.

## CAPITULO 21

### ACÇOENS LOUVAVEIS, E SANTAS OBRAS DE DOUS HOMENS PARDOS, E DOUS PRETOS

168. Jozé Pereyra, homem pardo, conhecido pelo nome de Jozé santinho, nasceo na cidade de Olinda, onde teve por pays hum homem branco, e hûa mulher preta escrava do doutor David de Albuquerque, e de sua mulher D. Anna Joanna Pereira. Desde os annos juveniz deo pronosticos certos de sua futura santidade, sendo muito inclinado a actos virtuosos. Era muito humilde, modesto, recolhido, devoto, obediente a seus amos. Todos os dias ouvia missa, a que asestia com muita devoção, frequentava os sacramentos, e gastava o tempo, que lhe restava de trabalhar no officio de sapateiro, a que o applicarão, em devotos exercicios. Foy insigne na virtude da castidade, conservando-se por toda vida em enteireza virginal purissimo. Esta virtude lhe negociou o implacavel odio dos demonios, que com todo o esforço de suas mas artes intentarão apagar o incendio do amor divino, que ardia em seu coração, mas o servo de Deos com as invenciveis armas da humildade, abstinencia, e mortificação dos sentidos, desbaratava todas as maquinas da sua infernal soberba. Foy a sua vida se se mede pelo

computo dos annos muy breve, se pelo das virtudes muy larga, porque viver bem, he viver muito. Na clausula de vinte e tres annos se encerrou sua vida, e em idade tão breve viveo seculos de virtude. Faleceo com os sacramentos, e com muitos actos de piedade em dous de abril de 1751, e por insinuação de seus confessores foy sepultado com coroa, e palma na parochial igreja de S. Pedro Martyr da cidade de Olinda, em sinal da victoria, que alcançara do mundo, diabo e carne.

169. João Henriques, preto crioulo escravo do insigne conego João Maximo, arcediago da sé de Olinda, illustrou a escuridade de seu sangue com o esplendor das suas virtudes; na virtuosa eschola de seu amo estudou a ser perfeito, sendo inseparavel companheiro dos seus immensos trabalhos. Tinha por unica diversão dos ministerios de captivo, o rosario, e a oração, negando-se a todos aquelles divertimentos, em que perdem tempo outros pretos, e estava tão embebido neste devoto emprego, que nem dormindo descançava da sua devota tarefa: virão-no muitas vezes em sonho mover os labios, e pronunciar a pedaços as oraçoens, e sendo muy natural o sonhar como se vive, dava a entender nos effeitos do seu sonho, que alhea estava sua alma dos cuidados da terra, e que entranhada nas delicias do ceo.

Morto seu senhor, e deixando-o liberto, se recolheo no hospital da Soledade, onde o seu exercicio mais ordinario era assestir a cura, e serviço dos enfermos, applicando-se aos ministerios mais baixos, e a limpeza dos vazos immundos. Officioso, e compassivo consolava os leprosos em seos asquerosos achaques, exortando-os a que com a conformidade, e paciensia os fizessem aos olhos de Deos preciosos. Perdeo a vista dos olhos, e sentindo-se privado do mais nobre sentido para não passar ociosamente o tempo, valendo-se dos olhos alheos continuava em trabalhar acarretando agoa, e lenha para gasto do hospital. As horas desocupadas gastava na igreja ouvindo muitas missas, e assestindo ao rosario, e ladainha da senhora, que todos os dias se cantava neste devoto santuario; não desestindo de afligir sempre o corpo com asperas disciplinas, e austeros jejuns. Chegou a hua idade decrepita, e vendo-se descahido de forças, e que era chegado o termo da vida, se preparou com os sacramentos, e entregou placidamente seu espirito nas mãos do seu creador.

170. Antonio de Brito, crioulo forro, viveo alguns annos esquecido da sua salvação, convertido ao caminho da penitencia as fazia muito grandes em satisfação das suas culpas. Cobrio-se de asquerosas chagas, e vindo para o hospital do veneravel padre Antonio Manoel Felix, era hum vivo exemplar de paciencia, e conformidade com a vontade divina. Não podendo a natureza com o pezo de tantos achaques cahio de cama, e a molestia, que nella mais sentia, era não poder

frequentar tantas vezes os sacramentos da sagrada comunhão, que as penitencias, e exercicios espirituaes os fazia na cama. Chegou finalmente aos ultimos parocismos da vida, e depois que tomou o santissimo viatico, passou o tempo, que lhe restou em coloquios com Christo crucificado, a quem placidamẽte entregou seu espirito no anno de 1714.

171. O humilde servo de Deos, Irmão Ignacio, homem pardo, nasceo no Reciffe, e forão seus progenitores Domingos de Sa e Sylva, e Catharina Gonçalves de Azevedo, filha de Manoel Gonçalves de Azevedo, que sendo pardo os seus merecimentos lhe agenciarão o posto de capitão de artilharia, e de capitão mor da provincia do Rio grande, era irmão do doutor Domingos de Sa, e Sylva, advogado da caza da suplicação, que em Lisboa adquerio grande nome pela sua insigne literatura, e sobrinho do doutor Manoel Gonçalves de Azevedo, de quem se diz, fora eleito bispo de S. Thome, no reynado do serenissimo rey o senhor D. Pedro segundo. Movido o irmão Ignacio, que no baptismo se chamou Pedro, e mudou o nome quando foi chrismado, de superior impulso, se auzentou da caza de seus pays na florente idade de dezoito annos. Procurando o seu espirito a solidão para totalmente se dedicar a contemplação das delicias celestiaes, encaminhou seus passos para o certão do rio de S. Francisco; em hum logar dezerto, edificou hua caza de barro disposta de sorte que fosse mais sepulchro, que morada de hum vivente, onde vestido de saco, e cingido com hua corda *fazia vida eremitica, servindo-lhe as ervas do campo* de alimento, a terra nua de cama, e hua pedra de cabeceira.

Neste solitario domicilio viveo dez annos sem fallar a outra pessoa que a hum virtuoso sacerdote, que lhe administrava os sacramentos; em todo este tempo não mudou roupa, nem fez a barba, nem cortou as unhas, molestado das forçosas immũdicias do cilicio, tormento que por ser amante da limpeza, e aceyo lhe ficava sendo mais sensivel, e penoso. Do seu retiro, e penitencias estava aquelle certão com grande edificação, e tinhão os seus habitadores feito grande conceito das suas virtudes, mas ao servo de Deos fazião summa dissonancia os aplausos, e temendo encontrar nellas algum perigo se resolveo a deixar aquella habitação. Passou para a provincia de Sergipe del Rey, onde assestio alguns annos sem affroixar em seus penitentes exercicios. Deste lugar se mudou para a Bahia, e nesta grande cidade apareceo vestido em hum saco pardo muy remendado, e grosseiro; a barba, e cabello muy crescidos, e emmaranhados, palido o rosto, os pez descalsos, a cabeça sempre descuberta, e sacrificado alegremente nas aras da pobreza, vivia de esmolas; reservando porem a melhor, e a maior parte de tudo quanto chegava as suas mãos para repartir com outros pobres.

172. Para que tivesse impressos em sua memoria tão vivamente os

mysterios dolorosos de nossa redempção, que nem divertido a exteriores ocupaçoens os perdesse de vista, trazia hũa cruz ornada com todos os martyrios da paixão de Christo bem nosso.

O augustissimo sacramento do altar, misterioza cifra das maravilhas de Deos, e de seu infinito amor emblema maravilhoso, era dulcissimo, e delicioso objecto de seus ardentes affectos. O intenso ardor, com que adorava a Christo sacramentado, se fazia patente pelos olhos derramando muitas lagrimas, quando o recebia em seu peito. Estando exposto em algũa igreja se não apartava da sua prezença adorando-o com summa reverencia, e entranhavel devoção. Apenas fazião os sinos signal de que o senhor sahia fora a vizitar algum enfermo, arrebatado seu coração de hum espirito fervoroso sahia correndo pelas ruas da cidade, e rompia seu affecto em amorosas queixas, se não chegava a tempo de o acompanhar, o que lhe succedia em occurencia de sair o senhor em duas, ou mais freguezias. O zelo da salvação das almas o levava a pregar pelas praças, e ruas penitencia. Para que as suas vozes (que trasião até no som pavor, e assombro) fizessem maior impressão nos coraçoens adormecidos na culpa, fazia as suas pregaçoens no silencio da noite. A materia era excitar a penitencia dos peccados, intimando da parte de Deos aos obstinados, que os castigaria o senhor com horriveis estragos, e dava fim aos seus discursos dizendo em tòm funestissimo: Ay de ti infeliz, e miseravel peccador, se desprezando os avizos de Deos, e sua palavra te obstinas cegamente em tuas enormes culpas. Ay de ti se arrependido não acodes as aras da misericordia divina, verás sobre ti as iras da sua justiça. Ao principio erão ouvidas suas vozes com desprezo, porem vendo os moradores da Bahia a sua summa pobreza, a austeridade do seu habito, a mortificação dos seus sentidos, e a modestia, e compostura das suas acçoens, e palavras, conhecerão a virtude por seos proprios sinaes, e o tratarão com piedades, sem contradiçoens. Muitos peccadores se aproveitarão das suas advertencias, e com a reforma da vida emmendarão seus desmanchos. Da efficacia das suas pregaçoens faz prova singularissima o seguinte successo.

Havia naquella famoza cidade certo sugeito menos ajustado a modestia de custumes, que pedia o seu estado. Com a comunicação de hua mulher, foy fomentando em seu coração hum amor tão torpe, que brevemente veyo a castidade a ser victima infeliz de tão impuro fogo. Entre estes incendios viveo alguns annos, e ja reduzido o voto, que fizera a Deos, a cinzas, se lhe hia tambem queimando a opinião; quando acodio o irmão Ignacio a apagar aquella chama; ou porque sabia o estado daquelle miseravel, ou que Deos o levasse para aquella parte, onde pudesse ser ouvido do dito peccador, todas as noites lhe pregava penitencia.

Não se dava por convencida a sua obstinação, ate que clamando em hua noite com tom funestissimo, dizia: Ay desaventurado de ti, e como temo que as relaxaçoens da tua vida te levem ao inferno, por meyo de hũa morte repentina.

Poz o Senhor tanta eficacia nestas vozes do seu servo, que de tal sorte penetrarão o coração daquelle peccador, que lhe parecia ver armado o ceo de rayos, e que a mesma terra se hia já abrindo para o tragar vivo. O fogo sensual, em que se abrazava se converteo logo em agoa, que aly em correntes lhe sahio pelos olhos. Retirou-se para sua caza, correo sequioso a sagrada fonte do sacramento da penitencia, onde lavou as feas nodoas, que tanto lhe tinhão inficionado a sua alma, e soube daly por diante restaurar penitente o que tinha perdido peccador.

173. Ainda que as suas palavras erão eloquentes para desterrar vicios, muito mais o erão os exemplos da sua virtude. A cama em que dormia, era precisamente hua taboa, ou a terra nua, em que sempre se deitava vestido; a sua refeição limitada, e de manjares grosseiros, a que ajuntava cinza, e couzas amargosas, com que martyrisava o apetite. A continua oração, em que gastava muitas horas era sempre de joelhos. Todos os domingos, e festividades se confessava, e comungava com ternissima devoção.

Era summamente caritativo com os pobres, e tão humilde, que se admirava de que ouvesse quem delle tivesse compaixão, supondo de si que só merecia ultrajes, affrontas, e injurias. Ao duro golpe de penitencias rendeo a natureza as suas forças, e o reduzio a tão extrema fraqueza, que parecia hum vivo esqueleto, mas sem afroixar os rigores erão no fim da sua vida os voos do seu espirito a Deos muy frequentes, e impetuosos. Acodia todos os dias a ajudar os que trabalhavão na edificação da igreja do santissimo sacramento, alem do Carmo; e pedia aos administradores daquelle magnifico templo o acabassem com brevidade, porque elle seria o primeiro, que nelle se enterrasse; e tanto tempo se demorasse, outro tanto estaria privado de sair do desterro desta miseravel vida.

Acabada a dita igreja se foy a caza de hua honesta matrona, pediolhe agasalho dizendo: vinha a morrer na sua caza; porque lhe restavão poucos dias de vida. Pasmava a devota matrona vendo a inteireza, com que dezia, e despunha de seu enterro, hum homem, em quem não via sinal algum, que pudesse persuadir o ultimo aperto; porem como as muitas experiencias de seu elevado espirito lhe tinhão ganhado a piedoza afeição para a fé de seu pronostico, chamou o confessor, com quem fez confissão geral de suas culpas com muita copia de lagrimas, tomou por viatico o santissimo sacramento, em cuja recepção gosou sua alma inefaveis duçuras. Acabadas estas devotas funçoens,

passou toda noite em coloquios espirituaes, e ao romper o dia seguinte, crusados os braços, e postos em elevação os olhos entregou a Deos seu espirito, pronunciando os santissimos nomes de Jesus e Maria no anno de 17.. quando contava settenta annos de idade. Sabida na cidade a noticia, de que era falecido o servo de Deos irmão Ignacio, concorreu o melhor della com multidão do povo, porque a sua virtude o tinha no coração de todos para a veneração. O seu corpo ficou flexivel e com o rosto tão alegre, como se estivera vivo, deo-selhe sepultura na igreja nova do santissimo sacramento, e sendo o primeiro, que foy enterrado na dita igreja, se verificou a sua profecia. Manoel da Rocha, morador na provincia do Piahuy, diz, ser o irmão Ignacio seu irmão, por serem ambos filhos de Antonio da Rocha, posto que havidos em diversas mays, acrecenta fora nacido no lugar da Torre de Garcia de Avila, fora casado, e por morte de sua mulher passara para a cidade da Bahia onde em exercicios de virtude acabara a vida. Não seguimos esta noticia por ser constante que Pedro de Sa depois que no certão se exercitou em rigorosas penitencias, fugindo os aplauzos que lhe havião agenciado as suas virtudes passou para Sergipe del-Rey onde mudando o nome viveo desconhecido.

Affirma com juramento hum seu sobrinho que indo a Bahia o conhecera, e tratara, e o mesmo certificão outras pessoas.

## CAPITULO 22

### DE MUITOS INDIOS NATURAES DE PERNAMBUCO QUE FLORECERÃO EM SANTIDADE

174. Em hua náo, que da Parayba navegava para Lisbôa, fazião viagem quatro indios de idade tão tenra, que o mais velho so contava treze annos, e o mais moço apenas tinha sete. Na altura de Lisboa foi o baixel acometido de hum navio de mouros, e não tendo forças para se defender, foi rendido. Em novembro de 1690 tomarão terra os captivos em Marrocos, para no mar da escravidão, sulcarem as ondas das mayores tormentas. Forão todos postos na prezença do rey Muley Ismael, que mandando retirar os mais captivos, ordenou ficassem no seu palacio os quatro meninos brasilianos. Começou a tratallos com excessos de amor, sinais de extimação, e muitas promessas cheas de encarecimentos, persuadindo-os com caricias, e afagos, que deixassem a ley de Christo, e abraçassem a de Mafoma. Em poucas palavras responderão dizendo: Que primeiro perderião a vida, que deixar a fé de Christo, que professavão. Vendo o tirano que com traças, e artificios não podia dobrar a constancia dos valerosos meninos, procurou

conseguillo com rigores. Mandou que com tiras de couro cru torcidas fossem rigorosamente açoutados, e sendo-o com extrema crueldade, insensiveis aos golpes da tirania, a cada açoute dizião: somos christãos pela graça de Nosso Senhor Jesu Christo. Vendo-se os illustres meninos com tão abundantes primiças de seu dezejado martyrio, levantarão as vozes animosos, pregando as verdades de nossa santa fé, e abominando os enganos do falso profeta. Cansarão os verdugos depois que a carne despedaçada abria portas para que sahissem as entranhas, e vendo el-rey que sua constancia cansava aos tormentos, os entregou a hum eunuco, para que a poder de tiranias os obrigasse a seguir sua maldita seyta. Tomou o mouro com tanto empenho o preceito de seu principe, que chegou a exceder os mesmos excessos da crueldade. Tres dias os teve fechados em hũ escuro aposento, sem companhia, e sem lhes dar algum alimento, mas vendo, que confortados com a graça divina, cada vez estavão mais fortes, e robustos; prezos pelas gargantas com hũa corda os arrastava por lugares escabrosos, e immundos. Depois deste tormento lhes deo tantos, e tão crueis açoutes, que ficaráo todas as suas carnes rasgadas, e seus corpos cobertos de copioso sangue. Assim feridos e maltratados os obrigava a carregar grandes cestos de terra, que não podião suportar suas forças, sendo acompanhado este tormento com o de muitas pancadas, que lhes davão outros mouros. De noite erão carregados de prizoens, donde os vinhão ver os filhos do rey, e outros moços, e com páos, ferros agudos, e penetrantes espinhos, com que os lastimavão, compunhão o seu dezenfado; mas os bemditos meninos rindo-se do rigor, e zombando dos tormentos, achavão nos espinhos rosas, nas dores delicias, nos opprobios honras, e nas affrontas victorias.

175. Era o mais pequeno dos quatro meninos, chamado Jozé, o alvo em que a crueldade mais empregava suas forças, vendo sua maravilhosa constancia despedião nelle os rayos da indignação, multiplicando tormentos.

Separado dos tres companheiros o carregarão de prizoens, e maos tratamentos, e atando-o pelas mãos o pendurarão de hum alto muro dizendo; que se aly não renegava da fé, o deixavão cahir despenhado; ao que respondia: Que outra couza será esse que chamais precipicio, se não hum voo para a gloria. Repetião os algozes: ou mouro, ou morrer, e elle respondia: morrer ou mouro, tudo he o mesmo. Não podendo reduzillo com meyos tão inhumanos lhe puzerão por força o turbante, que elle arrojava de si com indignação santa. Vestião-no de mouro, e dizia-lhes: Que importa a força, com que me obrigaes a parecer o que não sou, se sou, e serey sempre verdadeiro christão. Cansados de atormentar o bemdito menino, o entregarão a hũ mestre do

alcorão, para que o doutrinasse em sua falsa seyta, e com novas caricias o persuadisse a seguilla. Tomou o mouro a seu cargo este empenho, e depois de lhe fazer muitos afagos lhe disse: não quizesse malograr seos tenros annos, que seguisse a ley de Mafoma, e teria toda sua vida delicias, e conveniencias. O santo menino lhe respondeo: tu te lastimas de meus poucos annos, e eu me lastimo da tua cega obstinação, pois nella te espera hua morte eterna, e em minha morte temporal padecida pelas verdades infaliveis de minha santa fé, tenho assegurada húa vida inteiramente gloriosa. Continuava o mestre a persuadillo, dando lhe liçoens da sua seyta, porem o douto menino não aprendendo erros, lhe ensinava verdades, e desenganos. Não descobrindo já meyos para vencer a sua constãcia deu conta a el-rey do pouco fruto das suas deligencias, o qual mandou o puzessem, e a seus companheiros com os mais captivos ao trabalho. Forão levados ao convento de S. Francisco de Marrocos, para serem curados das muitas chagas que abrirão em seus corpos rigorosos açoutes. Os tres mais velhos convalecerão depois de muitos dias, ficando firmissimos na fé, e com hua santa inveja do menino Jozé, que não podendo resistir ao rigor da crueldade, com que o tratarão aquelles barbaros entregou sua bemdita alma no seguinte dia nas mãos do Creador, e sahio desta vida a lograr a coroa merecida pelo martyrio.

176. Em grandes tropas descião muitas vezes indios dos certoens para serem doutrinados nos lugares onde residião padres, que se occupavão na conversão, e doutrina de outros indios. Socedeo por alguas vezes serem asaltados de barbaros seos contrarios, em cujos improvisos asaltos erão roubados, feridos, e mortos muitos delles.

Quaes esforçados machabeos davão a vida temporal com alegria, protestando, que em fé do sagrado bautismo, que dezejavão, querião e vinhão buscar, morrião com firme esperança de conseguir a eterna vida. Abrazados nos dezejos do amor divino, e sequiosos das salutiferas agoas do sacramento, dizião a seus inimigos: Matai-nos, e comei-nos embora como famintos, e raivosos caens, que nossas almas hão de ir ao ceo, que promete Deos aos que deveras o amão.

177. Com extremada constancia sofreo innumeraveis tormentos hum nobre indio parente de D. Diogo Pinheiro Camarão. Pertendeo hum ministro holandez, reduzillo a seguir o seu partido, e errada seyta; e não podendo dobrar sua constancia com caricias, e promessas, o quiz vencer com rigores. Tratou-o com suma crueldade por muitos dias tendo-o em apertada prizão, mas vendo que cada vez se mostrava mais forte, forão tantos os açoutes, que lhe deo, que nelles acabou a vida para merecer eterna gloria.

## CAPITULO 23

### DE OUTROS INDIOS, QUE FLORECERÃO EM SANTIDADE

178. Os indios de Pernambuco, que como temos dito, erão os mais esforçados politicos, e entendidos sobre todos os mais indios, que habitavão as vastissimas terras do Brazil, não cessavão de inviar seos embaixadores, pedindo aos ministros do evangelho, quizessem ir a suas aldeas denunciarlhes a palavra de Deos. Recebião os padres com as maiores demonstraçoens de alegria, e contentamento. Era a multidão grande, e os obreiros poucos, e para poder suprir esta falta, escolhião alguns para serem primeiro cathequisados, e depois mestres dos mais. Instruidos na fé, sahião pelos lugares, e pelos campos annunciando a ley evangelica, com grande exemplo, e conversão de seus parentes, e patricios. Leonardo do Valle, e Gaspar Lourenço, e outros indios tabayaras, em companhia do padre Leonardo Nunes jesuita, obrarão maravilhas no ministerio da pregação da ley de Deos, sendo huns dos grandes sugeitos, que pelos annos de 1550 florecerão em santas, e virtuosas obras.

179. Foy de espiritual consolação a conversão de hum indio chamado *Pirigoa Obyg, tão entrado em annos*, que pelas suas contas vinhão a ser cento e trinta. Desceo dos certoens a impulsos do fervor, com que dezejava alistar-se nas bandeiras de Christo. Pedio instantemente a hum padre da companhia lhe concedesse com toda pressa aquella agoa, com que lavava os filhos de Deos, porque elle por não morrer sem ella, tinha deixado o certão, e passando gravissimos incomodos vinha a seos pez para conseguir o bem, que ardentemente dezejava. Entrou o padre em desconfiança, que a extrema fraqueza, em que estava, lhe perturbaria o intendimento, para não perceber bem os misterios da nossa santa fé; mas apenas o começou a instruir, conheceo que tanto penetrava os pontos da instrução, que mostrava, mais que ordinaria capacidade. Propunha lhe o misterio hũa só vez, e ficavalhe impresso nalma. Sobre o misterio da encarnação do filho de Deos, reparou muito, em que a senhora ficasse virgem depois do parto, e se alegrava de ouvir as razoens da especial prerogativa de may de Deos. O misterio da ressurreição se lhe imprimio no coração com tanto jubilo da sua alma, que o repetia a cada passo, e chamava seos filhos, e netos, que o acompanharão nesta jornada, e com toda efficacia, e fervor lhes ensinava aquelles misterios, que do padre tinha aprendido.

180. Bem instruido, e disposto foy levado em hũa cadeira a fonte

da Graça, e sendo perguntado o que pertendia, respondeo: Que ser lavado naquella agoa que levava ao ceo, porque de continuo cuidava na ira, com que Deos havia de vir julgar aos homens, para dar o *mericido premio* aos bons, e castigo aos maos. Que detestava sua vida passada, que por falta do conhecimento da verdade, commettera muitos peccados, de que muito se arrependia, e a Deos pedia o perdão. Foy bautizado, e ao tempo que lhe lançarão a agoa rompeo em copiosas lagrimas, e sentidos suspiros. Perguntado pela cauza, respondeo: Que porque lhe lembrava que os seus maiores se forão ao inferno, sem chegarem a lograr aquelle bem, que elle tendo sido tão grande peccador estava logrando.

181. Sentia, e sentia com muita razão, este illustre indio a condemnação eterna de seus maiores; mas parece que nem porque os indios do Brazil viverão pelo espaço de muitos seculos, sem as luzes do evangelho, deixarião de exprimentar grandes mizericordias da bondade divina, e da piedade de Deos, que não permitiria que toda a immensa vastidão de almas de hum mundo inteiro, até a vinda dos pregadores evangelicos ouvesse de perder-se todas, sendo certo que morreo Christo por salvallas, e quer Deos que todas se salvem.

182. Primeiramente se o Brazil foy povoado (como alguns auctores affirmão) por Ophir indico, filho de Iectan, neto de Heber, filho de Sale, neto de Cainam, filho de Arphaxad, e neto de Noe, foy a sua povoação pelos annos de 45, depois do diluvio, em cuja segunda idade do mundo vivião os homens na ley natural, sem haverem cahido na impiedade da idolatria que tanto offendeu a unidade de Deos; porque Thare pay de Abrahão, e Nacor forão os primeiros, que adorarão os idolos pelos annos de 2040 da creação do mundo, 384 depois do diluvio. Neste suposto vivirião os habitadores do Brazil na ley natural, e nella se podião salvar todos os que observassem a dita ley. Tambem he certo, que na confusão de tantos seculos, quando a nossa America estava escondida, e antes que a ella passasse o apostolo S. Thome, ou outros pregadores, os homens desta região vivião ordinariamente nas trevas do seu gentilismo com ignorancia invencivel da fé divina, e por conseguinte sem peccado de infidelidade porque ouvessem de ser condemnados. Esta resolução he recebida dos melhores, e mais pios doutores com santo Thomaz secunda secundæ quæst. 10 art. 1. E a razão he clara; porque estes homens não tiverão conhecimento algum da fé, nem souberão que couza he revelação; logo não podião peccar contra o preceito da fé, que não sabião. He o que diz S. Paulo ad Roman. 10. Quomodo credent, si non audierunt, aut quomodo audient sine prædicante. Para que a ley obrigue he necessario que se promulgue: ita D. Thomas. 1. 2. quæst 90, artic. 4. donde diz: Promulgatio ipsa necessaria est ad hoc, quod lex habeat suam virtutem. Nisto convem

todos os doutores ; porque a ley ignorada não pode observar-se: logo a ley, que obriga, precisamente hade saber-se. O meyo para saber-se he a promulgação : logo com que razão se imputara a peccado a falta da sua observancia a indios a quem nunca veyo ao pençamento obrigação da ley evangelica.

183. Podemos tambem supor que na sua gentilidade tinhão ignorancia *invensivel, não so dos misterios sobrenaturaes da fé, trindade*, encarnação, e remuneração, que são de si sobrenaturaes, e excedem o conhecimento natural do homem, mas tambem dos proprios misterios naturaes de Deos autor da natureza, como de haver Deos, ser hum so, independente, omnipotente, etc. pelo menos em alguns mais barbaros, e por algum tempo da vida. Porque estas verdades ainda que podem conhecer-se com a luz do entendimento natural, com tudo não são proposiçoens per se notas, nem primeiros principios, quanto a nos, posto que o sejão em si, e he necessaria, ou propria invenção, ou doutrina alhea. Para a propria invenção serião os entendimentos de muitos pouco capazes de especular nestas materias. Donde se dissermos que alguns por algum tempo tiverão ignorancia de Deos, segue-se que seos homicidios, adulterios, furtos, e semelhantes obras, ainda que contra o lume da razão natural, e materialmente sejão más, não são comtudo peccados mortaes theologicos, nem por elles merecião o inferno, senão outra pena temporal ; porque como não conhecião a Deos, não commettião contra elle injuria, na qual consiste o ser infinita a culpa do peccado, e merecedora da pena eterna ; antes os que entre elles tivessem ignorancia semelhante invensivel de alguns dos principios moraes (o que não repugna ao menos em alguas materias não tão conhecidas, como na simples fornicação, vingança, e semelhantes) segundo os doutores não peccarião nem ainda fisica, e materialmente, porque então nem offendião ao dictame da razão.

184. Finalmente devemos piamente supor que entre os nossos indios vivião muitos segundo a justa ley da razão, e dictame do bom, e honesto, conservando a observancia da ley natural, e estes poderião alcançar de Deos graça, e salvar-se segundo aquelle principio dos theologos : Facienti, quod in se est, Deus non denegat gratiam. E este principio poderia ter effeito tambem nos que peccassem no discurso da sua vida, se no fim della tivessem efficaz arrependimento, e lhes pezasse deveras de haver offendido aquelle que conhecessem por Deos, ou o mesmo lume da razão, porque farião o que em si era, e pode-se crer da grandeza da mizericordia do Senhor, que quer que todos os homens se salvem, lhes concederia assim arrependidos o mesmo auxilio da graça, que no primeiro cazo, para que se salvassem, o que he conforme a boa razão, e doutrina de muitos doutores.

## CAPITULO 24

### ACCOENS LOUVAVEIS DE OUTROS INDIOS

185. Entre muitos indios, que derão maravilhosas demonstrações de valor, e christandade foy hum delles o illustre Simão Soares, chamado dos seos Jagoari, tio de D. Antonio Felippe Camarão. Muito deve a igreja, e estado de Pernambuco a este illustre indio. Elle se fez companheiro dos missionarios, elle lhes fazia cazas, levantava igrejas, e fazia que todos respeitassem os ministros do Deos, e seguissem o partido dos portuguezes. Cheyo de annos, e merecimentos acabou a vida temporal para lograr na eterna o fruto das suas obras.

186. Antonio Gonçalves, indio principal da nação Caropotos ainda Cathecumeno fez maravilhosas obras, depois de bautizado reduzio a fé, e trouxe ao gremio da igreja catholica todos os indios da sua nação, trabalhando sempre por augmentar a christandade. Acometido da ultima infermidade se preparou com os sacramentos, e com hũa morte feliz deu fim a sua illustre vida.

187. No anno de 1744 era superior da missão da Caocaya o padre Rogerio Canisio da Companhia de Jesus, e estando para dizer missa lhe pedio hum indio confissão, dizendo: Padre conheço que minha vida acaba, e ja que o Senhor he servido que eu morra, lhe dou muitas graças, e a vossa reverencia pesso ajude a minha alma neste conflicto. Vendo-o o padre Rogerio sem sinal de molestia algũa, e com perfeita saude, lhe perguntou pelo motivo de asseverar a sua morte estando robusto e forte; e respondeo, que Deos lhe havia dado a conhecer o pouco tempo que lhe restava de vida, e que queria aproveitar esse em se preparar para aquella jornada. Fez a sua confissão com tanto sentimento das suas culpas, que bem mostrava obrava Deos naquelle coração predestinado; e depois de receber em seu peito o santissimo sacramento se retirou para sua caza, que distava da igreja quaze duas legoas. Passados tres dias foi chamado o dito padre para ungir, e ajudar a bem morrer hum enfermo, que era o mesmo indio de quem tratamos. Tanto que o padre chegou a sua prezença lhe disse: Não disse eu a vossa reverencia que era chegado o tempo de sahir deste desterro para a patria celestial, ajude-me a louvar ao Senhor, que com esta vil creatura uza de tantas misericordias. Recebidos os sacramentos com hum santo crucifixo nas mãos lhe entregou placidamente a sua alma.

188. Sirva de coroa a este capitulo o insigne D. Antonio Felippe

Camarão, terror dos Olandezes, assombro das suas armas, e honra dos tobayaras. Nasceo indio, porem nobre entre os indios. O nascimento lhe deo o nome de Poty (que na lingua brasilica he o mesmo que camarão) o baptismo lhe deo o de Antonio. No tempo de Mathias de Albuquerque era ja respeitado entre os seos por Maioral, com muitos dos seos soldados, e subditos o veyo soccorrer, e servir a nação, quando o nosso poder se alojava no arrayal velho, de Pernam merim. Illustre prova da fidelidade, e amor, servir a nação, e ao principe, quando os perseguia a fortuna. Em servir a igreja, e a coroa ganhou luzido credito de soldado, e religioso, tão observante das suas obrigaçoens, tão obediente aos preceitos divinos, que nunca o vio destrahido quem sempre o vio soldado. Todos os dias ouvia missa, e rezava o officio de Nossa Senhora, modesto, e devoto. Gastava muitas horas na oração, a que se applicava ainda entre os maiores estrondos da guerra. Para sair aos rebates, e para entrar nas batalhas, primeiro se fortalecia com os sacramentos, que com as armas. Nas occazioens mais arriscadas recorria ao favor divino pedindo auxilio a duas imagens do Senhor, e da Senhora que entre as roupas trazia de continuo sobre o peito. Em quanto soldado não ouve capitão mais amado, nem mais obedecido, porque não ouve capitão, que achasse mais imperio na affabilidade, que no dominio, do que este valeroso capitão. As emprezas o esperavão sempre com as victorias, e ganhou tantas victorias, quantas forão as occazioens, em que pelejou. Para o seu genio era o ocio martirio, e o trabalho descanso.

Seu nome como memorial de suas proezas, se ouvia entre os nossos com respeito, e entre os inimigos com espanto, e dilatou-o de sorte a fama, que chegou aos ouvidos do seu rey tão distante, quanto o apartavão os dilatados mares, que dividem a America da Europa.

Sem petição da sua parte o despachou com habito de Christo, titulo de dom, e o posto de governador geral de todos os indios da America, limitado premio a seos grandes merecimentos. Zelou o decoro, que se devia ao posto, que occupava com toda a circunspecção, que lhe ensinava seu claro juizo. Com as pessoas grandes, estranhas, e de respeito fallava sempre por interprete (ainda que sabia a lingua portugueza) porque entendia ser a impropriedade, e inculto das vozes fiscal do animo, e discredito da pessoa. Na arte da milicia foi insigne, na do governo claro, com os seos era facil no trato, com os superiores grave na conversação; com os estranhos affavel no agasalho, mas tão medido com todos, que obrigava amor, e reverencia. Em todo tempo, e lugar o achou o serviço de Deos prompto, e o culto dos santos liberal.

Viveo como discreto, porque soube viver para Deos, e para os homens. Morreo como bom christão, porque se soube aproveitar de

todos os remedios, que ajudão a salvação. Na vida adquirio glorioso nome, na morte mostrou que passara a eterna vida (como se pode piamente crer de hum christão, que viveo obediente aos divinos preceitos) intacto quaze do chumbo e ferro sahio de innumeraveis combates, e batalhas, e entregou o espirito a seo Creador (poucos mezes depois da victoria dos guararapes, e pouco antes do ultimo complemento da restauração da sua patria) em sua propria cama, para que lhe não faltasse a sua morte o parecer sono.

189. Do repouso do leito foy levado a sepultura, que se lhe deu na igreja do Arrayal, com a funeral pompa, que custuma a piedade, e a milicia, e com aquelle concurso, a que obrigava o amor, e o respeito. Com a grandeza possivel se lhe fizerão as exequias, sendo as do sentimento iguaes as da perda. A de seu valor choravão os cabos, os soldados a de sua disciplina; os moradores a de sua defensa; os indios a de sua honra; os soldados do seu terço a do seu remedio, trazendo-lhes a magoa a lembrança naquella hora as muitas vezes, que nelle acharão o amparo da vida, e o soccorro da miseria. Com estas memorias o não perderão da vista, quando ja o escondia a terra; porque se o não vião os olhos, se deixava ver nas lagrimas. Em todos os prezentes crescia o sentimento com a repetição das causas; e nellas achavão todos hum continuo dispertador das suas saudades.

190. Esta he a descripção, que deste famosissimo heroe faz o auctor do Castrioto Lusitano, bem merecida das suas relevantes qualidades. O excellentissimo Conde da Ericeyra no seu Portugal restaurado confessa que seria muito difficultoso achar-se outro de acçoens mais sinaladas; porque com espirito verdadeiramente catholico, e valeroso nẽ ouve acção heroica, que este incomparavel brasiliano não exercitasse, nem demonstração de christandade, que não fizesse, unindo em todo espaço da sua illustre vida, as virtudes as victorias.

## CAPITULO 25

### MEMORIAS DE MUITOS VAROENS ILLUSTRES EM VIRTUDE QUE TENDO TEMPO, E HABITAÇÃO EM PERNAMBUCO SE CONSTITUIRÃO RIGOROSAMENTE NATURAES DESTA PROVINCIA

190 (*). O illustrissimo D. Frey Bartholomeu do Pilar, nasceu na villa das Vellas na ilha de S. Jorge, bispado de Angra; na parochial igreja do Salvador foy bautizado aos 21 de setembro de 1667, forão

(*) *Numero repetido.*

seus pays João de Avilla Betancor, e Maria da Silveira. Instruido nas primeiras letras vestio o habito da illustrissima religião do Carmo no convento da villa da Horta, na ilha do Fayal aos 31 de outubro de 1686, e professou solemnemente no primeiro de novembro do anno seguinte. No mesmo convento estudou filosofia, e dous annos theologia e foy continuar esta sciencia ao Collegio de Coimbra, e fez nestas faculdades grandes progressos. Com aprovação do illustrissimo D. Frey Francisco de Lima, e de seus prelados foy eleyto para vir ler as sciencias escholasticas aos padres da Congregação de Pernambuco, onde chegou no principio do anno de 1696, e na Caza do Reciffe deu logo principio ao curso de artes, que leo quatro annos. Ensinou segunda vez esta sciencia, e depois theologia, no que gastou doze annos com grande aproveitamento de seus ouvintes, e credito do seu talento. No anno de 1720 foy nomiado bispo do Pará, e foy sagrado no dia 22 de dezembro do dito anno na santa igreja patriarchal pelo eminentissimo senhor cardeal patriarcha de Lisboa D. Thomaz de Almeida, sendo assistentes os illustrissimos D. João Cardozo Castello, arcebispo de Lacedemonia, e D. Manoel Alveres da Costa bispo de Pernambuco, que depois o foy das ilhas dos Assores. Assim no estado religioso, como de bispo exercitou insignes virtudes, que lhe gravarão no templo da fama immortal nome.

191. O illustrimo D. Frey Manoel de Santa Catharina, natural da cidade de Lisbôa, foy filho de Francisco Gomes Corrêa, e de sua mulher, Felippa de Ascenssão e Lima, nasceo aos 25 de novembro de 1656, e foy bautizado na igreja matriz de S. Julião em 3 de dezembro do mesmo anno. No collegio de Santo Antão dos padres jezuitas aprendeo as primeiras letras, e bem instruido na lingua latina, humanidades, e filosofia tomou o habito de Nossa Senhora do Carmo, no convento patrio em 28 de outubro de 1671, e professou aos quatro de dezembro de 1672. Nesta sagrad a plestra se fez insigne no magisterio das letras, e exercicio das virtudes. Regentou a cadeira de theologia moral no seu convento de Setuval, e no da villa da Horta na ilha do Fayal leo filosofia, e theologia.

Em companhia do governador, e capitão general de Angola, Antonio de Saldanha Mesquita Lobo Albuquerque, Castro, Ribafria, passou ao dito reino, onda o illustrissimo bispo Dom Luiz Simoens Brandão o nomeou provizor. A mesma occupação teve neste bispado, por eleição do illustrissimo D. Manoel Alveres da Costa, na qual procedeo em forma que se fez merecedor de huma geral acceitação. No anno de 1720 foy eleito bispo de Angola, e em 14 de julho do dito anno sagrado na Santa Basilica Patriarchal pelo illustrissimo, e reverendissimo senhor D. Thomaz de Almeida primeiro patriarcha de Lisboa, sendo assistentes

o illustrissimo D. João Cardoso arcebispo de Lacedemonia, e D. Manoel Alveres da Costa, bispo de Pernambuco. No primeiro de novembro de 1721 partio para o seu bispado, e com feliz viagem chegou ao porto da cidade de Loanda aos 19 de março de 1722, e em 22 do dito mez fez a sua entrada na forma do ceremonial dos bispos. Exercitou o officio pastoral com ardente zelo da salvação das suas ovelhas, dirigindo-as com saudaveis admoestaçoens, e virtuosos exemplos. Pelas grandes virtudes, que ornavão a este insigne prelado foy muito sentida a sua morte.

192. O veneravel D. João Duarte do Sacramento, fundador da congregação do oratorio, e bispo eleito desta diocese, assestio muitos annos nesta provincia, e nella faleceo com grande fama de santidade, como temos referido no livro terceiro, e no catalogo dos bispos de Pernambuco.

193. O religioso padre João Rodrigues Victoria, largando em Portugal patria, fazenda e esperanças, passou para esta provincia em companhia do veneravel padre João Duarte, em beneficio espiritual de portuguezes, e gentios. Exercitou incansavelmente os seus piedosos desvelos em perpetuas missoens.

Foy hum dos principaes agentes da congregação do oratorio, por dependencias da mesma congregação passou a Roma, onde mereceo do santissimo padre Clemente decimo hum paternal affecto de amor, e extimação, que entre outras notaveis graças lhe mandou dar muitas reliquias, com que se enriquece o magestoso templo da madre de Deos do Reciffe. Faleceo em Roma com grande credito de virtuoso.

194. O padre João Gonçalves, natural da Villa Franca, termo de Lisboa, na florente idade de 15 annos passou para este paiz, recebeo a roupeta de congregado no convento de Santo Amaro de Olinda, e se exercitou em raras virtudes, sendo muito penitente, zeloso, obediente, e charitativo; faleceo no mesmo convento em 8 de fevereiro de 1686.

195. O padre Thomaz de Auturim, natural de França, vindo a Pernambuco se fez congregado, e nesta sagrada palestra floreceo em letras e virtudes. Faleceo sendo preposito da caza do Reciffe em 28 de setembro de 1701.

196. O padre Manoel Rodrigues da mesma congregação foy varão consumado em raras virtudes, faleceo em 5 de julho de 1712. Hua religiosa em Portugal vio em visão que a sua alma sobira ao ceo no mesmo instante, em que sahira do corpo, no convento da Madre de Deos do Reciffe.

197. O padre Alvaro Barboza, nasceo no termo de Valdevez, arcebispado de Braga, tomou a roupeta de congregado em 12 de março de 1696, e faleceo com muitos sinaes de predestinado no convento da Madre de Deos do Reciffe em 13 de novembro de 1740.

198. No mesmo convento he plausivel a santa memoria dos irmãos Antonio Rodrigues, que tomou a roupeta no convento de Santo Amaro, e faleceo no do Reciffe aos 24 de fevereiro de 1741, Manoel Rodrigues, que entrou na congregação em 22 de junho de 1702, e faleceo em 21 de março de 1734, Bernardo de Payva, natural da cidade da Guarda, que tomou a roupeta em 7 de março de 1700, e morreo em 28 de janeiro de 1745, Domingos Alveres, natural da freguezia de S. Martinho de Lagares, concelho de Penafiel, bispado do Porto, que foy recebido a congregação em 25 de dezembro de 1714, e faleceo aos 29 de junho de 1755.

199. No dito convento descanção as cinzas do irmão Manoel da Silva, varão de insigne virtude. A modestia das suas acçoens, a mortificação dos sentidos, a affabilidade do seu trato, e a caridade ardente, lhe ganharão tanta opinião de santidade, que domesticos, e estranhos lhe tinhão hũa grande veneração. Foy favorecido de Deos, e de sua may santissima com celestiaes vizoens. Cheyo de dias, e merecimentos acabou com felicidade o curso da sua vida em 8 de janeiro de 1747. Celebrarão-se suas exequias com grande concurso de povo; que acodio aos clamores da opinião de sua virtude. O seu corpo ficou flexivel, e fermoso, e mostrando ter as veas de vivo, o picarão, e lançou sangue liquido.

200. No convento de Nossa Senhora das Neves da cidade de Olinda, faleceo em 18 de mayo de 1592, o veneravel padre Frey Francisco de S. Boaventura, *hum dos primeiros sete religiosos da provincia de Santo* Antonio de Lisboa, que passarão de Portugal ao Brazil a fundar conventos. Foy este servo de Deos em extremo penitente, humilde, pobre, obediente, e caritativo. Em vida, e morte obrou o senhor por este seu fiel servo muitos prodigios, que por taes, e por publicos são argumento irrefragavel das suas heroicas virtudes.

201. No mesmo convento he veneravel a memoria do padre Frey Bernardo de S. Clara. Depois de ter occupado na religião os lugares de guardião de tres conventos, e diffinidor, se recolheo no dito convento, onde se exercitava nos exercicios mais austeros, e humildes, renovando os primeiros fervores da sua primeira vocação. Cheyo de annos, e merecimentos passou desta vida mortal para a eterna em. . .

202. No convento de Igarassu finalizou santamente a vida no anno de *1734 o irmão* Fr. Joze de S. Maria. *Nos exercicios da vida activa* servia a comunidade officioso, e compassivo, e o tempo que lhe sobrava das precisas obrigaçoens gastava em continua oração, e meditação da vida, morte, e paixão do Redemptor. Era dotado de santa simplicidade, summa obediencia, e insigne caridade. Viveo e morreo com grande opinião, e foy sepultado no dito convento com grande concurso e veneração do povo.

203. Frey Joze de S. Antonio, religioso leigo de S. Francisco foy verdadeiro frade menor; seu habito era o mais pobre, andando sempre descalço sem admetir o uso das sandalias, nem ainda quando caminhava muitas legoas por caminhos asperos, e fragosos. Sendo no tratamento da sua pessoa muy austero, era no comercio fraternal muy affavel; na caridade para com os pobres foy excessivo, e na humildade profundo. Foy de tanta edificação, e exemplo para domesticos, e estranhos, que o ordinario modo, com que o tratavão era, chamando-lhe Frey Jozé Santinho. Acreditou o Senhor a sua virtude com o dom de profecia, e graça de fazer milagres. Acabou no convento de Olinda cheyo de meritos para a gloria, e jaz sepultado no claustro do dito convento.

204. Como o amor verdadeiro nada dezeja tanto, como transformar-se pela imitação no objecto amado, nada dezejou tanto o veneravel padre Frey João de S. Jozé, como sentir em si as dores de Chisto bem nosso, e para conseguir este singular favor observou sempre grande austeridade de vida.

O seu habito era o mais grosseiro, e pobre. A sua cama era huma esteira sobre hua dura taboa; o seu jejum era continuo, e as suas penitencias muy rigorosas. Foy o primeiro commissario geral da reforma do Carmo, eleito pelo reverendissimo padre geral mestre Frey Angelo Monsignani em 17 de dezembro de 1683. Nesta incumbencia mostou claramente o prudente juizo de que era ornado, e que o zelo do serviço de Deos fora quem o movera a solicitar aquella reforma. Cheyo de annos, e merecimentos faleceo no convento do Reciffe, onde he veneravel o seu nome.

205. O padre Frey João de S. Elias aspirou com grandes veras a perfeição a que o obrigava seu estado. Foy duas vezes prior do convento do Carmo de Olinda, e vizitador dos conventos da sua provincia, e nestes lugares deu a conhecer a inocencia de seus custumes, e prudencia das suas acçoens. Em idade muy decrepita acabou a vida no dito convento de Olinda, e passou, como piamente cremos, sua alma a lograr o premio, que o Senhor promete a quem fielmente o serve.

206. O veneravel padre Frey Andre de Bernico, filho da provincia de Brexia da illustrissima familia dos capuchinhos italianos, foy varão de virtudes admiraveis, como se infere da sua preciosa morte, e da incorrupção do seu corpo. Depois de assestir muitos annos no convento de Nossa Senhora da Penha do Reciffe, e ter sido prefeito se embarcou para a ilha de S. Thome, e tendo exprimentado muitos contratempos na viagem arribou depois de nove mezes a costa da mina. Teve avizo do ceo da sua morte, e o declarou aos navegantes antes de sahir para terra. Recolhido em hua caza se poz de joelhos com as

mãos levantadas, e nesta postura passadas nove horas, o acharão morto com os olhos devotamente elevados para o ceo. Foy sepultado no lugar, em que estivera hũa igreja dos portuguezes, e depois de dous annos foy o seu corpo achado incorrupto, e fresco. Resgatado do poder dos olandezes por hum bom donativo, que lhes fez o capitão Joze Garcia; foy posto em hua náo com grande reverencia, e intentando os olandezes impedir a viagem, sobreveyo hum vento tão rijo, que soltas as amarras se poz o navio em caminho de sorte que em dezoito dias entrou no porto do Reciffe. Com grande concurso foy levado o corpo do servo de Deos para o seu convento, e sendo prezente o illustrissimo bispo D. Frey Jozé Fialho se abrio a caixa, e virão todos os prodigiosos sinaes da sua eterna felicidade na incorrupção admiravel do servo de Deos. Foy sepultado no enterro comum dos religiosos, de que ficou muito mal contente a devoção dos moradores, que o quizerão ver colocado em lugar mais digno.

207. Com opinião de santidade finalizarão a vida no dito convento de Nossa Senhora da Penha do Reciffe, Frey Feliz Maria de Modena da provincia de Lombardia em 13 de abril de 1743, Padre Frey Carlos de Specie, da provincia de Genova, insigne operario na vinha do Senhor em 11 de março de 1752, Padre Frey Bernardino de Napoles, varão admiravel, e muy insigne em a humildade, e pobréza apostolica, em 28 de outubro de 1728, Padre Frey Francisco de Briciquella, da provincia de Bolonha, fazendo hũa vida toda apostolica, observando exactamente os preceitos da sua regra, e os apices dos concelhos evangelicos, em 14 de julho 1755. E na missão do Piancho faleceo com aquella boa opinião, que lhe negociarão seos religiosos procederes, singular pureza, e santas obras aos 4 de outubro de 1753, o padre Frey João Francisco de Palermo,

208. No mosteiro de S. Bento de Olinda he muy plausivel a memoria do insigne padre Frey Bernardo, em todas as virtudes foy preclarissimo, e com especialidade na humildade, e desprezo das glorias mundanas. Faleceo de hũa penosa enfermidade, mas com tal resignação, e paciencia, como alegria e gosto de se ver perto da fruição do eterno bem. Seu corpo foy sepultado no jazigo commum dos religiosos, e abrindo-se depois de muitos annos a sua sepultura se achou incorrupto e inteiro.

## CAPITULO 26

CONTINÚÃO AS MEMORIAS DE OUTROS VARÕES ILLUSTRES EM SANTIDADE, QUE PELA HABITAÇÃO SE FIZERÃO NATURAES DE PERNAMBUCO

209. Entrando no anno de 1635 os olandezes no destricto da villa do Porto Calvo, não se ouvião naquelle lugar mais que estragos de vidas, fazendas, e deshonra de mulheres occasionando tudo da furiosa insulencia de hua heretica, e mal disciplinada milicia. Neste tempo se achavão aly os veneraveis Frey Miguel, e Frey Francisco de Jesus da ordem de S. João de Deos, varoens muy austeros, e em a vida activa, e contemplativa muy aproveitados; que compadecidos de tanta calamidade, e arrebatados do zelo da religião, com resolução intrepida, se poserão em prezença dos cabos, e affearão com apostolica liberdade suas crueldades, e desaforos. Offendidos os cabos da reprehenção os entregarão ao furor dos soldados, os quaes tendo na mão a occasião da sua vingança, tratarão de tomalla a toda satisfação.

Atarão-nos ao tronco das arvores, e pondo-lhes ao peito armas de fogo, solicitarão primeiro dobrar a sua constancia a seguir seos falços dogmas, mas vendo que nenhum abalo fazia em seos coracoens o medo da morte, disparados os arcabuzes forão atravessados com muitas ballas, que abrirão as portas por onde sahirão suas almas triunfantes com a coroa do martyrio em 4 de junho do dito anno.

210. O padre João do Rosario, natural de Lisbôa, veyo a esta provincia de tenra idade; na cidade do Olinda aprendeo as primeiras letras; ordenado de presbitero tomou a roupeta de congregado no convento de Santo Amaro, por justas causas largou a congrêgação, e em companhia do padre João Alveres clerigo do habito de S. Pedro professarão na terceira ordem da penitencia de S. Francisco na capella do Reciffe, onde fizerão sua habitação para mais livremente se empregarem em exercicios espirituaes. Modestos, recolhidos, penitentes, pios e exemplares acabarão a vida com grande fama de santidade, e jazem sepultados na dita capella.

211. As virtudes destes servos de Deos imitarão o padre Julião Gonçalves, que fora tambem congregado, e morreo sendo regente do hospital do Reciffe, o padre Domingos Dias da Veiga, natural de Braga, capellão das recolhidas do convento da Conceição de Olinda onde esta sepultado, e o padre Vicente de Souza, que morreo na villa das Alagoas.

212. O padre Jozé Ferreira de Carvalho natural do bispado do

Porto, aprendeo no Reciffe as sciencias amenas e severas. Ordenado de presbitero, passou para o certão do Piancho, onde se exercitou em heroicas virtudes, sendo muito modesto, devoto, penitente, e esmoler. Depois de sofrer com catholica resignação hua penosa enfermidade, entregou placidamente sua alma nas mãos do creador em janeiro de 1750.

213. O padre João de Christo, resoluto a deixar o seculo, pelo austero claustro da congregação de Santo Amaro, renunciou o posto de capitão de infantaria do terço da guarnição de Olinda, e tomando a roupeta, servio de exemplar aos seus domesticos. Vendo a congregação fatalmente perturbada com contendas, que se levantarão entre os irmãos, sahio della, e se foi viver em hum lugar solitario na freguezia de Goyana, onde até a morte se exercitou em heroicas virtudes.

214. O insigne padre João Guedes da Companhia de Jesus, natural do reyno da Bohemia, e fundador do hospicio do Ceará, foy huma perfeita idea de religiosas virtudes. Havendo empregado sua vida em apostolicos exercicios, acabou santamente, no dito hospicio.

215. O padre Manoel Baptista da Companhia de Jesus, natural da freguezia de Santa Christina, arcebispado de Braga, trinta annos viveo na continua tarefa de ganhar almas a Deos. Assestio aos indios do Ceará com summa caridade, instruihindo-os com seos exemplos, e santas direcçoens. Os ultimos sinco annos da sua vida se recolheo ao real hospicio da dita provincia do Ceará, onde com grande esplendor de virtudes finalizou a vida no fim de julho de 1756, quando contava 75 annos de idade, e foy o primeiro sepultado na igreja de Nossa Senhora da Assumpção do dito hospicio.

216. O padre Manoel Alveres senior, natural do reyno de Algarve, foy hum dos primeiros e mais fervorosos fundadores da residencia da colonia. Recolhido ao collegio de Olinda da Companhia, gastava a mayor parte das noites, e muita dos dias em oração, recebendo nella altissimos favores. Foy de tanta edificação, e exemplo para seos irmãos, que o venerarão e atenderão como a idea de perfeita santidade. Tendo vivido santamente mais de cem annos faleceo no dito collegio, onde he veneravel a sua memoria.

217. O veneravel padre Felippe Bourel da Companhia de Jesus, era natural de Alemanha, e conhecendo os superiores o grande talento, de que era ornado, o destinarão para trabalhar nas conversoens dos gentios, que se dilatavão pelos vastos certoens de Pernambuco. Foy para os indios exemplo e oraculo de santidade, e ainda que as noticias, que temos deste servo de Deos, são (como de outros muitos) escassas, supre a excacez das noticias a excelencia dos milagres, que obrou no tempo da sua vida, sendo singularissimo o seguinte. Entrando na aldea do Apody achou hua india, que com lagrimas incomparaveis chorava

a morte de hum seu filho, que falecera sem bautismo, e fora enterrado no campo. Lastimado o coração compassivo do servo de Deos deste lastimoso successo, e instado do poderoso instinto da caridade, rogou que desenterrassem o corpinho, e sendo assim executado, e trasido a sua presença, o recebeo nos braços, e pondo-se em oração, resuscitou o menino, e depois de o bautizar o entregou a sua may, e foy Deos servido que sobrevivesse alguns dias, resultando deste prodigio gloria a magestade divina, grande opinião para o servo do Senhor, e edificação dos fieis. Este milagre se ve primorosamente retratado em hum quadro que se conserva na igreja da dita aldea. Favorecido de Deos com espirito profetico predisse cousas futuras, que calificarão os effeitos.

Ao padre Mauricio seu companheiro o previnio com a preçagiosa noticia da sua morte, declarando-lhe a fatalidade, que o ameassava se acompanhasse os indios, que entravão a fazer guerra aos gentios. Não fez o padre cazo do annuncio, e no primeiro encontro, que tiverão cõ o inimigo foy morto, e vindo hum indio com a noticia antes que proferisse algua palavra, lhe disse: Ja sey que frechado acabou a vida o padre Mauricio, e pela sua alma tenho applicado sufragios, e dito missas. Nos ultimos annos praticou com maior disvelo as virtudes, que exercitara em toda a vida, ate que partio a receber o premio dellas deixando de seu apostolico espirito gloriosa memoria.

218. No convento de Nossa Senhora do Desterro de Olinda, de Carmelitas descalços, viveo, e morreo santamente o irmão Domingos. A fama de suas virtudes levantou mais animosa suas vozes, vendo sua santidade contestada com milagres. Obra o Senhor nos que com piedosa fe visitão seu sepulchro muitas maravilhas, e com especialidade exprimentão a efficacia do seu patrocinio os que padessem febres intermitentes.

219. João Paes Barreto, natural de Vianna de Caminha na provincia de Entre Douro e Minho, descendente de nobre prosapia, passou a Pernambuco, onde adquerio copiosas riquezas, que lhe não servirão de estimulos para a vaidade, nem de materia para os tumores da soberba. Casou com D. Ignez Gualdes, de quem teve copiosa descendencia. Instituhio dous morgados, que deixou a seus herdeiros, e foy muito caritativo para com os pobres. Entregando a seus filhos os bens que lhes tocava, se recolheo na Santa Caza da Misericordia de Olinda, de que sempre fora bemfeitor, onde entregue aos exercicios espirituaes, e cheyo de boas obras faleceo piamente a 16 de mayo de 1617.

220. No lugar do Piancho passou desta vida temporal para a eterna no anno de 1744 Marcos Fernandes da Costa, natural de Coura, freguezia de Mosello, filho de João Barreiros da Costa, de nobre prosapia, muy adornado de virtudes, e com evidentes sinaes de que hia gosar do eterno descanço.

221. Manoel Ferreira Gomes, natural de Lisboa, e cazado no lugar de Tijucupapo, exprimentando no mar do mundo mais frequentes as tempestades, que as bonanças, e que quem devera adoçarlhe as amarguras, lhe dava a beber tragos de morte, com heroica resolução vestio hum habito de ermitão, e pela carreira da via purgativa, chegou com felicidade ao fim da vida em o anno de 1749.

222. Na igreja de Nossa Senhora dos Remedios do Certão do Rio do Peixe descanção as cinzas de Domingos João de Almeida, natural de Arouche. Foi varão de muita penitencia, de muita oração e de insigne caridade, dispendendo todos os cabedaes, que adqueria em beneficio da pobreza.

222 (*). Pedro Gomes, natural do Reyno de Congo, escravo do coronel David Gomes de Sá, com insigne sofrimento soube desprezar os desprezos de captivo, e com o esplendor das virtudes deu realces ao negro da sua cor. Viveo e finalisou santamente a vida no anno de 1739, e foi sepultado na igreja de Nossa Senhora dos Remedios do Certão do Rio do peixe.

223. Manoel Luis ermitão da igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, natural da provincia de Entre Douro, e Minho, sendo cazado, padeceo a furiosa borrasca dos zelos, em que por algum tempo çoçobrou inquieto. Podendo com o sangue alheo, lavar offenças proprias, e tomar do seu agravo hua honrada vingança, vingou-se com se não vingar. Vestindo o habito de ermitão, com os espinhos da mortificação, e penitencia, maravilhosamente dispoz sua alma para ser morada de Deos. Com fama de santidade faleceo em janeiro de 1756 annos.

224. David da Costa de Araujo, thenente coronel de hum dos regimentos de cavallaria e familiar do santo officio nasceo no lugar de Redunfinho ter°. de Guim$^{s}$. onde teve por nobres progenitores Joze da Costa de Araujo, e sua mulher Senhorinha Francisca. Quando contava dez annos passou para esta provincia, chamado de seus tios o capitão mor Domingos da Costa de Araujo, fidalgo da caza de Sua Magestade, cavalleiro da ordem de Christo, e do capitão João da Costa de Araujo. Navegou athe a idade de quarenta pelo mar de deleites mundanos, e conveniencias temporaes, em que se affogavão as inspiraçoens divinas, com que Deos lhe batia as portas do coração. Com tudo por hua parte os estimulos da conciencia, por outra olhando para a brevidade da vida, para as vaidades do seculo, e para as esperiencias, que o tempo lhe dera se moveo a seguir o caminho da penitencia. Dando finalmente costas ao mundo, e dirigindo a rosto firme seus passos ao ceo, vestio o habito descuberto da terceira ordem de

(*) *Numero repetido.*

S. Francisco. Repartio a sua fazenda com os pobres, reservando somente quãto bastasse para hua honesta sustentação, e para não ter ociosa a sua caridade. Não faltou quem glosasse esta mudança a ligeireza de animo. Como se não ouverão mudanças, que executa a melhor prudencia, para suas melhoras; mas elle sem fazer caso dos pareceres dos homens, so cuidava em agradar a Deos.

Assestia nos templos com summa reverencia, frequentava os sacramentos com grande devoção, e fazia rigorosos penitencias. Sendo muito atormentado com o temor das penas, que se padecem na outra vida, para ficar a alma perfeitamente limpa das manchas da culpa, lhe servia este temor de incentivo para ser em extremo piedoso com as santas almas do purgatorio; para cujo descanço e alivio, não so applicava muitos de seus penitentes exercicios, mais copiosos sufragios. Não satisfeita a ardente caridade, que abrasava seu coração, com estas obras sahia todos os dias pedindo pelas portas esmolas, com que mandava celebrar muitas missas pela mesma tenção, e neste trabalho não somente exercitava a sua piedade, mas tambem a sua paciencia, trazendo sempre a cabeça descuberta aos rigores do sol, cuja actividade lhe causava repetidas queixas, que sofria com animo constante, e alegre aspecto. Agravarão-se seos ordinarios achaques, e porque estava mal assestido em sua caza, o persuadirão alguas pessoas a que asseitasse a offerta, que de melhor aposento, e assistencia lhe fazia hum seu parente. Sendo trasido em hua cadeira de mãos, passando pela parochial igreja do Corpo Santo, esteve bastante tempo parado em devota oração, e continuando o caminho fez a mesma pausa diante da imagem de Nossa Senhora da Conceição da Ponte. Posto na prezença da raynha dos anjos forão tão fervorosos os affectos, que delles resultou ficar em hua muda suspenção, dando doces, e amorosos suspiros, até que rotas as prizoens do corpo teve a alma liberdade para voar, como piamente supomos, a sua patria celestial livre das lastimosas pensoens deste desterro.

Faleceo no dia da ascenção do Senhor no anno de 1755, e jaz sepultado na capela da ordem terceira de S. Francisco do Reciffe.

## CAPITULO 27

### MEMORIAS DE ALGUNS VAROENS MUITO ILLUSTRES EM SANTIDADE, QUE SENDO EDUCADOS EM PERNAMBUCO, E HABITANDO NELLE MUITOS ANNOS FORÃO MORRER EM OUTRA PROVINCIA

225. O veneravel frey Cosme de S. Damião, natural da freguezia de S. João de Guelhife, termo da villa de Arrifana de Souza, foy filho

de Gonçallo Manoel, e de sua mulher Comba Luiz. Na primeira idade passou para Pernambuco, onde aprendeo as primeiras letras, e quando contava vinte e sete annos, professou o instituto serafico no convento de Olinda a 20 de janeiro de 1598. Por ordem dos superiores acompanhou a Jeronimo de Albuquerque quando no anno de 1614 foy a conquista do Maranhão, nesta agreste, e dilatada vinha semeou a palavra divina com tanto fructo, que parecia se animavão as suas vozes, com o espirito dos primeiros promulgadores do evangelho. Entregue a oração, e exercicios de penitencia muy rigorosos, recebeo de Deos singularissimas merces. Teve o dom de profecia, e a graça de fazer milagres. Faleceo no convento da Bahia no primeiro de novembro de 1659, com acclamaçoens de santo, e manifestou o Senhor as virtudes heroicas deste seu fiel servo com a voz de milagres depois da sua morte.

226. No dito convento de Nossa Senhora das Neves de Olinda primeiro solar da serafica provincia de S. Antonio do Brazil, tomou o habito em 24 de abril de 1621, e professou no seguinte anno o insigne frey Francisco do Rosario. N'esta sagrada palestra praticou severa mente os preceitos do seu instituto, e manifestou o zelo apostolico, que lhe ardia no peito em beneficio dos indios. No convento da Bahia morreo com opinião de santo no anno de 1649.

227. O padre Felippe da Crus veyo de Portugal para Pernambuco de idade tão tenra, que no Reciffe aprendeo a ler, e escrever. Ajudado de hua inclinação natural para tudo, quanto era de virtude, facilmente chegou ao auge da perfeição. Ordenado de presbitero recebeo a roupeta de congregado no convento de S. Amaro de Olinda, onde viveo alguns annos em sumo desprezo das couzas mundanas e totalmente entregue aos exercicios espirituaes. Por justas causas, sahio da congregação, e passou para a cidade da Bahia, e recolhido no convento de N. Senhora da Piedade de religiosos capuchinhos italianos, foy exemplar de religiosas virtudes. Acometido da ultima enfermidade se preparou com todos os sacramentos, e entregou placidamente sua alma nas mãos do Creador. Virão-se em sua morte muitos sinaes, que confirmarão os creditos de sua santidade. O cadaver ficou fermoso, e tratavel, e querendo os assistentes lavallo para o amortalharem, virão repetido aquelle prodigio, com que em semelhante acto o patriarcha S. Felippe Nery defendeo a sua honestidade. Como este servo de Deos logrou em gráo eminente a pudicicia, esmalte da innocencia, companheira da continencia, e guarda do decoro, ainda depois de morto, cuidadoso da decencia, acodio com as mãos a cobrir aquellas partes, que cobre o pudor, e occulta o pejo. Acclamorosa voz, e fama da sua santidade concorrerão os dous estados ecclesiastico e secular com os excellentissimos arcebispo

bispo e vice-Rey em numero immenso, e com elles as comunidades religiosas. Esteve tres dias exposto, e virão-se nas suas exequias todas aquellas demonstraçoens, e excessos, que obrão os movimentos da piedade christãa.

228. No convento de N. Senhora do Carmo da cidade de Olinda, tomarão o habito, e professarão os padres frey Cosme da Anunciação e frey Andre da Natividade. Com zelo da religião acompanharão no anno de 1615 a Alexandre de Moura na viagem, que fez ao Maranhão, onde fundarão convento da sua ordem, de que foy o padre frey Andre primeiro prîor. Trabalharão na vinha do Senhor com grande fervor, e colherão copiosos frutos. Cheyos de annos, e boas obras faleceo hum no convento do Pará, e outro no do Maranhão, deixando das suas vtrtudes gloriosa fama.

*(Continúa).*

BIBLIOTHECA NACIONAL
SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS
RIO DE JANEIRO

# RELATORIO

BIBLIOTHECA NACIONAL

# RELATORIO

APRESENTADO AO

## SR. DR. SABINO BARROSO JUNIOR

MINISTRO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES

PELO DIRECTOR

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva

1901

Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1902.

BIBLIOTHECA NACIONAL
SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS
RIO DE JANEIRO

*Sr. Ministro*

PROSEGUINDO na tarefa quê me impuz de contribuir até o limite do meu restricto alcance para o engrandecimento e a prosperidade da Bibliotheca Nacional, é para mim motivo de satisfação, que sufficientemente compensa os esforços empregados, poder assignalar no relatorio, que ora vos apresento, do occorrido em 1901 um movimento superior sob muitos pontos de vista ao de qualquer dos annos antecedentes.

A diversas das minhas solicitações formuladas no sentido de prover a necessidades que se me afiguravam palpitantes dignou-se de attender o vosso eminente antecessor, o Sr. Dr. Epitacio da Silva Pessoa, que dispensou á Bibliotheca repetidos favores. A outras porem não lhe foi dado acudir com as providencias que as circumstancias reclamavam. Renovando as que não puderam ser satisfeitas e accrescentando outras que o posterior conhecimento das necessidades da Bibliotheca me tem suggerido, faço-o na expectativa de que o vosso elevado criterio não lhes recusará o apoio de que precisam.

## PESSOAL

Reassumi a 21 de Janeiro o exercicio do meu cargo, do qual me havia afastado a 3 de Dezembro pelos motivos expostos no relatorio precedente. Até 20 d'aquelle mez conservou-se na directoria o chefe da 2ª secção, bacharel Antonio Jansen do Paço.

Continuou no goso da licença até 15 de Junho o amanuense da 1ª secção bacharel Manoel Eugenio Pereira Maia, que a 17 foi exonerado a pedido. Estiveram igualmente licenciados o amanuense da 2ª secção (4 mezes), dous dos auxiliares (4 mezes um, 5 mezes outro) e o ajudante do porteiro (2 mezes).

Como acontece todos os annos, o 1º official da 2ª secção deixou de comparecer á Bibliotheca durante dous mezes para occupar-se com o serviço eleitoral e durante um mez esteve impedido no serviço obrigatorio do jury, onde tambem serviu cerca de vinte dias o chefe da mesma secção.

Foi exonerado a 25 de Janeiro o auxiliar interino nomeado a 28 de Agosto do anno antecedente. Foram nomeados auxiliares interinos: Marcos Bezerra Cavalcanti Filho que prestou serviços de Janeiro a Setembro, Edmundo Cavalcanti de Castro Goyanna de Fevereiro a Abril e de Junho em diante e Livino de Vasconcellos e Flavio Nunes de Agosto a Dezembro.

Alem dos auxiliares interinos, cuja nomeação se torna indispensavel sempre que são licenciados os effectivos ou por estes são substituidos os amanuenses, foram admittidos por ser insufficiente o pessoal do quadro os seguintes auxiliares extranumerarios, que prestaram serviços gratuitos: Edmundo Cavalcanti de Castro Goyanna desde Maio e Flavio Nunes desde Junho até que passaram a interinos, Henrique Augusto de Lima e Cirne de Junho a Novembro com interrupções, Joaquim de Albuquerque Lima desde Setembro, Augusto Martins Barreto desde Outubro e José Lourenço Vianna Filho durante alguns dias de Outubro e Novembro.

Para o provimento do logar vago de amanuense mandastes por Aviso de 25 de Setembro abrir concurso, para o qual se inscreveram 22 candidatos. Devendo começar a 9 de Dezembro, foi o concurso adiado por motivo de molestia de um dos inscriptos e como o prazo do adiamento terminasse durante as ferias só puderam ter logar as respectivas provas no começo do anno seguinte áquelle a que me estou referindo.

## SECRETARIA

EXPEDIENTE.—Foram expedidos 187 officios, 65 cartas officiaes, 290 cartas impressas acompanhando publicações e 61 accusando o recebimento de doações e permutas, 7 portarias e 130 pedidos de fornecimentos e recebidos 36 avisos ministeriaes, 98 officios e 138 cartas. Foram celebrados 7 contractos, registradas 6 portarias de nomeação e 7 de licença, lavrados 5 termos de posse e 129 de registro e despachadas 168 petições.

PERMUTAÇÕES INTERNACIONAES.—No intuito de imprimir maior desenvolvimento ao serviço das permutações internacionaes solicitei que fosse elevado a 100 o numero de exemplares das publicações officiaes que para esse fim tivessem de ser enviadas á Bibliotheca e por Aviso de 26 de Abril dirigido aos demais Ministerios e aos Presidentes dos Estados foi o meu pedido satisfeito. Infelizmente porém diversas d'essas publicações não foram recebidas ou o foram em numero inferior ao recommendado e dos Estados só o de S. Paulo e o do Amazonas satisfizeram a requisição enviando o primeiro 102 obras em numero desigual de exemplares, formando 5305 volumes, e o segundo 4 obras em iguaes condições, sommando 328 volumes. Devo igualmente mencionar a remessa do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, composta de 24 obras com um total de 1248 volumes.

Por não permittir a estreiteza da consignação orçamentaria destinada a occorrer ás despezas com o serviço de que

me occupo, deixei de adquirir por compra obras nacionaes cuja divulgação fosse conveniente fazer-se fora do paiz. Para tal fim adquiri apenas 163 exemplares de duas obras em troca de publicações da Bibliotheca.

Elevei de 59 a 162 o numero de estabelecimentos destinatarios das publicações que á Bibliotheca cabe distribuir em execução do serviço de permutações que lhe está confiado. Entre esses com que abri relações está o *Bureau of the American Republics*, ao qual remetti uma collecção do Diario Official desde Abril de 1897, por saber que o desejava, sem que aliás m'o tivesse solicitado. O Diario Official começou a ser remettido regularmente não só a esse estabelecimento mas tambem a 58 outros, todos do estrangeiro.

Fiz imprimir e remetti relações das publicações enviadas, cartas em que solicitava a necessaria compensação e bilhetes postaes para o aviso de recebimento.

Novos intermediarios alem dos antigos tiveram de ser procurados afim de mais promptamente chegarem ao seu destino as remessas da Bibliotheca.

Foram 3 as remessas, 44 as caixas remettidas (não incluidas 10 que vieram do Museu Nacional e seguiram endereçadas á *Smithsonian Institution*) e 68 os pacotes, estes por intermedio dos consules residentes nesta cidade e d'aquellas 21 pela *Smithsonian*, 5 pela Bibliotheca Nacional Victor Manoel, de Roma, 4 pelo Ministerio da Instrucção Publica, da França, 3 pelo Serviço Belga das Permutas Internacionaes, de Bruxellas, 3 pela *Oficina de Canje Internacional*, de Montevideo, 3 pela Inspecção Geral das Bibliothecas e Archivos, de Lisboa, 3 pela Bibliotheca Nacional de Buenos Ayres e 2 pela de Santiago do Chile.

Subiu a 7706 o numero de volumes (de 150 publicações differentes) remettidos em 1901, excluidos os procedentes do Museu.

Durante o anno foram recebidas 45 caixas, das quaes 38 da *Smithsonian*, 4 do Serviço Belga, 2 do Ministerio da Instrucção Publica, da França, e 1 da Inspecção Geral das

Bibliothecas e Archivos, de Lisboa. Alem dos pacotes destinados á Bibliotheca, continham as caixas 695 outros endereçados a estabelecimentos publicos, associações, auctoridades e homens de lettras d'esta cidade e dos Estados.

O movimento das permutações internacionaes foi, como se vê, consideravel e a todos os respeitos excedeu não só o do anno antecedente como o de qualquer dos que o precederam.

Para estabelecer o confronto com o movimento do anno de 1900 basta notar que em 1901 se entabolaram relações com mais 103 bibliothecas e estabelecimentos estrangeiros, foram mais 2 as remessas, mais 68 as publicações e mais 3324 os volumes remettidos, mais 35 as caixas em que seguiram e mais 15 os pacotes, mais 18 as caixas recebidas e mais 214 os pacotes a distribuir.

E não se fez esperar o resultado, proveitoso para a Bibliotheca, d'esse incremento que experimentou o serviço de permutações. Foi assim que, tendo apenas começado a reciprocidade,já a cifra das acquisições d'essa procedencia augmentou visivelmente, como mostrarei quando me occupar da secção de impressos.

As permutações nacionaes não puderam ter igual desenvolvimento. O accumulo de trabalho não permittiu mais do que iniciar o respectivo serviço, sendo feita uma só remessa a 11 bibliothecas do paiz. Pretendo porem dedicar-lhes uma parte dos meus esforços e estabelecer relações com todas as nossas bibliothecas, com o fim de obter o maior numero possivel de obras publicadas nos Estados, as quaes á falta de contribuição obrigatoria e de agentes pesquizadores deixam de figurar e mesmo de ser conhecidas na primeira das bibliothecas brasileiras.

Direitos auctoraes.— De accordo com o que determinou a lei do orçamento vigente em 1901, publicou-se no Diario Official de 30 de Janeiro a primeira relação de obras registradas para garantia dos direitos de auctor. Comprehendeu a publicação os registros effectuados até Dezembro de 1900, sob os ns. 1 a 213, dispostos nessa ordem numerica, sem distincção de especies nem de assumptos, por não ser exigida

nas Instrucções de 6 de Dezembro de 1899, que no art. 2° estabeleceram um só livro de registro.

De Janeiro a Junho de 1901 não se fizeram registros, não porque deixassem de ser requeridos, mas porque, tendo sido estabelecida pela citada lei do orçamento, art. 13, a taxa de 2$000 correspondente a cada registro, aguardava-se que ficasse resolvido por quem de direito o modo de cobral-a, si em sello de verba, si em estampilhas, até que expedidas a 11 de Junho e publicadas a 13 as novas Instrucções, poude ser cobrada a taxa em estampilhas, as quaes só em começo de Julho foram fornecidas pelos requerentes. A 10 de Agosto publicou-se a relação das obras trazidas a registro de Janeiro a Julho e d'ahi por diante seguiu-se regularmente a publicação mensal dos registros effectuados. Registraram-se durante o anno 129 obras sob os ns. 214 a 342.

A' questão que no meu anterior relatorio suscitei sobre o registro de obras dramaticas ou musicaes não impressas, mas publicadas pela representação ou execução, déstes, por occasião de apresentar-se em caso concreto, a solução constante do aviso de 19 de Agosto, estabelecendo que é susceptivel de registro o manuscripto de obras dramaticas publicadas pela representação, solução que abrange as obras musicaes divulgadas pela execução, uma vez que são identicas as disposições da lei de 1 de Agosto de 1898 que a umas e a outras dizem respeito.

### 1ª SECÇÃO (Impressos)

Acquisição.—Foram adquiridas durante o anno 4475 obras em 7068 volumes, bem como 185 mappas e 468 folhetos, assim distribuidos:

| | obras | em volumes | mappas | folhetos |
|---|---|---|---|---|
| Compra. . . . . | 711 | 1644 | 54 | 0 |
| Doação . . . . . | 2969 | 4210 | 1 | 287 |
| Contribuição legal. . . . . | 225 | 263 | 8 | 135 |
| Permuta internacional. . . | 559 | 937 | 122 | 43 |
| » nacional . . . . . | 11 | 14 | 0 | 3 |
| | 4475 | 7068 | 185 | 468 |

A este resultado devem accrescentar-se 354 volumes de publicações periodicas que no decurso do anno foram encadernados, o que dá um total de 7890 volumes e folhetos que com os 185 mappas representam a acquisição realisada em 1901. Estes foram 179 mais do que no anno antecedente, aquelles mais 3556 e as obras mais 2379.

O numero de mappas impressos ficou elevado a 2669.

Subiu a 335 o numero das publicações periodicas recebidas, a saber:

| | | | |
|---|---|---|---|
| Periodicos | nacionaes. . . . . | 95 | por doação |
| » | » . . . . . | 88 | » contribuição legal |
| » | estrangeiros . . . | 60 | » assignatura |
| » | » . . . | 38 | » por doação |
| » | » . . . | 54 | » permuta internacional |

Não poude ficar concluido o inventario da 1ª secção conforme era meu desejo, mas, adiantado como se acha, espero poder em breve conhecer a quanto monta com exactidão o acervo da secção.

Eis algumas das acquisições effectuadas em 1901 para a secção de impressos:

**Por compra:**

— C. Bach. Éléments des machines, leur calcul et leur construction. Trad. de la 7e éd. allem. par L. Desmarest. Paris. 1901. 2 v.

— J. M. Baldwin. Interprétation sociale et morale des principes du developpement mental. Trad. par G. L. Duprat. Paris. 1899.

— Biblia sacra vulgatæ editionis. Venetiis. 1688.

— Bibliothèque de la Compagnie de Jésus. 1e partie: Bibliographie, par les Pères Augustin et Aloys de Backer. 2de partie: Histoire par le Père Auguste Garayon. Nouvelle édition par Carlos Sommervogel. Bruxelles, 1890-98. 8 v.

— C. Calvo Le droit international, théorique et pratique. 5e éd. Paris. 1896. 6 v.

— P. Cauwès. Cours d'économie politique. 3e éd. Paris. 1893. 4 v.

— J. Cujacius. Opera. Prati. 1859-74. 9 v.

— J. D. Dana. The system of mineralogy. 6th ed. New York. 1899.

— J. Deniker. Les races humaines et les peuples de la terre. Paris. 1900.

— H. Derouin, A. Gory, F. Worms. Traité théorique et pratique d'assistance publique. Paris. 1900. 2 v.

— M. Dewey. Decimal classification and relativ index for libraries, clippings, notes, etc. 6th ed. Boston. 1899.

— T. G. Djuvara. Traités, conventions et arrangements internationaux de la Roumanie actuellement en vigueur. Paris. 1888.

— A. de Ercilla y Zuñiga. La Araucana. Lisboa. 1582-88. 2 v.

— A. Febres. Arte de la lengua general del reyno de Chile. Lima. 1765.

— Fénelon. Télémaque polyglotte, contenant les six langues européennes les plus usitées. Paris. 1837.

— Goethe. Sämmtliche Werke in fünfundvierzig Bänden. Leipzig. s. d. 10 v.

— R. de la Grasserie. Des principes sociologiques de la criminologie. Paris. 1901.

— A. Graziani. Istituzioni de scienza delle finanze. Torino. 1897.

— M. de Guignard. L'Ecole de Mars ou memoires instructifs sur toutes les parties qui composent le corps militare en France. Paris. 1725.

— H. Hauser. L'Or. Paris. 1901.

— Homerus. Ilias graece quam vertebant latine soluta oratione G. Heyne, versibus item latinis R. Cunich, italicis V. Monti, germanicis Woss..., gallicis Aignan, ibericis Garcia-Malo. Florentiæ. 1837. 2 v.

— Th. Huc. Commentaire théorique & pratique du code civil. Tom. 1-13. Paris. 1892—1900. 13 v.

— F. Laurent. Cours élémentaire de droit civil. Bruxelles. 1887. 4 v.

— J. Lefort. Traité théorique et pratique du contrat d'assurance sur la vie. Paris. 1894—1900. 4 v.

— J. de la Llave y Garcia. Balística abreviada. 2ª ed. completamente refundida. Barcelona. 1894.

— L. Mattirolo. Trattato di diritto giudiziario civile italiano. 4.ª ed. Torino 1892-98. 6 v.

— B. van Muyden. Histoire de la Nation Suisse. Lausanne. 1896-99. 3 v.

— H. Osorius. De rebus Emmanuelis regis Lusitaniæ virtute et auspicio. . . gestis, libri duodecim. Coloniæ. 1597.

— A. Posada. Théories modernes sur les origines de la famille, de la société et de l'état. Trad. de l'espagnol par F. Zelner. Paris. 1896.

— J. Rae. La journée de huit heures. Trad. par G. F. Stark. Paris. 1900.

— J. Résal. Ponts métalliques. 2de éd. Paris. 1893. 2 v.

— E. Rostand. L'Aiglon. Drame en six actes. Paris. 1900.

— R. G. Watson. Spanish and portuguese South-America during the colonial period. London. 1884. 2 v.

— Gazeta do Rio. Nos 2-157. 3 de Janeiro-31 de Dezembro de 1822.

— La Ilustracion Sud-Americana. Tom. 1-7. 1892-1899. Buenos Aires. 7 v.

— O Popular. Nos 1-75. Pernambuco. 1830-31.

— Revue de legislation et de jurisprudence publiée sous la direction de M. L. Wolowski, 1834-1853. Paris 1835-53. 36 v.

— O Sete d'Abril. Nos 1-718. Rio de Janeiro 1833-39. 7 v.

**Por doação:**

Do Ex.mo Sr. Presidente da Republica:

— Das Buch vom Kaiser. Mit einer Einleitung v. Dr. J. A. Freih. v. Helfert. Herausgegeben v. Max Herzig. Wien. s. d.—Luxuosa publicação illustrada commemorativa da visita da Imperador da Austria a Berlim em 1900, por occasião das festas da maioridade do principe herdeiro da Allemanha.

— Luiz de Camões. Os Lusiadas. Grande edição autographica (Quarto centenario do descobrimento da India), prefaciada por D. Antonio Mendes Bello e Manuel Pinheiro Chagas, dirigida por Fernandes Costa. Lisboa. 1898.

— Marie Robinson Wright. The New Brazil. Its resources and attractions. Historical, descriptive and industrial. Philadelphia. (1901).

Dos auctores

— Anselmo Braancamp Freire. O conde de Villa Franca e a inquisição. Lisboa. 1899. Exemplar n. 60

— O mesmo. Livro primeiro & livro segundo dos brasões da sala de Cintra. Lisboa 1899-1901. 2 v. Ex. n. 60.

— Candido Çosta. As duas Americas. 2ª ed. ampliada da obra «O descobrimento da America e do Brazil» em homenagem ao 4º centenario do descobrimento do Brazil. Lisboa. 1900.

— Rio Branco. Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. Mémoire présenté par les États Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse, arbitre choisi. Paris. 1899. 7 v (incl.: L'Oyapoc et l'Amazone por J. Caetano da Silva. 3.me ed. 2 v.; Altas contenant un choix de cartes antérieures au traité conclu à l'Utrecht... 1 v.; Commission brésilienne d'exploration du Haut Araguary... 1 v.).

——— Idem. Second mémoire présenté par les États Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse, etc. Berne. 1899. 6 v (incl: Fac-simile de quelques documents reproduits aux tomes II, III et IV-1 v; Atlas 1 v.).

— R. Teixeira Mendes. O ano sem par. (Abril de 1845 a Abril de 1846). Rio. 1900. Exemplar em papel superior.

— Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos. Francisco Suárez (Doctor eximius). Collecção de documentos. Publicados por deliberação da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra para commemorar o 3º centenario da incorporação do grande mestre e principe da sciencia theologica no professorado da mesma Universidade. Coimbra. 1897. Ex. n. 321.

— Luis V. Varela. La Republica Argentina y Chile ante el árbitro. Buenos Aires. 1901.

Da Legação Argentina:

— Luis V. Varela. La Republica Argentina y Chile. Historia de la demarcacion de sus fronteras desde 1843 hasta 1899. Buenos Aires. 1899. 2 v.

Do Sr. Dr. Antonio da Cunha Barbosa entre outras doações:

— Carta do Pero Vaz de Caminha dirigida a El-Rey D. Manoel... Com prefacio e appendice de Francisco Augusto Pereira da Costa. Pernambuco. 1900.

Do Sr. João Martins Ribeiro:

— Joannes Minshaeus. Ductor in linguas. The guide into tongues. Cum illarum harmonia et etimologiis... in omnibus his undecim linguis, viz: anglica, cambro-britanica, belgica, germanica, gallica, italica, hispanica, lusitanica seu portugallica, latina, graeca, hebrea. Londini 1617. Raro.

Do Sr. Miguel Lemos entre outras doações:

— Augusto Comte. La synthèse subjective. Tome 1.er (seul publié). 2.de éd. Paris. 1900.

Da Directoria da Justiça do Ministerio do Interior:

— Revista General de Legislacion y Jurisprudencia. Madrid. 1853-83. 62 v.

— Boletin Semanal de la Revista General de Legislacion y Jurisprudencia. Madrid. 1854-83. 70 v.

— Jurisprudencia Administrativa (Coleccion completa de las decisiones dictadas a consulta del Consejo Real). Madrid. 1857-83. 28 v.

— Jurisprudencia Civil (Coleccion completa de las sentencias dictadas por el Tribunal Supremo de Justicia). Madrid. 1860-83. 47 v.

— Jurisprudencia Criminal (Coleccion completa de las sentencias...) Madrid. 1871-83. 24 v.

Do Sr. Francisco Rodrigues de Paiva recebeu a Bibliotheca

a doação de avultado numero de obras nacionaes e estrangeiras, na sua maior parte sobre sciencias medicas.

O Sr. Luiz Jordão fez doação de diversas obras sobre assumptos militares.

**Por contribuição legal :**

Da Companhia Typographica do Brazil :

— A decada republicana. Vol. VI-VII. Rio. 1900-01.

— Servulo Gonçalves. Cantos das montanhas. Versos. Rio. 1901.

De H. Garnier :

— Maximino de Araujo Maciel. Licções de botanica geral. Rio. 1901.

— Machado de Assis. Poesias completas. Rio. 1901.

— Joaquim Nabuco. Escriptos e discursos litterarios. Rio. 1901.

— Oliveira Lima. O reconhecimento do Imperio. (Historia diplomatica do Brazil). Rio (1901).

— José Verissimo. Estudos de litteratura brazileira. 1ª serie. 2ª serie. Rio. 1901. 2 v.

— Viveiros de Castro. Jurisprudencia criminal. Rio (1901).

Da Imprensa Nacional :

— Henrique d'Avila Junior. Topographia. Processo analytico. 1ª ed. Rio. 1901.

— Amaro Cavalcanti. Breve relatorio sobre direito das obrigações (Projecto do codigo civil brazileiro). Rio. 1901.

— Dr. T. V. Pecegueiro do Amaral. Noções elementares de chimica organica. Rio. 1900.

— Dr. Gustavo d'Utra. Cultura das plantas textis. Aperfeiçoamento da cultura do algodoeiro e meio de desenvolvel-a. Rio. 1901.

— Dr. João Vieira de Araujo. O codigo penal interpretado segundo as fontes, a doutrina e a jurisprudencia. Parte especial (Vol. I). Rio. 1901.

De Laemmert & Cª. :

— Tobias Barreto. Polemicas. Publicação posthuma dirigida por Sylvio Romero. Rio. 1901.

— Affonso Celso. Porque me ufano do meu paiz. Rio. 1901.

— Coelho Netto. Tormenta. Rio. 1901.

— João Mendes de Almeida Junior. O processo criminal brasileiro. Rio. 1901.

— Lucio de Mendonça. Horas do bom tempo. Memorias e phantasias. Rio. 1901.

— A. O. Viveiros de Castro. Manual do contribuinte. (Estudo theorico e pratico sobre os impostos). Rio. 1901.

Da Typographia Aldina :

— Samuel de Oliveira. Concepção da philosophia. (Propaganda evolucionista). 1ª parte. Rio. 1901.

— Raul Pompeia. Canções sem metro. Rio. 1900.

**Por permuta internacional :**

Da « Biblioteca Nacional » de Lima :

— J. Haënke. Descripcion del Peru. Lima. 1901.

Da « Biblioteca Nacional » do Mexico :

— F. A. Flores. Historia de la medicina en Mexico. Mexico. 1886-88. 3 v.

— N. León. Biblioteca botánico-mexicana. Catalogo bibliografico. Mexico. 1895.

Da « Biblioteca Nacional » de Santiago do Chile :

— M. Cruchaga. Nociones de derecho internacional. Santiago. 1899.

— B. Egaña. La cuestion de Tacna i Arica. Santiago. 1900.

— F. J. Herboso. Estudios penitenciarios. Santiago. 1892.

— J. T. Medina. Juan Diaz de Solis. Estudio histórico. Santiago. 1897. 2 v.

— F. Puga Borne. Compendio de medicina legal adaptado a la lejislacion chilena. Santiago. 1896.

— D. Riquelme. Compendio de historia de Chile. Valparaiso. 1899.

— F. Rivas Vicuña. Tracción eléctrica. Construccion y explotación de los tranvias eléctricos. Santiago. 1898.

— C. Walker Martinez. Romances americanos. 2ª ed. Santiago. 1899.

Da « Library of Congress » de Washington :

— House of representatives documents. Washington. 1897-1900. 196 v.

— Senate documents. Washington. 1898-99. 27 v.

Da « K. Norske Frederiks Universitet « de Christiania :

— La Norvège. Ouvrage officiel publié a l'occasion de l'Exposition Universelle de Paris. 1900. Kristiania. 1900.

Da « Oficina de Deposito, Reparto y Canje Internacional de Publicaciones » de Montevideo :

— Estudios relativos al puerto de Montevideo & Proyecto definitivo de las obras del puerto. S. l. n. d. 104 plantas e planos em duas pastas.

— N. N. Piaggio. Apuntes de telemetría. Montevideo. 1899.

Do «Service Belge des Échanges Internationaux» de Bruxellas :

— E. Allard. La mutualité et la bienfaisance belges en France. Bruxelles. 1896.

— E. Bacha. La chronique liégeoise de 1402. Bruxelles. 1900.

— H. Hauttecœur. La République de San Marino. Bruxelles. 1894.

— J. Justice. Dictionnaire des marques et monogrammes de la faïence de Delft. Gand. 1901.

— E. Nys. Études de droit international et de droit politique. 2me série. Bruxelles 1901.

Catalogação.— Os trabalhos do inventario, a necessidade de regularisar o serviço das salas de leitura, onde funccionou por muitas vezes uma parte do reduzido pessoal a que esteve confiada a catalogação, e finalmente as constantes remoções de livros que a construcção de galerias e novas divisões e estantes acarretou, foram outros tantos obstaculos a que proseguisse com a rapidez necessaria o serviço da catalogação. Foi assim que apenas entraram para o catalogo alphabetico 1144 obras em 1399 volumes e 142 mappas, extrahindo-se de 3456 cartões. A differença para menos em 1901, comparado com o anno de 1900, é sensivel, principalmente em relação ao numero de cartões, por não ter continuado a extracção de cartões de assumptos correspondentes aos antigos de auctores, como costumavam fazer fora da Bibliotheca alguns dos empregados.

Acredito porem que a differença será largamente compensada em 1902 em consequencia das seguintes providencias que permittirão prosiga de um modo relativamente rapido o urgentissimo e tão atrazado trabalho de catalogação e são a suppressão do preparo do bilhete para o catalogo systematico até que esteja em dia o catalogo alphabetico, pois si são igualmente necessarios os dous é preferivel ter um só completo a ter ambos incompletos, a reducção das referencias de assumpto ao estrictamente indispensavel e finalmente a resolução que já puz em pratica de mandar vir do estrangeiro os cartões de catalogo já revestidos do ilhó metallico, o que permittirá distribuil-os promptamente e supprimir o processo moroso da collocação

dos ilhós a cargo de alguns empregados mediante uma pequena gratificação extraordinaria.

Conservação.— Á falta de melhor meio de conservação e na impossibilidade de restaurar um numero avultado de volumes deteriorados adoptei o alvitre de deitar entre as folhas dos livros alumen pulverisado, depois de tirar-lhes o pó e a traça, o que principalmente tive em vista por não confiar em absoluto na efficacia da substancia empregada. Tratando-se de estantes abertas, não produziria o effeito de afugentar a traça a naphtalina, que só pode convir quando empregada em caixas ou armarios fechados. Ainda não está resolvido o problema da extincção da traça e outros insectos que são o flagello das bibliothecas. O Congresso dos Bibliothecarios reunido em Pariz em 1900 limitou-se a emittir o voto de que devia a questão ser estudada procurando-se conhecer a evolução das diversas especies de insectos destruidores dos livros, a sua origem, e as suas predilecções.

Levado pelos conselhos de E. Rouveyre, na sua obra *Connaissances nécessaires à un bibliophile,* que reproduz os de outros bibliotheconomistas, fiz com o auxilio da Directoria Geral de Saude Publica d'esse Ministerio diversas experiencias de vaporisação do formol, sem resultado satisfactorio, por mais que se elevasse a quantidade da substancia e o numero de horas de exposição. É de justiça deixar aqui consignados os bons desejos e reiterados esforços do Sr. Dr. Jayme Silvado, que se encarregou de proceder ás experiencias, quer naquella Directoria quer no Laboratorio Bacteriologico.

Consegui começar em Janeiro o serviço regular da limpeza dos livros e distribuição do alumen pulverisado e desde então se tem feito diariamente com vantagem para a conservação.

Na madeira das estantes que fiz construir foi applicada como um preventivo uma solução de acetato de cobre.

Dos livros remettidos a encadernar em 1900 foram devolvidos encadernados os 398 volumes restantes.

Fizeram-se nove remessas em 1901 a diversas officinas de

encadernação, sendo preparados e enviados 1385 volumes, dos quaes foram recebidos encadernados 976. Dos 1374 recebidos durante o anno, 301 pertencem á collecção Thereza Christina.

Houve em 1901 mais do que em 1900 quatro remessas, 513 volumes remettidos e 210 recebidos. Não foi possivel ir alem com o diminuto pessoal que me foi permittido destinar a esse serviço.

Consulta. — Seguindo a marcha ascendente que se tem observado de anno para anno o movimento da consulta em 1901 excedeu consideravelmente o de 1900, offerecendo uma differença digna de nota. Foram 25296 os leitores e 35035 as obras fornecidas, o que importa numa differença para mais de 4645 leitores e 7941 obras.

A media diaria foi de 91,6 leitores para 126,9 obras.

A leitura feita na Bibliotheca é assim representada:

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1º | trimestre . . . . . | 5122 | leitores | e | 6871 | obras |
| 2º | » . . . . . | 6652 | » | » | 9347 | » |
| 3º | » . . . . . | 7663 | » | » | 10696 | » |
| 4º | » . . . . . | 5844 | » | » | 8106 | » |
| | | 25281 | » | » | 35020 | » |

A leitura domiciliar, limitada pelos motivos expostos no meu relatorio anterior a casos especiaes, como os de auctorisação d'esse Ministerio ou de serviço da Bibliotheca, resume-se assim:

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1º | trimestre . . . . . | Não se fizeram emprestimos | | | | |
| 2º | » . . . . . | 3 | leitores | e | 3 | obras |
| 3º | » . . . . . | 3 | » | » | 3 | » |
| 4º | » . . . . . | 9 | » | » | 9 | » |
| | | 15 | » | » | 15 | » |

Foram restituidas todas essas obras.

Das emprestadas anteriormente foram restituidas 3, ficando reduzidas a 28 em 37 volumes emprestadas a 18 pessoas.

As obras consultadas em 1901 distribuem-se do seguinte modo por materias e por linguas:

| MATERIAS | BIBLIOTHECA | DOMICILIO | SOMMAS |
|---|---|---|---|
| Bellas Lettras | 8614 | 1 | 8615 |
| Historia e Geographia | 2929 | | 2929 |
| Sciencias mathematicas | 2171 | | 2171 |
| » naturaes. | 2686 | | 2686 |
| » medicas. | 3948 | | 3948 |
| » juridicas | 2231 | 7 | 2238 |
| » sociaes | 310 | 3 | 313 |
| Theologia. | 224 | | 224 |
| Philosophia | 556 | | 556 |
| Artes | 498 | 1 | 499 |
| Relatorios | 192 | | 192 |
| Bibliographia | 168 | 3 | 171 |
| Almanaks. | 194 | | 194 |
| Jornaes e revistas | 9751 | | 9751 |
| Encyclopedias | 548 | | 548 |
| | 35020 | 15 | 35035 |
| **LINGUAS** | | | |
| Portuguez | 21249 | 4 | 21253 |
| Francez | 11812 | 6 | 11818 |
| Inglez | 641 | 3 | 644 |
| Italiano | 443 | 1 | 444 |
| Hespanhol | 368 | | 368 |
| Latim | 309 | 1 | 310 |
| Allemão | 99 | | 99 |
| Grego | 60 | | 60 |
| Tupy-guarany | 22 | | 22 |
| Arabico | 11 | | 11 |
| Russo | 4 | | 4 |
| Africano | 1 | | 1 |
| Sanskrito | 1 | | 1 |
| | 35020 | 15 | 35035 |

Deixaram de ser fornecidas 1425 obras por não existirem na Bibliotheca, 203 por se acharem em encadernação e 555 por motivos accidentaes e justificaveis.

### 2ª SECÇÃO (Manuscriptos)

Acquisição.—Os documentos manuscriptos que se adquiriram em 1901 foram 844, entre os quaes se acham 454 contidos em 13 volumes encadernados e 13 brochados, 20 os mappas geographicos tambem manuscriptos, 2 os fac-similes e 16 os impressos que ficaram pertencendo á secção.

As procedencias foram:

Compra: 617 documentos mss. 15 mappas e 1 impresso;
Doação: 227 » » 5 » 2 fac-similes e 15 impressos.

O total das acquisições (882) foi inferior ao das effectuadas no anno de 1900, em que se fizeram mais 83 por compra, mais 144 por permuta e menos 52 por doação.

O inventario numerico da secção, começado em 1901, não tardará a ficar concluido. Para tal fim foram organisados quadros impressos de tres especies differentes, sendo um para codices, outro para documentos avulsos e outro para mappas geographicos.

Principaes acquisições effectuadas para a Secção de Manuscriptos:

**Por compra:**

— Carta do Principe Mauricio Conde de Nassau a Ernst Gertzogen (Datada de 24 de Dezembro de 1667).

— Descendencia dos Reys de Portugal (Codice do sec. XVI. Termina no reinado de D. João III).

— Memorias genealogicas e historicas da familia Brant e outras. Transcripções e originaes por Pedro Caldeira Brant, conde de Iguassú (Com o brasão chancellado do auctor e setenta e quatro outros brasões por L. A. Boulanger).

— Roteiro da navegação do Rio Paraguay, desde a foz do S. Lourenço até o Paraná. Pelo Cap.m de Frag.ta A. N. I. Augusto Leverger. Cuiabá, 21 de Outubro de 1847 (Com a assignatura do auctor).

— Carta Corografica que comprehende a Capitania de S. Pedro, parte do Governo de Monte Video, incluza a Cidade deste nome, e os Importantes individuaes Reconhecimentos Geographicos, que se praticarão na Primeira Divizão da Demarcação de Limites d'America Meridional... Construida e Desenhada pelo Tenente Coronel Engenheiro Francisco das Chagas Santos empregado na mencionada Demarcação.

— Carta Geographia do Rio Guaporé desde a sua origem até a sua confluencia com o Mamoré : e igualmente dos Rios Allegre, Barbados, Capivari, Verde, Paragáu, Baures e Itonamas, que nelle desaugoão (*sic*) pela sua margem meridional : assim como dos Rios Aguapehi e Iaurú, com parte do Paraguai e Cuyabá...

— Carta Geographica do Rio Paraguay desde as suas cabeceiras athe a latitude de 28 graos, em que vão configurados exactamente, segundo as deligencias feitas em consequencia do Tratado de Limites de 1777, os Rios Cuiaba, Taquari e Paraguay athe a Bahia Negra... Esta carta N. 2 serve de contenuação a outra similhante do Guaporé N. 1. 1780. Capitão João Pedro da Silveira.

— Carta Topografica da Barra e Rio do Espirito Sto, do qual toma nome toda a Capitania, que mostra com distinção todas as Vas., Fortalezas., Portos e Ilhas... pelo Capam., Aggdo., ao Corpo de Engos., João Pedro de Gusmão e Vascos. Mariz em 27 d'Outubro de 1853.

— Mappa Geral do Sul de Minas contendo os Valles dos Rios— Grande, Sapucahy, Mortes, Parahybuna e Parahyba, relativo ás Vias de Communicação. Levantado por Engenheiro Dr. J. Francisco Martins Paz em 1866.

— Planta da Estacada ou Forte de Miranda... Com um projecto de augmentar-lhe a defensa, feito em 1811 pelo Sargento môr Engenheiro Correspondente do Real Archivo Militar José Antonio Teixeira Cabral... Levantada e Desenhada pelo mesmo Major.

**Por doação :**

Do Ex.mo Sr. Presidente da Republica :

— La Ciudad de Buenos Aires á su ilustre huesped el Exmo. Señor Presidente de la Republica de los Estados Unidos del Brasil Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles. Octubre de MDCCCC (Diploma em pergaminho, a ouro e a cores, assignado pelo Intendente Municipal, pelo Presidente do Conselho Deliberante e pelos respectivos secretarios).

Do Sr. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires :

Uma collecção copiosa de documentos relativos ao dictador do Paraguay D. José Gaspar de Francia, alem de outros manuscriptos de valor.

Catalogação.—Como um meio de facilitar a consulta continuou a ser feito o inventario por bilhetes, não só em relação ás novas acquisições, ás quaes corresponderam 171 bilhetes, como em relação aos documentos já existentes, que em numero de 156, dos quaes se tiraram 77 bilhetes, foram acondicionados em 2 latas novas.

Pelo chefe da secção foram catalogados 2532 documentos, relativamente aos quaes teve de organisar 2542 bilhetes de catalogo.

Está concluido, dependendo apenas de revisão, o catalogo dos mappas geographicos manuscriptos.

Continuou a fazer-se o serviço de distribuição e classificação methodica dos documentos avulsos ainda não inventariados, trabalho preparatorio do de catalogação e que attende provisoriamente ás necessidades da consulta publica. Restam por distribuir methodicamente os documentos contidos em 40 latas.

O resultado do trabalho levado a effeito em 1901, em confronto com o de 1900, apresenta, á parte a organisação de latas que se não repete annualmente, a differença de menos 77 bilhetes de inventario e menos 16 de registro, mas em compensação offerece a de mais 2542 bilhetes de catalogo e mais todo o trabalho do inventario numerico.

Conservação.—Com o fim de proteger os documentos acondicionados em latas contra a oxidação d'estas, foram adquiridas folhas de papelão que se distribuiram por 1068 latas, ficando em cada uma d'ellas os documentos resguardados por duas d'aquellas folhas, alem de envolvidos em capas de papel de linho formando pastas. Fizeram-se 8.000 d'essas capas, com dizeres impressos.

As 1068 latas receberam novos rotulos e nova numeração.

Todo esse trabalho, que continúa a ser feito, traz alem de outras vantagens a de offerecer occasião para sacudir-se o pó e examinar-se o estado de conservação de milhares de manuscriptos.

Foi igualmente objecto de cuidado a conservação dos codices encadernados.

Da bibliotheca especial da secção foram encadernados 103 volumes impressos.

Consulta.— Os seguintes algarismos resumem o movimento da consulta dos manuscriptos em 1901:

| | Leitores | Documentos |
|---|---|---|
| 1º trimestre . . . . . | 158 | 2687 |
| 2º » . . . . . | 173 | 412 |
| 3º » . . . . . | 313 | 21564 |
| 4º » . . . . . | 298 | 19586 |
| | 942 | 44249 |

Em relação ao anno de 1900 foram em 1901 mais 238 os leitores e mais 5539 os documentos fornecidos á consulta, tendo sido menos 127 os visitantes, que neste ultimo anno foram 261.

Segue-se a distribuição pelos assumptos sobre que versam os documentos consultados e pelas linguas em que estão escriptos.

## Assumptos

DOCUMENTOS MANUSCRIPTOS

| | | |
|---|---|---|
| Brasil em geral. . . . . | 22777 | |
| Portugal . . . . . | 7759 | |
| Rio de Janeiro . . . . . | 4112 | |
| Biographia e doc. biograph. | 2406 | |
| Pará. . . . . | 1570 | |
| Pernambuco. . . . . | 1092 | |
| Mineração de diamantes . | 768 | |
| Bahia . . . . . | 698 | |
| Ceará . . . . . | 492 | |
| Revolução de 1817. . . . | 330 | |
| Matto Grosso . . . . . | 245 | |
| Zoologia . . . . . | 223 | |
| Limites Brasil e Argentina. | 173 | |
| Rio da Prata. . . . . | 158 | |
| Bellas-lettras. . . . . | 150 | |
| Metallurgia . . . . . | 148 | |
| Revolta dos Farrapos . . | 129 | |
| Botanica . . . . . | 125 | |
| Biblias e breviarios . . . | 114 | |
| Colonia do Sacramento. . | 47 | |
| Genealogia . . . . . | 36 | |
| Calligraphia. . . . . | 28 | |
| Bibliographia . . . . . | 25 | |
| Ceylão . . . . . | 25 | |
| Philosophia . . . . . | 25 | |
| | | 43655 |
| Transporte. . | | 43655 |
| Rio Grande do Norte. . . | 15 | |
| Amazonas. . . . . | 12 | |
| Goyaz . . . . . | 7 | |
| S. Paulo e Minas Geraes . | 3 | |
| Geographia antiga . . . | 2 | |
| Mexico. . . . . | 2 | |
| Parahyba . . . . . | 1 | |
| | | 43697 |

CARTAS GEOGRAPHICAS

| | | |
|---|---|---|
| *Pará e Amazonas*. . . . | 494 | |
| Brasil em geral. . . . . | 28 | |
| America do Sul . . . . | 26 | |
| Pará. . . . . | 3 | |
| Cidade do Rio de Janeiro . | 1 | 552 |
| | | 44249 |

## Linguas

| | | |
|---|---|---|
| Portuguez. . . . . | 34003 | |
| Portuguez e latim. . . . | 7675 | |
| Portug. hespanhol e latim | 1850 | |
| Hespanhol . . . . . | 359 | |
| Latim . . . . . | 304 | |
| Lingua geral. . . . . | 54 | |
| Grego antigo. . . . . | 2 | |
| Maya . . . . . | 2 | |
| Total. . . . | | 44246 |

A consulta effectuou-se com a regularidade do costume apezar do augmento que experimentou e da exiguidade do pessoal da secção.

Em virtude de auctorisação especial foram facultados á consulta alguns documentos de caracter reservado.

Pelo Ministerio das Relações Exteriores foram afinal restituidos os tomos I e III da «Correspondencia com o Governo do Rio Grande» relativos aos annos de 1779 e 1781. Restituidos anteriormente os demais tomos, acha-se agora completa a valiosa collecção.

Foram igualmente devolvidos pelo mesmo Ministerio dous outros codices mencionados sob os nos.4 e 7 na relação que os acompanhou de 30 de Maio de 1883, quando juntamente com outros foram emprestados pela Bibliotheca.

Aguardo outras restituições que aquelle Ministerio tem a fazer.

Mediante auctorisação concedida por esse Ministerio em diversos avisos, copiaram-se 20 documentos, sendo:

| | | |
|---|---|---|
| 8 | para o | Museu Nacional |
| 7 | » | » Governo da Republica Argentina |
| 1 | » | » Archivo Publico Mineiro |
| 1 | » | » Sr. Euzebio de Queiroz Mattoso Camara |
| 1 | » | » Sr. João Gomes do Rego |
| 1 | » | » Sr. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo |
| 1 | » | » Sr. Dr. Manoel de Mello Cardoso Barata |
| 20 | | |

Pelo pessoal da secção foram copiadas duas memorias para o volume XXIII dos Annaes da Bibliotheca.

### 3ª SECÇÃO (Estampas e Numismatica)

#### ESTAMPAS

Acquisição.—Sobem a 983 peças iconographicas as adquiridas durante o anno, das quaes 472 avulsas e 511 reunidas em 11 collecções.

Consideradas as especies e as procedencias distribuem-se assim:

| | Compra | Doação | Permuta |
|---|---|---|---|
| Gravuras. . . . . | 354 | 3 | 3 |
| Lithographias . . . . . | 118 | 79 | 0 |
| Xilographias. . . . . | 0 | 3 | 1 |
| Aguas tintas. . . . . | 40 | 0 | 0 |
| Aquarellas. . . . . | 5 | 0 | 0 |
| Pennejados. . . . . | 13 | 0 | 0 |
| Desenho a lapis. . . . . | 0 | 1 | 0 |
| Photographias. . . . . | 0 | 13 | 0 |
| Photogravuras, etc. . . . . | 91 | 259 | 0 |
| | 621 | 358 | 4 |

Adquiriram-se mais 438 peças do que em 1900, ficando elevado a 104487 o acervo de estampas.

Entre as peças que entraram em 1901 muitas ha de grande valor artistico. Para a bibliotheca especial da secção foram compradas 3 obras em 6 volumes.

Merecem ser mencionadas d'entre as peças adquiridas as seguintes:

**Por compra:**

— Jesus a caminho do Calvario. Gravura attribuida a Bartolozzi. Prova *avant toute lettre*.

— Quatro vistas do Rio de Janeiro em 1812, sendo duas gravadas por Himely e duas por Jeakes.

— Retratos de todos os homens que adquiriram nome pelo genio, talentos... desde o principio do mundo até nossos dias... Com um resumo historico de suas vidas.—Collecção rara de 54 peças gravadas por J. J. de Sousa.

— Diversas estampas de reputados artistas italianos do numero d'aquellas cuja acquisição havia sido solicitada pelo fallecido chefe de secção Dr. Menezes Brum em seu relatorio apresentado em 1890.

— Views and costumes of the City of Rio de Janeiro from drawings taken by Lieutenant Chamberlain. London. 1822.—Aguas tintas e texto. Livro raro.

— Cinco aquarellas representando costumes do meiado do seculo XIX nesta Capital executadas por um artista brasileiro, Reis Carvalho, que floresceu nessa epoca.

— Collecção dos desenhos das principaes illuminações nos dias da coroassão (*sic*) do snr. D. Pedro 2º— pelo professor Raphael Mendes de Carvalho,desenhista da Casa Imperial. 13 desenhos.

**Por doação:**

Do Sr. Dr. Cyro de Azevedo:

— Collecção de 176 peças entre lithographias, photogravuras e photographias—distribuidas em Buenos Ayres por occasião da visita que lhe fez o Ex.mo Sr. Presidente da Republica.

Do auctor:

— Tres xilogravuras, assumptos nacionaes, executadas pelo Sr. Childe, artista aqui residente.

— Um retrato a agua forte, trabalho do mesmo artista.

Catalogação.—Para o catalogo por escolas tiraram-se 328 bilhetes, para o alphabetico por assumptos 333 bilhetes e para o alphabetico por nomes de artistas 354 cartões.

A catalogação excedeu á de 1900 em 239 bilhetes por escolas e 35 por assumptos e foi excedida em 355 cartões.

Conservação.—Terminou o trabalho de reconstituição da collecção de retratos «Barbosa Machado».

A falta absoluta de espaço onde accommodar as estampas e collocar novos moveis é obstaculo á boa conservação do que de precioso se tem accumulado nessa parte da Bibliotheca.

Impõe-se como uma necessidade inilludivel o prolongamento do terceiro andar occupado pela secção, de modo a fornecer-lhe mais uma sala ao menos.

Consulta.—A frequencia foi de 162 consultantes e 21 visitantes, sendo consultadas 2271 peças. Em 1900 haviam sido menos 128 os consultantes e mais 3 os visitantes.

## NUMISMATICA

Acquisição.—O numero de peças numismaticas que entraram para a sub-secção foi de 276, assim distribuidas:

| | Compra | Doação | Permuta |
|---|---|---|---|
| Medalhas . . . . . | 75 | 71 | 45 |
| Moedas . . . . . | 3 | 7 | 0 |
| Vales metallicos . . . . . | 10 | 1 | 0 |
| Reclamos . . . . . | 0 | 47 | 2 |
| Sinetes. . . . . | 3 | 0 | 0 |
| Veronicas . . . . . | 4 | 1 | 0 |
| Notas. . . . . | 7 | 0 | 0 |
| | 102 | 127 | 47 |

Houve um excesso de 230 peças sobre a acquisição effectuada em 1900.

D'entre as peças adquiridas 191 são medalhas, das quaes apenas 12 são estrangeiras e 179 são brasileiras.

Reunidos a estas os reclamos e as veronicas, que podem ser considerados de modo geral como medalhas, ficou elevado o total da collecção brasileira a 671 peças ou mais 234 do que existiam em 1900.

Tendo-me empenhado pelo enriquecimento da collecção, acompanhado nesse proposito pelo chefe da secção, consegui chegar não sem difficuldade ao resultado que apresento.

Apezar do desenvolvimento que experimentou a collecção de medalhas brasileiras, ainda ha muito que adquirir. No que diz respeito ás moedas brasileiras fazem-se tambem necessarias algumas peças e das mais raras.

Para a bibliotheca da sub-secção entraram 96 obras em 130 volumes, a saber:

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Por compra . . . . . | 68 | obras | em | 80 | volumes | |
| » doação . . . . . | 27 | » | » | 49 | » | |
| » permuta. . . . . | 1 | » | » | 1 | » | |
| | 96 | » | » | 130 | » | |

São dignas de menção as acquisições que se seguem:

**Por compra:**

— Asse italico de Hadria, de grande modulo. Bronze.

— Medalha da «Sociedade Propagadora das Bellas Artes. Homenagem e gratidão da sociedade ao seu professor exemplarmente assiduo». Ouro.

— Medalha do «Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros. Assistencia Judiciaria». Ouro.

— A mesma. Prata.

— Medalha commemorativa da visita da esquadra chilena ao Brasil. 1889. Prata.

— «Al Ejercito aliado en operaciones contra el Gobierno del Paraguay. Al valor y a la constancia la nacion agradecida». Medalha de ouro.

— A mesma. Prata

— Cedula do Thesouro. Brasil-Imperio. 500$000. 5ª estampa. 1ª serie. N. 67860.

**Por doação:**

Do Ex.mo Sr. Presidente da Republica:

— Medalha commemorativa da visita do Sr. Dr. Campos Salles, quando presidente eleito, á Casa da Moeda de Pariz. 1898. Prata. Um dos dous unicos exemplares que se cunharão.

Do Sr. Dr. Cyro de Azevedo:

— Onze medalhas em prata, cobre e metal branco commemorativas da viagem presidencial á Republica Argentina.

Do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano:

— Medalha da abolição da escravidão no Brasil, mandada cunhar pelo Instituto. Prata.

— A mesma. Cobre.

Do Sr. Antonio Joaquim Barbosa Vianna:

— Medalha da abolição da escravidão, mandada cunhar pela colonia portugueza em Pernambuco. Cobre.

Do Sr. Dr. Celso Florentino Henriques de Sousa:

— «O Club do Cupim aos seus fieis adeptos». Medalha da campanha abolicionista em Pernambuco. Metal prateado.

Do Sr. José Pereira de Sousa:

— «A D. Joaquim Arcoverde os seus diocesanos. Rio de Janeiro. 1901.» Medalha de homenagem por motivo da peregrinação a Taquarembó. Prata.

— A mesma. Cobre.

Do Apostolado Positivista no Brasil:

— Medalha da fundação da primeira capella positivista no Brasil em 1893. Cobre.

Do Sr. Dr. João Florencio Gomes, Director do Collegio de S. José, na Bahia:

— Medalha de premio aos alumnos d'esse collegio. Ouro.

Do Instituto Geographico e Historico da Bahia:

— Medalha do 4º centenario do descobrimento do Brasil, mandada cunhar por esse Instituto. Cobre.

Da Commissão do Centenario no Pará:

— Quatro grandes medalhas commemorativas do 4º centenario, mandadas cunhar pelo Estado do Pará. Cobre.

Do Governo do Estado do Rio Grande do Sul:

— Medalha cunhada para commemorar a exposição estadual do Rio Grande do Sul em 1901. Prata.

— Outra maior. Cobre.

Do Sr. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires:

— Medalha da Exposição Regional de Sabará. Prata.

— A mesma. Cobre.

**Por permuta:**

— «Derby Club. Corrida inaugural. 26 de Julho de 1885». Medalha commemorativa. Ouro.

— «Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro. Ao genio e á applicação». Medalha de premio. Ouro.

— Madalha da armada argentina á brasileira, cunhada por occasião da visita do Presidente Julio Roca ao Rio de Janeiro em 1900. Prata.

— Medalha do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros. Exposição Internacional de Trabalhos Juridicos. 1894. Prata.

— Medalha do Congresso Scientifico Latino Americano reunido em Montevideo em 1901. Prata.

— Medalha da tomada da Bahia pelo Almirante Willekens. 1624. Prata.

Catalogação. — A necessidade de distribuir e arrumar systematicamente nos moveis e mostradores as moedas e medalhas, como um trabalho preparatorio do de catalogação e meio de facilitar os inventarios parciaes das collecções e de permittir o exame e a consulta antes do preparo dos catalogos completos, determinou a interrupção que soffreu o trabalho de organisação do catalogo completo das medalhas brasileiras a que se havia dedicado o chefe da secção em 1900.

Assim foram arrumadas não só todas as medalhas nacionaes, mas tambem as moedas brasileiras e portuguezas procedentes do Museu Nacional.

Conservação.—Tendo mandado preparar a titulo de experiencia cerca de 600 *passe-partout* em cartão para diversos modelos, foram por elles distribuidas as medalhas brasileiras. E agradavel o aspecto da collecção assim arrumada e menor o risco de trocar-se o logar ás peças.

A collecção de notas composta de 83 peças foi disposta num album de folhas moveis proprio para sellos.

Consulta.—Elevou-se a 114 o numero de consultantes e a 18 o de visitantes, sendo consultadas 934 peças.

Relativamente a 1900 foram mais 108 os primeiros e mais 3 os segundos.

Collecção philatelica.—Ainda não sobrou tempo ao restricto pessoal da dupla secção para occupar-se com a organisação da collecção philatelica para a qual adquiri albuns de folhas moveis.

Ainda em 1901 não se effectuou a esperada remessa que á Bibliotheca tem de fazer a Directoria Geral dos Correios de milhares de sellos estrangeiros não obliterados.

## VARIAS INFORMAÇÕES

Galerias.—Tendo suggerido ao vosso antecessor a conveniencia de, no caso de continuar a Bibliotheca no edificio actual, construirem-se galerias a meia altura das estantes para substituir as escadas moveis, coube-me ver favoravelmente acolhida a minha ideia por aquelle ministro, que, resolvendo executal-a por partes, auctorisou desde logo a despeza com a construcção de galerias em seis salas do primeiro andar. Por minha parte aproveitei a occasião para elevar até o tecto as estantes d'essas salas, ganhando assim espaço para alguns milhares de volumes.

Fizeram-se as galerias, com o$^{m}$,50 de largura, de madeira e ferro, leves, mas sufficientemente solidas, melhorando o aspecto das salas e tornando mais commoda a procura dos livros. Abaixo d'ellas foram collocados pedaes e alças que permittem chegar sem escada á divisão mais alta do primeiro trecho das estantes, áquella que fica immediatamente inferior ao passadiço.

A sala principal em que se faz a leitura de impressos, simples corredor que só as condições do edificio justificam seja destinado á leitura, foi a que mais aproveitou com a elevação das estantes e construcção das galerias, não só em aspecto, que era desagradavel, e em commodidade para os leitores por se terem retirado as escadas moveis que constantemente eram collocadas e utilisadas entre as mesas e as estantes para a procura dos livros, mas tambem em capacidade, pois accresceram alem de diversas estantes, tres divisões d'um lado e quatro do outro em toda a sua maior extensão.

O augmento que d'ahi resultou foi de 19 estantes e um numero consideravel de divisões, o que tudo representa espaço para accommodação de livros na extensão de mais de 500 metros.

Diante do resultado satisfactorio que deixo consignado, não devo hesitar em pedir-vos a continuação da obra encetada. Muitas outras salas necessitam de igual melhoramento, cuja execução de vós unicamente depende.

Deposito Candido Mendes. — Aos Srs. Drs. Candido e Fernandes Mendes de Almeida fiz entrega de 2282 volumes, 5 mappas e 8 estantes, que haviam pertencido ao fallecido senador Candido Mendes e se achavam desde longos annos depositados nesta Bibliotheca, occupando espaço que se fazia necessario desimpedir.

Não me parece conveniente conservar no estabelecimento aquillo que lhe não pertence e pode, confundindo-se com o que é seu, dar logar a questões cuja solução será necessariamente difficil.

Visita Presidencial.—Tendo recebido do Sr. Dr. Cyro de

Azevedo, Ministro do Brasil na Republica Argentina, numerosa collecção de publicações e medalhas argentinas relativas á viagem que a Buenos Ayres fez em 1900 o Sr. Presidente da Republica, resolvi confial-a aos cuidados do chefe da 3ª secção, bacharel Aurelio Lopes de Sousa, que a distribuiu e catalogou. Accrescentadas outras medalhas commemorativas do mesmo facto, aqui adquiridas, foi a collecção composta de impressos, estampas, medalhas, sellos, etc., reunida na sala de numismatica e ahi exposta á consulta e iniciada esta pelo Ex.mo Sr. Dr. Campos Salles, que, como era natural, foi convidado e dignou-se de comparecer a 17 de Julho, acompanhado do seu secretario, o Sr. Dr. Thomaz Cochrane, e do Sr. Dr. Epitacio Pessoa, Ministro da Justiça, igualmente convidados. Além destes, o Sr. D. Baldomero Sagastume, Encarregado de Negocios da Republica Argentina recebeu convite e compareceu.

Sem solemnidade tinha-se inaugurado a modesta exposição que vinha resumir ás nossas vistas as manifestações de apreço e sympathia de que na Republica visinha foi alvo a Nação Brasileira na pessoa do seu primeiro magistrado.

S. Ex. depois de examinar os objectos que constituiam a collecção exposta, percorreu todas as secções da Bibliotheca, fazendo-lhes demorada visita.

Exposta aquella collecção durante um mez, foi visitada por 115 pessoas.

Annaes.—Por motivo de economia transferi para a Imprensa Nacional a composição e impressão dos «Annaes da Bibliotheca», cujo volume XXIII, correspondente ao anno de 1901, ainda se acha no prelo.

Para a venda dos Annaes e outras publicações da Bibliotheca ou nella existentes em deposito organisei e foi approvada por esse Ministerio a tabella de preços que foi publicada no Diario Official de 4 de Junho. De accordo com o alvitre que propuz e foi acceito continuará a distribuição gratuita d'essas publicações pelas bibliothecas e outros estabelecimentos scientificos e litterarios e a dos Annaes tambem pelos particulares a

quem a Bibliotheca tem fornecido gratuitamente a respectiva collecção.

Venderam-se durante o anno 7 volumes dos Annaes, sendo a importancia de 51$000 recolhida ao Thesouro.

Eis a tabella de preços approvada por Aviso de 31 de Maio:

| ANNAES DE: | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1876—1887 | Vol. I | Fasc. | 1 | . | 10$000 |
| | | » | 2 | . | 10$000 |
| 1876—1877 | » II | » | 1 | . | 10$000 |
| | | » | 2 | . | 10$000 |
| 1877—1878 | » III | » | 1 | . | 8$000 |
| | | » | 2 | . | 7$000 |
| 1877—1878 | » IV | » | | . | 10$000 |
| 1878—1879 | » V | » | | . | 10$000 |
| 1878—1879 | » VI | » | 1 | . | 5$000 |
| | | » | 2 | . | 5$000 |
| 1879—1880 | » VII | | | . | 15$000 |
| 1880—1881 | » VIII | | | . | 8$000 |
| 1881—1882 | » IX | » | 1 | . | 7$000 |
| | | » | 2 | . | 7$000 |
| | » Supplemento | | | . | 6$000 |
| 1882—1883 | » X | . . . . | | | 10$000 |
| 1883—1884 | » XI | . . . . | | | 8$000 |
| 1884—1885 | » XII | . . . . | | | 7$000 |
| 1885—1886 | » XIII | Fasc. | 1 | . | 15$000 |
| | | » | 2 | . | 5$000 |
| 1886—1887 | » XIV | » | 1 | . | 5$000 |
| | | » | 2 | . | 7$000 |
| 1887—1888 | » XV | » | 1 e 2 | | 7$000 |
| 1889—1890 | » XVI | » | 1 | . | 3$000 |
| | | » | 2 | . | 5$000 |
| 1891—1892 | » XVII | » | 1 e 2 | | 9$000 |
| 1896 | » XVIII | . . . . | | | 7$000 |
| 1897 | » XIX | . . . . | | | 7$000 |
| 1898 | » XX | . . . . | | | 7$000 |
| Collecção dos volumes I a XX | | | | . . | 200$000 |
| 1899 | Vol. XXI | . . . . | | | 6$000 |
| 1900 | » XXII | . . . . | | | 6$000 |

PUBLICAÇÕES EXTRAHIDAS DOS ANNAES:

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Nacional: | | | | |
| Tomo | I | 1878 | . . . . | 10$000 |
| » | II | 1878 | . . . . | 10$000 |
| » | III | 1883 | . . . . | 10$000 |
| » | IV | Fasc. 1° 1892 | . | 5$000 |
| | | » 2° 1897 | . | 5$000 |
| Catalogo da Exposição de Historia do Brazil, realisada na Bibliotheca Nacional: | | | | |
| Tomo | I | 1881 | . . . . | 10$000 |
| » | II | 1881 | . . . . | 8$000 |
| Supplemento | | | . . . . . | 6$000 |
| Ensaio de cartographia brazileira 1883 | | | . . . . . | 40$000 |
| Catalogo da Exposição Permanente dos Cimelios da Bibliotheca Nacional. 1885: | | | | |
| Papel commum | | | . . . . | 8$000 |
| » superior | | | . . . . | 15$000 |
| Ramiz Galvão. Biographia de Fr. Camillo de Monserrate—1887 | | | | 8$000 |
| Drummond — Annotações a sua biographia—1890 | | | . . . . | 6$000 |
| Cartas Andradinas—1890. | | | . . . | 6$000 |
| Barbosa Rodrigues—Poranduba Amazonense—1890 | | | . . . | 10$000 |
| Catalogo dos Retratos colligidos por Diogo Barbosa Machado. Tomos I a VII. 1893—1900. Cada tomo | | | . . . . | 3$000 |
| Barbosa Rodrigues—Vocabulario indigena—1893 | | | . . . . | 3$000 |
| Catalogo das Biblias existentes na Bibliotheca Nacional—1895 | | | . | 5$000 |
| Teixeira de Mello. Subsidios existentes na Bibliotheca Nacional para o estudo da questão de limites pelo Oypoch. 1895. | | | | 3$000 |
| Resumo Historico (Bibliotheca Nacional). 1897. | | | . . . . | 3$000 |
| Teixeira de Mello. Garrettiana da Bibliotheca Nacional. 1900 | | | . | 3$000 |
| Mirales. Historia Militar do Brazil. 1900. | | | | |
| Papel commum | | | . . . . | 6$000 |
| » superior | | | . . . . | 10$000 |

UBLICAÇÕES DA BIBLIOTHECA NACIONAL NÃO INCLUIDAS NOS ANNAES:

| | |
|---|---|
| Bento Teixeira. Prosopopéa. 1873 | 7$000 |
| Mamiani. Arte de grammatica da lingua Kiriri. 1877. . . . . | 10$000 |

PUBLICAÇÕES EM DEPOSITO:

| | |
|---|---|
| Montoya. Gramatica y diccionario de la lengua tupy, Viena. 1876 | 7$000 |
| Souza. Mélanges de calcul intégral. Leipzig. 1882 . . . . | 10$000 |

O comprador de cinco exemplares ou mais da mesma publicação gosará do desconto de 10 %.

Edificio.—Auctorisado como se acha o Governo não só a comprar mas tambem a construir edificios para offerecer conveniente installação aos estabelecimentos publicos, não deve esta occasião ser desprezada de resolver sobre a construcção do edificio definitivo da Bibliotheca Nacional.

Nem se pode deixar de considerar provisoria a installação actual, pois não tendo sido construido para tal fim o edificio que a Bibliotheca occupa, nem tendo siquer sido adaptado, não poderia offerecer as condições que são exigidas em estabelecimentos de tal natureza.

Por outro lado o desenvolvimento do deposito litterario e a necessidade de isolar o edificio têm tornado capital o problema da mudança.

As galerias e ampliações que tenho feito nas estantes não resolvem o problema. Offerecendo espaço a livros que já aqui existiam, mas deixando outros mal accommodados, não vieram adiar a solução, mas apenas permittir que durante a construcção do novo edificio não fiquem sem logar muitos e muitos volumes.

A Bibliotheca Nacional de Buenos Ayres acaba de installar-se num vasto e sumptuoso edificio que começado a construir para outro fim foi apropriado ás suas necessidades.

E porque não reclamar para a Bibliotheca Nacional do Brasil, a installação que lhe é devida e cuja necessidade é reconhecida pelos poderes publicos ha cerca de trinta annos?

O que é preciso é começar e para começar é que appello para o vosso amor á causa publica. Que se lancem os fundamentos do novo edificio e a obra será necessariamente levada por diante.

São estas as informações que me cabia prestar-vos relativamente ao anno de 1901.

Saude e fraternidade.—Ao Sr. Dr. Sabino Barroso Junior, Ministro da Justiça e Negocios Interiores.

O Director,

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva